

Italo Moriconi
Organização

A black and white photograph of a man with a slight smile, looking towards the camera. He is wearing a light-colored shirt and is seated at a typewriter. His hands are positioned over the keyboard. The background is slightly blurred, showing what appears to be a desk or office environment. The text 'caio fernando abreu cartas' is overlaid in large, bold, red lowercase letters across the center of the image.

caio
fernando
abreu
cartas

caio
fernando
abreu
cartas

Italo Moriconi
Organização



Sumário

[Apresentação](#)

[Prefácio à primeira edição](#)

[Todas as horas do fim \(1980-1996\)](#)

[Começo: o escritor \(1965-1979\)](#)

[Sobre os destinatários](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

Apresentação

É com muita alegria que devolvemos ao público este volume de correspondência de Caio Fernando Abreu, esgotado havia vários anos, depois da pioneira edição pela ed. Aeroplano, de 2002, uma iniciativa de Heloisa Buarque de Hollanda. A presente edição marca os vinte anos da morte do escritor, ocorrida em 1996, e vem atualizada, enriquecida pelo acréscimo de três cartas e um cartão, gentilmente cedidos, respectivamente, por Marcos Breda e Stella Miranda. A eles, nossa gratidão, minha e da editora, assim como aos demais destinatários que nos cederam material. É um conjunto de pessoas, todas ligadas às letras e às artes, que sabe do valor e da delícia que é a leitura de cartas escritas por protagonistas da cena cultural. Ainda mais quando escritas por um contumaz praticante do gênero. Com esta nova edição não só atendemos a uma demanda da legião de fãs da literatura de Caio como pretendemos contribuir para o registro histórico da vida literária brasileira nas últimas quatro décadas. A obra de Caio Fernando Abreu situa-se no limiar de nossa contemporaneidade, como inspiração e modelo.

Nosso autor morreu cedo, aos 47 anos de idade, em pleno apogeu de uma carreira exemplar de ficcionista. Exemplar pelo lado bom, pela dedicação permanente a seu destino e vocação, contra todas as adversidades oferecidas pelo meio circundante. Mas exemplar também pelo lado das adversidades. Sua trajetória de vida fornece um bom retrato da conspiração permanente da sociedade brasileira para impedir ou dificultar a profissionalização do escritor-artista. Como diz Caio numa das cartas, a cada dia que levanta da cama, o escritor e a escritora brasileiros são convidados a desistir de sua vocação, seu desejo, sua vontade. É bem verdade que, passados vinte anos de sua morte e quatorze desde a primeira edição das cartas aqui apresentadas, ampliaram-se um pouco as possibilidades de profissionalização, mas não desapareceram as angústias e dificuldades vividas por quem, não sendo rico por nascimento ou herança, optou por viver de escrever ficção.

Pela linha do tempo das histórias literárias, Caio pode ser classificado como autor representativo da geração 70 do século passado em nossa literatura, tendo começado a escrever ainda quase adolescente nos anos 60. Sua obra faz a ponte entre as instigações pop contraculturais e “malditas” ou “marginais” dos anos 70 e a pasteurização dos 90, quando tornam-se dominantes uma literatura de autoajuda, uma linha de cunho místico ou religioso e um robusto mercado para literatura jovem, depois de certa disseminação, nos anos 80, dos modelos baseados na literatura policial. Caio situou-se nesse contexto da única maneira que o artista competente e antenado com seu tempo pode fazer: incorporando-os e transcendendo-os em seu próprio texto.

A formação pop contracultural está em todos os seus livros. A linguagem juvenil está em *Morangos mofados*, tratando porém de assuntos muito sérios, adultos, transgressivos. O molde da narrativa policial e a busca de uma religiosidade alternativa, pós hippie, estão em *Onde andaré Dulce Veiga?*, um dos melhores romances brasileiros dos anos 90. Através destas cartas, o leitor e a leitora aficionados de literatura brasileira terão acesso a tudo de vida que havia por trás da criação artística de Caio: dificuldades financeiras, embates pessoais, momento de internacionalização da carreira, adoecimento e morte causada pelo hiv-aids.

Para alguns escritores brasileiros da geração de Caio, a internacionalização foi um caminho para certo *upgrade* na carreira, abrindo oportunidades que de outra forma não se colocariam. Hoje vivemos novo momento de internacionalização, com um número crescente de obras contemporâneas sendo traduzidas lá fora. Quando adoeceu de Aids em 1994, Caio vivia plenamente esse processo. Em 1991, Caio está em Londres para os lançamentos das traduções inglesa e francesa de *Os dragões não conhecem o paraíso*, que contaram com excelente repercussão crítica, particularmente na França, para onde Caio volta em 1992, beneficiando-se de uma bolsa para escritores concedida por uma instituição daquele país. Em 1993, pôde retornar à amada Europa para fazer leituras na Alemanha e na Holanda, participando também de um Congresso Internacional sobre Literatura e Homossexualidade.

No ano seguinte, a explosão. Três lançamentos no Salão do Livro de Paris — o romance *Dulce Veiga*, a noveleta *Bem longe de Marienbad* (que Caio escrevera durante os três meses da bolsa de dois anos antes) e a coletânea de contos *L' autre voix*. O sucesso foi tanto que *Dulce Veiga* acabou entre os finalistas indicados para o Prêmio Laura Battaglion de melhor romance traduzido. No mesmo ano, acontece uma sequência de traduções de seus livros em outras praças europeias — Holanda, Alemanha, Itália. Pois foi no meio desse roldão que se deu o adoecimento, experiência que Caio compartilhou com seus leitores do *Estadão* nas famosas “*Cartas para além dos muros*”, ao revelar estar internado com Aids num hospital de São Paulo. Daí por diante foi uma vertigem só, até a morte, em fevereiro de 1996. Caio enfrentou a barra da doença e da morte como aventura, expressão por ele utilizada numa das cartas incluídas no presente volume, escrita dias após a internação e o diagnóstico.

Voltando para Porto Alegre, para a casa dos pais, lutou bravamente para manter o ritmo de trabalho próprio àquele momento de pique profissional, ao mesmo tempo que administrava as oscilações de seu estado físico, em que se alternavam momentos de relativa estabilidade e brabeiras inenarráveis em matéria de males e sofrimentos. Nos intervalos entre os períodos dolorosos de internação, Caio passou seu ano e meio final de vida fazendo passeios de bicicleta pela beira do Guaíba, cuidando do jardim da casa dos pais, escrevendo cartas sem parar (como sempre fizera ao longo da vida), preparando o livro-testamento-memória *Ovelhas negras* (uma coletânea de dispersos), viajando, tanto para o exterior (esteve na Feira de Frankfurt de 1994) como para São Paulo (para lançamentos e entrevistas na TV), traduzindo Susan Sontag (a bela narrativa sobre Aids *O modo como vivemos hoje*), e, *last but not least*, começando a receber simpáticos e regulares *royalties* pelas edições estrangeiras de seus livros. E dedicando-se, como sempre, a esoterismos e astrologias, paixões de vida toda que eram presença constante em seu cotidiano e moldaram tantos de seus textos, seja por fornecer o simples mote inspirador seja por constituir a estrutura mesma das narrativas, como no livro *Triângulo das águas*.

Assim como os poetas Cazusa e Renato Russo, que considero almas irmãs de Caio em matéria de destino e expressão artística, ele, o prosador, viu-se na contingência de ter mesclada a tarefa da criação com o drama da morte anunciada, drama que num primeiro momento colocou em foco exclusivamente os homossexuais, até então vivendo um processo intenso de liberação em nível mundial e nacional. No final do século XX, apesar de ser uma epidemia de largo alcance, a Aids vinculou-se à existência artística de maneira tão decisiva quanto tinha ocorrido com a tuberculose desde o início do século XIX até meados do XX e também, em menor escala, com a própria sífilis.

Em decorrência disso, surgiu entre meados dos anos 80 e 90 do século passado toda uma vasta produção de textos ficcionais, documentais, biográficos e autobiográficos ligados à temática da Aids, tanto em escala global quanto no Brasil. Panorama belamente estudado por Marcelo Secron Bessa, no livro *Os perigosos – Autobiografia e Aids* (também publicado pela Aeroplano). Ele mostra que o discurso da Aids, em torno da Aids, pautado pela Aids, já estava presente na obra de Caio desde o início da epidemia, na primeira metade da década de 80. Diante da possibilidade de também tornar-se vítima, tal como já ocorria a todo instante com tantos e tantos de seus amigos próximos e distantes, sua postura foi idêntica a de muitos no Brasil, cheia de contradições, idas e vindas, já que a epidemia colocava no centro do debate algo que havia começado a se tornar simples e que de repente ficara complicado de novo — a vivência da condição homossexual masculina.

A leitora e o leitor de Caio sabem que em sua ficção ele enfrentou de frente essas questões, a um só tempo delicadas e brutais. Estamos diante do autor de algumas obras-primas da literatura gay no Brasil, como os contos “Sargento Garcia” e “Aqueles dois”, assim como a notável narrativa de “Pela noite”, a mais completa tradução literária, em nossa ficção finissecular, de uma típica noitada urbana em versão périplo-gay-pelos-bares-e-clubes-em-busca-de-sexo-amor. Poucas obras em nossa literatura gay expõem tão bem quanto a de Caio o paradoxo da questão homossexual, como questão simultaneamente *lateral* e *central* na constituição da subjetividade. Lateral do ponto de vista social. Central do ponto de vista afetivo.

Hoje vivemos outro momento, de criminalização da homofobia, de aceitação do casamento gay ou união homoafetiva, do coquetel de

medicamentos que transforma a Aids em condição crônica assintomática. No Brasil, muito da percepção atual resulta da força simbólica de trajetórias de vida-morte exemplares como foram as de Cazuzza, Renato Russo e Caio Fernando Abreu, entre muitas outras menos visíveis. As cartas aqui apresentadas trazem um documento pungente disso tudo, embora ultrapassem em muito essa problemática. A escrita de Caio, ficcional ou não, é cheia de vida, de som e fúria, girassol em busca do facho de luz renovadora.

A seleção das cartas de Caio agora reeditadas nunca se pretendeu exaustiva. Ao organizá-la, eu tinha plena consciência de que nosso autor escrevia cartas compulsivamente, diariamente, para múltiplos destinatários. Sabia que na verdade, este livro seria provavelmente o primeiro de uma série. Como é comum ocorrer com a fortuna póstuma de grandes escritores, as gavetas dos entes queridos em vida de Caio não param de expandir, postumamente, a sua obra.

Sim, obra. As cartas são parte da obra literária. Corresponder-se com amigos, com companheiros escritores e com gente de teatro, TV e música era pois parte integrante do cotidiano de Caio, tanto quanto falar ao telefone, trabalhar, e cumprir as microtarefas caseiras do dia a dia. Na medida em que seu trabalho era escrever, as cartas faziam parte do mesmo movimento produtivo de que brotavam suas crônicas, suas ficções, suas peças teatrais, sua poesia, suas resenhas e matérias jornalísticas. Tudo produto de um mesmo processo de vida se fazendo na escrita, enunciação e enunciado condicionando-se mutuamente, escrita alimentando-se de vida, vida transcendida pelo simbólico. Antes de serem um documento da biografia de Caio, elas são literatura. Puro cult literário. No ritmo trepidante da máquina de escrever.

As cartas selecionadas para publicação foram organizadas em ordem cronológica, em lugar de separadas por destinatários, pois eram muito diferentes as quantidades que tínhamos de cada destinatário. Com a ordem cronológica, busquei também recuperar o romance fragmentado de uma vida.

No romance de uma vida, mais por ser romance do que por ser vida simplesmente, tudo que é relatado adquire sentido, sendo o sentido maior dado pelo próprio fim da vida, ponto final do romance, mas não

necessariamente fim do escritor, já que escritor e escritora são aqueles indivíduos que sobrevivem a si próprios através de carta deixada aos pósteros, sua obra escrita. Diante dos dois limites, o começo e o fim, o que acontece no meio adquire características de verdadeiro épico do cotidiano. A carta faz com que cada momento desse desenrolar épico configure um clímax, visando ao sublime histórico (cf. Fredric Jameson) que nosso tempo hedonista-consumista oferece em migalhas, no contexto de uma narrativa cujo final (a morte por Aids) Caio previu desde os 35 anos de idade, mas não quis roteirizar por antecedência. Por nada antecipar na narrativa é que cada carta se toma tão importante, epifania instantânea, porém repetível.

Já os muitos começos voltam como fantasmas em cada entrelinha. O começo da vida física e imaginária, em Santiago, cidade da fronteira gaúcha. O começo da vida solitária e artística, no internato onde foi fazer o colegial, em Porto Alegre. O começo das andanças profissionais como jornalista. O começo carioca em 1969. O definitivo recomeço paulista em 1978. Caio é escritor gaúcho ou paulista? Há também o começo de uma sensibilidade, no desbunde dos anos 70, através da clássica viagem “riponga” pela Europa, cabelos longos feito John Lennon, magreza e viagens lisérgicas.

Para dar conta dessa lógica de eterno retorno do começo dividi o livro em duas seções, invertendo, no caso delas, a ordem cronológica. A primeira seção contém as cartas escritas nos anos 80 e 90, a segunda volta no tempo, apresentando desde as cartas adolescentes escritas para os pais até cartas escritas no final da década de 70, passando pelas cartas para Hilda Hilst, que nos fornecem um poderoso documento do começo da voz real e ficcional de Caio.

Para além do romance de uma vida, este livro de cartas traz um painel fragmentário da vida literária nos anos 70, 80 e 90 no Brasil. A rede de relações de Caio traça o perfil de um escritor de fim de século cujo trabalho de criação literária anda par a par com o mundo do entretenimento, do espetáculo e do jornal, contrastando, de um lado, com outros autores mais canônicos, cuja sorte dependeu e depende do aval universitário e, de outro, com aqueles que conseguiram construir carreiras bem-sucedidas através da penetração no mercado paradidático e infanto-juvenil. Caio construiu seu próprio lugar. Um lugar de resistência, retomado por cada leitor que se debruça sobre sua obra, para

simplesmente lê-la de maneira apaixonada e mesmo fervorosa ou para desenvolver um trabalho artístico a partir dela, em teatro, cinema, dança, artes plásticas.

Cabe uma explicação, por assim dizer técnica, sobre a edição destas cartas. A pedido dos destinatários que as cederam, ou por decisão editorial, alguns trechos foram suprimidos ¹, assim como nomes modificados, suprimidos ou substituídos por iniciais, como forma de preservação das pessoas mencionadas. Na presente edição, no caso de Ivan Matos, as iniciais foram substituídas pelo nome da pessoa, na medida em que sua relação com Caio já foi por ele aberta, como atestado obras biográficas escritas por Jeanne Callegari (*Caio Fernando Abreu, Inventário de um escritor irremediável*, 2008) e Paula Dip (*Para sempre teu, Caio*, 1ª. Ed. 2009). Em seu livro, belo conjunto de depoimentos e memórias, Dip deu a público muitas outras cartas de Caio, até então inéditas.

Quanto às notas de rodapé, foram redigidas tendo em vista principalmente o interesse literário das cartas. Sei que mais notas poderiam ter sido feitas, pautadas por outros interesses, inclusive o interesse estritamente biográfico, anedótico. Mas não quis sobrecarregar o texto. Ao redigi-las, focalizei um tipo de interlocutor: leitores de gerações posteriores à minha (que é a mesma de Caio) interessados em informação sobre o contexto da vida literária no fim do século passado. As notas, assim como a simples publicação de cartas, não deixam de ser um esforço contra o esquecimento.

Italo Moriconi
Rio de Janeiro, outubro de 2016

¹ Eles estão indicados no texto pela marcação [...]

Prefácio à primeira edição

Mais de 20 anos atrás, dei um disco de presente para Caio. Era o primeiro ou o segundo LP da mineira Sueli Costa e trazia no repertório uma música que eu achava a cara dele, aquela que falava de um anjo que tinha as unhas pintadas. Há poucos meses, conheci Juiz de Fora, cidade natal da compositora, também em função de Caio. Fui assistir à (ótima) montagem local de “Pela noite”, que trazia ao palco, com fidelidade, todo o universo luminosamente claustrofóbico do meu amigo. Me dei conta de que, passados todos esses anos, o reconhecimento e o amor à sua literatura estão mais vivos que antes. Há, já, uma geração que não o conheceu, mas que o lê avidamente, e se identifica completamente com suas perguntas e procuras.

Uma das razões é que, como muito poucos dos nossos autores, Caio conseguiu chegar ao nervo do coração urbano brasileiro. Para esse coração, felicidade é artigo raro, e amor é sentimento em extinção. Prisioneiros da inteligência contemporânea, habitantes de um país sempre à beira do abismo, eternamente aturdidos, sentimos (muita) gratidão por aqueles que, como Caio, nos fazem ainda acreditar que não podemos entregar os pontos antes do final da partida.

Por isso a publicação dessas cartas me parece tão oportuna. Porque, generosamente, o autor nos ajuda a compreender e atravessar melhor esses tempos brasileiros, os sonhos e as ansiedades de quem não abdicou de reivindicar urgência de felicidade no e para o país, enquanto estamos vivos e lúcidos. Muito bem organizada, diante da quantidade do material a ser selecionado, esta publicação é um tesouro — que, como todo tesouro real, oferece a quem dele se aproxima peças de intenso brilho e surpresas inesperadas. Cada carta é joia burilada pela mão do exigente ourives. Tanto para os que conviveram com Caio como para aqueles que não o puderam conhecer, este livro-documento é importante, porque nele estão presentes, intactas, a palavra implacável e a real estatura do grande escritor. E se, como penso, a literatura brasileira anda tão oficial e acomodada, esta edição aparece como sacudida necessária e bem-vinda.

Eu, que acompanhei a gestação deste livro desde o início, quero registrar meu agradecimento a Heloisa Buarque de Hollanda, que, com humor e perseverança, não deixou morrer a ideia desta publicação. Sem ela, e sem o excelente trabalho de Italo Moriconi, perderíamos todos.

Que estas cartas sejam lidas com atenção sincera e proveito, é o que espero.

Luciano Alabarse

Todas as horas do fim (1980-1996)

A Zaél Abreu

São Paulo, 15 de maio de 1980.

Querido pai,

fazia tempo que queria escrever para o senhor, desde que voltei daí, no final de fevereiro. Acontece que foi uma correria danada, com o novo trabalho, a nova casa, a complicação toda com os documentos, a vinda de Simone — enfim, mil coisas me roubando tempo e disposição. Agora está tudo mais calmo. Já me adaptei ao trabalho, estou sozinho em casa. Tudo corre melhor, mais solto.

Fiquei um pouco preocupado com o senhor quando estive aí. E o senhor vai me permitir ser franco: tenho a impressão de que o senhor está levando uma vida muito amarga. Ficou na minha cabeça uma frase que o senhor disse logo ao voltar daquela viagem a Santiago, algo como “Eu já morri e não sei”. Ô pai, que é isso? Entendo — e mais profundamente do que o senhor possa imaginar — o quanto a mudança de Santiago para Porto Alegre, a reforma no quartel o abandono da Maçonaria devem ter agido dentro do senhor para que fosse acontecendo esse sentimento de distanciamento da vida. Mas acontece que o senhor não colocou outras coisas para substituir essas. E eu não entendo por quê. O senhor abandonou até mesmo a leitura, parou de ir ao cinema, de sair. Quer dizer, deliberadamente foi-se afastando de tudo. Num velho, eu até entenderia essa atitude. Mas o senhor não é um velho.

Imagino que existam razões fortes, ou complexas, dentro do senhor para provocar essa atitude. Mas há de concordar comigo que, fora do senhor, essas razões não existem. Tenho andado bastante por aí, conhecido muita gente e, honestamente, pouquíssimas vezes (ou quase nunca) encontrei uma família como a nossa. Unidos, amigos, solidários — com essa mãe fantástica que é a Dona Nair segurando a barra de todos. Amigos meus que os conhecem — como, por exemplo, o José Márcio — ficam muito impressionados, “Mas como” — eles dizem — “é que vocês conseguem se manter assim quando todas as famílias por aí estão desmoronando?” E eu não sei explicar. Acho que é uma questão de amor.

Fiquei preocupado também com a mãe, quando estive aí. Ela está cansada, pai. É muita segurança de barra. Há anos, meu Deus, ela só trabalha, sem descanso, quase sem diversão. Achei-a triste.

Mas não pense, por favor, que esta carta é para recriminá-lo por alguma coisa. Não se trata disso. Apenas gostaria de compreendê-lo melhor e, se possível, de ajudá-lo — como o senhor e a mãe me ajudaram (e ainda ajudam) durante muito tempo. Eu gostaria de convidá-lo para vir, com a mãe, passar um tempo comigo. Acho que julho é uma boa época, porque coincide com as férias da mãe e tal. A casinha é realmente ótima e, como estou sozinho agora (e por muito tempo), há bastante espaço. Tem dois quartos em cima, um deles seria de vocês, Por enquanto, ela está um pouco vazia. Como estou comprando o telefone (saiu 50 mil), este mês me sobrou pouquíssimo dinheiro. Mas acabo de pagá-lo no final de maio, portanto em junho ela deve estar pronta.

Fora a alegria que me dariam, acho que faria muito bem ao senhor sair um pouco. Tem tanta coisa aqui por cima, pai. São Paulo é uma cidade fascinante, cheia de vida. Depois, lembro que Tia Ninica ofereceu o apartamento dela, no Rio — vocês poderiam estender a viagem até lá — uma cidade linda demais. Pense nisso. Gostaria tanto que o senhor e a mãe conhecessem o lugar onde vivo. E não me venham com desculpas tipo “dinheiro”. A passagem de ônibus custa tanto quanto de Porto Alegre a Itaqui, e de avião pode ser feito um crediário que sai ainda mais barato. Eu não vejo problemas.

Talvez o senhor não tenha vontade de sair — mas será que não vale a pena um esforço? Às vezes a gente vai-se fechando dentro da própria cabeça, e tudo começa a parecer muito mais difícil do que realmente é. Eu acho que a gente não deve perder a curiosidade pelas coisas: há muitos lugares para serem vistos, muitas pessoas para serem conhecidas. Tudo isso estimula a gente, clareia a cabeça, refresca. Por que não?

Quanto a mim, acho que estou muito bem. Poucas vezes tenho me sentido assim. Pela primeira vez, estou comandando completamente a minha própria vida. Morar só é uma experiência fantástica. Tenho uma empregada ótima, Renilda, uma baiana flor de boa vida, mas muito bom caráter (e como isso é raro por aqui, o resto não importa muito). A casa tem um jardimzinho nos fundos, um pequeno pátio, que tenho cuidado

muito, principalmente nos fins de semana.

Terça-feira aconteceu uma coisa ótima. Como o senhor sabe, há quatro anos eu fazia psicoterapia. Primeiro aí, dois anos, com o Dr. Mário Bertoni, que morreu naquele desastre. Depois continuei aqui, em grupo. E há alguns meses eu vinha pensando em parar. Não sentia mais grandes problemas para discutir. Nesse tempo todo, aprendi a me conhecer, a conviver comigo mesmo, me tornei muito mais tranquilo, muito mais seguro. Falei nisso às outras pessoas do grupo, ao Dr. Domingos, o psicanalista, e à Suzana, a psicóloga assistente dele. Foram ótimos comigo: acham que eu estou realmente bem, que tenho mesmo condições de segurar a minha barra sozinho. Enfim, ganhei alta — o que é uma coisa rara em terapia. Às vezes as pessoas ficam dez, quinze anos em tratamento. Isso me deixa ainda mais confiante.

No trabalho, tudo vai bem. Tenho um chefe excelente — Caloca, tinha sido meu chefe na *Pop*, e me protegeu durante muito tempo. Ontem consegui terminar um trabalho que vinha fazendo desde março, um livrão de mais de 500 páginas sobre educação de bebês. Continuo fazendo as críticas de livros para *Veja* e, de vez em quando, algumas matérias para a *Nova*. Como meu salário aqui é de 52 mil, às vezes tiro 60/65 por mês. Dá para levar, apesar do Delfim Neto...

Agora que tudo está mais ou menos em ordem, quero começar a aprontar um novo livro. Estou transando com uma editora do Rio (a Nova Fronteira, que pertencia ao Carlos Lacerda) para publicá-lo. No momento, creio que é a melhor editora do Brasil. Acho que tudo vai dar certo e — quem sabe? — no começo do próximo ano talvez esteja com um livro novo à venda por aí.

Insisto mais uma vez: gostaria profundamente que o senhor e a mãe pudessem vir. Por favor, vão pensando nisso desde agora. Vamos passear muito. Há lugares ótimos para conhecer.

Espero que estejam todos bem. Um beijo para a mãe, Cláudia e Márcia. Um abraço para o Felipe. Sei que o senhor não gosta de escrever cartas, mas se quisesse responder eu gostaria muito. Cuide bem de sua saúde.

Um grande abraço do seu filho

Caio

PS — Minha erva mate acabou completamente — tenho procurado em mil lugares e não encontro. O senhor podia me mandar um ou dois pacotes de Madrugada Amarga?

A Bruna Lombardi

Sampa, 16 de fevereiro de 1981.

Bruna,

amei seu livro ¹. Estive doente, há umas duas semanas (um vírus misterioso, pestes soltas no ar, na água desta cidade infernal), e aproveitei para ler uma porção de coisas guardadas há tempo. Acho corajoso, bonito, forte. Principalmente quando você solta o emocional. Várias vezes, me comovi, li em voz alta para amigos, para mim mesmo. Gostava, e muito, do primeiro, mas acho que você cresceu ainda mais. E na direção certa.

Queria dizer isso a você. Por favor, não se abale com as maldades tipo Léo Gilson ². Não deixe que esse tipo de comentário, mesquinho e destrutivo, bloqueie a sua criatividade. Está tudo muito ruim, e nós precisamos mais do que nunca ser solidários uns com os outros. Trocar estímulos. Assim: olha, eu sei que o barco tá furado e sei que você também sabe, mas queria te dizer pra não parar de remar, porque te ver remando me dá vontade de não querer parar de remar também.

Tá me entendendo? Eu sei que sim.

Qualquer coisa, conte comigo. Sem conhecê-la profundamente — mas mais pelo que você escreve e menos pela sua imagem pública — te quero muito bem. Estou com você e não abro.

Receba um beijo grande.

Seu amigo

Caio Fernando Abreu

¹ Caio refere-se ao livro *Gaia* (Ed. Codecri, 1980).

² Jornalista e escritor Léo Gilson Ribeiro, que escrevia sobre livros e autores em diversos jornais e revistas brasileiras.

A Jacqueline Cantore

Sampa, 24 de junho de 1981.

Viva São João, viva Xangô, viva a refazenda, viva qualquer coisa!

Jacqueline,

Finalmente ontem consegui enviar (para o endereço de Yedda) uma carta que era também para você, uma carta fria e meio boba, além de atrasada no mínimo uma semana. Houve um acúmulo de produções, não há correio por perto e, enfim, os dias foram se passando. Hoje é um dia bonito. Ontem também foi. Acordei cedo, dei uma volta lenta pela Lorena, Consolação, Oscar Freire. Comprei duas coisas que tinha vontade de ter, fazia tempo: uma garrafa térmica (tomo muito café, e já estava cansado daquele negócio de subir/descer escada toda hora) e uma sandália chinesa, daquelas cheias de bolinhas de plástico que massageiam os pés (e os órgãos internos) enquanto você caminha. Procurei inutilmente uma vela branca de sete dias pra acender pra São João, não encontrei, comprei azul, ele deve gostar também. Trouxe um pacotinho de incenso, outro de gin-seng. De uma papelaria (uma das minhas fantasias é ser, um dia, dono de uma papelaria que se chamaria “Virginia Woolf”, onde seriam vendidos principalmente aqueles pesos de papel de cristal — naturalmente que iria à falência em menos de um mês), trouxe dois bloquinhos para recados telefônicos, já tinha dois, nem há tantos recados assim, mas são tão bonitos.

A foto de Lidinha com as crianças vai para a porta-galeria, onde estão as caras de alguns amigos, de alguns tempos, de velhos e novos carnavais. Fica logo na entrada: você entra e, de cara, já sente aquele astral de amizade bonita. A propósito: você manda uma fotografia sua e pede pra Yedda mandar uma também, para a mesma porta?

Mandamos pintar a frente da casa.³ Enquanto escrevo aqui, num canto de meu quarto, atrás dos vidros da janela o pintor raspa raspa raspa as paredes. Acordei hoje cedo com uma coisa lixando a minha cabeça. Fiquei uns cinco minutos sem entender: eram os pintores. Em geral coloco o rádio para despertar às 8h45m, para assistir ao Bolinha na *TV-Mulher*, mas ontem fui estendendo e estendendo e estendendo a noite, acabei dormindo quase às quatro, depois de assistir na TV *My fair lady*, na verdade só pra ver Audrey Hepburn (azul, azul, era uma mulher

inteiramente azul, azul clarinho, quase transparente, azul de água clara com pedrinhas no fundo) e ler quase inteiro o jornal de classificados que tem aqui chamado *Primeira Mão*.

Foi um dia tão bonito ontem, já disse isso, mas repito: foi um dia tão bonito ontem. Precisei ir na Abril, à tarde, entregar umas matérias, e de repente chegando lá me deu uma CERTEZA muito forte de que tinha sido ótimo pedir demissão, que eu realmente não suportava mais os carpetes verdes, os tetos pretos, as caras — principalmente as caras, aí as caras cinzas. Revi pessoas que eu gosto, nem são muitas, na verdade só Maria Adelaide Amaral (pequenina, feiticeira) e Juan, meu amigo uruguaio. Depois fui visitar Zé Márcio Penido, imobilizado durante 10 dias, com um negócio chamado “lombalgia aguda”, segundo o médico por falta de movimentos, de exercícios. Zé passa a vida sentado, fumando muitos hollywoods e bebendo vodka com coca-cola. Falei pra ele que o bode de corpo era um toque, você precisa cuidar bem do seu barco, senão como vai navegar por aí? Saí para a aula de dança quase de tardezinha, ô Jacqueline, como São Paulo pode ser bonito às vezes, com uns crepúsculos cor de pêssego querendo amadurecer, demoradíssimos, tão lentos quanto um acorde de Erik Satie. Dancei, dancei: eu estava tão claro que algumas pessoas que nunca tinham falado comigo vieram conversar. Eu estava entendendo tanto todas as coisas, e tudo principalmente que é de dentro das pessoas — assim como uma piedade amorosa, uma piedade cúmplice e também parceira de pequenas dores (ou grandes talvez), procuras, tentativas, quedas, quebras.

Raramente saio à noite, praticamente nunca vou a lançamentos literários: — tenho medo e desgosto do astral competitivo, fofoqueiro. Mas tinha ontem duas pessoas que gosto muito: Márcia Denser, lançando *O animal dos motéis* (você ficou assustada com o título? a Márcia é assim, meio atrevida, mas no fundo uma Luluzinha querendo fingir de Messalina — como me dirijo mais a Luluzinha e ignoro as messalinices dela, costume dizer que temos um relacionamento muito especial). Aí conheci sabe quem? Cassan-dra-Ri-os ⁴. Fiquei paralisado. Afinal, é um mito. Nada de casacos de couro, pulseiras grossas ou correntes: traços muito bonitos, um nariz fino, uma testa ampla, uma voz baixa, mansa. Não consegui dizer nada além de um besta “muito prazer”. Aí fiquei olhando as figuras: Marcos Rey, parecendo uma daquelas figuras fellinianas do *Satyricon*, Raduan Nassar, um iraquiano

traficando petróleo (ou urânio?), Olga Savary com seus longos vestidos indianos, Massao Ohno, o editor chinês com jeito de traficante de ópio. ⁵ Tudo, todos, estranhamente obsoletos. Carlos Emílio Correia Lima, irônico e agressivo desde que escrevi uma resenha criticando um romance dele chamado *A cachoeira das eras*. Perguntou “como vai o conde? , respondi “agora ganhei um título de marquês” e fiquei exausto de ter que segurar esse tipo de astral. Foi então que apareceu uma cara muito limpa e disse “vi sua fotografia na fazenda de Hilda Hilst”. Ficamos sorrindo um pro outro no meio daquela bobagem. Aí ele disse que era poeta e me deu o livro dele, chama-se *Quem se debate é afogado*. Escreveu assim: “para o Caio, por esse brinco de calypso no convés da sua caravela/ saludos del Mar/ R./ hora de tudo”. Abri o livro à toa, e encontrei um poema assim:

“eu sou a pedra vermelha na víscera do caranguejo procurando a maré
alta do dia no dente do chocolate o espelho denso girando em seu
quarto de sol o beijo escorrendo na boca do mar
miles davis ecoando no ventre da caverna”

Foi então que comecei a me apaixonar violenta, profunda e imediatamente. Eu não podia suportar ninguém em volta suportaria. Comecei a não saber onde colocar nem os olhos, nem as mãos, nem os pés, falei “desculpa, tenho que ir, não me sinto bem nesses lugares”. E quando vi já estava na rua fria, caminhando sobre um viaduto enorme, onde não passavam táxis. Eu tinha deixado a moto em casa (está até com os faróis queimados) e já tinha sido assaltado, há um ano, num lugar muito próximo dali. Uma paranoia leve pairou, mas segurei a guia de Ogum (era terça-feira) e fui em frente. Um táxi, outra livraria, o lançamento de Horácio, quentão e pipoca. Ignácio de Loyola, um beijo carinhoso. Juan, meu amigo uruguaio escondido atrás de Gê, [...] que se eriça toda quando alguém se aproxima dele. De repente encontrei Kátia Adamo, magra, alta, triste, escorpião de ascendente escorpião, mas surpreendentemente doce, e uma amiga dela apaixonada por Audrey Hepburn, ficamos horas falando, sustentei que Audrey era belga, ela que Audrey era holandesa, depois chegaram Tania e Paulo Afonso, com quem morei na Europa, o tempo foi andando e uma porção de lembranças antigas foi tomando corpo ali no meio da rua Pinheiros. Véspera de São João, e a minha cabeça deu uma volta até as fogueiras

que nós fazíamos em Santiago do Boqueirão, eu, Nairzinha, minha irmã de criação, Beco, meu primo, o negrinho Jorge, afilhado de minha mãe, meu irmão Gringo, os vizinhos Iso e Marilusa, que eram desbocados e me contaram tudo sobre como os bebês nasciam, minha mãe só permitia que a gente andasse com eles em ocasiões especiais como essa, e Altamir, da casa branca em frente, e Jacira e Celanira, as gêmeas da esquina em frente, e Rubens, filho de dona Tuta. Nairzinha todo ano dizia que tinha uma sorte forte que era olhar no poço meia-noite com uma vela na mão. Se você visse na água lá embaixo um vestido de noiva, era casamento; um caixão de defunto, morte, e assim por diante. Ninguém tinha coragem de fazer essa sorte. Mas a gente pingava vinte e um pingos de vela numa bacia para formar a inicial do nome da pessoa com quem você ia casar, e colava papeizinhos nas bordas da bacia com nomes das namoradas e soltava um barquinho pra ver onde ele ia aportar, e pingava tinta em papeizinhos dobrados, deixava no sereno pra abrir na manhã seguinte, e pulava a fogueira três vezes, fazendo três pedidos, eu sempre pedia pra morar na Suécia um dia, todo mundo achava um absurdo, mas acabei morando. A perda foi ficando tão pesada, Jacqueline, que fui comer um sanduíche no Posto 6 e vim embora. Antes de dormir, anotei no diário, em letras bem grandes, SAUDADES DE AUDREY HEPBURN ⁶.

Pausa. Orlando ligou, não vem almoçar, que eu escolha a cor da casa: um amarelo bem fraquinho, quase branco. Se tenho convite para festa dos sete anos da Status, hoje à noite. Não tenho. CBS ligando do Rio: Deus, o release do Thadeu Matias, tinha esquecido. Fica pronto amanhã? Fica, esta é uma tarefa para o Super-Caio. Thadeu fala um pouco: se vou ao Rio assisti-lo cantar no MPB da Globo dia 10 de julho. Vou. Assista aí: a música tem um refrão assim:

“Ai essa geração
não pode viver não sem amor
sem saber de coração”

Tenho amigos tão bonitos. Ninguém suspeita, mas sou uma pessoa muito rica. O release me espera. Queria escrever mais, mas já exagerei. Vou ver se consigo colocar no correio amanhã. Hoje de manhã chegou uma carta da Yedda. Ela também fala no amigo de vocês que careteou. Deixa ele: às vezes o que parece um descaminho na verdade é um

caminho inaparente que conduz a outro caminho melhor. Às vezes não. O que a gente pode fazer é dar crédito ou não à pessoa. Frequentemente não vale a pena. Frequentemente, vale.

Leio no jornal que *Deu pra ti anos-70*⁷ estreia hoje à noite aqui. Quero muito ver. Um beijo para Yedda. Outro pra você. Por favor, me mande da próxima vez uma folha de plátano bem amarelada, da Redenção. Aqui não tem plátano.

³ Nessa época, Caio divide uma casa de vila na Meio Alves (região dos Jardins) com Orlando Bemardes (cf. adiante carta a Maria Lídia Magliani de 25/01/ 1991), que se muda em fins de 1981. Meses depois, em maio de 1982, transfere-se Jacqueline Cantore, passando a dividir moradia com Caio. “Tinha um telefone gigante grafitado na frente da casa”, lembra Cantore.

⁴ Cassandra Rios — autora de inúmeros best-sellers nos anos 50 e 60, considerados pornográficos na época.

⁵ Marcos Rey e Raduan Nassar, consagrados ficcionistas; Olga Savary, a poeta e contista; Massao Ohno, editor de livros em São Paulo; Carlos Emilio Correia Lima, escritor e crítico literário com atuação na imprensa.

⁶ “Saudades de Audrey Hepburn” tornou-se título de um conto integrante do livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (Cia. das Letras, 1991, 2 ed.).

⁷ Considerado um marco na história do cinema gaúcho, *Deu pra ti anos 70* é um filme dirigido por Giba Assis Brasil e Nelson Nadotti.

A Maria Adelaide Amaral

Sampa, 15.02.82

Levíssima⁸:

Taí o Strindberg. Olha: o tamanho é por volta de 40 linhas de 70 toques, portanto duas laudas. Claaaro que pode ser duas e meia. Espero que te guste. Para que eu não enlouqueça muito, gostaria que você me entregasse lá pelo dia 22 (próxima quinta, após o feriado de quarta). Ou então 26, que é a segunda seguinte.⁹

Esqueci de te falar ontem que vi o Bastidores, tava lá em Campinas, chez Hilda Hilst. Gostamos mucho. Guria, como tu é segura, chê! Parece que nunca fez outra coisa na vida a não ser dar entrevistas na tevê. Maravilha.

Uma novidade boa: meus *Morangos mofados* tão saindo mês que vem (o das noivas, maio). Aguarde breve convite para ti-ti-ti de lançamento. Ia te mandar o livro hoje de manhã, mas acabei não vindo trabalhar. Ontem à noite fui ver *A mulher do lado*, de Truffaut, dei umas boas choradas (é liiiindo e amaaaaargo), saí meio down e acabei tomando uns vinhos talvez além da conta.

Sinto saudade docê, todos os dias. Vai um cheirinho de alecrim e muito carinho. Seu,

Caio, o Fernando Abreu

⁸ Os apelidos “Levinha” e “Levíssima” vêm dos 42 quilos que Maria Adelaide pesava quando Caio a conheceu. Nas palavras de Maria Adelaide, ele era muito magro, mas um dia a pegou ao colo e descobriu que ela não era magra, era levíssima.

⁹ De novembro de 1981 a junho de 1982, Caio foi editor do periódico literário *Leia Livros*, de São Paulo. Aqui ele encomenda a Maria Adelaide uma resenha sobre *Inferno*, do dramaturgo sueco Strindberg.

A Sonia Coutinho

Sampa 17, digo 18.05.82

Sonia,

Que grande alegria, que grande prazer reencontrar o seu texto, ontem à noite, na antologia da Márcia Denser ¹⁰. Adorei o *Hipólito* ¹¹. Acho que já disse isso a você — se já disse, não custa repetir, se não disse, lá vai: tenho uma estranha empatia com o seu texto. Leio como se eu mesmo tivesse escrito (num momento de “inspiração” muito grande, claro) ou, no mínimo, com vontade de ter escrito o seu texto. (Quanto texto nesse parágrafo...) Mas é isso. Aí embalei numa de Sonia Coutinho e reli algumas das histórias de *Os venenos de Lucrecia* ¹². Ô, Sônia, quero um livro novo seu tipo já. E direto nas veias.

Sem saber de você, faz tempo. Eu tô aqui segurando esta barra do *Leia* desde outubro passado. Já fiz seis números (te mando o último, que acho que é o mais bonito que já fiz). É uma barrinha fazer. Patrão pão-duríssimo, na redação sou praticamente só eu — o que tem o lado gostoso, do trabalho artesanal, quase de recortar figurinha, mas tem também o lado do massacre mesmo. Tem dias que piro com coisa demais para fazer, dá vontade de ser três ou quatro ao mesmo tempo. Vou levando da melhor maneira possível (não fosse Oxalá e Oxum não sei o que seria...).

Me disseram ontem aqui que meu livro fica pronto HOJE (já fumei três maços). Esse livro foi uma novela de Janete Clair. Ficou DOIS anos na Nova Fronteira com contrato assinado e promessas de sair, sempre, o mês que vem. Até que me baixou o terceiro santo (Ogum), pedi que rasgassem o contrato, devolvessem os originais e — enfim — tá saindo aqui pela Brasiliense. Chama-se Morangos mofados. Eu já achei genial, já achei medonho, já achei insípido, já achei violento: agora estou em plena síndrome de pré-lançamento, não sei mais o que sinto. Mando um procê assim que sair.

O mais são algumas quadraturas emocionais, mas tudo bem. Abandonei a psicanálise, ou melhor: troquei pela dança. Há dois anos que bailo, bailo, bailo. Moro sozinho com Zelda Fitzgerald, minha gata (adora gim), e às vezes sinto muita saudade de você. Me dá notícias qualquer hora, de repente. Te gosto sempre.

Muito carinho. Um beijo do

Caio Fernando Abreu

[10](#) *Muito prazer*, coletânea de contos eróticos femininos, organizada por Márcia Denser, primeira edição em 1980, pela Editora Record, Rio de Janeiro.

[11](#) Conto publicado no livro *O último verão em Copacabana* (Ed. José Olympio, 1985).

[12](#) Publicado pela Ática, 1978

A Charles Kiefer

Sampa, 16 de novembro de 1982.

Charles,

recebi seu livro na sexta-feira. ¹³ Chovia sem parar. Aí, talvez motivado principalmente pelo título, comecei a ler e não parei mais. Terminei na mesma noite. Agora já é terça, a chuva continua e o rádio vai dando os resultados das eleições (estou com vergonha dessa vitória do PDS aí), e deu vontade de conversar um pouco com você.

Gosto do seu livro. Talvez principalmente (veja que imodéstia) porque ele me lembra um pouco o meu primeiro romance, *Limite branco*, que também conta a história de um adolescente, mudando do interior do Rio Grande do Sul para Porto Alegre. Tem, então, um tom parecido — embora você seja bem mais direto. Gosto desse jeito de ser direto, da falta de afetação, da simplicidade. E penso então que você vai longe. Não me pergunte o que quero dizer com ir-longe. No mínimo, talvez, escrever outros livros? Pode ser.

É que essa nossa “profissão” (aspas intencionais & irônicas) de escritor na verdade não tem muitas vantagens objetivas. Até hoje, cinco livros publicados, 34 anos, me debato todos os dias para sobreviver e para não desistir. Nélida Piñon costuma dizer que, de alguma forma, todos os dias alguém bate à nossa porta e nos convida a desistir. Não desistimos de teima quem sabe até meio burra.

Mas gosto do seu *Caminhando na chuva* (incluindo a capa — linda! — e a apresentação inteligentíssima do Deonísio da Silva) e gosto também de saber que você existe. Não deixe o Túlio ser devorado por Porto Alegre. Sabe que, terminando de ler você, fiquei com pena que o livro fosse tão curto e me deu uma curiosidade enorme de saber o que teria acontecido com Túlio em Porto Alegre. Daí me passou pela cabeça que você podia continuar a história, num outro livro, com a mesma personagem. Mas aí já é a minha cabeça se metendo sem ser chamada na sua invenção. Seja como for, gostaria de saber do resultado, em termos de ficção, da sua mudança pra Portinho.

É isto. Eu aqui tenho ido um pouco aos trancos. Às vezes duvidando um pouco do acerto das opções que foram sendo feitas nos últimos anos, quando me dou por conta nesta cidade quase sempre árida, sem

nenhum amor, sem paz. Um ceticismo, umas durezas que eu não tinha antes. Deixa pra lá. Mando a carta aos cuidados da editora, espero que chegue a você. Se quiser bater um papo, estamos aí. Receba um abraço e votos de sucesso para o seu livro,

Caio Fernando Abreu

[13](#) *Caminhando na chuva*, livro de estreia do escritor gaúcho Charles Kiefer, publicado em 1982 pela Mercado Aberto, hoje já com 20 edições publicadas. Livro de temática jovem.

Sampa, 14 de abril de 1983

Charles,

tua carta foi tão bonita, e eu não respondi logo. Perdoe: é que eu tinha escrito essa resenha pra *IstoÉ* (há MESES) e estava esperando que saísse. Saiu agora, com alguns cortes por falta de espaço, aquelas coisas de imprensa — mas fiquei contente, e espero que você tenha gostado. Já havia saído, no *Jornal da Tarde*, uma crítica muito elogiosa ao teu livro, escrita pela Marisa Lajolo, imagino que você tenha visto. Fiquei meio putô, porque queria ter tido a honra de ter sido o primeiro a falar no seu trabalho aqui nestas poluídas bandas. O *Geraldo* ¹⁴ da *IstoÉ* marcou, o *JT* se adiantou, mas tudo bem.

Eu tô meio agitado, aqui, de mudança para o Rio de Janeiro. Faz tempo tenho problemas com Sampa — barulhenta, pouco saudável, solitária, amarga. Agora decidi. Não dá mais. Há uns seis meses praticamente não saio de casa, detesto tudo, perdi o contato com as pessoas, fico vivendo uma vida toda pra dentro, lendo, escrevendo, ouvindo música o tempo todo. Daí, então, vou em busca de um pouco de Sol (em todos os sentidos). Faz tempo que me mexo sem parar. No momento, estou reduzindo tudo que tenho (uma casinha cheia de coisas, coisas inúteis, mas gosto delas) a no máximo duas malas. No Rio, vou ficar provisoriamente num hotel, em Santa Teresa, um lugar antigo, tranquilo, com um jardim e longos corredores coloniais. Já fiz 10 mil fantasias literárias, claro. Não sei se fico lá nem o que vai acontecer. É esquisito, mas sempre orientei minha vida nesse sentido — o de não ter laços, o da independência, de poder cair fora na hora que quisesse —, e agora que ficou tão nítido, aos 34 anos, que realmente consegui isso, fico meio.., desamparado, acho que a palavra é essa. Devia ter inventado outra coisa? Teria sido possível? E que outra coisa seria? Não sei. Estou ouvindo Milton Nascimento que neste momento exato acabou de me dar a resposta: “Se quieres ser feliz como me dices/ no analices, ah no, no analices...”

Andei escrevendo bastante. De repente, acho que está saindo um livro novo. Sabe que tenho MEDO de escrever? Evito sempre que posso. Dá uma grande exaustão, depois. Uma exaustão agradável, mas a cabeça fica excitada demais, é qualquer coisa muito próxima da loucura. Mas nos últimos tempos não tenho conseguido evitar. Vai saindo. É meio

assustador. Passei os últimos meses envolvido com uma pequena novela, *O marinheiro* ¹⁵, tão desesperadamente solitária e tão alucinadamente onírica que eu tinha medo de não voltar cada vez que mergulhava nela. Acho que está pronta. Peguei pânico de máquina e, há poucos dias, voltei.

E você, como vai? Detesto perguntar “tem escrito?”. Soa sempre como cobrança, e quem faz esse tipo de cobrança geralmente não sabe que a cabeça de um escritor é louca demais para que se possa responder “sim” ou “não”. Mesmo que não se esteja escrevendo realmente, a gente sempre está escrevendo por dentro. Mas eu tenho, anyway, vontade de ler outras coisas suas. Imagino que depois do *Caminhando na chuva* deve vir muito mais.

Olha, quando eu tiver um endereço fixo no Rio, te mando. Gosto muito de cartas (tanto quanto detesto telefone) e, se você gostar também, a gente pode quem sabe trocar coisas. Estou aqui, ainda, até o dia 30 de abril. Se até lá, você quiser me escrever, mande pra cá. Meu tempo no hotel deve ser provisórios mas não posso prever.

Parando agora um pouco, me deu uma saudade grande de Porto Alegre que fica linda em abril, maio. Os plátanos da Redenção já começaram a amarelar e a perder as folhas? Acho que não, é muito cedo. Outro dia descobri três plátanos aqui, em Higienópolis, devem ser os únicos da cidade. É meio inconcebível uma cidade sem plátanos. Tenho uma vontade besta de voltar, às vezes. Mas é uma vontade semelhante à de não ter crescido.

É isto, então. Qualquer coisa que você precisar destas bandas de cá, estou às suas ordens. Cuide-se bem. Um abraço do seu amigo

Caio

¹⁴ Geraldo Galvão Ferraz, escritor e jornalista.

¹⁵ “O marinheiro” é uma das três narrativas que compõem o livro *Triângulo das águas*, publicado pela Nova Fronteira neste mesmo ano de 1983. Ver adiante a outra carta endereçada a Charles Kiefer, datada de 24/05/1983.

A Jacqueline Cantore

Vila de Santa Teresa, 20.05.83

Pôs tu s'as que acabo de chegar da fêra, guria ¹⁶. Imagina que tem uma bem aqui atrás, descobri tomando café de manhã cedo: achei *vertiginoso* (esse adjetivo precisa ser usado com mais frequência). Comprei maçãs silvestres, daquelas amarguinhas e aperreadinhas, um galho de arruda (tô com um atrás da orelha), uma rosa branca, outra amarela. Tô escrevendo com uns cafés do lado, comprei uma têrmo (a marca é Aladim, pode?) ontem no armarinho, fiz amizade com a Dona Morena da cozinha. É uma termo de Oxum, amarelésima, acabo de provar, tá ótima. Guriããã, não tô muito trilegal, s'as? Nada de grave: aquela gripe que me bateu forte na ponte-aérea de volta. Na terça à noite ainda tive forças para ir a Sônia ¹⁷. Conheci lá um casal lindo, M. e A. — ele, executivo, ela, militante do PDT — ela de Oxóssi, ele de Oxalá, Oxum e Ogum, Leo ascendente Aquário. Na quarta, me senti supercoitado fiquei de cama quase o dia todo, não podia respirar direito, entupidíssimo. Claro que puxei meu chicotinho de vison aquele da Fiorucci) e dê-lhe: oh-o-que-estou-fazendo-da-minha-vida-sozinho-e-abandonado-num-hotel-talvez-com-uma-pneumonia-dupla-como-é-que-vim-parar-aqui-se-morrer-ax-fixiado-durante-a-noite-só-vão-descobrir-daqui-a-um-mês-porque-ninguém-vai-se-importar-etc-etc-etc. Lá pelas cinco, peguei a saia larga e o tamancão e desci a ladeira até o comércio. Comprei um vidro de mel (descobri um naturalll aqui perto), um xarope de limão bravo, comprei dez mil aspirinas.

Ontem fez uma manhã linda. Apanhei horrores de sol na piscina, o verde da tez vai esmaecendo. Tenho feito muita ginástica e yoga. Horários rígidos: acordar às 8h, almoçar às 12h, jantar às 19h. Nos intervalos, como uma ou duas maçãs. [A margem: Parece que a lobotomia não será necessária. Lembras daquele “Lugar de muito verde” da História de borboletas ¹⁸? Pois é aqui, chê.] Na verdade estou ótimo. E vou ficar melhor ainda: that's is my revenge against the world (está certo?). Bueno, à tarde desci para visitar GM ¹⁹. Que continua a mesma, naturalmente. Mas saudabilíssima, jovem, morena & dinâmica. O apartamento é igual ao quarto dela na Mundo Novo, só que maior.

Enfim, a velha & boa (sometimes, you know) GM. Lá pelas tantas Ana C. liga e diz que tá vindo. Pergunto a GM como está realmente Ana C. [20](#) Climax, caras. GM diz que vai sair para pegar o banco aberto e me deixa só esperando Ana C.

Parágrafo novo. Ao fundo, acordes iniciais do Bolero de Ravel. Fumo horrível. Vejo o sovaco direito do Cristo pela janela. Batidas na porta (não tem campainha, claro). Débeis, Abro.

Ana C. MAL. Põe mal nisso. Magra, consumida, trêmula, chorosa. Não sei contar direito. Nunca vi ninguém tão frágil. Com toda minha gripe, eu era um poço de saúde ao lado dela. Imagina uma alface (ela) ao lado de uma costela gorda (eu). E lúcida. Parou de ir trabalhar, vai pedir uma licença. [...] O mais estranho: o caso de amor continua, e ótimo. Ana C. está sofrendo de medo de amor. Não sabe bem. Medo de amor? Culpa do prazer? Não escreveu mais nada depois do *Contagem regressiva* [21](#), não consegue dormir, as mãos tremem, são incapazes de datilografar ou segurar uma caneta. Está com Júpiter e Urano em oposição ao sol/Mercúrio/Vênus radicais, justifica, perguntaram? Deixei-a numa sessão de bioenergética, ia a um acupuntor hoje. Me convidou para irmos, com a namorada e maybe GM, para o sítio dela em Petrópolis, hoje à noite ou amanhã. Parece Isabelle Adjani em *Nosferatu*, depois que começa a ser sugada. Linda, naturalmente, mas troppo morbo. Conversando com GM, somos mais por uma terapia bageense, tipo te fresqueia, prenda, come uma costela gorda, toma uns mates, dança uma chula, uma tirana do lenço, te joga nua no açude na hora da sesta. Porque tá uma crise sensível demais, dá pra entender? Recomendei uma brahma na esquina com uma coxinha e um dreher pra rebater. *Something like that*.

E subi o morro mal, pesado. Horas para voltar, S'as que é trilongo, né, guriããã. Aí acalmei. Aqui em cima é um santo retiro. A loucura fica toda lá embaixo. O tempo mal anda. Fiz amizade com um casal de velhinhos, anteontem ele fez 73 anos (Tôro), ela comprou um bolo e o três tava quebrado, com o isqueiro, consertei. Aí cantamos parabéns-e-pique-pique. Comi bolo. Cumprimentei, cumprimentei, e fui cumprimentado. God. Aí fui ver o pônei [22](#). S'as que só eu vejo, né guriããã.

Tô lendo *Balanço final*, de Tia Simone. S'as que ela é um freezer, não? Mas é estranho: quando eu morava naquele hotel da Gal. Vitorino

em Porto (as coisas que já fiz...) lia Simone & Sartre o dia inteiro. Me lembrou demais. É como um karma? Eu tinha 18 anos, então. Mas o *Balanço* é pura razão. Te transcrevo este comentário dela:

“O que me incomoda no *Journal* de Anais Nin é seu esteticismo, seu narcisismo, a estreiteza do mundo que ela cria artificialmente, o uso imoderado que faz dos mitos, sua admiração pela astrologia. Sua concepção da feminilidade me horroriza.”

Tia Simone ²³ é Capricórnio, naturalmente, do dia 9 de janeiro. Pela cara deve ter pelo menos a Lua em Virgo com ascendente Áries. Uma rocha.

Astrológicas: GM acha que com Júpiter e Urano em XII no mapa do Rio, não astrologarei muito, principalmente pela quadratura com o Meio-do-Céu e Aquário na ponta da III. Não entendi o porquê, mas a verdade é que estou sem material nenhum e sem os diários de junho. Falar nisso, hoje estou no auge da minha quadratura Sol/Urano, Vênus/Netuno e Mercúrio.

Escrevi ao C. uma carta DEFINITIVA. Hesitei em mandar, Sônia falou que devia. Pedi a ele uma DEFINIÇÃO. Ou me quer e vem, ou não me quer e não vem. Mas que me diga logo pra que eu possa desocupar o coração. Avisei que não dou mais nenhum sinal de vida. E não darei. Não é mais possível. Não vou me alimentar de ilusões. Prefiro reconhecer com o máximo de tranquilidade possível que estou só do que ficar a mercê de visitas adiadas, encontros transferidos. No plano REAL: que história é essa? No que depende de mim, estou disposto & aberto. Perguntei a ele como se sentia. Que me dissesse. Que eu tomaria o silêncio como um *não* e ficaria também em silêncio. Acho que fiz bem.

Não só em relação a ele, mas a muitas outras coisas, quero que daqui pra frente a vida seja *hoje*. *A vida não é adiável*. Marilene sempre soube disso, foi nisso que pensou ao deixar o Índio. Anyway, me dói a possibilidade de um não, me dói a possibilidade de um silêncio, me dói não saber de que forma chegar a ele, sacudi-lo, dizer me olha, me encara, vamos ou não vamos nessa? Bueno, os dados estão lançados, e agora só me resta lavar as mãos sujas do sangue das canções.

Acordei com aquela música do Erasmo que a Marina canta na cabeça. Como não sei a letra, vou inventando assim:

“Sei que você vai me procurar
e que a nossa vida vai mudar
sei que você vai sentir que eu
sou tão legal
filosofia, astrologia
já dizia a minha vó
antes mal acompanhado do que só
você precisa de um homem
pra chamar de seu
mesmo que esse homem seja eu.”

Sinto uma falta BRUTAL de som. Quando vieres, vamos acertar o despacho do som ou do rádio, pelo menos. S’as que falei com Maria Clara por telefone e (pausa) chegou UMA CARTA DO IGNÁCIO DE LOYOLA DE BERLIM. Adiei para hoje à noite. Já fiz todas as fantasias tensas, negativas e maravilhosas possíveis. Se for um não, s’as que não tenho futuro, né, guriããã? Aí minha vida vai ficar inteiramente-como-direi. Aí o próximo passo eu simplesmente não sei. Mas acho que não se deve pensar na vida como um jogo de xadrez. Ou sim?

Sobre tua vinda: não posso te hospedar, aqui é hotel; com GM é bom não ficares (ela tem dificuldades contigo) — mas Jorge, a Maria Clara, te espera numa nice (s’as que ela te adora, né, M’ri’lene? Ficarei na terça o dia inteiro aqui, aguardando teu chamado ou tua subida. A Sônia só atende depois das 19h, eu até poderia ir contigo até lá, depois te deixava na Rodoviária e vinha. Acho que o melhor seria me ligares da Rodoviária mesmo, assim que chegares, desço, te pego na C., vamos à praia e voltamos para cá, algo assim. A não ser que esteja um dia horroroso, como hoje, veio até um tomado de madrugada. Te parece bién?

Sobre o D.: aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii, que cansaço! Não me apaixonei por ele, não estou apaixonado nem me apaixonaria never. [...] ODEIO pessoas que dizem mas-todo-mundo-sempre-se-apaixona-por-mim. Parece a perua da Jessica Lange seduzindo a pobre Dorothy em *Tootsie* (essa é a interpretação de Ana C.), só para depois rejeitar, fazer cara de santa, dizer magina, eeeeeeeeu? São jogos de ego, que eu conscientemente não alimento, me recuso: é uma questão ideológica. Relações humanas são outro papo. Minha maior insegurança *avec That Little Grace* é justamente isso: de estar (eu) alimentando um ego ávido.

de, por exemplo, Robert Altman. Mas em primeiro lugar: que trepe. Existe?, perguntaram. É tão simples, responderam. Mas onde está?, insistiram. Não desista, responderam. Então tá, concordaram.

Beijo pra Cida. Toma um café, que o mundo acabou faz tempo. ²⁶ *Love from*

Caio F.

* Agora em ritmo tropical!
Axé! Me traz a pasta de astrologia.

¹⁶ Nas cartas a Jacqueline Cantore, Caio usa linguagem cômica, imitando um modo coloquial e agauchado de falar. Nessas cartas, ele também chama Jacqueline pelos mais diversos apelidos — Marilene, Anthea, M'r'len são alguns dos mais frequentes — assim como se duplica a si próprio, assumindo codinomes femininos, o principal sendo Marilene. Assim, as cartas se transformam em jogo vertiginoso de máscaras que se espelham: é Marilene escrevendo para Marilene, bem dentro do que se poderia chamar “humor bicha” ou “queer”. Esse tipo de humor, com suas mascaradas dissociações de personalidade e travestismos fake, vai aparecer também em outras cartas, dirigidas a outros destinatários. É própria dessa modalidade de humor a criação de códigos cômicos idiossincráticos, todo um vocabulário, como no caso de Caio, que usava, tanto nas cartas como em suas crônicas e ficções, termos por ele inventados: jacira (bicha); lasanha (homão bonito); rodenir (coisa brega), etc.

¹⁷ Mãe-de-santo estabelecida no bairro carioca do Méier. Segundo depoimentos de amigos, durante uma certa época Caio a consultava para tudo.

¹⁸ “Uma história de borboletas”, conto que integra o livro *Pedras de Calcutá* (1ª ed. de 1977, 4ª ed., Nova Fronteira, 2014).

¹⁹ Apenas as iniciais, já na carta original.

²⁰ A poeta Ana C. (Ana Cristina Cesar), já vivendo a crise que a levaria ao suicídio cinco meses depois.

²¹ Poema de Ana C. lido por ela com muito sucesso nas noitadas cariocas de leitura de poesia durante o ano de 1982. Foi postumamente incluído no livro *Inéditos e dispersos*, publicado pela Brasiliense em 1985, hoje incluído em *Poética de Ana Cristina Cesar* (Cia das Letras, 2013).

²² “Pônei”: pessoa de baixa estatura, de rabo-de-cavalo, na gíria caio-queer.

²³ Simone de Beauvoir, a romancista e pensadora francesa radical, ligada ao movimento existencialista dos anos 40/50 do século passado, parceira do filósofo e escritor Jean-Paul Sartre.

²⁴ O personagem Pérsio, da novela “Pela noite”, a última das três narrativas que compõem *Triângulo das águas*.

²⁵ Livro organizado pelo historiador francês Georges Duby, uma coletânea de artigos sobre as diferentes modalidades de amor e erotismo em situações históricas diversas (Ed. Brasiliense, 1982).

²⁶ Trecho da canção *Nostradamus*, de Eduardo Dusek.

A Charles Kiefer

Rio de Janeiro, 24 de maio de 1983

Charles,
é rápido (mas espero que não rasteiro), só pra te dar notícias. Bem, finalmente estou aqui, e me sentindo muito bem, num lugar fantástico (o Hotel Santa Teresa, em cima do morro), meio tropical, meio colonial, meio bávaro. Meio muito. Meu quarto dá para uma enorme jaqueira e, atrás dela e de uma infinidade de telhadinhos, vejo a cidade lá embaixo. O sol se põe bem na frente. Tenho *respirado* horrores.

Disciplinei minha vida: acordo às 7h30, nado duas horas, faço refeições em horas exatas. Escrevo no mínimo quatro horas por dia. Nas outras, caminho pelo morro ou desço à cidade — uma barra lá embaixo, fico louco pra subir de novo. Estou ficando saudável, bonito & corado. Uma gracinha. Só me falta agora arrumar um Grande Amor, assim mesmo, com maiúsculas. Virá logo: a cidade é mágica, sensual, afetiva, tesuda.

Não foi possível escrever a você antes de vir. Muita loucura. Desmontar a casa foi uma trip entre o divino e o diabólico: eu não sabia se era um demônio punk ou um anjo caído dos céus. Talvez os dois. Quem sabe nenhum? Também andava escrevendo furiosamente. Aliás, andava fazendo tudo furiosamente. O livro está pronto, e eu não posso (obrigado pelo convite) ceder *O marinheiro* nem qualquer outra das três novelas à Mercado Aberto: elas formam um tripé (?), uma trilogia (?) in-se-pa-rá-vel. Por isso mesmo, o livro chama-se *Triângulo das águas* (a água dos rios, dos mares, da chuva). Passam-se à noite. Terminam ao amanhecer. É assim que me sinto: amanhecendo.

Não sei até quando será possível segurar a barra econômica daqui. Estou desempregadíssimo com uma grana pra segurar uns três meses, só. Depois não sei. Por enquanto termino o livro, e olho, cheiro, sinto gostos, ouço, toco. São Paulo quase que me mata, tchê. Isola.

É de tardezinha, agora. Começou a chover. Eu tinha pensado em descer de bondinho para ir ao cinema ver Lili Marlene, de Fassbinder. Melhor ficar. Tem pessoas absurdas aqui em cima: velhinhos, estrangeiros artistas. Faço amizade aos poucos, gaúcho de fronteira. Leio Jean Genet. Comprei um incenso delicioso hoje (gardênia). Tenho

trepado muito: as culpas vão se diluindo. Ser feliz é uma obrigação.

Te quero bem. Espero notícias. O telefone daqui é (021) 222-4088. O endereço vai no verso do envelope. Um abraço grande do seu

Caio F.

(o primo de Christiane) ²⁷

²⁷ Caio gostava de se assinar Caio F. Em diversas cartas ele faz jogos entre essa assinatura e a de Christiane F., a adolescente alemã cujas experiências são relatadas no livro *Eu, Christiane F., 13 anos, drogada e prostituída*, lançado no Brasil em 1982, atualmente em sua 45ª edição, pela Bertrand Brasil.

A Jacqueline Cantore

Rio, 05.06.83

“Não importa mais o que foi perdido
importa apenas o teu sorriso
e nada mais.”

Cara Anthea,

chove, mas chove & chove hor-ro-res, potes, alucinadamente. De não acreditar. Faz dias, praticamente sem pausa. Todo mundo já meio pirando. Criam-se problemas tipo aquela salinha de refeições marroquino-colonial está cheia de goteiras, o bondinho às vezes para de descer o morro. Com os feriados, ficou todo mundo zanzando pelo hotel, bebendo horrores. Conheci gente ótima. Veja só: Flávio, pianista, uns 46 anos bem machucados, grisalho, fumando horrores, pianista, foi vizinho e amigo de Silvia Telles, dá show de bossa-nova no piano daqui, conta histórias de Maysa e Carlinhos Lira (antes de Kate); Iório, um sobrevivente dos anos 70, deve ter a minha idade, parecido com Fagner, fisicamente, compositor, morou anos em Londres tocando violão nas esquinas de Portobello e metrô Piccadilly, quer que eu faça letras para ele; Avelina, argentina, liiiiiinda, só veste branco, uns 40 anos, desenhista de moda (chorou muito ontem quando vimos a morte de Markito — ao que se sabe por AIDS, a peste gay, depressão ²⁸), casada com Michael, inglês criado na Argentina, jornalista, numa batalha judicial com a ex-mulher há três anos, pela posse de uns terrenos em Friburgo. São todos inacreditáveis. Avelina e Michael moram no último andar. espelhos ovais art-nouveau imensos nas paredes dos corredores com papel de parede arrebatadíssimo, enormes clarabóias, goteiras (muita coisa coberta com plástico), restos de nobreza — o hotel é muito mais absurdo que eu imaginava. Passei a tarde com eles, ontem, ouvindo histórias de Guimarães Rosa, que Michael conheceu, e de Borges, que era vizinho de Avelina em Buenos Aires (Borges deu uma entrevista coletiva há um mês para dizer que não aguenta mais e comunicar seu próximo suicídio, em... agosto, claro).

Deus, como chove. Nove da manhã. R. ainda está aqui, num quarto próximo. E eu não suporto mais. Está pirando, desorientado. Bebe

demais, dorme demais, come demais. Me dangerizou a cabeça, me desorganizou todo, é carente demais, vaidoso, insuportável — e envolvente e fascinante. Brigou com os garçons do hotel, não tem mais dinheiro nem para voltar a Porto, depende de um empréstimo de Sérgio Stein, que não quer emprestar. Danger absoluto. Dei-lhe vários cortes ontem (ele entende) e, ao mesmo tempo, fico preocupado e não sei o que fazer. Liga pra Sílvia 30 vezes por dia, uma hora ela vai se matar, na outra tomou um chá de cogumelos, etc. & etc. Fico me sentindo completamente normal, maduro & equilibrado. Haja. Solução drástica: pedir a Sônia que o mande embora.

Depois que falamos, eu e você, a noite do aniversário de Ana C., aconteceram coisas. Te conto. Voltei pra sala, sentei, mais vinho, uma Billie Holiday, então chegou um casal de rapazes [...], L. e T. [...] T. ... Bueno, guria, sentou do meu lado e embarcamos num papo de umas três horas. Chegou mais gente, pareciam todos meio ofendidos com nosso papo, foram pros quartos, pra cozinha, ficamos sós na sala. Ele é quase louro, cabelo liso, tem um olho castanho claríssimo, cor de laranja, 32 anos (é — pasme, mas pasme mesmo: é Virgo do dia 13 de setembro, com Ascendente Peixes, Lua em Aquário na XII — resistir, quem há de?). [...] O papo começou porque ele é amigo de Trevisan (o João Silvério), que já tinha dito a ele “você precisa conhecer o Caio”. É ator, trabalha com Amir Haddad. Bueno: de repente retira-se R., fazendo cena de ciúmes, me chamando para falar baixinho no corredor do elevador, pode? Depois vem L. (quando fazíamos um revival de Nara Leão), e diz secamente “T., vamos embora? Eu não estou gostando NADA disso”. *Disso* era eu. T. se despede de mim dizendo baixinho no meu ouvido “te encontro amanhã às quatro no Amarelinho” (aquele bar ao lado do Pathé). Vou ao banheiro, volto e vem Ana C. Ana: “o que está acontecendo entre você e T.?” Eu: achei ele ótimo, só isso. Ana: vocês vão se ver mais? Eu: marcamos um encontro amanhã”. Ana: “você sabe que ele vive com L. há QUATRO anos?” Eu: “sei, ele me disse”. Ana: “me permite um conselho?” Eu: “pode ser”. Ana (fremente): “não vá a esse encontro”. Eu: “sinto muito, mas vou mesmo”. Ana: “Então, por favor, retire-se imediatamente”. Eu: “você está me expulsando”. Ana: “estou”. Eu: “então tchau e feliz aniversário”. Corta para mim, na chuva, caminhando horas perdido no fim do Leblon sem achar táxi nem ônibus nem viv’alma.

No dia seguinte. Torturas, não-devo-ir-sim-devo-ir-mas-ele-tenho-certeza-que-não-irá-é-tudo-uma-trama-e-se-pintar-o-caso-ou-Ana-e-derem-escândalo-não-definitivamente-não-vou-só-passo-em-frente.

Horas. Tomei banho, acendi vela pra Oxalá. E fui. Cheguei lá eram 15h30 (perguntei as horas 500 vezes no caminho)

Comprei um JT, sentei numa mesa, pedi um suco de laranja e comecei a ler. Chega T., tinha chegado às 15h. Decidimos que vamos nos ver às escondidas. Conteí da Ana, ele não entendeu. Contou que L. fez uma cena de duas horas quando chegaram em casa. Me ensinou a andar de metrô, me levou até a *IstoÉ*, me deixou na porta com um beijo. Não posso ligar, mora com o moço. Tenho que ficar à espera.

Entreí na *IstoÉ* em estado de graça. Adorei Zuenir ²⁹. Devo fazer crítica de televisão, de show, de disco, de teatro. Quer me aproveitar horrores. Temos reunião semana que vem, para decidir, ver pautas, começar. Voltei pro morro encantado: tudo dando pé. Ia dormir às 21h, quando chegam... M. e A ³⁰. Lindos. Vinhos e baseados sem fim. Chega R. Fechamos todos os bares do Largo dos Guimarães, atacamos os do Largo das Neves, voltamos ao hotel, três da manhã, M. começa a passar mal e vai vomitar naquele abisminho do meu quarto. Pede que vá com ele. Aproveito e dou-lhe uns beijos. Me conta que teve uma visão comigo, à tarde. Voltamos para o quarto. A. faz a inocente. M. deita do meu lado e fica contando que-quer-mudar-de-vida-largar-o-emprego-morar-em-Teresópolis. Nas-ceu às 17h — deve ser então Leo/Capricórnio, naturalmente. Foram-se lá pelas quatro. R. quer beber mais; descemos a pé até Copacabana. Horrores de conhaque. Ao acordar, ontem, ao meio-dia, eu estava superconfuso. Aterrissei aos trancos.

Hoje devo jantar com Pedro Paulo ³¹ (mas só se for na casa dele ou se ele pagar: tenho TRÊS mil — a propósito: pelo-amor-de-Deus, mande aquele \$\$\$, ou me avise, me liga, que vou a SP buscar). E estou com medos financeiros. E queria entender melhor esse emocional a mil: NÃO CONSIGO PARAR DE NAMORAR. C. não deu notícia alguma e eu tô achando que já era. A vida é hoje, aquelas coisas. Agora, me surpreende como o Rio é moralista e provinciano. Pode, encontros às escondidas? Aqui, pode.

Parece mentira, mas está parando de chover.

Preciso me sentar contigo e tomar uns bons mates. Astrológicos, principalmente. Não sei se fiz os trânsitos certo, botei tudo um dia antes, é assim? Daí, hoje, por exemplo, não tem nenhum máximo — mas amanhã tem máximo Sol sêxtil Plutão — e terça Marte sêxtil Plutão (e amanhã começa Júpiter trígono Vênus — abro um bordel? começo a fazer surubas? mantenho 10 casos ao mesmo tempo?). Agora, essa exacerbação dos últimos dias estou atribuindo a Sol e Marte trânsito em conjunção aspectando Mercúrio e Netuno radicais. Some-se a isso a Lua trígono Plutão. Dia 21 tenho Sol conjunção Urano e, no mesmo dia, Vênus conjunção Plutão (viro uma *brazilian bombshell?*). Todo *muy fuerte*. Sônia jogou na terça e ficou meio de cara: havia centenas de pessoas. Só saiu namoro no jogo. Mas eu quero UM CASAMENTO DISTINTO E FIEL [...]

No meio dessas turbulências emocionais, uma sensação de estar aqui em férias, de estar de passagem. E culpas: que tenho mais é que ir pro tanque e me punir um pouco, que não é justo tanta coisa, tanta gente. Tento tirar o máximo de sofrimento, e não consigo. Não há quase sofrimento, só no máximo confusão. Neste andar, acabo musa do próximo verão, ão, ão. Fiquei espantadíssimo porque T. *foi* ao encontro — um encontro que ele tinha marcado: eu já tinha me preparado para ter uma profunda & séria crise depressiva de rejeição.

Vou fazer uma pausa, descer e comprar cigarros. Té já.

Desci, voltei. Parou de chover. O bondinho recomeçou. Espiei no quarto de R., dorme. Entrou agora naquela faixa de dormir HORRORES. Para lembrar os *old and nice times*, você não quer vir BUSCÁ-LO?

Mas s'as, M'r'lene, gostei da ideia de voltarmos juntos. Pode ser no dia 12 à noite. Tenho um dia 13 horroroso, com quadratura Mercúrio/Saturno e Marte/Sol. Mas se piro aproveito e já pego um colo por ai. Me avisa então quando vens. Preciso também agitar a remessa do som pra cá (não dá mais, e preciso ouvir Cida todo dia) e da televisão — a tevê agora é fundamental, o trabalho da *IstoÉ* vai depender disso. Zuenir me deu também o telefone do Doc Comparato que a Globo está desesperada atrás de roteiristas. Vou agitar horrores a partir de amanhã. Acho que Sônia tinha razão e não devo mesmo me aprofundar muito no hotel. É vibração *too much*. Estou louco por um cantinho, quem sabe aqui mesmo em Santa Teresa. Maya mora aqui diz que me ajuda a ver.

Sônia me recomendou também que enviasse o curriculum para Berlim, que pinta.

Estou com medo de me apaixonar por M. Eu estou avançando, faço carinho, toco. Ele recebe, os olhos brilham. Mas trata-se de um *casal*. Ela avança um pouco sobre mim, também. E disse que saí no jogo com a Sônia. Trata-se de um *ménage*? Mas só tô a fim *dele*. Ou ela percebeu que ele calça pouquinho e está fazendo a tolerante para não perdê-lo? Ou mesmo por amor, sem cálculo. Fizeram 10 anos de casados dia 2. Ele me desperta sentimentos i-na-cre-di-ta-vel-men-te ternos. Sônia [32](#) diz que Oxum está fazendo muito gosto (os dois são Oxum), mas que eu tenha cuidado e talvez-seja-melhor-preservar-a-amizade. Aí me pergunto: são os orixás que dizem ou isso é moral do Meyer? E mistura Sônia na relação. Olha...

[...]

Ah: Marcos Augusto Gonçalves, uma gracinha da *IstoÉ*, pediu o disco de Cida. Ela me mandou três, dei um pra Cacaia, R. pediu outro e não quero dar. Mas se — ele me arrancar um, seria bom a Cida mandar pro Marquinho, que é óóóótimo. Ou eu pego.

Me fazes o mapa do M. ? [...]. Imagino coisas, tipo um Júpiter em XII, um Netuno no Meio-do-Céu. E talvez uma Lua em Libra (uma boca...), ou Câncer ou Peixes, bem docinha. E pelo menos Vênus em Virgo (uns olhos...) Eu tô SEM MATERIAL ASTROLÓGICO. Faz uma falta absurda. Onde foi pelo menos o Derek & Julia Parker? E não tenho ephemerides... R.'s question: "Por que a Jackie não veio para o Rio?"

Acendi uma vela de sete dias no roncó, aos pés de Oxum, e pedi pra me acalmar-afetivamente. Logicamente que isto só me casando. A vela acendeu de primeira. [...]

Recebi carta linda de José Márcio Penido. Queria papear mais contigo, mas já nem tenho assunto. Bebi litros de café. E se o sol voltar? PELO AMOR DE DEUS, ME MANDA O ENDEREÇO DO GALLERY AROUND, TENHO QUE MANDAR MATÉRIA ATÉ O DIA 10 [33](#). Tivesse um telefone, te ligava já. Acho que vou tomar banho & fazer a barba. Fico meio tenso esperando T. ligar, fico a fim de ligar, mas seria dangerizante. Almoço, sesteio e vou ver Pedro Paulo. Vez em quando a morte de Markito volta na cabeça e passo mal. Vamos lá. Tenho achado você ótima nas cartas. *Lots of kisses from*

[28](#) A morte do estilista Markito ficou como uma espécie de marco: a primeira morte por Aids reconhecida publicamente como tal. Foi por esta época, ano de 1983, que o tema da Aids adquiriu maior relevo na imprensa brasileira, que falava de um “câncer gay”. levando pânico aos libertários de todas as cores e idades, egressos da contracultura dos anos 60/70, como o próprio Caio. A partir desse marco cronológico, tanto a vida quanto a obra de Caio e de outros escritores do fim de século brasileiro seriam profundamente marcadas pela vivência da Aids. Vide os estudos de Marcelo Secron Bessa, nos ensaios de *Histórias positivas* (Ed. Record, 1997) e no livro *Os perigosos – Autobiografia & Aids* (Aeroplano, 2002).

[29](#) O jornalista e escritor Zuenir Ventura, na época editor de IstoÉ.

[30](#) Trata-se de um casal, mencionado na carta a Jacqueline Cantore (20/05/1983).

[31](#) O editor Pedro Paulo Sena Madureira, na época estava na Nova Fronteira.

[32](#) Sonia Maria Barbosa, Sonia de Oxum Apará, era uma mãe de santo com quem Caio manteve forte relação de confiança e a quem apelava em momentos de dificuldade, pedindo-lhe que “batesse tambores” por ele. Quando mudou-se para a Porto Alegre, já doente, Caio plantou no jardim uma flor que batizou com o nome ela.

[33](#) Gallery era uma casa noturna, cujos donos, mais a jornalista Joyce Pascowitch, fundaram a Gallery Around, a revista, que depois virou A-Z. Ao longo de anos, Caio passou de colaborador a editor da revista.

A Maria Adelaide Amaral

Porto Alegre, 26 de agosto de 1983

Levinha, querida,
depois de 10 anos de proibição pela censura, saiu, vai aí o programa. Sou suspeito claro, mas acho lindo. Tem tido casa cheia toda noite, crítica boa, aplausos em pé, aquelas coisas ³⁴. Ando comovido e feliz. Vim para a estreia, aí recebi tanto carinho que fui ficando até hoje. Só volto pro Rio dia 5.

Aproveito e mando, no fim da carta, o endereço de lá. Tá tudo indo bem. Minha cabeça melhorou demais com a saída de Sampa. Estou no momento mergulhado na revisão das últimas provas do livro novo, o *Triângulo das águas*, três novelas que chamo de “noturnos”, a sair em outubro pela Nova Fronteira. Tem várias homenagens, uma delas a você... Reticências de suspense!

Escrevo meio na corrida, pra aproveitar um embalinho de saudade forte. Outra noite, em Gramado, falei horas sobre você. Me dê notícias, pro Rio ou pra cá (o fone daqui é 0512-33-4197). Dá um beijo em Murilo e um abraço nos guris. Diga, por favor, a Bel que penso nela com frequência e mando *nice vibes*. Que você esteja feliz, em paz, produzindo.

Todo o carinho do seu velho

*Caio F.
(o primo intelectualizado de Christiane)*

³⁴ Caio refere-se à montagem de sua peça *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*, dirigida por Luciano Alabarse, na Casa de Cultura de Porto Alegre, após dez anos de proibição pela Censura do regime militar.

A Nair de Abreu

Rio, 15 de setembro de 1983

Querida mãe,
deu vontade, de repente, de escrever para a senhora. São quase seis horas da tarde, o sol começou a se pôr bem aqui em frente à minha janela. Foi um dia muito bonito, a primavera está mesmo no ar. Fiquei no sol o dia todo, agora há pouco tomei banho, fiz um mate, e dei mais um jeito no quarto, com as outras coisas que vieram de São Paulo. Está ótimo, parece uma casinha.

Voltar foi um pouco difícil, principalmente depois de todo o carinho que recebi aí. Coisa estranha, família é uma coisa que a gente passa muito tempo negando até perceber não só que não deve negar como também é ótimo. Descobri vocês todos desta vez. E acho que tenho a melhor família do mundo.

Estou um pouco preocupado com Cláudia. Pelas contas, hoje devia ser o grande dia. Prometa que me liga assim que o bebê nascer, contando tudo. E veja se anota o minuto exato do nascimento para que eu e Jacqueline possamos fazer o mapa astral. Diga a Cláudia que tudo vai dar certo, tenho rezado por ela, para que seja corajosa e tudo corra bem.

Comigo as coisas estão indo bem. Terça passei na editora para ver a capa do novo livro. Fiquei chocado, é bonita mas meio terrível: uma cidade enorme e meio vazia, como depois de uma explosão nuclear, com um céu escuro, dramático, meio apocalíptico por cima. É um dia nascendo. Os editores estão acreditando muito, espero que dê certo. Acho que é meu melhor livro, mas é também o mais terrível — porque é preciso falar claramente sobre certas coisas, é preciso alertar as pessoas para as vidas erradas que levam, a alimentação errada, as emoções erradas, os relacionamentos errados. Não quero ser dono da verdade, mas aprendi algumas coisas nesses anos — pode parecer ambicioso, mas de repente gostaria de ajudar a transformar este mundo numa coisa melhor. Para isso, tento ficar bem: hoje nadei muito, fiz muito exercício na beira da piscina. Porque se o corpo estiver sadio, a mente e o espírito também estarão.

Dia do meu aniversário choveu muito, e fiquei só o dia inteiro. Foi um pouco triste. Depois melhorou, à noite vieram Jacqueline, Cacaia e

Graça (que está indo para os Estados Unidos passar um mês, e muito bem, perguntou pela senhora). Chegou uma cartinha de vovó Zaira, tia Florinha e tia Vilma telegrafaram. Depois ligou a Lulu, a senhora e o Ivan. Sobre o Ivan, queria pedir à senhora uma coisa: ele está com uma inflamação grave nos ouvidos e na garganta, precisa fazer uma operação na segunda-feira. Por favor, telefone à mãe dele (chama-se Dona Glacy) para saber como ele está — o telefone é 33-65-48.

Tenho um altarzinho no meu quarto, e coloquei perto do Anjo da Guarda aquela foto da comunhão minha e do Gringo. Peço sempre por ele. [...]

Espero que a Marlene continue aí, ajudando a senhora nessa medonha trabalhadeira. Espero também que o pai esteja bem de saúde, e menos preocupado. Diga ao Felipe para não desistir da ideia de retomar o curso de História. Que a Márcia, Cláudia, Clésio e Jorge estejam bem. Um abraço para todos.

Quando tiver tempos me escreva um bilhetinho. Gosto muito das suas cartas. Por favor, cuide-se. E receba um grande beijo do seu filho

Caio

PS – Se a sra. encontrar a Dominga diga a ela que estou escrevendo a apresentação do livro novo da Tania — mas que não conte a ela porque é surpresa ³⁵.

PS – Acabei de receber o seu telefonema. Estou muito feliz. Viva o Rodrigo!

³⁵ Apresentação de Caio escrita para o livro Mário — Vera Brasil 1962-1964, de Tania

A Maria Adelaide Amaral

Rio, 21.09.83

Levinha,

parece mentira, mas só hoje, mais de duas semanas chegado aqui, encontro uma folguinha pra te escrever, quase onze da manhã de um dia cinza & molhado (não existe cidade pior no Brasil que o Rio de Janeiro sem sol). Estou irritado & dispersivo, uma quadratura Sol/Urano, que sempre me pega de jeito, mas nada de grave.

Fiquei espantado com a tua carta. Deus, eu não podia imaginar que você tinha passado por isso — um sequestro! ³⁶ Tipo filme B americano, assustador e ruim. Já passou, já passou — toda vez que repito isso lembro daquele final do *Last picture show*, do Bodganovich, a mulher passando a mão na cabeça do rapaz, o vento soprando, a cidade deserta, ela repetindo “*it’s all right now, it’s all right now*”. O que posso te dizer é que também não entendo. É que estou aqui, agora ou sequência [sic], quando você precisar.

Minha vida tá em compasso de espera: espera do livro novo, saindo dentro de um mês, no máximo — deve ser mais ou menos o que você sente antes de uma estreia. Penso sempre que as *strip-teasers* devem sentir algo semelhante antes de arrancar a primeira peça. Meu medo ficou mais forte agora e corri a colocar *O grande circo místico*, sempre me acalma. Qualquer forma, minha parte já está feita. Levinha, é o melhor deles. Custou tanto, foi tão difícil escrevê-lo. Houve uma época, na altura do Carnaval, em que fiquei tão tomado por uma personagem (Pérsio) que tomei três caixas de barbitúricos de Jacqueline. Dormi três dias, e não me lembro sequer de tê-las tomado. Eu fazia o possível para não escrever, aí começava e não conseguia parar. Foi um processo louco, ainda estou em recuperação.

Aqui tá esquisito. Na verdade, não gosto do Rio. Este canto é bom: pela janela aberta, agora, vejo a poucos metros uma mangueira enorme, carregadinha, depois um pequeno abismo e um mar de telhados, uma selvinha cheia de bananeiras e coqueiros, supertrópico, muito ao fundo a silhueta das montanhas de Niterói. Pombas, passarinhos, borboletinhas. Samambaias, isso me vitaliza muito. Ando lendo montes de Astrologia, ontem ainda lia outro livro do Stephen Arroyo (aquele mesmo que você

me trouxe de Portugal), onde ele diz que você se vitaliza exatamente com o elemento do signo onde está o teu Sol. Para mim é a terra. Super Scarlet O'Hara.

Mas a cidade, ah a cidade, que miséria. Um favelão. Detestei São Paulo também nos dias que passei aí. Achei pobre e barulhenta, todas as pessoas que cruzei só falavam em cocaína. E como falam. Dirigem a mil por esse trânsito infernal e falam falam falam. Invivível. Aqui em cima do morro fico em retiro quase absoluto. Quando vou à cidade, volto irritado. Silêncio, ando obcecado por silêncio. Um silêncio que te permita ouvir o ruído do vento. E o bater do coração. E se possível isso que chamamos de Deus, existindo devagarinho em cada coisa. Existe sim.

Aconteceu uma coisa linda: ganhei um sobrinho. É o primeiro, filho da minha irmã mais nova, Cláudia. Chama-se Rodrigo. Estranho: a noite antes dele nascer (dia 16 de setembro, sou do dia 12), sonhei que eu dava a ela uma pequena rosa vermelha. Ela guardava com cuidado num copo com água. Bem, fiz o mapa dele ontem e é praticamente igual ao meu. Virgem ascendente Escorpião com Lua em Capricórnio, com Vênus em Leão, no Meio-do-Céu, e vários planetas em Casa XII. Tem diferenças, claro. Mas é fantásticamente parecido. Assim como se fosse uma continuação karmática minha? O mapa dele é mais leve: ao invés, por exemplo, da quadratura Vênus/Marte que eu tenho, ele tem a conjunção. Ao invés da conjunção Mercúrio/Netuno que eu tenho, ele tem a quadratura.

Ainda não o conheço. Estou à espera de umas granas (as batalhas financeiras, sempre — não trabalho mais, vivo de biscates culturais, vai dando, reduzi tudo ao mínimo indispensável, luxo só discos e muito vezenquandamente, livros, sobretudo Astrologia, caros, porque importados) para ir. Também porque aconteceu outra coisa que, como Deus, eu pensava que não existia. Imagino que isso que chamamos de *amor*. Algo assim. Porque tudo que vivi e senti antes me parece agora bobagem, brincadeira. Ele chama-se Ivan, é Touro, Ascendente Capricórnio, Lua em Leão. É ator, também poeta. Tem uns olhos que mudam de cor e um jeito inteiramente sábio. Quietos, fundo. E leve. Tão difícil estar longe. Primeiros dias, pirei um pouco. Ele piou lá, ficamos ambos doentes, à distância. Não pode vir agora, só no fim de outubro, tem contrato para terminar um espetáculo.

Eu pensava que não existia. A beira dos 35 anos, eu estava certo que não existia. Ou que, se existia, não era para mim. Meus trânsitos, minhas premonições anunciavam. Como se eu me preparasse, tão nítido. Tudo que escrevi nos últimos tempos — o *Triângulo das águas* inteiro — anunciava. O trecho final de *Pela noite*, a última das três novelas do *Triângulo* (*águas* porque é uma de Peixes, outra de Câncer, outra de Escorpião; mar, chuva, rio; Iemanjá, Iansã, Oxum; água: a emoção mais fina, a paixão — mas nada disso aparece no texto), é inteiramente premonitório.

Vou me iniciando, sem me espantar mais. Bruxíssimo. Às vezes perco os poderes. A ausência de I. me desvitaliza muito. Questão de tempo. Necessário aprender a paciência. Me passa à cabeça o título do livro de Barry Stevens, um provérbio zen, uma velhinha que virou terapeuta getaltista espontânea: *Não apresse o rio, ele corre sozinho*. Isso

Pena não poder falar melhor contigo após *Chiquinha* [37](#). Eu estava muito cansado depois de três [dias] de São Paulo, vindo da tranquilidade do Menino Deus, em Porto Alegre, ou de dias em Alegrete, no pampa, terra de Mario Quintana, ou Gramado. Ao mesmo tempo, não era ali, não era daquele jeito. Mas você estava linda. Gostei imensamente do texto, embora o prefira quando fica mais íntimo — como naquele diálogo de Chiquinha com a filha baixo-astral, quase no fim. Faria “reparos” (*reparo* é muito bom, superSábado) aos figurinos (odiei as botinhas cinza com fecho eclair e os colants de lycra), à jovem Regina e ao Caça & Pesca, como diria o Vicente Adorno. Mas todo o *Chiquinha* me deixou foi com saudade daquela noite em Cingapura, cadê? E Tessy Marinho? Continuo achando que Yara Amaral faria magnificamente.

Quase meio-dia. Preciso trabalhar, tenho que entregar até o dia 30 o roteiro para cinema (um longa 35 mm) de *Aqueles dois*, conto dos *Morangos* — contrato assinado e tudo. [38](#) Hoje à noite vou assistir a um ensaio de *Morangos mofados*, eles adaptaram alguns textos, estreia em outubro ou começo de novembro, no Cacilda Becker [39](#): as tuas Fotografias [40](#) são das melhores coisas, vou ajudar na trilha sonora, pensamos numa trilha de boleros para Gladys.

Me escreve assim que puderes. Dê um abraço no Murilo e nos guris. Fica bem, fica em paz. Te quero um bem enorme. Gal começa a cantar *Lily Braun* ao fundo, acabo sempre rindo e dançando um pouco. Muito carinho. Um beijo grande do seu velho

Caio F.
(o primo careta de Christiane)

PS – Você já deu uma conferida na série *Canopus em Argos: arquivos*, de Doris Lessing? Tá tudo lá.

[36](#) O irmão mais velho de Maria Adelaide, comerciante de joias, sofrera um sequestro em abril de 1983, sendo solto depois de 38 horas.

[37](#) *Chiquinha Gonzaga - Ó abre alas*, peça escrita por Maria Adelaide por encomenda do Teatro Popular do Sesi de São Paulo. Ficou em cartaz durante dois anos e ganhou os Prêmios Molière de Melhor Atriz (Regina Braga) e Melhor Autor.

[38](#) O filme *Aqueles dois*, baseado no conto homônimo, foi dirigido e roteirizado por Sérgio Amon, tendo no elenco Pedro Wayne, Beto Ruas e Suzana Saldanha. Foi filmado em Porto Alegre e teve pré-estreia em Gramado, no ano de 1986. Ganhou diversos prêmios, tendo sido o único filme brasileiro concorrente ao 110 Festival de Cinema Gay e Lésbico em San Francisco (EUA), em 1987.

[39](#) Teatro Cacilda Becker, no Rio de Janeiro. Funcionou nos anos 70/80 como espaço de encenações alternativas.

[40](#) “Fotografias” é um dos contos de *Morangos mofados*, dedicado a Maria Adelaide; Gladys é uma das personagens, uma loirona trintona e sedutora.

A João Silvério Trevisan

Rio, 18 de outubro de 1983.

João, querido,

recebi tua carta ontem. Grato. Andei mesmo em silêncio, saída de livro e aquelas agitações que você bem sabe. Minha cabeça fica péssima, medos, inseguranças, paranoias. Agora passou um pouco, o *Triângulo* está nas ruas e o que vai acontecer com ele depende agora dele mesmo. Eu gosto, eu na verdade nem sei dizer se “gosto” — sei que doeu muito para nascer, foi o que mais exigiu, foi o que mais trabalhei. Sou capaz de localizar qualquer frase dele em cinco segundos, de tanto que reescrevi os originais e as provas.

Mas não estou lá nenhuma maravilha. Primeiro, duro, à beira da dureza total. Sem dinheiro sequer para mandar alguns livros (um para você, por exemplo) pelo correio. Pode? Não compra: amanhã vou na editora e peço pra mandarem. Daí te dá um cansaço, você sabe, tantos anos, tantas batalhas, e sempre esses problemas. Depois, a cidade tá um lixo, mas um lixo absoluto, miséria e violência por todo canto. Choveu potes. *Blade runner* perde. O hotel subiu horrores, não consigo me comunicar com ninguém aqui dentro. As vezes fico dias sem falar com ninguém, preciso cantar ou falar sozinho para ouvir minha própria voz.

Você me diz “não esqueça do Ivan”. Não esqueço: é o que tem mantido o homem vivo. Trocamos cartas quase diárias. Eu não vejo ninguém, não penso em ninguém mais. Várias vezes tive impulsos fortes de voltar imediatamente para Porto Alegre. Não tinha condição\$\$\$\$. Vou — ufa! — agora, na próxima sexta-feira, dia 28, a editora me dá uma passagem para lançar o *Triângulo* lá, na Feira do Livro (você agitou seu lançamento lá?). Passo algum tempo em Porto, preciso ver meu tio dentista (estou com um problema estranhíssimo: há tempos tirei um molar inferior, e o molar superior correspondente começou a crescer, porque não tem, digamos, nenhum anteparo embaixo). E Ivan então vem comigo. Aí não sei, não sabemos. A gente só sabe que quer ficar junto.

Me contas coisas muito boas. Primeiro: mudaste! Achei ótimo. Assim ficas mais livre das memórias inevitáveis, e ver São Paulo de cima é, no mínimo, um asseio. Adorei saber de *Vagas notícias* (até hoje não me

perdôo por não ter conseguido ler os originais — foi uma época em que não conseguia me concentrar em nada), e das traduções prováveis de *Em nome*.⁴¹ Adaptação para cinema inclusive, Djalma Batista não é o do *Asa branca*? Você me pergunta “sairéi do buraco?”. Sairá, sim. Sairá brilhantemente. As coisas agora vão começar a acontecer, é meio tipo ímã, uma coisinha vai magnetizando outra e outra e outra, você vai ver.

Eu aqui meio parado — concluí o roteiro para cinema de *Aqueles dois*, um longa 35 mm, cujas filmagens devem começar agora em novembro, em Porto Alegre, e dei umas forças na adaptação teatral de *Morangos*, estréia dia 22 no Cacilda Becker. Também comecei a agitar com o ilustrador *As frangas*, a história infantil que sai em janeiro — se Deus quiser — pela Nova Fronteira.⁴² Mas nada de novo. *Triângulo* me esgotou muito: estou ainda em recuperação. Gostaria muito que lesse e me dissesse algo, sobretudo da última história, *Pela noite*, que tem muito a ver com as nossas vivências e as nossas conversas e as nossas procuras. E talvez um pouco impiedoso demais com o gueto gay, não sei se “impiedoso demais”, não sei se o gueto merece compreensão. Eu detesto.

Falar nessas coisas — recebi um convite para o lançamento, hoje, de uma coisa chamada *Os homoeróticos* — leva como subtítulo *Os gays e lésbicas na sociedade brasileira* —, do Delcio Monteiro de Lima⁴³. Não vou, detesto lançamento (não vou lançar o *Triângulo* a não ser na Feira), mas achei curioso. Cá com meus botões, continuo a pensar que homossexualismo não existe.

Me dá notícias. Te quero bem sempre. Mesmo que eu viaje (e viajo até PA), pode escrever pra cá. Recebe um beijo grande, teu

Caio F.

⁴¹ Refere-se aos livros de João Silvério Trevisan *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*, que foi publicado em 1984 pela Ed. Global, e *Em nome do desejo*, livro de 1983 que teve sua terceira edição lançada pela Record em 2001.

⁴² Uma terceira edição de *As Frangas* saiu em 2012 pela Nova Fronteira.

⁴³ Livro publicado pela Francisco Alves.

A Jacqueline Cantore

Porto, 1º de novembro de 1983.

M'r'len,

ótimo receber tua(s) carta(s) hoje de manhã. Não sei se tenho muito o que dizer, também estou ainda em estado de choque. A gente não podia imaginar que Ana realmente conseguisse ⁴⁴. Ou podia? Primeiro chorei e senti medo e pena. Deu vontade de deitar, dormir três meses. Aí reagi, tomei banho, fiz a barba, botei uma roupa bem limpinha e fui assistir ao último dia do *Leiteiro*. Que foi lindo. A casa cheia e a plateia aplaudindo em pé no final. Clélia (que melhorou incrivelmente) empacou no final e repetia, com cara de louca: “Eles vêm nos matar porque nós sobrevivemos ao fim do mundo.” O tempo todo eu sentia que, se tivesse algo a dizer (ainda) para Ana C., estava tudo naquele texto. Uma choradeira coletiva nos camarins depois.

E então sair com Ivan — tão lindo, mais lindo ainda —, tomar um vinho, depois vir dormir. E não conseguir: na minha cabeça, Ana C. parada à beira de uma janela. Pensamentos mórbidos: o que ela teria sentido um segundo antes de se jogar no espaço. Depois do choque, certa raiva. Com que direito, Deus, com que direito ela fez isso? Logo ela, que tinha uma arma para sobreviver — a literatura —, coisa que pouca gente tem. Pedi a Deus que não permitisse que ela ficasse muito tempo no limbo onde ficam os suicidas. Terá ouvido? Deus não andarão com aquela surdez provocada pela poluição sonora?

Tudo muito horrível. Uma entrevista com Maria da Conceição Tavares na *IstoÉ* mais uma matéria no *Jornal Nacional* sobre os efeitos de uma possível (e provável) guerra nuclear (uma espessa capa de fuligem cobriria o planeta, ficaria noite durante muitos anos — *Leiteiro* perde) me deixaram mais apavorado.

Ai olho para I. ou fico horas com Rodrigo no colo — e a vida existe e também é bonita. E se renova. Tem lados de luz.

Rodrigo: me pareceu extremamente familiar, Odeia barulho, muita gente — é eu superquietinho. No dia que cheguei, levaram ele no médico e está com um problema relativamente grave, mas comum em bebês, um hérnia escrotal. Um dos testículos não desce, coisa assim. Vai precisar fazer cirurgia, mas é rápido. Só que Cláudia chorou horrores.

Nair ficou supernervosa. Eu com meus botões pensava, não podia dar outra. Ascendente Scorpio e ainda por cima Saturno começando a fazer a conjunção do Ascendente (que é 11° 20'). Mas tá tudo bem.

S'as que a cidade tá linda. Tem uns ipês roxos roxos roxos derrubando as flores, então ruas inteiras atapetadas de roxo. Sexta e sábado foram dias lindos, claríssimos, céu e sol luminosos. Como alegria de efeito estufa dura pouco, domingo começou a chover torrentes e só tá parando agora.

Gracias pelas duas críticas (?) ao *Triângulo*. Cá entre nós: achei inteiramente, mas bota inteiramente nisso, idiotas. A da Bella Josef (o nome é fantastish...) é um amontoado de adjetivos. A outra nota diz mais ou menos assim porra-todo-mundo-diz-que-é-bom-pra-caralho-então-eu-vou-dizer-olha-é-bom-mesmo-mas-também-não-TANTO-assim. Haja. Fiquei lendo a matéria da Ana C. na Folha. E dá uma dor. Lembra daquele cara pixando ela acho que no JT, chamando de *British virgin*? Agora porque matou-se, ficou perfeita. [À margem: Horrível saber que a crise dela começou com o abaixo-assinado das famílias na vila da Gávea ⁴⁵. Aliás, Kleiton e Kledir dançaram em Salvador.] Que país, que cabeças. [...] Estou ficando cada vez mais cruel. E quero DISTÂNCIA. Umas culpas atravessam. Tivesse sido mais pacientes quem sabe? Horrível confirmação: a décima terceira voz, que eu não compreendia direito — é que foi escrita praticamente toda para Ana — agora faz todo sentido do mundo. Fica claríssima. ⁴⁶

Ontem, com uma puta chuva, nos tocamos eu e I. para os autógrafos de Tania Jamardo na Feira. Pasmé: ela simplesmente NÃO FOI. No que fez muito bem, também acho.

Eu por aqui, não sei direito de mim. Pausa, compasso de espera:

a casa, para voltar, quando? Me sinto bem aqui. Tem I. Não dá para explicar. Alguma coisa em mim alivia, fica inteira, fica calma. Além de lindo, ele é leve, leal, e está ao lado. Eu tenho certeza absoluta que ele está do lado. Não há esforço. Tudo bem simples. O Jary também tá ótimo. Gorda ⁴⁷ faz questão que eu te mande este jornalzinho de Canoas e diz para prestares atenção na concordância da chamada de capa para a entrevista dela. Denise Liége em crise. Fiquei observando. Beira às vezes Ana C. Crise 50% teatral — mas perigosa, de repente você perde o pé e de tanto fingir que está profundamente infeliz, acaba não sabendo mais separar o palco da realidade. E aí a gente sabe o que acontece,

não?

Adorei o recado da Patricia Dumont — vou escrever para ela. Mas não sei se mando aos cuidados do Edgar, para a joalheria ou se tento descolar o endereço daquela amiga com quem ela está morando — me parece que é uma quitinete em Copacabana ali pela Barata Ribeiro. Se souberes, me informa.

Encontrei Marquinho Franchetti!, que perguntou por ti. Estão ensaiando o García Márquez e — grande notícia — Lulu Martini volta aos palcos! Estou marcando aqui enquanto I. foi cortar o cabelo no Scalp, depois nos encontramos no Cinema São João para ver *Superman III*, depois temos um convite para jantar com Graça Nunes e Clélia Admar. I. queria saber se precisava usar aquele Comander número ⁴⁶. Eu fui da opinião que não: além da redundância, os pés não caberiam sob a mesa. Mesmo assim, acho prudente ir de botas.

Diz a Cacaia que fique bem calminha. Tá tudo bem, já passou. Fico preocupado com GM. Mas afinal, se nascemos neste tempo exato, devemos ter aprontado boas noutra encarnação. E tem o seguinte, meus senhores: não vamos enlouquecer, nem nos matar, nem desistir. Pelo contrário: vamos ficar ótimos e incomodar bastante ainda. Cuide-se bem, você.

Encontrei na Feira um livro chamado *Entrevero de causos* — queres que te mande? Ah: a Faixa Sanitária é um FATO. Fica com Deus, um beijo do

Caio F.

PS – Nana Caymmi foi VAIADA aqui. Um lugar chamado Star Club, na Assis Brasil. Tudo muito triste.

PS – Tem coisas boas: viste que o Sergião ⁴⁸ ganhou os dois prêmios de Brasília (popular & erudito)? Mais o roteiro. E Tizuka NÃO levou!

⁴⁴ Refere-se ao suicídio de Ana C., ocorrido em 29 de outubro de 1983.

⁴⁵ Esta história é mencionada em meu livro sobre Ana C.: Ana Cristina Cesar — O sangue de uma poeta (2ª. ed. Editora egalaxia, 2016), capítulo final.

⁴⁶ Refere-se à narrativa “Dodecaedro”, integrante do livro *Triângulo das águas*, em que há um jogo dramático de 12 vozes mais uma, esta 13ª entremada ao longo da história. Segundo nos informa Jacqueline Cantore, a narrativa origina-se de uma forte experiência de terapia de grupo vivida por Caio num retiro de fim de semana prolongado no ano de 1981.

⁴⁷ A atriz gaúcha Eliane Steinmetz

[48](#) Trata-se do documentário média-metragem *Mato eles?* de Sérgio Bianchi, o cineasta radicado em São Paulo com quem Caio viria a dividir apartamento e para quem escreveria o roteiro do longa *Romance*, lançado em 1988.

A Luciano Alabarse

Sampa, 28 de maio/84.

Luciano, querido,
foram muitas correrias, não deu pra gente se ver nem falar direito. Pena. Mas *there will be time, there will be time*. Cheguei quarta de Porto, na quinta fui para Piracicaba (foi ótimo), voltei sexta e ontem, domingo, mudei.

A casa — bem, a casa é ótima! Simpaticíssima e grande, tem dois quartos aqui dentro, mais dois lá fora e — pasme — uma roseira no pátio. Ricardo Blat vem amanhã do Rio para tratarmos das coisas objetivas, aluguel, contas. Eu meio perdido em relação às coisas tipo cai-na-real, mas com uma certeza boa & inabalável que tudo- tudo-vai-dar-pé.

E vai. Minha sinopse foi aprovada por Bruna/Ricceili/Guga, virou pré-roteiro para talvez inaugurar a série. Hoje tem reunião e, a partir do dia 10, já começamos a receber. Estou ainda na função de desarrumar malas e arrumar cantinhos, não tive tempo para pôr no papel as histórias para Regina. Mas vai sair.

Hoje é o primeiro dia que fico só em cerca de 20 dias.

Tenho aprendido coisas que ainda estão vagas dentro de mim, mal comecei a elaborá-las. São coisas mais adultas, acho. Tem sido bom. Amigos cintilam em volta, estendem a mão na hora certa. Você vai se enriquecendo em fé.

Carta rapidinha & dispersa. Estou a postos para a estreia de *Reunião* ⁴⁹ — dia 13 tenho que estar em Londrina para uma palestra, dia 14 estarei aí, morto de saudade & curiosidade.

A cidade está inacreditavelmente cheia de shows e filmes e peças — tem de Alberta Hunter a Arrigo Barnabé, passando por Caetano, Nana, Marina e até Belchior (de volta: Tania Faillace gostaria). Fui ver *Christine*, a história do automóvel tarado, e adorei. Vi *Purgatório*, do Mário Prata, mas é abobrinha demais.

Pessoal dos *Morangos* entusiasmado: pintou \$ para a produção e já estão fazendo ensaios corridos. Amanhã começo a acompanhá-los. ⁵⁰ Venha quando quiser, ligue, chame, escreva — tem espaço na casa e no coração, só não se perca de mim. Vai a nova direção, votos de bons

ensaios e um grande beijo do seu

Caio F.

PS — Beijo no Ernesto

[49](#) Trata-se da peça *Reunião de família*, adaptada por Caio do romance homônimo de Lya Luft e dirigida por Luciano Alabarse, tendo no elenco Clélia Alabarse, Eliane Steinmetz (a Gorda) e Ivan Matos, entre outros.

[50](#) Morangos mofados foi levado à cena em 1985, com direção de Paulo Yutaka.

A Luís Artur Nunes

Sampa, acho que 25 ou + ou – isso/junho-84

Luizar, maninho, estive em PoA para a estreia de *Reuniao &* trouxe tua cartita supimpa, tá aqui do meu lado. Tô te mandando junto esta matéria da *IstoÉ* de hoje, que me poupa de contar pelo menos as notícias da área teatral — tô meio sem tempo, cheio de trabalho & inteiramente devasso. Vai daí que muito compreendo todas as lascívias que me contas... E dou força total. A minha vida sexual tá parecendo uma versão latino-americana & gay do *Mulheres*, do Bukowski, ando até pensando num texto chamado *Os homens que eu tive*. Mas de ontem prá cá me deu um enjoio total e só cometi um pequeno felácio.

As cōsas mudaram muito e muito rápido: eis que Ivan, o belo, não me quis mais — quis morrer de dor, mas decidi que sou ótimo. Vem+daí+que (novo gauchês de autoria de Jackie) fui à luta; Ricardo Blat me passou a casa dele aqui em Sampa — a dois passos do Ibirapuera —, com o básico dentro — e eis-me aqui há cerca de dois meses, nem tanto, perfeitamente instalado. Neste exato momento, meio-dia de um domingo, estou inaugurando a escrivaninha que comprei sexta num Lixão. E lindimensa. Na minha frente tem seis rosas brancas com uma foto de James Dean. Pela janela vejo a roupa que lavei de manhã — uma camisetinha Velô (do Caetano), outra Ritchie, um macacão branco, jeans (naturalmente) e, vezenquando, as coxas do Wilson, um jogador de futebol que resolveu morar comigo há dois dias. Estou fazendo ele mudar de ideia hoje. Vejo o sol, um céu azul (azul-Sampa, com limites, claaaaaro) e uma roseira belíssima (daquelas pinks) que trato com desvelos neurótico-possessivos. A casa é imensa, tenho quatro quartos e vizinhos ótimos — uma atriz-cantora, Vera Barbosa, um publicitário-artista plástico, Gustavo, & um diretor teatral, Roberto

Lage. *Un petit Village*. Daqui a pouco vou começar a ouvir a nova Laurie Anderson e não paro mais. Quarta cheirei toneladas [...] e hasta hoy no me recuperei. Não puedo me drogar. Questão de saúde, infelizmente: desequilíbrio total. Fico depois comendo e vomitando sem parar, linha Petra von Kant.

Mas tchê, vai tudo de vento em popa. Fora o teatro, estou com TV, roteirizando duas séries — uma, *Joana*, tipo *Malu mulher*, com Regina Duarte; outra, *Ronda*, sobre Sampa, com Bruna e Ricceili. Para a segunda, já tive aprovado um roteiro, *A hora do capeta*, que Paulo José gosta e quer dirigir. Axé! Para a primeira, tenho a primeira reunião na terça-feira, vou apresentar duas sinopses ainda sem título — uma delas sobre homossexualismo e suicídio & criação literária; a outra, sobre sexo-por-telefone (como?) — digo, massagistas, aquelas coisas — a mãe da Joana (que é uma jornalista), Cacilda Lanuza, entra numas com um profissional. Táxi Boy — adoro essa expressão — tem uma música do Raul Seixas que posso usar como fundo. Fui com Regina ver Caetano (lindo, decadentíssimo, bêbado, analisado e blasé). Ele fará a música de abertura da série toda. Tenho andado cercado de estrelas, e meu maior medo — agora que começou a chover na minha horta — é virar moda besta. Me cuido, não viro arroz de festa, nem dou festas (só dei uma e me arrependi a-mar-ga-men-te: cinco dias de faxina ininterrupta & o último LP de Ro-Ro — em fase krishnapornô (inenarrável) — que desapareceu).

Bueno, com tantos agitos, a literatura tem ficado em segundo, quizás terzero, plano. Quero dizer *Passo da Cuanxuma* ⁵¹. Luiziar, TENHO QUE ENRIQUECER COM URGÊNCIA. Não digo enriquecer, but. Pelo menos poder passar um ou dois meses aí com vocês. Então vamos lá. TV é demência, mas a vida é demência, e como a produtora é independente não tem massacre global, pode dar certo (as séries serão exibidas — *Joana* a partir de julho, *Ronda* de agosto — na TV Manchete, América Latina & maybe Europa). Hope so. Cabeça cheia de ideias, mas tantos amores, tantas sinopses, tantas faxinas (ando me virando com grana, a TV não começou a pagar, só tenho biscates bons, mas irregulares), o tanque cheio e tantos shows em SP e filmes e peças. Bueno. *Quilombo* do Cacá Diegues é uma bosta: fantasia originalidade do Copacabana Palace perde; já *Memórias del cárcere*, Nelson Pereira & Graciliano, é lindo y muy fuerte. Em cartaz tem repertório do Antunes Filho com *Romeu e Julieta* com música dos Beatles (a última é *A little help*, a primeira *Here comes the Sun*) — mais Nelson Rodrigues e *Macunaíma*. Inenarráveis.

Em Porto (alagada: o sertão vai virar mar) estive várias vezes com Clarissa, mais linda que sempre, mas não com Rosinha Marcovici. Fui e

voltei de Porto inúmeras vezes. Agora cansei. Adoro Sampa. Amo Sampa. Só saio daqui pra New York ou Passo da Guanxuma. Fui a Santiago do Boqueirão no Centenário receber (com Romanita) o título de santiaguense ilustre, passei dois dias em Alegrete (pensei no Guto o tempo todo, ganhei uma capa marroquina e viajei de cara limpa o tempo todo), Uruguaiana, Itaqui, Santa Maria. Ah — a fronteira. É aí que você entende Borges, fecha a Gestalt. Falar nessas, semana que vem começo curso de terapeuta no Centro de Valorização à Vida, farei plantão telefônico uma vez por semana. Estou trabalhando numa peça nova a chamar-se talvez *Overdose, uma história de amor*, dedicada a Carlinhos Hartlieb ⁵². Ando feliz, cheio de fé, Fase new-wave, escorregando às vezes para o after-punk, mas virginianos sempre acabam fazendo uma faxina, fazendo a barba, lavando as meias, as cuecas, tomando vitaminas e andando de bicicleta no parque. Graças a Deus — que existe e, lá de cima, tá vendo tudo. Batalho ferozmente a minha paz. Descobri um motorista de táxi poeta, fantástico e belo (tipo Giuliano Gemma), quero lançá-lo tipo Carolina Maria de Jesus, cê acha que rola? Rock de garagem é o must aqui, o melhor é o Ultraje a Rigor e o Kid Abelha e os Abóboras Selvagens. Caetano sempre na frente de todos canta *Podres poderes* onde puteia do Papa Maria Wojtila a Décio Pignatari. Haja... James Dean continua me olhando: ainda como este rapaz. Cuidado com as emoções. Te amo sempre, meu irmão lindo, e à distância te beijo e ao Guto e ao Paulo e à Rosinha (já voltou?) e a tudo mais. Axé.

⁵¹ Passo da Guanxuma é a cidade fictícia à qual Caio sempre planejou dedicar algo amplo, um romance mesmo. Era uma projeção imaginária de sua Santiago do Boqueirão natal. Aparece em *Limite branco*, no conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, e é referida em outras passagens (contos, crônicas, cartas), assim como no romance *Onde andará Dulce Veiga?*. Em *Ovelhas negras*, Caio incluiu um esboço do que seria o primeiro capítulo do romance.

⁵² Músico gaúcho, autor das trilhas sonoras de montagens de *Sarau das 9 às 11* e *Pode ser que seja só leiteiro lá fora*.

A Luciano Alabarse

Sampa, 09 de julho de 1984

Luciano, querido irmão,
são 23h30m, lua quase cheia, rapazes jogando futebol na rua — eu tentando te escrever esta carta desde às três da tarde. Veio gente: Vera Karan está dormindo aqui (manda beijo), Sérgio Bianchi [...] não quer voltar pra casa há dois dias. Eu, tentando trabalhar, telefone tocando. Mergulhei numa... crítica teatral. A Marta Góes não quer mais fazer teatro na *istoÉ* e eu aceitei dar umas peruadas — só de vez em quando e coisa que estiver a fim. Aguarde.

Tua carta me preocupou. Estás triste e não me venhas com essa de separação do Ernesto. Numa boa que eu não acredito. Prepare-se: vou falar Coisas Duras. Na minha sincera, desinteressada e afetuosa opinião de quem quer te ver feliz: tua relação com o Ernesto não existe da maneira como você pensa. Eu me atrevo a achar. Luciano, desguia, entra noutra, arruma um namorado novo, gatinho sem problemas, que dê cama & carinho. É simples e gostoso. Por que não? Não se puna. Não finja que-os-problemas-foram-superados-e-tudo-está-num-ótimo-astral. Chama uma Ro-Ro, vira a mesa de vez e parte pra outra. Você, como qualquer ser humano, precisa de amor — e como ser humano legal e especialíssimo, merece amor de uma pessoa bonita. Não de uma pessoa TRANCADA como é o Ernesto (o que não me impede de gostar muito dele). Você tem que ser mais Escorpião e cortar fora a parte ferida. Chega de meias-solas e paliativos. Na minha opinião, você precisa de UMA BOA CAMA (ou várias) [...]. Toma um porre, fuma um baseado, mas por favor — desguia. Daqui faço força e peço desculpa pelo atrevimento do toque.

Quanto a mim, aconteceram — oh! — algumas tragédias do coração. O. veio de Londrina, ficou na casa de uma tia e chegou com um papo que-nossa-relação-tinha-feito-mal-a-ele-e-queria-que-ficássemos- apenas-bons-amigos. Eu disse que nem-pensar-amigos-tenho-ótimos-e-você-eu-queiro-na-minha-cama-e-nos-bra-ços. Diálogo ridículo, ele dizendo que eu era um-mito-para-ele, e eu dizendo que os mitos-também-trepam. Tudo isso em pleno Rádio Clube, no meio de um show de Angela Ro-Ro. Nada mais perfeito. Tomei um porre de vinho, Lucy

teve que me trazer em casa. Chorei a noite toda, dei vários telefonemas desesperados, Fernanda Abujamra veio me dar colo, à noite saí com o Ruy e fui ao teatro & jantar. Sobrevivi. Hoje é segunda-feira (foi sexta, o modelão) e só me puteio por te me enganado OUTRA VEZ. Mas gosto de perceber que as dores são cada vez mais rapidamente superadas.

Acabo sempre no velho Oswald: “o amor, ah o amor, o quero porque quero da vida.” E quero, como quero. Vai pintar. Não sossego, embora saiba que *Esperando Godot* perde para essa ansiedade impossível da Condição Humana insaciável com Maiúsculas. Haja. No mais, uma batalha fudida de grana. Tipo batalhar cinco paus pra pegar um ônibus. Regina, a Duarte, aceitou duas histórias minhas (uma chama-se *Pronto-Socorro Sexual*, sobre prostituição masculina; outra, sobre um poeta suicida, *Fragmentos do coração*). Está rolando, mas rola devagar, e só pagam quando aprovado, etc. & etc. Peguei mais revisões insanas para a Brasiliense e passo o dia trabalhando, trabalhando, na cozinha, na máquina, no tanque. Casa limpinha, mãos em pedaços e cama vazia (desencostou a Pomba Gira, graças a Deus!). Um olho meio temeroso em relação ao futuro, o jantar de amanhã, a conta telefônica. Bem difícil. Mas vamos indo. A grana da SBAT daí não chegou aqui, daí me deram um adiantamento de 100 mil que me salvou a pele por uns dias. Let it be. Deus dará, Deus dará.

Sexta recebi uma carta *inenarrável* do I. Me deu até impulso de responder apenas com estas palavras: ME POUPE. [...] Saudável perceber que superei total — mais até: que não tenho o mínimo respeito intelectual por ele. Mas tristinho parar e pensar: ah, então foi pra ele que eu dei meu coração e tanto sofri? Amor é falta de QI, tenho cada vez mais certeza.

By phone, Lya me dá boas notícias sobre *Reunião*, inclusive crítica linda de Antonio Hohlfeldt [À margem: send me a xerox, please] — eu por aqui ainda não consegui encaminhar cópia a ninguém (a Lya cobra, cobra, cobra., haja). Tô trabalhando demais e morto de vontade de escrever minhas próprias histórias e sem tempo nenhum. Fui ver *Memórias do cárcere* e *La nave va*, adorei. Sinto falta de abraço e beijo na boca e mão na mão de namorado. Choro às vezes e durmo pesado. São Paulo é droga pesada. Sergião, o Bianchi, tristíssimo com a morte de um amigo-irmão, de AIDS, em New York. Nuvens negras.

Insistimos. Sobrevivemos.

A casa tá limpinha, o incenso queima, a roseira tá — medo — sem nenhuma rosa no momento, quarta vou jantar com Maria Adelaide Amaral e quinta ver *Bailei na curva* (o Julio Conte ligou hoje). Fica feliz. Vou fazer feitiço branco procê arrumar namorado lindo. [...] Você é maravilhoso demais, menino. Se convence, tchê. Me queira bem sempre. Sinto saudades fortes. Faz pensamento bom pra minha cabeça e meu corpo resistirem impávidos & legais, preu achar um moço que diga que sou bonito e não vive sem mim. Te beijo. Te cuida bem. Axé, vários axés. Carinho sempre do teu

Caio F.
(*atualmente em fase pouco F.*)

PS — Beijo na Gordá.

Sampa, 11 de julho de 1984.

Luciano,
segunda parte — não tive tempo de ir ao correio, críticas, resenhas, roteiros, reuniões: batalhas e, nesse *ínterim* (acho que é a primeira vez que uso essa palavrinha, não é ótima?) recebi uma carta da Lya. Ela pede [...] que eu converse com você sobre a possível adaptação da *Asa esquerda* ⁵³, que você-quer-montar-e-ela-só-permite-se-eu-adaptar-&-etc.

Bueno, muitas coisas, nada definitivo.

Minha primeira pergunta é: você está REALMENTE a fim de fazer esse trabalho? Ou só falou en passant e a Lya imediatamente entrou numa? Na segunda hipótese, esquece, deixa pra lá; na primeira — pergunto eu: você já pensou bem? Você tá a fim de mergulhar tão completa e longamente no universo luftiano? Não seria uma insistência numa coisa que você já foi ao fundo, com *Reunião*? Para o teu trabalho, não seria melhor partir para outra coisa comple-ta-men-te diferente? Pensa nisso.

Quanto a mim: não me sinto atraído pela ideia. Primeiro porque acho que *A asa* daria um filme, não uma peça. Segundo porque não me sinto muito a fim de ficar de adaptador oficial nem de Lya nem de ninguém. Terceiro porque meu tempo é escassíssimo, e vai ficar cada vez mais. Mas é coisa de se conversar e ver. Mas não acho que esse trabalho pudesse me enriquecer como enriqueceu o *Reunião* — a não ser que fosse uma adaptação cinematográfica.

Está acontecendo que estou ficando meio aflito por não ter tempo para o meu próprio texto. Ando morto de vontade de escrever, e não encontro jeito. Me comprometi (guarde segredo) com Suzana Saldanha para escrever um espetáculo (ou reescrever algumas coisas que eu e Luiz Arthur fizemos tempos atrás); a Brasileira me cobra o Rimbaud para outubro — e este é uma coisa que eu QUERO muito fazer ⁵⁴; tem todo o trabalho da *IstoÉ*; Manoel Carlos e Regina Duarte, numa reunião exaustiva, ontem, decidiram fazer uma das minhas histórias — *o Pronto-Socorro Sexual* —, tenho que fazer o roteiro final, para passar à outra, o *Fragmentos*; Mário Prata me pede o roteiro cinematográfico de *Besame mucho*; Sérgio Bianchi quer outro roteiro original e diálogos para um roteiro já pronto (*Romance*). Estou cansado, cansado, cansado.

Tomando ginseng, catuaba, guaraná.

As coisas aceleraram muito. Não consegui trabalhar naquela peça nova que te falei: não há tempo. A Brasiliense me entupiu de copydesks mal pagos, que tenho que fazer porque preciso. Então, a questão é: como encaixaria *A asa* no meio disso tudo? Principalmente se não é um trabalho que me excita a cabeça? Tentando ver a coisa não só do meu ponto de vista, acho que não acrescentaria nada também ao teu próprio trabalho.

Agora parei um pouco e pensei que tudo pode ser um apressamento da Lya, e que portanto estou também me apressando. Mas previamente, é isso.

Vou conseguir um tempinho hoje à tarde para ver *Fanny e Alexander*. Me pagaram ontem na Art-Vídeo, acho que vou ao Rio.

Preciso de um colo que ninguém dá. Mas tudo bem.

Beijos, carinho. Me escreve ou liga.

Caio F.

[53](#) Trata-se do livro *A asa esquerda do anjo* (1981), de Lya Luft.

[54](#) Caio acabou não fazendo o Rimbaud para a Coleção Encanto Radical da Brasiliense.

A Luís Artur Nunes

Sampa, 20 de julho de 1984.

Luizar, querido,
tua carta me deixou meio confuso — você não recebeu uma que mandei há mais ou menos um mês, CHEIA de notícias? Pelo visto, não. Tô aqui, de volta, faz uns três meses. Sampa é karma gostoso, vezenquando *heavy karma* (não é um bom nome para um grupo after-punk, com a influência hare-krisbna?). Mas adorei e vai-se levando. Tô numa casa de quatro quartos, sozinho, e portanto inteiramente às ordens quando você vier, por curto ou longo tempo. Trabalho, trabalho & trabalho: mal dá para o aluguel, o telefone, umas comidinhas — pouco mais. Roupas? Nem pensar. É a tal crise. O Brasil semimorto, confusão generalizada e um travesti, Roberta Close, eleito como máximo símbolo sexual do país. Não é funny? *C'est pas un pays serieux*, não é?

[...]Sinto sua falta e gostaria imensamente de voltar a trabalhar com você, podemos agitar isso na sua volta — tenho sempre na cabeça o *Carmilla* ⁵⁵ (ou Millarca, ou Mircalla). *Ôtra cosa*: Suzana, la exuberante Saldaña, me pede que eu re-curta o *Sarau* para que seja montada no Rio (contatou uns diretores, entre eles Domingos Oliveira e Wolf Maya). ⁵⁶ Eu ainda não tive tempo de mexer no texto (estou mergulhado numa tradução de — paixão — John Fante, *Dreamsfrom Bunker Hill*; na revisão de *O ovo apunhalado* — sairá uma nova, chiquíssima, aguarde ⁵⁷; num roteiro para La Duarte — tudo com prazo) — mas penso em manter o melodrama, mexer na primeira cena, manter os bonecos chineses, enfim, ainda não sei ao certo. Como é um trabalho que fizemos, eu e você, juntos, e para que não aconteçam rolos *cadianos* posteriores, acho que seria necessário, antes de mais nada, uma autorização sua. Pense nisso e veja se você tá a fim — o crédito de autores seria nosso, claro. Luizar, andei tão china, trepei como nunca na vida, de ficar ardido. Não sei ao certo o que aconteceu, me encostaram umas frangas fortes. Agora tô mais calmo. Ando lôco de vontade de escrever minhas próprias côsas, e não tenho tempo — é batalha demais. Tão rolando côsas legais, e eu suponho que breve até me sobrem umas granas quem sabe para passar um mês em NY no final do ano. Preciso

muito. Tá fazendo 10 anos que voltei, é Brasil demais na cabeça de qualquer um. Às vezes me sufoco. Tive que parar com a dança, não tenho \$\$\$\$. Ninguém tem \$\$\$\$. Você vai fazendo exercícios franciscanos exaustivos, reduzindo tudo ao mínimo essencial, e o resultado, claro, numa sociedade ca-pi-ta-lis-ta, é pura falta de prazer. Como anda a história da AIDS por aí? Aqui acalmou, mas correm uns horrores vezenquando, há duas semanas foi um amigo-de-um-amigo, quer dizer, foi-se. Vezenquando faço fantasias paranóica-depressivas, andei promíscuo demais. Ah que ânsia de pureza, e meeeeeeeedo da marca de Caim. Ontem fui ver o *Ensaio de orquestra*, de Fellini, e voltei encantado, o filme podia ter uma epígrafe de Caetano: “Como é bom poder tocar um instrumento”. Não é? Venha, venha & venha. Tento te introduzir nos meios televisivos, mas por enquanto o que vi é abobrinha pura — as histórias de John Fante escrevendo roteiros em Hollywood perdem. Bobajol. Vale talvez pela grana. Mas é uma coisa procê usar e cair fora. Hoje à noite vou ver show de Nara Leão cantando só bossa-nova, depois tenho um jantar com uma produtora da TV Cultura, Paula Dip, [...] um programa semanal sobre literatura, ela precisando de um assessor ⁵⁸. Mas tudo neste país rola demais nas coxas, não há penetração, entende? Como diz John Fante: “*Please God, please Knut Hamsun, don’t desert me now*”. Estou apaixonado por ele. Dos americanos, é a coisa mais apaixonante que li desde Salinger (imbatível), Procure *Ask the dust*, e preste atenção nos sapatos de Camila. Manhã de sexta-feira, meio-dia em ponto, pela janela aquele céu semi-azul de Sampa e uma enorme rosa cor-de-rosa brotada ontem. Tenho que sair, pagar a conta telefônica, ir ao correio, depois me *vuelvo* para trabalhar. Sei que Paulo Renato está no Rio, só não sei como achá-lo, e fico à espera que ele me ache. Lamentei não ter visto Rosinha Marcovici, mas adorei cruzar Clarissa (como ela é linda, tchê: é uma *petite* Gretá Garbô, não?). Beije Guto por mim, e diga a ele para ter cuidado com AIDS e overdose — são meus maiores meeeeeeeedos (esse tipo de medo — gravíssimo — você só consegue tapando o nariz com o polegar-e-o-indicador). Graça, la Medeiros, diz que vai até aí em setembro. Me espanto com a facilidade com que as pessoas conseguem dólar\$. Não tenho, definitivamente, a menor capacidade para tal coisa. Mas me dá notícias, cuide-se bem. Beijo grande & mucho cariño do

Caio F.

(the Christiane's brother)

PS — Toque bem alto e forte seu instrumento.

[55](#) *Carmilla* é um clássico do romance gótico, de autoria do inglês Sheridan La Fanu, que Caio e Luiz Arthur planejavam adaptar.

[56](#) A peça *Sarau das 9 às 11* fora escrita a quatro mãos por Caio e Luiz Arthur Nunes e montada em 1976 em Porto Alegre pelo Grupo de Teatro Província, do qual faziam parte também José de Abreu e Suzana Saldanha. Os textos teatrais escritos por Caio solo ou em colaboração com Luiz Arthur estão reunidos no livro *Teatro completo*.

[57](#) A segunda edição revista de *O ovo apunhalado* saiu pela Editora Salamandra. Há uma terceira edição, publicada pela Siciliano em 1984. Ambas se devem ao editor Pedro Paulo Sena Madureira. A quarta edição saiu pela Nova Fronteira em 2008.

[58](#) Caio tornar-se-ia apresentador do programa Leitura Livre.

A Luciano Alabarse

Sampa, 1º de agosto de 1984.

Luciano, querido,
estou ouvindo
“quero falar de uma coisa
adivinha onde ela anda
deve estar dentro do peito
ou caminha pelo ar”. São quase seis horas da tarde —
“pode estar aqui do lado
bem mais perto que pensamos” [59](#)

— fico arrepiado quando escuto. Saí há pouco no pátio, molhei as plantas. Depois fui tomar um café debruçado no portão da rua. Tem um pôr-do-sol todo rosa, com uma lua crescente (em Libra). Aí de repente me senti tão bem — é um privilégio morar em SP e poder fazer essas pequenas coisas. Podia estar enfiado numa quitinete na São João.

Tua carta me fez muito bem. E muito mal. Compreendo tudo que você diz. São coisas que me digo, também. Mas há uma diferença entre você saber intelectualmente da inutilidade das procuras, da insaciabilidade — vixe, que palavra! — do corpo e conseguir passar isso para o seu comportamento — tomar ato o que é pensamento abstrato. Os caminhos são individuais/intransferíveis.

Meu problema maior é minha própria moral — ou a que adquiri através da educação, da sociedade, não importa. Meu problema é que tenho dentro de mim, muito claros, os conceitos de “moral” e “imoral”. É que cada “imoralidade” que cometo me deixa um saldo enorme de culpa, de amargura, de sofrimento. Vide Marilena Chauí, *Repressão sexual*. Pois é. Não encontrei Deus ainda, como você. Ele não veio até mim — e digo isso lembrando de um provérbio zen: “Quando o discípulo está preparado, o Mestre vem a ele”. Ainda não veio. Ainda não estou preparado.

Mas estou mais tranquilo. E percebendo coisas: voltei para Sampa muito alegrinho, muito na-boa, muito tudo-vai-rolar. A memória da gente é safada: elimina o amargo, a peneira só deixa passar o doce. Então eu tinha esquecido que esta cidade te cobra preços altos. Ela é uma mulher (ou um homem) belíssima(o) que se oferece, tentador(a),

como se amasse, te envolve, te seduz — e na hora em que você não suporta mais de tesão e faria qualquer negócio, ela(e) te diz o preço. Que é muito alto.

A semana passada mergulhei na revisão de *O ovo apunhalado* — que está me fazendo bem, estou quase no fim. Emoções loucas ao mergulhar em textos escritos há mais de 10 anos: reintegra. Reescrevi algumas coisas. Critiquei muitas: há uma atitude de fazer-literatura que não gosto. Mas me fez bem, bem demais.

E decidi me poupar mais. Tem sido difícil. E não sei se há recompensa. Talvez, quem sabe, me sentir melhor comigo mesmo. Um I-Ching me aconselha a “limitação”: um lago não deve querer transbordar de seus limites.

Andei com problemas graves de grana — ontem Nello precisou me emprestar para o aluguel. Tudo bem, porque granas da TV e da editora (naquela linha: a sair) devem melhorar as coisas um pouco. Mas a longo prazo tenho medo. A crise finalmente chegou, e é bem nítida. As pessoas em volta, os amigos, todos na mesma situação. Num país doente como o nosso, de que forma preservar um mínimo de saúde?

Sinto falta daí. Me digo que na verdade sinto falta do colo, do conforto, do útero. E que devo ficar por aqui. Então tenho que ser forte, tenho que me exercitar em autocontrole. Claro que me pergunto pra quê? — e claro que não tenho resposta. Mas vou atravessando os dias, a casa muito vazia (Grace ⁶⁰ só vem dia 8), às vezes dói. Nos últimos dias, além de trabalhar, cozinho, faço pequenas coisas. E atravesso os dias, um pouco opaco, com breves iluminações — como há pouco, no portão, olhando o céu.

Passa um avião.

Estou cheio de fé neste agosto. Meus trânsitos astrológicos estão ótimos. Julho tinha muitos maus aspectos do Sol e o final de uma oposição Netuno-Urano: desorganização mental e física.

Não lembro se te falei: um moço de Brasília quer que eu adapte o *Pela noite* para teatro. Fiquei a princípio surpreso, depois muito entusiasmado. Estou cheio de ideias. Ele se dispõe a chamar um diretor do Rio ou SP — falou em Domingos Oliveira, ou Fauzi Arap, ou Flávio Rangel — para dirigir.

Fiquei preocupado com o acidente de La Anagnostopoulos ⁶¹ — grave, ainda mais que a saúde dela não é boa. Dá um beijo nela, faz um

carinho nela.

Obrigado pelas tuas palavras. Obrigado pela tua presença. Te quero sempre bem. Um beijo do

Caio F.

[59](#) Trecho da letra de *Coração de estudante*, de Milton Nascimento e Wagner Tiso (1983).

[60](#) Grace Gianoukas, atriz de origem gaúcha, radicada em São Paulo.

[61](#) Maria de Lurdes Anagnostopoulos, atriz gaúcha.

São Paulo, 24 de agosto de 1984
(não é aniversário do suicídio de Getúlio?)

Luciano, querido,
uns dias *assoberbados* — e eu sem tempo pra te escrever. Um dia azul lindo, depois de chuva e frio. Azul, azul. Blue. Passei quatro dias no Rio — fui entregar os originais do *Ovo* ao Pedro Paulo, fazer urna entrevista com Ney Matogrosso para o *Around* (o show tá lindo) e, last but no least, ver Pedrinho.

Bueno.

Grace chega na janela. Passa urna borboleta preta e amarela. Já tinha passado uma branca.

Segunda-feira começo a trabalhar fixo no *Around*. Aí acho que as coisas se ajeitam de vez. Pelo menos no plano prático. Com Grace aqui, tudo melhorou muito. As granas também começaram a rolar melhor. Vou retomar o Violla. Talvez também a terapia.

De ontem para hoje, estou um pouco cansado e melancólico. Esses azuis do céu — uns sopros de primavera — te deixam mais consciente da falta de saúde de Sampa. Hoje acordei com vontade de estar, por exemplo, em Porto Seguro. E então deitar na areia, embaixo de uma palmeira, e olhar o mar. O mar momo e verde. Tenho tido fantasias assim, de felicidade e preguiça tropical. O que é sinal de que Sampa está cansando. O que é natural.

Mas tudo bem. Botei o colchão no sol. Botei também — dia de Oxalá — as azáleas brancas que Tuio ⁶² me deu. A roseira tá carregadinha. Falei bastante com Lya, por telefone, no Rio. Não deu pra encontrar. Ela me contou as histórias sobre *Reunião*. Ai, atores. Bem faz Antunes que diz que ator é parafuso e trata todos com rédea curta? Suponho que sim. Pelo menos o resultado, no espetáculo, é aquilo que você vê. Fui ver *Carmen*, de Saura, e meu sangue espanhol ferveu. Quanta paixão. Dá vontade de sair dançando flamenco. E dá uma outra coisa: vontade de viver a humanidade do corpo, com seus vendavais de ciúme e impulsos homicidas e traições e sedes trágicas.

A propósito: depois de uma noite linda com Pedrinho, [...] a última imagem foi a ponta do dedo indicador dele acariciando a ponta do meu dedo indicador através das grades da janelinha do elevador. Cena de cinema. E a voz dizendo que vinha a São Paulo daqui a uma, quem sabe

duas ou três semanas. Porta do elevador fecha enquanto sobem os créditos.

Pausa. Telefone. Falo com a Brasileira e com a *Capricho*. Grace me traz dois morangos e uma torrada.

Tua carta me parece triste. É mais uma vibração do que uma observação intelectual. Assim — perdão — como se estivesse deixando tudo acontecer mais no plano abstrato, porque o real-palpável não está te dando satisfações. Claro que posso estar enganado.

Leio *O perigo do dragão* ⁶³, de Bruna, que é lindo. Nos intervalos, rebato com Allen Ginsberg. Muita poesia.

Têm me vindo frases na cabeça. Vou anotando. Ontem, urna, tão insistente, assim: “Fiquei ali parado, procurando alguma coisa que não estava nem esteve ou estaria jamais ali”.

Leve melancolia. A cara de James Dean num postal encostado á um potinho de cerâmica, com algumas margaridas.

Cuide-se bem.

Um beijo e muito carinho do

Caio F

Luciano, já estava com a carta pronta ontem, quando aconteceu uma coisa e não deu pra colocar no correio. Reinaldo Moraes ⁶⁴, aquele meu grande amigo, foi visitar a mãe dele, por volta de meio-dia, e encontrou-a morta, caída no chão da cozinha. O pai dele havia morrido há pouco mais de um ano. Reinaldo é filho único, os parentes poucos e muitos velhos. Resultado: alguns amigos tiveram que segurar junto. Quando vi, estava no meio da coisa. Tipo vestir a morta, agitar o caixão. Essas coisas. Eu nunca tinha visto ninguém morto, exceto Elis, no caixão. Fiquei muito impressionado, mas fui mais forte do que imaginava. O enterro era hoje de manhã, mas não tive coragem de ir, depois de ter ficado no velório ontem, até tarde. Tenho impressão que alguma coisa na minha cabeça muda. E muda forte. Não sei bem o quê. É como se estivesse muito mais velho. Assim como se um contato frontal com a morte fosse a única coisa que faltava para ficar definitivamente adulto. Pois é. Era terrivelmente real. E feio. E vazio — alguma coisa já não estava mais lá. A alma? Pode ser.

Cheguei em casa muito mais tarde e encontrei aquele fascículo do IEL ⁶⁵ sobre a Lya. Fiquei lendo, me acalmou. Está lindo. Acho que entendi

mais o trabalho dela. Acho que eu entendi mais uma porção de coisas.
Será?

Mas é isto. Espero uma notícia sua. Beijo do

Caio F.

[62](#) Tuio Becker, crítico de cinema, escreveu muito tempo no jornal Zero Hora.

[63](#) Livro de Bruna Lombardi, publicado pela Record.

[64](#) Reinaldo Moraes, autor dos romances *Tanto faz* (Brasiliense, 1981) e *Abacaxis* (L&PM, 1984). Adaptou para roteiro *O caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst, que veio a ser encenada em 1999, sob direção de Bete Coelho.

[65](#) IEL —Instituto Estadual do Livro, do Rio Grande do Sul, responsável pela publicação da Série Autores Gaúchos, fascículos biobibliográficos sobre os mais importantes autores gaúchos contemporâneos. O de número 19 é sobre Caio Fernando e teve uma segunda edição atualizada lançada em 1995, pouco antes de sua morte. Entre os demais autores contemplados pela série estão Moacyr Scliar, Tania Jamardo Faillace, João Gilberto Noll, Charles Kiefer e Luis Fernando Veríssimo.

A Regina Duarte

SP 17.09.84

Regina:

acho que o nosso pronto-socorro agora ficou na medida. Espero que você goste. Seguinte: no caso de haver algum problema com a Marilena Chauí, uma opção seria entrevistar a Lygia Fagundes Telles — que é uma mulher madura, bonita, sozinha e às vezes escreve sobre esse problema. Qualquer coisa, me dê um toque, a gente conversa.

Um beijo do

Caio

A Luciano Alabarse

São Paulo, 20 de setembro de 1984
(a um passo da primavera)

Luciano,

estou te devendo uma carta — mesmo assim esperei uma resposta, digo, notícia sua nestes últimos dias. Tenho andado sem tempo, desde que comecei a trabalhar aqui na *Around*. Os primeiros dias foram difíceis, o fim de agosto me pegou dentro de um ciclo depressivo — cheguei a te escrever uma carta, mas não mandei. Pensei, nossa, coitado, receber uma carta assim num final de agosto, em Porto Alegre, melhor poupá-lo.

Agora passou. Me acostumei mais. Estava muito desacostumado de trabalhar, não suportava ver principalmente as relações entre as pessoas. É tudo tão competitivo. E principalmente aqueles gritinhos de mulheres — é uma revista chiquíssima, o dia inteiro entram e saem manequins, locomotivas sociais, pessoas *in* (nada mais out que alguém que se comporta como in). Desgosto total. Fui dando uns cortes no meu senso crítico: agora atingiu o limite do tolerável. Ou do convivível.

Mesmo assim, dúvidas. Anteontem fui a uma sessão especial de um espetáculo sobre Artaud (ameaçado de não estrear: censura federal, pois é) e saí com a cabeça muito enlouquecida. Você fica pesando as médias que faz todos os dias, para poder sobreviver. O saldo é meio amargo. O radicalismo de Artaud é perturbador, porque não há média possível com eles. Problema é que, no caso dele, esse radicalismo beira os limites da self-destruction. Aí dangeriza. E eu não sei.

Lya me contou por carta do final ótimo de *Reunião*. Espero que você tenha se reconciliado com o pessoal e que, enfim, o saldo tenha sido positivo e alegrinho para você.

Estou escrevendo na redação. Esta máquina é pesadíssima. Um dia cinza. Há quase um mês estamos dentro de dias cinza, de ar muito sujo. Meu nariz sangra e os olhos ficam vermelhos. Os índices de poluição andam altíssimos. Dizem que os índices reais não são divulgados, para não causar pânico à população. Tenho andado muito de ônibus. Sento na janela e fico olhando o povo: é tristíssimo. Nunca vi antes caras tão amargas. E pobres, muito pobres. Dói de ver. E não se pode fazer nada.

Tenho feito fantasias incoseqüentes de ir morar no interior. Um dia, quem sabe. São Paulo estrangula aos poucos, e te rouba energia, e não te repõe.

A gente se gratifica como pode. Hoje quero fugir mais cedo daqui para assistir a *Merry Chrystmnas, Mr. Lawrence* — aquele filme japa com o David Bowie, do Nagisa Oshima, do *Império dos sentidos*. Apesar de que japas e cultura japa e estética japa não me fazem a cabeça. Fui ver *A balada de Narayama* e detestei: tosco demais. Bruto demais.

Dia de meu aniversário foi esquisito. Bem, sempre é esquisito. Mas parecia que estava com febre. É uma aflição, menino. O tempo todo me perguntando coisas do tipo o que fiz? será que estou agindo do jeito certo? e há um “jeito certo”? se houver, qual é? Por aí. Daí à noite apareceram algumas pessoas, Maria Adelaide, Zé Márcio, Reinaldinho. Preparei uns bloody-marys, todo mundo foi embora, ouvi uma Billie Holiday e fui dormir.

Haja.

Quase meio-dia. Ontem mandei para o Rio as provas revisadas de *O ovo apunhalado* — acho que deve ficar bonito. Mas é isto. Me dê notícias, me conte coisas daí. Quem anda por aqui é o Nei Lisboa, que eu não conhecia. Outro dia conversamos um pouquinho e achei ele ótimo.

Cuide-se bem. Muito carinho e um beijo do

Caio F.

A Maria Adelaide Amaral

Sampa, 29 de outubro de 1984.

Levinha do Amaral,
pois eis-me aqui, na segunda-feira perto do meio-dia, procurando papel branco para te escrever, sem achar (de chique a revista só tem o visual — cilada absoluta: salários baixíssimos e usura no material de redação). Fiquei todo abalado com o teu *De braços abertos* ⁶⁶. Fiquei com perguntas assim: será que isso que a gente chama de *amor* se passa sempre fatalmente em dois níveis? O da fantasia, da emoção real, poética — e o da realidade que descamba para a agressividade, para a dureza? Por que, na segunda-feira, eles (nós) não revelam a carência do fim de semana e se dizem coisas duras? Realmente, por que, afinal? Se não seria mais fácil se a verdade pudesse fluir? Um pouco mais além: mas será que a verdade poderia mesmo fluir? Será que *verdade e fluência* não se opõem, contrapõem? E coisas como: amor existe mesmo? Ou só existe o permanecer de braços abertos, como no sonho de Luisa (esse sonho podia perfeitamente ser meu), pronto(a) a receber alguém que nem sequer chega a tomar forma? E quando alguém, no plano real, toma forma, a gente imediatamente projeta toda aquela emoção presa na garganta do sonho. E fatalmente se fode, porque está tentando adequar/ajustar um arquétipo, uma imagem de toda a nossa infinita carência, nossa assustadora sede, a uma realidadezinha infinitamente inferior.

Eu não sei. Estou te escrevendo querendo dizer uma porção de coisas que não sei se vou conseguir. Não sei se tem sentido dizer que *De braços abertos* é a tua melhor peça. Mas se tem, digo: é perfeita, é quase inacreditável ver como você consegue ser emocional sem ser babaca, política sem ser panfletária, sensual sem ser grossa, culta sem ser pedante, elegante sem ser fresca. Como você consegue a medida exata da sutileza — como se o teu texto se movimentasse naquela região estreita, delicadíssima, do que a gente poderia chamar de *fímbria*. Nas fímbrias entre o desespero e a fé, entre o amor e o ódio, a luz e a treva e todos os opostos. É lindo e poderoso. Digo que não sei se tem sentido falar nisso porque acho talvez mais importante falar no que o espetáculo te deixa revolvido por dentro, no que ele provoca, atíça e traz à tona. Dá

vontade de amar. De amar de um jeito “certo”, que a gente não tem a menor ideia de qual poderia ser, se é que existe um.

E há o perdão na coisa toda: você não julga ninguém. Mesmo Bernadete ou Mário soam simpáticos, humanos. Há um grande gesto de bondade sua, de compreensão, se derramando sobre todas as personagens. Aí me lembra John Fante, do *Pergunte ao pó*, que foi o único livro que me fez chorar nos últimos anos. Como a tua peça também me fez. Chorar de compreensão meio estúpida pela perdição humana, pela nossa fragmentação, pelas nossas tentativas frequentemente tão inábeis, mas tão sinceras também, de “acertar”, de fazer as coisas “do melhor jeito”: Aí volto às fímbrias de que eu falava. Dei um soluço bandeiroso na hora em que ele fala “sabe o que eu faço aos sábados? vejo televisão e como pizza”.

Não sei se consigo te passar tudo que sinto. E vem misturado com a minha vida, com as minhas pequenas coisas dos últimos tempos.

Há quase dois meses, menos, vi a morte — e isso mudou muita coisa em mim. Está mudando. Teria que te contar devagar, com calma, como foi a história toda de ter que vestir o cadáver da mãe morta do Reinaldinho Moraes, quando eu nunca tinha visto aquilo de perto. Eu descobri que a gente morre. Eu sei agora que a gente morre. E achei feio, achei tristésimo, achei o corpo humano tão frágil, tão perecível. Fiquei doente, estou fraco, frágil, choro pelos cantos. Voltei à terapia, estou remexendo coisas fundas, dolorosas, meio perdido, com uns problemas difíceis, materiais, de grana, de saúde, de solidão. E escolhendo não morrer, escolhendo continuar, de uma forma ainda meio cega, tortuosa, não racional.

Ontem também fazia exatamente um ano que Ana Cristina se jogou pela janela. Eu tinha pensado nela o dia inteiro.

Porque chega uma hora em que você tem que escolher a vida. Eu talvez não saiba bem ainda o que isso significa, mas é claro para mim que a hora dessa escolha é agora, está acontecendo. Então ver *De braços abertos* foi outra peça que encaixou nesse quebra-cabeças cujo desenho geral mal começo a intuir. Porque ela te puxa para o lado da vida, e que não é um lado facilmente ensolarado, luminoso, leve & solto. Vou falar o óbvio de Eros e Thanatos, mas o impulso para amar, para encontrar e conhecer e mergulhar no outro, é o que nos traz para perto da vida. E é por isso que quando se está de braços abertos, se está dando as costas

para a morte. Ou deixando, calmamente, tão calmamente quanto possível, que ela venha a seu tempo — porque fatalmente virá.

O que acontece comigo é que eu tinha andado de braços fechados. Sem perceber. Analisando meus sonhos, ultimamente, isso tem ficado tão claro. E eu não quero mais. Ainda não sei como chegar lá, mas você me ajudou muito ontem à noite. Eu quase não conseguia falar, depois. E nem era preciso.

Acho que você está *dando* coisas lindas para as pessoas. Lindas com todos os componentes de dificuldades, e dores, e procuras, e tentativas, e perdições. Lindas-fortes, não lindas-fáceis. Sinto uma grande admiração por você e um grande orgulho de poder me considerar seu amigo. Obrigado. Um beijo muito grande e com muito carinho. Seu

Caio F.

A Luciano Alabarse

SP 28.01.85

Luciano, muito querido,
tardezinha de segunda-feira, quase 19h. Mais uma tarde — e dia inteiro — deste estranho verão paulistano, feito de chuva, cinza, frio. Pela janela do apartamento posso ver o céu carregado entre os edifícios. Falta de sol e de vitalidade.

Estou aqui há exatamente 12 dias. Foi difícil mudar. É sempre difícil. Primeiro fugi, adiei coisas. Depois aceitei, ganhei alguma energia no dia exato da eleição de Tancredo Neves — e mudei no dia seguinte (16), em ritmo de “Muda, Brasil!” ⁶⁷. É um apartamento muito pequeno e provisório. Posso ficar até o começo de março, apenas. Mais um mês, portanto. Mas já vi outro, bem maior, e na mesma rua. Vou dividi-lo com Sérgio Bianchi, o cineasta, que é um bom amigo.

Interrupção telefônica: PUTZ, COMO EU TENHO SORTE! Imagina que tinham me telefonado da *Folha de S.Paulo*, um editor-assistente, me propondo trabalho e convidando para almoçar com ele, hoje. Só que estou com uma gripe danada, e ontem fiquei até altas assistindo a *Nasce uma estrela*, com Judy Garland. Resultado: acordei às duas da tarde, morto de vergonha e culpa. Ei-lo que liga agora, pedindo mil desculpas: não foi sequer trabalhar — imagina que me deu o bolo — e transferiu o almoço para amanhã. Fiquei frio, claro. Pode, esta sorte?

Mas então é assim, tem uns trabalhos novos rondando — nada acertado, nada definitivo. Eu só tenho que tomar tento dentro da minha inenarrável preguiça.

Mudar foi bom. Trouxe mais energia. Fica mais perto de tudo, e andei curtindo todos os cinemas que consegui. Vi simplesmente tudo que há em cartaz: não perca *O baile*, de Ettore Scola — mas tenho a impressão que você vai adorar também *Um amor de Swann*, o Proust no cinema, um pouco frio, mas com fotografia e cenografia belíssimas. E não perca também *Os eleitos*, aquela história sobre astronautas: é lindo.

O livro do Pirandello ⁶⁸ — *Contos pirandellianos* — foi lançado com muita badalação, mas é ruim pra caralho. Eu fiz o que podia, e na verdade gosto do meu conto. Mas o livro simplesmente não se sustenta.

Paranoias: vim daí assustado com a história de Fernando Zimpeck ⁶⁹. Cheguei aqui, havia outra: Luiz Roberto Galizia. Ele era do Grupo Ornitorrinco, diretor (bom), uma época escreveu crítica literária para a *Veja*, tem uns dois livros de poesia publicados. 34 anos. Não éramos amigos íntimos, mas tínhamos uma relação bonita — sempre conversávamos muito quando nos encontrávamos. Ficava no ar aquela coisa assim “Um dia, se houver oportunidade, ainda seremos bons amigos”. Bem, ele está hospitalizado há 15 dias, desenganado. Diagnóstico: AIDS. É então, quando essa peste começa a sair das páginas dos jornais para atingir pessoas conhecidas, que você para e pensa “meu Deus, a tal doença parece que existe mesmo”. E dá medo. Porque te ameaça no que você tem de mais precioso: a sexualidade. Medo, medo, medo. Eu ando inteiramente casto. Na verdade, já há algum tempo, desde que conheci o Pedrinho [...], em julho. O último contato sexual foi com ele mesmo, comecinho de dezembro passado.

Temos nos escrito e falado por telefone — ele quebrou o pé, dançando na festa de vitória de Tancredo. Está em casa, lendo muito, recolhido. É uma relação bonita, que eu quero preservar e deixar crescer. Imagino que ele também. Mas fica complicado, solitário, assim à distância. Jogo I-Chings que me recomendam calma, paciência, e dizem coisas como “A mulher perde a cortina de sua carruagem. Não corra atrás dela, no sétimo dia você a receberá de volta”.

Luiz Arthur veio do Rio para fazer umas entrevistas — Antunes Filho, Abujamra — para a tese dele, sobre Nelson Rodrigues. Ficou uma semana comigo. Volta para Nova York no final desta semana. Imagino que você esteja a mil com o seu Nelson Rodrigues aí — e envio todas as boas vibrações possíveis.

Eu ainda estou me sentindo meio solto, e continuo com alguns problemas de grana. Penso muito em dar uma outra direção à vida: surgiu uma oportunidade de algum tempo nos Estados Unidos, e estou a fim. O problema é a grana para a passagem. Mas — quem sabe? Não estou escrevendo nada. Sinto uma espécie de esgotamento (daí, viajar também por isso seria bom). Precisava me renovar, de alguma forma.

Mas é isto. Estou achando esta carta muito da sem graça. Mas é mais para te dar notícias, passar endereço e telefone novos. Espero que tudo esteja correndo bem com a senhora dos afogados: dê um beijo meu em todas as pessoas especialmente na Gorda (ou ex- Gorda). Cuide-se bem,

que o verão esteja te tratando na palma da mão. Muito carinho e um beijo do

Caio F.

[67](#) “Muda, Brasil”, slogan da campanha eleitoral de Tancredo Neves, eleito no dia 15/11/1984 por um Colégio Eleitoral. Foi o primeiro presidente civil depois do ciclo de governos militares que durou de 1964 a 1985. Mas morreu antes de tomar posse, assumindo em seu lugar o vice José Sarney, que governou até março de 1990. Ao longo do período de 1985 a 89, chamado Nova República, elaborou-se a atual Constituição do país, promulgada em 1988.

[68](#) Pirandello aqui não é o autor de teatro italiano. Trata-se do bar paulistano, de propriedade do ator Antonio Maschio, point de intelectuais e artistas nos anos 80. O conto de Caio incluído na coletânea organizada em homenagem ao bar é “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”.

[69](#) Fernando Zimpeck — ator gaúcho, morreu de uma doença considerada misteriosa, que depois descobriu-se ter sido Aids.

Sampa, 07 de fevereiro de 1985.

Luciano, muito querido,

aconteceu uma coisa boa hoje que tenho vontade — incontrolável

— de contar para você imediatamente. Sabe que o Naum Alves de Souza me pediu a adaptação de *Reunião de família*? Pois é, ele adora o trabalho da Lya (e também — deixa eu me exibir um pouco — o meu) e está procurando um texto para dirigir. Nada marcado, nada definido: só quer dar uma olhada. Mas achei fantástico. Aí cheguei em casa, fui reler o texto, me vieram uns flashes da montagem (tão linda) e, como não podia deixar de ser, uma saudade grande de você. Amanhã mando o texto pra ele, com um programa. Faça um pensamento bom. Podia dar certo, não? E com Naum dirigindo? Tudo a ver. Não conte pra ninguém, nem pra Lya (que, aliás, está na praia).

Fiz uma pausa agora e — noutro Impulso Incontrolável, este telefônico — liguei pro Rio. Queria falar com o Pedrinho [...] Desliguei, fiquei melancólico. Acendi um incenso. No rádio, Chico canta *Vai passar*. Sim, vai passar. Passa. Passará.

Andei meio mal, meu amigo. Saúde de novo. Voltei ao homeopata, me deu os mesmos remédios, porém em doses mais fortes. Sulphur, enxofre. Ele me recomenda que fique “mais feliz”. Não ensina como, claro. Anda um surto de pestes solto em São Paulo. Um pouco, talvez, por causa do falso verão: muita umidade, falta de sol, tristeza na cabeça das pessoas. Eu sinto muita falta de luz do sol, faço fantasias com praias tropicais, areias clarinhas, Um pouco isso, também. Mas tento ficar mais feliz aqui mesmo, às vezes consigo. Enfim, estou em tratamento e em observação — se dentro de uns 15 dias não houver melhora, parto praquela fase meio paranoica: exames.

Outro dia estava lendo um romance de Norman Mailer que, lá pelas tantas, tem uma frase assim: “Tudo começou aos 36 anos, com uma pontada do lado esquerdo do peito”. Muitas coisas começam aos 36 anos? Acho que sim.

Estou cheio de trabalho: além de um fechamento meio alucinado da *Around* de março, peguei, para a Brasiliense, a tradução de um livro espanhol — um depoimento de um traficante de drogas apanhado por um antropólogo. Fanny Abramovich, a psicóloga, me pediu um texto para uma antologia que ela está organizando sobre a adolescência (na

mesma linha daqueles anteriores dela *O sadismo da nossa infância* e *O mito da infância feliz*). Já tenho uma história linda na cabeça, estou deixando ela crescer um pouco sozinha. É puro Eros e Thanatos.

O chá de alecrim (é antidepressivo, sabia?) acabou, vou pegar mais na cozinha. Voltei. Estou muito chegado a chás: este de alecrim, mais um de levante (energético), outro de bardana (purificador do sangue). Tenho me cuidado, muitas frutas, ginástica, um pouquinho de ioga, mel e leite. Uma consciência de que o corpo é frágil, e tudo muito rápido.

Hoje conversei longamente com Regina, a Duarte — e soube que minha história está trancada na Censura Federal: Dona Solange só libera para depois das 23h, e depois das 23h há um problema com anunciantes, o horário é fraco. Haja, não? E eu JURO que amenizei TUDO que podia. Mas enchi de TV. Tava a fim de mais teatro, estou animado com esse negócio de Naum, e continuo trabalhando a quatro mãos naquela peça com o Fauzi Arap (*Todos os insetos*). Continuo com aquela minha própria peça, que se chamaria *Overdose*, dando voltas na cabeça ⁷⁰. Hoje fiquei bem obcecado com ela. Mas tenho um medo de sentar pra escrever minhas próprias coisas, Luciano — há demônios às vezes incontrolláveis que vêm à tona.

Por aqui, vou torcendo pela sua *Senhora dos navegantes* [sic] ⁷¹. Sim, deve dar certíssimo. Espero que Miguel tenha melhorado (um beijo nele) e que Ernesto tenha reaparecido. Eu estou de molho com vida afetiva, preferindo me concentrar em trabalho, em mim mesmo. Sim, frequentemente baixa uma grande solidão. Tenho experimentado às vezes, ao vivo, a solidão urbana de ver a cidade esparramada e cheia de néon brilhante além dos sete andares onde moro, pela janela aberta.

Imagina, no rádio Gal começou a cantar agora *Tigresa...* Mas sempre é bom poder tocar um instrumento, não? Estou cuidando bem desse instrumento. Tem cordas frágeis, às vezes fica calado sem mais nem menos. Estou lendo a lírica de Camões, leio em voz alta, com sotaque português — é tão lindo. Te mando, por exemplo, este soneto:

“Busque amor novas partes, novo engenho
para matar-me, e novas esquivanças,
que não pode tirar-me as esperanças;
que mal me tirarão o que eu não tenho.

“Olhai que de asperezas me mantenho!

Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes, nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido lenho.

“Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá m’esconde
amor um mal, que mata e não se vê.

“Que dias há que n’alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei donde,
vem não sei como, e dói não sei porquê”.

Lindo, não? De 1500 e poucos — a edição foi póstuma, em 1595. Já doía, naquele tempo... Tenha cuidado. Penso com carinho em você. Pense com carinho em mim. Um beijo do

Caio F.

[70](#) *Todos os insetos e Overdose*, trabalhos que não foram à frente.

[71](#) Caio comete um lapso: trata-se da peça *Senhora dos afogados*, de Nelson Rodrigues, encenada no Clube de Cultura de Porto Alegre com direção de Luciano.

A Jacqueline Cantore

Sampa, 05 de março de 1985.

Marilene,

estou te escrevendo assim de súbito, sem planejar. Me deu vontade. Dia cinza, cinzêsimo, como todos, desde que voltei daí. São duas da tarde, O rádio toca “eu perguntava *do you wanna dance?* / eu te abraçava etc.” — tenho a impressão de que toca SÓ ISSO o dia inteiro. Acabei de fazer uma página inteira para a *IstoÉ*, sobre um livro lindo: *As laranjas iguais*, de Oswaldo França Jr., um mineiro discretíssimo. Daqui a pouco saio para entregar, passo no correio, e volto para ficar quietinho & recatado nesta cenografia de *O último tango*.

Tomei uma atitude e amanhã cedo faço um exame de sangue. De graça. Você se orgulharia de mim: liguei para o Hospital das Clínicas, para *aquele* serviço-de-esclarecimento-ao-público. Não me informaram nada de novo, contei minha história e descolei o hemograma. I still paranoico. Agora, aquele problema das aftas na boca & língua não melhorou e minha garganta está inchadíssima. O homeopata trocou o Mercúrio por Borax e nada. Fico assim, tantã-lizado — mas resolvi encarar na real, cara. Ai que medo. Deixarei testamento autorizando você a cuidar dos escritos — me ocorre, será que pra deixar testamento é preciso ter documentos?

Levemente mórbido. Perto disso, qualquer outro problema é ficha.

Andei meio louco, Sergião está em Curitiba. Fiquei só aqui, o que não é nada easy. Na sexta, Nello fez 40 anos e levou a mim, ao Zé Márcio e [...] para jantarmos no Rodeio, Comi uma PICANHA assustadora e voltei pra casa: Marilene, estou aprendendo novas dores urbanas — nada mais triste do que uma secretária eletrônica às três da manhã de sábado sem NENHUM recado. Me benzi, botei a guia e rumei para The Açougue ⁷². Tu crês que AMANHECI lá? Tomei uns 20 cafés com Domecq. Pintou um moço louco chamado Paulo Márcio, ator, viginiano ascendente Leo (hmmmm!), e seduziu horas, até subirmos a Augusta — sábado oito da manhã, imagina — de porre, parando de bar em bar para one more brahma. Lá pelas 10 de manhã saiu correndo e entrou num ônibus para o Crusp (qualquer coisa na Cidade Universitária da USP) e me deixou literalmente na mão. Isso depois de repetir horas que eu era

absolutamente lindo, inteligente, sexy, fascinante, charmoso, intrigante, misterioso, atraente, trepidante, esfuziante & etc. Fiquei mobilizado, Marilene. E s'a'as que isso atualmente é raro na minha libido-teresinha. O moço bem que valia uma Síndrome de Deficiência Imunológica. Betty faria o tempo todo, e Reginaldo sem pensar.

Bueno, pensei, me resta um Chá Mu, alguns Marlboros e um papo com o CVV. Deu-se. Fazia tempo que eu não tinha uma noite a la *Os sobreviventes* ⁷³. Mas te juro que perdi o pique: Marilene já não é mais a mesma, quem diria. Acordei às quatro da tarde com aquele gosto de tabuleiro de xadrez na boca (o da alma é pior) e recebi Ana Maria para longas sessões de I-Ching, cores & Tarot. Sinto uma falta muito grande de Pedrinho. E a vida se perde enquanto o telefone não toca, s'as como, né?

Enquanto isso, leio uma coisa linda: *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, um tcheco, que me dá até algumas chaves para — por exemplo — essa relação com [Pedrinho]: “Mas seria amor? (...) Não seria a reação histórica de um homem que, compreendendo em seu foro íntimo sua inaptidão para o amor, começa a representar para si próprio a comédia do amor?” Pois é.

Domingo visitei Ruy Fontana e fomos ver *A trilogia da louca*, uma peça gay dirigida por Abujamra e de grande sucesso. Detestável: aquele gay negativo, quem assiste acha que gay é bicha-louca e pronto, acabou. Pode rir: quem faz a mãe da bicha é a Nicette Bruno. *Anyway*, Maria Emilia cortou o cabelo muito punk e Reinaldo me convidou pra escrever com ele umas bobagens para Sonia Braga produzir, Aninha representar e Lage dirigir.

Ah: U., aquele meu amigo baiano platônico, resolveu-se e vem dia 23. Vai ficar aqui mais ou menos uma semana. Meeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeedo!

Sergião, em Curitiba, não sabe se filma um documentário sobre a vida da família Lupião ou o meu *Réquiem por um fugitivo*. Te espero no final de semana? Me avisa com tempo para as devidas produções, embora seja muito provável que, desta vez, eu esteja duro. Íssimo, aliás. Gastei tudo em conhaque. Bem, pelo menos não foi gim.

Beije Maria Clara por mim — e passe as novas direções a Cristina, que tinha me pedido. Um abraço em Mário.

Os últimos dias me ensinaram que quem nasceu com quadratura de Vênus nunca deve pensar em termos de trígono. Mas Deus, lá em cima, está vendo tudo. O problema é que Ele esqueceu de pôr os óculos.

Kisses and kisses from

Caio F.

[72](#) “Açougue” — o bar Pirandello.

[73](#) Refere-se ao conto com este título que está em *Morangos mofados*.

Sampa, 26 de março de 1985.

Marileee,
sinto-me à beira de receber uma carta tua, mas não consigo me controlar de tanta novidade, chê. Então me ponho a escrever, 15 para as quatro de um dia paranoide (Tancredo está hospitalizado nas Glínigas daqui, dizem que levou um tiro do segurança, meeeeeedo total — mas isso é pano de fundo social), eu aqui sozinho, após a saída de Hilda, the slave.

Bueno, vamos lá. S’as que ontem, segunda, esta Marilene aqui QUASE MORREU QUEIMADA? Estava ela no fogão, mui lépida, assando umas coxas de franga, quando eis senão que sente um odor estranho vindo das bandas do dito fogão. Ela estava, mui poeticamente, de costas para o fogão, observando aquela pêxa grávida no aquário, que não se decide a parir (vão ser arianos, os demônios, eu esperava pêxes de Pêxes, s’as?). Então me viro (observe a mudança *espontânea & natural* da tercêra para a primêra pessoa) e eis que, atrás do fogão, vejo CHAMAS ENORMES ATÉ QUASE O TETO. Joguei água, aí chamei o Sergião que telefonava da sala (Sergião disse: “Agora tenho que desligar porque minha casa tá pegando fogo”, bem natural), e ele começou a me puxar pra fora da cozinha, aos gritos de “Vai explodir! Vai explodir! Não joga água que é pior!”. Marilene, ousadíssima, queria avançar entre as chamas para DESLIGAR O FORNO (ela não tinha grana para comer e sua maior preocupação era que as coxas ficassem inutilizadas, isto é, carbonizadas). Bueno, corremos para o corredor do prédio. Duas velhinhas muito velhinhas saíam do elevador. Sergião: “Corram, saiam depressa que vai explodir tudo!”. Uma das velhinhas começa a desmaiar. Junta gente na porta do prédio. Seu Antônio, o zelador, vem com um extintor de incêndio. Gritos, sussurros, gemidos, faniquitos. Fumaça, cheiro de gás, “apaguem os cigarros!” (Marilene correu para seu quartinho e, num sopro, apagou a vela de sete dias, juro), & LABAREDAS CADA VEZ MAIS ALTAS. Bom, o extintor apagou tudo: espuma branca por toda a cozinha e toda a sala. E fim. Marilene foi espiar se a pêxa tinha abortado: raçuda, ela — continua grávida. Ai, a tremedeira, Que medo!

Essa foi a aventura mais ardente de Marilene. Depois rezei (a oração de Santo Antônio), acendi incenso, tomei um banho escaldante de três

horas para soltar o mármore das costas. Ufa! Ia te ligar à noite — mas Sergião estava com carência afetiva e ficou UMA HORA falando com Jacó, [...] e mais uma com “minha ex-mulher (!) na CALIFÓRNIA”. Depois, começou o Oscar. E eu relaxei, supondo ter sobrevivido, Marilene vai à luta: chegou o cheque de direitos autorais da Nova Fronteira. S’as quanto, guriããããã? 130 mil. Repito: cento e trinta mir, não um milhão e trezentos. A todas essas, o renomado escritor com cinco paus no bolso. Me toquei para a *Around* hoje de manhã. Marilene, eu estava maravilhoso. Você calcula quanta eficiência, simpatia & bom-astrol. Ridículo, mas consegui aumento de 400 para 600 mir, com uma condição que EU impus: que me aumentassem a partir do mês passado, isto é, me dessem JÁ um cheque de 200 mir. Me deram 100, amanhã dão o resto. Mas saí de lá orgulhoso de minha capacidade de batalha (que é mínima, você sabe).

Terminei a tradução (aaaaaaaarghhhhhhhhh! No mínimo cinco encarnações de karma) e liguei pro Luiz Schwarcz. Aí, Marilene, s’as o que ele me propôs espontaneamente? Me pagarem um salário para eu terminar *Dulce Veiga!* Tipo fizeram com Leminski para *Agora que são elas*. Disse que a gente precisa conversar, e não é um PUTA salário, mas que patati-patatá, conheço bem, mas vamos lá: estou feliz e me sentindo assim um Scott Fitzgerald, um Gore Vidal terceiro-mundo. Topo. Por qualquer 500 mir, topo.

Mais: convivência avec Sergião. DANGER, mas danger-fly, isto é teu conselho me serviu — dá pra rir muito. Melhor levar para o lado do riso do que para o stadenervos, certo? Aí vai, aos trancos, mas vai [...]. Recito Fernando Pessoa — “Tudo vale a pena/se a alma não é pequena” — dez vezes ao dia, gasto toneladas de incenso, sacas de sal grosso. E vamos levando. Se ficar heavy metal demais, dou o fora.

U.: é uma côsa, Marilene. S’as aquele tipo que não fala, não propõe nada, nem papo nem côsa alguma. Bonzinho e tal, fica na dele, mas absolutamente amebiano. Meio moçona. Zé Márcio acha que Betty Faria, ou pelo menos Reginaldo. Eu achei que não Roberto certamente não faria. Nem Lima. Mas é bem independente, graças a Deus, e vive na rua fazendo compras, vendo filmes. Me dá uma exaustã. Mas arruma a cama de manhã e fica até só domingo — estou bem delicado e tudo. Acho que ele está achando tudo meio demente demais. Com razão? perguntaram. Ninguém respondeu.

Ontem, para salvar o dia, recebi uma chamada interurbana [de Pedrinho]. Ai, ai. Ah, Marilene, aí a vida se refaz e s'as como? Pois é, crã e sómmm. Ficou tantalizado com a minha história do livro do Açougue, terminou de ler e leu de novo, não acreditando. Disse TEXTUALMENTE: “Tenho medo de, de alguma forma, matar você como a personagem matou o Dudu”. Eu disse que é isso, gente, é só a gente tomar cuidado, e tal. Mas me dá tanta energia (“ele me faz tão bem/ ele me faz tão be-e-em/ e eu também quero/ fazer isso com ele/ ele me faz tão be-e-em”). É bom, é bom. Sobre projeto São Tomé — falei que tava-duro-mas-na-batalha-c'ra, ele se ofereceu para pagar tudo, recusei veementemente, ele insistiu, e assim durante cerca de 300 (caríssimos) impulsos telefônicos. Mas soube hoje que tem grana dos *Morangos* pra mim (Marilene: enfim um escritor que se vira). Então é capaz q. Dúvida: se ele vem a SP ou se eu vou ao RJ. São Tomé é mais perto de onde? Pensei em ligar para o Suplemento de Turismo da Folha, não tenho muita ideia de onde obter essa informação. Mas quero esse moço assim mesmo. [...] Reze por mim, Marilene.

Culturais: sábado à noite, *Freud* — que é muito bonito, com uma Ariclê Perez ótima, fazendo a histórica-paralítica. Depois, naturalmente, The Açougue. Numa mesa, Lygia Fagundes Telles e Tonia Carreiro. Historinha: Júnior Penido está trabalhando no antiquário do Açougue. Tonia desceu, viu aquele busto de gesso do James Dean e ficou encantada. Queria saber o nome & endereço do escultor para mandar fazer um dela, para seu túmulo. Que tal? Ganhei um beijo de Lygia e meu-bem-meu-bem-que-queixo-que-queixo-me-telefona-me-telefona. Dia seguinte, Marilene foi ver *Patriamada*, com Paula Zíper & Renato Modernell [...]. Jacqueline Cantore: é um horror. Oportunistas burro, falso & debilóide. Uma fala: “Meu Deus, o que fizeram com a gente nesses vinte anos? Eu não suporto mais! Quero votar para presidente!” — isso dito por Deborah Bloch aos prantos, fumando nervosamente num quarto de hotel em Brasília. Salva-se: Olivia Byington cantando o Hino Nacional sem acompanhamento. Depois, La Zíper nos arrastou para um-bar-novo-da-pesada-nos-Jardins. Chama-se Cingapura. Achei uma espécie de Madame Satã *com* faxineira. E *sem* porcos entre as mesas. No máximo, umas galinhas. Um chope custa três mil cruzeiros e você pode ver nas mesas Bivar, Tânia Voledo, Roberto Lage, Aninha Braga, Jacob Levitinas & todas aquelas pessoas que você vê todos os

dias de graça.

Mas é isto. Marilene, te quero bem — Cacaia falou que andavas muito deprimida. Que é isso? Xô, não, vamos lá, eia, avante, companheira, hei-de-vencer, Deus-provê e eu-mereço-mais, devem ser NOSSOS lemas na Nova República. Fique bem, please. Paciência — é preciso ter infinita paciência. Olhar meigo para tudo & todos. Humildade, decência, recato & pudor. A um passo da santidade. Pense em tudo que Teresa Fraga Dantas está sofrendo por amor num presídio infecto. Fique legal, mesmo. Tudo é muito engraçado. É o *humour*, já dizia Drummond, assim:

“Perdeste o melhor amigo,
não tens sequer um cão
mas e o *humour*?”

Agora vou rebuscar um poema de Adélia Prado pra te mandar. Antes: cartão de Cida, de Frankfurt, sucesso, vão à Itália, Holanda e Munique. Adorando. Frase final: “Neva e existem figuras pelas ruas que você, Marilene e eu morreríamos de rir juntos só de ver”. Achas que Moreyra cantará no próximo Oscar?

Oscar, ainda: o Prince é super Ai-ai, Jacira!

CONTRA O MUNDO

“Pulou no rio a menina
cuja mãe não disse: minha filha.
Me consola, moço.
Fala uma frase, feita com o meu nome,
para que ardam os crisântemos
e eu tenha um feliz Natal!
Me ama. Os homens de nucas magras
furam os toucinhos com o dedo,
levantam as mantas de carne
e pedem um quilo de sebo.
Toca minha mão.
Quem fez o amor não vazará meus olhos
porque busco a alegria.
A vida não vale nada,
por isso gastei meus bens,
fiz um grande banquete e este vestido.

Olha-me para que ardam os crisântemos
e morra a puta
que pariu minha tristeza.”

(De *O coração disparado*: para ler em caso de desânimo.)

Ai, ai.
Então, tá.
[...]

Te quero mucho. Besitos para Marie-Clairrrrrrrr George (diga a ela que a minha cozinha também pegou fogo). Cuide-se & be happy. Hot (literalmente) Kisses from

Caio F.
ou
Marilene, a Incendiária

A Luciano Alabarse

São Paulo, 12 de abril de 1985.

Luciano,
então, voltando de Montevideu, você achou Porto Alegre feia? Outro dia o Geraldo Galvão Ferraz me dizia que acha Porto uma das cidades mais feias do país. Naqueles meus conturbados meses aí, no ano passado (já passou! já passou!), isso era das coisas que mais me doíam. Feiura pura e simples. E aqueles edifícios da década de 50 ou 60, que parecem edifícios de praia? E aquela iluminação amarelada, à noite? Eu tinha uma sensação generalizada de sufoco e província e feiura — que só passava um pouco quando andava de bicicleta pelo Parque da Marinha.

Recebi enfim o programa da *Senhora* (que insisto em chamar de “Nossa Senhora”) — é lindo e de muito bom gosto. Fotos ótimas. Conheço pouca gente do elenco, só Gorda (ex-Gorda, pelas fotos, linda — dê um baita beijo nela), Java, Ivan e Renato Campão. Faço votos que o sucesso continue. Sobre a montagem do segundo semestre: você tem total liberdade para mexer em todos os meus textos.

Aceitei uma proposta louca da Brasiliense ⁷⁴. Venho, há três anos, desde pouco antes de sair *Morangos*, remexendo numa história louca e longa — anotando, pensando. Sem tempo para sentar e escrever. Bueno, a Brasiliense fez essa proposta e topei. Agora estou com medo. Porque tenho apenas que sentar e escrever. Claro que tem um jeito simpático de profissionalização, mas também é arriscado. E se... não sair? Sairá, sairá. Estou tentando me desvencilhar dos meus milhares de outros compromissos para poder trabalhar nesse livro. Preciso receber boas vibrações.

Andei caindo do cavalo outra vez. Fui passar a Semana Santa em São Tomé das Letras, interior de Minas, com o Pedrinho [...]. Nove meses de paixão. Difícil contar, mas enfim, acabamos discutindo muito — nossas diferenças ficaram muito claras. Não conseguíamos sair da cidade, um pneu furou, não havia borracheiro, o motor pifou — acontecem coisas estranhas aos automóveis lá. Queríamos ir embora imediatamente, e a cidade foi nos enredando enquanto o clima entre a gente ficava cada vez mais hostil. Resolvi me afastar, e agora estou tentando tirar da cabeça.

Não estou conseguindo. Estava muito apaixonado. Acho que nunca tanto. Não consigo mais aceitar relações pela metade. Em outras palavras, raspa e restos *não* me interessam.

Na saída da cidade, uma coisa fantástica. É uma estradinha Péssima, de terra, que conduz à faixa asfaltada que leva a Caxambu. Bom, quando finalmente conseguimos sair de São Tomé, começou a pintar um arco-íris no céu. Céu limpo, azul, de sol, céu de Minas. Levou muito tempo para se formar, até ficar inteiro, e muito nítido. Então *aproximou-se* do carro, ficou a uns dois metros da frente, e nos acompanhou até a saída da cidade.

Nós conseguimos ver onde ele começava e onde terminava, dos dois lados da estrada. Dava para ver direitinho onde as cores se misturavam com a terra, O carro andava, e o arco-íris, como se abrisse caminho, andava na frente, as cores se misturando com o campo, uns telhados de casas, umas vacas. Estranhíssimo. Como um sinal de proteção & boa sorte?

Chorei muito. Passei a sexta-feira santa chorando sem conseguir parar. Em cima de uma montanha, com um horizonte de 360°. Pelo país, pelo mundo, pelas pessoas — por mim, claro, principalmente. E vim embora com a sensação de que foi a última vez, o último sonho.

No Rio, soube da morte de Fernando Zimpeck. Doeu bastante. Há pouco, tinha sido Galizia. Paranoia solta na cidade. Nunca me senti tão maldito. Homossexualidade agora é sinônimo de peste — ninguém se toca mais. E o que você faz com os seus sentimentos, as suas fantasias, a sua necessidade vital e atávica e instintiva de amar? Então dói, tudo isso dói muito, e ter perdido Pedrinho não ajuda nem um pouco.

Mas está sendo bom morar com Sérgio, neste vasto apartamento. As rosas vermelhas que comprei ontem abriram todas, e daqui a pouco vou me dar de presente um cinema — aquele *Grito do silêncio*. Fui ver *Passagem para a Índia* e adorei. Vi, sim, aquele filme do Costa-Gavras com Yves Montand e Romy Schneider (deve ser o mesmo) — poucas vezes vi algo tão amargo.

Pintaram uns convites de universidades para palestras, aquelas coisas. Aceitei. Em maio, tenho uma semana em Presidente Prudente e, em agosto, alguns dias em Passo Fundo. Então nos vemos.

Creio que Tancredo morre entre hoje e amanhã. Acho essa história de uma ironia e de uma crueldade raras. Tudo muito nefasto, como diria o

Gil. Sim, teremos que engolir Sarney e outro governo tipo Figueiredo — e mais inflação, e mais desemprego, e mais terceiro-mundismo, e mais solidão e desencontro entre as pessoas. Tudo caminha aceleradamente para o fim, e nós vamos ter que assistir Armagedon de dentro.

Perdi contato com Lya. Se você falar com ela, diga que no último *Leia* escrevi algumas linhas sobre *Mulher no palco*.

Três horas da tarde de uma sexta bem cinza. Com a re-gu-la-riza-ção das finanças, penso em voltar ou para a dança ou para a terapia. Acho que para a dança. Preciso de um pouco mais de vitalidade. Tenho tido uma sensação de velhice, de desânimo e, principalmente, de desamor. Mas os astros anunciam boas coisas, a mãe deve mandar o som esta semana (morro de saudade de Naria Caymmi) e, de qualquer forma, às cegas, às tontas, tenho feito o que acredito, do jeito talvez torto que sei fazer.

Um beijo grande do seu

Caio Fernando A breu

AXÉ!

⁷⁴ Trata-se da proposta, feita pelo editor Luiz Schwarcz, então na Brasiliense, de pagar a Caio um adiantamento para que ele escrevesse o romance *Onde andaré Dulce Veiga?* Depois de marchas e contramarchas, o romance veio a ser publicado em 1990 pelo mesmo Luiz Schwarcz, já agora em sua própria casa editora, a Companhia das Letras.

A Jacqueline Cantore

Sampa, 18 de abril de 1985.

Marilene,

te escrevo na máquina da *Em Volta (Galeria)* ⁷⁵, cerca de 13h30m. Tudo meio vazio, vim entregar minhas matérias, fiquei fazendo a página de culinária (este mês: peixes), a patroa está em Tóquio (coitada!). Neste momento, o boy acaba de me entregar um pacote de livros. Global: Oba, veio a Katherine Mansfield!

Ouvi hoje várias vezes: você está com a cara tão boa! S'as que Marilene desespera, mas não perde o tino, não? Entre duas cachoeiras de lágrimas, sempre há espaço para um pouquinho de creme Nívea. Achas que a frase anterior poderia servir para uma campanha publicitária Nívea? Ganharíamos literalmente *potes* de creme. Você não quer produzir?

Ontem fiquei assistindo *Camelot* na TV. Marilene, descobri: tudo que preciso é de um Sir Lancelot na minha vida. Mais ainda se tivesse a cara do Franco Nero aos 30 anos. Fantasias, como vês, não faltam.

Faço um pouco de hora para assistir *Dublê de orpo*, de Brian de Palma.

Abobrinha 1 (conte para C.):

S'as qual seria a manchete da *Folha de S.Paulo* de terça-feira?

Esta: “Risoleta magoada com frieza de Tancredo”.

Abobrinha 2 (somente para iniciados):

Abobrinha 2a. S'as o que o Caio Fernando disse quando viu o Jaburu do outro lado da calçada?

— Como é que eu estou do outro lado, se estou aqui?

Abobrinha 2b. S'as o que o Jaburu, do outro lado da calçada, fez quando viu o Caio Fernando Abreu? Gritou:

— Jaburú-ú!

Ai, ai.

Tenho uma história medonha pra te contar. Recebo na secretária eletrônica um recado de Tania von Faillace, que está em SP para o tal congresso de datilógrafos. Texto: “Estou em SP e quero muito te ver. Estou preocupada com a tua saúde. Telefone tal, beijos Tania.” Outra, recebo um bilhete de Lya Luft. Texto: “Me disseram que não andas

muito bem de saúde, Fico preocupada, manda notícias.” Eu, caraminholando, lógico. Ontem telefonema de Zé Márcio. Texto:

Zé — Zé Fissura te ligou do Rio?

Eu — Sim, mas há umas duas semanas.

Zê — Ontem ou hoje não?

Eu — Não. Por quê?

Zé — Bem, é que ele ligou aqui pra casa ontem querendo saber se era verdade que você está com AIDS. Diz que todo mundo em Porto Alegre só fala nisso.

E então, Marilene, que achas? Estou me sentindo a própria Rita Lee, careca por causa das aplicações de cobalto. Haja, não? Fiquei na minha, mas putíssimo. Você não acha um pouco baixo-astral demais? A peste. Imagina se começassem a espalhar que pessoas gordas dão câncer. Pois é mais ou menos assim que me sinto. E o pior, quero dizer, melhor, é que Marilene está absolutamente saudável (supõe, claro).

Bem, bem.

Hoje me convidaram para outra tournée pelo interior, além de Presidente Prudente. Podia ser *Araçatuba* (achas que é de Tôro?), São José dos Campos ou Ribeirão Preto. Escolhi a última, não sei, mais sensual, terra de Mário Prata, Leilah Assunção — imaginaste as noites de Ribeirão Preto? E os ribeirões de Ribeirão Preto?

Medo: Sergião ameaça abrir falência e me comunica que TALVEZ eu (?) tenha que sustentá-lo durante no mínimo um mês. Botei as mãos nas cadeiras e não disse nada. Mas pode? Cá entre nós: pooode? Às vezes penso em voltar para a Pavuna.

Pausa, pausa. Sumiê, a secretária japa, me conta que anda doente do coração — tipo a *soufle au coeur*: ela tem uns 25 anos. Aí entra Natália e me conta que a semana que vem tem que operar um cisto-no-ovário. Minha guia de Oxum faz uma falta...

Mas ai, ai. Marilene, venha me visitar. Está tudo tão direitinho naquele puta apê. Hoje recortei um anúncio de liquidação de camas & colchões. Amanhã fico rico e vou lá ver.

Hoje quero comprar *Um homem só*, de Christopher Isherwood — li o *Adeus a Berlim* e, paixão! É algo meio Jonh Fante, meio Salinger — não chega aos pés, claro, é mais seco, mais viril, mas tão bonito. Quando você vier, leva outra mala de livros.

Já leste carta tão besta?

Pois é, vai saindo. Nas minhas obras póstumas, você jura que elimina as mais imbecis?

A solidão às vezes é tão nítida como uma companhia. Vou me adequando, vou me amoldando. Nem sempre é horrível. As vezes é até bem mansinha. Mas sinto tão estranhamente que amor acabou. [...] Repito sempre: sossega, sossega — o amor não é para o teu bico.

Aftas desapareceram. Homeopata tranquiliza — foram ótimas, cosas que tinham que sair pra fora. Notei sensível diminuição em gânglios (lovely gânglios). Não consigo mais me sentir com AIDS.

Tás na linha? Alô, alô? Chamei Telesp: trocaram o aparelho. Mas é questão do Sergião voltar de Curitiba, ter outra discussão e jogar o aparelho no chão. Como de hábito.

Marilene, sou tão bonzinho, simpático, talentoso, prestativo, amável, delicado e carinhoso. Marilene: a que tenta preservar sua auto-estima a qualquer Custo.

Dulce me invade a cabeça. Anoto, anoto. Ainda não comecei de sola. Mas vai nascer. Fico todo grávido e imediatamente me vêm *caixas* de Domecq na cabeça. O problema mais grave é que Dulce bebia mesmo era gim. Acho que ela se parecia com Tonia Carrero. E era Leo/Tôro ou Tôro/Leo, com uma Lua em Pêxes.

Mas é isto. Me vou à luta. Voltei a dormir no chão: coluna tri. S'as o que Jaburu respondeu para o psicanalista quando este perguntou por que ele tinha ido lá: — Não parece ÓBVIO? E caiu em prantos. Um dia talvez o Jaburu renda uma boa historinha para kids. Ainda. Se *Dodeacedro* na CAL implica em direção de Nara Keiserman, a resposta definitivamente é NÃO!

Kisses para Maria Clara, Nina, Angela e Betty. Mais para Marilene.

Caio F.

Pausa. Pausa. Pausa.

Noite, 23h25m.

Não tive tempo de colocar no correio. Estou continuando em casa. É tanto pra dizer. Estou de cabeça feita exatamente no ponto em que gosto: recebi uma grana, cara (200 paus de uma coluna sobre livros num jornal de... Medicina). Bueno, aí jantei no Longchamp — o Longchamp me dá um *prazer*, um gostinho de estar em Sampa... — comi: uma lasanha (Marilene andava mal alimentadíssima, pooooooooobre) com meia

garrafa de vinho tinto, depois cafés e um licor de Strega (eles têm cálices belíssimos).

Vim descendo a Augusta. Marilene, estou todo INTENSO. Minha epígrafe agora seria: “Pode deixar que eu seguro”.

Foi me dando uma sensualidade bebendo aquele Strega flambado... Lambi os beiços, deixei descer devagar pela garganta, depois de molhar toda a boca por dentro.

Continuo depois o capítulo Strega.

Jacq-ueline [À margem: Descobri: o *perigo* do teu nome é esse *cq* que lembra... *Dome-cq!*], emergi *hoje*. Ah, pobre Marilene, a passional... Sofri tanto, fiquei de cama, sabias? Pois hoje emergi calçando salto 15, ombros muito para trás, porte ereto e saia justíssima. Nariz arrebitado. Pisando duro. Pensam que vão acabar comigo? Nunca. Marilene foi às compras — como é uma intelectual, no fundo, comprou outro Isherwood — essa paixão vai me levar à ruína — e o final daquela Dons Lessing/Martha Quest. Marilene depois foi ao Arroz de Ouro, comprou potes de mel, incenso de verbena e um pote enorme de *propolina*. Saiu correndo para o cinema, a tempo de ver *Dublê de corpo* e — ah! — imagine um filme punk-pornô. É fantastish! Tem uma atriz pornô — Holly, que fez o famoso *Holly does Hollywood* — um *voyeur* claustróforo e um videoclipe numa buceteria punk que Marcia Fellacio e The Vagina Dentatas não imaginariam mais, Vá correndo ver. É perversíssimo e absolutamente do Mal. Qualquer coisa na linha daquele *Fome de amor* (era isso?) com Bowie/Deneuve, mas com muito *swig*.

Voltei & Sergião *rides again*. Gosto imensamente dele. Confesso:

tenho um fraco por Sergião. NADA deu certo em Curitiba, claro. Ouvi 300 mil histórias de Como a Humanidade é Calhorda e Está a Fim de Enlouquecê-lo (todo o PLANETA está envolvido num complô para destruir Sergião), depois fiz a Pollyana, servi chá com pão integral e mel, acendi um incenso e me postei vendo Teresa Fonseca em sua nova fase. Ela vai vencer! [...]

Marilene tocou-se então para o Longchamp, já citado.

Novidade: Dulce, na verdade, só bebe Strega. Flambado. E é dada a premonições, daí minha ideia da Lua em Peixes. Me forjarás esse mapa? Te darei maiores dados na sequência, imagino que Dulce teria agora por volta de 50/55 anos. Procurei os maxilares de Dulce toda a tarde na cidade. Mas o problema é: em que *direção* Dulce terá se transformado?

Pausa megalômana: Marilene, eu vou escrever um *excelente* livro. Quero esse clima de decadência total do filme de Brian de Palma. Quero rasgos de lirismo tão incoerentes no meio da lama que cheguem a soar absurdos, com momentos de loucura. Tenho TUDO na cabeça. Tremo de pensar. E fico meio bêbado. E não meto mãos à obra. As notas se acumulam. Mas vai, vai.

Hoje tomaria um porre de conhaque com você. Um porre lúcido. Fomos FEITOS para tomar porres de conhaque um com o outro.

No rádio, Gil começa a cantar “amigos presos, amigos sumidos assim, pra nunca mais”. Sempre me dá vontade de chorar. No Longchamp lembrei do seu Wico Cardoso (essa é do Passo de Guanxuma). Eu achava ele lindo quando eu era criança. Era muito pálido, tinha pêlos muito pretos. Casado com Dona Irene Cardoso, que minha mãe ODIAVA porque um ano ela bateu Nair na lista da 10 mais, e pai de Nádia Cardoso, que também era linda — parecida com ele — mas tinha pés enormes. Aos 13 anos, devia calçar 40. Bem, lembrei que seu Wico se matou. Ninguém sabe por quê. Faz anos. Ele teria pouco mais de 40 anos, regulava com meu pai.

Fiquei pensando nessas coisas e lembrei duns versos de Bob Dylan, que me vieram em português — não sei em inglês, nem de que canção seriam: “Se eu quisesse, poderia enlouquecer/sei tantas histórias terríveis”. Algo assim.

Strega me deu saudades de Pedro. Tomávamos litros de Strega. Em Caxambu, ele procurou desesperadamente uma garrafa de Strega. Diz que quem toma junto nunca se separa. Estou fazendo um esforço, sim, estou agora fazendo um esforço. Mas — Marilene babaca — aquele monólogo de Teresa hoje sobre o amor que sente por Osmar... Eu gostava muito dele, das mãos, dos pés, do hálito (mau), dos dentes (escuros), de tudo que era lindo e de tudo que era feio nele. Fantasiei telefonemas. Hesitei entre ir ao Açogue tomar mais um conhaque e vir para casa. Vim. A secretária no zero. Mas não vou ceder. Foi a última paixão. Paixão é o que dá sentido à vida. E foi a última. Tenho certeza absoluta disso. Agora me tornarei uma pessoa daquelas que se cuidam para não se envolver. Já tenho um passado, tenho tanta história. Meu coração está ardido de meias-solas. Sei um pouco das coisas? Acho que sim. Tive tanta taquicardia hoje. Estou por aí, agora. Penso nele, sim, penso nele. Mas não vou ceder. Certo, certo: ninguém tem obrigação de

satisfazer ao teu desejo, pela simples razão de que você supõe que teu desejo seja absoluto. Foda-se seu desejo, ora. Me dói não ter podido mostrar minha face. Me dói ter passado tanto tempo atento a ele — quando ele nunca ficou atento a mim. E eu passei tanta coisa dura. Rita Lee canta “são coisas da vida”. Meu embalinho vai passando, o gosto do Strega persiste na boca. Hoje senti alguns impulsos tipo tesão, corpo físico. Às vezes é tão estranho ser uma pessoa. A gente é.

Amanhã chega meu som. Penso com que música inaugurá-lo. E quanto mais penso, mais chego à conclusão de que nada mais indicado do que *Se eu quiser falar com Deus*, com Elis, claro. Tenho tentado aprender a ser humilde. A engolir os *nãos* que a vida te enfia goela abaixo. A lamber o chão dos palácios. A me sentir desprezado-como-um-cão, e tudo bem, acordar, escovar os dentes, tomar café e continuar. Não há de ser em vão, Jacqueline (Marilene, a veemente), tenho certeza que não há de ser em vão: só se manter vivo em 1985 já quer dizer alguma coisa, certo? Sinal que tens tutano, guria. E alguém há de recompensar isso, de alguma forma ou não, não sei — mesmo que seja tudo aleatório e estejamos aqui jogados como bactérias no corpo doente do planeta.

Hoje achei tão lindo. Ontem tinha conversado por telefone com Rubinho — me contou, com dificuldade, da loucura (ganhou alta) e de como foi duro se afastar e perder a linguagem comum à comunicação entre os ditos normais. Hoje passei numa livraria e vi o livro dele, exposto, primeiro dia à venda. Me deu um orgulho. A contracapa é minha. Fui lá ver é aquilo ali. Aí folheei e, inesperadamente, dei de cara com a biografia dele. Diz assim, no fim “E fã de Marilena Chauí e Caetano Veloso. Conhece pessoalmente Caio Fernando Abreu e Fauzi Arap.” Me deu um orgulho, um sim-vale- a-pena-e-vamos-nessa.

Tenho tido — neste meu processo de recuperar a auto-estima — uns surtos de qualquer coisa como tá-bom-de-alguma-forma-conquistei- algum- espaço- faço-o-que- quero-e- até- digo- coisas. Ontem vieram umas meninas me entrevistar para uma trolha de faculdade. Umas cinco, extremamente tímidas e bobonas. Uma delas tinha uma chama maldita. Foram-se. Meia hora depois, campainha: a maldita. Voltou “não sei por quê, não consigo ir embora”. Ficou batendo papo. Chama-se Margareth, é geminiana e pela hora e cara (ruiva) ascendente Leo, 20 anos. Deus, 20 anos. Hoje quando acordei tinha recado dela na secretária: “Liguei só pra dizer que achei você lindo e que foi importante estar aí.” Bethânia

começa a cantar *Ronda*. Dói. E adoro essa dor de Sampa. Margareth mora com os pais em São Bernardo — o pai é metalúrgico — e acha que o Pérsio do *Pela noite* mudou a cabeça dela. Meeeeeeeeeeeeeeeeeeedo.

Mas é isso. “Porém, com perfeita paciência/ sigo a te buscar / hei de encontrar.” ⁷⁶ Quis morrer de novo, engoli outra rejeição — mas estou vivo e, sinto muito, vou continuar. Te quero imensamente. Meu coração bate forte.

Caio F

⁷⁵ De brincadeira, Caio traduz o nome da revista em que trabalha — *Gallery Around*.

⁷⁶ Versos de *Ronda* de Paulo Vanzolini

A Luciano Alabarse

São Paulo, 21 de julho de 1985.

Luciano, querido,
tua carta chegou ontem, sábado de céu tão azul que saí a caminhar literalmente *em-be-ve-ci-do* pela Frei Caneca, respirando fundo, olhando umas bonitezas que São Paulo tem, tão escondidas, tão discretas. Voltei e a carta estava me esperando, junto com um pacote estranho, do Círculo do Livro. Mas não sou sócio do tal Círculo, fui pensando enquanto abria. Bom, era a edição dos *Morangos*, depois de um contrato assinado há três anos. Fiquei contente, contente. A capa não é boa — uma foto de um moço-louro-de-olhos-verdes atrás de uma vidraça molhada de chuva. A diluição da angústia, bem editora Abril. Enfim...

Gosto do que você me conta sobre o espetáculo. Meu único medo: que fique *literário* demais. E, em consequência, pesado. Mas confio na tua mão abençoada. Eu não gostaria que o título fosse *Morangos mofados*, mas pode-se partir daí para alguma outra coisa semelhante. Me ocorre, por exemplo: *Certos morangos* — que te parece? Também podia ser *Morangos e outros mofos*, mas gosto menos. Enfim, isso não importa muito. O título vai brotar à medida que o espetáculo for se definindo.

“Gosto de sentir a minha língua roçar na língua de Luís de Camões” — estou ouvindo Caetano. Acho que você devia usar muito Caetano na trilha (afinal, o livro, além de tudo, é dedicado a ele). Há pouco ouvi *Querer*, e me impressiona sempre como está tudo ali — todos os labirintos e desencontros de afetividade. Ah, bruta flor do querer.

Estou aqui um pouco *entojado* com o livro novo. Há dez dias sem escrever. Ou escrevendo sem parar, mas mentalmente. Ontem peguei a última parte que havia escrito e esmerilhei, lapidei, até ficar luzidia. Mas tenho um medo estranho de me entregar completamente. Resolvi que precisava me fortalecer fisicamente, escrever estava me derrubando. Bom, procurei um médico que é também radiestesista, homeopata e acupuntor. Me faz um *check-up* com o pêndulo e me aplicou agulhas na orelha, pela primeira vez, terça-feira passada. Fiquei ótimo. Regularizei o sono, estou mais atento, mais vivo. Vou fazer uma vez por semana.

Pintou um problema dentário — tenho que fazer uma pequena cirurgia para retirar o pino quebrado de (ai) uma ponte-fixa. Aí o dentista descobriu dez mil problemas, retração na gengiva y otras cositas. Precisa abrir, raspar, cimentar. Conclusão: 900 mil. Vamos lá. Então, com o romance andando e querendo fortalecer meu corpo, sou obrigado a pegar pilhas de outros trabalhos. Tenho passado horas por dia em cima da máquina, trabalhando sem parar. Mal dou conta de tudo.

Mas uma estranha intuição: de que, de alguma forma, este é um período de luta depois do qual tudo deve abrir, ficar mais fácil, menos batalhado.

Recebi uma carta de Dias Gomes, daquela Casa de Criação Janete Clair, da Globo. Me pede argumentos para especiais, minisséries e/ou novelas. Pagam, por um especial, oito milhões por um argumento aceito, mais oito pelo roteiro final. Fico tentado. Ah, as sereias cantando, Problema é que precisa historinhas para a Globo. Enredos. Tenho anotado, pensado coisas.

O filme de Sergião também está andando. Ele está no Rio, vendo as granas com a Embrafilme. Parece que sai. Acertou a atriz: Fernanda Torres, que é uma gracinha como pessoa, também. Me pede para ajudar no roteiro — a que batizei como *Almas em conflito* (queria um título com sabor de filme *noir* da década de 30/40).

A casa está boa. Comecei a cuidar um pouco mais das plantas. Elas respondem.

Fiquei horrorizado com a história de Linda e Dircinha Batista. É *Baby Jane* — lembra daquele filme com Joan Crawford e Bette Davis? — puro. Ontem falei com Regina Echeverria, que está escrevendo a biografia de Elis para o Círculo do Livro, e me contou coisas medonhas sobre a morte dela. Ah, as cantoras e seu final trágico. Dulce Veiga também era cantora: onde andará?

Mas é isto. Não sei se esta carta ainda te pega aí. Espero que sim. Você não diz quando viaja. E entre mais ou menos 10 e 20 de agosto eu estarei aí, espero que não nos desencontremos.

Te quero sempre bem.

Beijo do

Caio F.

PS 2 — Coincidência: também estou lendo *O arco e a lira*. ⁷⁷

⁷⁷ *O arco e a lira*, do poeta mexicano Octavio Paz.

São Paulo, 29 de julho de 1985 .

Luciano, querido,
meio às pressas, antes de sair para o dentista. Vai o depoimento, um tanto seco, talvez, mas foi o que me saiu. Recebi o roteiro, li e achei tudo muito bem alinhavado. Me assustam um pouco os enormes bifés, aí tenho pena dos atores. Se-gu-ra-rão? I hope so.

Estou entrando num período de super-movimento: no fim desta semana, vou para o Rio, quero assistir a *Aqueles dois* no Festival. Volto a SP, e lá pelo dia 10 estou em Porto, de passagem para Passo Fundo. Aí volto e fico alguns dias em Porto — quero o colo de minha mãe! —, para estar de volta aqui lá pelo dia 20, 25.

Ando me sentindo extremamente bem, O romance trancou um pouco — na verdade, não tenho me entregue —, mas vou tentar trabalhar nele no Rio e em Porto Alegre. Nessas aí, pari outro conto, uma versão para adultos de *Os sapatinhos vermelhos*, de Andersen. Nunca escrevi nada tão obsceno. ⁷⁸

Pena que você não venha. Mas podemos nos ver com calma aí.

Ah: pelo contrato que assinei com a Brasiliense, se você usar o título *Morangos mofados*, tenho que dar 50% dos meus direitos para eles. Podemos pensar numa solução juntos: não estou a fim de dar um vintém para o Caio Graco.

Outra cõsa desse departamento legal: se publicarem aquele meu depoimento na ZH, tem que dar a fonte — “publicado originalmente na *Revista de Domingo do Jornal do Brasil* de tanto-de-tanto”, qualquer coisa assim.

Tem feito uns dias lindos, de céu muito azul. Apareceu uma gatinha preta, imediatamente adotada e batizada de Beatriz, lógico. Comprei a Marina, e fico cantando o dia todo “Foi tão complicado/seguir na minha estrada/prá chegar até aqui...” E tem mais.

Nova República meio histérica no ar. Umas estreias teatrais muito sem graça, tipo *Dona Flor e Kamasutra* — fui ver *A trilogia da louca*, dirigida pelo Abujamra, e detestei.

Beijos muitos. Fico feliz de pensar que em breve estaremos próximos.
Seu

Caio F.

[78](#) O conto foi publicado na antologia *Espelho mágico — Contos de contos infantis para adultos*, organizada por Julieta de Godoy Ladeire, publicada pela Ed. Guanabara em 1985.

A Sérgio Keuchgerian

Porto Alegre, 10 de agosto de 1985.

“... isso que chamamos de amor, esse lugar confuso entre o sexo e a organização familiar...”

Sérgio, não sabia como começar — então comecei copiando essa frase aí de cima, é Caetano Veloso numa entrevista ao *JB*, vim lendo pelo caminho, não consegui me livrar dela.

Agora estou aqui, escrevendo pra você no meu quarto antigo, que minha mãe conserva tal-e-qual, como se eu um dia fosse voltar para casa. E lá se vão — quantos mesmo? — sei lá, quinze, vinte anos, qualquer coisa assim.

Chove. Faz frio. É bom estar aqui. Tão bom, Me sinto protegido. Ficamos vendo velhas fotografias, bebendo vinho e rindo muito. Meu irmão Felipe vestiu um modelinho de couro negro e saiu “para dar uma prensa numa caixa de supermercado”. Márcia está tão bonita. E Rodrigo, meu sobrinho, que tem dois anos e não parece quase me desconhecer. Deixei-os vendo um filme antigo dos Beatles, Lennon repetindo “d’ont let me down, d’ont let me down” — e agora percebo que meu inglês anda tão precário que não lembro se é d’ont ou don’t.

Cansado, cansado. Quase não dormi. E não consigo tirar você da cabeça. Estou te escrevendo porque não consigo tirar você da cabeça. Hesito em dizer qualquer coisa tipo me-perdoe ou qualquer coisa assim. Mas quero te contar umas coisas. Mesmo que a gente não se veja mais. Penso em você, penso em você com força e carinho. Axé.

Foi mau, ontem. Fui mau, também. Menos com você, mais comigo mesmo. Depois não consegui dormir. Me bati pela casa até quase oito da manhã. Teria telefonado para você, não fosse tão inconveniente. Acabei ligando para Grace, pedi paciência, chorei, contei, ouvi.

Não era nada com você. Ou quase nada. Estou tão desintegrado. Atravessei o resto da noite encarando minha desintegração. Joguei sobre você tantos medos, tanta coisa travada, tanto medo de rejeição, tanta dor. Difícil explicar. Muitas coisas duras por dentro. Farpas. Uma pressa, uma urgência.

É uma compulsão horrível de quebrar imediatamente qualquer relação bonita que mal comece a acontecer. Destruir antes que cresça. Com

requintes, com sofreguidão, com textos que me vêm prontos e faces que se sobrepõem às outras. Para que não me firam, minto. E tomo a providência cuidadosa de eu mesmo me ferir, sem prestar atenção se estou ferindo o outro também. Não queria fazer mal a você. Não queria que você chorasse. Não queria cobrar absolutamente nada. Por que o *zen* de repente escapa e se transforma em *sem*? Sem que se consiga controlar.

Te escrevo com um cigarro aceso e uma xícara de chá de boldo. A escrivantina é muito antiga, daquelas que têm uma tampa, parece piano. Tem um pôster com Garcia Lorca na minha frente. Um retrato enorme de Virginia Woolf. E posso ver na estante assim, de repente, todo o Proust, e muito Rimbaud, e Verlaine, Faulkner, Italo Svevo, William Blake. Umas reproduções de Picasso. Outras de Da Vinci. Um biscuit com um pierrô tão patético. Uma pedra esotérica ainda de Stonehenge, Inglaterra, uma caixinha indiana. Todos os meus pedaços aqui.

E você não me conhece, eu não conheço você.

Te escrevo por absoluta necessidade. Não conseguiria dormir outra vez se não escrevesse.

Zelda, há também o único romance escrito por Zelda Fitzgerald, a mulher de Scott Fitzgerald, que morreu louca, um incêndio, um hospício. Chama-se *Save me the waltz. Reserve-me a valsa*, não é lindo? Lembra o Brahma, se se dançasse no Brahma.

Please, save me the waltz.

Fiz fantasias. No meu demente exercício para pisar no real, finjo que não fantasio. E fantasio, fantasio. Até o último momento esperei que você me chamasse pelo telefone. Que você fosse ao aeroporto. *Casablanca*, última cena. Todas as cartas de amor são ridículas. Esse lugar confuso de que fala Caetano. E eu estava só começando a entrar num estado de amor por você. Mas não me permiti, não te permiti, não nos permiti. Pedro Paulo me dizendo no ouvido “nunca vi essa luz nos seus olhos”.

Eu não queria saber.

Tão artificial, tão estudado. Detesto ouvir minha voz no gravador ou ver minha imagem em vídeo. Soo falso para mim mesmo. A calma, o equilíbrio, as palavras ditas lentamente, como se escolhesse. Raramente um gesto, um tom mais espontâneo. Tão bom ator que ninguém percebe minha péssima atuação.

Você compreende tudo isso?

Pausa. Campainha. O jornal de domingo. Desço, outro chá de boldo. Um comentário de Rubens Ewald sobre *Aqueles dois*, diz que é “excelente”, fala da “dignidade e tratamento delicado dado ao tema”. Lembro da crítica de Sérgio Augusto, de como fez mal por dentro. Já passou.

Quando pergunto você-compreende-tudo-isso não estou subestimando você. Quando pergunto se você quer que eu leia suas histórias, ah deus, perdoe. Não sinto agressividade nenhuma em relação a você. E gosto das tuas histórias. E gosto da tua pessoa. Dá um certo trabalho decodificar todas as emoções contraditórias, confusas, somá-las, diminuí-las e tirar essa síntese numa palavra só, esta: gosto.

Dormi umas três horas e acordei ouvindo *Quereres*, de Caetano. Repeti, várias vezes, cada vez mais alto. Ah, bruta flor, bruta flor do querer. Discutia tanto com Ana Cristina Cesar, antes que ela acolhesse a morte (acertadamente? me pergunto até hoje, nunca sei responder): nossa necessidade fresca & neurótica de elaborar sofrimentos e rejeições e amarguras e pequenos melodramas cotidianos para depois sentar Atormentado & Solitário para escrever Belos Textos Literários.

O escritor é uma das criaturas mais neuróticas que existem: ele não sabe viver ao vivo, ele vive através de reflexos, espelhos, imagens, palavras. O não-real, o não-palpável. Você me dizia “que diferença entre você e um livro seu”. Eu não sou o que escrevo ou sim, mas de muitos jeitos. Alguns estranhos.

Não há nenhum subtexto nisto que te escrevo. Não acho bonito que a gente se disperse assim, só isso. Encontre, desencontre e nada mais, nunca mais, é urbano demais — e eu nasci praticamente no campo, até os 15 anos quase no campo, céu e campo. Não sei se a gente pode continuar amigo. Não sei se em algum momento cheguei a ver você completamente como Outra Pessoa, ou, o tempo todo, como Uma Possibilidade de Resolver Minha Carência. Estou tentando ser honesto e limpo. Uma Possibilidade que eu precisava devorar ou destruir. Porque até hoje não consegui conquistar essa disciplina, essa macrobiótica dos sentimentos, essa frugalidade das emoções. Fico tomado de paixão.

Há tempos não ficava.

E toda essa peste, meu amigo. O que tem me mantido vivo hoje é a ilusão ou a esperança dessa coisa, “esse lugar confuso”, o Amor um dia.

E de repente te proíbem isso. Eu tenho me sentido muito mal vendo minha capacidade de amar sendo destroçada, proibida, impedida, aos 36 anos, tão pouco. Nem vivi nada ainda. E não sou, sequer promíscuo. Dum romantismo não pós, mas pré todas as coisas — um romantismo que exige sexualidade e amor juntos. Nunca consegui. Uns vislumbres, visões do esplendor. Me pergunto se até a morte — será? Será amor essa carência e essa procura de amor, nunca encontrar a coisa?

Das minhas heterossexualidades, dois filhos mortos, não *ficou* nada. Das minhas homossexualidades, esse pânico lento e uma solidão medonha. A hora é tão grave.

Vim pegar energia. Sim. Preciso ver a terra, preciso do horizonte do pampa. Já começa a agir, meus ombros se soltaram. Olhei no espelho e aquela ruga entre as sobrancelhas se desfez.

Não quero me tornar uma pessoa pesada, frustrada, amarga. Não vou me tornar assim. Então vacilo, escorrego e a mania de perfeição virginiana e a estética libriana no dia seguinte me dizem “que vergonha, que vergonha, que vergonha”.

Eu podia dizer que tinha/tínhamos bebido demais. Eu podia dizer que estava com tanto medo de vir para Porto Alegre. Eu podia contar a você dos meus últimos meses, oito, dez, doze horas por dia sobre a máquina de escrever, falando com quase ninguém. Sozinho, às vezes. Cantando também. Tudo isso, se eu te dissesse, talvez tivesse ajudado a doer menos em você.

De repente me passa pela cabeça que você pode estar detestando tudo isso, e achando longo e choroso e confuso. Mas eu não quero ter vergonha de nada que eu seja capaz de sentir. Tento não ficar assustado com a ideia que este tempo aqui é curto, que vou voltar a São Paulo e que talvez não veja mais você. Sei que não fico assustado demais, e enfrento, e reconstituo os pedaços, a gente enfeita o cotidiano — tudo se ajeita. Menos a morte.

Mas de tudo isso, me ficaram coisas tão boas. Uma lembrança boa de você, uma vontade de cuidar melhor de mim, de ser melhor para mim e para os outros. De não morrer, de não sufocar: de continuar sentindo encantamento por alguma outra pessoa que o futuro trará, porque sempre traz, e então não repetir nenhum comportamento. Ser novo.

Quando te falo da idade, quando te falo do tempo — e não tivemos tempo — queria te falar de Cronos, Saturno, da volta pelo Zodíaco

quando se completa 30 anos. A tua estrela é muito clara, tem sinais bons na tua testa. Compreendo teu Plutão e a Lua encarcerados na Casa XII — as emoções e as paixões aprisionadas —, e também Urano, todo o impulso bloqueado. Na mesma casa, a do Karma, a dos espíritos que mais sofrem, tenho também o Sol, Mercúrio e Netuno. Somos muito parecidos, de jeitos inteiramente diferentes: somos espantosamente parecidos. E eu acho que é por isso que te escrevo, para cuidar de ti, para cuidar de mim — para não querer, violentamente não querer de maneira alguma ficar na sua memória, seu coração, sua cabeça, como uma sombra escura. Perdoe a minha precariedade e as minhas tentativas inábeis, desajeitadas, de segurar a maçã no escuro. Me queira bem.

Estou te querendo muito bem neste minuto. Tinha vontade que você estivesse aqui e eu pudesse te mostrar muitas coisas, grandes, pequenas, e sem nenhuma importância, algumas.

Fique feliz, fique bem feliz, fique bem claro, queira ser feliz. Você é muito lindo e eu tento te enviar a minha melhor vibração de axé. Mesmo que a gente se perca, não importa. Que tenha se transformado em passado antes de virar futuro. Mas que seja bom o que vier, para você, para mim.

Com cuidado, com carinho grande, te abraço forte e te beijo

Caio F.

PS — Te escrevo, enfim, me ocorre agora, porque nem você nem eu somos descartáveis.

E amanhã tem



A Luís Artur Nunes

São Paulo, 10 de março de 1986

Luizar, querido,
você não imagina como foi difícil conseguir estes minutos para sentar aqui e escrever a você. Mais ainda, sentar e concluir o melodrama [79](#). Meu plano era ter mandado tudo hoje pela manhã. Não foi possível.

Esta cidade é definitivamente vampira. Me sinto exausto. Hoje foi meu último dia na revista, estou mergulhado em burocracias inacreditáveis para fazer todos os documentos necessários à contratação pelo *Estado*. Nem vale a pena contar. Mas tenho vontade de chorar, fugir para o Paraguai que seja. Vai dando certo. O que não impede uma angústia e uma insegurança insuportáveis.

Mas olha, taí o melodrama.

A partir da página 23, rebati e reescrevi muita coisa. Principalmente quando Ursula recupera a memória. Entre outras cositas, que você vai perceber, dei uns toques de impaciência para Jezebel. Jezebel, acho, tem todos os planetas em signos de terra — e simplesmente não suporta piração. Então ela dá uns bons cortes em Ursula.

Na fala final de Ursula, acrescentei algo que me pareceu engraçado. Com toda essa história de pacote econômico, Ursula — tomada pelo espírito de Maria da Conceição Tavares — diz: “Amanhã mesmo congelarei todos os preços no vilarejo, mudarei a moeda corrente e triplicarei o salário dos mineiros” [80](#).

Isso tem dois gumes. Te explico minha loucura:

Pode ser bom, porque remete à situação atual do Brasil — fica tudo como uma sátira à Nova República (Maurício é a ditadura que cai — Ursula a oposição que sobe). E é — eu acho — hilário.

Mas pode ser mau, porque — não sei — *situa* demais. Não sei se não *reduz* o melodrama todo a um nível de leitura menor. Isso pode ser forte porque é praticamente a última fala da peça.

Enfim: você decide. Aliás, querido, meta a mão no texto durante os ensaios. Corte, enxugue, acrescente. O que você quiser. Tenho inteira e absoluta confiança, sabes, no teu trabalho — pra mim, você é um dos melhores diretores do país.

Reli todo o texto umas três vezes. Sa's que gosto muito? Acho que não está irregular — tem ação, tem uns “monólogos interiores”, as personagens são todas muito vivas (o mais pêra me parece Vassili: tentei melhorar um pouco — na recuperação da visão usei algumas informações de Borges), tudo é muito dinâmico.

Talvez a cena em que Ursula recupera a memória esteja lenta demais. Eu quis fazer certa *tensão* — pira, despira, pira de novo. Não sei se não ficou arrastado.

Sugestão: para música final — andei ouvindo *Muda Brasil*, de *Todas*, da Marina. Acho que tem a ver. Talvez seja um pouco lenta. Sou favorável ao rock mais pauleira possível. Pode até ser um clássico, tipo *I can get no satisfaction* — com aquele pique, pelo menos.

Ah: continuo com os quadros-vivos na cabeça. Também porque as narrações podem ficar meio chatas — é preciso, eu acho, que nos momentos de narração o texto não fique fundamental demais, entende?

Sobre o melodrama, acho que é isso. Aguardo notícias e — se Deus quiser — para a estréia estarei aí. Ou logo na sequência.

Quanto à minha vidoca, bem, tem acontecido coisas. Uma delas, boa — foi um telefonema do Rio: se eu queria aquela bolsa do International Writing Program, de Iowa. A partir de setembro, três meses. Topei, achei ótimo. Agora estão rolando umas burocracias, mas tudo praticamente acertado — acho. Fico enlouquecido de pensar em sair do Brasil novamente. Precisava muito. É pago, e tal, daria pra ir a New York, quem sabe voltar pela Europa. Não fale a ninguém — entra areia, você sabe —, mas mande boas energias.

Ando tenso, inseguríssimo e muito só. A mudança de trabalho me deixa bem louco. E tudo travado. Não tenho escrito. Não há tempo, não há condições práticas, não há serenidade. A cidade ruge e invade teu espaço. Tenho me perguntado muito do sentido de continuar vivendo em São Paulo. E não encontro resposta, nem outra possibilidade.

A euforia econômica no ar me parece positiva — pelo menos tem certa esperança. Mas não deixa de ser meio ridícula essa ânsia toda. Sei lá, sei lá, minha cabeça dá nós e eu penso que não entendo nada do momento histórico.

Mas é isto. Te quero um bem enorme, sempre, e desejo felizes ensaios. Que tudo fique lindo, com a mão característica do seu enorme talento. Quando puder, me dê notícias.

Um beijo carinhoso do seu irmão/amigo

Caio F.

[79](#) Trata-se de *A maldição do Vale Negro*, que Caio escreveu a quatro mãos com Luiz Arthur Nunes e que, uma vez encenada, conquistou o Prêmio Molière em 1989. Com a passagem para Paris que ganhou com o prêmio, Caio fará uma viagem à Europa em 1990/91.

[80](#) O fato histórico a que se refere Caio é o Plano Cruzado, uma das muitas tentativas de governos brasileiros controlarem a inflação galopante dos anos 80/90 com medidas que incluíam congelamentos de preços e do câmbio. O Plano Cruzado foi imposto pelo Governo Sarney e fortemente apoiado na época pela economista de esquerda Maria da Conceição Tavares.

A Sérgio Keuchgerian

Na cidade alagada
27 de janeiro de 1987
16h 20m

Sérgio, querido,
saudade & saudade & saudade. Fico à espera do teu mapa, que não me chega, então me adianto e te escrevo. Esperava o mapa também para descobrir o dia do teu aniversário. Não lembro. Já foi? está sendo? vai ser?

Cinza & relâmpagos outside. Paisagem dramática. Edifícios recortados contra o céu cortado de relâmpagos. Eparrê-yê, Iansã! Caos, catástrofe. Chegar ontem no jornal foi igualzinho a um comercial de Camel. Até curti.

Sinto uma falta absurda de você. Ficou um vazio que ninguém (pre)enche. E penso e repenso e trepenso em você por aí. Deve ser tão árido. Horizontes infinitos? Mas fique tão tranquilo — e humilde, e confiante — quanto possível. É só uma fase, só um estágio. Vai passar. Lembro dos meses que passei em Estocolmo, numa cidade universitária — Kungshambra — onde só havia suecos, dinamarqueses, finlandeses, noruegueses. Teve uma noite de lua cheia — e era midsummer, pleno verão, não havia noite, só duas horas de penumbra crepuscular — que saí a caminhar em busca de alguém para conversar. Dizer ôi (ou *hei*, em sueco), ou *Inte präte svenska* (“não falo sueco”) que fosse. E nada, não encontrei ninguém. Cai (pode?) no meio do asfalto chorando. Arranhei as unhas no asfalto de pura solidão. E aquela lua cheia enorme lá em cima, e os bosques atrás, com o castelo de verão do rei — tudo parecia sinistro. Parecia que eu ficaria para sempre lá, ao lado do Pólo Norte, e que isso não tinha o menor sentido.

Mas passou. Hoje te conto. E lembro daquela história zen, o rei que pediu ao monge um talismã que o protegesse de qualquer mal. O monge deu ao rei um anel, com a recomendação de abri-lo só em caso de extremo perigo. Um dia, o castelo foi cercado pelos inimigos, e o rei encurralado numa torre. Ele abriu o anel. Dentro, havia um papelzinho dobrado. Ele abriu o papelzinho e leu uma frase assim: “Isto também passará”.

Tenho sofrido um pouco. R. veio de Porto Alegre, no sábado. Tivemos um dia lindo — com direito a sauna Nikkei e massagem (Akira sapateou em cima de mim, me virou para a esquerda e para o avesso). Jantamos num japa, saímos duas xuxas para ver *Drácula*. E então, em casa, ele me rejeitou mais uma vez. Me adora, morre de carinho & respeito & admiração. Mas: SEXO NÃO. Eu fiquei chorando no escuro, enquanto ele decidia dormir na sala.

Eu fiquei olhando aquelas estrelinhas no céu do quarto, sem entender nada. Tive vontade de ir de mansinho até a cozinha e abrir o gás. Talvez matá-lo também? Tive vontade de pegar uma faca na cozinha e enfiar no coração dele, depois no meu. Tive vontades Maria Bethânia, vontades Maysa, vontades Fassbinder — teatrais, melodramáticas. Me limitei a escovar os dentes, me masturbar pensando nele, e dormir. No dia seguinte, joguei um *I Cbin*, e perguntei o que fazer. Saiu o abismal, Água sobre Água: a imagem de um abismo. Como no fundo do abismo, a água escorre, você deve escorrer sem parar, para a frente. Mantenha a sinceridade no fundo de seu coração. Mantive. Tenho mantido. Nos dois últimos dias me baixou o irresistível & simpático Tio Caio. Aquele serviçal, paciente, tolerante — que compra flores e frutas, lava a louça, quebra galhos. Você sabe.

Faço o papel sem dificuldade. A água flui, vai para a frente. Isto também vai passar. Mas não compreendo. Então um lado meu pensa: é sina, é fado, é destino, é maldição. Outro lado pensa: não, é mera neurose, de alguma forma sutil devo construir elaboradamente essa rejeição. Crio a situação, e ouço um *não*. Desta vez, eu tinha tanta certeza. E penso: os deuses me traíram, os búzios me traiçoearam, as cartas me mentiram. E me sinto velho e cansado, e tiro toda a roupa preta guardada nos armários — e tudo não deixa de ser teatral, meio engraçado. Mas há também uma dorzinha verdadeira no fundo. A pequena gota de sangue, como um rubi.

E me baixa o peso do tempo, e dos meus 38 anos, e dos cabelos caindo, e de tudo indo embora e fugindo e se perdendo — e o amor sem acontecer, quando estou assim todo maduro, e limpo, e pronto, e luminoso como uma maçã no galho, pronta para ser colhida. Ninguém estende a mão para a maçã, pouco antes de começar o processo de apodrecimento.

Você conhece essas queixas, e eu não peço nenhuma palavra de consolo sobre elas. Tá tudo bem assim. Só que me rouba o sentido — entende? — ou a ilusão de sentido que quero ter da vida, e que é essencial para a minha sobrevivência. Não faz sentido ouvir esse *não*. Ou eu não estou vendo — agora — esse sentido? Pode ser. Mas eu tinha/tenho tanta sede dele. Me sinto o camelo do poema de Cecília Meireles, mastigando sua imensa solidão.

E penso: sou feio, então, sou desagradável, é isso, é isso — é só isso, sou incapaz de inspirar qualquer erotismo em alguém. Fico me ferindo, mas também dou voltas e penso: não, não é nada disso, sou legal, sou mansinho, sou até bonitinho. E penso tantas e tantas outras coisas, mas o real não se modifica. E o real, parece meio grosso dito assim, mas no fundo é isso mesmo — o real é: R. não quer trepar comigo de jeito nenhum.

Como dói.

Mas tenho anotado histórias, anotado sem parar. Está vindo algo por aí, está se avolumando. Talvez seja o único jeito, não? Minhas ficções não me rejeitam. Talvez seja sina, essa de escrever, e então ter as respostas da vida real na vida recriada, nunca na própria vida real — como as pessoas que não criam costumam ter. E deve estar certo assim, deve haver uma ordem e um sentido nisso.

Terminei *As brumas*. Tive um impulso quase incontrolável de ligar pra você às três da manhã. Mas tua mãe me disse que o telefone é na portaria, precisam te chamar no quarto. E eu achei que ia ser muita barbarização, fiquei quieto. Mas não encontrei ninguém para falar sobre. Fiquei impressionado, fiquei machucado com a decadência, a loucura, a solidão do final. E tenho medo de ter a sina de solidão de Morgana. É lindo demais, e terrível. Fico filmando na minha cabeça. Isabelle Adjani como Morgana, Christopher Lambert como Arthur, Kim Basinger como Guinevere — não encontro Lancelot, mas podia ser Richard Gere? Muito pêra, talvez Sean Penn, com os cabelos tingidos de preto? E Harrison Ford teria que ter um papel. Penso em Irene Papas como Viviane (ou Raven). Te parece bom? Claro que seria caríssimo. É muito chique, ‘magináh!

Quando você vem? Quando te vejo? Quando jantamos juntos em qualquer lugar? Manda teu mapa logo, te mando um cademinho de trânsitos. R. descobriu que a hora de nascimento dele estava errada:

portanto ele é Libra, ascendente em Touro, Lua em Touro, Vênus em Virgem. A combinação perfeita para *mim*, que tenho Sol em Virgem, ascendente Libra, Lua em Capricórnio e o nó lunar em Touro. Touro é a minha casa VII e VIII, a do casamento, e da sexualidade. E por tudo isso, entendo ainda menos.

Pense em mim, me mande mentalmente coisas boas. Estou tendo uns dias difíceis — mas nada, nada de grave. Penso em você com carinho, com amor, com saudade. Me deram trabalho. Tenho que parar.

Te amo muito. Beijo,

Love

Love

Love

Caio F.

PS 1 – Maurício vai amanhã — mando por ele. É ótima pessoa: curtam-se.

PS 2 – Falei com sua mãe, Ela mandou dizer que está morrendo de saudade – e só não liga todo dia pra não ficar ainda mais saudosa.

PS 3 – Não se preocupe comigo. Ontem, eu tava meio amargo. Tá tudo bem! Afinal, o que é SEXO?

Beijos

Beijos

Beijos

Beijos

Beijos

A Maria Adelaide Amaral

Sampa, 4 de março de 1987.

Levíssima, saudade, aí vai a missiva de Ms Dip. Aproveito para mandar junto uma foto que o Juvenal Pereira tirou de nosotros naquela festa do Raul Cortez. No momento exato em que líamos a mão de Gisela Arantes. Achei engraçada. Você parece estar dizendo qualquer coisa como “Olha, minha filha, falando franco, vai ser muito difícil”, e eu (com meu encantador — e falso — ascendente Libra) suavizando assim “Mas tem uma linha tão simpática aqui no monte da Lua.” Gisela está absolutamente hipnotizada com as nossas profecias.

Também não ando muito animado. Mas voltei a escrever, ou pelo menos a mexer nas gavetas, nos papéis, nos fantasmas. Ando muito só, um tanto assustado, e com a esquisita sensação de que tudo acabou. Ou pelo menos está se transformando — e radicalmente — em outra coisa. É tão vago, não sei sequer dizer do que se trata.

Ah, esta é minha estonteante Praxis 20 — um presente que me dei (pelo menos pralguma coisa aquele *Estadão* tem que servir, não é, benhê?). Ela ainda não tem nome, aceito sugestões. Mas tem que ser algo na linha eletrônico-cibernético-pós-pós: ela é toda dark, com luzinhas, zumbidos e ares concretistas.

Saudade, again. Y besos muy calientes. Seu,

Caio F

A Nair e Zaél Abreu

São Paulo, 12 de agosto de 1987.

Querida mãe, querido pai,
não sei mais conviver com as pessoas. Tenho medo de uma casa cheia de pais e mães e irmãos e sobrinhos e cunhados e cunhadas. Tenho vivido tão só durante tantos — quase 40 — anos. Devo estar acostumado.

Dormir 24 horas foi a maneira mais delicada que encontrei de não perturbar o equilíbrio de vocês — que é muito delicado. E também de não perturbar o meu próprio equilíbrio — que é tão ou mais delicado.

Estou me transformando aos poucos num ser humano meio viciado em solidão. E que só sabe escrever. Não sei mais falar, abraçar, dar beijos, dizer coisas aparentemente simples como “eu gosto de você”. Gosto de mim. Acho que é o destino dos escritores. E tenho pensado que, mais do que qualquer outra coisa, sou um escritor. Uma pessoa que *escreve* sobre a vida — como quem olha de uma janela — mas não consegue vivê-la.

Amo vocês como quem escreve para uma ficção: sem conseguir dizer nem mostrar isso. O que sobra é o áspero do gesto, a secura da palavra. Por trás disso, há muito amor. Amor louco — todas as pessoas são loucas, inclusive nós; amor encabulado — nós, da fronteira com a Argentina, somos especialmente encabulados. Mas amor de verdade. Perdoem o silêncio, o sono, a rispidez, a solidão. Está ficando tarde, e eu tenho medo de ter desaprendido o jeito. É muito difícil ficar adulto. Amo vocês, seu filho

Caio

A Jacqueline Cantore

Safe Sampa, 24 de fevereiro de 1988.

‘lane (pronuncia-se *leine*) dear,
não acredite, como eu também não estou acreditando, mas sa’s que me pintaram uns minutos livres no meio deste fechamento (leia-se *fechamento*, não *fechação*, please). Dei de mão nesse estonteante bloquinho com a intenção explícita de dedicar os ditos momentos livres for you.

Tás bem? (Vozes ao fundo, em falsete, gritam agudas: *desabada! soterrada! flagelada!*) Graças a Deus minha TV continua quebrada, então não vi nada, só pelos jornais de papel. E fiquei horrorizado. Achas que é o fim? Na crônica de amanhã, do *Estado*, publico *seu* testemunho sobre a tragédia.

Pausa para cortar uma legenda.

Eu tô bem. Um tanto exausto, verdade, e um pouco caidaço também. Mas bem animadinho, disciplinadinho e tudo. Ontem foi um dia engraçado: fui ao aeroporto pegar a Cristina Pereira, nossa capa de março, para levá-la ao estúdio do Duran. No aeroporto: muita gente *chegava* do Rio, mas ninguém *embarcava* para lá (aí). Eis senão então (ão, ão) que desembarca Cristina, junto com-com-com-QUEM? Ana Carolina ⁸¹. Queria me jogar aos pés dela, repetindo “como-uma-deusa-como-uma-deusa” Ela não deu chance. Apressadíssima, olheiras até o queixo. Caidaça, porém chique. Aí, o estúdio. Você já foi no estúdio de algum fotógrafo realmente Poderoso? Inacreditável. Tem milhares de assistentes (muitas jacirinhas) que arrumam tudo, medem distâncias, focos, ajeitam spots, trocam filmes e tudo. Aí o fotógrafo (poderosa!) senta numa cadeira, mete o olho no visor (?) e — momentummmmm! — aperta o botãozinho. É simplesmente *tudo* que ele faz. Fiquei, expressionado. Achei tudo a tua cara.

Hoje tem um solzinho aqui, as’s? Depois daquele mar de chuva. Gostoso. Modesto. Singelo. É tudo. Com o sol, meu karma preferido voltou do Rio ontem. Me batalhou aqui, em casa. Secretárias, eletrônicas ou não, diziam: ele-não-está. Fiz uma linha assim busy e só liguei hoje. Sa’s que meu coração dispara e quase não consigo falar? (Em falsete, e em coro, vozes gritam: *pueril! teenager! romântica!*)

Segurei a guia de Oxum e continuei a fazer a linha busy, hoje? não dá, muito trabalho, amanhã? jantar com fulana, quem sabe quinta. Quinta, então, quinta tá bom? Quinta que não há ser de quinta, hora-yê-yê- ô.

Mas tão, tão modesto. Assim, sa's, uma PUTA expectativa cercada por todos os lados de desilusão. Que nem calda de chocolate em bolo. Só a casquinha. Já não dói muito. Assisto como a um filme onde só por acaso sou personagem. Tenho lembrado demais deste poema de Adélia Prado:

“quarenta anos
não quero a faca nem o queijo
quero a fome.”

Porque é um pouco assim que a gente vai ficando, pura expectativa há anos (muitos) não satisfeita. De repente, você começa a *ponderar* se não será assim mesmo o jeito das coisas, o jeito “certo” delas, por mais que pareça errado. Melancólico? Não sei bem. Talvez seja o jeito das coisas, só isso. Chega-se no *zen*? Ou esse apenas o lado mais artístico de uma solidão quase tão grande quanto a daquelas velhas tias solteironas, que ao invés de escreverem ficção faziam docinhos, bordavam toalhinhas? Coisas assim.

Que seja doce — repetem os dragões. Que seja doce, e será.

Estou muito envolvido com *Os dragões* (o livro) ⁸². Tirei umas fotos lindas com o Sidney, vi os contatos hoje. Me sinto mais inclinado — claro — pela mais dark de todas. Algo assim entre o Jim Jarmusch, o Tom Waits e o Arnaldo Antunes. (Em falsete, em coro, as vozes: narcisa!) É *muderrrno*, tem o clima destes (negros) tempos. Fim de semana pego as provas, reviso e pá e crã: em março nas boas casas do ramo. Dá dor de barriga só de pensar. Outra auto-exposição pública. E aí vêm aqueles bonvicinos da vida e tudo — lembra? — falando que você é um imbecil total e tudo e tudo e nada. Mas, cá com meus botões — ou zíperes, para ser mais realista —, estou confiante. Hei de vencer.

Pausa para discutir anúncios.

Pausa para tomar café.

Continuo.

Pausa para diagramar uma foto.

Continuo me aprontando para ir ao Rio lá pelo dia 4, 5 de março — ou então no outro. I need tambores. Falar nisso, liguei pra lá domingo e a Sônia não conseguia ouvir o que eu dizia *por causa do barulho da água*

caindo. Foi o que ela disse. Fiquei preocupado, mas depois voltei a ligar e sempre dava ocupado.

Amanhã tenho hora no cartomante — Kutio, poderosa.

Sa's que, não fosse essa história de love, love, love, eu até diria que estou vivendo uma excelente fase. Hoje estou passando pelo AUGE da oposição Urano-Urano. Stadenervos perde. Não durmo há uns cinco dias. Mas estou pegando a coisa pelo lado profissional, do pique (trabalha-trabalha-nêga), e fazendo o possível, à noite, para ficar na base dos chás, jogado ouvindo coisas repousantes como Schuman, Mozart, Nana Caymmi (surpreendentemente relax) ou Nara Leão. Acho que funciona. Trata-se, principalmente, de aquietar a periquita.

Saudade de você. Mas estas corridas, esta vida...

Pausa para falar com um colaborador.

E com esta mensagem de fé e otimismo e esperança no futuro de nossa pátria, me despeço com kisses, kisses and more kisses and lots of hot and sweet kisses,

*Caio F.
(I'm the best)*

PS 1 – Hoje fui ao cartomante poderoso. Ele garante: Sim. É risonho o meu futuro.

PS 2 – Always AH-UH-AH-UH-AH

[81](#) A cineasta, diretora de filmes como *Das tripas coração* e *Ameba*.

[82](#) *Os dragões não conhecem o paraíso* (Nova Fronteira, 2014)

A Marcos Breda

SP 22.04.1988 ⁸³

Quirida, morena, guria, famosa, charmosa, gostosa e, sobretudo, CAPA!!!

Via nossa secretária de Redação, a mini Cida de Assis, estou mandando a *A-Z* com um amigo meu na capa. Na opinião geral aqui do pessoal ficou DO CARALHO, espero que você concorde, divulgue, faça posters e, principalmente, coma muitas garotas usando a revista como técnica (irresistível) de sedução. Afinal, trepar com uma CAPA não é qualquer hora que pinta. Eu e Karina bem que pensamos em cortar o cromo pela metade, deixando só o estonteante casal ao fundo. Mas o apelo dos seus verdes olhos foi mais forte que a najice. Agora planejamos falsificar várias cartas de leitores nervosos querendo a todo custo saber quem, afinal, é esse casal maravilhoso nas sombras?

Deu trabalho demais, você não imagina. Aí pintam essas gratificações: ficou linda, a revista toda. Então valeu. Ah, preste atenção na matéria de Nadja de Lemos. Certamente você conhece muitas daquelas personagens.

Meu amigo, andei tão mau. Uma tristeza que não me largava. Aquela baixaria da *Folha* agravou o estado lastimável. Uma sensação de abandono, de solidão sem remédio — conhece o texto? —, de velhice chegando & eu chegando ao *fim*, sem ninguém nem nada além de ilusões já tão esfarrapadinhas. Velha! Você está uma velha, velha velha! Tô sabendo, é crise dos 40 (dinossaura! Tutankamon! ânfora (ânfora é muito bom, lembra ruínas de Pompeia!)), mas Deus, como é duro. Aquela história de amor já ganhou o Troféu Rodenir 80, nunca vi (nem vivi, o que é pior) nada tão enrolado. Agora ele sumiu, desapareceu, não tenho a menor ideia onde anda depois de um recado meio arfante na secretária na última terça: quero-te-ver-te-abraçar-estou-com-saudade. Ligo, isto é uma gravação. Ronaldo diz que a cada transbordamento de emoção corresponde um desaparecimento igual e contrário. Fico cansado. Tentei dar umas perucas avulsas, não deu muito certo. Um problema da tal crise dos 40 é que você começa a achar sexo sem amor uma coisa meio pêra. Mete aqui, mete ali, levanta a perna, ergue a bunda, esfola os cotovelos no colchão ortopédico, transpira, transpira,

depois dorme e acorda na manhã seguinte com aquele verso de Garcia Lorca na cabeça: “hay cuerpos que no devem repetir-se en la aurora”.

Andei chorando baldes, Ronaldo chegou a ficar assustado.

Nos últimos dias, isto é, ontem, a tristeza começou a ceder terreno a uma espécie de — digamos — abnegação. Durmo, acordo, faço coisas, leio muito. E esse vazio que ninguém dá jeito? Você guarda no bolso, olha o céu, suspira, vai a um cinema, essas coisas. E tudo, e tudo e tal. Me arruma um namorado, benhê?

Tenho visto você *chez* Jocasta quase todo dia. Gosto sempre (as peruas aqui da publicidade ficam todas loucas), é muito intenso, forte. Não suporto muito ver a novela, fico trocando de canal, quando tem cena sua acompanho inteira (amiga!). E como estão seus planos para o futuro?

O papel acabou. Sábado que vem tenho lançamento dos *Dragões* na carroça. Levarei aquela saia de tweed. Saudade imensa de você. Fala o que achou da revista. Um beijo.

Caio

PS – A outra A-Z é para a Jacqueline.

[83](#) Esta carta parece ter sido escrita entre São Paulo e Porto Alegre

A Luciano Alabarse

SP 31.08.88

Luciano,
momento raro — senão único — nos últimos, que sei eu, cinco ou seis meses. Cheguei em casa cedo, fiz uma “limpeza” no astral, um mate, ouvi os Paralamas (estou apaixonado por *Uns dias*), dei uma enorme faxina na escrivania, troquei os Paralamas pela Judy Garland e sentei. Oh Deus, quanto tempo.

Tantos rituais se justificam: é para escrever a você. Tanto a contar, por onde começo?

1º Bom, espero que não nos cruzemos pelo caminho. Estou indo para POA no dia 8, para o lançamento de um fascículo do IEL sobre mim, mais a seleção de contos (feita pela Regina Zilberman) pela Mercado Aberto (chama-se *Mel & Girassóis*, adorei o nome). Tudo isso no dia 12, quando completo 40 anos. Não entendo bem como, mas é verdade e estou me sentindo melhor que nunca. Poderosíssimo. As moças ielescas querem me fazer uma homenagem e tal, aceitei, comovido, embora de saia justa ao pensar nesse aniversário chez mamã. Queria, claro, te ver.

Menino, aconteceu tanta coisa na minha vida. Foi tudo muito denso/intenso desde a saída dos *Dragões*. Estive doente, paranóico, anorexia e vômitos, tomando soro por uma semana. O terapeuta: tanta infelicidade psicológica tinha que encontrar uma correspondência no corpo físico. Agora você começa a melhorar. Não deu outra.

Aí fui à Bahia, para a estreia da versão teatral baiana (muito boa) de *Morangos mofados*. Tive sonhos mágicos, antes. Consultei os búzios, fiz tudo que os sonhos mandavam. A sensação, agora, é de ter deixado a dor jogada no mar de Salvador. Salvador salvando — como diz Yulo, um moço que conheci lá e, como diria Fernando Pessoa, tem me dado muita alegria.

Ando feliz feito bobo.

Profissionalmente, aconteceram coisas lindas. Saiu no *Times* de Londres, Suplemento Literário (o mais respeitado do mundo), um artigo chamado *Brazilian notes*, assinado por um certo John Gledson — dizem que muy respeitado ⁸⁴ — rasgando-se em elogios aos *Dragões* (que ele chama de *Dragons don't go to Heaven*). Luxo total. Isso abriu

(escancarou, melhor) portas. Com a Bienal do Livro rolando, fui procurado por uma tradutora italiana, mais uma agente francesa e outra alemã (engraçado: todas mulheres). Resulta que está praticamente acertada pelo menos a tradução para o alemão, só falta o contrato. E promete Ray-Güde, é esse o nome da Frau, que me leva a Berlim para o lançamento, ano que vem. Fico ouvindo “Berlim, Berlim/ Berlim, Bonfim” e se me baixa uma Nina Hagen rápida. Ou será — mais clássica — Marlene Dietrich?

Pausa. Telefone. Se quero fazer um lançamento em Piracicaba. Quero. Anda assim, fui a Salto, Botucatu, Santos, Americana — tour de cantor de rock perde.

Mas como eu ia dizendo, serão os tais frutos? Quem dera.

Cazuza. Sa's que ele me dedicou *Só as mães são felizes* no show aqui de SP? Fiquei num exibimento insuportável: foi o maior elogio de toda mi perra vida. Aí fui dar uns amassinhos nele, no final. Luciano, Cazuzinha está com no máximo 50 quilos. Lindo, vital, sereno. Mas você olha a cara dele e vê a cara da morte. O que pira a gente é que, você sabe, a morte está viva. Foi lindo. Ritual de vida e morte, naquele menino definhando em cima de um palco. Não é mórbido, não, dá vontade de viver e rouba o medo. Cazuza te joga na cara os anos 80, plenos de veneno. Não temos tempo de temer nada, e a Amazônia continua em chamas.

Ando menos só. Breda, o Marcos, está aqui em casa, em cartaz com *O amigo da onça* e para o lançamento de filme, o *Feliz ano velho*, que é bonito (dá de dez no livro) e um sucesso. Adoro ele: toda a cumplicidade do mundo.

Vou tentar ver tua peça punk em POA ⁸⁵. Sempre muita coisa, não sei se vai dar. Semana passada, fui ao Rio ver *A maldição do Vale Negro*, bonito e tudo, mas de uma ca-re-ti-ce-in-des-cri-tível. Aproveitei para ter uma briga com — toc, toc, toc na madeira — Zé de Abreu, e confirmar o que meu terapeuta anda me avisando: incorporei meu *animus*, o ser masculino. Ando, como direi? — decidido, guapo, bravo. Não engulo mais sapos desnecessários. Só sapos karmáticos, aqueles inevitáveis que vêm de fora pra dentro, ocê sabe.

Não consegui ver La Calcanhoto aqui. Eu tava numa correria absurda, fiquei chateado, mas não teve jeito, coincidiu com meus santos cinco dias na Bahia e dez mil baratinações. Como te digo, *hoje* é o primeiro

dia em muitos meses que consigo sentar em minha velha e boa escrivaninha.

Gosto das tuas notícias e do teu *feeling*. Claro, claro que vem, O amor tá solto no ar de setembro (chega — wow! — amanhã) e já vimos tanta coisa e já sabemos de tantas outras que não vamos entregar a rapadura assim no mais, chê. Ando cheio de fé. Minha casa tá linda, furei outra vez a orelha, seguro um programa de livros semanal na TV (nada como uma câmera de TV pra te situar), cheio de projetos e sonhos, molhado de amor por tudo, procurando a síntese. Descobri — numa carta de Clarice Lispector para Lucio Cardoso — que *polisipo*, em grego, significa “pausa na dor”.

Têm sido, estes dias, polisipos. Que os teus também. Muito amor

Caio F.

PS – Você teria saco para, outra vez, pegar uns convites lá em casa e distribuir para o lançamento do dia 12? Se não tiver, tudo bem. Ah, eu queria muito ver Adriana, a bela.

[84](#) John Gledson é dos mais importantes estudiosos ingleses da literatura brasileira. Além de especialista em Machado de Assis, conhece e acompanha a produção contemporânea.

[85](#) Trata-se da peça *Inimigos de classe*, adaptação do filme homônimo alemão de Peter Stein, encenada por Luciano Alabarse no Teatro de Câmara de Porto Alegre.

SP 18.07.1989 [cartão]

Luciano, querido,
mal tenho tido tempo pra mim mesmo. Ginásticas pra sobreviver, um livro novo querendo nascer (será que consigo?) e coisas e pessoas e a vida girando meio rápido demais. Tento ficar em casa, às vezes consigo. Hoje, por exemplo. Acaba de anoitecer, tô ouvindo blues com conhaque, flores amarelas, uma foto de James Dean. Tudo em volta tão calmo, mas tão calmo e eterno como se Nara Leão nem tivesse morrido. Ando digamos que feliz, mas tão só e às vezes um pouco frágil. Acabo de sair de um “vírus inespecífico”, parecia hepatite, não era. A médica diz que a cidade tá toda assim, envenenada, virulenta. E você já viu *The dead*, de John Huston? E *A outra*, de Woody Allen? Já leu *As horas nuas* da Lygia? E aprendeu o refrão de *Beco's blues*, de Raul Ellwanger, com a Flora? Ando bem, meu amigo. Uma certa fama “excessiva” que é um verdadeiro lixo, te expõe as najices inacreditáveis. Mas fico em casa, de salto bem alto, gardênia no decote e luvas de canos longos, bem *sophisticated lady*. Trabalho e trabalho e não paro. Gosto do céu azul de inverno, rezo toda noite e repito como é bom, como é bom, Senhor, poder tocar um instrumento. Quando apareces para matarmos esta saudade? Beijo grande do seu,

Caio F.

A Thereza Falcão

SP 12.11.89

Thereza, querida,

foi uma alegria receber a sua adaptação de *As frangas* ⁸⁶. Fiquei comovido e encantado com a maneira como você sentiu, amou e respeitou as galináceas. Teu diálogo é excelente, engraçadíssimo e rápido como o daquelas comédias hollywoodianas dos anos 30/40. Rápida no gatilho. De-lí-ci-a.

Acho que, assim como está, está ótimo. Tem humor para todas as idades. Queria que ficasse bem claro que apóio totalmente teu trabalho, e você tem liberdade absoluta para trabalhar mais esse texto do jeito que você quiser, certo?

Mas minha cabeça disparou, também. Então estou enviando essa listinha de sugestões, que você pode aproveitar ou não. São coisas que me ocorreram sem a menor preocupação “séria”. Pura diversão & loucura. Lá vai:

1. Figurinos. Acho que a condição de franga pode ser caracterizada apenas por detalhes de penas. Um broche, um turbante (no caso de Otilia) com arranjo de penas. Um rabo, um daqueles colares de índio (na Juçara), um cocar.
2. A Otilia está bárbara, ameaça roubar a cena. A Otilia na verdade é uma perua (talvez até um travesti). Acho que ela fala como a Tonia Carrero, com muito *meu-amorrrrr* no fim de cada frase, gírias de perua e muita, muita afetação. Otilia vota no Collor!
3. A Ulla está muito bem caracterizada. Ela é mesmo meio tia. Acho que ela podia usar um avental, ou talvez uma daquelas roupas típicas de camponesa sueca. Em sueco, pronuncia-se “U-lá”.
4. A Juçara está um tanto reduzida demais ao naturalismo. Estou tomando notas para *As frangas — Parte II: a missão*, em que a Juçara, muito amiga de Lucélia Santos, partiu para a Amazônia, muito envolvida com o assassinato de Chico Mendes, a preservação da mata e o Santo Daime. Então acho que lá pelas tantas ela podia entrar com um discurso ecológico um pouquinho mais conseqüente. Mais adiante, tenho uma sugestão sobre isso.

5. Gabi, perfeita. Detalhe: eu *detesto* Elba Ramalho. Talvez fosse possível mexer no texto naquele diálogo em que a Juçara diz que também gosta da Elba. Nada! A Juçara gosta — adora — é daquele primeiro disco da Tetê Espíndola. E tem a paixão pelo Sting, claro. E pela Marlui Miranda.
6. Os galos são criação sua, não palpito. Mas acho simpático, só que, como as galinhas-fêmeas são maravilhosas, eles inevitavelmente saem perdendo em brilho. Mas gosto muito da briga.
7. Acho que podia haver mais intervenções do rádio, que é um bom recurso. Por exemplo: notícias sobre frangas. Vamos supor que vocês consigam um merchandising da Knorr. No rádio: “Alô, alô, repórter Knorr (ou Sadia), alô. Em Melbourne, Austrália, um sensacional cruzamento foi feito entre um pato e uma galinha, resultando numa *gapata*. Ou entre um galo e uma perna, resultando numa *garua*”. Comentários das frangas. Juçara acha uma violação ecológica, uma monstruosidade. Otilia acha má-ravilhoso (ela acha tudo má-ravilhoso), etc.
8. Uma notícia do rádio (ai, lá vem a Lourdes de novo!) pode ser sobre a contaminação do milho. Já pensou a saia-justa? Isso daria margem a um discursinho ecológico de Juçara.
9. Os grãos de milho, arroz, grão-de-bico podiam ser enormes, tipo almofadas, proporcionais ao tamanho das frangas.
10. Pensei também numa chuva de penas — homenagem a Bia Lessa — caindo do teto e fazendo jus à expressão “vai voar pena”, no momento da briga dos galos. Com ventilador, elas voam pra todo lado.
11. Adoro a cena da receita de galinha pelo rádio. TEM QUE PERMANECER. Está no livro, e isso deveria ser citado, que a maioria das pessoas só pensa numa franga como uma coisa que a gente pode comer.
12. Ah: o livrinho todo não existiria se não fosse Clarice Lispector. De cabo a rabo, é uma homenagem a ela. Penso se, em algum momento, talvez a Ulla poderia ler *A vida íntima de Laura*. Laura é um verdadeiro mito para elas, uma espécie de Marilyn Monroe das frangas. Afinal, foi a primeira vez que foi dito em público que as galinhas também têm uma vida íntima.

13. A propósito de Clarice: os contos dela *Uma galinha* — que é cruel e lindíssimo, está creio que em *Laços de família* — e *O ovo e a galinha* quem sabe podiam ser citados. Pela Juçara, que é meio intelectual, ou pela Ulla. Trechinhos curtos. Quem sabe a Ulla, que é uma tia, faz pequenas sessões de leitura pros outros ouvirem?
14. Tô esquecendo da Blondie, gente. É que acho que ela está bem caracterizada. É uma teen-ager radical, imagino que de meias soquetes, talvez minissaia de jeans ou jeans mesmo. Talvez ela pudesse usar uma camiseta com a cara de Laura. Assim como uma adolescente usaria um James Dean ou uma Madonna?
15. O que acho de mais grave — e nem tão grave assim — é a falta de conflito dramático. Tenho um certo medo que tudo fique muito na pura galinhagem, entende? Aqueles espetáculos que, ao fim de um mês, viram só cacos. Mas aí precisaria uma reestruturação total, e não me ocorre nada. Um conflitinho qualquer. Suponhamos:
16. Corre o boato que o dono do galinheiro (Caio?) vai comprar um pinguim de geladeira. Serão expulsas? Corre o boato também que vai comprar um freezer. Serão expulsas? Solução final: o pinguim e o freezer são mesmo comprados, e o pinguim vai pra cima é do freezer. “Muito coerente”, comenta Ulla, afinal, “todo aquele firriagem...” “Ai, ele deve ser um gato, quero dizer, uma gracinha” — comenta Otília. — “E eu sempre tive tanta vontade de conhecer a Africa! Ele deve ter fazendas maravilhosas lá”.
17. Lembrei de um comentário da Otília sobre as pirâmides do México. Acontece que o México realmente tem pirâmides, as ruínas astecas. Basta trocar México por Tanzânia ou Uganda ou Hungria. A Otília também podia fazer uma referência à queda do muro de Paris.
18. Voltando ao conflito dramático. Uma coisa que sempre funciona é a entrada lenta das personagens. Assim, por exemplo, a chegada de Gabi agita um pouco. Talvez um dos galos estivesse sendo esperado desde o início. Ou a Blondie estava nos Estados Unidos, qualquer coisa assim que segure a atenção.
19. Outra bobagem: às vezes alguém abre a porta da geladeira. Então sai uma nuvem de gelo seco do congelador. Isso é prenúncio de um pequeno terremoto — lógico, quando alguém fecha a porta da geladeira o galinheiro treme. Ulla pergunta-se preocupadíssima: haverá uma falha geológica embaixo do galinheiro?

20. Ah: pé de galinha morta é uma coisa horrenda. Naquela cena da receita, além da cabeça, podiam ser colocados no palco (talvez possam cair do céu) dois imensos pés de galinha.
21. Imagino sempre coisas caindo do teto — ou sendo jogadas do lado do palco. A mão de Lourdes, claro. Lourdes é meio uma inimiga invisível. Essas coisas podem ser confundidas com meteoritos.
22. Quem sabe, para conflito dramático, algo misterioso caído dos céus?
23. E ovos? Galinhas e ovos são inseparáveis. No meu novo galinheiro, tenho um ovo de madeira colocado entre as frangas. Parece o monolito negro do *2001*. O ovo é a forma mais perfeita da natureza, imagine só as reflexões filosóficas de uma galinha contemplando um ovo. A Clarice de *O ovo e a galinha*, que ela mesma considerava seu texto mais esotérico, tem textos lindíssimos e superinquietantes sobre isso.
24. Em havendo um ovo, que tal rituais mágicos em torno dele? Ou um ovo que no final rompe a casca e deixa sair de dentro de si o Pedro, o Abreu, a Gabi, qualquer coisa assim.
25. E discussões — tudo com o gancho do rádio — sobre o preço dos ovos? O ovo, como diz Clarice, é o grande enigma da galinha. E também seu grande trunfo, sua irrefutável prova de superioridade. De generosidade, também. A galinha oferta o ovo à humanidade como Jesus Cristo ofertou seu corpo na cruz. Mas isso já são loucuras minhas.

+++++

Enfim, Thereza, são só sugestões. Sem a menor pretensão ou intenção de interferir no seu trabalho. Faça como achar melhor, e o que fizer além do que já fez tenho certeza que será tão bom quanto já é. Nossa, que frase.

Também não se preocupe em usar ou não as minhas sugestões. Algumas delas serão/estão sendo incorporadas ao meu *As frangas — Parte II*. Mas, como falei a você, meu único receio mais sério é que tudo fique apenas na base do bobajol. E acho que *Frangas* têm, também, seu lado mais sério. Que não é necessariamente chato ou pedante. Umas mensagenzinhas ecológicas, ideológicas, para fazer a

cabeça das crianças — por que não? Desde que sem didatismo idiota, claro.

Mas é que o trabalho pode ficar tão bonito e tão mais profundo. A gente subestima muito criança.

Fico a seu dispor para qualquer coisa que você queira conversar sobre. Meu tempo anda aflitivamente escasso. Mas devo ir ao Rio no dia 8 de dezembro, para tomar mais um Daime ⁸⁷, e talvez no final do ano, para réveillon, aquelas coisas. Antes, durante ou depois disso, no que eu puder ajudá-la, estou pronto. Mas que isso não soe ameaçador, combinado? O texto é seu, e não quero confundir nem atrapalhar. Só ajudar.

Acho que é isso.

Outra vez, muito obrigado pelo carinho.

E um beijo grande do

Caio F.

⁸⁶ Produtora e autora de peças infantis, Thereza se encontrou com Caio rapidamente, na época em que pretendia levar para o palco o livro infantil *As frangas*. O livro alude coleção de galinhas decorativas que Caio tinha sobre sua geladeira, dando a cada uma delas uma história e uma personalidade. As duas cartas que trocaram, de acordo com Thereza, foram mais intensas do que o encontro que tiveram pessoalmente. O projeto seria patrocinado pela Hering, em 1990, mas devido à crise causada pelo Plano Collor, nunca foi montado.

⁸⁷ Daime é a substância alucinogênica em tomo da qual se formou na região amazônica uma seita religiosa, hoje espriada pelo Brasil e exterior. Esta seita atraiu e atrai espíritos místicos egressos da contracultura. Muita gente gravitando em torno do mundo artístico de Rio/São Paulo passou por ela, com maior ou menor engajamento. Entre fins dos 80 e início dos 90, Caio Fernando, dizem que levado por Vicente Pereira, esteve entre os frequentadores com pouco nível de compromisso. O romance *Onde andaré Dulce Veiga?* embute uma metáfora sobre o tipo de busca implícito na experiência geracional do Daime.

A Maria Lídia Magliani

São Paulo, 10 de janeiro de 1990 (cruzes!)

Magli Magoo, menina loba, espero que você continue nesse endereço, caso contrário nos perderemos, espero que não para sempre ⁸⁸. Recebi teu recado de ano-novo (minúsculas propositais), mas você não deixou nem um número de telefone para onde eu pudesse ligar. Haverá um? Se houver, passe-mo. Eu tinha ido a Porto Alegre — me mandaram uma passagem para (pode?) apresentar uma festa no Porto de Elis — e de lá para o Rio, tomar o Santo Daime no dia 31. Parênteses: tomar o Daime e cantar e dançar hinos para Deus e as entidades da floresta foi talvez minha única alegria ano passado. Parênteses dentro do parênteses: não, não estou pirando, nem entrei na seita nem nada. Vou lá porque acho lindo. Fechar parênteses.

Saudade enorme de você. Ontem vi uma foto de Tiradentes na revista *Corpo a Corpo*, uma vista geral, e fiquei pensando em qual dos morrinhos você moraria. Pois há de ser, certamente, num morrinho, acertei? E morrinhos e morrinhos a perder de vista no horizonte. Inveja. Inveja do bem, saudável, por você ter cortado os laços com o urbano. Cortou? Eu continuo atado.

Não ando bem. Como não ando bem há exatos 41 anos e quatro meses, concluo que nada de grave. Mas — digamos — problemas brasileiros. Trabalho demais, trabalho em todas as direções, trabalho mal pago, suado, sofrido. Contas, contas & contas. Nenhum amor, há tanto tempo, ando até pensando que amor é como uma espécie de fantasia com o Papai Noel, só que dura até os 40. Será? Por favor, me desmente. Nos últimos tempos, me baixou uma humildade, criatura, dei para cozinhar, fazer faxina. Saio quase nada, vejo quase ninguém. Uma vida pra dentro, numa cidade indiferente. Bem difícilzinho — o diminutivo é porque sempre penso nas criancinhas embaixo das pontes e aquelas coisas todas.

O problema antigo continua: inventar tempo para escrever minhas próprias coisas. Claro que não consigo. E os dias vão te engolindo, os meses, os anos (aliás, acabei de ler *Os anos*, a única Virginia Woolf que me faltava — é tão *aflitivo* na maneira como os humanos nascem,

crescem e envelhecem enquanto as estações se sucedem). Mas eu rezo. Tenho fé. Descubri qualquer coisa dentro de mim que, não sei exatamente como nem por quê, consegue manter-se serena no meio desta falta absoluta de perspectivas.

Pensei, um dia — não sei quando, também não sei se é plano ou fantasia, nunca tenho dinheiro — visitar você. Nessa revista onde vi a foto da cidade diz que há uma viagem de trem que se pode fazer até São João Del Rei “numa bela travessia de 12 km entre inesquecíveis paisagens românticas” (copiei literalmente da revista). Certamente eu poderia usar frasqueira e um modelinho safári, confere? De fevereiro a maio estarei preso pela Oficina Três Rios (que mudou de nome para Oswald de Andrade), dirigindo o tal laboratório-de-criação-literária (não me pergunte do que se trata — é pago e isso basta). Mas quem sabe depois, um dia. Pois é, um dia.

Tenho quase sempre vontade de ir embora de São Paulo. Viver uma vida onde se possa olhar o céu e os horizontes. Só isso. Quem sabe uma casinha com um pouco de terra? Aliás, ando com uma mão ótima para plantas — coisa que nunca tinha tido, Cultivo begônias estonteantes, violetas gloriosas, pés de guiné altíssimos. Quando tenho insônia — e tenho sempre — fico imaginando enormes roseiras na frente de uma casinha branca com coberturas azul-marinho. Geralmente sou sacudido por uma sirene de polícia, uma moto com descarga aberta, o alarme de algum carro sendo — naturalmente — assaltado.

Quem diria que viver ia dar nisso?

Mas sempre tem uma mostra — começa hoje — de Pedro Almodóvar no MIS, e é possível ler mais algumas páginas de *Cai a noite tropical* (o último Manuel Puig, lindíssimo) ou ouvir Nara Leão cantando *My foolish heart*. Tenho a mais inequívoca certeza de estar ficando velho. Nunca pensei.

Me dê notícias. Sempre me perguntam por você, e nunca sei ao certo o que dizer. “Está em Tiradentes” é muito vago. A propósito, você está *mesmo* em Tiradentes?

Apesar de Fernando Collor e sua Barbie inflável, havemos de vencer. Na pior das hipóteses são apenas cinco anos. Na pior? Bem, sempre acho que ele vai acabar dando uma de Jânio, e lá vêm os militares com todas aquelas botas e espadas e tudo. Pois não é assim que são os chamados “ciclos históricos”? Deus nos livre e guarde. Me escreve.

Tenha dias lindos, mesmo quietinhos. Ah, acabei de achar aqui uma anotação do diário de Cesare Pavese de 9 de fevereiro de 1940 que é a nossa cara: “O entusiasmo como profissão é a mais nauseante das insinceridades”.(*)

Sinceramente desanimado, então, mas sempre com muito carinho, tasco-te beijos diversificados.

Caio F.

(*) Já pensou se ele tivesse conhecido o Silvio Santos?

P5 — Graça Medeiros, que vive em NY, anda por aqui — muy guapa — e manda muitos beijos.

[88](#) A pintora Maria Lídia Magliani, amiga de Caio desde o início dos anos 70, residiu em Tiradentes (MG) entre 1990 e 1996, dividindo casa com a aquarelista Marijô (Maria José Boaventura).

A Thereza Falcão

SP 02.03.90

Thereza,

sua carta me deixou feliz. Não se preocupe com não-respostas ou longos silêncios. Sou a pessoa *mais* indicada para compreender esse tipo de coisa. Pior são as cartas que escrevo, juro que mandei, depois de um tempo encontro em algum lugar.

Gostei de tudo que você conta sobre *As frangas* — a idéia da camiseta é ótima! —, só fico torcendo para que tudo dê certo. E no que for necessário, conte com a minha ajuda. Ando com *As frangas — Parte II: a missão* engatilhado pra escrever. Tenho frangas novas, como a Cassandra, que tem olhos maquiadíssimos (tipo Liz Taylor em *Cleópatra*) e é chegada numa magia, a Berenice, gaúcha, com penas de verdade e olhos de lantejoula vermelha, e até alguns frangos, o Antonio Pedro de Almeida Prado, fazendeiro gordo e solteirão, do interior de São Paulo, dividido entre o amor (fiel) de Ulla e o amor (galináceo) de Otília, muito mais interessada naqueles campos todos de Ribeirão Preto. Tem também o Pink Punk, que esconde furiosamente ter nascido em Assumpción, Paraguai, mente que é inglês e tem um visual moderníssimo, parece desenhado por Picasso.

Das antigas, que uma época foram mandadas para Porto Alegre, numa das vezes que fiquei em casa, desapareceu a Juçara. Decidi que está na Amazônia, claro, muito envolvida com ecologia e o Santo Daime. Blondie também sumiu: foi fazer um *tour* de rock pelo mundo, cantando no *backin-vocal*.

Tenho a impressão que, a hora em que sentar para escrever, simplesmente *sai*. Só que enlouqueci e comecei a escrever um romance. Na verdade eu vinha trabalhando nele desde 1985, de repente uma tarde, numa fila de banco, de repente fez *click!* E ficou pronto na minha cabeça. Tenho escrito todo dia. Como quem carrega pedras, naquela neurose de querer a perfeição. Até maio deve estar pronto. Pelo menos uma primeira versão.

No meio disso, continuo dirigindo um laboratório de criação literária, nas Oficinas Oswald de Andrade, fazendo resenhas de livros para *O Estado*, e tentando sobreviver de 10 mil maneiras. Repito que não vão

acabar comigo.

Haja fé.

Como disse — acho que disse — da outra vez, confio plenamente na sua adaptação.

Na sequência, conte comigo para o que for preciso.

Dê um beijo no Marcelo por mim. Andei ligando para ele algumas vezes — mas estava sempre ocupado ou ninguém atendia.

Frangas adoram ficar penduradas no telefone.

É isto, espero que você esteja conseguindo dar conta de todos esses trabalhos.

Muito carinho, um beijo

Caio F.

A Gerd Hilger

São Paulo, 14 de março de 1990

Gerd, querido, saudades, muitas!

Estou te devolvendo a bicha olímpica. A bigoduda se esbaldou pelas tórridas brasílicas. A paulicéia está queimando de calor. Nunca vi tanto sol e tanto calor. Adorei o perfume. Estou fazendo uma linda coleção de perfumes. Espero que você tenha desencruado de vez. O início de uma escritura de tese é sempre muito complicado, difícil. A gente tem a impressão de que não tem nada a dizer e de que tudo o que se pode dizer é absolutamente inútil. Mas basta sair uma página e o pensamento flui. Você é capaz, fez uma pesquisa séria. Tenho certeza que dirá coisas interessantes e de forma original sobre nosso Jorge Andrade. Estou apaixonado pelo outro Andrade, o Oswald. Ah! queria tanto que você visse! Vou montar O HOMEM E O CAVALO no Tuca. Tá um puta projetão de babar. Acho que vai sair um espetáculo muito bonito. O Valdir te conta alguns detalhes.

Gostaria muito que você visse, pois você sempre me atçou a voltar a fazer teatro. Pois é, estou voltando com tudo. Estou feliz por isso tudo. Tenho dado aulas de teatro numa escola de formação de atores que fundamos lá no Tuca, junto à Universidade. É bastante trabalho, mas muito gostoso. Gente nova, legal, novas amizades. Só me falta mesmo um grande amor. Mas acho que já está um pouco tarde pra pensar em grande amor.

A bigoduda está mais esbelta e bronzada. Subiu morros, varou serras, trepou em coqueiros, correu milhas, pulou córregos, jogou peteca, deu braçadas no mar! Está preparada pra ser nossa miss nas próximas olimpíadas. Delicioso, o Valdir. Grande amigo que amo muito. Cuida bem dele!

Gerde, meu queridos te beijo saudoso. Vou tentar deixar de ser preguiçoso e mandar notícias mais frequentes. Te mando os TITÃS pra matares as saudades do Brasil.

Um beijão.

A Maria Lídia Magliani

SP 19.03.90

Magli Magoo, menina loba,
devidamente empacotado, sem entender grande coisa, mas no meu duríssimo caso acho que não faz mesmo diferença, eis que sento para te escrever às oito da matina. Toca Lulu Santos no rádio. Adoro rádio de manhã cedo, deixo tocar o que pinta, a culpa não é minha. Chove. Um maço de cigarros e nenhum tostão no bolso, os bancos só abrem ao meio-dia. Já vimos um bocado de, digamos, História do Brasil nestas nossas vidas de retinas, digamos, ofuscadas, não?

Bueno, não te respondi logo porque enlouqueci. Comecei a escrever loucamente um romance no qual (*no-qual* é horrível) vinha trabalhando desde 84/85. Acho que sai, estou quase na metade. Esta última semana não consegui trabalhar, além de Zélia e Fernandinho enlouquecendo a todos nós, me deu outra vez a tal de otite. Inflamação no ouvido que ameaça se tornar crônica. Dores, insônias, antibióticos, febre, visões, gotas. Minha médica fala duas coisas assustadoras: 1º) a idade-teresinha; 2º) a poluição paulistana. Que se há de fazer? Envelhecer sem deixar de procurar nossa porção Samuel Beckett, talvez.

Estou dispersivo e pedante. O que quero te contar, criatura, é que viraste personagem. Pois é. Te escrevo então para pedir uma espécie de permissão.

Seguinte: no livro todos têm nome, menos a personagem principal, o narrador. Ele é um jornalista chegando nos 40 anos (hmmm...), publicou um livro de poemas chamado *Miragens*, a vida toda viajou de um canto para outro, sem se fixar em cidade nenhuma, em amor nenhum, homem ou mulher. Ele nem sabe direito da própria sexualidade, na verdade o romance inteiro é o pobre buscando a própria *âni*ma. Bem, no momento em que se passa a história — uma semana de fevereiro — ele está morando num apartamento na rua Augusta, próximo à Praça Roosevelt. É um apartamento deixado por uma amiga — e é aí que você entra — que largou São Paulo para morar no interior de Minas. Às vezes ele chega em casa e há uma carta dela. Só que, na hora de batizá-la (aliás, ela não estava planejada, nasceu de enxerida), não consegui evitar: me veio *Lídia*. Já pensei muito — Laura, Clara, Ana — mas ela se recusa a

mudar de nome [89](#).

Então é isso, permites? Se não, não tem problema, troca-se. Mas se sim (se-sim também é medonho), ótimo. Na verdade isso é um detalhe muito passageiro no livro todo — aliás, todas as personagens (muitas) são passageiras, e todas uma parte dele mesmo projetada externamente. Um desconhecimento do próprio ego cercado de alteregos por todos os lados, mais ou menos isso.

Ando aflito. Um pouco pelo livro, que sempre deixa a gente naquele estado meio tobogã, entre a euforia e a depressão. Durmo demais ou não durmo, fumo demais sempre, tomo café demais idem, acho de repente o-melhor-romande-de-toda-a-história-da-literatura-brasileira, no segundo seguinte quero jogá-lo no fogo e me jogar pela janela junto, etc. & etc. você sabe, a criação.

Também tenho precisado me impor uma disciplina rígida, militar, para poder escrevê-lo. Mil divisões entre todos os biscates culturais que faço para sobreviver e as horas da criação. Tenho conseguido, hei de.

Tua carta me pareceu um tanto amarga. Há uma frase tipo “meu amor parece ter ofendido profundamente às pessoas que amei”, algo assim, com a qual absolutamente não concordo. Não se trata de ofensa, não se trata de aceitação, nem de nada que não seja apenas: as coisas são assim. Os magnetismos das pessoas cruzam-se e descruzam-se, acho, meio que aleatoriamente, por algum tempo, por nenhum tempo por muito tempo. É mais complexo que isso, mas *anyway*: não deve doer. E não deve porque no fundo não tem importância, como todo o resto. É puro *maya*, ilusão.

No meio da aflição objetiva de sobreviver nesta cidade, neste país neste planeta, neste tempo — ando também bastante sereno. Acho. Alguma coisa em mim — e pode-se chamar isso de “amadurecimento” ou “encaretamento” ou até mesmo “desilusão” ou “emburrecimento” — simplesmente andou, entendeu? Desisti de achar que o príncipe vai achar o sapatinho (ou sapatão) que perdi nas escadarias. Não sinto mais impulsos amorosos. Posso sentir impulsos afetivos, ou eróticos — mas *amorosos*, sinceramente, há muito tempo. É estranho, e não me parece falso, mas ao contrário: normal. Era assim que deveria ter sido desde sempre. E não se trata de evitar a dor, é que esse tipo de dor é inútil, é burra, é apego à matéria.

Sei lá. E não sei se me explico bem.

Hoje à noite tem show e lançamento do primeiro disco de Annie Peréc ⁹⁰, que sempre pergunta por você. Eu teria obrigação de ir, mas não vou mais a lugar nenhum onde possa encontrar “todo mundo”. Tenho passado escrevendo, cozinhando, ouvindo música (a Laurie Anderson nova, *Strange angels*, é tão linda) e falando — cada vez mais — sozinho. Acertei uma alta com meu terapêutico, mas não consigo evitar de pensar que engambelei o pobre com a minha sanidade-teresinha.

Um beijo pra Marijô.

Outro, grande, procê,

Caio F.
Please, send me a letter.

⁸⁹ A Lídia de *Onde andará Dulce Veiga?* apresenta outros pontos de semelhança com Maria Lídia Magliani. além do nome. Ambas largam a cidade grande e vão para o interior de Minas. No romance, Lídia é a pessoa (amiga ou ex-mulher, não fica claro) de quem o protagonista herda o apartamento onde mora.

⁹⁰ Jovem atriz que participou de um espetáculo em Porto Alegre, reencontrando-se com Caio muitos anos depois como cantora em São Paulo.

Magli,

tenho pensado tanto em você. Não consegui escrever antes, estava mergulhado no livro tipo tempo integral. Bem, terminei. Ufa. Foi um trabalho de Hércules. Chama-se *Onde andará Dulce Veíga?*, é aquele romance no qual eu vinha *remanchando* desde 85. Imagina que escrevi um policial, histórico, naturalmente, mas cheio de tramas & ação. Descobri o fascínio do enredo, das personagens — ficção *mesmo*. Escrevi cerca de duas mil laudas, para chegar numas 200. Fiquei feliz — e com um terrível problema de coluna, resultado de passar oito a doze horas na máquina. Preciso de um computador!

Mas pensava em você. Um dia cheguei a sonhar. Era bonito. Você estava naquela casinha de Sarandi, só que ela ficava no meio de um terreno enorme. Você morava sozinha lá, eu ia te visitar. Você estava no pátio, cercada por esculturas e objetos, quase todos inacabados. Eu ficava fascinado por um — que era uma espécie de barco côncavo (todos os barcos são côncavos, acho) com a escultura de um corpo na proa (proa? tipo assim as carrancas do São Francisco). Era muito colorido, muito belo.

Lembrei de você também vendo, num festival de filmes mexicanos, *Frida Kahlo: natureza viva*. Absolutamente enfeitiçante. Eu não sabia quase nada dela, tinha uma imagem assim mistura de Lou Andreas-Salomé com Olga Benário. Bem, era um pouco disso e nada disso. O filme é ficção, mas os quadros dela são os próprios. Loucos, dolorosíssimos, meio surrealistas, meio impressionistas, meio primitivos. Juntei tostões e saí à cata da biografia dela, encontrei ontem. Lembra demais você.

E lembrei ainda mais lendo esses recortes — que vão junto — sobre Francis Bacon. Como anda teu trabalho? Baconiano? Morro de curiosidade. Suponho que os ares mineiros tenham mudado algumas coisas. Me conta.

Magli, ando tomando umas decisões. Viajo em novembro para a Europa, não sei se volto. Ganhei ano passado aquela passagem da Air France, do Molière, até Paris. Exatamente em novembro estarão sendo lançadas na França e na Inglaterra as traduções de *Os dragões* ⁹¹, os editores acham importante que eu esteja lá, para dar entrevistas, fazer

caras e falar da dificuldade-de-ser-artista-num-país-do-terceiro-mundo (europeu adora esse miserê cultural). Então vou, preciso vender os livros, não quero fazer mais nada na vida a não ser escrever. Fico uns dois meses mas — quem sabe? — se houver alguma possibilidade de ficar mais, vou ficando, acho.

Ando exausto de Realidade Brasileira. Tudo muito penoso, ir ao banco, ao supermercado, pagar aluguel. Tudo no meio da barbárie, da violência, da miséria. Procuro sair de casa o mínimo possível, mas esse mínimo já está se tomando um martírio. Muita feiura, Magli, muita violência e miséria. Então, sem laços, vamos voltar pra estrada: “Caminante, no hay caminos, pero el camino se hace al andar”.

Rádio ligado, chuva fina, Dusek canta — tão engraçado — *Barrados no baile*, lembra? “Lá dentro rolando Bob Marley/ Cá fora por favor documentos.” Este país está se tornando um enorme barrados-no-baile.

Enfim, agora, *Duke Veiga* encaminhada na vida (sai em setembro, na altura dos meus — quem diria? — 42 anos), estou na batalha de grana para viajar. Volto a dirigir um laboratório de criação literária — não morro de amores, Deus, Magli, da última vez, numa turma de 20, sobrou apenas UM, e assim mesmo com talento, digamos, apenas razoável. Na-minha-vida-de-retinas-fatigadas tenho descoberto essa obviedade: talento é raríssimo, meu bem.

Ando morto de saudade de Porto Alegre, acho que vou agora no fim do mas, ficar uns 10 dias. Vou de ônibus, bem pobrinho. Basta sentar nos degraus de casa, tomar um sol com Zaél e Nair, chimarrão com bergamota (mistura explosiva), uma noitada no Lola ou/e Ocidente, uma voltinha na Redenção, um pôr-do-sol no Guaíba — e já me sinto tri-reenergizado. Amo demais o Sul. Naturalmente que é um Sul utópico, que existe mais na memória afetiva, filtrada, do que na real. Mas sempre me pergunto por que, raios, a gente tem que partir. Voltar, depois, quase impossível.

Fui ao Rio para o enterro de Cazuzza. Imagina: eu NUNCA na minha vida tinha ido a um enterro. Eu o adorava — uma vez, fiquei tão exibido, ele me dedicou uma música num show do Aeroanta, era *Só as mães são felizes*, claro. A gente se agarrava loucamente e rolava de rir toda vez que se encontrava. Eu precisava encerrar essa história. Acabou sendo bonito, toda aquela gentalha em prantos, provavelmente porque o identificava como a bichinha aidética do barraco da frente. Bonito e

terrível, no sentido brasileiro do termo. Ai, Brasil, Brasil, mostra a tua cara.

Meu livro gira todo em torno do BRASIL. Um Brasil imundo, corrupto, violento, mas também mágico, sensual. Sinto cada vez mais uma paixão desesperada — e rejeitada — por esta terra. Aquele amor não-retribuído que aos poucos vai virando veneno, desejo de vingança, rancor e mágoa.

Mudei tanto, será a idade? Serão os tempos? Perdi aquela necessidade juvenil de me apaixonar toda semana. Ressabiei. Não fechei, acho, mas. Ah, sei lá.

O papel vai acabando, tenho que ir à cidade pagar aluguel, depois vou fazer uma entrevista com Hilda Hilst. Ela anda com uns problemas de coração, 60 anos de cigarros & desregramentos. Está doida, linda, lúcida e insuportável como sempre. Beije Marijô por mim.

Send me some news, beijos

Caio F.

[91](#) Os *dragões* em inglês: *Dragons*, Boulevard Books, trad. David Treece. Em francês: *Les draons ne connaissent pas le paradis*, Ed. Complexe, trad. Claire Cayron.

A Luciano Alabarse

SP 02.08.90

Luciano, querido:

Te escrevo à mão, um pouco deitado. Imagina: escrever, agora, dói não mais como metáfora, mas fisicamente. Nos últimos seis/ sete meses, escrevendo entre oito/dez horas por dia, fiquei com um PUTA desvio na coluna. Com o frio (muito), piora. Tem dias que não existem emoções, nem pensamentos: só dor. Pontos de fogo nas costas.

Andei muito duro e só agora vou poder procurar um daqueles japas que dançam a xula em cima de você. Tudo bem, vai passar. Mas isso tem me deixado assim, pensando: curioso que o ato de criar possa arrebentar o corpo da gente. Penso em John Fante, cego e com as pernas amputadas por causa da diabetes, ditando seus últimos livros à mulher. Há algo de *muito* belo nisso.

Então fica assim: *Onde andará Dulce Veiga?* foi o livro que mais me doeu. Veja só: em nenhum momento ele fluiu. Foi escrito gota-a-gota, palavra por palavra. Será lançado nos primeiros dias de setembro, e eu estou naquela fase em que não sei mais o que escrevi. De um mês para cá, tentando emergir dele, sinto uma saudade louca daquele universo, daquelas personagens. É muito triste acabar um livro — ou não? Mas entendo melhor a Tania Faillace arrastando as 10 mil páginas do seu *Beco da velha*. Enfim: devo lançá-lo aí em POA em setembro/outubro. Ando morto de saudades de tudo. Sábado no Off. Saindo de casa depois de meses, encontrei Denise del Vecchio — linda como sempre — e falamos muito (e bem) de você. [...] Na mesma noite — que foi mágica — conheci uma pessoa linda: o Ciro Pessoa, aquele ex-titã autor da *Sonífera ilha*. Falamos [...] da meia-noite ao meio-dia. Naturalmente que ele é heterossexual casado e com três filhas — e portanto continuo a minha neurose (já não é neurose — 14 anos de análise. Virou, digamos, *peculiaridade*) de ficar loucamente atraído por heterossexuais e eles por mim. Anyway, tudo sob controle. Aprendi a controlar as emoções. Nelson me deixou como saldo uma espécie de imunidade amorosa.

Enquanto isso, tentando retomar — sem convicção nem charme — namoros e coisas assim, caí nos braços outro dia de um rapaz totalmente *working class*. Chama-se F., veja que bonito, é jogador de futebol, 27

anos, com um corpo alucinante. Nunca leu Proust, nem ouviu falar, graças a Deus. Me faz pensar demais no Alec Scudder, do *Maurice*, e me pergunto se E.M. Forster não teria toda a razão do mundo quando afirmava que a melhor companhia para um intelectual depressivo & sofisticado era mesmo um forte e saudável rapaz das classes trabalhadoras. Talvez haja nisso um elemento de culpa burguesa? Seja como for, o F. é bárbaro.

Recebi os poemas e uma carta do N. Ah, Luciano, que difícil. Comecei a ler, mas fui ficando tão agoniado, interrompi. Fico um pouco irritado. É tolo chafurdar em pântanos de depressão com pouco mais de 20 anos, você não acha? Acho que ele devia se alistar na Marinha, fazer mineração em Rondônia — qualquer coisa mais vital. Não sei o que dizer a ele. Não sei o que dizer a ninguém.

Cada vez gosto mais da luz, cada vez acho a alegria, o prazer, mais importantes. *Dulce Veiga* é um livro todo construído no sentido do encontro com o ato de CANTAR. Que se possa *cantar*, e o universo passa a ter sentido. Tudo na trilha de descobertas tão simples, tão fundamentalmente *leves*. Muita coisa envolvida nisso. Por exemplo: fui ao enterro do Cazuzu. Nunca tinha ido a um enterro na vida. Foi bonito: o povão cantando, ele dormindo. Tenho certeza que em paz — afinal, ele *cantou* até mais do que o possível. Respeito cada vez mais quem consegue. Outra noite sonhei com Vinicius de Moraes. Na verdade, fiz um passeio no astral com ele: amava tanto a vida.

Mas, enfim, quando eu tiver energia vou escrever ao N. Não consigo ver *solução* para ele, entende?

Ligo a TV para ver notícias. Faz muito frio. Depois vou mergulhar em *Brida*, o livro novo do Paulo Coelho. Estamos muito amigos. Tenho aprendido coisas com ele. Nada muito sensacional, coisas simples, pequenas alegrias.

I. deve andar por aí, espero que vocês tenham se encontrado. Sinto saudade enorme. Em breve, tomaremos um vinho.

Fique feliz.

Muito amor,

Caio F

A José Márcio Penido

SP, 2 de novembro de 1990.

Josézim, querido,

dia 2 de novembro, eu aqui pensando nos meus mortos, que são tantos, meu Deus, em frente a um vaso branco de louça, cheio de bocas-de-leão daquelas rosa e branco, miudinhas, com saudade de você. Voltei segunda última de um, digamos, *périplo* por Ribeirão Preto, Santa Maria da Boca do Monte, Canela, Porto Alegre, lançando livro, dando palestras, fazendo amizades, conquistando vitórias, como diria Jorge Ben, lembra? Resultado: um petit stress que estourou em — o nome eu acho bárbaro, a coisa em si nem tanto — *hérpes zóster*. Bolinhas, bolotas, bolões inflamados na barriga & costas, como um cinto (zóster em grego é cinto, não é hilário? lembrei do *zóster* de Hipólita, a rainha das amazonas).

Bueno: olhei aquela coisa e tive certeza. Sarcoma de Kaposi, comigo tudo é tão doido que queimei todas as etapas da Aids e fui direto à fase terminal. ⁹² Tudo isso sozinho num hotel do século passado, em Ribeirão, com a janela do quarto dando para as ruínas de um teatro incendiado. Fui ao médico: herpes braba. Texto dele: Se não secar dentro de uns dez dias, aconselho você a fazer O TESTE. Secou. Ufa! Mais uma vez, deve ser a terceira, conquisto um negativo por tabela.

Paranoias à parte — e que coisa toda tornou-se essa convivência tão diária, tão estreita, com a ideia ou a possibilidade da Morte (maiúscula respeitosa)—, ando muito bem. *Dulce Veiga* foi um livro que carreguei na cabeça e no coração durante 13 anos, e segurei pelos cabelos durante um ano de trabalho duro. Até hoje não sei como consegui escrevê-lo numa Hermes Baby. Foram umas duas mil páginas para tirar pouco mais de 200. Resultado: desvio de coluna. Não me queixo, não. Cada vez mais literatura para mim é como aquele tipo de escultura em pedra bruta. Dentro da pedra há uma forma, que você precisa localizar e tirar a golpes de formão. No braço, no muque. Quando cheguei à frase final — que já existia desde que escrevi a primeira — tive uma crise de choro de quase uma hora. Meio exaustão, meio orgasmo, meio não sei o quê. Só repetia, na terceira pessoa. Caio F. Caio F. você conseguiu.

Vai indo acho que bem. Tem saído muita coisa nos jornais e tal e tudo, mas curioso como isso já não importa. O que vale são as opiniões de pessoas próximas, e têm sido, também, muito gostosas.

Quando você esteve em Sampa, e furei aquele almoço, eu estava em plena fase de galinhagem pós-produção. Após um ano aplicadíssimo, sem sair de casa, tinha me baixado uma Nicinha de frente e eu andava dividido entre um jogador de futebol (do segundo escalão, coxas opíparas) e um físico nuclear. Uma combinação tão esquizofrênica que resultava: perfeita. A noite anterior ao nosso almoço, caí de boca não lembro mais se em pênaltis, escanteios, buracos negros ou quasars. O fato é que desliguei o telefone e, quando emergi, lá pelas seis da tarde, encontrei seus recados, liguei para sua casa e só o silêncio respondeu. Caralho, pensei, depois de ter furado o jantar de despedida, apronto mais essa. A culpa foi do Deus Dionísio, sorry.

Agora ando mais calmo. Não muito, verdade. Mas desde que ganhei meu PhD em desilusão amorosa, aos 40 anos, tenho me divertido como nunca. Ai, que maravilha arrebentar o mito do Amor Eterno! Me associei ao Zé Simão na campanha “sem medo de ser biscate”, e assim vou indo, até que algum Richard Burton resolva me dar um diamante do tamanho do Ritz (o hotel, não o bar, please). Pouco provável.

Até lá, tento ser profissional.

Estou aflito. *Os dragões*, com o título de *Dragons don't go to Heaven*, estão (ou está?) sendo lançado em London, London na última semana de novembro, primeira de dezembro, durante uma grande feira de cultura brasileira. O editor e minha agente Ray-Güde insistem para que eu vá. Acontece que não tenho dólares, e tem sido uma batalha tentar liberar aquela estonteante passagem para Paris do Prêmio Molière. Mas é possível, afinal, que eu esteja mesmo indo para Londres fim deste mês. Preciso investir, veja só, na “carreira internacional”, e em janeiro tem o lançamento da tradução francesa, em fevereiro um circuito de leituras pela Alemanha (com final em Berlim, sem muro!). Com a edição inglesa, Ray já tem armadas a Escandinávia, Holanda, Tchecoslováquia, sei lá que mais. Portanto, meu futuro parece mesmo ser o Nobel, lá pelo ano 2000, se não morrer antes de susto, de bala ou vício. Sendo que esta terceira opção naturalmente é a mais provável.

Tudo isso me deixa com calafrios na barriga, e uma certeza maluca de que o que realmente quero — como a gente é louco — é na verdade o

oposto de tudo isso, entende? Tipo Dulce Veiga, mesmo.

De tudo que tenho vivido ultimamente, o mais gostoso foi uma semana passada em Porto Alegre, chez Zaél e Nair, que sempre perguntam por você. Jardim com rosas, mesa posta com café da manhã, bolo de milho, taquaireiro no fundo, passarinhos, silêncio. Uma ilusão de eternidade. Acertei com Nair, que está ótima, que aquela casa será minha por herança. E armo mentalmente para mim um futuro assim, na província, cuidando de rosas no jardim, fazendo canteiros com arruda, alecrim, manjerição. Será? Ando enfastiado, esgotado do eixo-Rio-São Paulo, é veneno puro, no pior sentido, feira das vaidades inúteis, preparação de uma úlcera, um enfarto, coisas assim. Estou cada vez mais bossa-nova, espiritualmente sentado num banquinho, com o violão no colo. Deus, como eu quero paz, Zézim.

Tenho sido meio obrigado, por força do lançamento do livro que, afinal, precisa vender, a fazer caras e bocas pelas tevês e jornais da vida. Desgastante, tristinho. Mais que tudo, gosto de comprar flores para a casa, deitar no sofá olhando a palmeira que começou a entrar janela adentro (veja que bênção, em São Paulo), acender um cigarro e ficar olhando as nuvens. Estou achando uma delícia ter 42 anos, mal posso esperar pelos 50, 60, 70, com o baú da memória absolutamente repleto e o coração sabendo mil coisas de tudo. Ando apaixonado por viver, com tudo que isso implica, e espantado pela Passagem do Tempo (maiúsculas respeitíssimas).

Terça, dia 6, devo ir ao Rio. Mas vou e volto no mesmo dia, só para uma reunião na casa de Vicente ⁹³, um projeto secretíssimo para TV. Não vai dar para ver você, acho, mas vou tentar. Dia 15 tenho que ir a Buenos Aires para algo como um congresso de escritores latino-americanos, volto lá pelo dia 22 e preciso então arrumar a frasqueira para enfrentar London. Sinto a tentação de quedarme por lá, longe das barbaridades brasileiras (Delfim Neto vem aí), mas ao mesmo tempo há coisas por aqui. O velho e bom Fernando B. ⁹⁴ está animadíssimo com a possibilidade da vitória de Fleury — argh! — e a continuidade dele mesmo na Secretaria de Cultura, aí tem mil seduções de trabalho e tudo e tal. Não sei, deixo rolar. Vou olhar os caminhos, o que tiver mais coração, eu sigo.

Acabei de escrever um texto sobre o Vicente, para a montagem paulista de *Solidão, a comédia*, com o Diogo Vilela — e citei você.

Durante anos você foi a ponte entre nós, lembra? Ontem fui ver, finalmente, *A estrela do lar*, e naturalmente pensei em você. Ri muito, e admirei aquela estrutura de realidade e sonho que o Mauro armou, riquíssima, fascinante. A peça é um sucesso total por aqui, e tão arquetípica que, de alguma forma, é a adolescência de todos nós. Saí feliz e fui jantar no Montechiaro, onde não ia há pelo menos cinco anos. Acho espantoso viver, acumular memórias, afetos. Ando assim, descontínuo, exaltado, mas sempre com carinho enorme por você.

Duas da tarde, preciso começar a preparar o modelinho para enfrentar um programa de adolescentes, ao vivo, na TV Cultura. Brrrr! Impulsos de ligar, mentir que estou com febre, assistir pela terceira vez *Cinema Paradiso*, chorar novamente na cena dos beijos. Mas vamos lá, tudo por Dulce Veiga. Divulgue ele(a), sinto que é como se fosse meu primeiro livro, no sentido de que me desembarcei do umbigo e cheguei mais perto da ficção, do Brasil, do humano alheio, não apenas meu.

Saudade, todo carinho do seu velho

Caio F.

[92](#) Caio acabou sofrendo de verdade — e não mais imaginariamente — com sarcoma de Kaposi, uma forma rara e dolorosa de câncer de pele que se manifesta em diferentes partes do corpo e está relacionada à Aids. A doença foi diagnosticada no escritor quatro anos depois desta carta, em 1994.

[93](#) Vicente Pereira, o autor teatral de comédias de sucesso como *Solidão, a comédia* e *Cinco vezes comédia*, teve seu nome ligado ao surto do chamado teatro besteiro nos anos 80, com Mauro Rasi e Miguel Falabella.

[94](#) Deve haver aqui um lapso da parte de Caio, talvez intencional. Refere-se provavelmente ao escritor e biógrafo Fernando Morais, que foi secretário de Cultura do Estado de São Paulo nos anos 80.

A Jacqueline Cantore

London, 10.12.90

Jackie C.

Rapidinho entre um conhaque e um Chet Baker. Aaaaaaaaaiiiiiiiiiiii! — (sta'd'nervos.) Lancei livro, dei entrevista pra *Time*, pro *Independent*, saí na *Time Out*, falei na BBC. Agora estou aqui waiting for a Nobel, claro.

Londriná-á! Mas guria, there's no town like London. E eu vou — ficando. Comecei a procurar um quartinho e *job*. Tipo garçom, pratos, things like that. Tenho que ficar ou até 26 de janeiro (caso fique na miséria — é o prazo da passagem), ou até fim de fevereiro (tradução francesa), ou até 26 de maio (fim do visto que ganhei). E eu simplesmente não sei. A idéia de voltar ao Brasil me *horripila*. Aventureirá-á!

Você acredita que encontrei o Terence Stamp no metrô? Pois é, coisas assim. E fui à Dussex, visitei Monk's House, onde morou V. Woolf, fui até o rio Ouse, onde ela se matou, e peguei uma pedrinha do jardim dela! T'e juro que nunca pensei... Ainda por cima hoje nevou, e encontrei um casacão de soldado alemão no Camden Market por £15! Ah, Jacqueline C., me é muito HARD visualizar a Av. Paulista.

Tudo meio confuso. Eduardo muda para Lisboa dia 15, posso ficar com Ray, o editor, mas é Brixton, longe e brega. Então procuro a room of one's own. E JOB. Tem que dar certo. Mas nas próximas semanas, estarei sem endereço. Ou com o Ray Keenoy. Mas é melhor com a Cidinha, a Cidinha da *A-Z*, que está linda e lépida. Ray vai para a Itália, e eu não sei para onde. Não sei nada. É delicioso.

Fujoná-á! Espero não ter deixado muitos pepinos para você aí. Me avise de qualquer coisa que eu possa resolver daqui. What about your Xmas? Come to London.

Não sei nada de Brasil!

Você ficaria louca vendo John Malkovich morrer de pé no deserto em *The sheltering sky*. Ou passeando do meu lado no Regent's Park coberto de neve, completamente perdido, ontem à noite. E dar em Chalk Farm orientado por um jamaicano. Juro! — que falava tudo em rap, entendi nada, mais foi [ilegível] *yeah* e 'o *nice* e deu certo. Venha ver Maria de

Medeiros lendo Anais Nin em *Henry e June*. Venha provar o molho à bolonhesa distribuído por Paul Newman à venda nos melhores supers.

Chet Baker canta. O brandy aqui é baratíssimo. Morro de saudades de você.

Curioso: percebi que não tenho nada a fazer no Brasil agora.

A solidão é indescritível, mas eu quero mais. Te mandei carta para Sônia, deixei aí o endereço dela. Encaminha, please. São meia-noite, tem floquinhos de neve batendo na vidraça. Penso: quando você não tem amor, você ainda tem as estradas. And it's OK. Conheci um fotógrafo inglês chamado Garreth, e outro fotógrafo italiano chamado Paolo Buzz, Aqui tem até LANCES. Todos muito sós. E uma doçura no ar.

Te mando um autêntica winter's leaves, + bobaginhas, send me nice vibes: estou perdido: feliz na estrada, alone as always.

[...]

Lots of love, nesta arrancada para o Nobel, from your always. Viajadá-á!

PS – Ask to Sônia for STRONG TAMBORES, please!

PS – Ray Keenoy acha que ganharei o Prize de melhor autor traduzido!

Caio F.

A Marcos Breda

Londres, 02 de janeiro 91

Breda querido:

Acordei e encontrei teu recado na secretária. Ouvi do quarto o telefone tocar ao longe, tarde da noite, devia ser você. Que pena não falarmos diretamente. Obrigado pelos votos de ano novo – te desejo também, do fundo do ♥

muito amor

saúde

dinheiro,

energia,

trabalho e tudo mais que você achar necessário para seguir neste caminho com o máximo de alegria e conforto.

Imagino que Carla [Marins] já te contou de nosso encontro. Foi para provar mais uma vez, aquilo que vivo repetindo: “Apesar de redondo, o mundo tem muita esquina. Não consegui voltar a falar c/ ela. Como estou naquele bairro de cor – Brixton – vou para a casa de uns amigos em Hampstead e fico por lá uns dois/três dias.

Entre o ano novo SAPATEANDO. Lésbica! Machorra! Conheci aqui uma garota chamada Patricia M. [...] uma  ASC  com  e  em . Poderosa, não? Linda, inteligente e tudo e tal. Eu estava muito bêbado. Champanha c/haxixe é fatal. E enfim..... Mas não QUERO. Muito complicado, digamos, mudar de sexo a esta altura. Joguei um I Ching. Ele disse: “A jovem é poderosa. Não se deve desposá-la”. Vou tentar manter a coisa educada, mas sem sexo. God! Quem ligou também no réveillon foi Ana Carolina, chegando de Cuba, e fiquei pensando que 91 está com cara de MUITO HETERO. Morro de medo: Jaciira!

Curioso. Patrícia tem  e  exatamente nos mesmos graus 14° e 10° de  do Nelson B.

Mas desde que estou aqui, embora tenha ido uma noite numa boate gay (Chamada Heaven, pode?), ando muito CASTO. Meu pensamento, e portanto minha energia, não está vibrando nesse canal.

Estou providenciando uma máquina de escrever para mandar algumas matérias p/o “Caderno 2” do Estadão. Até o fim desta semana, se Deus quiser, dou jeito nisso. Acho que será, afinal, embora paguem muito mal, minha principal fonte de \$. Talvez tenha que levar pratos num restaurante francês em Camden Town, o bairro punk. Nada me assusta. É preciso permanecer aqui até maio, com muita coisa programada para divulgar o livro e eu tenho que me virar. Oh, Deus, dai-me forças! Às vezes fico muito frágil e assustado, mas logo reajo.

Também há outra possibilidade boa no ar. Claire Cayron, a tradutora dos *Dragões* na França está tentando me conseguir uma bolsa um lugar chamado “Maison de Écrivains Étrangers”, em Paris. Com \$ e casa. Não sei quando nem por qto tempo. Ela está na Austrália de férias, só volta no final de fevereiro. Mas se pintar, eu vou.

Meu destino está meio embolado com aquele ♀ - ☾ exatamente oposto ao MC (14° ♁). E sei que não terei muita folga, porque em seguida vem aí ☿ - ☾ - ☾ MC MC. Será que vou acordar um dia, de repente, em Honk Kong ou no Zaire? Tudo pode ser. Sinto que o melhor é ficar em equilíbrio interior, voltado para dentro.

Estou cheio de ideias para novos livros. Ando tomando notas o tempo todo. Mudar assim, tão radicalmente, exige que você mantenha todos os sentidos atentos. Você ouve mais, vê mais, observa mais. Isso é bom. É um enorme alívio estar longe da paranoia e da violência brasileira mas ao mesmo tempo, me sinto mais brasileiro do que nunca. Laços muito fortes. Amor febril pelo Brasil. Lembra desse hino de escola?

São 16 h e já anoiteceu. Vou cozinhar e depois ver *Love me Tender* com Elvis Presley na TV. Quero um dia muito calmo.

– Ah: Estou sem o endereço da Sonia, você me manda? Enviei a ela um cartão por Jaqueline E pede sempre TAMBORES por mim.

Dê um grande abraço em Luciano [Laybauer], beije Carla por mim, receba todas as vibrações positivas para o novo ano. Espero que tudo esteja correndo bem. Carla me contou da peça com Ulysses Cruz, achei ótimo.

Não sei direito o que vai rolar, mas este telefone e endereço continuam valendo. O editor Ray Keenoy, é boa gente, embora judeu e irlandês...

Todo carinho do seu brother

Caio F

PS: Em anexo,
seguem algumas
obscenidades britânicas.
JACi-i-i-i-i-i-R A!!!

A Jacqueline Cantore

London, 5 para 6 de janeiro de 91.

Véspera de Reis

Dear and lovely Jackie

or

Gorgeous and brilliant Jackie

or

Old and good Jackie,

TV ligada sem som (bem, *quase* sem) na BBC, onde passa *Apocalypse now* — eles vão descendo o rio, a cabeça cheia de LSD, mal suporto esperar para ouvir “*the horror, the horror...*”. Preciso falar com você tão longamente. Me consolo pensando que, mesmo que eu estivesse aí na Haddock e você ali na Jaú, ligaria e encontraria uma answeringmachine (acho hilário: “máquina de responder”, pode?) ligada. Vou tentar assim por escrito.

Comprei esta máquina ontem, custou mais ou menos 50 dólares, é uma brava Smith-Corona absolutamente azul (ou verde) calipso, encontrada numa second-hand amiga em Notting Hill, atendida por punks absolutamente imundos. Hoje fiz um cleaning up nela, e penso seriamente em chamá-la de Dorothy (Parker *and* Lamour, uma dupla homenagem). Difícil encontrar. Não me adaptei com a elétrica poderosa que Ray me deixou e, besides, não há mais nada ARTESANAL nesta porra de país. Só *fax*, micro, computers, etc. E continuo pré-eletrônico. O teclado, meu bem, é british, portanto sem acentos, cedilhas (não é muito engraçado *cedilha?* Me lembrei agora do Sérgio Lulkin falando san-dá-li-a).

Bueno. Tomei uma chuva de PEDRAS DE GELO pelas fuças à tarde, já bastante flu e, para me consolar, me dei de presente uma garrafa — juro — de vinho Amapola, rosso, feito em Sant Sadurni d’Anoia, Spain.

Hoje tive medo. Estou vivendo numa espécie de Harlem londrino. E muitíssimo *Sammy and Rose*, embora eu preferisse que fosse mais para *Beautiful Laundrette*. Em cima, uma negrona grita o tempo todo fuck you little devil! I’ll kill you, bastard: para nigrinhos. Grita mais coisas que não entendo, mas me soam mais para David Lynch do que para T.S. Eliot.

[página perdida]

Escrever cartas é algo que, no estrangeiro, tem outro gosto. Muito melhor. Um tanto Jane Austen, concordo. E receber então?

Dei uma mudada de canal rápida, *rap*. Tem horrores aqui. Negredo. Ontem vi o Boy George de cabelo muito curto, cantando refrões krishnas com um bando de hares. Inenarrável. Está com uma cara boa, o Menino, melhor que nos tempos da herô, mas com um olhar assim meio *cabeça...*

Hoje me senti perdido.

Queria consultar búzios, runas, pai, mãe, de santo ou não, qualquer coisa que me APONTASSE O RUMO, caralho. Estou com Netuno exatamente conjunto à Lua Natal e oposto MC. Vai passar, você diz. E eu penso, certo, e logo-logo vem Urano... Ontem pensei: Caio F., relaxe, mesmo que você não queira ou fique exausto, este é um momento em que o DESTINO *manda*. Deixe-se levar. Well, estou tentando.

Segunda, finalmente, quero mandar minha primeira matéria para o *Estado*. Vai ser sobre *The garden*, o último filme do Derek Jarman (que tem HIV positivo: é o Cazuzza do cinema inglês), que estreou ontem e é lindo. Fiz umas outras pautinhas, vou tentar. Preciso muito ficar aqui! E tudo suspenso.

Ray Keenoy volta da Itália daqui uns 15 dias. Não sei se quero *morar* com ele, nem se ele comigo, percebe? Patrícia, que conheci aqui, de SP, quer que vá morar com ela e Orly, uma moça de Tel Aviv absolutamente ótima. Mas está apaixonada por mim, dito e assumido. Ela é uma femme meio fatale assim meio Paula Dip, arfante porém (sometimes) espiritual. Tem sido generosíssima e muito, muito legal. Mas no réveillon me arrastou para a cama — NÃO FIZ NADA, JURO — e fica uma coisa tão assim. Você não pode imaginar (ou pode?) o que é uma solidão de inverno numa terra estrangeira.

Enfim, isso na área afetiva. E eu não quero nada. Saí daí muito galinha, muito *técnico*, quero concentrar energia agora. E de mais a mais acho que é meio tarde para, digamos, mudar-meu-enfoque-sexual-da-vida.

[...]

Além dessa enfermaria afetiva, tem outras. Posso desabafar?

É importante ficar aqui. Para a minha “carreira”, seja lá que hell ou cuernos queira dizer isso, para a minha, digamos, melhoria como ser

humano & profissional (vixe, que discurso!). Tenho coisas legais armadas em relação a *Dragons*, uma leitura para o South Bank, outra para a ICA, que são coisas difíceis até dos próprios britishs descolarem.

E Claire Cayron, a tradutora francesa (que está na Austrália até final de fevereiro), escreveu dizendo que TALVEZ possa me conseguir uma espécie de bolsa para uma coisa chamada *Maison des Écrivain's Étrangers* em Paris (1.400 francos, cerca de 800 dólares por mês, mais casa), que eu segure aqui. E fazia eu algumas fantasias about quando liga Ray-Güde de Frankfurt, perguntando se quero concorrer à bolsa do DAAD — aquela que o Loyola ganhou — e ficar, ano que vem, um ano em Berlim com ap. e uma bolsa de 3.500 marcos (2.500 dólares: aprendi a fazer câmbio mentalmente na boa, e rápido). Mas que é importante que eu fique aqui mais um tempo & tudo & tal.

Sinto impulsos covardes, assustadiços e escapistas de voltar. Também porque sinto saudade, muita, de tudo. Mas sei que não devo. Este Netuno me embola tudo. Se não voltar agora dia 25/26, perco a passagem, o que significa agora, meu filho, você vai ter que rebolar. Estou praticamente certo de que, well, rebolarei com o máximo de GARRA. Mas a confusão e a solidão dessas decisões me deixam assim, como direi, sartreano.

Há uma crise braba aqui, também. Eles dizem que foram os anos Thatcher. Visto de longe, do meio de uma crise certamente mais terrível, pode parecer very charming, very stylish. De perto — pausa para ouvir Marlon Brando, que começou a arfar ao fundo — não consigo deixar de achar essa sequência sempre meio jacira, uma jacirice, digamos arquetípica, mas anyway, jacira — a crise, como ia dizendo, é pesada. Tem mendigo pela rua quase que nem SP ou Rio. Naturalmente que mendigos com mais dentes, menos feridas, um ou outro com uma boa argola no nariz ou um cabelo vermelho punk (tem muito ainda).

[...]

E eu no Harlem.

Tudo é um desafio.

Hoje à noite eu voltava de Hampstead tortíssimo de haxixe, com esta Dorothy nos braços, ajudei uma moça a descer um carrinho de bebê pelas escadarias de Euston Station (um labirinto), sentei todo catito no meu tub-zinho, ao lado de um senhor de barba que lia o *The Guardian*, quando um negrão (põe negrão nisso) começou a berrar fuck em todas

as direções, correr de um lado para o outro dando socos nas portas, rindo histericamente. Havia também uma moça com ar de Emily Brontë e esgazeadíssimos olhos azuis no canto. De repente, no meio do túnel a luz quase apagou. Saia total. O trem parou e todos saíram no galope. Vim subindo o morro (como s'as, moro no alto de Tulse HILL), e o senhor grisalho vinha na minha frente olhando freneticamente para trás.

Claro, tudo é muito perigoso. Aí também era.

Mas a gente fica *tao* desamparado. Você nem sequer compreende — eu pelo menos, com meu inglês precário — direito o que dizem. Pausa.

WOW! Jim Morrison começou a berrar “come on, yeah!” — a propósito, está por estrear um filme sobre a vida dele. Como este filme é belo, Jackie C.

O Martin Sheen pirou (ou será o Charlie? qual afinal é o filho?) e trucidou o Marlon Brando. Agora (pausa): “The horror, the horror”. Acho que a pobre Dorothy já sentiu o cortado brabo que a espera.

Estamos nos dando bem.

Carlinhos veio de Paris ficar uns dias aqui. Está em Victoria, na casa de Mercury, que morou no Brasil cinco ou seis anos (em Porto), quando era Jacira. Agora casou, tem um filhinho, dormi lá uma noite, uma casa deliciosa. Carlinhos, você sabe, é aquele meu amigo HIV positivo. Adoro ele, passeamos muito. Falando dos meus medos, ele me contou dos 20 dias que passou na Índia em novembro (ele é fashion-designer [...]).

Acho que é só, das objetividades.

Mas então fica assim: nas minhas fantasias mais UPzinhas, primeiro vou com uma bolsa para Paris, depois com outra para Berlim, e ganho HORRORES de dinheiro, prestígio, espero que também alguma espécie de happyness. [À margem: E o Nobel, claro.] Mas minhas fantasias mais DOWNzonas, perco a passagem, as bolsas não rolam, fico sem dinheiro pra voltar e entro numa BAD de cabeça. Sure, deve haver um ponto médio de equilíbrio entre esses dois extremos. Mas ando me sentindo assim bem machona, acho que seguro o que rolar. Também porque, Netunos e Uranos à parte, tenho 91 inteiro uma *sextilha* Plutão-Sol.

Teve coisas lindas.

Ana Carolina me ligou no réveillon, Breda também. Eu não tava (dei aquela sapateada em Hampstead...), deixaram recados muito carinhosos

na secretária. Não posso ligar, Ray — o dono da casa — me disse para não ligar que é caríssimo, e a conta telefônica aqui NÃO é especificada, e, enfim. Só quando sentir firmeza. Tem um cineasta inglês, Simon não sei quê, querendo fazer um curta de *The red little shoes*, aliás me dei de Natal uma edição completíssima, com ilustrações originais, das histórias de Andersen — e um projeto novo meu é um livro de contos chamado *Malditas fadas*, com essas histórias reescritas adultamente, *bem* como o *Red shoes*. Ah: tô lendo *super* em inglês, jornal, literatura. Andei lendo uns contos de Graham Greene lindíssimos, e um cara chamado Roald Dahl, que morreu há um mês e ninguém conhece aí. Meu cabelo cai horrores e minha pele, pelos aquecedores, é um *couro*. Mas descobri um sabonetezinho de vitamina E num super meio Kastelão aqui de Brixton que é um luxo.

Por aí vai. Angustuada? Sempre, mas sempre também futilíssima... Tenho uma outra lauda vazia ainda, e vou escrever bobagens, mais de meia garrafa de *Amapola* (o rótulo é *incrível*).

Outro dia fui num bar espanhol chamado La Gansa e sabe o que tocou a noite toda? Clara Nunes. Juro.

[...]

A Maria Lídia Magliani

London, 25.01.91

Maria Lídia, dear,
estou *impressionado*. Sonhei esta noite com você. Eu estava com Eduardo San Martin ⁹⁵ e íamos visitá-la. Você morava numa casa estranhíssima. Um sobrado verde, verde luminoso, e a casa era construída *de perfil*. Você estava deitada numa cama enorme, com lençóis azuis brilhantes, cetim ou algo assim. Parecia muito bem. Eduardo deitava do seu lado, eu ficava enciumado e ia embora. Na saída encontrei Gracinha. Do outro lado da rua, por uma janela, ficávamos olhando a sua casa. Gracinha dizia que as paredes eram muito finas, por isso a casa parecia “de perfil”, e que era uma casa muito louca. Que ali tinham morado Rita Lee e Olga de Sá (que eu não tenho a menor ideia de quem seja, mas era esse o nome — eu ainda perguntava “mas não era a Olga Savary”? E a Gracinha insistia “não, era a *de Sá* mesmo”) ⁹⁶.

Acordei depois de meio-dia, como sempre (neste inverno, meu bem, que fazer senão hibernar?) e Ray, no caminho do banheiro, me estendeu a sua carta, *Aerograma*, aliás, Que devorei, espantado. Tudo isso é pura verdade, e eu concludo que, de alguma forma, nossa ligação mental? espiritual? psicológica? continua sempre muito forte.

Vocês aí falando na guerra, e nós aqui no meio dela. Uma loucura. A TV e as rádios transmitem o tempo todo boletins malucos e, na cidade, a paranoia do terrorismo iraquiano tomou conta. Bombas, coisas assim. Os metrô são cheios de cartazes dizendo como você deve se comportar se encontrar um pacote estranho. Tudo tão absurdo que não consigo levar muito a sério, parece filme. Conheço alguns ingleses que estão sendo convocados para ir para o Golfo, que tal?

No meio disso, eu aqui, no apartamento do meu editor inglês. Na verdade, irlandês. Estou no momento preso em Londres por alguns compromissos, leituras e palestras, e à espera de que duas prometidas bolsas — uma para a França, outra para a Alemanha — finalmente pintem. Também a tradução de *Dragões* estará sendo lançada na França no começo de março. Resulta que, dependendo de decisões alheias — e isso me irrita muito — não posso me mover. Fico até não sei quando.

Mas sonho. Depois desta, quando voltar ao Brasil, queria demais começar a providenciar uma mudança de São Paulo. Não sei para onde. Algum lugar onde eu possa plantar *rosas*. Isso é FUNDAMENTAL. Quero porque quero cultivar roseiras.

Ando muito, muito só. Leio demais — minha leitura em inglês se soltou — e vou ao cinema furiosamente (você ia adorar *Henry e June*, sobre o caso de amor entre Anais Nin, Henry Miller e a biscatona da June, mulher dele). Caminho, olho as caras e as coisas nesta Babilônia onde todas as raças e todas as línguas se cruzaram. Londres continua gentil, embora muito pobre, e também cinzenta. Realmente, é um *melancholic place*, e talvez por isso mesmo, I love it.

[...]

Eu estou cada vez mais Bambi. Adoro comprar flores e acender incensos e fazer pequenas faxinas arrumando cantinhos “artísticos”. Talvez seja um tanto kitsch, mas é a forma — saudável, suponho — que encontrei de reagir não só à feiura de fora, que é cada vez maior, mas também à feiura de dentro. Que embora controlada, você sabe, às vezes ameaça explodir.

Antes de vir para cá mandei um exemplar de *Dulce Veiga*, não sei se você recebeu. Sim? Ele me deu muito, muito trabalho. Agora voltei a anotar umas histórias novas, um projeto de livro com o título de *Histórias estrangeiras*. ⁹⁷

Anteontem, fui ver a exposição de Egon Schiele. Fiquei deslumbrado, principalmente com os auto-retratos. Maria Lídia dos Santos Magliani Lispector Lessing Woolf do Amaral Garibaldi: eles SANGRAM. São tão *pungentes*. Tem uns Klimts também muito bonitos, mas perto do Schiele são *róseos* demais. Eu não queria ir embora, fiquei todo arrepiado. É um tipo de pintura que parece punk, e o cara morreu em 1918, com menos de 30 anos. Semana que vem começam uns impressionistas na mesma galeria — e certamente irei correndo para rever Van Gogh e toda a sua luz.

Como está a tua vida profissional? As pinturas e tudo, fale-me mais sobre. Aquelas últimas que vi na Paulo Figueiredo em SP achei deslumbrantes, e uma das coisas que mais sinto falta aqui em Londres são as minhas Maglianis das paredes de SP.

Que bom que você tem um namorado. Eu não, há tanto tempo. Essa coisa de Aids realmente... A propósito, você sabe que o Guto Pereira

morreu no final do ano passado? Pois é, já foram tantos. Volta e meia começo a enumerar, e me dói tanto a morte de Orlando. Luiz Arthur (não se preocupe, ele está ótimo) ligou ontem de Paris e deve vir no final de semana. ⁹⁸

Guerras, pestes, são os tempos. Estou louco para cair fora deste vendaval contaminado que virou o planeta. Numa muito boa, invejo e admiro a vida nova que você inventou/conquistou. No fundo, nunca saí de Santiago do Boqueirão.

Beije Marijô por mim.

Os melhores votos de conclusão de sua catedral. Cuide-se, me dê notícias (mais *legívei* tua letra está ficando pior que a minha), me queira bem.

Todo o carinho do seu velho

Caio F.

PS – E TENHA UM FELIZ ANIVERSÁRIO!

⁹⁵ Escritor gaúcho, que trabalhara com Caio e Maria Lídia na redação da *Folha da Manhã*, de Porto Alegre, nos idos dos anos 70. Autor de *Terra à vista: histórias de naufrágios na Era dos Descobrimentos*, Artes e Ofícios Editora Ltda, Porto Alegre, 1988.

⁹⁶ Gracinha — Maria da Graça Azevedo, irmã de Maria Lídia Magliani. Olga de Sá — Escritora e professora da PUC-SP, autora de *A escritura de Clarice Lispector* (Ed. Vozes, 1993, 2ª edição).

⁹⁷ Este projeto de Caio acabou virando o livro postumamente publicado *Estranhos estrangeiros* (Cia. das Letras, 1996).

⁹⁸ Guto Pereira, colega antigo de Caio no teatro. Orlando, rapaz que lidava com moda e viveu um tempo com Caio, nos anos 80, nos Jardins, em Sampa. Logo depois faleceu de Aids. Caio acompanhou todo o processo.

A Marcos Breda

London, 6 de fevereiro de 1991.

Amigo inseparável, foi um sweet despertar. Ray bateu na porta do quarto quase meio-dia (continuo o mesmo...) com a sua carta. Nesse mesmo momento, eu estava naquele *entre-sono* lembrando obsessivamente dessa expressão de uma letra de João Bosco: amigo inseparável. “Hey, Caio, there’s a letter for you”. Comecei a ler sob uma claridade estranha e, quando olhei pela janela, estava nevando. O pátio interno aqui do favelão (é super-Harlem onde moro) coberto de gelo. Continua, agora, mais fraco, o vento fazendo os flocos dançarem. De ontem para hoje fez -5 graus. Less than zero, que tal?

Torno a ligar o aquecedor, pego um café na cozinha.

Gostei das notícias – pessoais – ótimas. Menos das sociais. Mas sabe o que eu acho? Que o Brasil não tem jeito: é assim mesmo, uma coisa que vai dar certo, está dando certo, quase deu. Porra, não deu. Fica pra outra. Li semana passada no *Independent* sobre o pacote da Zélia. O correspondente referia-se a Collor como “o playboy presidente do Brasil”.

Mas eu – pode? – morro de saudades. Como sempre digo, e confirmo desta vez, esta é uma terra sem *AXÉ*. Que enorme fadiga há no ar, na cara e na postura das pessoas. Que tremenda falta de alegria, de fé, de sensualidade. Quero voltar, ai como eu quero voltar.

Tenho que segurar mais um pouco, começaram os compromissos literários. Dia 19 tem esse aí, do prospecto que te mando junto (internacio-na-al: traduzida-a-a! consagrada-a-a!), dia 21 vou falar na Liverpool University (chorarei baldes nas caves onde os Beatles começaram), fico na casa de John Gledson, o tradutor de Machado de Assis (clássica-a-a!): dia 23 Manchester.

Assim, de longe, pode parecer tudo muito chique & poderoso& tal & tudo.

Actually, não é bem assim. Ray voltou da Itália e é difícil conviver, tenho um colchãozinho no chão de um quatinho e este cantinho-tudo muito inho – bem Bambi onde te escrevo. E duro, ando muito duro. Aos domingos lavo pratos no “L’Ecluse”, o restaurante francês de Candem Town, das 9 às 17h. Da 50 dólares-o super da semana e só. Londres é

caríssima – mais *rango*. Último domingo, desci o morro (moro em Tulse Hill, literalmente um morro) pisando gelo, frio de rachar e pensando uma coisa assim “Meu Deus, não será melhor viver uma vida de primeiro mundo num país do terceiro mundo do que uma vida de terceiro mundo num país do primeiro?” Realmente não sei.

Meus caminhos me trouxeram para cá. Por isso, devo ficar.

Bishop está aqui, passando a semana. No Brasil pela editora dela – a Siciliano – devem sair meus livros esgotados. Segundo a velha e boa Bishop tudo está sendo negociado pela minha agente Lucia Riff, o que significa que em breve terei DÓLARES DÓLARES DÓLARES e posso me mexer. Queria então ir à Espanha, depois à França, para voltar lá por abril-maio. Isso se não sair uma temporada de um mês numa *côsa* chamada “Maison de Écrivains Étrangers”, na França, para junho.

Eu não sei ao certo. Estou dependendo de decisões de outras pessoas. Ray-Güde tenta vender *Dulce Veiga* para uma editora alemã e outra francesa, ao mesmo tempo em que tenta também conseguir uma bolsa de um ano – a partir de janeiro de 92 – para Berlim. Casa mais cerca de três mil dólares por mês. Sei que, se tudo isso estiver no meu caminho, virá até mim. Fico olhando meu mapa, e deve vir. Com aquela Lua a 14 de Capricórnio, na conjunção do FC, oposta MC, estou literalmente *tremendo nas bases*. Passada a conjunção Netuno-Lua, pego Urano-Lua (nervosa-a-a! excêntrica-a-a! impulsiva-a-a!).

Mas Bishop-Pedro-Paulo – ela é realmente fantástica. Está hospedada num hotel perto de Bond Street (lugar chiquérrimo, onde tem a Maison Chanel e coisas assim), num hotel que hospedava Lord Byron. Me levou a jantares de 100 libras e, naturalmente, quer me arrastar amanhã para uma boate gay. Claro que vou, mas sempre com aquela sensação que boate gay, em Londres ou Botucatu, é sempre igual. Meu Deus, que sina de solidão amorosa eu tenho. Inacreditável. E sei que preciso ficar ainda mais conformado, pois lá vem uma oposição Saturno-Vênus (minha Vênus radical é 3° 58’ – dramática-a-a! apaixonada-a-a!).

Parou de nevar, ficou escuro. Quando neva, tudo brilha. Depois fica meio *dramatische*. Eu preciso descer o morro para ir ao super & coisas assim. O correio é mantido por indianos (e por falar em gentalha...) e fecha entre 12 e 15 h. Pode? Então acho que vou parando e continuo depois. Quero também ver melhor o teu mapa, aquela quadratura Urano/MC finalmente começa a te deixar em paz, não?

@@@@@@

Voltei. Quatro e meia da tarde. Começa a nevar outra vez, acho que é o dia mais frio que peguei aqui.

Fui ao banco trocar dólares por pounds e fiquei de saia justa: tenho apenas mais 300 dólares. Se essa venda dos livros no Brasil não se resolver... Tambores. Falar em tambores, você não mandou o endereço de Sonia que pedi. Então, junto com esta segue uma carta para ela. POR FAVOR, ENTREGUE LOGO E DIGA QUE PRECISO MUITO DE AJUDA COM A GRANA!!!

Me sinto terrivelmente só. Às vezes choro e tenho medo. Depois baixa uma machorra de frente tipo que é isso, vamos à luta. E vamos. Lendo muito. Agora mergulhado em *Down and Out in Paris and London*, um livro autobiográfico de George Orwell. Acertei com Paulo de traduzir para o português os livros de David Leavitt, o escritor americano gay de apenas 30 anos, que semana que vem está lançando aqui *A Place I've Never Been* (lindo título, não?).

Olhando outra vez teu mapa, o que mais parece *aliviante* é a liberação do MC de todas aquelas conjunções, quadrando, em Capricórnio. Esse trânsito de Saturno pela I vai te trazer maturidade, responsabilidade (séria-a-a!) Você vai envelhecer (talvez um pouco fisicamente até, algumas rugas, cabelos brancos, nada de grave) – mas a velhice mais importante, suponho, será a interior. O Plutão na conjunção de Vênus, é esperar para ver, não? Mas será certamente STRONG. Como Vênus, além do MC, rege também a V (Casa V), acho que pode pintar algum trabalho artístico muito bom. Revolucionador. Quem sabe não será essa minissérie?

ADOREI o teu artigo. Muito claro, muito bem escrito e com aquilo que acho básico quando se trata de Astrologia: sem essa de bom ou mau, a capacidade de cada um lidar com o aspecto é o que faz o aspecto, certo? Telefone, Patrícia. Para avisar que está fazendo – 7 graus lá fora e a meteorologia recomenda ajustar as saias (de lã) para esta noite. Me pergunto muito what hell am I doing here, não encontro resposta. E toda essa guerra, agora tiraram as latas de lixo dos metrô avisando que fizeram isso porque iraquianos podem jogar bombas. No war for oil! Vou parando.

Não deixa de entregar minha carta a Sonia, e de pedir pessoalmente a ela tambores for me [...]. Tenho enfrentado uns cortados brabos, mas no

mínimo são boas histórias para contar futuramente.

Beije Carla por mim, com muito carinho. Ela estava linda aqui. Certamente continua.

Deus te guarde, um beijo grande do

Caio F.

PS – Me ocorre, pode ajudar. Telefone para Lucia Riff aí no Rio [...], diga que falei com Paulo e estou à espera de notícias dela sobre os contratos com a Siciliano, que estou duro e tenho *urgência*. Ela é uma gracinha, diga que mando um beijo no sufoco. Por favor, faz isso por mim?

A Guilherme de Almeida Prado

London, 12 de fevereiro de 1991

Guilherme, querido,

São afinal quase três meses, e muita história pra contar. Você vai ter que ser paciente e ler assim mesmo, sem acentos, nesta british typerwriter que comprei numa lojinha punk em Notting Hill.

First: MORRO DE SAUDADE. Que coisa maluca a distância, a memória. Como um filtro, um filtro seletivo, vão ficando apenas as coisas e as pessoas que realmente contam.

Second: para te deixar nervoso. Ray-Güde, minha agente alemã, vendeu *Dulce Veiga* para as Editions du Seuil, a segunda editora mais poderosa da França (a primeira, sure, é a Gallimard). Um trechinho do parecer: “Le roman *Dulce Veigá* reflète bien une société bresilienne en pleine crise d’identitê. Le style est a fois poétique et efficace, et sert tantôt la violence du monde de rock, tantôt la nostalgie des annés 60 et de la bossa-nova”. A editora Anne Morvan quer fazer um grande lançamento fim deste ano ou começo do próximo. Ray-Güde, muito animada, está vendendo *Dulce* também para uma editora alemã, e acha que pode negociar Suécia, Holanda, Tchecoslováquia.

Então, imagina. E se o Jean-Luc Besson se apaixona pelo livro? E se ele cai nas mãos do Stephen Frears? E se o Jean-Jacques Beineix me oferece milhões por uma versão com Isabelie Adjani no papel de Dulce (envelhecida, claro)? E se lá de Madri Almodóvar comunica que Carmen Maura adoraria fazer o papel?

Guilherme von Almeida Pradish, vamos fazer esse filme? Com essas traduções, todos aqueles poderosíssimos e misteriosíssimos produtores estrangeiros interessados em você poderiam se animar ainda mais. Enfim, não sei como estão as coisas aí — ou sei através de Ana Carolina, que tem mandado umas cartas muito, muito desanimadas (embora esteja com planos para um filme na Galícia, e quer minha ajuda no roteiro). Espero ARDENTEMENTE que esta te encontre em plena filmagem de *Perfume de gardênia* ⁹⁹ e que você, ao contrário da bela Carolina, esteja vendo saídas.

Pausa para olhar pela janela.

Está tudo coberto de neve, há duas semanas. A temperatura chegou a menos 15 graus, mais frio que Moscou, que tal? Quase não sinto frio, mas acho a neve simplesmente *sinistra*. Fica um silêncio estranho, uma melancolia dilacerada no ar. Hoje à tarde os meninos ficaram brincando no TRENÓ no parque aqui em frente, pode? Explodiu uma bomba no Ministério da Defesa, e tudo está muito paranóico com a guerra — que aqui é muito real.

Mas eu ando bem, calmíssimo. Estou em Brixton, um bairro com muitos negros, principalmente jamaicanos, e com um mercado africano simplesmente sensacional, hospedado no apartamento de Ray, o editor inglês.

O que é bom, porque sou obrigado a falar inglês o dia inteiro, e estou me virando que é uma beleza, lendo loucamente e até dando informações na rua. Me associei em dois cineclubes, o Ritzy, aqui em Brixton, e o Everyman, de Hampstead. Vou ao cinema sempre que posso, isto é, quase todo dia, e tenho visto coisas ótimas. Adorei *The garden*, o filme que Derek Jarman (o Cazuzza do cinema inglês, com HIV positivo há cinco anos) fez no jardim da casa dele. Fez com vídeo, super-8, depois ampliou, montou tudo na moviola — *baratíssimo* — e ver o filme me fez pensar que as lamúrias dos cineastas brasileiros não têm muito a ver. Se você quer, você faz. Ontem vi *Lhe Grifters*, o novo Stephen Frears, um noir pesadíssimo, um pouco na linha David Lynch, sem o humor — e com uma Anjelica Huston fantástica.

Faz uma NAJONA naquele estilo Joan Crawford ou Bette Davis, os críticos todos aos pés dela, dizendo que é a atriz dos anos 90. Fiquei fascinado com *The sheltering sky*, de Bertolucci, que deve estar chegando aí, e me preparo para ver o James Ivory que acaba de estreiar, com Paul Newman e Joanne Woodward. Tem muita, muita coisa, e aquelas sessões repertory, tardes vendo três, quatro filmes.

Começo de março, acho, estou indo para a França, para o lançamento da edição francesa de *Dragões*. Depois quero ir até Ibiza ver meu amigo Augusto, que está abrindo um restaurante lá, e se houver dinheiro, dar umas voltinhas por Barcelona e Madri. Enfim, maio/junho devo estar voltando. Tenho trabalhado por aí, vou revisar todos os meus livros esgotados, que a Siciliano está comprando, e traduzir o David Leavitt — um escritor americano de apenas 30 anos, autor de um romance lindo chamado *Equal affections* e uns contos, *Family dancin* e *A place I've*

never been — para o português. Também ando cheio de anotações para um livro novo, que penso em chamar *Histórias estrangeiras*.

No mais, ando muito só. Sexo e amor parecem coisas em desuso aqui. Olho tudo com olhos muito abertos, mas não deixo de comparar esta Londres de agora, invadida por todas as raças, caótica e não muito limpa, àquela outra onde morei há quase 20 anos atrás. A decadência é violenta. Outro dia um antropólogo amigo de Ray dizia que a Inglaterra é o mais novo país do Terceiro Mundo. O que tenho recebido de notícias daí — pacotes, congelamentos — me faz pensar que não só o Brasil vai mal (mas penso que o Brasil é isso mesmo, sempre será), nem só a Inglaterra, mas estamos metidos numa medonha crise que envolve o planeta inteiro. Dá medo. Há possibilidades de conseguir uma bolsa para ficar em Berlim, ano que vem, durante um ano — e eu quero, sim. Acho embriagador estar no umbigo do furacão. Você não imagina a sensação, outro dia, de sair correndo de um metrô com uma ameaça de bomba. Ao mesmo tempo em que é assustador, também não consigo me convencer de que é verdade. Parece filme.

Ah, ia esquecendo. Tem um diretor inglês chamado Steve Brown, até agora só fez curtas, é muito jovem (e bonito), que está querendo filmar o conto *Os sapatinhos vermelhos*. Estou tentando escrever o roteiro, enquanto ele tenta descolar uma produção. Vai ser engraçado. Conversei com uns cineastas amigos dele, e não conhecem absolutamente nada de cinema brasileiro — só Glauber Rocha, e ainda falam no *Orfeu negro*, pode?

Queria te pedir: você entrega esse cartão ao Ricardo Pereira Lima? Penso sempre, muito, nele, mas simplesmente não tenho o endereço. Por favor, você põe num envelope e manda pra ele?

Já chegando ao fim, espero realmente que você esteja muito, muito bem.

Dê um grande beijo meu em Zuleika, pergunte a Cida Moreyra se recebeu minhas notícias. Se você quiser me dar notícias, mesmo que eu viaje, o endereço é este — o Ray me encaminha. Na medida do possível, dê alguma assistência à Jacqueline. Ela ligou outro dia e queixou-se muito de solidão. Você sabe, São Paulo não é fácil.

Se você cruzar com Sergião Bianchi, diga que mando as melhores vibrações (no caso de Sergião, será que ajudam?) para o filme dele. E cruzando com Wilson Barros [100](#), diga que sinto saudade, que mando

beijo.

Todo carinho do seu

Caio F.

PS – E pense em Dulce Veiga, antes que algum aventureiro lance mão!

Afinal – se é que você criou coragem e leu o livro — toda essa história é mais nossa do que minha, não?

PS2 – Zu Val

E você, continua

Sensacional?

(Um hai-kai para Zuleika!) ¹⁰¹

⁹⁹ Filme dirigido por Guilherme, no qual Caio faz uma pequeníssima ponta. Em *A dama do Cine Xangai*, outro filme de Guilherme, Caio lê dois textos em off.

¹⁰⁰ Cineasta, diretor de *Anjos da Noite* (1987). Barros faleceu de Aids em 1992.

¹⁰¹ Zuleika Walthers, cantora, mulher de Guilherme de Almeida Prado. Caio a chamava de Zu Val, “para abasileirar o seu nome”, como dizia.

Londres, 9 de março de 1991.

Guilherme, querido,
fiquei feliz com a sua carta. Pelo menos, quando vi o nome do remetente e aquele logotipo do hotel de Calcutá (esse hotel rendeu, hein? Quantos envelopes você pegou?). Depois, como dizem na Alemanha, fiquei *melancholish*. Pelo retrato que você pinta do nosso país e que, eu sei, absolutamente não é injusto. Ainda mais do ponto de vista de um cineasta. Compreendo. Se, digamos, o papel ficasse caríssimo e as editoras simplesmente parassem de publicar — como eu me sentiria?

Provavelmente como você se sente.

Mas, anyway, oh Deus, tem a TERRA. Quando saí daí, saí gritando “gentalha, gentalha!” em todas as direções (Marcos Breda, que me levou no aeroporto, que o diga). Então vem o inverno, e a neve (as temperaturas do início de fevereiro aqui foram literalmente siberianas), e essa gente fria, e essa língua. Me veio vindo aos pouquinhos, não sei bem de onde, um amor tão desesperado pelo Brasil. *Desesperado* é o adjetivo. A um ponto que, com aquele *accent* de João Gilberto, a música que mais cantei aqui — baixinho, só para mim mesmo — nesse tempo todo foi “isso aqui ôôô, é um pouquinho de Brasil íáíá”, quando via algo ou alguma coisa que me lembrava o Brasil.

Eu não sei, estou aqui perdido — vim aqui para me perder um pouco, talvez — mas vou chegando à conclusão (para mim, para os meus pobres botões, não significa que isso possa se aplicar a outras pessoas) que um artista não pode/não deve viver longe de sua terra. Falo bobagem. Se pensar em literatura — e Beckett, que escreveu praticamente tudo na França, longe da Irlanda? e Cortázar, que foi escrever em Paris? e Hitchcock, que foi filmar nos USA? Dizendo de outro jeito: eu sinto que não poderia escrever longe do Brasil. Ou poderia, mas não teria *aquilo* que esquenta a alma, e é indefinível, e que está na esquina da sua terra natal.

Tenho tanto para dizer. Queria falar com você. Tenho passado dias e dias em silêncio, falando em inglês com Ray ou, uma ou duas vezes por semana em português com a única amiga que tenho aqui, Patricia Masetti (é irmã do Mario, aquele cara que faz teatro aí em SP). Puxei o time de um grupinho de brasileiros daqueles que fazem feijoada e carnaval — são muito patéticos — e levei a fama de “difícil”. Mas a

solidão, ah a solidão — é outra solidão. Ter provado outra vez desta solidão acho que me faz melhor. Ou mais humano, mais dolorido.

Hoje havia sol. Solzinho micho, para inglês ver, mas anyway *sol*. Saí a caminhar, fui a Kennington, só para ver a casa onde morava Joe Orton. Acabei me perdendo por um parque enorme que tem lá e dando na estação de metrô, uma das mais antigas de Londres, onde o velho Orton caçava seus bofes. Quando o sol se foi, resolvi me dar de presente um filme que *ansiava* há muito tempo: *The comfort of strangers*, de Paul Schrader; com o roteiro de Pinter e um Rupert Everett, mais lasanha do que nunca. Doentíssimo. Na saída estava tão estonteado que fiquei dando voltas em Leicester Square, o sábado à noite cheio de inglesinhos pêras e indo ao cinema com suas namoradelhas. Ai, como tudo é igual. Parecia a Avenida Paulista.

Tenho ido loucamente ao cinema. Descobri uma neo-zelandesa chamada Jane Campion, vi *Sweetie* e *An anel at my table* — este é o melhor filme que vi em Londres. E o finlandês Aki Kaurismaki, *I hired a contract killer*, cínico e bárbaro. E uma retrospectiva de Samuel Fuller, que definitivamente me parece B demais. E um alemão, *The nasty girl*, que lembra estranhamente um certo cinismo dos filmes do Sergião Bianchi (que a esta altura deve estar na *quarta* equipe).

Dez e meia da noite. Estou bebendo um vinho chamado “Coteaux du Tricastin”. Entrei nos meus últimos dias de Londres, com todas as granas atrasadas, estou puxando o carro para a França, duríssimo. Devo passar quinze dias em Nantes (?), uma coisa arruinada pelos editores (a coleção onde saem meus contos por lá chama-se “L’heure furtive”, não é bonito?). No fim desta te mando o endereço de Paris. Hoje recebi uma cartinha da Odete Lara, pede que eu procure uma amiga dela em Paris e diz assim: “Diga a Evelyne que lhe escrevi pedindo que me trouxesse o paletó de camurça que esqueci no armário dela em Paris, e que sugeri que conhecesse a livraria dela, já que você é escritor. Diga também que escreveu um argumento cinematográfico que foi imediatamente aceito por mim depois de tantos anos de resistência minha em aceitar tudo que me era oferecido”.

Não é linda? Sobre *Dulce Veiga*, nunca pensei que fosse má-vontade sua *não* filmar. É um filme que só pode ser seu, e que todo esse atrolho brasileiro tem impedido. Eu espero que todos os dólares para o *Perfume* tenham sido conseguidos. Faça o filme — é o meu palpite — de

qualquer jeito. Mesmo como uma despedida, como um “olha gente, tá aqui, tentei”. E parta para Paris, para onde for, correr estrada, virar bolsinha.

Odete diz também: “Volte. Nosso karma tem que ser queimado aqui mesmo. Saber transmutá-lo é nossa tarefa. E é essa a realização dos sábios”.

(Pausa para comer mais uma “jam tart”. Vício. Hmmm.)

Mais *Dulce Veiga*: Ray-Güde está quase fechando negócio com uma editora sueca, acredita? E ontem ligou um editor da Noruega para o Ray, dizendo-se encantado com *Dragons* (deve ser uma jacira), quer publicar lá e quer também outros livros. Portanto, *Dulce* deve pintar também na Escandinávia. Eu acho um absurdo total. Se bem que, no filme do Kaurismäki, lá pelas tantas rompe a tocar Carlos Gardel, pode? Numa sequência num bar dentro de um cemitério em Hampstead, começa a tocar *Mi Buenos Aires querido*, e em outra *Cuesta Abafo*.

Ah: conversei com o Alex, um menino brasileiro que vive aqui há quatro anos, é ator e músico de um grupo inglês experimental cujo nome esqueci, e que se apresentou no Brasil ano passado. Bom, Alex viu a *Dama* no Metro em outubro do ano passado, passou só um dia. Não sei como fazer um contato com os caras de lá.

Brasil aqui é uma é coisa tão por baixo. Semana passada, no channel 4, passou *An avenue called Brazili*, um documentário horripilante de Otávio Bezerra, filmado na Av. Brasil do Rio. Parecia filme de horror. Mas é a visão inglesa sobre o mundo. Todo o dia leio coisas sobre as adolescentes prostitutas de Calcutá, as criancinhas com Aids da Romênia, os refugiados da Albânia. Estive em Liverpool, falando na Universidade (o melhor foi ver o “Cavern Club”, onde os Beatles começaram), e sobre o Brasil, as pessoas só querem saber desse tipo de baixaria. Tenho que rebolar para explicar que o Brasil são muitos Brasis, e que alguém que vive em São Paulo pouco ou nada sabe do que acontece na Amazônia. Acontecem coisas hilárias. Fui falar na biblioteca de Bedford, uma cidade próxima de Londres. Era uma “noitada artística” — eu, lendo *Blues without Ana*, um poeta chileno recitando poemas sobre o assassinato de Allende (ainda) e quatro índios bolivianos tocando charango, aquelas coisas. Acabaram tocando *lambada* com seus instrumentos lhamas, e os ingleses dançando com um sem-gracismo absoluto. De repente a hora marcada para acabar

chega, e tudo termina. Era tão deprimente que me divertia: uma terra com hora marcada até para o prazer. Uma terra com hora marcada.

Fui abrir a janela e vi a lua. Crescendo, para o lado “errado”, tipo hemisfério norte. Ai, que vontade de voltar. E sei que vou voltar ainda mais esquizo, e que a terra que a minha emoção construiu aqui não vai ser tão facilmente localizável no plano real, e que esta sensação de ser estrangeiro deve continuar também aí. Será que, à medida que você vai vivendo, andando, viajando, vai ficando cada vez mais estrangeiro? Deve haver um porto. Em carta angustiada, Ana Carolina perguntava: “por que será que temos que ser tão atípicos?” Em outra encarnação, volto heterossexual e caso aos vinte anos com Ana Carolina.

Fiquei feliz de saber que Zuleika levou o cartão para Ricardo. Penso demais nele. Aquela coisa estranha, inexplicável, da distância filtrar os afetos. Em determinadas situações, fico falando direto com ele. Ricardo é sábio, talvez por isso mesmo esteja vivendo em Ribeirão Preto. Me pergunto se essa sede de Paris, Londres, New York, Tóquio — ?????????????? — não vai nos afastando cada vez mais, de uma maneira irreversível, do que realmente importa. E o que realmente importa está ao alcance da mão, em qualquer geografia. [...] Meus melhores wishes para o *Perfume de gardênia*.

Diga a Zuleika que procurei por toda London, London uma Zu/Val como ela e não achei.

Um beijo,

Caio.

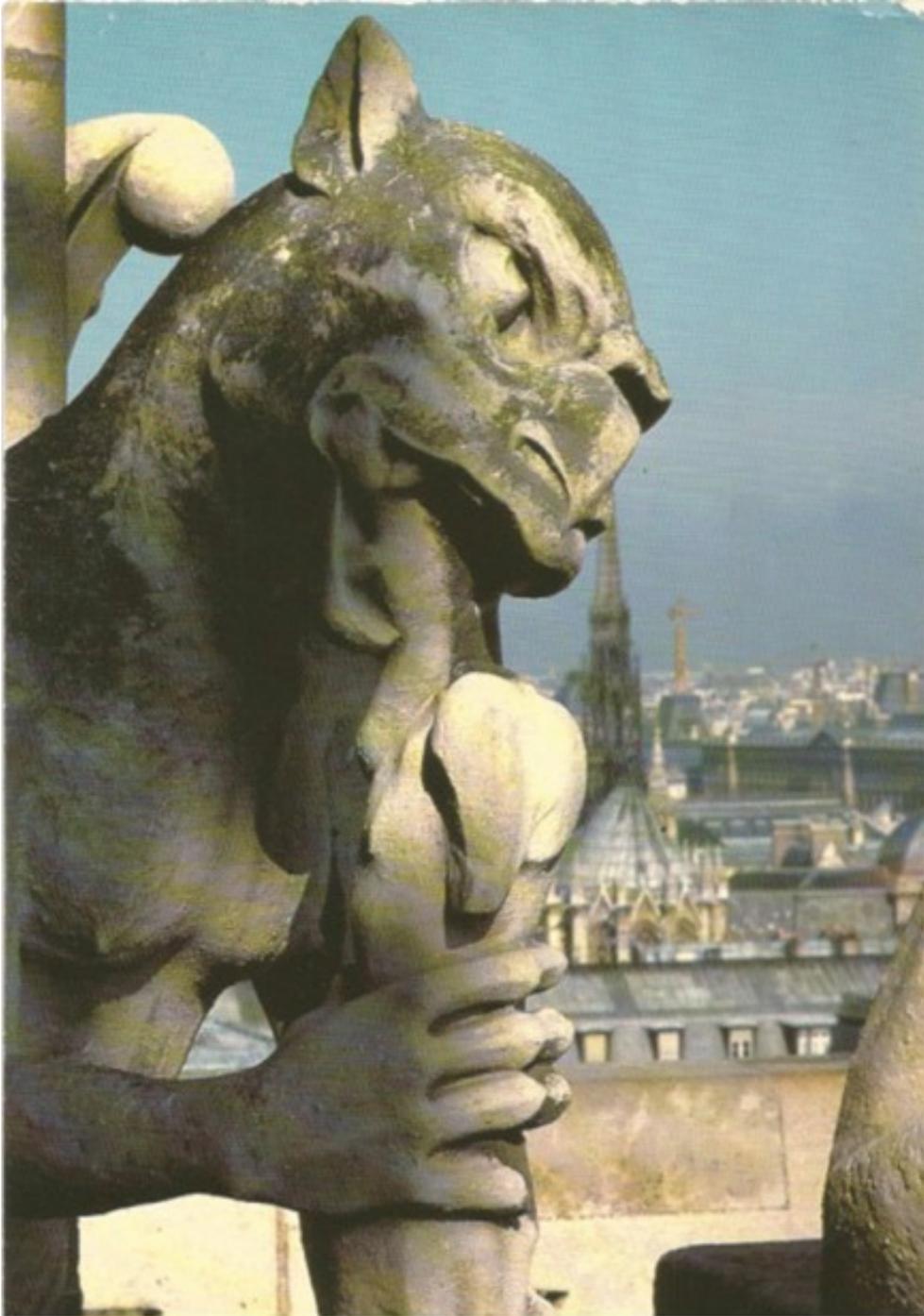
A Marcos Breda

Paris, 8.04.91 [cartão]

Breda querido: há muitas discussões sobre o que realmente esta gárgula está chupando. Mas claro que só consigo pensar em uma coisa. Acho que ela também está pensando AH-UH-AH-UAH!

Estou in love avec Paris. Lindo demais. Alguns problema\$ (peça *tambores* para Sonia!), mas tout va bien. Perdoe não ter falado direito c/você no telefone. O Carlinhos onde estou, dorme muito cedo, e eu tinha tomado um mogadon. Junkie! Morro de saudade de você. Se Deus quiser mais um mês apenas e estaremos juntos. Tem Jaciras inacreditáveis por Paris e até arrumei um flerte com o porteiro de uma boate gay chamada B.H. Pode? JACiiiiira!

*1 beijo p/Carla
Outro p/Você.
Love
Caio F*



A Maria Lídia Magliani

SP 22.07.1991

Magli, chérie,

como podes ver pela lauda (pelalauda parece sobrenome de atriz pomô, não? Imagine Laura Pelalauda, ou algo assim), te escrevo na repartição. Difícil concentração, com a VOZ de Paula Dip *refulgindo* na sala ao lado. Mas já pedi demissão, fico só até dia 30 deste. Prefiro vender pastéis.

Não deu, embora eu quisesse, pra te escrever antes. Aquela infecção piorou voltando a SP. Fiquei com pequenas feridas em dois dedos da mão esquerda e um da direita. Ou seja, não conseguia escrever nem fazer nada. Fora febre e as cósas nas pernas... Voltei à médica. Bueno, segundo ela, pós-otite pintou uma infecção secundária, que ela chamou de es-trep-to-co-xia. Tasca-lhe 1.000 miligramas de outro antibiótico.

Comecei na quinta, hoje é segunda, comecei a melhorar. Já posso escrever, vês? Volto na médica — Sandra, uma morenaça baiana de olhos azuis que conheço há uns cinco anos (tínhamos o mesmo terapeuta) — hoje.

E se Deus quiser melhora forever. Ufa.

Olha, tua intuição te enganou.

Não, não fui a Tiradentes para te dizer alguma coisa muito importante. Na verdade, não tinha sequer pensado em ir a Tiradentes. Foi no hotel que comentei com Sonia [102](#) que estava com saudade de você, que morava lá e tudo e tal. A Sonia ficou animadíssima, e já se informou de horários de ônibus, coisas assim. Foi ótimo, porque sem companhia, e com a saúde meio bombardeada, acho que sozinho não iria.

Mas — não fui até aí para, por exemplo, contar que estou com Aids e tenho pouco tempo de vida. Na verdade, não sei se estou. Tanto Ronaldo, o ex-terapeuta, quanto Sandra, que é imunologista, se recusam terminantemente a me apoiar na decisão de fazer O Teste. Eles acham que não há absolutamente nenhum sintoma.

Prefiro acreditar, claro.

Ronaldo, a propósito, trabalha com Valéria Petri há muitos anos no atendimento psicológico a homossexuais com teste positivo.

Além disso, o que de tão importante eu teria para dizer a você? Que não suporto mais São Paulo, talvez, e que estar nesta cidade me deixa literal e fisicamente doente, sempre. Fiquei seis meses na Europa, com aqueles 17 graus abaixo de zero na época da Grande Nevada, e não tive sequer uma gripe. Chego aqui e cráu! — sucumbo a mil grandes e pequenas *maladies*. Ai.

Me incomoda um pouco você dizer que levei Sonia Coutinho como “um escudo”. Acho que aos 42 anos, morando só, com uma alta psicanalítica depois de pelo menos 12 anos, realmente não tenho necessidade de *escudos*. Minha relação com a senhora dona Vida, de muitos anos para cá, tem sido frontal, direta e solitária. Sonia, além de velha amiga, é também uma excelente pessoa e escritora, que raramente tenho oportunidade de ver (ela mora no Rio). Ela inclusive me dedicou o último livro dela, *Atire em Sofia*. É uma pessoa de sentimentos muito delicados, que caiu na vida muito tarde (tem uma filha e uma neta que vivem em Salvador), e fica ao mesmo tempo deslumbrada e assustada com pessoas como nós. Ela ficou um tanto quanto chata no final, com aquela insegurança de voltar, sem relaxar no estar aí. Mas gostou imensamente de tudo, de Marijô e de você — que mal dirigiu a palavra a ela, apesar dos meus librianos esforços sempre no sentido da harmonia.

Deus, como é difícil concentrar com essa VOZ *rangendo* ao fundo... Mas foi bom demais. Não lembro de ter-me sentido tão bem assim em outra cidade (exceto Paris, guardadas as diferenças). E nunca vi você tão bem. A casinha é demais, principalmente a horta (tenho feito altos chás). Tudo isso daí me parece muito perto do Paraíso, e eu quero voltar para, pelo menos, umas duas semanas. Quem sabe em setembro. Agora no começo de agosto tenho que ir a Ponta Grossa, no Paraná, e depois acho que vou até Gramado. Não consigo sossegar o pito, fico batendo salto pelo Brasil afora, e quanto mais vejo este país, mais sinto amor e pena, tudo misturado. No meio da enorme *imundície* que tudo está se tornando, as pessoas inclusive, Tiradentes fica na minha memória como uma — para cair de boca no clichê brega — jóia no meio da lama. Tenho economizado aquela água santa — quero mais detalhes sobre ela! Doroti andou por aqui, ligou, marcou, fiquei de dar a ela o lápis-lázuli, depois sumiu. Bueno, se você cruzar com ela diga que levo pessoalmente, se Deus quiser.

Recebi notícias boas de Márcio Machado, de Paris. Saiu do hospital com o joelho meio bombardeado, mas o organismo reagiu, e já está ótimo, sem bengala nem nada. E Carlinhos ligou outra noite, falei que tinha estado aí com você e íamos mandar o material para o Ivan. Maria Lídia Woolf Lispector Pessoa dos Santos Abreu Magliani: não marca!

Vamos armar essa superexposição em França.

Outro dia, muito doentinho, fui ao cinema ver *Rosalie goes shopping*. Aqueles dias que você não quer ver nem sua mãe pela frente. Eis senão que me irrompe pela frente nada menos que... Beto Ruas! Estava com uma moça a quem me apresentou como sendo “um faixa dos velhos tempos”. Me senti assim algo tipo uma faixa de Miss Elegante Bangu ou Rainha das Piscinas. Difícil.

Então ando assim, cada vez mais neurastênico, cada vez mais dentro da concha. E cada vez mais querendo dar o fora de São Paulo, com a sensação de que a vida é curtíssima, e que tudo que não seja o meu próprio texto, em termos de escrita, me parece uma solene perda de tempo.

E nesta *árdua* volta, Tiradentes ficou assim feito um ponto luminoso pulsando dentro da treva desta densa noite brasileira. Obrigado pela maneira como você me recebeu — e obrigado também por estar tão bem, nunca vi a velha e boa Normanda de guerra tão em forma.

Se os anjos quiserem, em breve estarei de volta, com minha frasqueira tigrada e vários modelinhos safári para desbravar as matas locais.

Ficou na minha cabeça aquele paredão de pedra bem em frente à casa de Marijô. Diga a ela que estou mandando fazer um quacirinho com aquele hai-kai de Bashô. Aproveite e tasque-lhe dois beijos. Diga ao Marcinho — aquele jovem que, segundo você, se parece comigo — que não se preocupe: tudo isso passa. Ou pelo menos acalma com a idade. Mas é difícil fazer pessoas com menos de 30 anos acreditarem que o tempo realmente passa.

Deus te guarde, todo o carinho do seu intrépido

Caio F.

Maglim, menina-loba,
foi muito bom receber seu pacote & presentinhos sábado passado pela manhã, uma daquelas manhãs cinza-sampa que você bem conhece (e quer distância). God! Você tinha os originais de *A maldição dos Saint-Marie!* ¹⁰³ Sabe que foi daí que nasceu, MILHÕES de anos mais tarde, aquela *A maldição do Vale Negro*, que deu a mim e Luizar o Molière? Pois é. Guardei numa caixa onde estou, também, reunindo o museu-de-mim-mesmo. E não tirei mais do corpo a camiseta de gatos de Marijô (faz um sucesso enorme, principalmente entre jaciras, todas querem gatos muitos gatos). Em anexo, vai bilheteinho para ela.

But na verdade foi preciso uma semana inteira para digerir sua densa missiva. Só reli ontem à noite, e me sento agora, quase meio-dia, mastigando nacos de gengibre para a náusea (tenho uma náusea constante, aquele Roquentin do Sartre perde — com o agravante que, no meu caso, além de existencial a cuja também é física). Sei /não-sei o que te dizer. Isto é, vagamente intuo, mas é tão vago — e tão óbvio — que não sei se não pareceria (parecerá) “ligeiro”. Dizes que estiveste “louca”. Bueno, até aí morreu o Neves — ou a Risoleta Neves, tua vizinha — porque eu estou louco há pelo menos 42 anos. Estamos todos. Sempre penso em Ronald Laing, referindo-se à mente humana, dizendo “o pior já aconteceu”. E o que aconteceu, sem pretender ser nenhum antropólogo da emoção, foi exatamente o que você detectou: foi-se a unidade fundamental. Qualquer grande avenida de grande cidade é exatamente como um pátio de hospício. Pior, você sabe, porque mais violenta — e porque não há nenhuma viagem interior sendo feita. É pura ansiedade, sofreguidão, fragmentação.

Não é — penso — que você estivesse “louca”. Aspas fundamentais. O que sucede, ma belle, é que você — com suas antenas afiadíssimas de artista e, digamos, Mulher Vivida — captou a loucura em volta. Esta sim, insana ao limite da demência psicótica. Loucura feia, brava, destruidora, assassina. Somos sempre o de fora — e com isso acho que respondo a uma de tuas perguntas — odeio São Paulo porque me percebo, às vezes, sendo nas minhas atitudes a própria cidade.

Loucura, eu penso, é sempre um extremo de lucidez. Um limite insuportável. Você compreende, compreende, compreende e

compreende cada vez mais, e o que você vai compreendendo é cada vez mais aterrorizante — então você “pira”. Para não ter que lidar com o horror. “Porque estar vivo, verdadeiramente vivo, é horrível” — já dizia a GH (a reler) de Clarice, remember? Isso me voltou à cabeça ontem à noite.

Eu tinha fumado um baseado. Imagina — tenho uma espécie de namorado, Gabriel, que é — imagina mais — um-michê-que-estou recuperando. Continua michê (afinal, é lindo), mas está fazendo cursinho pré-vestibular. E me faz visitas, me telefona, me paparica. Ontem me trouxe uma “presença”. Anos que não fumo. Disse a ele. Ficou confuso (já consegui que abandonasse o pó) e pediu desculpas, não sabia “que eu não aprovava”. Bueno, pra não embarçar ainda mais o moço, fumei.

Ele se foi e me vi piradinho sozinho dentro de casa.

Não tive dúvida: me atirei em cima da pia e dei uma geral na louça de dois dias, lavei o chão da cozinha, molhei as plantas, tirei a roupa do varal (com cheiro de cachorro molhado). Depois joguei I Ching ¹⁰⁴ e, lindamente, saiu aquele *A comunidade com os homens*.

Mas o que ia dizendo — não se *enlouquece* quando se tem um tanque cheio de roupa suja pra dar conta. Não é possível a gente se dar a esse luxo. Continuo querendo dizer — e talvez para mim, com meu Sol e Lua em Terra, Virgem e Capricórnio, talvez seja mais fácil — que o PRÁTICO pode salvar. Ou o simples, o muito-muito simples.

Tenho sentido uma enorme e discretíssima felicidade apenas por acordar cedo (acordar já é vitória; cedo, vitória dupla), fazer café, fumar um cigarro, abrir janelas, arrumar a cama. Depois, tomar um mate e ler o jornal, então, é o paraíso. Paraíso por dentro, descontadas as notícias cada vez mais e mais medonhas. Mas sempre, uma consciência da ilusão dessa loucura externa. Quando a gente “enlouquece” o problema é a leitura simbólica que se passa a fazer de absolutamente tudo. Um fósforo que não acende pode assumir a importância do fogo de Prometeu. Literalmente. Não que tudo não seja mesmo assim, só que a gente também não suporta ficar tão mítico-antropofísico-arquetípico assim.

É mais *simples*, é mais embaixo — é tudo ilusão.

Fui rever o *Mahabahrata*, de Peter Brooke. O que mais gosto é o diálogo de Krishna com Arjuna, antes da batalha, quando Arjuna está se

cagando de medo. Procura ver (ou ler) um dia. Krishna aconselha Arjuna a contemplar uma montanha de ouro e uma montanha de terra com os mesmos olhos. Olhos sem desejo, e sem pensamento. Leva Arjuna a passear pela “floresta da desilusão”. E completamente esvaziado de desejos, Arjuna fica pronto para a guerra, para o amor, para o que der e vier.

Você pergunta: “todos os vernizes descascam?” Eu acho que para quem tiver a coragem de deixá-los descascar, sim. E isso é bom. Além da nossa condição de insetos (menos, protozoários) na superfície de uma bolinha azul imensa (mando o recorte do astronauta, acho belo-belo-belo) perdida e ferida no infinito originário de um suspeito — e incompreensível — big bang, além do nosso medo IMENSO dessa condição e da pena também IMENSA que brota pelo humano, vai restar sempre O MISTÉRIO. Que eu posso chamar de Deus, de runas, de Buda, Tarot, Oxalá, qualquer coisa assim meio *trans*.

E se a gente crê — como eu creio, e essa crença não é intelectual, ao contrário, é totalmente irracional, instintiva, muito mais funda que o pensamento discursivo — nesse MISTÉRIO, suponho que a gente esteja “salvo”. Salvo do medo, do terror, da loucura, do suicídio, do homicídio, do alcoolismo desesperado (que já provei também).

Anotar na agenda mental: reler Fernando Pessoa, principalmente Alberto Caeiro (em anexo, poema de Ricardo Reis); re-ouvir *Terra* de Caetano; reler aqueles poemas zen póstumos de Cecília Meireles. Ou não reler nem ouvir nada. Pegar as pedras fortemente, apertá-las contra o peito, comprimir a cabeça e o corpo inteiro contra as árvores, pisar descalço na terra, colocar balas e doces (sempre em número ímpar) ao pé das árvores grandes para os duendes e devas e erês comerem e ficarem teus amigos, deixar na cabeceira toda noite copos de água com açúcar para as fadas virem beber de madrugada. Acender velas para chamar Luz, jogar rosas amarelas nas águas dos rios para Oxum. Coisas assim: *ritualizar*, para dialogar com O Mistério. Para que ele te/nos proteja. Coisas claras, panos brancos, incensos e flores. Purificar, purificar o que na essência da nossa condição humana é pura e medonha treva de desconhecimento de todos os porquês.

O que te salva — a você, Maria Lídia dos Santos Magliani —, mais que qualquer outra coisa, é a tua horta, já percebeu? O dia que você deixar as ervas daninhas tomarem conta dela, essas ervas também

tomarão conta da tua mente, do teu coração. Eu posso estar falando coisas que soam a Seicho-No-Ie, a filosofia rasteira, mas eu não me importo nem me envergonho. Eu nem sequer critico. Sempre dizia para o meu psicanalista “olha, jogo Tarot, sou astrólogo e meio bruxo, e essas coisas eu NÃO vou discutir MESMO com você”.

Tenho achado viver tão bonito.

Talvez porque ande, como nunca, perto da idéia da morte. Continuo naquela ciranda de antibióticos (o terceiro) e as orelhas, embora melhores, purgando coisas. Acho que sim, que como você diz são as nojeiras que ouvi durante toda a vida. Está limpando. Mas, objetivamente, a Sandra-médica está começando a considerar a idéia, também, de fazer O Teste. E eu não sei se quero. Seria como querer um papel timbrado, firma reconhecida, dizendo que vou ser atropelado (“por esse trem da morte”, como dizia Cazuza) daqui a algum tempo.

Sei lá.

Mas tenho pensado, e estou tão cheio de projetos para livros novos que só penso nisso. Em conquistar energia — e tempo, e condições — para escrevê-los.

Tenho me resguardado ao máximo da urbanidad. Voltei a ler. Reli acho que pela terceira ou quarta vez o *The bell jar*, da Sylvia Plath — que é o mais terrível depoimento sobre a esquizofrenia vista de dentro que já li. Não sei se você já leu — se não, posso mandar. Tem uma tradução nova ótima da velha e boa Lya Lufthansa. Revisei toda a tradução que tinha feito para *The ballad of the Sad Café*, de Carson McCullers, e está linda. Sabe que a pequena Carson ficou paralisada do lado esquerdo desde pouco mais de 20 anos, e só conseguiu escrever à máquina (com um dedo só) e deitada. Mesmo assim, quando morreu aos 51 anos, deixou cinco livros. Todos muito belos. Agora tento ler *Estorvo* do Chico Buarque. Acho impecável, mas chato. A propósito: Chico pediu a Luiz Schwarcz que me ligasse, dizendo que ele — Chico — estava desolado com o que Okky de Souza escreveu na *Veja* sobre ele, Rubem Fonseca, Jorge Amado, Ignácio de Loyola e eu. Como há anos não leio a *Veja* — náusea profunda —, não sabia do que se tratava. O tal Okky, elogiando o livro de Chico, disse que nós outros éramos péssimos.

Mas eu só tô aqui tentando cumprir meu karma da melhor maneira possível, pensei. E me deu uma daquelas crises de náusea. Viver em São Paulo é como viver em Dallas.

Mas o mundo não tá fácil. Marcio Machado ligou ontem de Paris — ele está muito bem, diz que conseguiu alguns originais de Picasso e Salvador Dalí, para revender — e diz que tudo tá um bode. A guerra na Iugoslávia é heavy, de repente toda a Europa pode entrar na dança. Gorbachev teme o início da III Guerra Mundial (que seria rapidíssima, não? só apertar o botão).

Desemprego, paranoia, croatas, sérvios, curdos brigando com iraquianos.

Bueno, umas rapidinhas:

Tem Munch no Masp! Vou ver amanhã, acho. São as cópias que ele mesmo tirou das gravuras. Tem também Wesley Duke Lee, Aguilar (hmmm...) e Guto Lacaz (que tá ficando Professor Pardal demais pro meu gabarito).

Espero Juliano para comermos uma feijoada. Juliano tem 19 anos, é a cara de Sinead O'Connor, 1m90 e é meio gênio. Estuda História, trabalha com índios. Acho que só posso volver a Tiradentes comecinho de outubro. Como larguei a revista (e o marido largou a Paula Deep na mesma época), tenho que trabalhar. Me ofereceram palestras por várias cidades de SP em setembro, e uma semana em Curitiba com um “laboratório de criação literária” (que cá com meus botões acho pura fraude, ma\$...). Então acho mesmo que só no comecinho de outubro, quando as decantadas cachoeiras já estarão mais aquecidas para banhar estas pernas que abalaram Paris (e hoje são dois abacaxis).

Só você pra lembrar de Flávia Schilling... Tem razão. tempos de dignidade. Lá se foram.

Lucinha Araujo — mãe de Cazuzza — me ligou. Fiquei feliz demais. Temos nos falado, ajudo a levantar grana para o *Viva Cazuzza*, comprar AZT para as amigas terminais e coisas assim. Colaborarias? Mando em anexo, vou ver se encontro, a carta que a Pinky me passou.

Vai junto aquela foto de Francis Bacon que te trouxe de Londres, tenho medo que amasse. De repente depois escrevo mais.

Love

Love

Love

Caio F.

“Segue o teu destino
Rega as tuas plantas

Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.
A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós seremos
Iguais a nós próprios.
Suave é viver só
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.
Deixa a dor nos ares
Como ex-voto aos deuses.
Vê de longe a vida
Nunca a interrogues.
Ela nada pode
Dizer-te, a resposta
Está além dos deuses.
Mas serenamente
Imita o Olimpo
No teu coração.
Os deuses são deuses
Porque não se pensam.”
(Ricardo Reis/Fernando Pessoa)

[103](#) Livro escrito por Caio aos 11 anos de idade, incorporando referências de tudo que lia naquele momento. Foi incluído no volume *Ovelhas negras*, publicado pela Sulina em 1995, com segunda edição de bolso pela L&PM de 2002, a coletânea de textos até então inéditos que Caio coligiu e preparou em seu último ano de vida.

[104](#) Você tem um 1 Ching? É im-pres-cin-dí-vel!

SP 27.01.1992
(Ano 2000, lá vamos nós!)

Ma(di)gliani, ma belle,
culpa, mea culpa — troteando pelo Brasil afora, fiquei quase o tempo todo te dando notícias mentais, não reais. Acho que você nem recebeu as de São Luís do Maranhão. Enfim, agora parece que parei um pouco, depois de um Natal (ótimo) em Porto Alegre. Com aquela velha impressão de que (e que ninguém nos ouça ou leia) nossos pampas, sim, são ricos, finos e chiques. Tanta gente educada, tanta gente bonita. E arrogante também, que gaúcho parece que se acha a melhor coisa do Brasil. Na verdade (cá entre nós & etc.) é mesmo, mas não precisa dar bandeira, certo? Fantasias de voltar continuam rondando, fantasias. Nair and Zaél melhores que nunca. Zaél aos 70 e Nair around (é segredo, claro, como mãe pode ser fútil, meu Deus) 67 parecem ter desistido de qualquer ilusão careta de honra & moral. Estão meio escrachados, e numa ótima: falam tudo o que pensam, sem preconceitos. *Lacearam* muito, ou seja — parece que acompanharam os tempos. Estão sós naquele casarão (Cláudia e Felipe moram perto, vão lá todo dia, Márcia em Novo Hamburgo, meu irmão Gringo afastado, casou com uma “víbora”, segundo Nair), e tenho quase como certo que, partindo um, terei que ir para ficar com o outro. Sinto que é um dever, um dever bom, kármico, honesto. Uma troca. Enfim, esperemos. Mas pelo visto vão longe.

Ando sem graça. Odeio verão. São Paulo fica uma jaula. Estou reescrevendo *Limite branco* para ser reeditado, é uma viagem doida: o original é de 1967 [105](#). Lá se vão VINTE E CINCO ANOS, Maria Lídia dos Santos Magliani!!!!!! O tempo me espanta. Penso, o tempo é tudo que existe. Todo o resto é ilusão. Mas não tenho queixas. Afinal, aos 43 ainda estou com um corpinho de 35. E sempre pareço bem mais jovem. Bem, uns 10 minutos mais jovem.

Falar nisso, my dear,

HAPPY BIRTHDAY TO YOU
HAPPY BIRTHDAY TO YOU
HAPPY BIRTHDAY, MAÍDA,
HAPPY BIRTHDAY TO YOU!

Sempre me olvido do dia exato, sei que é fim de janeiro — maybe 28?

Tenha muitas coisas lindas neste 92.

E quando, God, acaba a estação das chuvas por aí? Tenho pensado constantemente em ir, talvez umas duas semanas em fevereiro/ março. Com a parada das viagens, a grana encurtou. Mas deve lacear. Estou trabalhando com La Duarte, a Regina, numa série nova para a Globo, começo a receber em fevereiro. Depende do Boni-voltar-de-New-York-e-aprovar-mas-o-Daniel(Filho)-adora-e-é-questão-de-etc. Tá sendo bom, a Duarte é sempre do bem, inteligente e esperta. Estabelecido tudo, eu podia pegar meus pré-roteiros, uma boa frásqueira tigrada, e ir terminá-los em Tiradentes. Andei/ando sentindo — imagine, que retrocesso emocional — CARÊNCIA AFETIVA. Das brabas. Passei uns três, quatro anos fazendo a bicha durona, dizendo coisas do tipo ai, amor? é coisa de extrema juventude, isso não existe. Não sei bem como, começou a doer, a faltar. Uma sede daquelas de comercial de Sprite no Saara lembra?

Vicente Pereira me orienta, tem sido melhor guru. Diz ele — e eu acredito — que é preciso chegar na desilusão de absolutamente tudo. Reduzir o salto, encompridar a bainha da mni, esquecer o rímel. Vamos tentando, enquanto amigos continuam a morrer. Foram-se Casemiro, o Xavier (tão chique e nobre, lembra?) e Paulo Villaça, com quem tomei alguns porres memoráveis. Eu rezo. Deve ter sentido, *ficar*.

Bem devagarinho, leio o *Evangelho*, de Saramago. Não que tenha virado nenhuma Darlene Glória (falta-me inclusive o *viço* apropriado), mas comecei a pensar no homem-Jesus. Nunca tinha pensado nele além do clichê. Talvez toda a nossa vida terrena seja, cada uma na sua medida, uma repetição da via-sacra?

[...]

Fiquei tão só, aos poucos. Fui afastando essas gentes assim menores, e não ficaram muitas outras. Às vezes, nos fins de semana principalmente, tiro o fone do gancho e escuto, para ver se não foi cortado. Não foi. Então me sinto protagonista de um filme chamado *Criaturas que o mundo esqueceu*.

Sem amargura. Regina Duarte me mostrou ontem um poema de Adélia Prado assim:

“Dor não tem nada a ver com amargura.
Acho que tudo que acontece
é feito pra gente aprender cada vez mais,

é pra ensinar a gente a viver. Desdobrável,
Cada dia mais rica de humanidade.”

Adorei o retrato (de quem?) que você me mandou. Parecia um pouco o Vlad/Ney Latorraca de *Vamp* (estou viciado na novela, apaixonado por Mary Matoso). Coloquei na sala.

E Marijô? Juliano, o pequeno Spyer, ficou encantado com coisas que vocês mandaram a ele e ele mandou a vocês. Fica me atormentando para irmos a Tiradentes juntos e fala coisas do tipo estou-numa-fase-em-que-percebi ou mudei-profundamente-minha-visão. Bem ele tem 20 anos. Mas na verdade acho meio *imperdoável* ter 20 anos. Tenho tido pouquíssima paciência para menos de uns, digamos, 32.

Gil, o secretário — Gil Veloso, o nome não é perfeito? — está chegando. Vou pedir a ele para ir ao correio.

Um beijo do seu

Caio F.

[105](#) A segunda edição revista de *Limite branco* saiu em 1994 pela Siciliano. A primeira edição tinha sido em 1970, pela Expressão e Cultura.

Ma(di)gliani,

uma e meia da tarde, céu limpo de junho, friozinho de encorujar paulista e fazer cusco gaúcho rolar de rir (cusco ri?). Maria Bethânia cantando “fica comigo, São Jorge Guerreiro, a quem recorro nas horas de agonia” (é tão lindo, você TEM que ouvir). Adiei & adiei te escrever após tua longa & inspirada missiva. Agora surpreendi essa hora meio vaga entre um almoço macrô (tive uma recaída, só imaginar algo parecido com uma lasanha me faz mal) e um médico.

Ai.

Não, juro que não vou desfiar um rosário de queixas. Ouvidos, pois é. Passei por um especialista power. De tanto antibiótico, aqueles bichinhos (estafilococos áureos, o nome é até chique) ficaram junkies — viciadíssimos. Aí o Dr. Elizabestky, que usa uma peruca hilária, meio acaju, fica me aplicando umas novas invenções americanas. Que custam quase 100 paus o frasco. Bueno.

Mas continuo achando que o problema é que definitivamente NÃO SUPORTO OUVIR A REALIDADE. Acho que não tem cura. Talvez tenha que amputar as orelhas, implantar um par — digamos — de marfim, ou jade, três bizarre. Andei com problema\$ meio grave\$. Odeio pensar em dinheiro, fazer contas o tempo todo — mas não tenho feito outra coisa. Estou me tornando um expert em economia. CDBs, Fundão, dólares, marcos e tudo que for preciso para não soçobrar (essa palavra me faz lembrar Chaninha Maciel) ¹⁰⁶.

Estou *me aprontando* para ir ao Rio.

Péra aí, vou trocar a Bethânia por uma flauta doce que encontrei ontem (o vinil anda em liquidação e eu, cadela, como não tenho CD).

Pronto.

Você ia gostar desse, tem um astral Cecilia Niesemlat [...]

Mas como ia dizendo, sobre os aprontes. Lembro quando Nair ficava se aprontando para ir a Porto Alegre, durante MESES. Muito tailleur novo, muito sapato. Eu achava estranho, porque ela ia a POA justamente para comprar tailleurs e sapatos na Casa Louro. Nunca entendi. Mas ficou o hábito.

Preciso tomar ar, fingir que sou normal & tenho um profundo interesse pelas pessoas e acontecimentos culturais e todas essas estonteantes

possibilidades urbanas.

Andei, ando, um bicho do mato. Sair de casa virou programa de índio. O cinema virou meu único laço com a realidade (?!), além de ir ao banco, claro.

S'as que perdi na justiça aquela causa do ap.? Pois é, guria. Devo ter ficado com uma dívida de uns cinco mil. Dólares. E a bicha tem? perguntaram. O coro rola de ir. Fiquei num stadenervos horrível, me sentindo totalmente falido — fui até ver no dicionário o que significava *inadimplente*. Descobri que sou.

Sofri, sofri, sofri. A advogada recorrendo, diz que leva tempo. Aí um dia pensei: chega. E continuei a viver normalmente (?), no mesmo apartamento.

Arrumei uns trampos. Duas vezes por mês, aulas em Piracicaba. Um laboratório de criação literária. Vinte pessoas sem talento nenhum. Fico arrasado. Mas o café da manhã do Hotel Beira-Rio é ótimo, e tem uns vales na estrada, na altura de Americana, enfim. Outra: um senhor rico de São Leopoldo morreu e deixou um romance enorme (junto com a herança) para o filho editar. O filho procurou este que vos escreve para copidescar a referida obra. Que *é inenarrável*. Mais de 500 páginas primárias. Tenho também, todo mês, que ler os livros colunáveis para a *Playboy*, e você pode imaginar o gênero.

Enfim, estou intoxicado de mediocridade literária. E — oba! — tenho pretextos ótimos para *não* escrever meus próprios textos. Tenho fugido lindo da labuta. Vou jogando frases, recortes, pedaços dentro de uma pasta. Branca, naturalmente. E há um stadenervos crescente, aquela sensação de não estar cumprindo o karma como devia.

Me ofereceram um computador emprestado. E uma ex-colega do *Estado* chamada (juro) Darlene — muito boazinha, mas com uma voz... Os teus instintos básicos ferveriam na hora, só de ouvi-la. Então o problema é: aceito o computador (que está atravancando a sala da guria), mas como brinde ganho aquela voz nos meus ouvidos. E a minha otite-teresinha?

Um leve humor fútil hoje.

Desde que sonhei, ontem, depois de ver o eclipse da Lua, que morria atropelado por um caminhão. Pode? Eu embaixo do caminhão, a parte inferior do corpo esmagada, sangue no asfalto. Pensei bueno, chegou a minha hora, na maior serenidade. Foi me dando uma turvação, uma

turvação e pronto — morri. Acordei às 9h30 da manhã num humor fantástico, bem bambi, você consegue explicar?

Tenho uma azálea mutante na cozinha. Imagina, é a primeira vez que ela dá flores (são vermelhas) e, não contente de estar coberta de flores, estas são *trigêmeas*. Difícil explicar, mas de cada botão brotam três, ao mesmo tempo. Nunca tinha visto. Que ânsia de desabrochar, não?

Domingo, depois de ver aqueles franceses aos berros no Anhangabaú — o novo pólo cultural da cidade —, imagina, me arrastaram pruma boate gay. Às seis da *tarde*. Algo assim como o underground de Canapi. Na altura do segundo uísque, dei por mim no banheiro esbofeteando uma bichinha desmaiada (totalmente desconhecida), molhando os pulsos da frágil criaturinha aos gritos de “reage, menina!”. Ela chorava, tornava a desmaiar, repetindo que o namorado a havia trocado por uma machorra. Pode, Madigli? Diagnosticuei: bichice, paguei minhas contas e dei o fora. Não saio de casa por mais um semestre.

S’as que desisti do amor? Que alívio. É um processo que vem se arrastando há uns quatro anos, desde o que chamo de The Big Disaster, agora parece que con-so-li-dou-se. Será que é da idade? Fico ouvindo as pessoas naquele rodenir de ligou?-vou-ligar-não-sei-se-ligo-se-ligar-dizque-saí etc.&etc. e acho de uma pobreza alagoana.

Meu Deus, penso, tanto tanque cheio de roupa suja pra ser lavada, tanto piso pra ser encerado, tanta azálea mutante pra ser regada, tanta meia pra ser cerzida e fica essa vEadagem? Que perCa de tempo. Tô bem assim, bem indiferente. O coração, um cactus. Não me importo mais.

Continuo com fantasias bucólicas. Hoje de manhã cedo encontrei um mapa do Rio Grande do Sul e fiquei horas viajando com o dedo pelas cercanias de Santiago do Boqueirão, onde tem lugares com nomes tipo Ibicuí, Nhu-Porã, Bossoroca, Massambará, Jaguari (devia ser assim de índio lá, não?).

Me preparo e me preparo para o corte. Estou me aprontando para A Grande Virada. Ela vem. Minha ida para a França novembro-dezembro foi confirmada. Vou, claro. Me dão um quartinho com vista pro mar durante dois meses, posso ficar fumando e olhando os marinheiros pela janela o dia inteiro. Volto em janeiro, em junho de 93 tem a Alemanha, mais uns dois meses. Pouco mais de um ano, então, e acho que estarei pronto. Será?

Estou viciado em suco de maracujá com mel.

Arrumei um amigo holandês que me contou uma história — a mais absurda que já ouvi. Em Amsterdam, uma conhecida dele (mulher mesmo) a vida inteira tinha a fantasia de ser uma bicha. Então, logo que atingiu a maioridade, tomou hormônios masculinos, fez ablação dos seios, retirou útero, ovários & todas aquelas coisas ginecológicas que as mulheres têm e implantou um pau de silicone. E virou bicha. Não travesti, mas bicha mesmo, pintosa, enfrentativa. Só transa com homem. Fiquei horas tentando entender.

Resolvi assumir o candomblé e fazer um bori pra Oxum. Fiquei tempo hesitando. O santo precisa comer na tua cabeça pra te conhecer. Ia fazer nessa ida ao Rio, mas minha mãe-de-santo (que me chegou via Vera Salamanca, remember? onde andará?) tem que ir a Bahia renovar os votos (a expressão é outra, em iorubá) no Gantois. Volta em julho, poderosíssima. Aí faço a tal côsa.

Sonia Coutinho liga de vez em quando querendo muito ir a Tiradentes. Confidencial: eu não queria ir com ela, nem com ninguém. Queria ir assim tipo eu e Deus, ainda que ele não exista. Pensei em pedir umas férias de julho em Piracicaba, mas aquele departamento \$\$\$ tá difícil, Madigli.

Esta carta não está completamente idiota?

Vê se ri um pouco. Tenho aprendido que tudo tem jeito, o tempo é remédio pra tudo, vivendo e aprendendo. Por aí. Ai que preguiça.

Bueno, tenho que ir ao Dr. Elizabestky (que diz que meu canal auditivo é *deslumbrante* — foi a expressão que usou, queria me levar para mostrar aos alunos dele, imagina se vou sair por aí mostrando pra qualquer um meu canal auditivo, *anyway* aumentou muito a minha auto-estima).

Cuide-se.

Vou tentar achar aquele Italo Calvino para te mandar. Meus livros estão em filas de quatro, tá lá no fundo.

Beije Marijô, diga aos rapazes que tenham paciência não perdem por esperar, força na peruca segura o turbante e sente o ritmo enquanto recebe muitos beijos do seu old and sweet

Caio F.

PS – Achei o Calvino! E vão algumas abobrinhas culturais.

[106](#) Antonio Carlos Maciel, pintor gaúcho. Vive hoje em Santa Catarina. Ele e Caio brincavam de se chamar em público de Chaninha e Tininha, dupla artística que, segundo Maria Lídia Magliani, ninguém nunca soube o que fazia.

A Maria Adelaide Amaral

Saint-Nazaire! ¹⁰⁷

Levíssima, minha flor luso-tropical,
encontrei na catedral de Nantes — das mais belas que já vi, do século XIV — esta oração que me lembrou imediatamente você. Aí vai, com carinho. Quando a rezar, peça também por mim, que vim dar com os costados na Bretagne. Fiquei 10 dias em Paris (três decadent, cheia de bêbados, imigrados, refugiados) e vim para cá. Tenho uma bolsa até 31 de dezembro nesta “Maison des Écrivains Étrangers”. Me deram um ap. enorme, com três quartos, vista para o mar, todo montado (com uma “mulher a dias” — a faxineira portuguesa— duas vezes por semana) e várias mordomias. Teatros, cinemas, táxis, tudo de graça. Minha única obrigação é, quando sair, deixar um texto que será publicado pela Arcane XVII, a editora da Maison.

Por aqui já passaram Ricardo Piglia, que deixou um texto lindo, Goytisolo, Reinaldo Arenas (ficou três dias — tinha medo de jogar-se pela janela, um 10^a andar — e acabou mesmo fazendo isso, seis meses depois em New York), mais dinamarqueses, africanos, para nós desconhecidos. Atualmente, a outra bolsista é uma dramaturga tcheca, de Praga, encantadora, chamada Daniella — sobrenome incompreensível. É astróloga e membro de uma sociedade chamada “Amigos de Kafka”. Semana que vem chegam três escritores do Báltico — Lituânia, Estônia e Letônia — de nomes impronunciáveis.

Enfim, estou sendo muitíssimo bem tratado. Os vinhos rouge são os melhores do mundo, é a região de Bordeaux, e — Murilo me conhece — tenho tentado não abusar de todos aqueles armagnacs e calvados e remy-martins que um dia acabarão comigo...

É lindo e perturbador.

Por trás de tudo, claro, há aquela delicada hipocrisia primeiro-mundista, querendo dar uma forcinha aos pobres-artistas-latino-americanos-meio-mortos-de-fome. Latino-americanos só, não: as nordestinas da Europa agora são do Leste. Passei por algumas saias justas, perguntando num jantar com o prefeito por que — se os franceses são tão solidários com o sofrimento humano — ninguém faz absolutamente nada para ajudar a Iugoslávia, que fica a 500 quilômetros

daqui. E ontem Israel proibiu a entrada no país de portadores do HIV. Há um horror pairando no ar no planeta todo.

Conflitos sociais à parte, acho que estou até feliz.

Daqui vou para Amsterdam, para leituras e palestras, em janeiro. Em fevereiro volto ao Brasil, e em junho tenho que estar na Alemanha para a Interlit, o Congresso Internacional de Escritores do III Mundo. Tudo muito internacional, e tenho sempre medo, e o meu coração é sempre e cada vez mais jeca, graças a Deus. Tenho rezado muito.

E comecei a tentar escrever quelque chose que ainda não sei bem o que é. Seja o que for, gira em torno desta frase de Camille Claudel numa carta a Rodin, que me obceca há anos:

“Il y a toujours
quelque chose d’absente
qui me tourmente.”

Mas te escrevo também para *exigir* o seguinte:

A senhora vai mandar exemplares de *Luiza* e *Aos meus amigos* a estas duas pessoas: [À margem: importante!] Claire Cayron [e] Annie Morvan.

Claire é a minha tradutora aqui, traduziu os contos de *Dragons* e *Dulce Veigá (!)*; Annie é a editora da parte latino-americana da Seuil (a segunda da França, depois da Gallimard), morou no Uruguai, foi amiga de Nara Leão. Claire foi amiga íntima de Simone de Beauvoir, tem mais de 500 cartas, inéditas. Ambas adoram o Brasil, falei de você, muito, e tenho a *intuição* de que pode dar certo. Mande mesmo. Conselho de amigo: não peça às editoras (são pão-duras, especialmente a Siciliano, não mandam nada), mande você mesma. É um pouco caro, but... Vale a pena.

Não sei absolutamente nada do Brasil neste tempo. Amaria receber notícias. Se alguém perguntar por mim, dê as melhores — serão verdadeiras, apesar de, como estrangeiro, estar sempre meio *bleeding*.

Te beijo com carinho.

Abraços em Murilo, Guilherme e Rodrigo. Espero que sua mãe esteja bem de saúde.

Me perdoe a distância, no Brasil. Acho que sou melhor por carta, e em São Paulo passei o último ano às voltas com mil problemas — dinheiro, amigos e pais doentes, aulas — enfiado em casa.

Dê notícias minhas a Pedro Paulo, escrevo logo a ele. E a Bel aussi.
Kisses

Caio F.

PS – O que mais sinto falta é de *Deus nos acuda!* ¹⁰⁸ Todo mundo comenta até hoje as cenas de abertura, que passaram na TV francesa na época do impeachment.

PS – Mande o novo livro ¹⁰⁹ pra mim também. Quero vê-lo impresso — e darei uma opinião melhor — provas são massacrantes.

¹⁰⁷ St. Nazaire, França, onde Caio usufruía de uma bolsa internacional para escritores.

¹⁰⁸ Novela da TV Globo exibida em 1992, escrita em co-autoria por Sílvio de Abreu e Maria Adelaide Amaral. Na cena de abertura, um lamaçal negro ia invadindo uma requintada festa, até cobrir o mapa do Brasil.

¹⁰⁹ Trata-se do romance *Aos meus amigos*, que teve lançada em 2002 uma segunda edição, pela Ed. Globo. Em 2008, Maria Adelaide Amaral adaptou o romance para a TV na série *Queridos Amigos*, exibida na TV Globo. Na série, a autora homenageou Caio em dois episódios.

A Albert von Brunn

Saint-Nazaire, 18 de novembro de 1992.

Caro Albert,

Grato pela sua carta.

Você não imagina como é bom para um escritor receber palavras calorosas como as suas. Talvez seja principalmente por coisas assim que escrevemos.

Sim, *Dulce Veiga* está saindo em junho pela Kieppenheur (não sei se o nome da editora está correto), com tradução de Gerd Hilger — e virei para o lançamento, que coincide com a Interlit, encontro de escritores em Erlangen.

Não sei ao certo como ajudá-lo. Diga-me as suas dúvidas em relação à astrologia, candomblé, música ou qualquer outro assunto, que responderei. Tenho comigo uma fita cassete linda de Nara Leão — mas não tenho como copiá-la — se conseguir, envio para você.

Saindo daqui desta “Maison” no início de janeiro, devo ir a Amsterdam, Köln e Bad Homburg, perto de Frankfurt — mas não creio que seja possível passar em Zurich. Faço-lhe uma *contraproposta*: estou num apartamento bastante grande, e posso receber hóspedes. Me agradaria muito recebê-lo.

Pena que meu conhecimento do alemão não me permita ler seu texto sobre Rubem Fonseca. Estudei alguns meses no Instituto Goethe, mas não fui em frente: comecei a enlouquecer com os números!

Desejo-lhe boa sorte. E coloco-me à sua disposição para o que for necessário. Um abraço

Caio Fernando Abreu

A Guilherme de Almeida Prado

Saint-Nazaire, 19.11.92

Guilherme, mon cher,

já há mais de três semanas *em* França, mas só agora a poeira começou a baixar. Te escrevo de frente para o mar dramático de Bretagne, coberto de bruma num 10ª andar — é a tal de “Maison des Écrivains Étrangers”, onde fico até 31.12. Toda Benedita tem seu dia de Maria Antoinette: me deram um ap. com três quartos, com absolutamente tudo, para escrever alguma coisa — quelque chose mesmo, é super relax — para a editora da Maison — a Arcane 17.

Está sendo ótimo. Precisava/precisamos todos (brasileiros, sobretudo “artistas”) de um pouco de ar. Mal chegando aqui, a notícia por telefone de que meu ap. em SP *dançou*. Ficou caríssimo. Gil leva minhas trouxas para um guarda-móveis e, ao voltar, em fevereiro — fico onde? Também não tenho resposta e, no momento, escrevendo e olhando muito, prefiro receber uma Scarlet O’Hara de frente e deixar para pensar nisso amanhã.

O melhor de tudo: me deram uma carteirinha para entrar de graça em cinemas e teatros e tudo. Em Saint-Nazaire — em toda a França — as estreias são simultâneas com Paris. Pelo menos as francesas, e estreiam uns 10 franceses por semana. Do que vi até agora, adorei o *Lunes de fiel*, de Polanski, doentíssimo, e com um Peter Coyote sensacional — e um cineasta novo, chamado Cyril Collard, que faria o Sergião Bianchi sentir-se inocente. Esse Cyril — uma lasanha — foi assistente de Maurice Pialat, bissexual, é soropositivo, escreveu um romance autobiográfico e transformou-o em filme: é esse *Les nuits fauves* (Jacira!). Muito, muito bonito, comovente e contemporâneo.

Vi também uma retrospectiva de um armênio chamado Peléchian — uns curtas e médias louquíssimos, sempre em P&B, imagens de arquivo montadas com música.

Hoje à noite queria rever *Belle de jour*, mas fui recrutado oficialmente para um jantar com escritores do Báltico — Lituânia, Letônia, Estônia. Fico pensando em que língua vou falar. Bom. Meu francês está ficando uma beleza, também não há ninguém por perto que fale português — a não ser minha tradutora Claire, que veio me receber —, depois volto

para Bordeaux.

Vai sair um segundo volume de contos em França, além de *Dulce*: vai se chamar *Les survivants*. Gosto do título. Para meu espanto — o *Dragons* francês foi um sucesso.

A bruma espessa dissipou-se, c'est le crepuscule. Dá pra ver Saint-Brévin les Pins do outro lado da baía. Volta e meia entra um navio russo ou dinamarquês ou sueco ou italiano ou etc. no porto. Minha janela do escritório dá para o porto e para a zona boêmia — o Petit Maroc. Mas tenho me comportado.

A lasanha da cidade é o dono do bar Le Skypper — o Ritz daqui — que perdição! Fica bem embaixo do meu prédio. A lasanha em questão é um ex-jogador-de-futebol-da-seleção-mundial-da-Polônia-que-largou-tudo-para-viver-em-França. Chama-se Cristophe (falamos muito sobre Maradona e Pelé: falsa!) — como te descrever uma lasanha *d polonesa*? Mas — hélas! — tenho me comportado.

Diga à maravilhosa, estonteante e inenarrável Zu-Val que estou apaixonado por Jane Birkin cantando canções de Serge Gainsbourg. Por que a Birkin — que está mais do que caída — não faz sucesso no Brasil? Também ouço muito a Nana Caymmi daqui — Barbara. E fiz vários amigos novos, todos meio bêbados — afinal, é a Bretagne —, mas a melhor é Marina, que tem nove anos e sabe tudo sobre Van Gogh. É filha do Christian, o editor da Arcane, que é apaixonado por Florianópolis — que chama de Florripá. Custei a entender.

[À margem: entre 13h/ 14h mato saudades assistindo *Escrava isaura*, e *Dona Beija* no canal 3 [110](#). Lucélia Santos dublada é *pior* que a Maitê!] Daqui vou virar bolsinha, em janeiro, em Amsterdam, para umas leituras (*Dulce* está sendo negociada lá). Köln, onde mora meu tradutor alemão, Gerd, e a Frankfurt, ver Ray-Güde a agente. Acho que fevereiro volto ao Brasil, mas — cá entre nós — não sinto saudade nem vontade. Como tenho que estar na Alemanha em junho, quem sabe arrumo uns pratinhos para lavar?

Poucas vezes me senti tão bem. Não estou *radiante* de felicidade, mas estou sereno. Soube da derrota de Benedita e de Suplicy pelo meu deus tristeza. Não tem remédio? Não sei nada daí, fora isso. Tenho MÁGOA de ter saído sem ver *Perfume de Gardênia*, seu sacana! E meu último encontro com Zu-Val foi durante um *tiroteio* unbelievable no Conjunto Nacional.

Durmo cedo, acordo cedo. Cozinho, caminho na praia. Leio muito, vou sozinho a uma praia e, entre ruínas, deito-me sobre as folhas, conchas, pedras. Algumas frases geram e vêm inteiramente redondas na cabeça. Anoto, converso com Isabelle, que mora na janela da cozinha — do lado de fora: é uma gaiivota. Talvez tudo isso seja, quem sabe, um lugar muito próximo da felicidade?

Beije Zuleika por mim, com carinho. Te mando as melhores vibrações do outro lado do Atlântico. Seu velho

Caio F.

[110](#) Novelas de TV, a primeira da Globo, a segunda da Manchete. *Escrava Isaura* foi um dos mais retumbantes sucessos internacionais da TV brasileira.

A Hilda Hilst

Saint-Nazaire 26.11.92

Hildinha,

Que você, Dante, Yara ¹¹¹ e todos que a cercam estejam bem. Estou mandando esses recortes para vocês saberem por onde anda o seu amigo. Ganhei uma bolsa de dois meses — até 31.12 — para entregar um pequeno livro à editora Arcane 17, desta Maison des Écrivains Étrangers. É um ap. ótimo, enorme, no cais do porto — a cidade fica entre a Bretagne e o Pays du Loire, bem no estuário do Loire. É bonita. E meio trágica: foi destruída pelos nazistas durante a II Guerra, depois reconstruída pelos americanos.

Tem sido — claro — maravilhoso ter todas as condições para escrever. Às vezes um tanto solitário, também — não há ninguém para falar português por perto, exceto minha tradutora Claire Cayron, que vive em Bordeaux.

Semana passada vieram — imagine — 15 escritores da Lituânia, Estônia e Letônia, para palestras e debates. Inacreditáveis: depois dos 50 anos com a *pata* russa em cima deles, ainda têm aqueles conceitos do realismo socialista, de literatura “engajada”, etc. Fiquei pensando no que diriam de uma Lory Lamby... Mas o bom foi fazer amizade com uma senhora chamada Ugné Karvelis, lituana exilada desde a II Guerra em Paris, que foi mulher de Cortázar. Ótima. Acho que Lygia deve conhecê-la.

Perdi meu ap. em São Paulo. Minhas coisas estão todas num guarda-móveis. Daqui, vou a Amsterdam e a Alemanha — para voltar ao Brasil em fevereiro. Em junho tenho que estar outra vez na Alemanha. 93 vai ser um ano meio sem casa. Paciência. Por enquanto, vivo este sonho primeiro-mundista e contemplo Saint-Brévin les Pins do outro lado do Loire.

Se Araripe ainda estiver por aí, dê um beijo nele. É um anjo de pessoa. Muito carinho também para o Zé ¹¹², e para todos. Se você precisar qualquer coisa daqui, mando também o telefone: 40.66.83.98.

Um beijo grande do seu velho amigo

Caio F.

[111](#) Dante Casarini, escultor, ex-marido de Hilda Hilst. Yara, sua mulher à época da carta.

[112](#) Zé é José Mora Fuentes, escritor paulista, amigo muito íntimo e querido de Hilda Hilst. E Araripe Coutinho, poeta sergipano.

A Zaél e Nair Abreu

Saint-Nazaire, 26 de novembro de 1992.

Queridos pai e mãe,

recebi ontem sua carta — obrigado, estava um tanto aflito por notícias. Gostei de saber que tudo vai bem, e fiquei especialmente feliz com o novo sobrinho. Que bom! Deem os parabéns a Felipe e Eny.

Estranhei não ter chegado a carta grande que mandei daqui. Acho que tinha colocado tudo — o xerox inclusive — dentro de um único envelope. Bem, pode ser que não. De qualquer forma, nela eu pedia que através da dona Glacy, mãe do Ivan — 233.65.48 — entrassem em contato com a irmã dele, Vania. Mas como escrevi também para a Vania, que é juíza, talvez ele tenha ligado para aí.

O problema é o meu apartamento de São Paulo. Agora, pelo visto, está perdido mesmo. O aluguel subiu loucamente, Gil ligou para cá e achamos melhor entregar à imobiliária. Gil se encarrega de deixar minhas coisas num guarda-móveis. O difícil nisso é ficar *sem casa* em SP. Meu plano é voltar em fevereiro para o Brasil, mas em junho tenho que estar de novo por aqui, na Alemanha.

Enfim, esse problema de moradia é tão antigo — e chato — que ponho nas mãos de Deus. Quando voltar, resolvo.

Mãe, dê um grande abraço no Leo. E se lembrar, da próxima vez que me escrever, mande o endereço dele, quero mandar um cartão. Aqui tudo vai bem. É uma cidade pequena, não há muito para fazer. Então tenho dormido e acordado muito cedo. O frio ainda está suportável, não baixou dos 10 graus. Semana passada vieram uns escritores — imaginem — da Estônia, Lituânia e Letônia, que fica perto da Rússia, foram dominados pelos russos durante 50 anos. A cidade ficou mais animada, houve várias festas. A língua fica uma mistura de francês-inglês-espanhol-russo. Acabei até falando umas palavras em sueco, com um escritor letoniano que refugiou-se há anos em Estocolmo.

Falei com Augusto, ele está muito bem. Deve estar chegando no Brasil lá pelo dia 15 de dezembro. Só vamos poder nos encontrar aí.

No momento, estou com uma hóspede, por uma semana. Imaginem: é uma *mãe-de-santo*, Sandra Berenguer, que conheci na Bahia! Ela tinha vindo a Portugal e Espanha dar umas conferências sobre candomblé,

queria conhecer a França e não tinha onde ficar. Então, estou muito bem protegido. Me ocorreu agora: estou mandando este folheto da Sandra com um bilhete para o Leo. Acho que ele vai gostar.

Pai, coloquei o trevo de quatro folhas junto dos meus cristais e uma figa que Sandra trouxe da Bahia. Nesta terra não há fé, e os franceses ficam muito intrigados com todas essas coisas...

Quanto ao Gringo, acho que é melhor esquecer. Fiquei *horrorizado* com a história do encontro dele com Felipe, no Parque. Bom, certamente um dia a consciência dele vai se manifestar.

Mando beijos a todos — especiais para Rodrigo e Laurinha. Espero que o cabelo da Cláudia esteja se comportando. Diga a ela que aquele “dente *monstro*” que tenho anda me incomodando. Vou ver se é possível ir levando até a minha volta — tem que fazer uma extração, e quero fazer com ela. Vai ser um horror, não queria fazer aqui.

Carinho grande para todos, e muita saudade do filho

Caio

PS — Mandei um cartão para tia Pereca — não sei se chegou. Se não, por favor digam a ela que mando todo meu carinho.

A Adriana Calcanhotto

Saint-Nazaire, 16.12.92

Deusa querida e distante,
impossível não pensar em você bebendo literalmente litros de água Perrier todo o dia — o aquecimento seca horrores a pele! —, mas não só por isso. Também procuro as cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo (vi uma *autêntica* na Fiac, em Paris!), que aqui, neste porto de mar na Bretagne, entre Nantes e Brest, a cidade de Querelle, são bastante raras. São mais cores de Agnès Varda, cores de Gustave Klimt.

Tua fita ¹¹³ — da qual não me separo há meses — faz sucesso por aqui. Mal posso ouvi-la. Alain Keruzoré, meu tradutor, passou para Bernard Soubourou, que sabe tudo sobre — imagina — Tania Alves, que passou para Marie Pierre. Hoje saio na batalha, não quero ficar sem ela.

Te mando dois recortes, um deles fala em você. Mas ai, os-modemos-e-seus-segundos-cadernos são iguais em tout le monde. Ele faz uma confusão entre aquela *Penélope* que você musicou e um conto que Claire Cayron traduziu. Bom, não importa. Anyway, você está presente no texto — uma pequena novela — que escrevo no momento para deixar aqui, será publicada pela Arcane 17.

Fico até 31.12 neste apartamento enorme, debruçado no porto de mar, com uma vista de 360 graus e uma paisagem que, estranhamente, lembra Porto Alegre, Manhattan, Florianópolis e a ponte Rio-Niterói (com Saint-Brévin les Pins do outro lado da baía).

Depois vou a Amsterdam, Köln e Frankfurt, para leituras, tradutores, agentes. Acho que volto em fevereiro — mas não sei ao certo, houve um problema com meu ap. em SP, na minha ausência e, anyway, tenho que estar na Alemanha outra vez em junho. Tenho pensado que só agora compreendo o sentido exato da expressão “minha pátria é minha língua”.

Passei o domingo, ontem, comendo ostras, bebendo vinho branco e ouvindo Jane Birkin cantando as canções de Serge Gainsbourg. Você ia adorar *Norma Jean Baker*. Vou levar a fita. Fiz amizade forte com a filha de Christian, o diretor da Maison — chama-se Marina, tem 9 anos, é Virgo asc. Capricórnio e tem absolutamente tudo de Van Gogh. É quem tem me dado as melhores aulas de francês.

Andei muito *cadela* no Brasil. Milhares de problemas, nada grave. Seu disco — deixei um recado na sua gravadora — me ajudou muito. Tem ajudado, é sincero & comovido o que te digo.

Sábado tem show de Marina em Paris. Pensei em ir, mas fui recrutado para participar de uns debates com os escritores do Báltico — Lituânia, Estônia, Letônia, imagina — seria feio faltar. Outro dia acordei com vontade de ouvir Elis e encontrei um cassete no Centro — tem *Folhas secas*.

Te mando uma folha de outono.

E todo carinho, e toda a energia para você continuar seu trabalho.

Je t'embrasse,

love

love

love

Caio F.

PS — Às 13h vejo *Isaura* na TV: Lucélia falando em francês é hilário! Logo depois tem *Dona Beija* — mas aí é demais para minha beleza.

PS 2 — Torci tanto por Benedita da Silva. Sábado, no *Libération* saiu um perfil dela chamando-a de “La madona des favelas”. Desta distância, lanço meu olhar sobre o Brasil e entendo ainda menos...

PS 3 — Estou cantando Anne Dusquenois, que produz Marina, para trazer você.

PS 4 — Brigitte Bardot tentou o suicídio com barbitúricos, ontem!

PS 5 — Comentário na TV sobre Lady Di: “Bem, se os ingleses não querem saber dela, nós, franceses, podemos dar um jeito...”

[113](#) Trata-se do álbum *Senhas*. Cf. a canção *Esquadros*, aludida no início da carta: “Eu ando pelo mundo, / prestando atenção em cores / que não sei o nome, / cores de Almodóvar / cores de Frida Kahlo...”

A Cláudia Abreu

Saint-Nazaire, 21 de dezembro de 1992.

Querida Cláudia,
foi uma surpresa e uma alegria receber tua cartinha. Ainda mais com boas notícias. A única coisa que me preocupa é o teu cabelo — já que os médicos não descobrem nada, deve ter uma razão Psicológica ou/e espiritual. Por que você não tenta o Leo? Um bom batuque sempre ajuda, pode não resolver, mas mal não faz. Outra coisa boa é vitamina E, em certas farmácias a gente encontra, tem uma da welleda ótima. Espero que tudo se resolva e, em caso contrário, o melhor é relaxar... Veja o meu exemplo...

Sobre o meu apartamento — acho que já está tudo resolvido. Quer dizer, dançou mesmo. O Gil levou tudo para a casa dele, não sei como conseguiu. Fiquei sem casa em SP, o que é um saco. Mas acho que não vai ter problema. Minha amiga Patrícia está mudando para Londres no final de fevereiro, talvez possa me passar o contrato do ap. onde ela mora. E, de qualquer forma, tenho que estar de volta aqui, na Alemanha, em junho — portanto seria algo só para uns três meses, não importa que não seja muito bom. Não se preocupe com isso. A ajuda que imaginei fosse necessária seria no caso do Gil ter que mandar algumas coisas minhas para aí — e, acho eu, a mãe ficaria atrapalhada com isso — mas não foi preciso.

Está chegando ao fim a minha temporada aqui. Foi bom, consegui escrever uma pequena novela — o negócio é assim: eles, a tal “Maison des Écrivains”, te dão o ap. por dois meses, todo montado (tem até faxineira, Madame Toile, que vem uma vez por semana, e chiquérrima — usa uns turbantes de seda hilários — mas flor de vadia, como todas as faxineiras do mundo), e quando o escritor sai deixa um texto que eles publicam depois. É um bom negócio — eles dão também 7.500 francos por mês (pouco menos de 1.500 dólares, que parece muito mas não é: um maço de cigarros, por exemplo, custa 3 dólares) — mas não sei se aguentaria mais do que esse tempo. É muita solidão. Ninguém fala português nem outra língua a não ser francês, o que vai dando uma certa aflição.

Saio daqui no comecinho de janeiro. Vou primeiro até Amsterdam — um amigo meu, holandês, alugou um carro e vem me buscar, ele traduziu uns contos meus para o holandês e arrumou por lá umas leituras (aqui eles gostam muito). Como a minha agente está tentando vender *Dulce Veiga* para a Holanda, tenho que ajudar a tentar vender o peixe... Afinal, é disso que vivo. Mas acho que até o final de fevereiro estou chegando aí.

Do Brasil só sei o que leio nos jornais daqui, e é muito pouco. Semana passada li sobre a demissão do ministro da Economia do Itamar, que está me parecendo uma boa *trolha*.

De toda a história do meu apartamento, o que me magoa é a atitude de Ivan.

Ele estava duro, sem trabalho, morando mal — eu recebi, hospedei, acertei com ele que pagasse apenas 1/3 do aluguel, e muitas vezes não pagou nem isso, nem nada. Enfim, dei toda força. E você acredita que até hoje ele não me mandou uma palavra? Não fala isso para a mãe, porque você sabe como ela é, pode pintar alguma saia-justa. E também não me importo de tentar ajudar as pessoas — se elas não sabem corresponder, é problema delas. Não é por isso que vou virar uma naja.

Mando junto um cartão para Rodrigo e Laurinha, dê um grande beijo neles e um abraço no Jorge.

Ah: lembra aquele meu dente *monstro* que tem extrusão (acho que é assim que se escreve). Pois está medonho, incomodou tanto que quase fiz uma cirurgia aqui. Mas achei que podia esperar, e vou levando com um remédio chamado Synthol. De qualquer forma, vai te preparando: quando chegar aí vamos ter que arrancar. Vai ser horrível.

Cuide-se bem, não trabalha demais. Que 93 seja mais leve, mais feliz para todos nós.

Um beijo grande do

Caio F.

PS — A única hora que mato um pouco as saudades é entre 13h e 14h: na TV tem “Isôrrá” e, logo depois “Doná Beijá” — ou seja, *Escrava Isaura* e *Dona Beija*, Mas é dose Lucélia e Maitê dubladas em francês!

A Maria Adelaide Amaral

Saint-Nazaire, 29 de dezembro de 92.

Levíssima, chérie,

mesmo com alguma pressa, não quero deixar o final do ano passar sans une petit mot pour toi. Terminei minha temporada aqui, e terminei — ufa! — com o coração cheio de alegria. Consegui escrever o texto para a Maison, é uma novelinha chamada *O leopardo dos mares* (com subtítulo, em francês, de *Journal d'une ville sinistrée*) ¹¹⁴. Curtinha, umas 6 mil palavras, sai em edição bilingue em junho. Fiz dezenas de amigos, fui OBRIGADO a falar francês 24 horas por dia (inclusive dormindo, juro!) e o resultado é que je tombée complètement amoureux de la France. Compreendo agora perfeitamente aquele velho clichê “berceau de la civilisation.”

Poucas vezes na vida me senti tão bem, você acredita? Eu que, no Brasil, desde que voltei da outra viagem, em junho de 91, me sentia a última das cadelas... Parto dia 2 ou 3 para Amsterdam, meu amigo Sappe Grootendorst ¹¹⁵ vem me buscar de carro — ele traduziu contos meus para o holandês, arrumou umas leituras & tal e, como *Dulce Veiga* deve sair lá no próximo ano, vou vender meu peixe...

Provavelmente, fico lá até fim de janeiro, e volto para Paris. Consegui um studio baratíssimo na região do *Séme* (ali perto da Sorbonne, a dois minutos de Saint-Germain) e fico lá vendo no que dá. Tenho pouquíssimo dinheiro e um visto de permanência até 7 de março. Reze por mim! Cá entre nós — embora nada saiba do Brasil, exceto o que leio — quase nada — nos jornais — a ideia de voltar não me agrada muito. Estou superdesempregado aí, e aqui também. Donc, voilà, como Cordélia Brasil. E o Bivar? Se falar com ele, mando beijos.

Passei muito aqui, é tudo tão pertinho. Nantes, Chartres, Brest, la Baule (a Miami francesa, cafonérrima), uma cidade medieval murada a 15 minutos daqui, Guerande. No Natal, peguei um TGV e fiquei três dias rolando por Paris, acabei num jantar doido com uma ex-mulher de Vinícius de Moraes, chamada Joséphine Rinaldi [À margem: grande amiga da Tonia Carrero], e — imagine — Guilherme Araújo (que conta que todos os baianos, exceto Bethânia, o traíram, está em NY há dois anos e não quer voltar). Fui ver os cantos gregorianos de Saint-Eustache

e peguei outra daquelas orações pensando em você.

Mas de tudo, tudo, o melhor foi o encontro com Daniela Fischerova, essa moça dramaturga tcheca do recorte. Astróloga, *sábia*, 44 anos, me deu as varinhas para jogar o I Ching e me ensinou tanta coisa. Me enlouqueceu falando de Praga — quando voltar, em junho, vou visitá-la lá. Se não ficar direto aqui. Daniela tem uma peça — *Fabule* — traduzida para o francês, que vou levar para você ler. Eu acho magnífica.

E foi assim, de frente para este porto inacreditável, todos os dias pensando em fugir, em não suportar as ondas de coisas novas, e amizade, e às vezes também provas duras — só eu sei — mas com o coração cada vez mais largo.

Ganhei uma permanente para os cinemas aqui, e vi dezenas de coisas — quase tudo filme francês (todos os estrangeiros são dublados, o que — no caso do *Maris et femmes* do Woody Allen é uma catástrofe): fique atenta a *Fatale*, de Louis Malle, com Jeremy Irons e Juliette Binoche fazendo horrores na cama (de ruborizar o Marlon Brando e la Schneider naquele *Dernière tango*), e a *Les nuits fauves*, de Cyril Collard — um soropositivo que filmou a própria história, ele mesmo de ator — é o Cazuza do cinema francês.

Queria tanto saber daí, das pessoas, de tudo — mas não dá nem para pedir que você escreva. Vou ficar sem endereço um mês, a não ser que numa prova suprema & titânica de amizade queira mandar algo aos cuidados da Ray-Güde Mertin [...] vou passar lá no finzinho de janeiro. Hoje estou torcendo pela queda final da besta Collor e — pour quoi pas? — pela entrada do nosso país num tempo de astral melhor.

Mando votos de um 93 maravilhoso a quem perguntar por mim, e especialmente para Murilo, Rodrigo, Guilherme, Bel, Celso Cury.

E para a mais leve de todas as levinhas neste mundo nem sempre tão leve assim.

Je t'embrasse,
Todo carinho do velho
Love
Love
Love

Caio F

PS — Durante uma semana hospedei uma mãe-de-santo baiana — Sandra de Iansã — que também é antropóloga, tinha vindo dar palestras em Portugal e acabou — imagine — jogando búzios na Bretagne!

PS 2 — Teu livro saiu? Como vai a novela com a Bi-Xena Carmen Verônica?

[114](#) A história escrita na França seria publicada no Brasil com o título “Bem longe de Marienbad”, integrando o livro *Estranhos estrangeiros*.

[115](#) Além de tradutor de Caio para o holandês, Sappe Grootendorst apresentou, em setembro de 1993, na Universidade de Utrecht, uma pioneira Tese de Qualificação sobre a literatura gay contemporânea no Brasil, para a qual realizou entrevistas com 18 autores nacionais. Foi por ocasião dessas entrevistas, realizadas no Brasil no verão de 9 1/92, que travou contato com Caio.

A Déa Martins

Ams'dam janeiro/93 [cartão]

Déa-meu-amor.

Há uma semana aqui. Sapê alugou um carro e foi me buscar em St. Nazaire. Tenho mil palestras/leituras. Sapê e eu fizemos à mão — alternativas! — um livrinho com 1 conto meu traduzido por ele. Lindo! Colocamos em várias livrarias gays e hoje vamos jantar num indonesiano com o lucro... Negras! Faz frio de -14, mas o céu é azul e ando de bicicleta o tempo todo. Até tentei patinar no gelo, imagina: Jacira!

JACIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIRA!

Terminei minha novelinha na França, e ficou bárbara — sai em março. Daqui, fim do mês, vou a Alemanha, mas volto a Paris para ficar um pouco. Não tenho vontade de voltar — estou vivendo uma história linda. Amsterdam *rende* muito. Estou até um tanto *enfrentativa*. Você tem que vir: é uma cidade cadela como nós. Pura poesia e malandragem. Me dê notícias para o endereço no envelope. Sapê me encaminha.

Love

Caio F.

A Jacqueline Cantore

Paris, 4 de fevereiro de 1993.

Jacqueline Bisset, chérie,
cheguei de voita a Parrrrrí (uma negra: num ônibus junk que parte de Amsterdam, baratíssimo, mas revistado até a alma na fronteira da Bélgica) dia 2 de fevereiro, dia de Iemanjá, dia de festa no mar-ô-ô. Fiquei dois dias no ap. de Alexandre Rosa (a Fifi, lembra? ele gosta muito de você) e hoje vim pra cá. É um quartinho-bem-direitinho no ap. enorme de uma produtora de música (produz a Cesária Evora, e já produziu o John-biquinho-Lurie) chamada Dominique Bach. Como lá crise é trop fort, ela subloca quartos num ap. enorme e chiquíssimo. Fica mais barato que uns hoteizinhos sinistrées que andei vendo, desde que aquele studio dançou (te contei? te contei não? pois dançou, guriããããããã).

Estou quase a zero de grana e me sentindo um pouco como a Julie Andrews no início de *Victor ou Victória*, remember? Com a diferença — grave — que não sei se na segunda parte terei Paris a meus pés... Anyway, até a cadelice mais chinfrim consegue ter a sua poesia nesta cidade, você sabe. Haja jus de pomme e queijo ementhal e baguettes, foram-se os dias gordos de Saint-Nazaire.

Mas me divirto. Olhar, olhar, olhar é um cinema.

Amsterdam — ai, Amsterdam, jamais esquecerei Amsterdam — foi ótimo. Je tombé amoureux d'un garçon hollandais, mas isso não vem ao caso. Dei palestras em Utrecht, na Universidade, e num centro de amizade Holanda-Portugal-Brasil no Ministério da Cultura de Haia (remember A Águia de Haia? acho que era Ruy Barbosa. Não fiz tanto sucesso — no máximo seria a andorinha de Haia, ou o periquito) e tudo culminou com a compra de *Dulce Veiga* por uma ótima editora holandesa. Chama-se Pro Dom, que ninguém sabe o que quer dizer e, de brasileiros, só edita mais o João Cabral de Melo Neto. Onde estão as limusines? me perguntei. Mas pas de lumusines, por enquanto: um adiantamento de dois mil dólares a ser pago Oxalá sabe quando.

Pausa para passar Vickvaporub (pode?) no nariz: a chauffäge está acabando com os restos (minguados) da minha jeunesse. Estamos exatamente no inverno, é terrível.

Mas voltando a Holanda: Ray-Güde está animada, achando que o mercado-está-se-abrindo (vai abrir! tá abrindo! quase aberto!), já que a Holanda é como o Sol, who knows?

A verdade é que tá valendo, embora minha volta ao Brasil seja — ai, ai, meu Deus — um susto. E preciso da tua velha-boa-&-santa ajuda, *voilà*.

[À margem: TRECHO SÉRIO: ATENÇÃO]

Fico aqui na Mme. Bach até dia 17, depois vou a Bordeaux ficar duas semanas com Claire, para revisar a novela escrita em Saint-Nazaire (mudei o título para *Bem longe de Marienbad*) e as traduções dos contos de *Les survivants*, mais uma mão final em *Dulcê Veigá* (são três livros saindo em França até 94: traduzida! francesa-a! jacirrrraá!). Aí troteio de mala & cuia até Augsburg, perto de Munique, para um encontro de literatura, volto à França, faço uma conexão para London, London e — BRRRRRRRRRRRR! — hoje marquei minha volta para dia 5 de março.

Você me hospeda alguns dias? Pouquíssimos, na verdade uns três ou quatro. O aniversário de Nair (acho que 70, mas ela parou nos 65 há uns *vinte* anos) é dia 13 de março, e hay que cumprimentar Jocasta, d'accord?

Bueno, vou chegar (lá vão informações objetivas):

Dia 9 de março.

um sábado,

6h da manhã (meeeeeeedo!)

em Guarulhos

Ao mesmo tempo que escrevo a você, estou escrevendo a Gil (é um santo). Ela vai te telefonar para pegar chave, coisas assim, você combina com ele — por favor — para me encontrar. Se houver algum problema, por favor diga a ele. Até lá, seria maravilhoso se você pudesse me telefonar ou mandar um fax. Anote lá:

De 17 a 28 de fevereiro estarei chez *Claire Cayron* [...]. O endereço do Fifi no envelope também vale.

Entre 28 e 4 de março, chez *Ray-Güde Mertin* [...] 10 FÁX pode/ deve ser usado: qualquer data Ray me encaminha.

Você faria isso pela sua velha (íssima) e nem sempre tão boa Marilene? Prometo que, ao receber o Nobel, farei referência ao fato [...].

[...]

Fico em SP apenas para aterrissar do fuso horário e dar uma geral nas minhas tralhas. Depois, fico em POA (pode?) pelo menos um mês — estou com um problema MEDONHO num dente, preciso de um longo tratamento com minha irmã Cláudia. E, como não tenho casa mesmo, nem emprego (atenção, falo sério, sonde qualquer coisa pour moi na MTV — topo tudo — vou chegar de chapéu (Chanel, claro) na mão!), perigo dar um tempo em — pode? eu pergunto: mas pode?) *Tramandaí* para escrever... Começou a nascer um livro novo.

+++++

Bem, *posto* o sério, voltemos ao que interessa. Ou seja, ao fútil:

- O ídolo em Paris: Vanessa Paradis. Na verdade, muito criticada por gravar nos States. Alexandre-Fifi ouve e dá gritinhos e dança e eu acho um tanto ridículo, qualquer chose como Celly Campello querendo dar uma de Madonna. Bem...
- Passei uma semana em Köln, com meu tradutor alemão Gerd Hilger (uma jacira lindíssima: enormes olhos azuis, louríssima, cabelo rasée e muito gel). Köln é rica, fina & chique, mas no momento tomada de paranóia com os skin-heads.
- Lido na entrada de uma boate gay em Köln: “Se você é positiva, você é a mais bem-vinda de todas”. Pode?
- Conheci uns brasileiros ótimos em Amsterdam. A melhor delas é Nena Telles, uma machorra carioca que — imagina — frequentou muito a Vila Olga-y e conhece *todo* mundo. Mora na Holanda há 7 anos, casou no papel com uma holandesa chamada Tecla, e as duas têm um programa aos domingos numa rádio pirata. Também editam um jornal chamado *Papagaio*, em português e holandês. [À margem: A MTV holandesa é bárbara!]
- O grande sucesso entre a brasileirada de Amsterdam (que é muito, muito lhama) é Edson Cordeiro. A propos: tem um cantor holandês (uma negra, na verdade do Suriname, com voz de castrati, chamado Paul Texel, que lembra demais o Cordeiro — levo a fita). [À margem: Você já ouviu Willy Deville?]
- Fiz também amigos holandeses ótimos (são cadelíssimas). Um deles, Eric, já voltou ao Brasil (morria de saudades), é uma jacira lindíssima e loiríssima e finíssima, cujo plano é abrir uma editora no Brasil (sugeri o nome Países Baixos). Bom, dei a ele teu telefone. Trate-o

com carinho, ele é imensamente do bem.

- Paris está muito *sinistrée*. Hoje estávamos eu e Fifi fazendo um carretêro (falso, é claro, com linguças da Polônia...) quando bate alguém na porta. Paranoia (outra moda europeia) rápida, olho mágico: [...]
- Amanhã me atiro nos cinemas. Tem um Stephen Frears novo (uma comédia com Dustin Hoffmann — hmmmmmm... —, Geena Davis e — ai! — Andy Garcia). Tem também *Orlando*, de Sally Potter, com Tilda — Eduardo II — Swinton.
- Em Amsterdam, um de meus maiores prazeres foi andar de bicicleta. O outro foi olhar o azul da Prússia profundo do céu logo que o sol se põe.
- Passei tardes no Museu Van Gogh, descobrimos — Sapê e eu — uma tela druida muito misteriosa. Essa é outra das anunciações (loucas) do caminho de San Tiago, mais só contando pessoalmente.

+++++++

E me apaixonei.

Me apaixonei muito fundo. É difícil falar, nem quero. Um Capricórnio Asc. Leo, Lua em Scorpio. Holandês, calvinista. Uma Vênus em Aquário. Sinastrias heavys: meu Saturno no Asc. dele, grau exato; Saturno dele na quadratura do meu Sol (severas!). Sinastrias belas: Júpiter, Netuno e a Cabeça do Dragão dele na conjunção do meu Marte. O Marte dele no trígono exato de meu Plutão. [À margem: O sobrenome dele é Grootendorst, que em frizio/holandês significa literalmente *Grande Sede...*]

É um mistério que não consegui decifrar: a Cauda do Dragão dele na conjunção da minha Cabeça do Dragão; o inverso também, óbvio, Pedro Bó, some-se meu Marte. Você acha que isso quer dizer que o que ele já aprendeu eu preciso aprender e o que eu já aprendi é o que ele precisa aprender? — Esquece, c'est très bizarre... Não precisa responder.

Sofri, chorei, mas mesmo assim eu fui feliz...

Fica? Passa? Vai? Volta? Ask the dust, and the answer is maybe dusty.

Não sei nada, mas foi lindo. É terrrrrívelllll, como ele diz com seu sotaque da Frizia, norte da Holanda.

Você lembra que Urano rege minha casa V? E que tenho Urano na casa IX? E que estou vivendo exatamente Urano trígono Sol (que rege a

minha Vênus)?

EU QUERO CASAR!

Mesmo que seja, neste caso, para depois dizer algo tipo “não me venhas de *tamancos* ao leito...”

[...]

PS – Não se constranja se não puder me hospedar – mas por favor me diga something about – sobretudo como (chaves, horários, etc.).

A Nair e Zaél Abreu

Berlim, 07.06.1993

Queridos pais:

Cheguei bem, e por enquanto está tudo ótimo, graças a Deus. Tem muito sol e faz um calor de 25 graus. Os alemães acham muito quente, imaginem. Estou hospedado com mais dois escritores americanos numa casa muito agradável, com um grande jardim cheio de rosas. Cada um tem seu quarto, a cozinha e o banheiro são de uso comum.

Até agora não gastei nada do meu próprio dinheiro. Além da casa e de um bom café da manhã (as geléias são ótimas), tem uma diária de 30 marcos, que são uns 20 dólares.

Entre 14 e 21 de junho vou a Itália para o lançamento do *Dulce Veiga* em três cidades — Milão, Gênova e Veneza. Estou feliz por poder conhecer Veneza, que dizem ser a cidade mais bonita do mundo. Volto depois a Berlim, fico mais uma semana, e dia 26 de junho vou para outra cidade na Alemanha. Enfim, vai ser muito movimentado.

Viajei com o filho da Celamira — o Bira. Muito simpático, vem estudar por oito meses na Alemanha. Ele estava um pouco perdido: não fala uma palavra de inglês, alemão ou francês. Só português. Ajudei-o um pouco no aeroporto de Frankfurt, ele tinha que pegar um ônibus para outra cidade. Espero que tenha dado tudo certo.

O Gil me esperou no Aeroporto em SP, com as roupas e alguns dólares (da venda da *Frangas*). Ele ficou de telefonar para vocês ou até ficar aí um dia quando for a Buenos Aires. Se aparecer, tratem bem dele, tem me ajudado muito.

Aqui a moda é todo mundo tomar banho de sol completamente nu nos parques. Fui num domingo. Homens, mulheres, crianças, velhos e velhas de mais de 70 anos — todo mundo nu na beira de um lago. Sem a menor malícia — é muito bonito.

Espero que vocês estejam bem. Aproveito para mandar votos de feliz aniversário para o pai, um beijo especial para Cláudia e para os dois demônios Rodrigo e Laurinha. Lembranças para todos. Muito carinho do filho.

Caio F.

[...]

PS — Mando este cartão para o Rodrigo — É uma espécie de loto alemã — a gente pode ganhar um carro.

A Adriana Calcanhotto

Berlim 01.07.93 [cartão]

Adriana C.

Minha sempre deusa, continuo andando pelo mundo, chorando ao telefone, prestando muita atenção, divertindo gente, a fome dos meninos da Yugoslávia nas ruas ricas da West-Berlim dói tanto ou mais quanto os *negrinhos* do Rio, há dez meses acordo e não tenho ninguém do lado — os meus amigos, cadê? — vou/irei a Tchecoslováquia, talvez Hungria, Jakarta, mas perdi alguma coisa no Brasil, “à tarde Maria dorme”, tenho medo, matam turcos e a estrada é enorme, mas tua voz e tua música me aconchegam entre Paris/Amsterdam/Berlim/Praga/London/ tudo é muito igual e belos os alemãezinhos ao sol do verão fugaz deles. Te mando retalhos e amor.

Caio F.

A Luciano Alabarse

Berlim, 01.07.93 [cartão]

Luciano, meu querido:

sozinho no hotel, quase uma da manhã, no verão alemão, ouço Adriana C. no walkman e me dá uma saudade *irracional* de você. Que foi tão bom para mim nos dois meses de uma POA péssima. Nenhum calor. Perdi POA, perdi SP, talvez tenha perdido também o Brasil, me chamam para a Hungria e Indonésia, arrumo/ desarrumo malas por hotéis estranhos, choro em Veneza, beijo turcos em Milão, acho graça em clichês, rio com Rubem Fonseca, falo duas palavras em inglês, uma alemã, outra italiana, três francesas, outras cinco portuguesas, e não tenho mais uma vida “normal”. Malas, hotéis. E os amigos, cadê? Você foi lindo comigo. E distante. Me deu apoio, não o ombro. Queria tanto ter chorado a dor enorme de POA e a velhice de meus pais no Menino Deus no ombro de um amigo. Não temos tempo: somos maduros. Onde será que isso começa? Procuo o fio, há só a meada. Te abraço quente e longe. Quais eram nossas esperanças? Recomendações a Luiz Fischer (lindo), *please*, e fique com Deus. Te beijo, irmão.

Caio F.

A Gilberto Gawronski

Köln, 15.07.93 [cartao]

Gilberto, dear:

Com Gerd lemos *A dama da noite* por várias cidades: Dana de Avalon (que foi citada num debate) teria aprovado nossa performance. Estou chegando por aí dentro de umas duas semanas, cheio de saudade. 1 beijo em Ermel. Todo carinho [116](#)

Caio F.

[116](#) Este cartão na verdade foi escrito a quatro mãos. Ao lado do bilhete de Caio, vinha a mensagem de Gerd Hilger “Querido! Lembra das noites cariocas na época do *Dona Doida* com o Naum? Estou bem contente de saber que Caio tem amigos como você voltando pro inferno brasileiro. Morro de saudades do Brasil e dos amigos. Um dia voltarei. Um beijo forte e bem teutônico (mais um pro Naum). Gerd de Colônia.”

A Stella Miranda [cartão]

Reality-Kabarett
Blaubühne
Gefühlos, sinnlos, witzlos und total langweilig. Genau wie das richtige Leben

Schneller Leben
eine kabarettistische Gruppentherapie
von und mit Veronika Füchtner und Sascha Lehnartz
Musik: Dominic Sargent
Premiere am Montag, den 21. Juni 1993 um 21.00 Uhr
Weitere Vorstellungen am 22./ 23./ 28./ 29. und 30.6.,
5./ 6./ 7./ 12./ 13. und 14. 7.

Querida Stella:
Estive com nosso
amigo Gerd Hilger
- cada vez mais loiro.
na Alemanha. Assim
você e vites falando
ou você. Ele não
Zosch
Veranstaltungskneipe
Tucholskystr. 30, O-1040 Berlin
U-Bahn Oranienburger Str., S-Bahn Oranienburger Tor
Telefonische Kartenbestellung: 030 / 692 63 78

acredita que "Xicotincho
e Salto Alto"
existem. Mesmo
depois de eu ter
contado "Doida Demais".
Pode? Envie uma foto
para provar: **GERD HILGER**
DARMSTÄDTER STR. 43
50678 KÖLN. DEUTSCHLAND.
Te amamos muito.
Até 30.08 estou
no (0211) 283.13.33
Saúde / beijo
C.A.O.F.

DIN-A-6

Postkarte für Stella Miranda
Piramide
P.O. Box 1000
1000

DIN-A-6 · Postkartenwerbung mit System · Tel. 030-621 82 67

A Gerd Hilger

São Paulo, 30 de julho de 1993

Querido:

Falta imensa de você. 9h30 da manhã. Sentado em frente a uma bandeja com bananas, mangas e mamões do 12º segundo andar de apart-hotel na Frei Caneca (duas quadras da Paulista), o mar sem horizontes dos edifícios sem cor.

Flashes de uma chegada:

1. Sentada à minha frente no avião, na área cadela-smoker, um travesti magro e louro de pelo menos 1m90, alemã ou suíça. Muito nervosa. Derrubando bolsas. Jeans e salto alto. Cinto de metal prateado de pelo menos 20cm de largura.
2. No banco do lado duas brasileiras de enormes jubões negros e crespos puxam papo com um alemão-lasanha. Tipo “qual teu signo?” Sobre as ilhas do Cabo Verde às 3h da manhã começam a TREPAPAR a três!
3. Trocar dinheiro no aeroporto — uma caixa-forte blindada. Guardas armados. Negrões rondando do lado de fora. Paranóia geral. Saía justa de couro cru sem fenda em nesga.
4. Compro um jornal. Primeira página: mataram montes de *criacinhas* na Candelária, RJ.
5. Ônibus. Marginal do Tietê. 6h30 da manhã. Cinza. Poluição. Água parada cheia de espuma branca ácida. Favelas. Bananeiras e coqueirais. “Que horror” — eu penso. E em seguida. “Que lindo”.
6. Ap. de Gil no Centro. Cadelíssimo. Sem água quente nem telefone. Falo. Fumo feito uma louca e durmo um sono cheio de poços. À noite — gelada — quero um conhaque. Gil me leva a um bar chamado “Simplesmente Maria”, embaixo do Minhocão. Um sapatão enche a cara de uísque ao fundo. Música sertaneja muito alta. Súbito, gritos na caixa. O sapatão esfrega notas de cem dólares na cara da dona — a tal (simplesmente) Maria. Que vira fera. Transforma-se em *brutalmente* Maria e joga o sapatão aos tapas na calçada.
7. Famílias inteiras dormindo sob os viadutos. Alguns com poltronas, rádios. “Quero dormir”, gemo. E fico insone dois dias.

*

Depois, claro, teve o lado bonito. Passei no Ritz, Jaciras e Irenes de bigode como em todos os bares gays do mundo, de Assumpción a Jacarta, passando por NY. Reencontros. Gritaria. Meu amigo garçon — David — morreu de AIDS em uma semana.

Encontro M. Nada enfrentativo: doce, meio grisalho. Fatigado. Falo em você. Ele: “Ah, o loiro...” Eu: “Loiríssimo.” Ele: “Boa gente.” Eu: “MA-ravilhoso.” Ele: “Hã-hã,”

*

E achei este lugar. 400 dólares por mês, meu bem. “Ainda bem que não ftui a Lisboa”, penso conferindo os tostões. É bonitinho. Decente. *Preciso* ter uma ilusão de *segundo* mundo — você sabe que, embora Laika, tenho uma alminha très chic.

(A propósito: no Duty Free de Frankfurt não resisti e comprei um vidro inteiro de “Minotaure”. Cadela, sim. Mas cheirando a Paloma Picasso).

Mudei ontem. Sentei e telefonei, telefonei, telefonei. Todo mundo se queixa. Mas há — estranho — alguma dignidade no ar. Tipo: continuamos caindo, mas caindo em pó. Ligo para um bofe antigo, Fernando. Quer vir imediatamente me ver. Melhor não, decido. A propos: os morenos de olhos doces, peludéssimos, abundam pelas esquinas.

Não, je ne regrette rien. Não devia ter ficado em Berlim. Mas tarde, talvez. Eu *sou* isto aqui, Gerd. Sei: não é totalmente agradável ser isto. Tem seus prazeres. Mas não posso/não quero negar. O tempo todo penso “que horror, que lindo”. E ficarei. Me aguarde.

Mas já aconteceu uma coisa boa. Paula Dip [...] me ofereceu a casa no Guarujá para escrever. Vou tentar recolher trabalhos aqui e — quem sabe? Afinal tenho um mês no apart para decidir. Hoje é sexta. Planejei esticar a auto-complacência até segunda. Aí vou luta.

*

Gerd Hilger dos Santos, você foi *tão* maravilhoso comigo. Almas gêmeas, você diz. E me ajuda sempre, sem você, pensar: “Como o Gerd reagiria a esta situação?” sempre dá certo. Não liguei antes de partir, detesto despedidas. E não havia clima. Agi Strauss, a amiga da

Ray-Güde, me alugou um pouco. E Ray estava meio frenética — os meninos estão com processos em cima. Advogados, depoimentos. Tudo na véspera dela sair de férias. E Agi e eu *atrolhando* a casa. Santa Ray... Cuide bem dela.

Qualquer coisa aqui me comove. A miséria me deixa trêmulo. Ontem, comendo misto frio com guaraná num boteco, conversei longamente com um moreno vendedor de facas. Todos os tipos de facas. Não comprei nada. Mas quando ele se foi, disse: “Obrigado. Valeu, *garoto!*” Essas coisas me dão vontade de chorar.

Tá saindo LP de Gil/Caetano juntos. Vou tentar mandar. Fala-se muito numa canção que diz “O Haiti é aqui
O Haiti não deve ser aqui”

*

Terminando aqui, caio na real. Banco, correio. Vou tentar alugar uma caixa-postal. À noite me convidaram para uma festa de drag-queens (jaciííííras!) num bar post-tudo. Me dá notícias.

*

Beije Valdir.
Cuide-se bem.
Não seja enfrentativo.
Não maltrate o Frank Heibert.
E principalmente: não me esqueça.

PS — E afinal, apagamos ou não a cafeteira?

Love
it's
all
we
need
(and we have it!)

PS — Falei por telefone com Zulmira Ribeiro Tavares. Um desastre! Você acredita que ela me acusou de ter sido injusto com Raquel de Queiroz? Manda MATAR (as duas)!

PS — Obrigado por ser tão generoso. Fica com os amigos (de preferência peludos e fortinhos)...

Beijo

Caio F.

A Gerd Hilger

SP 22.09.93

Gerd querido,
ainda não perdi a esperança de receber notícias suas. Sou tão inseguro, meu bem, não faça assim comigo não, como dizia Carmen Miranda. Tenho pensado (paranóica!) se os dias que passei aí não foram um *suplício* para você. As vezes acontece de só quando um hóspede vai embora a gente se dá conta do quanto estava de saco cheio. Enquanto durar seu germânico silêncio, é isso que vou pensar.

Não estou bem (e não me pergunte o que é “bem”, meu bem). Ontem Breda veio do Rio e perguntou então, já aterrisou no Brasil? Resposta — e o que é mais grave, a sensação: não só aterrisei como afundei até os joelhos. Talvez afunde mais? Até a cintura? Até o pescoço? Adianta gritar help? Me olho no espelho (só de relance, não devo me deter demais, é perigoso) e digo quieta, sua bicha, vai fazendo tuas costurinhas aí e pára de bancar a Cinderela. Fui exemplar nos primeiros tempos. Uma santa, uma mártir. Dormia cedo, acordava cedíssimo, lavava roupa, cozinhava, não bebia, não trepava. Fui desabando. O de fora não corresponde, compreende? São Paulo está terrivelmente Dallas, trambiques, puxações de tapete — tudo gira em torno de poder e/ou dinheiro. Tirei esta semana para dormir demais. A primavera chegou com chuvas amazônicas, e uma gripe tem sido o pretexto para ficar parado na janela perguntando meu deus (com minúscula), meu deus, o que é que estou fazendo aqui. Sem interrogação também.

Pouco a pouco vou ficando duro, trocando minguadérrimos marcos & dólares por cruzeiros que se *desvanecem* em segundos. Faço trabalhos inacreditáveis, tipo revisar traduções mal-feitíssimas por catedráticos da USP. Cadelamente, conserto erros alheios e não levo crédito nenhum. E ganho menos que 1/3 do que o tradutor ganha. Laika é laika, sempre será.

Recebi um fax de Frank Heibert. Segundo ele, sem detalhes, a Kiepenheuer *não* publicará mais *Dulce Veiga* — e portanto ele estaria negociando a sua tradução com Mme. Ray-Güde Schygulla, quero ,dizer Hannah Martin, para sair pela Zebra. Fico à espera de notícias from Ray. Heibert diz que aquela squatter-house-dos-gays-militantes-em-

Kreuzberg continua à minha disposição. Volto, Gerd Alberto? Ou você prefere Gerd Ricardo? Ou Gerd Antônio? Tenho me sentido terrivelmente só & sem rumo (e velha e acabada e desamada, mas isso é o de menos), então penso se não será melhor continuar só & sem rumo em Berlim do que aqui. A sensação aqui é de estagnação.

Há coisas talvez boas no ar. Minha mãe colocou à venda um apartamento que tinha em Tramandaí, uma praia gaúcha meio do mal — e quer comprar um sítio em Florianópolis onde, se eu quiser, posso morar. À beira-mar. Ou fazer um *trancetê* between Florianópolis-São Paulo. Estou à espera, vendo no que dá.

Tenho saído com Lygia Fagundes (ótima, [...] *sometimes* alucinadamente sábia). Há dois dias, fomos parar numa recepção dada ao novo ministro da Cultura, um cearense chamado *Jerônimo Moscardo*. Ele se parece com o nome, preciso dizer mais? Foi patético: no coração de Dallas. Exus às pencas por todos os lados, incluindo Raul Cortez, Ruth Escobar, dúzias de xoteles e candidatos a qualquer coisa nas próximas eleições. Mais os bobos-da-corte, três ou quatro escritores. Tive uma alegria: encontrei Edla, la van Steen avec Sábado Magaldi. Falamos muito em você, Sábado querendo saber da tese-sobre-Jorge-Andrade. Menti que você trabalha loucamente. Conversei muito com Edla, eu tinha resistência. Pois gostei, é simples, direta, franca. É bom gostar das pessoas.

Em compensação, outra noite, num lançamento de Hilda Hilst, deparei-me com João Santinha Trevisan. Atirei-me nos braços dele, com muita saudade. Foi gélido. Fiquei magoado, pensando em ligar no dia seguinte, escuta aqui, João, você tá com algum bode comigo? Remexi a memória, eternamente paranoide, será que fiz alguma *najice* com a bicha e não me lembro? Bom, não lembro. Você sabe que sempre tento ser boa como a Alice do Woody Allen.

Você me ocorre a todo minuto. Encontrei também Naum — muito sereno, diz que jamais sai de casa — que também pediu notícias suas. E, uma tarde na Paulista, cruzei Maurício — que recuperou *aquele* corpinho, não está mais baleia.

E vai sendo assim. Tenho lido Amós Oz, um escritor *jewish*. Hoje comprei um caderno novo para um diário, o outro terminou, vício de solteirona. Vicente Pereira, o meu melhor amigo, morreu finalmente semana passada, de Sida, em Brasília. Não consegui chorar. Tinha

falado com ele por telefone, logo que cheguei. Senti alívio, depois rezei muito, e fiquei lembrando de tantos, tantos.

Mas vamos mudar de assunto. Responda com sinceridade: você acha que Michael Jackson come criancinhas? E Liz Taylor não foi ótima, dando uma força pra nega? Quem está no Rio é LaToya, biscatíssima, foi vaiada depois de fazer um show com play-back. [...] O Ritz foi assaltado num fim de noite, três mascarados levaram a fêria da noite e apavoraram meia dúzia de bichas ébrias que ainda tentavam caçar alguém. Eu não estava entre elas. A propósito, lembrei de uma coisa que o Vicente gostava de dizer. “Sempre que houver mais de duas pessoas reunidas e falar-se no nome de Deus, eu estarei entre elas. Mas sempre com um decote bem profundo”. Vicente também dizia, citando acho que Marlene Dietrich: “Segura o turbante, meu bem. E sente o ritmo”.

Estou assim, o turbante dá a impressão de pesar uma tonelada. Mas quando penso em me jogar pela janela, coloco duas gotas de Paloma Picasso. Santo remédio. Falando sério, sua naja, morro de saudade. Manda pelo menos um cartãozinho!

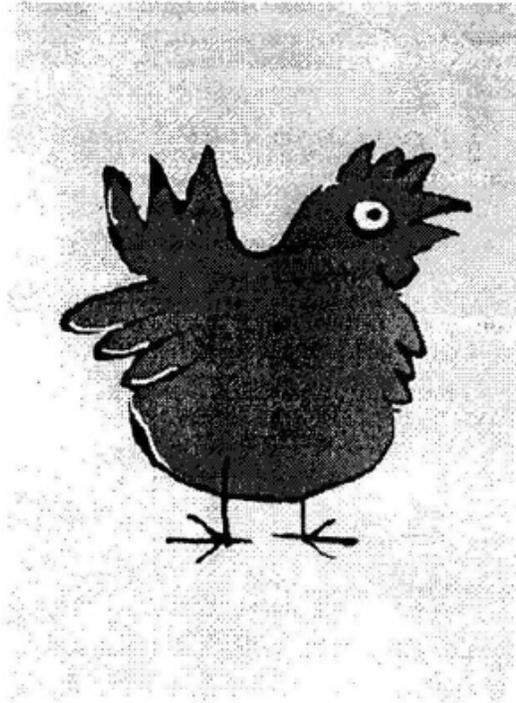
Dá um beijo em Valdir.

Cuide-se. Não me abandone nestes pântanos tropicais, senão só me restará procurar consolo com Mia Couto, lá em Maputo...

Beijo

Caio F.

A Stella Miranda [cartão]



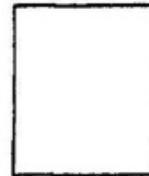
SP 16.10.83

adi la gallina

QUEM É STELLA;
AUNDEI PUSANDO PARA
UM JORNALISTA - ESTE
RETRATO FICOU ÚTILMO,
NÃO? VOCÊ NÃO QUER
O ENDEREÇO?
ENVIAR TAMBÉM TARDIOS
LETROS DE ANIVERSÁRIO
FELIX, e DE MUITO
SUCESSO NO SHOW DO
NUSSO LECO!!! 1 Beijo

Oscar Freire, 1009
853-0935 OAF

(011) 240.6592 - Cartão Postal Institucional - Venda Proibida
São Paulo - Todos os direitos reservados



STAR

STELLA MIRANDA

C/O DE A MARTIN



Leco Alves, cantor e compositor gaúcho falecido em 1997.

A Luís Artur Nunes

SP 1º.02.94

Luizar, querido,
como você pode perceber pelo papel, andei dando uma Elza na Lufthansa ¹¹⁷... ah, eles são tão ricos, acho que nada de grave.

Obrigado pelo seu cartão e seu convite. Desde a estréia, andei pensando muito no seu *Vestido de noiva*, mas acho que não será possível ir. Ando duríssimo, como de costume, e um tanto preso a São Paulo num trancetê de fax (plural *é faxes?*) e fones para a Europa. Tem três livros meus saindo na França agora-já-por-esses-dias (um já veio, é a novelinha *Bem longe de Marienbad*, que escrevi lá; os outros são *Qu'est devenue Dulce Veiga?* e uma antologia de contos, chamada *L'autre voix*), e os editores querem que eu vá. Estão vendo passagem, lançamento, entrevistas. Se tudo der certo, vou.

Mas embora isso possa parecer muito chique, não ando nada bem. Nada grave, cabeça ruim. Sem rumo, sem motivo. Passei janeiro quase todo praticamente de cama. Uma gripe medonha, durou umas três semanas, depois uma otite crônica. Ai, a meia-idade... E a depressão arreganhando os dentes por trás. Queria demais sair de SP, mas ir para onde? Sobre isso conversei muito com Alcione, certo pôr-do-sol no Parque da Marinha em Porto, em dezembro. Aliás, ele (que já deve estar por aí) me pareceu ótimo, cheio de energia. A luz de Porto Alegre me encanta, mas há aquela najice provinciana solta no ar — e sempre se corre o risco de encontrar em alguma esquina com algum perdido, cheio de som e fúria porque — na opinião dele — você deu-o-fora-e-se-deu-bem. Se soubessem da enorme cadelice que é sobreviver por aqui...

Não liga para crítica, não. De preferências não leia (ouvi esse conselho de Rubem Fonseca) enquanto a coisa está quente. Tenho certeza que o teu Nelson Rodrigues deve ser lindíssimo. Algumas pessoas que falei elogiam especialmente Luciana Braga (sou um grande fã dela, acho que daria uma perfeita Rosalinda) e morro de vontade de ver La Gran Saldaña interpretando Mme. Clecy (um sotaque frrrrancês cairia bem, acho). Você é talentosíssimo, mas o problema é que o Brasil está vulgar demais. Acho tudo feio, histérico, patético.

Torço sempre por você, e desejo um final de temporada e de verão lindos. Sinto saudade sempre e, volta e meia, uma vontade danada de voltar a trabalhar com você. Beije Saldanha, Braga e Duse Nacaratti (sempre no meu coração, tocando maraca no Santo Daime, você pode imaginar?). Beijo carinhoso do seu

Caio F.

[117](#) “Dar a Elza” roubar (gíria originada do gueto gay , hoje “universalizada”).

A Gerd Hilger

SP 03.02.94

Querido,

espero que esta te alcance antes do Carnaval, já que o principal motivo é enviar esta foto (em anexo) com a fantasia que usarei *naquele* baile em Veneza. Como, você sabe, temos almas *gêmeas*, achei muito possível que você tivesse exatamente a mesma ideia. E para evitar o constrangimento, aí vai a foto. Não copie, sua naja! Sorry pelo silêncio. É o verão, fico imprestável. Passei dezembro em Porto Alegre chez Jocasta, e foi ótimo. Arrumei uma velha bicicleta e me dediquei a longos passeios num parque lindo perto de casa, na beira do rio. Sempre de tardezinha, à hora em que os rapazes fazem exercícios pesados (ai, os pelos, os peitos... lembrava tanto você) e o sol se põe demorado nas bandas da Argentina.

Fiquei santíssima mas, uma tarde, não resisti e fui a um *bordel gay* recomendado por um Pai de Santo jacira meu amigo (o Brasil consegue ser maravilhoso às vezes). Acredite se quiser em Porto Alegre (também conhecida como Gay Port) existem TRÊS bordéis gays. Tenho que te contar pessoalmente, senão escreveria um livro. Foi hilário, patético, sórdido, gostoso — tudo ao mesmo tempo. Quem recebe (the manager) é uma bicha negra, alta, com lentes de contato azul-Liz-Taylor falsíssimas, e cara de naja. Uma salinha cheia de oferendas para Exu com dois sofás e algumas cadeiras, tudo meio despencado, com uns 10 rapazes. Todos meio à vontade — fazia um calor do cão — camisetas, bermudas, havaianas e vendo futebol na TV. Além de *mim* como cliente, só havia uma tia sessentona, de camisa havaiana floridíssima. O preço era cerca de *cinco* dólares. Eu morria de vontade de rir, mas resolvi ir em frente. Comecei a conversar com um garoto fortinho, de olhos verdes e ar aterrorizado. Acabamos no quarto. Bom, o quarto era sublocado de um travesti que mora ao lado. Para chegar lá, era necessário atravessar um labirinto de corredores e “puxados” com telhado de zinco e algumas crianças — pura *Rondânia*. Colcha de chenile, ventilador capenga. Comecei a conversar com o garoto:

era *o primeiro dia* dele. Aquelas histórias clássicas — michê é igualzinho a puta —, mãe entrevada, pai cafajeste. Acabei me

comovendo e a possível excitação foi pras picas. Nus na cama, desabou um temporal que — no dia seguinte soube — foi o maior dos últimos 30 anos na cidade. Voltei a pé para o lar paterno — não havia táxis nem ônibus — por dentro de rios urbanos de água da chuva, com uma sensação de amor desesperado pelo Brasil.

De volta a São Paulo me aguardava uma gripe enorme que durou três semanas (positiva!), conhecida como CPI, que derrubou meio país, depois uma crise de otite (velha!), depois um surto depressivo (neurótica!).

Depois emergi muito (não muito) linda, fui à feira, comprei caquis, uvas, maçãs, pêras, quiabo, ameixas, flores deslumbrantes, roxas e brancas (a negrona me disse que se chamam “lisodendro”, mas duvido), acendi uma vela pra Oxóssi e sentei pra te escrever. Sérias decisões: vou voltar à análise. Acabei de ligar para o meu ex-terapeuta (Ronaldo, militante gay, maravilhoso) para ver hora & preço & tudo. Vou conversar com ele e, como ando duríssimo e também já fiz 13 anos e também acho que as coisas não estão assim tão-tão medonhas, talvez faça um grupo. Veio uma vontade funda há dois dias, inadiável. E ontem um sonho tão revelador (junguiana!) que, bem, não dá pra adiar.

Não se pode ser infeliz, não se pode morrer em vida, não se pode desistir de amar, de criar. Não se pode: é pecado, é proibido — verboten, não é assim em German? Não é possível adiar a vida. Há um mês recortei uma frase, não sei de quem, do jornal, e coleí em frente à minha escrivania: “Se o homem não vem ao encontro do destino, será soterrado por ele”. Et voilà!

Mas tenho tantas notícias objetivas também. A mais inacreditável vai no *fim*, não pula nada até lá!

Chegou da França o *Marienbad*: uma edição linda. Reli, e acredita que gostei? Ainda vou dar umas mexidinhas no texto, claro (perfeita!), mas me agrada essa procura-de-alguém-que-não-está-lá-e-que-também-procura-por-quem-é procurado. Há troços de tradução de Claire, mas nada grave.

Chegou também a capa french de *Dulcê Veigá* (atenção na pronúncia, meu bem) — bela também, uma loura tipo 50's com cigarrão, você vai gostar — é muito *nós*.

Esse povo de França me convoca para ir em março *lançar* (suponho que subirei na Torre Eiffel — ou no Arco do Triunfo? — ou na Pont

Neuf — ou no alto do Café de Flore? — e jogarei livros em todas as direções). Arrumaram um programa de TV no dia 20, na France 2, dizem que é o the best. Claaaaaaro que eu vou — mas laikamente, as usual, fico à espera de passagem-hospedagem e alguns biscoitos para cães.

Pensei em ir e não voltar, ficar naquela casa dos militantes gays amigos de Heibert-a-naja-de-Berlim. Segundo Ray-Güde, parece que a casa não estará disponível. Então volto. Deixo um pouco nas mãos do destino (a propósito — saco, como estou dispersivo — você conhece *City of night*, de John Rechy, onde tem uma bicha chamada Miss Destiny?). A verdade é que voltar à terapia me tranquiliza (ou, ao contrário, me excita) e penso não, não adianta fugir. Tenho fantasmas terríveis dentro de mim, preciso encará-los (dramática!).

Enfim: estou com a vida meio suspensa.

+++

Pausa para comer um caqui. Maduríssimo, dourado, meio explodindo de dentro para fora. Telefone, Bivar, com quem não falava há muito tempo, e anda lendo São Francisco de Assis.

+++

Adorei tuas notícias profissionais, principalmente porque você poderia vir ao Brasil. Venha, venha antes que acabe!

Achei estranho o amigo-do-teu-amigo dizer que só ando “com as pessoas mais chiques de São Paulo” Gerd, eu não ando! Quer dizer — caminho muito, mas não vou a lugares, não frequento, não sou mais colunável. Virei uma mulher misteriosa, reclusa, raramente vista, something bewteen Garbo e Jackie O. Ou talvez as pessoas mais chiques de São Paulo é que só andem comigo? Na verdade, quem tenho visto mais é Lygia Fagundes — meu bem, meu bem! — Telles, mas sempre tête a tête. Ela deve estar voltando hoje da França — para onde partiu há duas semanas, um seminário da Sorbonne, meu bem, sobre minha obra tão desvalorizada por aqui, meu bem.

O dia está tão claro que dá pra ver a Serra da Cantareira, muito além dos edifícios.

Estou preparando uma surpresa literária para você. Prepare-se. Não posso adiantar muito porque tira a graça. Voltei a escrever, a ter ideias, a anotar sonhos (a sonhar!). Se tiver que viajar vai atrapalhar um pouco o

surto, mas até lá quero aprontar algumas coisas. Uma delas é um conto para a antologia de Ray-Schygulla-Güde, chama-se *Há chuva sobre Berlim*.

Há: penso sempre em Karin e me preparo para escrever. Depois a vida dispara e falta tempo. Quando falar com ela, mande beijos.

E agora, já no final, a história. Começa assim:

Sabe DE QUEM recebi uma carta?

De C.P.!

+++

Aquele moreno-pônei-cearense-da-boate-gay-em-Köln, remember?

Imagine, a carta foi escrita em novembro, em Copenhague, enviada para Amsterdam, endereço de Sapê, e de lá enviada para o Sapê aqui, que me entregou. Bom, é uma carta espantosamente BEM escrita. Uma frase, que gosto muito “... e viver só por viver consome, mas é o que sei fazer melhor”. Acho *tão* Scott Fitzgerald. Ele viajou e viajou. Alemanha, Escandinávia, Grécia, Ceilão (!) — mas manda um endereço de um amigo em Fortaleza, onde deveria estar a partir de janeiro. Mande um cartão ontem, te mantenho informado. A vida não é fantástica? Ele diz que sentiu e sente comigo uma “intimidade mística”. Óbvio que eu preferia outro tipo de intimidade, bem menos abstrata, mas anyway não houve tempo. E sempre penso que foi a última vez que beijei na boca, de língua, com gosto — God! — tá fazendo um ano...

Sexo, a propósito, nada. Só mental, e o tempo todo. No verão fica ainda mais difícil, you know, dá aquela moleza. E tem as camisas abertas pelas ruas, os cheiros. Deus não devia ter inventado o sexo.

Dei para reler toda a Patrícia Highsmith, você acha grave? Definitivamente é uma grande escritora. Por mim, devorava uma por dia. O último que li — *Found in the street* — é uma história de sapataria chic em NY deliciosa.

Deixei um grão-de-bico de molho desde ontem. Vou cozinhar. Com quiabo.

Converso muito com você, mentalmente. Quem sabe, se eu realmente for a Paris, em março, consigo dar uma esticadinha até Köln? Ou o contrário? Espero que o inverno não esteja sendo demasiado infernal. Cuidei muito pela TV e pelos jornais as enchentes alemãs. Köln coberta de água, tentando ver você com as saias arregaçadas entrando em algum

barco. Acho que vi, mas muito en passant. Conta, no dia daquela chuva braba, você estava mesmo todo de verde? Então era.

Serenize Ray-Güde em relação a mim. Acho que ela está com um pouco de medo que eu resolva me meter em Berlim, entre em surto depressivo e acabe apelando para a velha e boa Tia Ray. Afinal, já aprendi a segurar o turbante e a sentir o ritmo... E tudo por aqui, na verdade, vai bem. Pulo os poços, quando pintam — e como pintam! Mas não vou abrir mão de um pouco de alegria.

Lembre-se da recomendação sobre a fantasia, aproveite o Carnaval, não abuse de drogas estupefacientes use camisinha, pense na Mangueira dê um beijo no Valdir, cantarole mamãe-eu-queró lembrando de mim, seja discreto nos balagandãs, atenção ao movimento dos quadris e ao ritmo do reco-reco, e receba um beijo sabor lança-perfume.

Always yours,

Caio F.

P5 – Será que a Dulce alemã sai antes da Feira de Frankfurt? Como anda esse trancetê?

A Gilberto Gawronski

Paris, 13.03.1994

Betinho querido:

Cheguei linda e tô feliz. *But:*

Fiquei oito horas preso em Heathrow por causa das bombas do I.R.A. Revistaram até o cu da bicha... Na confusão — ou ainda em SP — perdi minha agenda com *todos* os endereços. O teu é um dos poucos que tenho na memória.

Então, *sorry*, preciso de *FAVORES*: tenho que descobrir o endereço do Gil Veloso — meu secretário, negra. Ele não tem telefone mas trabalha no “Sra. Krawitz” quintas-sextas-sábados após 22h30/23h.

Please: pede a Jacqueline (ou Déa) que tente falar com ele — é importante — para mandar logo o próprio endereço.

Aqui, tem um fax na editora que posso usar [...]

Paris tá linda

linda

linda!

Não tem gentalha

As pessoas pedem licença

Há vagos perfumes

de primavera pelo ar

Deus me perdoe

Mas creio que fico

até junho.

O fone onde estou (que cadela — não liga pra fora de Paris) é — 3.36.81.31.

*

Estou pensando em ficar um pouco mais. Ao chegar, percebo o quanto o Brasil está *heavy*. Vou tentar armar tudo, com o jornal. Afinal, nada (e ninguém, fora os amigos) me prende a SP.

Please, me escreve e manda — ou pede que mandem — endereços de *Déa e Breda*.

De Carlinhos Moreno via Fábio (Namatame) [118](#) também.

Perdoa te dar trabalho.

Fica feliz.
Je t'embrasse trê's fort

Caio F.

PS – Fica de olho no Robson Phoenix! [119](#)
Jaciiiiiiiiiiiiira!

[118](#) Fábio Namatame: diretor, cenógrafo e figurinista teatral.

[119](#) Robson Phoenix: dirigiu *Implosões*, encenado no Teatro do Museu do Telefone (Rio) em 1996; escreveu e dirigiu *Nympha*, texto em homenagem a Renato Russo.

A Cida Moreira

Paris 22.03.1994

Cida, ma chanteuse,
já tinha escrito o cartão quando lembrei que talvez você possa me ajudar numa coisa. Imagine que, quando vim, passei por Londres — acontece que cheguei no aeroporto do Heathrow pouco depois da explosão da bomba do I.R.A. 1 polícia estava revistando todo mundo e, claro, também entrei na dança. Abriram malas, e tudo e tal. Na confusão perdi minha agenda de endereços. Felizmente tinha uma antiga — onde está o teu — que comecei a passar a limpo 1000 vezes e nunca terminei.

Bueno, perdi o endereço do *Gianni Croti*, que vive em Lisboa. Não sei se você o conhece, é um amigo do Ivan Mattos que trabalha com vídeo, muito legal.

Et voilà: será que você poderia pedir ao Ivan o endereço/telefone de Gianni?

O Ivan passa para você e você me manda.

Apesar da saia justa entre nós, acho que não se recusaria a algo assim. Não me ocorre mais ninguém que conheça o Gianni. Você faria isso por mim? É importante — aí você aproveita e me manda notícias.

*

São 7h:30 da manhã, acordei às 7h (se você soubesse como ando comportado). Fiz café e acendi um “papier d’Arménie”, um incenso vegetal que se compra nas farmácias. Parece que vai dar sol hoje. Peter, o amigo alemão de Alexandre, já bate panelas na cozinha. Ele é da Rostok, Alemanha do Leste, e tem o hábito de comer salsichas ao despertar.

Há 10 dias não sei nada do Brasil além de uma rebelião de presos com D. Aloisio feito prisioneiro.

Nossa imagem aqui está menos que péssima. E me dou conta do quanto eu — e todos nós, não? — andava sempre inseguro e assustado em SP, como se a qualquer momento fosse acontecer uma catástrofe. Vou ficar até acabar o prazo da passagem (de três meses, vence em 9 de julho) — e em setembro devo voltar para a Alemanha. De qualquer forma, minha vontade de cair fora de SP é enorme. Quem sabe no

próximo ano? E teus planos de mudar para o Rio? Para a Julia seria ótimo.

Te mando uma folha do “papier d’Arménie”. Faça uma gaitinhasanfona com um deles — cortar na linha pontilhada — e acenda. O perfume é delicioso.

Escuta, se quiseres mandar os CDs, entrego a Ray Güde. Posso também encaminhar a Anne Dusquenois, aquela amiga da Cacaia que produz shows aqui. Uma temporada tua em Paris seria vilhosa — principalmente para os franceses.

Ouçõ Barbara, la grande dame, cantando “a mourir pour mourir, je prefere, l’aje tendre”. Meu francês vai melhorando dia a dia. Na quinta — hoje é terça — gravo na TV um programa chamado “jamais sans mon livre” — em francês...

[...]

Beijo grande.

Seu velho

Caio F.

A Maria Lídia Magliani

Paris, 26 de março de 1994.

Maria Lídia, chérie,
papel e envelope foram escolhidos especialmente para Mademoiselle. Gostou? Tem de todas as cores e é baratinho (reciclado). Faz sol (milagre), é sábado après-midi, escuto Jeanne Moreau cantando “amour, amour fou, de vous ne reste rien”. Peter, o hóspede alemão de Alexandre, recebeu hoje a mulher Ramona (o nome é chicano, mas ela é alemãzésima), riem na cozinha entre salsichas.

Ando feliz, feliz-clichê: amo Paris. Acho que nunca disse isso para cidade nenhuma. As cidades, você sabe, são falsas e traiçoeiras. Paris, você quer casar comigo? Acampeei na sala de Alexandre, a falta de espaço é terrível, para qualquer movimento preciso abrir malas e bagagens, e nunca sei exatamente aonde está a cuia, onde a calcinha... Males de um viajante. Vou para Saint-Nazaire, ficar uma semana, entre 1 e 8 de abril, aí volto e fico na casa de um-pianista-que-está-indo-passar-um-mês-no-Brasil. Ele chama-se Braz Velloso, eu insisto em chamá-lo de Brás Cubas, claro. Final de abril não sei ao certo o que faço. Ou permaneço em Paris, ou Londres, ou quem sabe Lisboa, que não conheço. Ou sei lá. Anyway, minha passagem vence dia 9 de junho, e não posso perdê-la. Ou posso mas não quero. Ou posso mas não devo. Anyway, quem sabe desta vez um tempo em Tiradentes?

Vida louca, vida breve: tu s’as (experimente dizer isso com sotaque gaúcho) que meus livros vão indo muy bien por acá? Nunca pensei, sou um sucesso em Paris! Hoje à noite vai ao ar um programa de TV, o melhor sobre literatura, chamado *Jamais sans mon livre* (o título é medonho, não?), tipo o-Jô-daqui. A gravação foi hilária.

Imagina que, como o mundo apesar de redondo tem muitas esquinas, o diretor do programa é uma bicha chilena gordimensa, que vive aqui desde que Allende foi assassinado (em 73, lembro bem arque eu estava no Hyde Park em Londres, era dia do meu aniversário e eu lia o *Le Monde*) e ficou louca quando, durante a entrevista, me referindo a Dulce Veiga, comparei-a a Maysa. Pois a chilena, de cujo nome no me acuerdo, foi *amiga íntima* de Maysa. Conta ela que muito trocou fraldas de Jayme Monjardim, o filho. Gostaria eu de trocar fraldas, ou qualquer

outra coisa, do Monjardim hoje...

Bueno, dispersões à parte, estou em todas as vitrines e dou entrevistas furiosamente. Já sai a cores no *Telérama!* Me sinto assim quelque chose entre Beatrice Dalle e Sonia Braga, et voilà. Dinheiro que é bom, nada. Ontem, muito cadela, usei o fax da editora para tentar liberar um CDB no meu banco em São Paulo. Sabe que não me importa mais tanto? Nem não — olha o estilo — ter casa. Sampa-Teresinha foi uma verdadeira cidade-ogro avec moi. Só ao chegar aqui tive consciência do quanto Sampa está doente, Maria Lídia. Não sei se quero ficar mais lá. Onde? Onde? você me pergunta, e eu calo, se descobrir o lugar, te informo. Talvez Paris? Et pourquoi pas? É tão lindo simplesmente caminhar aqui, há pouco fui ao super, que no Brasil seria um martírio, e para chegar lá é preciso passar por uma alameda de cerejeiras floridas de pelo menos 50 metros. Tudo rosa-pink, bem naquele tom-Barbie que você odeia. É possível ser infeliz sob uma alameda pink?

[...]

Je me promene o que posso. Nos intervalos, vou ao cinema. Fiquei louco com *Short cuts*, o Raymond Carver filmado por Robert Altman, e como tinha visto *Kika*, de Almodóvar, no dia anterior (com figurinos de Jean-Paul Gaultier, meu bem), e que é uma droga, descobri que Altman é um Almodóvar COM substância. Ainda não me joguei nos museus, mas Brás Cubas, quer dizer, Velloso, me recomendou um Cícero Dias — não lembro de nada dele. E estou tentando conseguir um ingresso para ver Isabelle Hupert fazendo *Orlando* de V. Woolf no teatro.

Troquei La Moreau por Jane Birkin, que no momento geme “je t’aime, jet’aime, moi non plus” e arfa e bufa e suspira e trina. Pensei agorinha mesmo em você cantando “teach me tiger” — era mesmo *teach me?* — não faz muito sentido. Por lembrar disso, sa’s que encontrei L.L. na Maison Chanel? Tinha vindo de New York só para comprar um par de luvas — tigradas, naturalmente — e na mesma noite estava embarcando para o Tibet, para um misterioso rendez-vous com o Dalai Lama. Não sei ao certo se La L. converteu-se ao budismo ou, tout au contraire, o Dalai está metido em tráfico de crack. Você conhece bem a L.L.

Hoje, talvez seja o sol, estou num insuportável humor fútil: tenha paciência. Vai passar já-já: me esperam algumas meias e cuecas de molho na banheira. Mas as anêmonas que comprei ontem na feira estão deslumbrantes. Ramona e Peter foram para o quarto e começaram,

suponho, a trepar em alemão. Nunca pensei. Morro de saudade. Me dá uma notícia. Tigrana mandou beijos, eu mando mais. Para Marijô aussi. Je t'embrasse,

Caio F.

PS – Tô sem teu endereço REAL! Me mande!

A Guilherme de Almeida Prado

Paris, 12 de abril de 1994

Querido Guila,
escrevo “querido” porque — você sabe? — realmente gosto muito de você. Não esqueça disso.

Voltei sábado de Saint-Nazaire, de onde te enviei um cartão (pedindo o endereço/telefone de Gianni em Lisboa). Ao chegar encontrei teu cartão.

Eternamente Bambi, abri todo saltitante — foi o primeiro que recebi do Brasil, e desde que saí, há mais de mês, não tive notícias daí. Então levei um choque. Deus, quanta hostilidade! Fechei o cartão e só reabri hoje, depois de muito pensar se devia uma resposta ou não. Porque realmente-gosto-muito-de-você, acho que sim.

Ô Guila, calma lá! acho um pouco ridículo um bate-boca transoceânico, mas não consigo ficar com essas coisas atravessadas. Então:

1º fui injusto — um pouco — ou excessivo com você. Ma non troppo.

Como te disse, voltei a SP ano passado, após dez meses de ausência, sem trabalho, sem casa sem nada. Discretamente, enviei sinais de socorro aos amigos. Ninguém ajudou. Me virei sozinho. Isso me endureceu um pouco mais. Não foi só você, não. Foram também pessoas até mais íntimas, como Jacqueline. Eternamente Bambi, me virei sozinho com enormes dificuldades. Não me lamuriei. Mas preciso que as pessoas saibam que isso doeu — exatamente porque algumas destas pessoas, como você ou Jacqueline, importam para mim.

2º Cheguei em Paris preocupado com a minha violência, o meu “excesso”. Metade pelo menos provocada pelo álcool e pela excitação da viagem.

Pedi desculpas, com doçura,

3º Você me responde duramente. Escuta:

4º “Ar blasé” — não sei o que significa isso. Certa vez num grupo de psicanálise (fiz 14 anos, ganhei duas altas: acho que lido mais ou menos bem com meus demônios) uma garota disse que eu era “altivo”. Achei chique. Talvez você queira dizer “ar aristocrático”?

Bivar, que tem um olhar doce sobre o mundo, certa vez disse que eu parecia um príncipe — normando. Não sei por que “normando”, mas também achei bonito. Sou terrivelmente tímido e, na verdade, acho que tenho mais é um ar de cachorro surrado, daquele que levou muita porrada, passou fome, dormiu ao relento.

5° Eu “não resisto a uma baixaria bem brega”! Resisto sim. Tenho um passado hippie que me deixou muitas coisas boas. Estou sempre preocupado com a ética, com a beleza, com a dignidade. Sou educadíssimo, e fui criado de maneira muito católica, com toda aquela culpa de “maus” pensamentos, “mas” ações, e uma terrível nostalgia da “bondade” (como a “Alice” do Woody Alien).

Gosto de pessoas doces, gosto de situações claras — e por tudo isso, ando cada vez mais só. É como me sinto melhor.

6° A propósito do parágrafo acima, hoje li um Wolinski chamado *Les français me font rire* que começa com esta frase: “Si tout le monde était comme moi, je n’aurais pas besoin de detester les autres! [120](#)

7° Amigos não “são para essas coisas”, não. Isso é um clichê detestável, significando quase sempre que amigo é saco de pancadas, é uma espécie de privada onde o outro pode jogar dejetos, detritos imundos e dar a descarga. Amigos são para dividir o bom e o mal, mas também para deixarem as coisas sempre limpas entre eles — amigos devem ser *solidários*. Um dos meus maiores amigos, [...], que vive em Paris há quase 30 anos e é soropositivo há 9 (mas graças a Deus saudabilíssimo), tem sempre a preocupação de ser *útil* aos amigos. Quase não fala, não envia flores, não escreve cartas — mas quando procurado está sempre ali, firme e cheio de informações práticas para ajudar a gente. Amigos são também para escrever cartas enormes e um tanto idiotas como esta, cheia de carências, porque gostam de outros amigos e não querem que as relações de amizade tombem nesse poço nojento de brutalidade e vulgaridade que viraram os anos 90.

É por isso que te escrevo, quase meio-dia, um sol raro lá fora. Guila, não me mande coisas assim raivosas. Eu não tenho anticorpos para esse tipo de coisa. Até hoje, um dos meus truques para sobreviver, mesmo não sendo mulher e nem sequer tendo cabelos, foi fazer o papel de “loura burra”. Deixei passar muitas agressividades muita humilhação — e não me refiro a você, mas estou farto. Fui vivendo minha vida de maneira tão solitária, conquistando minhas coisas tão no braço, tão

sempre sem nada, que aprendi a ter uma enorme admiração por mim mesmo. Vou chegando muito perto dos 50 anos sem dever absolutamente nada a ninguém.

Então, nos últimos tempos — deve ser a meia-idade — comecei a ter uma sensação, digamos, de “direitos adquiridos”. Não agüento mais desaforo, e vou ficar pior, vou ficar, se Deus quiser como Odete Lara, Greta Garbo, Fauzi Arap, Helen Lane — americana budista de 84 anos que conheci semana passada, e vive só numa cabana no Perigord, cercada apenas de livros e gatos. Ando exausto de seres humanos.

Guilherme, mon cher, precisamos — eu e você e todo mundo — tomar muito cuidado com esses tempos. São tempos de horror. Tudo fica ainda mais grave neste país de là-bas, como é o Brasil, e mais ainda numa cidade como São Paulo — onde a crise econômica, a corrupção, a violência, a falta de futuro, a miséria material foi gerando sem que as pessoas percebessem também uma miséria psicológica, uma miséria espiritual ainda mais terrível e mais patética. São Paulo virou um grande salve-se-quem-puder: ninguém ajuda ninguém. E se as pessoas como nós — os “especiais”, os cineastas, os escritores, os músicos, os poetas: a gente que tenta criar beleza e dignidade — também começarem a agir dessa maneira, então vale mais a pena a casinha pobre de Dulce Veiga no meio do mato, as panelas arreventadas em que Odete Lara uma vez cozinhou arroz integral para mim. Compreende?

Devo estar chatíssimo, mais “blasé” do que nunca, com todo esse texto parecendo discurso do Partido Verde... Et voilà: sou também um pouco tolo, um pouco naive, um pouco pêra — e eternamente Bambi. Quando a barra pesa, compro flores e ouço Mozart, Não creio que isso seja gostar de uma “baixaria bem brega”. Além disso, essa linguagem rasteira absolutamente não combina com você

— um von Almeida Prado!

Sinto que o Brasil tenha ficado “ainda mais medonho” sem mim. Em compensação, a França parece ter ficado ainda mais encantadora comigo. Os livros caminham lindamente, críticas ótimas nos jornais e revistas mais importantes, rádio, TV. Ontem — foi hilário — dei autógrafo na rua, em Saint-Germain des Prés, para um garoto — estranhamente chamado Damour — que viu um dos programas de TV, comprou os três livros, deu vários de presente. Cheguei na editora rindo: meu Deus, a Laika de São Paulo, a negra sem ter onde morar, vivendo

com 500 dólares por mês, lavando roupa num balde sob o chuveiro, fazendo a feira toda sexta — dando autógrafo em Saint-Germain!

Por tudo isso, tenho me divertido muito, muito. Ontem, a poderosa de uma editora que recusou *Dulce Veiga*, após várias najices, me convidou para jantar no “Le Temp Perdu”, o melhor restaurante do Quartier Latin. Eu disse educadamente “não”, muitos compromissos muitas viagens. Se gostasse de uma “baixaria bem brega” aprontava uma grosseria em plena mesa de jantar. Mas não sou hipócritas Guila. Não sei fazer “jogo social”. Até saberia, mas não me interessa, tenho preguiça. Como Dulce V., eu sempre quis só “outra coisa”, e vou chegando a um ponto em que tenho pensado se essa “coisa” não será a solidão mais completa — e se não ela, essa solidão idealizada, porrada de gatos, rosas, Mozart e livros, será quem sabe somente a morte. Há que ter paciência para esperar por ela, que é a única certeza entre todas as nossas ilusões tolas. “Ah, quando virás, cavalinha, montar meu dorso fatigado!” — dizia Hilda Hilst (60 anos no próximo dia 21) num poema de um livro chamado *Da morte — Odes mínimas*.

A propos: você já viu *Short cuts*, do Altman? Não sei se chegou aí. Fiquei PARALISADO. Não é um bom filme: é genial, é uma radiografia um corte tão profundo e impiedoso na sociedade americana e na alma humana que vale por ter vivido uns 20 anos. Ensina muito sobre a nossa loucura, a nossa vulgaridades a nossa crueldade.

São de coisas assim que quero falar com você, meu amigo — cinema, literatura, música, vida. Que enorme desgaste trocar najices — gastar um cartão lindo daqueles (que vou ter que jogar fora, sorry, é muito ofensivo) mais selo, sem falar na produção sempre exaustiva de enfrentar os correios paulistanos — de hemisférios opostos. Ah, Guilherme, não me envie mais coisas assim. Não escreva nada, não nos procuramos mais: um dia nos cruzamos por acaso, de repente, e então vemos o que aconteceu a nossos rancores e reagimos de acordo com isso. Mas se você quiser me contar das suas funduras, e não apenas defender-se — e os amigos são, sim, para trocar abismos — então me escreva 10, 100 páginas, e eu responderei com calor, com carinho, com toda amizade que realmente sinto por você.

Continuo a sentir que Dulce Veiga é nossa, minha e sua. Te mando dois recortes simpáticos — um do *L'Express*, a *Veja* (com ética, claro) daqui. Outro do *Les Inrockuptibles*, uma revista chique e cult, um pouco

como a A-Z dos bons tempos, mas com circulação bem maior. Divida isso comigo, tem um gosto bom.

Ah: se você tiver o endereço/fone do Gianni seria maravilhoso. Pedi também a Cida Moreira, que precisaria pedir ao Ivan Mattos, que. E aí entra todo aquele mar de lama que você conhece, e que eu prefiro evitar.

Beije com carinho a divina Zu Val por mim: Zu, quero te ver cantando, com direito a muito jubão crespo, quando voltar. Diga a ela que, por aqui o Império do Bustiê também tem seu poder. A diferença é que os bustiês são Gaultier, Channnel e Yamamoto — embora para mim bustiê seja bustiê e pronto, no Champs Elysées

ou Taboão da Serrra.

E diga também ao Ricardo que mando um beijo. Cuide-se, fica feliz.

Je t'embrasse

Caio F.

A Gilberto Gawronski

Paris 24.04.94

Betinho, mon chér,
obrigado pela carta, pelos endereços e pelo recorte — Jesus! até o Betinho deu a Elza? Aproveito um domingo après-midi, com uma primavera esquisitíssima lá fora — um dia de sol, outro de frio, outro de chuva — pra te dar notícias. Em separado, estou te enviando um número da *Tribus*, a maior revista gay daqui, que eu acho ótima — a mistura au point de sacanagem & seriedade.

Meus livros estão indo muito bem. Amanhã faço outro programa de TV — o *Cercie de Minuit*, uma espécie de Jô daqui — e com isso arremato a fase “Caio F. & a mídia francesa”. Fiz todos os números — é tão cansativo — caras e bocas necessárias; ganhei meia página no *L’Express*, a *Veja* daqui (na daí nunca ganhei, como dizia minha avó, um biscoito seco...); perfil em *Les Inrockptibles*, uma espécie de *A-Z* dos bons tempos, com tiragem maior — toda a França — e mais rica. Levarei provas! Fez bem pro meu ego, que cada vez se satisfaz com menos, já que saí daí tão cadela, mas também deixou claro que criação é uma coisa, e essa badalação a posteriori outra completamente diversa.

Na verdade me sinto cada vez mais une vieille dame, sempre meio fatigada e necessitada de solidão. Tentei dar umas saídas — Anthony Bellanger, da *Tribus*, é uma companhia deliciosa — mas boate gay continua a ser o que sempre foi: a mesma coisa aqui, em Jacarta ou Jundiaí. Aqui é ainda mais patético, porque as bichas dublam melancolias de Edith Piaf ou Mireille Mathieu e acabam todas bêbadas e tristíssimas, jogadas sobre os balcões, com os narizes empinados para os estrangeiros. Quando desempenam, vão caçar árabes nos labirintos da Gare d’Austerlitz. C’est trop. Nem pensar uma almôndega ardente como aquela inesquecível que comandamos no Massivo. A propósito, mandei um cartão erótico pro Mauro Borges, o DJ do Massivo — lembra? aquele dos peitões. E eu não resisto a um par de peitões.

Tenho só uma semana mais de Paris, e não sei se parto — mas parto domingo próximo sem falta — para Skejeberg, na Noruega, ou para Lisboa. Na Noruega vive Augusto, meu amigo de adolescência, casado com um norueguês há uns 15 anos (casado-de-papel!) — mas estou em

CHAMAS para conhecer Lisboa, que virou moda entre gays e intelectuais e artistas europeus. Em carta, Gianni me conta que surpreendeu Jean-Paul fazendo uma chupetinha num bofe negro em plena boate gay lisboeta... Na casa de banhos, imagino. Pode? Mas eu, quietíssima. Santa. Mais que santa: deusa.

A Europa acaba com o meu libido. A periquita sossega.

Dei uma sorte danada: um pianista brasileiro, Braz Velloso, viajou para o Rio e me emprestou o ap. dele até 02.05. O prédio é sinistríssimo, parece aquele de Polanski em *O inquilino*, mas o ap. é ótimo. Tive alguns *entrevêros* com brasileirada que mora aqui (Betinho, como são nigrinhas! estão sempre procurando tirar vantagem e a postos para fazer najices), tirei o time e só mantive o M., que vive aqui há mais de 25 anos, e C. (ambas positivas, C. há 10 anos). Com M., hoje, vamos escolher trechos de Marília Pêra cantando para o meu programa de manhã — M., amigo de La Pêra, quer trazê-la com *Elas por ela*. Sim, eu já avisei tudo aquilo que você está pensando...

Mande um cartão ao Namatame, dizendo a ele que — na medida do possível — insista com Carlinhos Moreno e o *Quixote*. Mostrei por aqui, todo mundo adora — Claire quer traduzir para o francês (fica um problema no título, em francês perde-se a ambiguidade “mancha” e “La Mancha”). E o Robson Phoenix — fica de olho! — já devia ter estreado, não?

Volto só no comecinho de junho (vou usar a passagem até o último dia!), mas te juro que não tenho vontade de. Aqui, uma crise braba aussi, muitos adolescentes mendigos, e a cidade num grau de stress quase paulistano — engarrafamentos, poluição, atrolho generalizado. Mas você sabe, há uma sensação de dignidade sempre no ar. Tudo caindo aos pedaços, claro, mas educadamente. A barbárie de Là-Bas (para os franceses, todo país exótico & distante Là-Bas, seja Grécia, Nova Zelândia ou México) me faz mal.

Sinto que estou em plena meia-idade — une vieille dame mesmo. Eu só tenho pensado em escrever, além de ir ao cinema, claro. Ao teatro fui uma vez: três horas de *As troianas* de Sêneca, premiadíssimo e chatíssimo. Saí me sentindo com 96 anos. Depois de duas brahmas, comecei a me sentir com uns 80, mas até hoje não descí dos 60. AI QUE SACO QUE É TEATRO! Eu tenho impulsos horríveis e grosseiros de dar um bom zap! na embromação toda. Hécuba, Andrômaca e

Helena se retorciam demais, três horas em prantos — naturalmente vestidas de negro.

Mandei um postal a Jacqueline, mas não tenho ideia se ela continua a viver em SP — espero que não: NY é o futuro para La Cantore, e se ela der bobeira nisso, mandá matá! Como diz Déa, de quem *uivo* de saudades. Também mandei notícias. Sinto falta principalmente de you two, me faltam cúmplices por aqui!

Maior fico troteando pelos caminhos, mando notícias mas não posso receber. *Dá-las-ei* — que tal? — em chegando a Là-Bas. Espero que Ermel esteja muito bem, e você também. Arruma um telefone, nêga, porque assim fica difícil: tua mãe tem razão! Elas sempre têm. Ti amo sempre e je t'embrasse.

Caio F.

PS – Adorei saber das Borboletas — Beijo no Ricardinho B.

PS 2 – Relaxa com os endereços. Já consegui quase todos.

A Luciano Alabarse

Paris, 28 de abril de 1994.

Luciano, querido,
escolhi esse papel especial para você — tem de todas as cores, é reciclado e baratíssimo. Ah, o Primeiro Mundo — que está mais Terceiro do que nunca, caindo pelas tabelas de desemprego, crise daqui, crise dali. Espero que minha carta chegue. Pedi teu endereço à mãe, mas ela — ai, a idade — não mandou CEP e tudo e tal.

Te escrevo com o pé na estrada. Parto Domingo para Lisboa, que não conheço — bem nigrinha, vou de ônibus, 25 horas, c'est pas grave, j'espère... e volto a Paris dia 15 de maio só para pegar malas e correspondência, dar uma geral nas tropas. Aí parto para a Noruega, visitar Augusto, que vive lá há 20 anos, casado — de papel passado — com um norueguês, Henning (também conhecido como Gilda). Ambos me convidam para a colheita de narcisos da primavera. A frescura é tanta que, claro, não resisto.

Enfim: estarei chegando a SP dia 8 de junho. Fone/Fax — anote lá — iguais: (011) 283.13.33. Pnsei em ir logo a Porto, mas acho que só vai dar no fim de agosto, porque tenho muita, muita costura pra entregar em Sampa.

Parto de Paris um tanto fatigado, trabalhei muito na divulgação dos livros, mas contente. Deu certo! Fiz dois programas de TV — um só de escritores, outro com um grupo de “artistas” — este segundo, imagina, era com Isabella Rosselini lançando seu filme *État second*, ela e Jeff Bridges. A Rosselini é simpática, simples e um tanto quanto larga nos quartos... Saíram críticas ótimas em jornais e revistas, a melhor no *L'Express*, a *Veja* francesa com ética. *Dulce Veiga* está indicado para o prêmio de melhor romance estrangeiro — prêmio Laura Battaglion, 100 mil francos, metade para o autor, metade para o tradutor. Acho que não levo — sai em junho — porque tem gente tipo Philip Roth e Paul Auster no páreo, mas anyway já valeu a indicação — são só 10.

Enfim, trabalhei — trabalhei, fui a duas ou três boates gays muito chatas e iguais, fui muito a cinema (fique atento a *Short cuts*, de Robert Altman, e *Gilbert Grape*, de Lasse Halstrom) e sobretudo estou numa relação maravilhosa comigo mesmo. Meu francês soltou-se, falo

maravilhosamente e faço tudo com o maior desembaraço e sozinho. Alguma coisa em mim parece que *laceou*, eu era tão cheio de medos. Aprendi também a não contar muito com os outros: na medida do possível, faço tudo só. Dá mais certo.

Mas no meio de tudo isso, sinto o tempo todo uma enorme vontade de ficar só e escrever, escrever, escrever. Pareço a Orlando da Virginia Woolf (que Isabelle Hupert faz no teatro aqui: não havia entradas!) carregando seu manuscrito inacabado séculos afora... Até hoje não sei o que você achou do meu *O homem e a mancha* — que o Carlinhos Moreno tava de saia-justa para montar em SP. Imagina que ele me disse que achava *bom demais* para ele?

Meu anjo da guarda sempre forte me jogou no caminho de um pianista brasileiro — Braz Velloso — que me emprestou seu ap. enquanto foi ao Rio ver o namorado. Ouvi muita, muita Callas. Embaixo mora outro pianista brasileiro, Rafael Hime, primo de Francis, que também tem sido um anjo. Muitos anjos, sim, mas para manter o equilíbrio também muitos, muitos demônios. Na verdade, até poucos: acho que — graças a Deus — têm medo de moi.

Falo sempre em nossa deusa Calcanhoto (outro dia falei nela numa crônica que enviei para o *Estadão*) e ouço-reouço sempre, quase sempre na estrada, apoiado em alguma vidraça de ônibus, trem ou avião, e choro sempre com “eu ando pelo mundo prestando atenção em cores”. Pedi ajuda a algumas pessoas no Brasil para recuperar endereços, mas não recebi respostas. Quem me escreveu mesmo foi Lygia Fagundes Telles, e minha mãe — que mãe é mãe.

Mas não me queixo. O amor que sinto pelos outros quase sempre é suficiente, não precisa nem ter volta.

Será a sabedoria? Ou apenas a meia-idade? A propósito desta, ando com altas dores no lombo. Totalmente descadeirado. Divido receitas com Falleiro, que está aqui para escrever sua tese de mestrado e também começa a sentir os, digamos, rigores do tempo. Ah, Cronos!

Se alguém perguntar por mim, diga que estou noivo de Isabelle Adjani — mas no fiquei metido e mando beijos. Espero que sua vida, amores, projetos, trabalho, saúde e tudo o mais estejam luminosos, cheios de energia. Felicidade, je t’embrasse très fort.

Caio F.

A Gilberto Gawronski

[Noruega] 31.05.94 [cartão]

Betinho, honey

Estou no sol da Noruega — 1 paraíso à beira de um fjord, de um amigo há 26 anos, Augusto, e seu husband Henning (de papel passado!). Andei por Lisboa (trash!) e Estocolmo (depois de 21 anos...). Estou *feliz*, saudável, animado e sexy que é um desperdício...

Comecei a contagem regressiva de volta aos trópicos — chego dia 8 (mesmo telefone). Espero que os deuses sejam favoráveis. Espero também que todos os teus projetos estejam andando bem (beijo no Ricardo Blat). Volto para trabalhar muito (gastei horrores), mas provavelmente em outubro devo voltar para a Alemanha.

Arrumei um namorado na França — um pintor da Patagônia — so beautiful.

Tudo tem sido perfeito, só sinto falta de negrões tipo este [121](#). 1 beijo para Jacqueline (the cold one), outro para Ermel. Muito amor.

Seu

Caio F.

[121](#) Caio se refere à foto do cartão-postal.

A Luciano Alabarse

São Paulo, 25 de julho de 1994

Querido,

não estou seguro do teu endereço — perdi minha agenda em Londres — então escrevo a/c secretaria da Cultura — espero que chegue.

Te envio, na xerox, um presente. Tenho certeza que você vai gostar muito, muito. A história é totalmente verdadeira: puro mistério.

Voltei há pouco mais de um mês. E caí doente. Perdi *oito* quilos; estou quase transparente! Tomo mil antibióticos — a médica acha que é um daqueles vírus viciados em antibióticos, que exigem doses cada vez mais fortes (vírus *junkies*, pode?). Amanhã faço 300 exames de tudo que você possa imaginar, inclusive o HIV, que nunca fiz. Naturalmente a saia é justa, mas como a fé é larga, fica tudo equilibrado. Coloco nas mãos de Deus.

Meu *Quixote* (até hoje não sei a sua opinião!) está *empatado* por Carlinhos Moreno, que não se decide. ¹²² Imagine, ele acha *bom demais* para si mesmo. Acha que não tem pique, garra. No momento, deixou para o ano que vem. E eu revi coisinhas no texto — gosto muito, confesso — e vou inscrevê-lo num concurso para dramaturgia inédita.

Gilberto Gawronsky está aqui, e me falou que você planeja levar *Uma história de borboletas* para um festival aí em POA. Achei maravilhoso. O Ricardo Blat faz divinamente. E quem sabe seria uma oportunidade para voltar à nossa velha e boa carroça? Ando morto de saudade daí, tchê. Mas cheguei muito duro (viajei tudo a que tinha direito, inclusive Estocolmo, depois de 21 anos, que passaram como um sopro) e precisei pegar muita costura pra fora, não dá pra viajar.

Queria saber notícias suas — coração, cabeça e tudo mais. Estou no mesmo apart-hotel (tenho que voltar a Alemanha em outubro, França em novembro). *Dulce V.* está sendo um sucesso na França, ganhei meia página no *Le Monde*, meia no *L'Express*, entrevistas e críticas ótimas em jornais, revistas, rádios, TVs (que têm programas literários, ai o luxo do Primeiro Mundo!). Então estou feliz — como a aranha, vivendo do que teço.

Fica com Deus. Te abraço com carinho, seu

Caio F.

[122](#) O ator de cinema e teatro Carlinhos Moreno, conhecido como o Garoto Bombril dos anúncios da TV, não quis mesmo realizar a peça *O homem e a mancha*, a qual explora dramática e metaforicamente o estigma da Aids. Foi montada em Porto Alegre em fins de 1996, com direção de Luiz Arthur Nunes e atuação de Marcos Breda.

A Maria Lídia Magliani

São Paulo, 16.08.94

Magli querida:

Pois é, amiga. Aconteceu — estou com AIDS — ou pelo menos sou HIV + (o que parece + chique...), te escrevo de minha suíte no hospital Emilio Ribas, onde estou internado há uma semana... ¹²³

Ah, Magli, que aventura. Voltei da Europa já mal — febres, suadores, perda de peso (perdi — imagina — oito quilos), manchas no corpo — e sem um tostão. Não vou te contar todos os detalhes dolorosos dos 2 últimos meses — mas meu santo é forte e mandou aquele nosso velho anjo da guarda chamado Graça Medeiros, vinda de NY pqe o irmão de S. [...] está terminal [...] Depois de pegar o teste positivo, fiquei dois dias ótimo, maduro & sorridente. Ligando pra família e amigos, no 3º dia *enlouqueci*. Tive o que chamam muito finamente de “um quadro de dissociação mental”. Pronto-Socorro na bicha: acordei nu amarrado pelos pulsos numa maca de metal... ¹²⁴ Frances Farmer, Zelda Fitzgerald, Torquato Neto: por aí.

Tiraram líquido da minha espinha, esquadrinharam meu cérebro com computador, furaram as veias, enfiaram canos (tenho 1 no peito, já estou íntimo do tripé metálico que chamo de “Callas”, em homenagem a Tom Hanks), etc, etc. Não tenho nada, só um HIV onipresente e uma erupção na pele (citomegalovírus) que cede pouco a pouco...

Maria Lídia, nunca pensei ou *sempre* pensei: por contas e histórico infeccioso feito com o médico, tenho isso há *dez* anos.

E pasme. Estou bem. Nunca tive medo da morte e, além disso, acho que Deus está me dando a oportunidade de *determinar prioridades*. E eu só quero escrever. Tenho uns quatro/cinco livros a parir ainda, chê. Surto criativo tipo Derek Jarman, Cazuzza, Hervé Guibert, Cyrill Collard.

E estou cercado de anjos. Minha irmã Cláudia — sempre a mais brava e bela — veio de POA. Ficou dois dias. Todos da família lidam bem com a coisa. Nair, a espantosa, não ficou *nada* chocada: já sabia... só ela sabia. Mas nunca duvide de mães. E amigos ótimos, visita todas as tardes, muito amor, maçãs e chocolates.

Ganhando alta aqui, mais uma semana, vou para POA. Quero ganhar forças para enfrentar Frankfurt e dois congressos na França em outubro/novembro. Não sinto nenhum rancor, nenhuma mágoa. Chorei algumas vezes porque a vida me dá pena, e é tão bonita. Passeio pelos corredores da enfermaria e vejo cenas. Figuras estarrecedoras. Saio dessa mais humano e infinitamente melhor, mais paciente — me sinto privilegiado por poder vivenciar minha própria morte com lucidez e fé.

Te amo muito. [...] Beije Marijô por mim (adoro escrever Marijot).

Nada disso é segredo de Estado, se alguém quiser saber, diga. Quero ajudar a tirar o véu de hipocrisia que encobre este vírus assassino.

Mas creia,

estou equilibrado sereno, e às vezes até feliz. Muito amor, seu

Caio F.
(finalmente um escritor positivo!)

PS — Ouço muito Maria Callas, sobretudo a ária final da *Butterfly*, que Augusto me deu. Difícil ouvir outra coisa.

PS — Não se preocupe. Não fique triste. Tudo me parece muito lógico: Que outra morte eu poderia ter? É a minha cara! E futilidade sempre foi matéria de salvação: convenhamos que é muito moderno, muito in...

Só choro às vezes porque a vida me parece bela (O sol. As cores. As coisas). Mas é de emoção, não de dor. Tá tudo certo.

Love

Love

Love

It's

All

We

Need

Always

[123](#) Alguns dias depois, em 21/08/94, Caio comunicou a má notícia a seu público leitor na coluna quinzenal que mantinha no jornal *Estado de S. Paulo*. A crônica intitulava-se “Carta para além dos muros” e encontra-se publicada na pág. 96 do livro *Pequenas epifanias*, lançado em 1996 pela Ed. Sulina, organizado pelo amigo e secretário de Caio, Gil França Veloso. No livro, a crônica integra um tríptico: há uma primeira e uma segunda carta para além dos muros e há, ainda, uma terceira, “Mais uma carta para além dos muros”, publicada em jornal no dia 24/12/95 — uma crônica antológica, sobre a cara da morte. *Pequenas epifanias* tem edição de 2014, pela Nova Fronteira.

[124](#) Caio foi amparado neste momento por Gil Veloso e pela amiga Déa Martins. Déa seria também a pessoa que estaria com ele em dezembro de 1995, no retiro solitário na praia do Rosa, que constituiu, por assim dizer, o último ato em vida de Caio F. Muito debilitado pelo colapso imunológico, tendo passado no ano de 1995 por cirurgias e tratamentos contra cânceres sem perder a lucidez nem interromper o trabalho de escritor, Caio fez questão nessa quinzena de praia de mergulhar no mar, mesmo entre febres. Voltou então para Porto Alegre, onde pouco depois do Ano Novo contraiu a pneumonia que o levaria ao delírio e ao falecimento em 25 de fevereiro de 1996.

Magli Magoo, my darling,
cheguei a ouvir daqui o grito de horror que você deu ao tocar nesse xuxesco envelope pink. Pura implicância.

Rapidinho, pra te dar notícias antes de viajar — parto dia 4 de outubro direto a Frankfurt, depois 10 cidades alemãs, depois três semanas em Arles (uma minibolsa, numa Casa de Escritores e Tradutores que funciona, dizem, no prédio onde morou Van Gogh — será possível?) — e me vuelvo só lá por 25 — 30 de novembro. [125](#)

Estou fortinho & tudo & tal. Hoje peguei o resultado de primeiro exame de sangue pós-AZT e plaquetas leucócitos linfócitos e Tês-4 e todas aquelas coisas sanguíneas, segundo a médica, estão maravilhosos! Saí do Hospital das Clínicas e fui rezar na Igreja do Espírito Santo, bem em frente à Redenção, enquanto lasanhas agora proibidas exibiam peitos e coxas pecaminosos para a manhã primaveril.

Falei longamente com Xô por telefone, depois encontrei-o no Theatro São Pedro. Está muy guapo e indo para a Itália. Tenho reencontrado boas pessoas aqui — Aida, a Tenaz, inacreditavelmente jovem; Valquíria Peña, inacreditavelmente idem e quetais. Mas fico pelo Menino Deus, mal atravesso a ponte que leva a urbs ensandecida. Et ça marche bien. Pai & mãe soft gagás, dá pra lidar, Nair às vezes fica me seguindo pela casa enquanto conta histórias intermináveis. Mas me enervo pôco, depois de toda essa saia justa, viver me parece um luxo, mesmo nos detalhes mais aporrinhantes. Ando feliz, c'est bizarre, non?

Te mando um livrinho tosquérriimo que fiz com as três últimas Crônicas do *Estadão*, usando como capa esse belo cartão da Deutsche AIDS-Hilfe. O telefone não para de tocar, querem entrevistas para todo canto sobre estar-com-AIDS. Me recuso — quando o “gancho” é o vírus pelo vírus. Argh. Quero falar do meu trabalho, pô! Se perco o pé acabo no sofá da Hebe dizendo coisas do tipo ah, o HIV é uma gracinha...

Dê um beijo estalado (ou estralado? Ou estrelado) em Marijot, cuide de seu coração e — mau conselho — fume. É bom. Também tenho tentado me controlar, ou pelo menos não passar de um maço. Mas catso, já não posso beber e sexo nem pensar nem como açúcar — ninguém é de ferro! Acendi um Marlboro em sinal de protesto.

Ah, obrigado pelo oferecimento de help financeiro. Mas graças a Deus, não é preciso. Declarei “oficialmente” meu caso (?) — o que significa que tenho atendimento gratuitos até me dão alguns remédios —, há uma espécie de (???) sei lá, digamos *amparo* aos soropositivos. E quando precisei do Rio, Lucinha Araujo e Scarlet Moon ajudaram muito, conseguindo de graça um remédio americano que custava quatro mil dólares o grama! Custa caro não morrer, honey. Morrer também. Viver não menos...

Mas tô ótimo, voltei até a usar reticências e pontos de exclamação. Espero vê-la em dezembro para um estonteante pôr-do-sol à beira do Guaíba, um beijo e votos de força na peruca!

Seu

Caio F.

[...]

PS – Um beijo no Maschio.

[125](#) A parte francesa da viagem não se realizou. Caio antecipou sua volta ao Brasil, logo após percorrer a Alemanha no programa de leituras públicas e conferências organizado em paralelo à Feira de Frankfurt, que no ano de 1994 foi dedicada ao Brasil.

A Lucienne Samôr

POA 29.09.94 [cartão]

Lucienne, querida:

Tenho chamado muito Rafael, para que verta o conteúdo de sua ânfora dourada em meu sangue, para purificá-lo. E Nael, meu amigo particular, me protege sempre. A tal ponto que consegui transmutar o HIV numa coisa boa dentro de mim.

Depois de quase morrer ando feliz agora. A emoção, estranhamente, parece “curada”. Falo sempre de você (e me pergunto, e os livros?), mas nos últimos anos a vida me levou para lugares inimagináveis.

Viajo dia 4 para a Europa mas, nos final de novembro, estou de volta. Não vamos nos perder.

Muito amor, seu

Caio F.

A Gilberto Gawronski

POA 04.11.94 [cartão]

Betinho querido:

Comprei este cartão — so sexy! — em Berlim especialmente para você. Não mandei e voltei antes do previsto — um sarcoma na ponta do nariz começou a encher o saco. Mas achei um médico *LINDÍSSIMO* aqui (uma bicha realmente contemporânea se apaixona pelo imunologista — psicanalista é *old fashioned*) e segunda começo um tratamento. Leve, dizem. Ando bem fortinho, regrado, tranquilo.

Instalo aos poucos o computador e me preparo para o que vier. Andou ligando Natália Lage (starlet global, antininfeta, parece do bem) querendo montar contos meus. ¹²⁶ Sugerir seu nome — e talento — para dirigir.

Venha para o Natal, vamos gritar um pouco nas festas do fim-de-ano? A cidade tá linda, cheia de luz e bandeiras do PT. Hoje plantei anêmonas coloridíssimas no jardim.

Força no jubão imaginário e beijos.

Caio F.

PS – Jaciiiiiiiiiiiiira!

¹²⁶ A atriz Natália Lage montou e percorreu o país em 1996 com o espetáculo *À beira do mar aberto*, baseado em textos de Caio.

A Cida Moreira

Gay Port, 18 de novembro de 1994.

Querida La Moreira,

Foi ótimo voltar da Alemanha e encontrar tua carta. Gracias, tchê. Desde então tenho me programado pra responder, mas desde que instalei este microsoft (chama-se Robocop, é um pônei laptop) mergulhei num labirinto de windows, deletes, bits & informatizações do gênero. Agora que já tenho the Little Rob sob controle ¹²⁷, posso escrever.

E te escrevo ao som de Marina “acho que vou resistir” (eu também!), nem dez de uma manhã meio chinfrim, embora primaveril, nada de sol hoje. Tenho acordado por volta de seis, seis e meia, fico cuidando do jardim — plantei muito, e tudo brota, anêmonas, dálias, amarílis, lírios, margaridas, mas arrumei um inimigo mortal: caramujos canibais, do mal, que adoram comer brotinhos tenros —, depois sento em Rob para trabalhar, com a ajuda de Barbarella, a impressora. Desconfio que um é a identidade secreta do outro, compreende? Reviso *Morangos mofados* para uma nova edição pela Cia. das Letras, jurei que entregava before Christmas, mas muy virginiano tenho ganas de mexer em tudo, preparo também *A volta das frangas*.

Neste, uma das protagonistas deve ser Cesária, a Enfrentativa que, não sei se você lembra, foi a senhora mesmo que me trouxe de São Luís do Maranhão. Cesária é morena, naturalmente, com um bom jubão crespo, óbvio, e um ar antipaticíssimo — separatista, acha que o Maranhão é puro Caribe. De perfil, lembra um pouco Sílvia Pfeiffer. No fundo é boa gente apenas orgulhosa quando ouve um reggae larga tudo e deixa baixar um Bob Marley de frente. O problema é que ela dança reggae com se fosse lambada, pode? Moreira, honey, ando muito feliz. Não é insensato? E Marina canta, “e eu? Sigo latindo”. Eternamente Laika, mas sabe que todo esse bode me forçou a tomar decisões que adiava há anos, como se fosse imortal. Adoro Porto Alegre; sempre quis voltar para cá, mais exatamente para o Menino Deus, esta ilha verde separada do resto pela ponte da Ipiranga; @ sempre quis ter um jardim, sempre quis escrever o dia inteiro, sempre quis — bem tia — acompanhar o crescimento de meus sobrinhos (três gremlins: Rodrigo, um Virgo-copio

de 11 anos, very enfrentative e informático; Laurinha, um sex symbol de quatro anos, que fala corretissimamente com todos os esses e erres, desenha muito bem e adora Frida Kahlo (“Tio Caio deixa eu ver de novo aquela mulher de bigode?”); e *last but not least*, Felipinho, de ano e meio, com uma carinha inacreditavelmente feliz e louco por frangas ¹²⁸, mal vê uma e começa a gritar gangá-gangá!).

Criança, descobri, é mais curativo que AZT. Então estou assim, muy tia, e daquelas tias solteironas carentes exploradas pelos sobrinhos, a quem cobre de presentes e estraga completamente a educação dos pais. Daquelas tias que ficam na memória, tipo a Clotilde de *Éramos Seis* (que bela atriz Jussara Freire, hein?). Mas como eu ia dizendo, agora que a saia-justa-de-couro-cru-sem-fen da-em-nesga pintou, é hora de fazer tudo que sempre quis. E é maravilhoso ver que Tudo Que Sempre Quis é simples, belo, acessível, fácil, do bem. É precioso exatamente porque pode ser fugaz. Comecei a aprender isso no hospital, continuo aprendendo.

E tô bem, fisicamente. Arrumei um médico ótimo aqui, é o guru das positivas — tratou de Lori Finokiaro ¹²⁹, a mais demente (eu adorava ela, era a verdadeira Laurinha), trata de Alziro Azevedo ¹³⁰, o cenógrafo favorito de Luiz Arthur Nunes, do namoradinho de A., e muitos mais (Gay Port, boa Scorpio que é, é também muito *positiva...*).

Ontem levei um exame de sangue: aleluia, a anemia foi-se! Recuperei peso, as cicatrizes desapareceram a golpes de própolis e lama de Araxá, Cecilia Niesenblatt me trata com florais alucinantes, remexer na terra me dá a energia que falta. *Et voilà*: cuidado comigo que ainda encherei a cara no réveilion do 2000, axé!

Quando leio ou vejo Sampa/Rio pelos jornais e TV, me dá um enorme alívio de não estar mais aí. SP virou duas, no mínimo — uma Haiti, outra Miami. A porção Haiti está nas ruas, basta sair e você esbarra nela; a porção Miami nos segundos cadernos dos jornais. Oh Deus. E agora com Mano Covas vai ficar ainda mais *fake...* O Rio, no comments. Ontem me deu vontade de chorar quando vi os tanques pela cidade. E aquele número de telefone que você pode dedar bandidos?

Alemanha nazista perde. Rezar adianta? É o que se pode fazer, yo creo, como diria Caetano Iglesias (ou Julio Veloso?).

Mas é isto. A Alemanha foi sweet, com direito a bosques dourados de outono, *Dulce Veiga* com boas críticas e já entrando em segunda edição,

Ray-Güde, a fada madrinha, perguntando por vosmicê, muitas vaidades literárias e também gente do bem em volta (Sérgio Santana, Ignácio de Loyola, Lygia, Ivan Angelo, Zuenir Ventura). Fiquei inseguro com a saúde — o frio começando, aquele entra-e-sai de ambientes superaquecidos —, melhor voltar. E agora com Robocop, que também tem fax e modem (ainda não instalados), mais a TV a cabo chegando, ah não quero mais sair do Menino Deus. Hoje deveria estar em Viena, mandei um vídeo. É o admirável mundo novo, baby...

Nossa Betty Boop particular sei que está linda — e certamente enfrentativa: te prepara para a adolescência, meu bem, e todos aqueles rapazes ciscando em volta... Dá um beijo nela, que não deve lembrar de mim, e a quem perguntar por mim diga que estou assim um tanto camponesa, calos nas mãos por causa da enxada no jardim, mas sempre umas gotinhas de Paloma Picasso no banho de descarrego. Please, send me a letter, fique feliz e — catso! — me um cassete de você cantando Xico B., tá prometido há anos, o Natal vem chegando.

Tenho acordado cada dia com uma cantora, andei apaixonado por Zizi Possi cantando *Bom dia*, hoje foi Marina, vezenquando Cássia Eller (com restrições) — mas deixei todos os teus discos em SP (Gil tá mandando um *carreto*).

O mais são beijos neste negrito, porque apertei alguma tuda errada, oh doido deus das máquinas! Te quero feliz, cheia de vida, alegria, energia, amor.

Bacio caldo

Caio F.

PS – Se encontrares o velho e bom Herton Roittman (nunca soube quantos tês e enes tem o nome dele), dê lembranças minhas, OK?

PS 2 – [...]

PS 3 – Vês que informático chinfrim me sai? Preciso tocar o papel com as mãos!

[127](#) Ledo engano!

[128](#) Será genético?

[129](#) Lory Finocchiaro, cantora de rock, morreu de Aids em 1993. Irmã da também cantora Laura Finocchiaro e da atriz Deborah Finocchiaro. Caio inspirou-se nas irmãs Finocchiaro para compor sua personagem Dulce Veiga.

[130](#) Alziro Azevedo, cenógrafo, falecido de Aids em 1994. Um teatro na UFRGS foi batizado com seu nome.

A Gerd Hilger

Gay Port, 18 de novembro de 1994

Lovely Gudrun,

Não resisto à tentação de responder imediatamente à tua carta, ao som de Elis cantando alucinadamente *As curvas da estrada de Santos*. Hoje morreu Ronaldo Bôscoli, que foi casado com ela e também teve um trançetê com Nara. Penso muito, muito em você — e tive uma idéia: quem sabe na próxima encarnação venho mulher e você homem (ou o contrário, querida!) para podermos casar? Ou quem sabe lésbicas, machorríssimas, talvez em Papeete, com jubões crespos e enormes clitóris duros como mármore? Te piace, cariño? Bueno, questão de bom comportamento nesta encarnação (o que já é complicado). A propósito, ontem vi um adesivo num carro que é a nossa cara: “Good girls goes to heaven/bad girls goes everywhere”. Não seria uma bela epígrafe para nossas futuras autobiografias? Think about that.

Gerd Alberto da Silva Hilger, como o senhor é guloso! Já pedindo foto da MINHA lasanha completamente pelado(a)... Para seu governo, honey, eu recém comecei a pegar amizade, ontem foi apenas a *segunda* vez que nos encontramos! Mas falando sério — God! — que homem GOSTOSÉRRIMO... Claro que estou achando que tudo era fatal, e que fiquei doente apenas para conhecê-lo, e que natural e inevitavelmente ele também vai se apaixonar por mim, e que movido pelo amor descobrirá algum medicamento fantástico que me salvará a vida e certamente logo depois iremos viver em alguma ilha do Pacífico Sul (ou norte, ou leste, oeste, tanto faz) onde seremos felizes para sempre — e o senhor Não será convidado a nos visitar, a não ser que leve o Valdir junto, OK?

Segundo a Lasagna, milagrosamente estou curado da anemia — que é o pior efeito colateral do AZT. Ele não entende como. Mal sabe que ele é o próprio remédio. Colocou meu nome em PRIMEIRO lugar numa lista para testar um remédio novo (vês?), e ficou me perguntando por que raios até hoje não achou uma

mulher perfeita. Claro que pensei “evidente, meu bem, você ainda não me conhecia”, mas segurei nas perolas sobre o tailleur bege, muito, muito discreta. Agora a parte triste: me pediu para voltar lá só daqui há

um mês... Mas pediu meu telefone fingindo que era para a ficha, eu, hein?

Bom, te mantereii informado do andamento dos trabalhos. I promess.

Ah, é Leo, ascendente Sagitário, lua em Aquário, no chinês Boi da hora do Macaco, nascido numa quinta-feira com Oxóssi de frente. Afinal, e meu PhD em feitiçaria branca (ou pink, vai lá), meu bem?

Gerd Antonio do Amaral Hilger, como você se lamuria! Tudo por causa do Jorge Andrade? Mande rezar uma missa pra ele te deixar em paz, e lembre-se que você é um rapaz bem-amado, mora bem, come bem, tem carro, vídeo, CD. Pense na Bósnia, pense em Laika, a verdadeira, sozinha, uivando para o infinito em sua pequena cápsula espacial. E força no salto sete, nega! Você vai, sim, escrever uma tese deslumbrante — sim, porque você é tão falsa, meu bem, que conseguirá enganar a todos, o texto vai dar a impressão que você morria de amor pelo tema —, merecedora de um jantar chez Sábado e Edla, com direito a atores globais literalmente lambendo — again — seus sapatos. Espere e verá.

Estou, graças a Deus, muito bem. Acordo cedo, durmo cedo, cuido muito do jardim. Plantei muitas flores, hoje foi uma roseira vermelhíssima, para aproveitar a Lua Cheia em Áries. Tudo brota, fica lindo. Mas consegui arranjar um inimigo mortal: caramujos canibais DO MAL que adoram roer brotos verdinhos (carne fresca, né, quem não gosta?). O japonês da floricultura me recomendou um remédio chamado Lesmol, adorei o nome. Estou feliz, em harmonia. Muitos florais de Bach (o médico, burra, não o compositor), muitos cristais, muitos chás de ervas, muitos passes — muita veadagem, é vero — e força no AZT. Amigos maravilhosos, hoje recebi um material da bela Karin, um remédio novo & tudo & tal. Não vão acabar comigo, porra, não tenho tempo de morrer agora, saco.

Troquei a Elis pela Dietrich para me dar um clima assim, digamos, deutsch. Rolo de rir com ela cantando *Paff, der Zauberdrachen* e também adoro *Bitte geh'nicht*, vou acabar aprendendo alemão — sou mesmo muito chique. Aliás, ontem, tomando um banho de ervas de candomblé, não resisti e botei sete gotinhas de Paloma Picasso. Tenho várias teorias novas sobre a futilidade como arma essencial para a sobrevivência nestes hard times.

Procure vezenquando Christoph, aquele alemãozinho alasanhado seu vizinho e sempre às voltas com muitas filhas e esposas grávidas, partos de cócoras, mamadeiras e fraldas. Ele é do bem, precisa só de um empurrãozinho. E claro, de mais pêlos no peito. Mas isso a gente até releva.

O vídeo — e toda a pornô decorrente — vou me dar de Natal. Vou fazer compras em Montevideú, pode? Mandarei post-cards provando. Se você souber de algo que Andy Garcia tenha feito na extrema juventude, antes da glória, me informe. Também aceito de Mel Gibson. Bem, mais que apenas algo...

Ando muito ordinária e vadia — mas só na mente. Desde fevereiro último, Teresa de Calcutá perde. Mas não perdi o sex-appeal, logo mandarei fotos. Minhas, do médico — Eduardo Sprinz, é de origem deutsch, imagino, só podia ser, vocês alemães são um Karma nesta minha vida de retinas fatigadas — pode esperar sentado.

Entardece suave. Com o horário de verão, até 21h30 tem luz, fica meio escandinavo. Hoje eu deveria estar em Viena, com Frank Heibert. Mas estivesse lá, não teria conhecido a lasanha: vês como Jesusinho escreve certo por linhas tortas (ou será o contrário?). Anyway, não perca a fé, força no jubão, beijos em Valdir e muito, muito amor do escritor mais positivo que você conhece.

Always yours,

*Caio F.
(o primo Brazilian de Christiane)*

A Marcelo Sebá

Marcelo, pubrido:

... e no oitavo dia,
crusto de tanta seriedade.

Deus criou as quairas - que
imediatamente criaram as hastes
grys, as savvas, as unzadas
da katro, os bodis de plumets,
os saltos altos, o batom, os
dos files de moda, os poros
do sol, a lua elicia, etc. &
ete. - e Deus enfim

relaxou, porque toda ficus uvito,
moito mais desertido, e do
contrário do que conta a
lenda, só no 10.º dia é
que conseguiu descansar de

toda a vacirico (o que
dizem, até hoje não conseguiu
completamente). Tudo amor
do deus


Cris F.

A Lucienne Samôr

Gay Port, 11 de fevereiro de 1995

Lucienne, muito querida,
achei que você gostaria dessa foto. É bem recente, de outubro último, no pátio de uma casa em Bad-qualquer-coisa, uma cidadezinha alemã. O rapaz atrás de mim e de Sérgio ¹³¹ é Frank Heibert, nosso editor alemão. Ríamos muito, sempre. Imagine: eu soropositivo, Frank diabético e Sérgio recuperando-se de uma cirurgia de catarata que quase lhe levou a visão. Mas éramos sempre os mais felizes, talvez por já termos visto a cara da morte?

[...] Andei viajando — Rio, Fortaleza, um mar muito verde (e tanta miséria atrás do cartão-postal). Voltei afogado de trabalho, e vou segunda para SP gravar um programa para a TV Bandeirantes. Não gosto, mas preciso ir a Sampa e, enfim, eternamente Laika, topo tudo por uma passagem e duas noites num hotel cinco estrelas (adoro ficar deitado pedindo coisas por telefone).

Escrevo, escrevo, escrevo. Quando paro, ando de bicicleta, cuido do jardim (explodiu em girassóis, almandas, petúnias e gladiolos — está lindo), faço yoga e leio a biografia de Clarice Lispector escrita por Nádia B. Gotlib, saindo pela Ática (leio as provas) ¹³². Que vida, minha irmã: dá vontade de reler toda a obra dela. Mas não, porque então paro de escrever. Clarice disse tudo? Certa vez um crítico do *Le Magazine Litteraire* disse que meu texto parecia “o de uma Clarice Lispector que tivesse ouvido muito rock’n’roll e tomado algumas drogas”. Fiquei lisonjeadíssimo.

Ando bem, o único problema físico é o sarcoma de Kaposi. Passo mal as noites, suores, aflições, pesadelos. Perdi oito quilos, recuperei quatro com superalimentação e ginástica (é bom “botar corpo”), vou acabar ficando um bofe cheio de músculos. Às vezes, sobretudo agora, verão e lua quase cheia, me surpreendo melancólico pelas noites a suspirar na sacada espanhola, com vontade de chorar. Choro quando consigo. Ou ouço Caetano cantando *Contigo en la distancia*, e choro mais. Não tenho pena de mim, mas por vezes sinto falta de amor. Fico sempre muito só. Vivo no Menino Deus, não em Porto Alegre, onde já não conheço quase ninguém e virei uma espécie de figura pública

desumanizada — todos-o-admiram-mas-ninguém-o-convida-pra-dançar-porque-é-perigoso, você conhece esse filme, não?

A vida nos prepara cada cilada, já cantava Elis (choro sempre quando a ouço), e continua: e é inútil se tentar fugir da longa estrada, lembra? Passei dias lindos com Graça Medeiros, no Rio. O irmão da [...] S. [...] morreu de Aids há um mês e me deixou o que chamei de *kit-salvação*, mil remédios novos (alcaçuz chinês, pílulas do timo de cabras, etc.), farinhas engordantes, anabolisantes naturais (ele era biólogo, tentou desesperadamente viver — decidiu morrer quando começou a perder a visão e os movimentos). [...]

O sol começa a baixar, vou pegar a bicicleta e ver a lua quase cheia subir na beira do rio. Pedalo até a usina do Gasômetro, onde tem um bar-barco, você toma uma água, o barco balança e você se sente no terceiro uísque. Oxum grita nas águas, lindíssima, e há muitos rapazes suados correndo lindos feito cavalos, as ilhas ao longe, no horizonte de quem vai para a Argentina.

Ando com uma felicidade doida, consciente do fugaz, do frágil. Te amo sempre, só não escrevo mais porque meu tempo realmente é escasso. Me mantenha informado da novela do SLMG [133](#), quero colaborar, sim. Fiquei com — é horrível, mas que se há de fazer? fiquei mesmo — pena do Duílio Gomes. Lygia Fagundes gosta muito dele, sempre pergunta e nada sei dizer. Lembro que Cazuzza dizia sempre “Fracassar é feio e triste, O bonito e o bom é vencer.” Claro *que fracasso e vitória* são coisas muito, muito relativas. Telefone. Déa do Rio. Sinto falta do Rio, sinto falta de Déa. É uma fonte alternativa de energia, produtora de rock, já produziu Paralamas (adoro), Fernanda Abreu, Titãs, agora vai começar com Rita Lee — que anda um tanto quanto pazzo, Déa está com medo.

Seis horas. Vou pedalar, ver os rapazes.

Je t’embrasse três tendrement

Caio F.

PS – Minha relação com minha mãe tá tão, tão difícil. Ela castrou todos os machos da família, menos eu, que sou homossexual (graças principalmente a ela, fora o karma, claro). Não sinto mais pena nem culpa. Ando duro com ela, cortante como aço. De muitas formas, todo o dia ela tenta me matar com sua voracidade e imensa frustração. Não vai conseguir. Sorry pelo desabafo. Mas acabo de sair de outro *entrevêro*...

[131](#) O escritor Sérgio Sant'Anna.

[132](#) Nádya Bateila Gotlib. *Clarice: unia vida que se conta*, Ed. Ática, 1995.

[133](#) *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

A Jacqueline Cantore

Gay Port, 9 de março de 1995

Querida Jacqueline,

sa's, guriããã, nesta minha nova profissão de jardineiro tenho aprendido muitas cōsas novas. Minha vida não sei, mas meu jardim certamente daria um romance, inaugurando quem sabe a linha lítero-vegetal? O perigo seria os críticos-najas me chamarem de escritor-vegetativo, lógico. Mas perigos sempre há, desde que se saiu do útero, e até antes, durante imagino que muito mais.

Mas como ia te dizendo, uma das coisas que aprendi é que amor só não basta para as plantinhas brotarem, crescerem e ficarem ótimas. Claro que ajuda — suponho — botar Mozart ou mantras tibetanos com a sacada de alamandas amarelas escancarada enquanto jardineio, e dizer I love you, Ich lieb dich, Je t'aime ou Ik laska (esta em tcheco) ou como será em sânscrito? Bueno, hay que trabalhar duro também. Todo dia regar, podar, controlar, lutar contra formigas, caramujos do mal, plantas outras que atrolham umas. Semana do minguate, por exemplo, tive que transplantar as cravinas, que estavam estrangulando as petúnias. Coitadinhas, fragilíssimas, estão bombardeadas até hoje, principalmente a minha preferida — uma rajada de roxo e branco, naturalmente a mais fresca. E os girassóis, então, nem te conto. Os caules são fragilíssimos, meio ocos. Quando brota o botão, o caule começa a desabar, é preciso providenciar estacas e amarrar com cordão bem leve, para não quebrarem. Senão, quando abre o girassol (eles se preparam mais que as rosas para nascer), o caule simplesmente tomba por terra — como se não suportasse o peso da própria beleza que engendrou. E as angélicas, adoradas por 100 entre 100 formigas? Das três daqui até agora só consegui que uma florisse, e floriu tão enfrentativa, apesar das folhas esfarrapadinhas das porradas da vida, que às seis da manhã e seis da tarde seu perfume enchia o jardim inteiro. Todo dia arranco ervas daninhas — estou em guerra com as marias-sem-vergonha, cadelíssimas, e cinamornos das sementes do cinamomão em frente. Minha coluna reclama — posso escrever meia hora, outra tenho que deitar no chão. Quando tenho grana, chamo massagista, bem madame.

Amor não resiste a tudo, não. Amor é jardim, Amor enche de erva daninha. Amizade também, todas as formas de amor. Hay que trabalhar y trabalhar, sabes? Pois acho que nossa relação de uns anos para cá encheu de tanta erva daninha que, quanto a mim, pelo menos, já não dou conta desse matagal.

[...]

Também, em quem está com Aids o que mais me dói é a morte antecipada que os outros nos conferem. Às vezes os que mais amamos, ou os que mais dizem nos amar. Sei disso porque assim me comortei, por exemplo, com o Wilson Barros, de quem fugi como o diabo da cruz. Com o Paulo Yutaka, sem ir vê-lo no hospital. Não respondi as cartas do Wagner e só telefonei um dia depois que ele tinha morrido, por saudade intuitiva. E tardia.

Não acuso, então, por me achar incorruptível & soberano. Também fiz das minhas. Podia ter sido mais amoroso com meus amigos que se foram, e agora é tarde. Na seca de amor que sinto agora, nesta Porto Alegre que é como uma enorme plateia à espera do Desfecho Trágico da Desvairada Vida de Caio F. para imediatamente providenciar algum nome de biblioteca num centro cultural de subúrbio, nesta Porto Alegre onde ninguém exceto Luciano Alabarse e Lya Luft me procuram sinceros e leais, sozinho com a velhice de meus pais, minhas plantas me consolam. Aprendo com elas o que não sei se terei tempo de aplicar, e todo dia, acordando no máximo às seis da manhã, sou um tigre sentado em lótus na frente do Buda que herdei de Vicente Pereira (a saudade mais dolorida), sou um tigre ferido defendendo a patada furiosa o que me resta de vida. Porque de alguma forma, real ou metafórica, não importa, estou ganhando este jogo de dez a zero, Jacqueline. Dá um trabalho do cão ser herói todo dia.

Eu me respeito como nunca, sa's?

Uma historinha: entrava eu todo de branco na Igreja do Divino Espírito Santo, na frente da Redenção, quando esbarro em R.A., todo de preto e em frangalhos, com um outro punk. Ficou lívido quando me viu. O outro disse, referindo-se a mim, “olha o morto que veio nos abençoar”. Beijei a testa dele e disse “eu te abençô”. Fui rezar, tenho mais o que fazer.

Para sua informação: Gilberto e eu voltamos de Fortaleza num voo massacrante de 12 horas pela Transbrasil num sábado. Ele partia na

segunda. Na segunda de manhã, perdeu o apartamento. A proprietária queria mil reais de aluguel. Hélio deu jeito em tudo e com Déa ajudando, conseguimos jogá-lo no avião. [...]

Com pessoas, essa forma de criação mais imperfeita que Deus colocou sobre a Terra, tenho deixado pra lá. Minha energia é para o texto, as plantas, os passarinhos que alimento com sementes de girassol. A minha autocura no braço, na raça, na solidão que ninguém compreende, e por isso mesmo não dói. Me doem as feridas físicas, as queimaduras de nitrogênio líquido pelo corpo. Tenho visto anjos, sa's?

E as fadas também existem, baby.

Te mando este texto de minha lavra para Tia Flora, que se foi, e agora baixa mesmo nas faxinas que tenho feito para expulsar os seculares eguns que o pai e a mãe juntaram pelos quartos. Não precisa ler, afinal você também não leu Dulce Veiga, não?

E agora que o dólar foi pras picas, você vai investir em yens ou em marcos? Prefiro os marcos antonios aos alemães ou suíços, sa's?

E como diria Hilda Hilst, love apesar, a pesar e há pesar. Mas je t'embrace e te abençoo também. Parece que pré-mortos são bons nisso, dizem.

*Caio F.
(still alive)*

PS – Minha loucura-mór no momento: tento juntar grana para um cruzeiro pelas ilhas gregas talvez em maio. Deus dará. Termino livro novo, chama-se Ovelhas negras. E assim digamos um pré-póstumo...

A Maria Adelaide Amaral

Gay Port 06.08.95

Levíssima:

Grato pela homenagem na novela! ¹³⁴ Não tenho perdido um capítulo — chego a desligar o telefone.

Estou cada vez mais encantado com a Georgiana Góes (é neta de Afrânio Coutinho), que merece + espaço. E nunca tinha visto homossexualismo tratado com tanta dignidade na TV brasileira. Parabéns — extensivos ao Sílvio e Alcides.

Pena vê-la tão rápido em SP. Foi uma vertigem depois outra no Rio. Voltei exausto, mas revigorado também com tanto amor recebido. Agora me recolho para novo livro — agosto chegou com tudo, é *very british* (no sentido da unidade, claro...).

Achei você linda, jovem, cheia de energia. E + voilá! Beijo do seu velho

Caio F.

¹³⁴ Na novela *A próxima vítima*, escrita em co-autoria com Sílvio de Abreu, a personagem de Suzana Vieira, dona de uma pizzaria, mandava fazer entregas nas casas de pessoas conhecidas. Numa dessas cenas, o homenageado é Caio.

A Mário Prata

Porto Alegre, 1995 ¹³⁵

Pratinha querido,
obrigado pela carta que você me escreveu. Pensei em responder pelo jornal mesmo — para dizer principalmente que acho você muito mais Ouro que Prata — mas ia ser muita viadagem toda essa jogação pública de confetes, não?

Hoje gostei mais ainda ao ler que choveram anjos na sua horta depois da crônica. Adorei aquela história do diário da gestação. Anjo-da-guarda é papo quente. Se bem que alguns são meio vadios e nem sempre cumprem horário integral.

Ando bem, mas um pouco aos trancos. Como costume dizer, um dia de salto sete, outro de sandália havaiana. É preciso ter muita paciência com esse vírus do cão. E fé em Deus. E falanges de anjos-da-guarda fazendo hora extra. E principalmente amigos como você e muitos outros, graças a Deus, que são melhores que AZT.

Precisamos nos encontrar uma hora dessas só para falar mal de Portugal. A propósito, não posso deixar de te contar esta que me aconteceu. Estava eu troteando ali pela Rua Augusta, Rua do Ouro, aquela jequeira braba, quando se aproxima um portuga de bastos bigodes. Puxa papo, ah és brasileiro, aquelas coisas. E de repente suspira e diz: “Ai, gostava tanto de ir-te à peida!”. Com dificuldade traduzi: queria era me enrabar, pode?

Que esteja tudo em paz com você. Dá um abraço no *Reinaldo* e em quem perguntar por mim.

Um beijo do seu velho

Caio F

¹³⁵ Carta anteriormente publicada no livro de Mário Prata *Minhas mulheres e meus homens* (Ed. Objetiva, 1999).

A Maria Lídia Magliani

Gay Port, 28 de agosto (vai-te, peste!) de 1995.

Magli,

Francamente, teu silêncio me dá nos nervos. Mas tudo bem. Nem sei se você recebeu o livro nem duas ou três cartinhas. Ana Amaral me disse ontem que esteve aí com você, e que você está bem. Pelo menos isso. But, please, send me news!

Te escrevo desta vez por uma razão bem objetiva:

Seguinte — lembra que lá por 1982/83 te pedi uma capa para uma reedição de *Inventário do irremediável*? Bueno, viajei, sambei, voltei, o Paulo saiu da Nova Fronteira, e a coisa não andou. Agora, quero fazer isso, está tudo numa pasta, já revisado e tudo e tal e com a capa LINDÍSSIMA. Seguinte parte dois — você autoriza a utilização? O livro tem que estar pronto para a Feira do Livro, da qual sou — cruzes! patrono (que sempre confundo com *padroeiro*...). Então, please, tem que ser jogo rápido.

A editora é a Sulina, em nova — e boa — fase, e eu quero que te paguem o trabalho. ¹³⁶ Vou me informar de preços, tabelas, e você pensa nisso também, OK? Ainda, se você quiser, te mando por Sedex uma xerox colorida da capa procê ver se quer mudar alguma coisa. Por mim tá linda, perfeita, maravilhosa & etc. [À margem: No caminho do correio, fiz a xerox para adiantar serviço.]

Andei telefonando para Marijot de Montmorency à tua procura. Mas talvez tenha o número errado. Nunca ninguém atende, dá ocupado no meio dos números, bodes assim. [...]

No más, guerreamos. Jocasta teve uma isquemia cerebral em julho, ficou 10 dias no hospital, quase parálitica do lado direito. Agora está se recuperando (elas não se entregam, o que é admirável), mas comigo *assim*, meu pai tem segurado todas no astral doméstico. E também ele tem lá os seus problemas. Enfim, tá virando mais Hospital do que família Abreu...

Hay que tener cojones e braço forte pra segurar um bom astral todo dia. A gente tem, e se não tem Deus dá, e se Deus não dá a gente inventa, você sabe.

Quanto a *moi mème*, well, hoje começo uma radioterapia para o câncer na pele e no céu da boca. É caríssimo, mas todos gentilmente garantem que é coisa simples, não tem efeitos colaterais e tudo, tudo vai dar pé. Ponho nas mãos de Deus. Quero muito viver um pouco mais só para escrever um pouco mais (e conhecer a Grécia, bem, New York também, e quem sabe Pequim? e o Peru?). Meu médico feriu-se com uma seringa cheia de sangue contaminado e está de saia justíssima, tomando AZT preventivo — só acusa a contaminação após três meses. Me sinto exausto do vírus, entende? Acho que AIDS caiu de moda, encheu o saco, ficou brega, precisamos virar a página logo. Afinal, lá vem o Ebola... Mas tô firme, embora magérrimo (54) e mais Egon Schiele do que never. Levo vida de monge, e acho bom.

Comecei a tentar, com a chegada de setembro, salvar o jardim. O inverno aqui é foda para as plantas (e as pessoas, então?). Ervas daninhas aos montes, caramujos, formigas-cortadeiras, todo voodoo da natureza baixa. Hoje concluí que não sou mais jardineiro mas, digamos, *enfermeiro vegetal*. Anyway, as roseiras resistiram bravamente e estão lindas. Mas foi-se a angélica, o brinco-de-princesa, as begônias andam agonizantes, a hortênsia *empacou*. Só os crisântemos amarelíssimos resistem admiravelmente. Ontem plantei cravina, e tô com uma muda de arará esperando energia para cavar o buraco (é uma árvore).

Durmo mal, insônia, suores, febres. Mas não me entrego não. Outubro sai a antologia de contos na Itália, querem que eu vá, e eu vou. Se Deus e San Gennaro quiserem. Descubro todo o prazer exaustivo de lutar pela própria vida. Não me olho no espelho há mais de um ano, e só há dois dias consegui voltar a ouvir Cazuza sem abrir o berreiro. Todo dia, Cazuza já sabia, eu vejo a cara da morte e ela está mesmo viva. Não é medonha, só que não aceito seu convite para dançar. Pelo menos por enquanto. Quero ver o ano 2000 chegar, é pedir muito?

Sei lá, dez mil coisas...

Me dá uma notícia, carta, telefone, aerograma, telefonema a cobrar, o que for. Mas rápido, please. O tempo não para.

Besitos para Marijot.

Para usted, otros, muy calientes. Saudade sempre. Seu,

Caio F.

[136](#) A reedição revista de *Inventário do Ir-remediável* saiu a público em 1995 pela Ed. Sulina, mas Maria Lídia, ao ceder cartas para a primeira edição deste livro, pediu que fosse registrado seu protesto por nunca ter recebido por seu trabalho, estampado na capa.

A Lucienne Samôr

POA 27.II.95

Lucienne, querida,
estou te devendo uma — na verdade, muitas — carta. As coisas estão ficando difíceis do ponto de vista da saúde física (mental, até agora, graças a Deus, não!), então é penoso fazer qualquer outra coisa que não seja usar a energia, mínima, que ainda disponho para meus próprios textos. Leia a história a seguir:

Não jogo cartas *fora*. Remexendo gavetas, pastas, encontrei pelo menos umas 300 de escritores (nos escrevíamos muito nos anos 70, lembra?). Com pena de jogá-las fora, e sem espaço para guardá-las, ofereci-as a Flora Süssekind, da Fundação Casa de Ruy Barbosa, no Rio, cuja função é justamente organizar arquivos de escritores. Bem, uns três dias depois liga de *O Globo* uma repórter chamada Beth Orsini: queria fazer uma matéria no jornal sobre as cartas. Respondi que teoricamente já pertenciam a Flora — embora esta ainda não tivesse me respondido — e que se Flora autorizasse, tudo bem e tal.

Flora autorizou. Passei a reler algumas cartas e a selecionar trechos. Falei a Orsini que o maior volume, e as mais belas, eram as suas. Ela queria publicar uma na íntegra. Eu enviei a ela seu endereço para que pedisse autorização a você. Enfim, a coisa foi rolando. Pedi autorizações a Hilda Hilst, a Lya Luft, a Lygia — selecionei vários trechos — insisti com Beth que pedisse autorização aos outros escritores. Enfim, imaginei que ela fizesse isso. Saiu a matéria ¹³⁷, que nem vi no dia — um amigo me enviou do Rio, semanas depois — e me desagradou o tom vezenquando meio malicioso de certas cartas.

Na sua, por exemplo: eu selecionara um trecho — lindo — em que você fala que fora ao quintal apanhar lenha, era lua cheia, para fazer um chá ou café e escrever a Maria Rita Kehl. O bonito era a escritora no interior de Minas, seu chá, sua carta. Orsini cortou tudo isso e reduziu a coisa a uma espécie de insinuação de relação lésbica entre você e Maria Rita ¹³⁸. Nada grave. Mas... e a ética?

Dias depois me chega uma carta de Sérgio Sant'Anna putíssimo — e com razão — pelas coisas que a moça diz dele. Insinua desregramentos sexuais, baixarias assim. Sérgio fala em processo — e tem razão.

Acontece que os caras são A GLOBO, e eu de minha parte acho tudo isso muito, muito desgastante. Tanto que nem reclamei no jornal nem nada. Não tenho saúde FÍSICA para isso, você sabe.

Então tá esse mar de fofocas armado, e achei que você deve saber disso antes que chegue a seus ouvidos com mil distorções (naturalmente do Mal, claro).

*

Quanto à sua carta: ótimo. Mas POR FAVOR, VÁ À LUTA! Perdoe o atrevimento, mas na minha opinião você está perdendo a sua vida há anos em coisas que não interessam — ou que não avançam, pequenas, inúteis, estéreis — sem fazer o que realmente interessa. E o que realmente interessa em você é ESCREVER. Acho lamentável que até hoje você não tenha escrito outro livro (ou escreveu e não publicou? não achou editor? suas gavetas estão cheias? eu não sei). Se não, é a primeira coisa que você tem a fazer. Não sei se ele deve ser “contudente, escandaloso, arrasador, para ficar conhecida mesmo”

Uma ideia: por que você não escreve sobre a sua longa e dolorosíssima experiência no presídio? O mercado editorial está ávido por essas coisas. MAS NÃO FACILITE SEU TEXTO, não escreva pensando em vender porque aí não vai prestar. Com um texto na mão, você pode começar a batalha — editoras não faltarão — e se eu estiver vivo — quem sabe? — ajudarei no que puder.

*

Outra coisa. Nós nos escrevemos dezenas de cartas. Não sei se você guardou as minhas como guardei as suas. Se você guardou, uma idéia — após a minha morte, claro — é você publicá-las. Vamos que eu me torne um mito literário (melancolicamente póstumo...). De qualquer forma, se você as tem, são suas. É a minha herança para você.

Quanto à matéria de *O Globo*, levaram a única cópia que eu tinha — no momento tá difícil de fazer essas coisas, mesmo quando devolverem. Estou com artrite no joelho esquerdo e, há quase um mês, praticamente imobilizado. Sou muito só para fazer minhas coisas, e raramente aparece alguém para ajudar.

OK?

Que você esteja feliz, disposta a tocar essa luta. Segue uma nova edição do meu primeiro filho. E o carinho de muitos anos do seu

[137](#) A matéria saiu no *Segundo Caderno* de *O Globo* do dia 4 de novembro de 1995.

[138](#) A interpretação de Caio não tinha fundamento.

A Flora Süssekind

POA, 1 de dezembro 1995.

Flora:

vão finalmente as cartas de Ana C [139](#). São preciosas. Não consegui achar apenas o original datilografado por ela da versão de *O cisne*, de Baudelaire. Creio que perdeu-se na redação do *Estado* (a propósito, segue também o recorte das cartas publicadas lá — você vai ver que falta uma: era demasiado íntima, vai para você).

Tive uma ideia: essas cartas, na minha opinião, são tão belas que mereciam ser publicadas. Uma edição discreta, como o livro seu sobre as gavetas dela [140](#). Mas não tenho a menor ideia de como ficariam direitos autorais. Nos pouquíssimos contatos que tive com a família, achei tudo muito, muito complicado. Enfim, fica a sugestão. E vai até uma sugestão de capa (tenho certa vocação de editor e de programador gráfico...) Ah: de maneira alguma penso em “faturar” com as cartas da Ana C. No caso de um livro, não me importo de *não* receber direitos autorais. Podem perfeitamente ficar com a família. Talvez você tenha acesso a Waldo e Maria Luiza [141](#) e, mais importante, se disponha a falar nisso. Não é urgente. Apenas acho que seria bonito e útil para quem escreve.

*

Achei mais três cartas que aí vão (tem mais, irão surgindo aos poucos dos labirintos gavetórios). São de Jorge Amado, Paulo Coelho e João Ubaldo. A de João precisa esclarecimento: num debate sobre literatura brasileira na Universidade de Londres, em 1991, eu disse que achava *O sorriso do lagarto* um livro *de horror* — e que a realidade brasileira contemporânea era tão terrível que esse horror estava sendo incorporado quase que com naturalidade à literatura. Bom, essa senhora — alemã, e provavelmente fez uma confusão — foi dizer ao Ubaldo em Berlim que eu achava o livro *um horror*. E votou contra mim para a bolsa do DAAD. Foi péssimo. Mas tudo, acho, acabou se esclarecendo.

*

Bom, é isto.

Continuo me restabelecendo lentamente. Mas já posso escrever, cuidar do jardim, e fui até ao cinema (*Terra estrangeira*, de Walter Salles: excelentíssimo). Preciso de tempo para escrever mais alguns livros, estou sempre tentando barganhar com O Que Chamamos de Deus... Mas sem ansiedade: o tempo que temos, se estamos atentos, será sempre exato.

Segue o recibo de remessa das outras cartas. Please, confirme recebimento.

Um abraço, votos de saúde, fé e alegria

Caio

[139](#) Após a doação referida na carta anterior a Lucienne Samôr, Caio ainda remeteu a Flora os originais de cartas de Ana C. que já tinha feito publicar no *Estado de S. Paulo* de 29/07/1995.

[140](#) Caio refere-se ao livro de Flora Süssekind *Até segunda ordem não me risque nada* (Ed. Sette Letras, 1995) sobre inéditos de Ana C.

[141](#) Waldo e Maria Luiza Cesar, pais da poeta.

A Maria Augusta Antoun

POA 1.12.1995

Querida Maria Augusta,
acabo de receber sua carta. Deixei passar uma hora de emoção muito forte, e muito boa, para responder imediatamente. Que alegria você me dá! Há anos, para mil pessoas, pergunto de você, Vera, Henrique — ninguém sabe dizer.

Vocês foram — são — tão importantes e queridos para mim. Jamais vou esquecer da minha “adoção” pela família Antoun, no Leme. Eu completamente desorientado, desempregado, com 22 anos, sem casa, sem dinheiro — e vocês de uma generosidade absurda. Sem saber quem eu era, de onde eu vinha. Até hoje lembro com muito, muito amor. Aliás, tenho uma memória de elefante — e tudo que você lembra daquele nosso acampamento-safári lembro também. Ai, os mosquitos...

Vera foi muito importante na minha vida. Carrego até hoje certa culpa por não ter agido bem com ela. Eu queria casar, ter filhos — foi a única mulher na vida com quem pensei isso — mas ao mesmo tempo isso atraindo minha natureza mais profunda (e mais maldita). Depois que vocês se foram Vera me escrevia semanalmente. Nunca respondi. Não podia ceder: tinha que ir em frente na minha escolha. Hoje, vezenquando penso que, se tivesse realmente casado com Vera, não estaria na situação em que estou. Mas sei também que esse pensamento é idiota; as coisas acontecem do jeito que acontecem e estão certas assim. Não me arrependo de nada. Mas vezenquando passa pela cabeça um “ah, podia ter sido diferente...”

Podia/Não sei. Agora, nunca me senti tão bem. E tão mal. Bem porque voltei a Porto Alegre e estou com meu pai e minha mãe, só nós três, naquela mesma casa. Fiz um jardim lindo na frente. Escrevo, cuido da saúde, do jardim, faço ioga, acordo e durmo muito cedo. É a vida que eu sempre quis. Malhereusement, como dizem os franceses, talvez a tenha descoberto tarde demais.

Fisicamente, vou lutando. É barra pesada. Ano passado, quase morri durante um mês de internação hospitalar. Sobrevivi. Agora estou saindo de um mês imobilizado (artrite) e lutando com uma hepatite química, resultado de remédios muito tóxicos, que me dão dores horríveis.

Meu(s) médico(s) — um oncologista, um homeopata e um acupuntor — são ótimos, meus pais e irmãos são doces — e eu barganho com Deus o tempo todo pedindo tempo para escrever pelo menos mais uns seis livros. Estou escrevendo. Sei que o tempo que eu tiver será exato. E sei também que pode acontecer não “um milagre”, mas uma sobrevivência maior. Há novos remédios e uma maládie muito recente. Talvez a cura esteja chegando?

Sei que tenho tido uma fé enorme. E me sinto um homem de sorte — estou protegido, cercado de amor. A dor, a morte, pouco importam (ou é só o que importa), porque são parte da condição humana. Mas que se tenha uma vida completa, que se possa passar por ela deixando algo bom para o planeta, para os outros. Vezenquando penso que, no que escrevo, quase consigo. E me sinto sereno. Mas quero fazer mais.

Não sinto culpa nem revolta, nem remorso, em nenhum momento algum sentimento escuro. Dores sim, físicas. Mal-estares, fragilidades terríveis. Mas, observando meu pai com 74 anos e minha mãe com 71 (saindo de duas isquemias cerebrais), percebo que não há muita diferença. É coisa do humano. E descobri que somos muitíssimo mais capazes de suportar a dor do que supomos. Vide Frida Kahlo.

Minha fonte de energia maior é o jardim. Estou ficando craque! Dou certo principalmente com roseiras, sempre-vivas, crisântemos. As begônias e dâlias não me aceitam muito. Tem alamandas amarelas tramadas na sacada do meu quarto (aquele em que você ficou), com direito a cortina de renda portuguesa, e agora vai subindo também uma buganvília. Tem jasmineiro que acaba de dar o primeiro botão, tem ráfia, uma palmeira muito exótica, e é tudo assim un reu sauvage, sem ordem, sem disciplina. E inimigos. Pragas, formigas. Tem que estar atento todo dia. Descubro truques: gerânios e hortelã, que afastam as pragas. Nos fundos, plantei um araçá e uma pitangueira, que estão guapíssimos, e boldo, manjericão, poejo, alecrim, capim cidró. Faço meus próprios chás. É uma vida feliz. A tardinha, quando tenho energia — últimos meses tem sido raro —, pego a bicicleta e vou ver o pôr-do-sol no rio. Depois faço ioga com mantras tibetanos. Nenhum desejo (além de saúde!), nenhuma paixão — e nada faz falta. Tenho tudo que quero, e acho lindo a vida ter armado esta situação com meu pai e minha mãe. Todo dia, os três lutando pela vida. Meus outros irmãos, casados, lutando. Bem, embora quase sempre não se deem conta. A

gente se dá conta tarde de que a felicidade é fácil, não?

Gostaria de saber mais de você e de toda a família. Sei que Vera formou-se em Medicina, encontrei-a certa vez (uns 15 anos?) na praia. No meu último livro, *Ovelhas negras*, tem um conto chamado *Lixo & purpurina* em que ela é personagem (com o nome de “Clara”).

Difícilmente poderei escrever assim longamente outra vez para você. Meu tempo é medido — saúde, jardim, literatura. E há muita coisa profissional a ser tratada — traduções, publicações no estrangeiro, crônicas para jornal. Estou pagando todo o meu tratamento (é caríssimo: acabo de sair de uma radioterapia de seis mil!), o que me deixa muito orgulhoso, mas também fatigado. Tudo é medido. Tempo, energia, dinheiro.

Adorei ver que você está morando em Santa Teresa. Em 1983/84, morei um ano ali no Hotel Santa Teresa. Nunca mais voltei. Mando meu telefone, mande o seu. Mesmo sem tempo, poderemos quem sabe trocar alguns cartões, alguns impulsos telefônicos (não gosto muito, nem de fax, nesta fúria informática do planeta, até agora só admiti este micro — e odeio comida de microondas & freezer).

Dê grandes beijos em Vera (obrigado pela foto, eu não tinha nenhuma) e Henrique. E nos outros todos (são seis?), me lembro mais de Tida. Fique feliz. Receba de Deus uma alegria tão grande e bela quanto a que você me deu.

Todo amor do seu velho amigo

Caio F.

A Gerd Hilger

*Gay Port
Its New Year (1996)*

Querido Gerd:

Para começar o ano vai esta foto — muito espiritual não? — de *out./95*.

Andei mal: duas semanas no hospital para extirpar a vesícula. 3 cirurgias oito transfusões de sangue pressão a três. A cara da morte (parece com *Ute Leniper!*). Sobrevivi. Agora me recupero. Fraco fisicamente, fortíssimo no espírito. Hoje recomecei a combinação AZT-3TC. Vamos lá, tenho fé.

Ray-Güde e Karin te darão mais notícias (boas, claro). 96 para mim será ano de recolhimento, estudo, muita literatura. Se Deus quiser e ele quer. Perdoa os longos silêncios de 95. Mas meu tempo escasso, é todo ocupado com a saúde, o jardim e a literatura. Te amo muito.

Votos de um 96 maravilhoso. Cheio de *Axel* Extensivo ao Valdir. Seu velho e enfrentativo

Caio F.

Começo: o escritor (1965-1979)

A Zaél e Nair Abreu

Porto Alegre, 10 de março de 1965. ¹⁴²

Queridos pai e mãe:

Estive muito doente, tive que passar uns dias na enfermaria. Quero que a senhora imagine o que senti ao me ver sozinho naquele quarto frio e enorme. Cada passo que ouvia no corredor pensava que era a senhora chegando; cada riso de criança que vinha lá de fora eu julgava ser da Márcia ou da Cláudia. Confesso que tive vontade (e tenho) de morrer.

Tive muita febre; o seu Hélio veio aqui e viu bem como eu, estava.

Os guris daqui me tratam muito mal, vivo sozinho. À noite choro muito. Só penso em ir embora daqui; maldita a hora em que eu quis vir para cá!

A senhora vai dizer que isso é normal, etc... Mas não é não! Os outros que chegaram junto comigo já estão adaptados.

Há várias noites que quase não durmo e tenho pesadelos horríveis. Acho que até emagreci, ando sempre com olheiras e não como nada.

Sinto uma falta imensa de todos daí, principalmente da senhora.

A coisa que mais desejo é ir embora daqui.

O quarto é muito frio e à noite entra vento pela janela.

Sei que a senhora vai ficar triste quando ler isso; imagine então como não ando eu!

Pelo amor de Deus, mãe, eu não agüento mais! Veja se a senhora dá um jeito! Isto aqui é um verdadeiro inferno.

Não pense que estou pondo a culpa na senhora; não, ela é toda minha, e é isso que me deixa ainda mais desesperado.

Sinceramente, eu não agüento mais!

Estou com muita dor de cabeça, tive uma tontura há pouco, nem sei se forma sentido o que estou escrevendo.

Não seria possível ir embora daqui?

Bem, é só. Aceite um milhão de beijos. Abraços em todos daí. Do:

Caio

Repito: **NÃO AGUENTO MAIS!!!**

Por favor, mãezinha, não me deixe só! Responda logo. Agora é que descobri o quanto gosto disso aí. Gosto muito da senhora. Ajude-

me!

Prometo que nunca mais lhe incomodo se a senhora ou o pai vierem me levar!

Os professores são uns animais: não entendo nada e acho que vou rodar no fim do ano.

[142](#) Em 1965, Caio Fernando Abreu deixa sua cidade natal, Santiago do Boqueirão, para fazer o colegial como aluno interno no Instituto de Porto Alegre. Seu irmão Gringo segue-lhe os passos. Quatro anos depois, em 1969, é a vez de seus pais e demais irmãos mudarem-se para a capital rio-grandense. A esta altura, o pai, Zaél, que era militar, já está reformado e a mãe, Nair, inicia especialização em Orientação Educacional.

Porto Alegre, 22 de agosto de 1965

Querido pai:

Saúde! Recebi sua carta e fiquei um pouco triste por saber que o senhor anda se preocupando tanto com dinheiro. Ainda mais quando penso que a culpa é quase toda minha. Se não fosse eu não eu estariam fazendo tantos gastos desnecessários. Mas, se Deus quiser, poderei pagá-los no fim do ano com a minha aprovação.

Tudo, aliás, parece correr melhor. Nas sabatinas que fiz me saí muito bem. Em Português dei um “*show*”; tirei a nota + alta da aula (9,5). O professor me elogiou na frente de todos por causa duma questão que eu fui o *único* a acertar. Entretanto, as 3 piores ficaram para esta semana (Matemática terça, Química quinta e Física sexta). Meu medo agora é quase que exclusivamente Matem. Química pretendo tirar 10,0.

E de neve, como se foram aí? Eu li no jornal que fez 4° abaixo de zero. Imagino que nem aula deve ter havido.

Aqui no colégio, no pavilhão de Ed. Física, tem mais de cem flagelados. Agora, graças a Deus, parece que vai parar de chover um pouco. Sexta-feira houve um temporal horrível, meu quarto ainda está molhado.

Aconteceu urna coisa aqui que me deixou muito triste. O meu companheiro de quarto se mudou; disse que eu tinha o costume de estudar alto; atrapalhava-o e, à noite e de manhã cedo, não o deixava dormir. Achei fraca a desculpa; deve é ter-se enchido da minha cara (o que não é nada difícil). Mas estou de consciência tranquila. Não fiz nada que o ofendesse. O ruim é ficar sozinho, não ter com quem conversar, O quarto parece tão vazio! Vamos ver no que dá. Pode ser que com isso eu me aproxime + dos outros ou, ao contrário, me afaste + ainda.

A comida aqui anda mais ou menos. Quando olho perco a fome. Mas como depois, embora sem vontade.

De dinheiro estou relativamente bem. Não é preciso que se preocupem. Até o fim do mês dá folgado. Se não der para o sr. e a mãe virem no meu aniversário, podem mandar mais pela vovó, não? A mãe tinha dito que ela vinha, se não me engano.

Por favor, não façam sacrifícios para virem. Não convém gastar mais ainda. Já estou conformado. Além disso, lá na vovó Zaira são tão bons que quando estou lá nem sinto falta de casa, quase. O duro é aqui no

colégio, principalmente à tardinha e ao meio-dia.

Mas o tempo corre depressa. Parece que foi ontem que cheguei aqui. Estou bastante esperançoso e confiante, mas também há, é claro, os momentos de depressão.

A mãe, espero que vá bem de colégio e faculdade. Com esse frio deve ser horrível a coitada sair cedo para aquele grupo gelado.

Acho que não há mais nada para contar. Lá na vovó estão todos bem, só o Marco Afonso que está adoentado, de cama, mas não é nada, só garganta.

E tia Elcy, quando vem?

Para todos daí um grande e saudoso abraço. Para o sr. e a mãe, beijinho:

Caio

PS – A dona Aracy acertou o que disse do dinheiro? Espero que acerte o que disse de mim, também.

Massaguaçu, 13 de março de 1969.

Queridos pai e mãe, deveria ter-lhes escrito há vários dias atrás, quase um mês — mas deixei para depois, pois não queria preocupá-los. Pensei que tudo se arranjasse mais tarde. Por favor, não se assustem nem com o nome do lugar onde estou nem com o início carta. Não há nenhum problema horroroso. Estou passando uma temporada genial, numa praia no litoral norte de São Paulo, na fronteira com o Rio, na casa daquele casal meu amigo, Hilda e Dante ¹⁴³. O chato é que fui despedido da Abril. ¹⁴⁴ Acontece que a *Veja* está dando prejuízos enormes desde que foi lançada, vende pouquíssimo e os anunciantes não se interessam em comprar espaço. Por uma questão de honra, somente, os chefões não fecham a revista. Mas para a Abril inteira não ir à falência, era preciso tomar uma providência qualquer. Entraram então num regime de economia feroz, despedindo meio mundo. Quem não tinha pistolão lá dentro foi mandado embora. Saiu aproximadamente um terço do pessoal (mais ou menos umas mil pessoas), entre os quais, infelizmente, eu — que não tinha absolutamente ninguém para me proteger. No começo, fiquei em pânico — a minha vontade era arrumar as malas e voltar correndo para junto de vocês. Mas resolvi não me deixar abater. Procurei vários conhecidos, que me encheram de cartas de recomendação para jornais agências publicitárias. Mas, depois de quase um mês perambulando por São Paulo, não consegui nada. A desculpa que davam, quando havia vagas, é que eu não tinha diploma universitário. Além disso, depois do último ato institucional, a situação da imprensa ficou completamente negra. São Paulo e Rio estão repletos de jornalistas desempregados. Aí pensei bastante no que eu podia fazer. Na verdade, todo esse tempo que eu fiquei em São Paulo não foi nada fácil, muitas vezes me desesperei, chorei, pensei em voltar. Na hora de escrever para vocês, mentia muito, dizendo que estava tudo ótimo, que me dava às mil maravilhas, quando nada disso acontecia. Não cheguei a passar fome, mas a solidão e a tristeza foram enormes. Era terrível trabalhar sem parar de segunda a sexta, das oito da manhã até às seis da tarde. Emagreci muito, fiquei nervoso, irritado. Às vezes ficava gripado, com febre, e tinha que ficar sozinho no apartamento, sem coragem de sair sequer para fazer as refeições. Além disso, uma culpa enorme pesava na consciência: ter deixado incompleto o curso de Letras. Se

continuasse trabalhando na Abril não poderia concluí-lo nunca, a menos que fizesse um esforço sobre-humano, trabalhando durante todo o dia e estudando à noite. Por tudo isso, achei que seria melhor voltar para o Rio Grande do Sul, terminar a faculdade, arranjar um emprego qualquer por aí, mesmo de balconista — só para não pesar muito no orçamento de vocês. Depois de formado, eu volto a “tentar a vida” aqui ou no Rio. Para reforçar essa decisão, havia ainda a grande saudade de vocês, do Gringo, Felipe, Márcia e Cláudia, saudade que não me largou durante um ano inteiro. Tomada a decisão, fui visitar Hilda, que concordou comigo que o melhor seria mesmo voltar, e me convidou a passar uma temporada na casa dela, aqui na praia. Aceitei. Poderia me recuperar bem, pensar bastante no assunto, talvez aparecesse um outro emprego nesse meio-tempo. Estou aqui há pouco mais de uma semana, mal aguentando de vontade de voltar.

Existe um problema muito delicado: eu não gostaria que os parentes, ou *alguns* parentes (acho que vocês sabem a quem me refiro) soubessem que fui despedido. Seria bastante humilhante para mim. Queria que vocês dissessem a eles que resolvi voltar por minha vontade unicamente, achando que devia terminar a faculdade e ficar mais adulto um pouco. Na verdade, não foi nada humilhante o que aconteceu: quando fui dispensado, explicaram-me que não era por causa do meu trabalho nem nada, mas apenas por economia. Também não vou voltar derrotado, pelo contrário até: provei a mim mesmo que sou capaz de ganhar a vida com meu próprio esforço. E se não deu certo desta vez, de outra dará, tenho certeza.

Mãe, gostaria que a senhora desse uma chegada até a faculdade de Filosofia e se informasse sobre a minha situação. Queria saber se é possível continuar o curso ainda este ano. Se for, a senhora aproveite e faça a minha matrícula. Se não for continuo o ano que vem, e durante este faço um curso de línguas.

Não sei ainda quando irei, será no fim deste mês ou no começo do próximo — abril. Mas eu aviso antes de ir, para que me esperem.

Mãe, eu queria que a senhora me desculpasse ter esquecido a data de seu aniversário: não consigo mais lembrar se é em março, em abril, ou em maio. Sei que a senhora não liga para essas coisas, e sei que a senhora sabe também que, seja qual for o dia, eu sempre lhe desejo tudo de melhor.

Não fiquem preocupados pensando que eu estou sem dinheiro: recebi uma boa indenização, dois milhões e quinhentos. Infelizmente, nesse tempo que fiquei procurando emprego, gastei bastante. Ainda assim, vai dar para levar uma boa quantia para me manter aí durante um certo tempo.

Agora estou muito bem. Passado o choque de ser demitido e os primeiros tempos, até engordei um pouco. Tenho escrito muito. Um conto meu vai sair numa das próximas *Cláudia*, talvez a de abril — e o meu romance está nas mãos de duas pessoas influentes — Carmem da Silva ¹⁴⁵ e Léo Gilson Ribeiro (crítico literário) — que estão procurando editores. Também estou dando os últimos retoques num livro de contos chamado *Inventário do irremediável*, que um amigo escritor — Ignácio Loyola — vai levar para uma editora só de gente nova, a Senzala. É quase certo que sai. Deste, vou mandar também uma cópia para uma amiga no Rio, Maria Helena Cardoso, irmã do Lúcio Cardoso, aquele escritor que morreu há pouco. Se a editora Senzala por uma infelicidade não der certo, ela me arrumará um editor no Rio. Há também um outro livro de contos (*A margarida enlatada*, onde tem um conto dedicado a vocês) e uma novela (*Cavalo branco na escuridão*). Estão no Rio, com Carmem da Silva. Com todas essas coisas engatilhadas, é provável que muito em breve vocês tenham um filho famoso, com fotografias e entrevistas em jornais, revistas, noites de autógrafo, viagens a Europa, prêmios — todas essas coisas.

Aqui na praia está muito bom. Já lhe falei desse casal meu amigo, Hilda e Dante. Eles casaram há pouco tempo, uns seis meses atrás. Dante tem 34 anos, é pintor e escultor; Hilda tem 37, é escritora. Eles são ótimos, sempre fazendo o possível para que eu me sinta bem junto deles, queriam até que eu ficasse morando em sua fazenda — em Campinas. Junto conosco está uma senhora finlandesa, amiga de Hilda. Sempre conto coisas de vocês para eles, mostro fotografias — Hilda vive dizendo que, quando eu escrever, mande um abraço da parte dela e os parabéns por terem um filho tão ótimo como eu. (O elogio é dela, não tenho nada com isso.) Engordei alguns quilos, estou queimado de sol e extremamente feliz, principalmente porque vamos tornar a nos encontrar em breve.

O endereço para resposta é: Caixa Postal 1.537, Casa do Sol, Campinas, estado de São Paulo. Aqui na casa de praia não chega

correio, pois fica muito distante da cidade mais próxima — Caraguatatuba, mas Dante costuma ir a Campinas uma vez por semana, buscar a correspondência.

Um beijo para todos. Um grande abraço e o amor de sempre. Do filho,

Caio

[143](#) A escritora Hilda Hilst e seu marido Danta Casarini.

[144](#) Caio tinha largado a faculdade e ido para São Paulo aos 20 anos de idade, ao ser escolhido para integrante da primeira equipe de jornalistas da então recém-criada revista semanal *Veja*, na época um grande acontecimento na imprensa brasileira pela novidade da proposta e do formato da revista.

[145](#) Carmem da Silva, escritora e jornalista, famosa nos anos 60 como pioneira de um jornalismo feminino voltado para a conscientização da mulher, através de sua coluna na revista *Cláudia*, “A arte de ser mulher”. É nesta revista que Caio, aos 18 anos, publica seu primeiro conto num veículo de ampla circulação. O conto é “O príncipe sapo”, hoje incluído em *Ovelhas negras*.

A Hilda Hilst

Porto Alegre, 13 de abril de 1969.

Querida Hilda, pois aqui estou, novamente, desde quarta-feira. Por enquanto, às mil maravilhas. Quando o ônibus entrou no chão do Rio Grande quase tive uma coisa: era tão diferente da loucura paulista, tão sem asfalto, tão não sei como, aquele céu dum azul como nunca vi em outro lugar, aquele verde, as montanhas — tudo. Senti um grande alívio. Aquele “desprotegimento” que eu sentia em São Paulo passou completamente. Depois, me deu medo. A família, essa coisa toda — mas eles estavam ótimos. Avançadíssimos (dentro dos limites, é claro), minha mãe de pantalonas e correntes douradas no pescoço, achando geniais os meus cabelos, a minha barba, os meus colares, discutindo coisas como comunicação de massas, desajustamento da juventude, alienação, etc. Pai, tu sabes como é: a gente nunca consegue perceber exatamente o que eles estão pensando. Mas desde que não perturbem com críticas, a gente vai levando.

Cheguei um pouco duro, apenas com os sessenta mil que eu tinha. Mas deu. Diga ao Dante que não precisa se apressar com o meu dinheiro. Quando vocês estiverem folgados, mandem. A remessa pode ser feita pelo Banco do Rio Grande do Sul, agência do bairro Azenha, que fica perto da minha casa; ou então pelo Banco do Brasil. Mas, por favor, não façam nenhum sacrifício para mandar, Repito: só quando *realmente* puderem.

O que mais tem me surpreendido por aqui depois da volta é a doçura das pessoas, do sotaque. A calma. A ausência quase que completa de porra-louquismo. Aos poucos, com muita satisfação, estou retomando o “tu”. Falei com vários de meus amigos, inclusive Magliani, que já veio aqui em casa duas vezes e, para surpresa de toda a paróquia, não chocou ninguém. Notei em vários dos meus amigos uma espécie de frieza, ou resistência, não sei exatamente o quê. Assim como se estivessem magoados comigo por tê-los deixado.

A matrícula na faculdade está difícil de conseguir. Já estou de cuca meio fundida de tantas vezes que fui na secretaria sem conseguir nada de definitivo.

Antes de vir embora falei com Léo Gilson. Ele esteve doente e não foi possível ler o *Unicórnio* ¹⁴⁶. Foi ótimo comigo, me deu uma série de conselhos: aconselhou-me a estudar inglês a fundo para, futuramente, viver de traduções. Segundo ele, pagam muito bem. Colocou-se à minha disposição em São Paulo, inclusive oferecendo-se para encaminhar contos meus ao suplemento do *Estado*.

Ainda não foi possível colocar minha vida em ordem. Não foi possível escrever nada. Nem ler, tampouco. Lentamente, irei organizando tudo. Quero terminar aquelas duas novelas, *mas* estou, por assim dizer, “madurando” a coisa.

Uma boa notícia para ti: teu livro de poesia foi dos mais vendidos na Feira do Livro daqui. ¹⁴⁷ Cunha Lima deve ter dinheirinhos para você.

O movimento artístico por aqui está bastante bom, principalmente no que se refere a teatro e artes plásticas. Música também. De literatura, a merda de sempre. Estive lendo alguma coisa nos suplementos literários e percebi que o pessoal está demais sobre Dalton Trevisan. Uma fossa, lógico. Magliani e eu estamos preparando uma série de contos meus com ilustrações dela (contos sobre o fantástico — como *O ovo* ou *Uma sereia* — com ilustrações surrealistas). Vamos ver se conseguimos modificar um pouco a situação.

Me sinto bem demais. Ah, como é bom não ter essa preocupação medonha de “ganhar a vida”, não precisar levantar cedo para trabalhar, não precisar sair para comer. Hoje foi o primeiro dia que peguei a Maria Antônia para escrever, é só uma carta, mas já comecei a sentir pruridos criativos. As crianças estão na sala vendo televisão, e tudo aqui no quarto, apesar dos móveis convencionais e das paredes cor-de-rosa, convida a escrever.

Como Dante deve ter te contado, nosso amigo Carlos aprontou coisas negras no apartamento, como eu estava pressentindo. Houve até tentativas de suicídio por lá. Ele está péssimo, tomando pileques todas as noites e fazendo coisas das quais não lembra no dia seguinte. Chega de me envolver com as pessoas: agora quero escrever, escrever potes. Em paz.

Mande dizer o que você achou de Samuel Rawet e dos outros livros que te mandei. Nesse *Os sete sonhos*, ele está bem mais fraco que nos livros anteriores e com a temática um pouco fixada no problema homossexual. Mas mesmo assim, é bom. Maura Lopes Cançado tem o

mesmo problema de temática fixa: nela, é a loucura. Deixando de lado isso, ambos têm um nível de linguagem excelente e são das melhores coisas no conto brasileiro (basta você lembrar dos premiados do Paraná). *Aura*, do Fuentes, para mim dispensa comentários. Acho uma obra-prima do fantástico. O livro de Maria Alice Barroso (que preciso reler, porque não lembro quase nada) é o romance nos moldes antigos (potes de personagens, ambientações, volume, etc.), mas revitalizado por uma nova técnica.

Quero saber notícias do Lázaro. ¹⁴⁸ Descobriste o que fazer da vida dele? Continuo achando que a crucificação é o melhor remédio. Tenho a impressão que, de volta à fazenda, conseguiste escrever mais: é que na praia existe, independente de qualquer “postura” interna, uma aceitação tácita e implícita de férias. Resultado: a gente não consegue se concentrar. Eu gostaria demais que mandasses uma cópia quando pronto e, se possível, outra do *Unicórnio*, que já está conhecidíssimo por estas plagas, graças à eficiência da minha divulgação. Quando você for bem rica, me contrata para *public-relations*. Quebramos dois galhos: você não precisa se incomodar com sua divulgação e eu não preciso me incomodar com ganhar a vida.

Nada de discos por aqui. Parece que nossos amigos extraterrestres não simpatizam muito conosco. Quando contei as histórias das luzes e et ceteras, ninguém acreditou. Acho estranho isso: será que eles preferem sobrevoar os centros mais populosos?

Por favor, escreva. Estou com complexo de escrever cartas desde que Hilde me disse que eu só escrevia “frescuras”. Dante, não esqueça de mandar as fotos que tiramos na praia. Abraços para todos. Um beijo saído do coração do,

Caio

¹⁴⁶ “O unicórnio”: narrativa que integrará o livro *Fluxo-Floema* (1ª ed. Perspectiva, 1970).

¹⁴⁷ *Poesia (1959-1967)*. S. Paulo, Livraria Edit. Sal, 1967.

¹⁴⁸ Outra das narrativas que integram *Fluxo-Floema*.

Querida Unicórnica, acordei hoje com a mão de minha mãe me entregando a tua carta. Rasguei o envelope, frenético, não esperava tanta coisa, fiquei surpreso com o *Osmo*, que não estava planejado, decidi não ir à faculdade, ficar lendo. Afundei manhã, esqueci de tomar café, não almoçaria se a família indignada não viesse em peso saber os porquês do meu estúrdio procedimento, acabei de ler recém, duas horas da tarde, de uma enfiada só, o *Osmo* ¹⁵⁰, o *Unicórnio* e o *Lázaro*. Sei que tu não gostas do Caetano Veloso, mas vais ter que desculpar a citação: tem uma música dele, *É proibido proibir*, em que ele aconselha a “derrubar as prateleiras, as estantes, louças, livros”, e fala que toda renovação tem que partir de uma destruição total, não só de valores pequeno-burgueses (as louças) ou materiais (as prateleiras e as estantes), mas também de valores abstratos (os livros), de conceituações estéticas ou artísticas que viciaram a cuca do homem moderno — daí parte para o refrão, onde diz que é proibido proibir qualquer tentativa de renovação, que é proibido ter limitações morais ou quaisquer outras para que se possa fazer alguma coisa — e não somente em termos de arte — realmente nova. Bem, o teu *Osmo* é exatamente isso (não somente o *Osmo*, mas todo o *Triângulo* — mas vou me deter mais nele porque ainda não tinha lido). Você bagunça o coreto total, choca completamente a paróquia, empreende a derrubada de toda uma estrutura já histórica de mal-entendidos literários. Você ignora a “torre de cristal”, o distanciamento da obra e do leitor; você faz montes para a dignidade da linguagem, o estilo, as figuras, os ritmos. E isso é GENIAL, muié. Comecei o *Osmo* rindo feito uma hiena, acho que nunca li nada tão engraçado em toda a minha vida, mas, você sabe, o humor em si não basta, pelo menos pra mim. Quando a coisa é pura e simplesmente humor, fica um enorme espaço vazio entre a coisa e eu: somente as risadas não enchem esse espaço. Por isso eu ria e me preocupava: meu Deus, será que ela vai conseguir? Aí, quando a minha preocupação com o excesso de humor estava no auge, começaram a aparecer no texto os “elementos perturbadores”: a estória do Cruzeiro do Sul (ninguém vai desconfiar jamais que você viu MESMO aquilo), o “grande ato”, a lâmina, os pontos rosados. E imediatamente o texto sai da dimensão puramente humorística para ganhar em angústia, desespero. A coisa

crece. O tom rosado do início passa para um violáceo cada vez mais denso, até explodir no negror completo, no macabro. Existem três círculos na estória, como um quadro abstrato. Assim: as gradações lentas, imperceptíveis, até aquele centro terrível. E toda a leitura se faz no mesmo sentido com que pintaste-escreveste o quadro-novela — de fora para dentro, atentando sem atentar propriamente para as imperceptíveis mudanças. A chegada até o centro exige do leitor uma mudança de postura, inclusive física. Comecei esticado na cama, despreocupado, mas aos poucos fui me inteirando todo, com um pânico que nascia das pontas das unhas até “as pontas tripartidas dos cabelos”. Quando terminei, estava todo tenso e trêmulo, dividido em dois: um não querendo admitir o macabro da situação; outro sabendo que não podia ser de outro jeito, compreende? Acho que existe um ponto de contato entre o *Osmo* e o *Estrangeiro* — muito mais acentuado do que entre o *Osmo* e o Beckett. Com Beckett, as semelhanças são meramente de linguagem, externas, e assim mesmo Beckett não é o dono desse tipo de prosa, você o encontra também em Salinger e em vários outros que no momento não lembro. Com o *Estrangeiro* as semelhanças são mais íntimas: assim, num e noutro, tudo aquilo que parecia, no início, dispersão, futilidade, vazio (se bem que gostosíssimo de ler), no final se arma bruscamente para atuar contra o personagem. As coisas que ele conta que fez e pensa de repente dão a medida de toda a sua estrutura interna. Exatamente como num quebra-cabeças — a imagem é batida e já virou lugar-comum, mas não posso fazer nada se o *Osmo* é isso mesmo: um quebra-cabeça a que uma das partes (no caso, uma das frases ou mesmo uma das palavras) tornaria incompreensível, por incompleto. E o completo, que é compreensível, é o perfeito. Deus, por exemplo, é completo, mas incompreensível (pelo menos, a ideia de Deus), daí não ser perfeito. Mas se você pega uma árvore, ela é completa e compreensível e, em consequência, perfeita. Toda essa satisfação para dizer que acho o *Osmo* perfeito. Mas um perfeito novo, até agora: não aquela perfeição fria de, por exemplo, *A crônica da casa assassinada*, ou da *Maçã no escuro* ¹⁵¹. Essa é a perfeição cronometrada, medida, sólida, inabalável. Você faz o imperfeito insólito, o perfeito difuso. Não sei mais o que te dizer. Não conheço nada de tão novo na literatura brasileira como o teu *Triângulo*. Você vê o que temos: a coisa rasa, inexpressiva e jornalística de Dalton Trevisan — limitada; a

dignidade marcial de Clarice — limitada; a impenetrabilidade e o regionalismo de (que Deus o tenha) Guimarães Rosa — limitada; as tragédias familiares em que Lygia insiste e que Lúcio Cardoso já havia esgotado. E de repente você escreve um negócio (três negócios, *Unicórnio*, *Osmo* e *Lázaro*) com-ple-ta-men-te descontraído. Liberto da silva. Sem barreiras morais, políticas, religiosas, sem preocupação de tempo ou espaço. A liberdade total, mas não a liberdade porra-louca que conduz, no máximo, ao vazio, mas a liberdade que diz coisas que podem-ser, podem-não-ser, que dá ao homem a noção do seu estar-solto no mundo. Você incomoda terrivelmente com essas três novelas. Aqueles coitados que, como eu, têm o ritmo marcial da prosa ficam de cuca completamente fundida, neurônios arrebetados, recalcadíssimos, frustradíssimos, confusíssimos. É uma maldade você fazer isso. Maldade porque os que também escrevem de repente percebem que tudo que fizeram não tem sentido, porque de repente precisa derrubar todas as prateleiras íntimas e começar uma coisa nova. Uma maldade necessária, uma maldade astronáutica por assim dizer. Sim, porque você já pensou se, de repente, a gente tiver uma prova concreta de que existe vida num outro planeta, uma vida diferente da nossa, com valores diversos, com liberdade absoluta — já pensou? Nós, os terrestres, vamos morrer de inveja, vamos nos sentir completamente primitivos, primários, estúpidos e vamos ter que renegar toda essa estrutura terrestre. Pois as tuas novelas são isso — um mundo novo. Fascinante e frustrante.

Quanto ao *Lázaro*, é ótima a solução que arranjaste. E vê que estranho, inconscientemente, retrataste no *Lázaro* essa coisa que falei aí em cima: *Lázaro* é o pasmo diante duma coisa inesperada. Isso gera a solidão mais absoluta que se possa imaginar. Das três, acho *Lázaro* a mais amarga; o *Unicórnio*, a mais desesperada; *Osmo*, a mais macabra. Qualquer uma delas, um soco. Um “pum” no nariz dos críticos e da sociedade. Sem ser panfletária nem dogmática, você é a criatura mais subversiva do país. Porque você não subverte, politicamente, nem religiosamente, nem mesmo familiarmente — o que seria muito pouco: você subverte logo o âmago do ser humano. Essas três novelas são uma verdadeira reforma de base. Quem lê tem duas saídas: ou recusa, por covardia e medo de destruir todo um passado literário; ou fica frenético e põe os neurônios a funcionar, a pesquisar nesse sentido. Ficar

impassível, tenho certeza que ninguém fica.

Eu fiquei frenético, pus os neurônios a funcionar e vou começar a pesquisar nesse sentido. Desde que cheguei, não escrevi nada. Absolutamente NADA. Estive relendo coisas minhas e de outros para descobrir novamente aquilo que falamos uma vez: estou completamente cerceado dentro dessa linguagem. De tudo o que escrevi, só reconheço como uma tentativa de libertação *O ovo*, que tem muita coisa em comum com o *Osmo*. Talvez *A sereia*, mas acho que este ficou apenas no cômico, ao passo que *O ovo* transcende essas fronteiras e vai até o absurdo. As tuas novelas me causaram pruridos. Não tenho medo de derrubar tudo o que fiz e partir para algo na mesma linha tua, penso no teu exemplo, começando a fazer coisas completamente opostas à tua poesia, que era tão ou mais digna que a minha prosa. Detesto coisas dignas, impecáveis, engomadas, lavadas com anil: aceito nos outros, levando em conta, inclusive, o tempo em que foram feitas. Mas não é mais tempo de solidez: a literatura tem que ser de transição, como o tempo que nos cerca. Estamos (os literatos) um passo, ou muitos passos, atrás das outras artes: veja a arte cinética, o cinema de Pasolini, de Polanski, o teatro de Beckett, de Jonesco, a música dos Mutantes. Estou com a cabeça feito sorrisal, toda borbulhante.

Visitei Manoelito de Ornellas [152](#), ele tomou nota de teu endereço para te enviar o último livro dele, *Terra xucra*, memórias, onde conta a estória do chinês. Ele me deu o livro, li, achei uma merda, apesar de reencontrar paisagens minhas nos lugares dos quais ele fala. É impressionante a disparidade que há entre o excepcional Manoelito-homem e o cretino Manoelito-escritor. Assim, se ele já te mandou o livro, se já leste e concordaste comigo que é ridículo, por favor, não te decepciones. O próprio é muito melhor. Ele me pediu um livro meu, de contos, dedicado a ele, para tentar publicar. Vai dar à Livraria Sulina, que só publica gaúchos. Não sei se eles vão querer, acho que não, são conservadores frenéticos e os meus contos, mesmo os mais antigos, não são, felizmente, o que se possa chamar de “clássicos”.

Chorei com a morte horrível da Didi [153](#). Certamente foram os gangsters aí da frente. Vou rezar para que tudo dê certo e em breve vocês possam recuperar a fazenda e acabar com essas barbaridades.

Ainda não consegui matrícula na faculdade, O diretor ainda não deferiu o pedido, mesmo assim estou freqüentando as aulas. Uma merda, só o que se salva é uma professora chamada Rebeca (vê se pode), uma judia ótima que ensina Literatura Medieval. O professor de Literatura pediu uma monografia sobre Eça de Queirós. E eu tenho saúde?

Estou me readaptando muito bem. A cidade é calma, aconchegante, não tenho medo de sair na rua, como tinha em São Paulo, as pessoas são calmas, conversam. Há tempo para ler, escrever, passear, conversar, fazer mil coisas e ainda ficar horas à toa, na sacada. Os meus irmãos não incomodam nada, o maior não fala (dei o *Osmo* para ele ler e consegui arrancar um “fantástico”), as meninas pequenas ainda, ficam brincando com as bonequinhas delas, o dia inteiro, de vez em quando brigam. Meu outro irmãozinho, Felipe, de doze anos, é o mais chegado a mim, adora ler, é inteligente, faz perguntas o tempo todo. Meu pai também não fala: lê o dia inteiro, e nem sequer comenta o que lê. Um dia desses surpreendi sorrisos dele com um romance de Norman Mailer nas mãos, mas não sei o que estava pensando. Minha mãe, de manhã dá aulas e à tarde faz pós-graduação de Filosofia. À noite, todos se reúnem para ver *Antônio Maria* e *Beto Rockefeller* na televisão — e eu saio, quando não fico lendo. Vou para a galeria de arte onde Magliani trabalha e ficamos cuidando das ilustrações para os meus contos. Fui ao teatro duas vezes, assisti a *Quando as máquinas param*, de Plínio Marcos, numa horrenda montagem local, e *Berenice*, dum autor antigo, numa montagem psicodélica dum turma também daqui — uma besteirada. Hoje tem três estréias de teatro. Ontem vi Louise Parker, aquela negra americana, cantando spirituals no Teatro São Pedro.

Estou terminando de ler *A morte de Artêmio Cruz*, romance do Carlos Fuentes, bossa *Ulisses*, de Joyce, sem entender grande coisa. Ao mesmo tempo, comecei a *Introdução ao realismo crítico*, de Lukacs, onde ele renega toda a obra literária que seja subjetiva (fala horrores de nosso bem amado Beckett). Ainda Beckett: ele é irlandês, mesmo, mas vive na França há muitos anos, e foi lá que escreveu publicou todos os seus livros.

Tens razão quando falas na importância das coisas terem sangue: Fuentes não tem, Rawet é elaborado demais, a Cançado ainda não se recuperou da temporada no hospício e a Barroso ainda insiste nas tias,

nos solares e coisas quetais. Mas é o melhor que temos, não é trágico?

Não te enfosses com os editores. Tem um poema da Florbela Espanca que diz assim: “As coisas vêm a seu tempo/ quando vêm, essa é a verdade”. Um dia a coisa sai. E eu acredito no mecanismo do infinito, fazendo com que tudo aconteça na hora exata. Em julho, vou passar o mês aí e uma semana no Rio. Tenho certeza que conseguirei coisas para nós. Seria bom que falasses com o tal/ Renzo Marizoni, ele promete.

Não tenho tido fossas. Aquelas crises paulistas eram porque eu me sentia inseguro, desamparado, desprotegido. Aqui, sinto as coisas mais definidas, mais tangíveis, mais palpáveis: até mesmo a fossa, quando desce, não é aquela coisa torva e difusa de São Paulo — é concreta e motivada por alguma coisa exata. A depressão que eu vinha sentindo, muito de leve, tem um motivo certo: não tenho escrito. Recomeçando, tudo ficará bem.

Estou tentando conseguir um emprego num jornal. Como não quero aprisionamentos de horários, acho que vou ficar como colaborador, recebendo em free-lancer. Existem três suplementos literários aqui e, se eu conseguir qualquer coisa, prometo: farei uma série de artigos sobre o *Triângulo*. O teu livro de poesia vendeu MESMO. Magliani já havia difundido teu nome entre os coleguinhas artistas plásticos e os coleguinhas de teatro, que por sua vez comunicaram aos literatos, e por aí afora. Lembra de um amigo meu daqui, que encomenda livros às distribuidoras paulistas para as livrarias daqui? Eu tinha escrito a ele pedindo que encomendasse o teu livro; ele encomendou, colocou e vendeu. Mesmo assim, continuo de *public-relations* teu. A semana passada dei o teu livro para um amigo meu, Luiz Alcione, um cara muito bom, poeta. Às vezes ele publica crítica literária muito boa, é um dos que eu posso mostrar o *Triângulo*.

Carlos andava mais desesperado e desesperador do que nunca, quando vim. Bichíssima, com umas lentes de contato azul-elétrico, tomando pileques todas as noites, fazendo coisas negras e na manhã seguinte não lembrava de nada. Horrível, Dei conselhos a ele, disse que admitia que cada um fizesse o que bem entendesse, mas que devia-se resguardar um limite de decência, de respeito pelo outro e por si próprio, que se deve ter uma diretriz na vida, senão fica tudo vazio, sem sentido. Chorou, disse que eu era o melhor amigo dele, que ia se corrigir, não beber mais. As coisas de sempre. Provavelmente tomou um pileque na mesma noite

e esqueceu tudo. É um caso perdido. Aqui não há gente assim, o que me poupa muita angústia.

São cinco horas. Está muito quente acho que vai chover. As crianças estão vendo televisão na sala, meu irmão está estudando economia. Uma vontade louca de estar perto de vocês, uma hora que fosse. Não há de ser nada, julho está aí mesmo. Se eu fosse bilionário, todos os fins de semana tomava meu avião particular e ia visitar vocês. Espero que Dante tenha dado conta de seu tronco de eucalipto. Um abraço bem grande para ele. Outro para Madame Soininem. Aninha, Dodô, Sola Macaca, Flika, Carlota, Pépi-papéti — todos em mim ¹⁵⁴. Lembranças para Dona Marta. Beijos do,

Caio

[Mando um conto] que achei numa revista. Mande contar do disco da Lygia. Meu coração está sempre perto de vocês, absurdamente. Ai. Saudade é uma coisa azul e amarga, com carne por fora e espinho por dentro. As fotos ficaram ótimas, por um bom tempo minha auto-estima está resguardada.

[À margem: Se encontrares com Ana Elvira, dá um abraço nela e diz que vou escrever. O dinheiro chegou. Obrigado. Não se apressem com o restante.]

¹⁴⁹ Carta anteriormente publicada quase na íntegra no *Caderno de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, n. 8, de outubro de 1999, todo dedicado a Hilda Hilst.

¹⁵⁰ “Osmo” seria a primeira narrativa num tríptico completado por “Lázaro” e “O unicórnio”. No entanto, a essas três ficções Hilda Hilst juntou mais duas (“Fluxo” e “Floema”), perfazendo o quinteto que forma *Fluxo-Floema*. Como assinalou o crítico Anatol Rosenfeld, em todas as narrativas do livro há triangulações entre as personagens, que são desdobramentos de personas, de máscaras.

¹⁵¹ *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, e *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, dois grandes clássicos do romance brasileiro do século 20 que, juntos, definem todo um tipo de sensibilidade estética, à qual se vinculam parcial ou integralmente alguns autores dos anos 70-90, entre eles/elas, o próprio Caio. Uma linhagem cardosiano-clariceana na literatura brasileira do final do século passado. Caio (e não só ele) trouxe o elemento pop-contracultural para essa tendência.

¹⁵² Escritor regionalista gaúcho, poeta e jornalista.

¹⁵³ Um dos cães de Hilda Hilst. No caso, cadela.

¹⁵⁴ Ainda os cães da Casa do Sol.

Hildinha, tua carta chegou com um baita atraso, de quase três semanas. Como sói acontecer, eu já estava imaginando coisas negríssimas, sem saber precisar o quê. E parece mesmo que as coisas não andam nada azuis para o lado de vocês, além de todas essas incomodações com os cafajestes da fazenda, mais as fraturas de dona Marta. Coitada, tenho pensado muito nela. A estória da vida dela é meio sobre o fantástico, não? Já pensou, uma baronesa alemã acabar os dias como governanta numa fazenda do interior de São Paulo, visitada por discos voadores. Tens razão no que dizes sobre o conto das rosas — estive relendo e achei todos os defeitos que apontas. E concluí que qualquer modificação na linguagem que até aqui empreguei deve vir naturalmente, para que não ocorra o que ocorreu com este. Depois, acho que a própria tessitura do conto deve impor a sua própria linguagem. Você vê, em *O ovo* usei uma linguagem mais ou menos solta, com palavrões e violências — mas não soou “grosso” porque era a única linguagem para aquele tipo de estória. Escrevi mais uns quatro contos depois desses que [...] mandei e, num deles, creio que consegui o mesmo que no *Ovo*, talvez até para melhor. Agora em julho te levo tudo. Mas já começo a me fartar do conto, quero entrar agora numa coisa de mais fôlego, mais ampla, uma novela ou um romance. Tenho urna ideia ainda mais ou menos vaga, estou dando tempo ao tempo para que ela se amplie por si. Recebi uma carta de Carmem da Silva, diz ela que gostou dos meus livros que levou (o romance, a novela e um dos contos) e deu-os à Editora Expressão e Cultura, O cara ainda não se manifestou, se não der pé ela vai encaminhá-los a outras editoras [...] é acertar. Achei muito bom isso numa pessoa com certa influência, como Carmem, se interessar por mim e ficar visitando editores com calhamaços na mão. Eu morreria de fossa na primeira recusa. Como vês, é tudo muito vago, mas tenho esperança que de repente estoure alguma noticelha boa. Maria Helena Cardoso também escreveu, ela é um pouco fora da realidade e meio liriguelha demais, fica falando dos passarinhos que cantam nos galhos das árvores e nas sombras do outono, coisas assim. Reforça o convite para que eu fique na casa dela, em julho. Estive me informando por aqui do preço das gráficas para edição de livros. Resultado, uma edição razoável, aí duns mil exemplares, sai por 1.500, não é caro e para quem, como eu,

ainda não publicou nada, valeria a pena. O livro publicado na mão dá uma certa força, a gente se compenetra de que é escritor mesmo, e passa a caprichar mais na coisa, O problema é que não tenho esse *money* e, pelo jeito, não vou ter nunca. Ai, tenho um peso na consciência quando lembro dos dinheirelhos que eu ganhava na Abril, podia ter-me sujeitado a morar numa pensão, não andar tanto de táxi, não comer tanto camarão nem tomar tanto uísque — dava fácil para fazer alguma economia e publicar mil coisas. Te mandei o conto publicado no *Diário de Notícias*, não fazes nenhuma referência, acho que não recebeste. Este domingo sai outro, a carta suicida, estou com medo. É que aquela estória toda é meio sobre o homossexual, e eu não sei que explicações vou dar ao pai e à mãe. Achas que as implicações do tal conto estão muito óbvias?

Relendo a *Paixão segundo GH* cheguei a bocejar em cima. Não sei, aquele entusiasmo todo que eu tinha sentido da primeira vez parece que sumiu.

[página final perdida]

A Zaél e Nair Abreu

21 de agosto — Rio [1969].

Queridos pais, estou aqui desde domingo, verdadeiramente maravilhado com a beleza da cidade, a bondade e a simpatia das pessoas — tudo, enfim. O ap. de Maria Helena Cardoso ¹⁵⁵, onde estou, fica em Ipanema, perto de Copacabana, entre a lagoa Rodrigo de Freitas e o mar. Ela (M. Helena) é uma velhinha lépida, magrinha e bondosa, que apesar de toda a fama se considera burra e inculta. Fica furiosa quando a gente fala que ela e Clarice Lispector são as melhores escritoras do país. Caí num meio de escritores, os mais famosos e badalados, e estou conhecendo todos, um por um: Clarice Lispector, Nélide Pinõn, Reynaldo Jardim, Maria Alice Barroso, Waldir Ayala, Rose Chacel. Francisco (Boroca) é um amor de pessoa, muito sério, inteligentíssimo, simpático. Todas as noites saio com gentes famosas, vou a lugares famosos — parece um sonho. Tenho ido à praia todas as manhãs. Me sinto profundamente feliz.

Francisco ¹⁵⁶ quer muito bem a senhora, falou-me de quando iam a festas, com Nira (hoje, uma pintora famosa — muito amiga de Hilda) conversamos muito sobre a família toda, gentes de Itaqui. Parece que a gente se conhece há séculos. Ele tem 2 poemas que quer lhe mandar: são sobre a Negra, que criou a senhora e se jogou no poço. Ele é muito respeitado aqui no Rio, conhece todo mundo, é um dos críticos de literatura mais sérios daqui. Tem sido ótimo comigo: arrumou para eu traduzir um livro de Rosa Chacel, uma grande escritora espanhola que mora em Copacabana (ela é um amor de velhinha, me adorou, me deu um livro com dedicatória e quer que o marido, que é pintor, faça o meu retrato: diz que tenho uma cara impressionante). Francisco também está arrumando para meus livros serem publicados. Muitos escritores já me conhecem: Carmem da Silva mostra meus contos pra todo mundo e fala de mim com entusiasmo. Me sinto mais ou menos famoso.

Estou no quarto que pertenceu a Lúcio Cardoso, o grande escritor irmão de Maria Helena. Isso me comove: fico pensando na minha infância, tão perdida no tempo e no espaço, e não compreendo bem como subi, como de repente me tornei um escritor. A vida tem caminhos estranhos, tortuosos, às vezes difíceis: um simples gesto, involuntário, pode desencadear todo um processo. Sim, existir é incompreensível e

fascinante. Às vezes que tentei morrer foi por não poder suportar a maravilha de estar vivo e de ter escolhido ser eu mesmo e fazer aquilo que gosto — mesmo que muitos não compreendam ou não aceitem.

Bem, desculpem, estou escrevendo como se falasse comigo mesmo. Não sei ainda se fico ou não aqui. Não apareceu uma chance, quando aparecer eu a segurarei com unhas e dentes: é esta a cidade que eu queria, é esta a vida que eu amo e procuro — embora vocês, as pessoas que eu amo, estejam tão longe. Isso é triste — mas irremediável. A verdade é que, apesar de todo o amor e a gratidão que sinto por vocês e por meus irmãos, Porto Alegre me sufoca. Vocês sabem disso. Detesto São Paulo, com seu ar cinzento e suas gentes apressadas, agressivas. Jamais voltaria a morar lá, nem por 10 milhões mensais. O dinheiro não me importa, o que quero é me sentir feliz, mesmo pobre. Também eu poderia morar na fazenda de Hilda — adoro o lugar e eles. Mas tenho só *20 anos* e quero viver numa grande cidade, com muita gente ao meu redor, O isolamento, esse só depois que eu tiver vivido. Não sei o que *faço*, onde fico: tenho muito medo, mas confio em Deus. E apesar do meu medo há em mim uma paz enorme que eu chamo de felicidade.

(Ai, que saudade tenho de vocês todos. Quantas vezes sonho, imagino, divago...)

Meu dinheiro está no fim, e não tenho jeito de conseguir mais — e não ser que ganhe um prêmio a que estou concorrendo. Amanhã vou visitar Carmem da Silva em Niterói — talvez ela me consiga um emprego.

Acho que é só. São 6,30 da tarde. Na sala, Maria Helena vê novela pela televisão (até as escritoras adoram). Já tomei banho, fiz a barba, daqui a pouco vou jantar e sair, teatro, cinema, bares. E as pessoas que passam por mim não saberão jamais que nasci em Santiago do Boqueirão e um dia fui estudar em Porto Alegre, que eu era tímido e agressivo, porque me achava horroroso com aquele bigodinho precoce (hoje, querem pintar retratos, me acham parecido com Cristo, dizem que tenho olhos lindos!). Acho graça, acho muita graça. Tão estranho carregar uma vida inteira no corpo, e ninguém suspeitar dos traumas, da quedas, dos medos, dos choros. Por favor, me escrevam sempre. Preciso demais do carinho de vocês. Mandem para o endereço de Hilda, em Campinas. Sobretudo, não sintam raiva de mim por eu ser assim inquieto, assim “andejo”, sem paradeiro (embora com um duro objetivo — ESCREVER, minha cruz e minha sina), assim sobre o “hippie”.

Muitos beijos para todos. Seu

Caio.

PS – Francisco manda muitos abraços. Dê notícias dele a d. Gessy, diga que está muito bem, bem mesmo. Ad-10 que ela vai gostar de saber que eu gostei dele.

PS nº 2 – As novelas que Maria Helena assiste são: *Nino*, o *italianinho* e *Beto Rockefeller*.

[155](#) Romancista e memorialista, irmã de Lúcio Cardoso, autora de *Por onde andou meu coração* (1967).

[156](#) Francisco Bittencourt, o “Boroca”, primo de Zaél (o pai de Caio), artista e funcionário do Itamaraty, fez colaborações eventuais para a imprensa na área da crítica e resenha de livros, vindo mais tarde a participar do grupo de fundadores do primeiro jornal cultural assumidamente gay do Brasil, o *Lampião da Esquina*.

Queridos pai e mãe, cheguei ontem à noite do Rio. Vim com Hilda e Dante, que haviam ido passar uma temporada lá. Não me canso de repetir que eles são maravilhosos comigo, se preocupam, tentam me ajudar como podem — isso é uma coisa que me comove profundamente.

Pensei bem a respeito de muitas coisas, e decidi ficar no Rio. O rapaz que mora com Francisco trabalha numa agência de empregos e está me arrumando alguma coisa. Está tudo acertado e, no momento em que ele conseguir, me escreve, avisando. Não me importo de trabalhar num escritório ou em qualquer outro lugar — preciso começar a minha vida, e achei que o Rio seria o melhor lugar para isso. Mesmo que no começo seja tudo meio duro, que eu passe dificuldades e sinta falta de certas comodidades com que me acostumei. Eu quero escrever — e somente no Rio existem possibilidades de se conseguir alguma coisa. Em Porto Alegre eu me sentiria muito mal, vocês me conhecem e sabem que não há mais jeito de me adaptar aí. É duro para mim ficar longe de vocês, de Gringo, Felipe, Márcia e Cláudia, que eu amo tanto e queria ter sempre perto, mas escolhi a literatura como caminho, e tenho que aceitar todas as coisas resultantes dessa escolha, sejam elas boas ou más. Não é fácil, muitas vezes eu me sinto sufocar de saudade, de vontade de estar perto, de ver vocês — mas eu espero, se Deus quiser em breve, fazê-los muito orgulhosos de mim. Espero poder proporcionar-lhes viagens, conhecimentos, passeios, muitas alegrias, todos nós, os sete, juntos; para isso, porém, é preciso dar duro, suar e trabalhar. Estou disposto a isso. O único problema, no momento, é o dinheiro. Para me manter no Rio, antes de receber o primeiro salário, precisaria, creio, de uns quinhentos contos. Eu me sinto envergonhado de pedir, mas não há outro jeito; sei que vocês têm inúmeras dificuldades — mas seria só para começar, para dar os primeiros passos. Se não for possível os quinhentos, qualquer quantia serve, farei o máximo de economia. Há também um pagamento de meus contos no *Correio do Povo*; não deve ser muito, mas qualquer coisa ajuda. Ir a Porto Alegre para buscar esse dinheiro sairia muito caro (uns cem contos, ida e volta), e eu prefiro levar esse dinheiro para o Rio. Assim, creio que o melhor seria mandarem para o BANCO DO BRASIL, aqui de CAMPINAS.

Estou muito bem, de saúde e tudo. Deixei, no Rio, vários contatos feitos para publicação de contos em jornais de lá. Deixei também encaminhada a publicação de dois livros, um de contos e um romance. Por tudo isso — e também porque a cidade é mesmo maravilhosa — eu preciso ficar lá, cuidando do andamento das coisas.

No dia de meu aniversário passei-lhes um telegrama. Fiquei meio deprimido e tal, porque aniversário é sempre deprimente, a gente sente que cada vez o tempo que resta fica mais e mais escasso. Apesar disso, foi bom. Hilda e Dante estavam lá, me deram um jantar lindo — mas fiquei o tempo todo pensando em vocês, com uma vontade enorme de estar perto.

Recebi o conto, *Fotografia*, saído no suplemento do *Correio*. Está muito bem impresso, sem erros graves. Queria saber o que vocês acharam, se alguém fez algum comentário (o “Lince” tem comentado alguma coisa?). Tenho muita curiosidade de saber o que as pessoas pensam do que escrevo.

Mãe, aquela carta que a senhora mandou para o endereço de Francisco me comoveu profundamente. Como a senhora é boa, como é compreensiva — é mesmo uma supermãe (ai, como eu gostaria de ser um superfilho). A senhora é um verdadeiro exemplo de obstinação, de paciência: quando conto que tenho quatro irmãos, e que a senhora, apesar disso, ainda está estudando, as pessoas ficam surpresas e imediatamente passam a admirá-la. Eu me sinto orgulhoso da senhora, e a tenho como verdadeiro exemplo. Outra coisa: acho que a senhora tem razão a respeito de Magliani. Creio que tenho sido injusto com ela — escrevi hoje mesmo uma carta bem grande para ela. Sabe qual é o problema? É que ela fica se apaixonando por mim, e eu gosto dela só como amiga. Depois, me contaram que, em Porto Alegre, ela fica espalhando para todo mundo que nós somos amantes e tal — coisa que me choca porque não é verdade. Mas acho que ela não é capaz disso. Escrevi explicando tudo a ela, dizendo que continuo amigo dela, mas só amigo.

A senhora não conta direito o que tia Helena tem. Fico preocupado, sem saber o que é, se é grave ou não. Noutra carta, mande dizer o que é que ela tem mesmo. Dê notícias também de vovó, e de toda a família. Se tia Pereca ainda estiver aí, dê um abraço e um grande beijo nela. E tia Wilma ainda não se decidiu a passar uns tempos aí? Mande dizer a

ela que no meu livro de contos tem um conto dedicado a ela. Francisco (ele não gosta do apelido “Boroça”) tem uma grande admiração por ela, por tia Helena, pela senhora e por vovó. Ele está sempre lembrando de Itaqui, das gentes de lá, os Degrazia, Mondadori, contando estórias da nossa família: diz ele que somos descendentes de judeus novos que eram nobres espanhóis, parece que tia Zezé sabe coisas a esse respeito. Admiro muito ele: conseguiu vencer inúmeras dificuldades por ele mesmo, sozinho, dando duro. Hoje em dia é conhecido e respeitado em todo o Rio de Janeiro como poeta e crítico de artes plásticas. É uma pessoa boníssima, Hilda adorou ele, ficaram grandes amigos, logo que ele puder virá passar uns tempos aqui na fazenda.

Fiquei muito sentido com a morte do filho da Marietinha. Eles devem estar tristíssimos, porque Marieta não pode ter outro filho. Tenho muita pena deles, e os admiro muito também: Marieta é outra que, com todas as suas dificuldades, nunca se deixou abater. Com mais calma quero escrever para eles, mas é uma coisa difícil, nessas ocasiões a gente nunca sabe bem o que dizer.

É uma pena que o Felipe esteja tão podre em Matemática e Francês. Mas até certo ponto é compreensível: a mudança de colégio, de ambiente, a idade difícil em que ele está entrando — tudo isso deve ter agido para que descuidasse do estudo. Me preocupo muito com ele: é muito sensível e muito nervoso. Cláudia é outra que vai dar preocupações, tem um temperamento muito difícil. Marcinha já é mais calma, e muito amadurecida para a idade que tem, apesar de muito tímida. Elas já tem amiguinhos, ou ainda passam o dia em casa vendo televisão? Gringo está se preparando bem para o vestibular? E Felipe, continua pintando ou desistiu? Diga a ele que insista: no Brasil, os únicos artistas razoavelmente remunerados são os pintores.

Se tudo der certo, eu gostaria de ir para o Natal, Ano Novo. Não sei se será possível. Tenho rezado muito e pedido por mim e por vocês. Estou vivendo meus últimos dias de folga — depois, vai ser dureza. Mas não tem importância. Dê lembranças a Sérgio, vovó Zaira e Marco Afonso. Dona Tuba, como está? Falem-me do novo apartamento. Lembranças para todos. Um grande e saudoso abraço do filho,

Caio

A estória do apartamento *foi* um mal-entendido. Hermínia (amiga minha, muito boa) não sabia que eu havia transferido o contrato e

pensou que a responsabilidade do despejo era minha. O rapaz para quem fiz a transferência não pagou, mas estava tudo no nome dele — não no meu. Portanto, a responsabilidade não era minha. As coisas que haviam ficado lá estão na casa dessa Hermínia, em São Paulo: falei com ela e está tudo esclarecido.

[157](#) Caio escreve da Casa do Sol, a casa de fazenda onde Hilda Hilst vive desde 1963, com seus 60 cães. Situada a 11km de Campinas, virou ponto de romaria e hospedagem para escritores, artistas, jornalistas, amigos, sendo também uma espécie de centro informal de indagações e experiências místicas e esotéricas, “Um telefone para o Além”, como no verso de Mário de Andrade. Já a casa no litoral norte era a Casa da Lua.

Queridos pai e mãe, esta é uma carta só de boas notícias, portanto preparem-se. Em primeiro lugar A MINHA VOZ MELHOROU! Foi uma mudança completa: estou com uma voz muito bonita, grave, forte, perfeitamente normal. Tudo começou quando Hilda e Dante me deram de presente um GRAVADOR (eles são mesmo maravilhosos). ¹⁵⁸ Gravei a minha voz vários dias, várias vezes, pensava em fazer exercícios, melhorar aos poucos. Até que ontem à noite, de repente, a voz MUDOU. Fiquei assustadíssimo, achei que fosse uma melhora repentina e que logo ia voltar a ser como antes. Aí fiquei umas duas horas falando no gravador, e a voz continuava ÓTIMA. Hoje de manhã mostrei a Hilda, ela ficou felicíssima, Dante também — foi uma verdadeira festa. É impressionante a mudança, vocês vão ficar tão bobos quanto eu quando ouvirem. Me sinto felicíssimo, isso resolve praticamente todos os meus problemas, posso fazer o que quiser, falar com quem quiser, ninguém vai rir nem achar esquisito. A única explicação que tenho é que se trata de um autêntico milagre. Amanhã vou num otorrinolaringologista aqui de Campinas, para ver se não há problema de forçar demais a garganta, acontecerem coisas péssimas depois. Acho que não. Me sinto perfeitamente à vontade falando assim. Que pena que vocês não possam ouvir, ficariam alegríssimos. Depois, não é só uma voz normal; é principalmente uma voz bonita, charmosa, sei lá. Fiquem contentes comigo. Graças a Deus tudo melhorou.

Vou sábado para o Rio. Escrevi para o Francisco dizendo que eu só tinha cem contos, se ele não se importava de me hospedar por um tempo e até mesmo me pagar algumas refeições até eu arrumar onde morar e receber o primeiro ordenado. Ontem recebi um telegrama dele: Te espero de braços abertos. Assim, decidi ir. Essa voz nova torna tudo mais fácil, me sinto com coragem para enfrentar qualquer coisa. Gostaria então que mandassem o dinheiro para o Banco do Brasil do Rio, agência de Copacabana. O endereço é: Rua Bolívar, 45, ap. 214 — Copacabana — Rio — GB. Francisco e o rapaz que mora com ele, Hilton Papini, são pessoas maravilhosas, e vocês não têm absolutamente com que ficarem preocupados. Tenho certeza que tudo vai sair às mil maravilhas. Nunca tive tanta certeza de alguma coisa.

Recebi também uma carta duma amiga minha do Rio, escritora, Nélida Piñon, dizendo que já encaminhou os Contos que havia deixado com ela para os suplementos do Rio e para outras revistas que não sei ainda quais são, pois ela não explica na carta. Em breve estarei muito bem de vida, me sentindo feliz e realizado, vocês vão ver. Ainda não soube o resultado daquele concurso que estou participando e que, se vencido, me dará um milhão mais a publicação do livro. Mas tenho certeza de ganhar. Vocês vejam que coisa estranha e mágica: três noites atrás, sentei na área e comecei a olhar Lua cheia, que estava muito bonita. Aí, de repente, me deu uma sensação esquisita, senti que eu podia fazer três pedidos que seria atendido. Aí pedi, primeiro, que minha voz melhorasse; segundo, para ir logo para o Rio; e terceiro, para ganhar esse concurso. No dia seguinte, recebi o telegrama do Francisco (o segundo pedido); Ontem a voz melhorou (o primeiro) — portanto agora só falta ser atendido o terceiro. É muito estranho. Mas eu prefiro pensar que essa melhora inexplicável seja uma prova da existência de Deus, e de que ele me protege. Ou Deus ou bons espíritos, não sei. Certas coisas são tão evidentes, apesar de inexplicáveis, que a gente não pode deixar de acreditar.

No mais, aqui tudo bem. Amanhã é o aniversário do Dante, e sexta há uma exposição das esculturas dele na casa de uma grã-fina de Campinas, casada com um americano. Esse casal vai oferecer ao Dante uma festa chiquérrima, com uísques estrangeiros, caviar, essas coisas. Estarei lá, com a minha nova voz. No dia posterior, sábado, irei para o Rio. Portanto, vai ser um fim de semana bastante movimentado.

Estou me sentindo imensamente feliz. A minha única mágoa é não poder estar perto de vocês todos. Seria maravilhoso se eu pudesse ir no Natal ou no Ano Novo, quem sabe no carnaval. Vou fazer o possível, mas tudo depende do emprego que eu arranjar.

Hilda está muito bem e manda abraços para todo mundo. Dante também. Escrevam logo. Toda a minha saudade e o meu amor.

Seu,

Caio

PS – Escrevi uma carta ao Nilton e a Maneta dando os pêsames pelo falecimento do menino. Como não sabia o endereço deles, mandei para a vovó Zaira.

PS nº 2 – Magliani não me escreveu mais? Ela tem aparecido? Contem a ela as novidades e peçam para que ela me escreva.

PS n° 3 – COMO ESTÁ CLÁUDIA?

PS n°4 – Outro dia tive um sonho muito ruim com a vovó. Têm recebido notícias dela?

[158](#) Já com mais de 20 anos de idade, Caio mantinha da adolescência uma voz esganiçada, de que se envergonhava muito. Foi de uma hora para a outra que sua voz adquiriu aquele grave sonoro e lânguido que conhecemos de registros auditivos e televisivos. Esta carta narra o acontecimento. Muitos anos depois, em entrevistas e depoimentos, Caio e Hilda acrescentariam a versão da figueira. A mudança de sua voz teria vindo após ter feito três pedidos à figueira existente no terreno de Hilda Hilst, durante a realização de um ritual. Depois de fazer os pedidos, Caio foi dormir e no dia seguinte acordou com a nova (e definitiva) voz. Os outros dois pedidos também foram atendidos: ganhar um prêmio literário com o *Inventário do irremediável*, que terminara de escrever ali mesmo em Campinas, e, na versão posterior, diferente da carta, conseguir fazer uma viagem a Europa. Pouco depois, ao regressar a Porto Alegre, recebeu a notícia de que *Inventário* havia ganhado o Prêmio Fernando Chinaglia. Com o dinheiro, partiu para a Europa. Não se sabe se o gravador referido por Caio nesta carta é o mesmo que Hilda usava para captar vozes dos mortos no quintal da fazenda.

A Hilda Hilst

Rio, 10 de novembro [de 1969].

Querida Hilda, hoje é segunda-feira de chuva, sábado te passei um telegrama comunicando que eu havia ganho o prêmio Fernando Chinaglia. Soube através de um telegrama que a mãe mandou de P. Alegre. Fiquei felicíssimo. Hoje fui na União Brasileira de Escritores: tirei realmente o primeiro lugar, ganharei um milhão, a serem entregues no começo de dezembro, numa solenidade, o livro será publicado o ano que vem, mais ou menos em março. Parece que ganhei por causa da “força, violência e atualidade dos contos” — pelo menos foi o que disse o presidente da UBE, Peregrino Júnior.

Ganhei também um segundo ou terceiro lugar, ainda não sei bem, naquele prêmio Henry Miller, da Editora Record. O prêmio é em livros, mas parece que eles vão publicar uma antologia com os premiados. O meu conto é *O ovo*.

Soube também que aquela antologia de P. Alegre sai em dezembro. ¹⁵⁹ Como você vê, estou entrando na engrenagem.

Quanto a empregos, tenho me virado, estou inscrito na agência de empregos do amigo do Papini, o cara me arrumou um negócio de relações públicas, eu estava a fim de topa, mas o Papini ficou indignado e não permitiu. Disse que é um negócio horrendo. Entrei em contato com uma amiga de PA, Adela, que trabalha numa agência de publicidade (aqui no Rio) — está quase certo que ficarei lá, fazendo redação.

Não sei se você chegou a ler a carta da Zama: ela fala da capa de *O triângulo*. Ficou comovida com o seu pedido, e está dispostíssima a fazer a capa sem remuneração nenhuma. Tem ideias ótimas, já me mostrou os esboços excelentes, mas como é muito prudente quer primeiro ler as novelas para fazer uma capa bem exata. Pede que você mande os originais. O endereço e o nome dela são: Dilze Soares, Rua Antônio Basilio, 439, ap. 201 — Tijuca — Rio.

Falei com Nélida só pelo telefone, ela anda muito ocupada. Está simpaticíssima como sempre, saudosa de você. Com Lelena também só falei pelo telefone, está muito bem, vai para a Europa em abril. Sábado estive na casa de Isabel Câmara, ela está na fossa, porque acabaram

aquela seção do *Cruzeiro*, ela ficou dura, sem emprego, está fazendo cinema como assistente de direção. Mostra-se decepcionada com a direção de Vanneau para *As moças*. Claire não estava em casa. Estava lá Fauzi Arap, um amor de pessoa.

Francisco e Papini muito bem, mandando abraços e beijos. Ambos adoraram os teus desenhos, vão mandar emoldurar e colocar na parede. Eles são uns amores comigo. Papini está de carro, tem suadores enormes dirigindo. Francisco fazendo caras e bocas engraçadíssimas .

Fez um calor horrível de 38 graus. Como resultado apanhei uma gripe daquelas. Estou muito bem, me sentindo tranqüilo, feliz, sei lá. Adoro o Rio. A voz está ótima. Não tenho problemas de comunicação ou de qualquer outra espécie. Acho que é só. Ah, por favor, você mande se possível os seguintes livros: *Cem anos de solidão* (Francisco está frenético para ler e não tem \$\$\$), *La Sinrazón* e outro que ficou no meu quarto, *Nome de Guerra*, de um português, é uma edição que não existe no Brasil — ambos são do Francisco e ele os quer. Os outros pode deixar, não estou precisando no momento. Fui ver *Macunaíma*, um filme excelente, talvez o melhor filme brasileiro. Vi também *Faraó*, do Kawalerowikz, ótimo, todo sobre .a opressão e as sacanagens religiosas no Egito.

Dê por mim um abraço no Dante, outro em Edina. Se o José ainda estiver aí, um para ele também. Muitos beijos para você. Seu,

Caio

Desculpe o jeito apressado, daqui a pouco preciso sair para ir na agência, no centro, mas não queria deixar passar mais tempo sem escrever.

1. A *Celestina* do Martin Gonçalves é um fracasso enorme. Ficou 10 dias em cartaz e saiu, tirada a tapas pela crítica. No teatro, a grande coisa são *Na selva da cidade* e *Chá e simpatia* (esta dirigida pelo Amir Haddad).

2. Ainda não tive tempo de falar com Rosa Chacel.

Rio — Sábado.

Hilda querida, acabo de receber a carta que você manda pelo Vicente. Respondo rapidamente para não perder a oportunidade. Está tudo bem. Segunda-feira farei um teste na *Enciclopédia Britânica*, para um cargo que ainda não sei qual será. Mas estou em dúvida entre trabalhar mesmo

ou levar uma vida hippie. Aqui, em Ipanema, existe uma praça onde eles se reúnem, entrei em contato com um, Fernando, que se dispôs a me ensinar artesanato, segundo ele pode-se viver muito bem vendendo cintos, colares, anéis, bolsas.

Ficamos felicíssimos com o seu prêmio. ¹⁶⁰ Que vitória, que ótimo. É o começo da glória, o reconhecimento que há tanto tempo você espera e merece. Hoje à noite vamos a uma festa na casa de Ninita ¹⁶¹, comunicarei a ela, a Nélida, Myriam, Jacqueline ¹⁶². Telefonei para Carmem da Silva, o meu romance está na Civilização Brasileira para sair não sei quando. Dei uma entrevista ontem muito agressiva, para a *Ultima Hora*, não sei se sairá.

Mando um recorte do mesmo jornal, onde saiu uma nota sobre o seu prêmio. Obrigado pelos livros. Achei interessantíssima a idéia da novela — entre Koyo ¹⁶³22 e Caio não vai muita diferença, não? Ai, o subconsciente. Mais tarde escreverei uma carta para o Dante, eu entendo sim o que você quer dizer, apenas para uma carta dessas é preciso uma certa disposição de espírito, você compreende, não é? *A visita* saiu todo cortado no *Estado*. Cortaram a palavra “esperma”, além dos trechos onde eu falava discretamente que os filhos da Valentina tinham relações com os homens e com os animais. O meu prêmio foi noticiado amplamente em todos os jornais do Rio.

Estou sem dinheiro nenhum, Nenhum mesmo. Francisco já me emprestou vinte contos. O dinheiro do prêmio só virá no fim do mês. Você é que é uma felizarda de ganhar os 7 milhões do Anchieta.

Bem, é só, minha querida. O moço está esperando. Mais tarde escrevo com bastante calma uma carta bem grande contando tudo o que tem acontecido. Escrevi mais um conto bastante grande, sobre um hippie da praça. É das melhores coisas que já fiz.

O Rio de Janeiro continua lindo. Abraços para todos. Um grande beijo do seu,

“Koio”.

PS — Francisco diz que amanhã te escreverá uma carta. Ele e Papini mandam abraços.

[159](#) Trata-se da antologia *Roda de fogo*, organizada por Carlos Jorge Appel e publicada por sua editora, a Movimento. No mesmo ano, 1970, pela mesma editora, sairia a primeira edição de *Inventário do irremediável*.

[160](#) Prêmio Anchieta, que Hilda ganhou pela peça *O verdugo*.

[161](#) A pintora Ninita Moutinho.

[162](#) As escritoras Nélida Piñon e Myriam Campello e a amiga Jacqueline Castro.

[163](#) Personagem de “Floema”.

P. Alegre, 13 de dezembro. [1969]

Querida Hilda, sei que vais ficar surpreendida ao ver o “Porto Alegre”. Pois é, voltei. Minha vida ficou muito complicada, de repente, não consegui emprego no Rio, estava atrapalhando um pouco o Francisco e o Papini (verdadeiros santos, no sentido positivo), apartamento pequeno, eu sem dinheiro — enfim, tudo o que previ. De repente resolvi voltar, até não sei quando, até ter dinheiro de novo, ou até não suportar mais. Decidi aceitar meu ser nômade, até segunda ordem. Estou bem, queria te escrever há várias semanas, mas no Rio não havia mesmo tempo; depois cheguei aqui e, em seguida, aboletaram-se entre nós uns parentes do interior, com crianças. Ficamos em 15 pessoas na casa, um verdadeiro inferno. Eu saía a caminhar à toa, depois voltava e me trancava no quarto. Não havia saúde para escrever. Somente ontem eles foram embora e eu posso fazer o que quero. UFA!

É difícil te escrever depois do que aconteceu. Acho que a gente não pode fingir que não aconteceu nada. Seria besteira. Precisávamos falar lentamente a respeito de tudo o que aconteceu, por carta é muito difícil, e eu não voltarei mais à fazenda — portanto fica quase impossível dizer tudo como eu queria dizer. Depois das nossas brigas, compreendi uma porção de coisas. Compreendi, por exemplo, que eu estava mitificando e mistificando você; que estava também me anulando perto de você; que estava aceitando tudo o que vinha de você somente por achar você bacana. Longe de você, pensei por mim, analisei por mim, concluí por mim. Nós não estávamos nos comunicando mais. Um pouco por culpa minha, é certo, mas só *um pouco*. Tu não estavas me respeitando, humanamente. Não é agressão, Hildinha, é verdade. Tu não estavas me vendo como aquilo que sou, mas como aquilo que querias que eu fosse. Ora, a versão idealizada do Caio vezenquando se rompia e deixava escapar coisas que eram do Caio mesmo, o Caio-gente, o Caio-confuso, o Caio-angustiado que sempre fui e que continuarei sendo até não sei quando. E não aceitavas essa segunda face (que na verdade era a primeira, a única). Daí os choques.

Tu sabes, creio, que eu sempre tive o pressentimento de que um dia tu e o Dante iriam me considerar um segundo José Luiz Archanjo. Talvez isso já tenha acontecido, talvez esteja acontecendo, talvez aconteça principalmente depois desta carta. Mas não é verdade, Hilda, não é

verdade que as pessoas se repitam. O que se repetem são as situações, inúmeras vezes — e você sabe que qualquer situação que nos acontece é por nossa culpa. Principalmente quando ela se repete muitas vezes. Tudo o que acontece à gente é uma mera consequência daquilo que se fez.

Eu estou me confundindo e não-dizendo aquilo que queria dizer. O importante, o irreversível, o definitivo, o claro nessa história toda é que eu gosto muito de ti. Muito mesmo. Não adoro nem venero, mas gosto na medida sadia e humana em que uma pessoa pode gostar de outra, O resto é detalhe. Ainda que tu não me escrevas, eu continuarei gostando, sabes?

O que eu queria que entendesses é que sou *uma* pessoa. Com certa inteligência, certa cultura, certa sensibilidade. E certas ideias (que não te agradam). Mudei muito, e não preciso que acreditem na minha mudança para que eu tenha mudado. Essa modificação vinha se processando sem que eu mesmo percebesse e, com determinadas leituras e determinadas vivências, ela se consumou.

Depois de um paroxismo de compreensão, entre duas pessoas só pode começar uma lenta incompreensão não é mesmo? Foi o que aconteceu conosco. Regredimos em comunicabilidade, porque não era mais possível avançar. Quando a gente se abre mais, o outro vê fundo. E o fundo é quase sempre escuro e assusta.

Gozado, pela primeira vez, sinto que estou escrevendo para uma amiga, uma pessoa no mesmo plano que eu — e não um monstro sagrado. É bom. Para mim, pelo menos.

Como estou falando claro, Hildinha, vou falar mais claro ainda: tu me pediste que eu escrevesse uma carta muito terna para o Dante. Eu não posso fazer isso. Não que sinta raiva dele, não que o despreze, absolutamente, não se trata disso. Desculpo as coisas (horríveis) que ele me disse aquela noite, desculpo *nele* entende? O que não desculpo é que, dizendo aquilo, o Dante de repente revelou-se um puro exemplar de uma sociedade sórdida e intolerante, moralista e decadente. Preste atenção: eu não estou chamando o Dante de sórdido, intolerante, moralista e decadente. Estou chamando a sociedade disso. A sociedade em que eu fui criado, em que tu foste criada, em que ele e todo mundo foi criado. Apenas, Hilda, eu (e tu também) tive coragem, o peito, a raça (esse orgulho ninguém me tira) de romper com essas podridões e aceitar

em mim um tipo de amor, um tipo de necessidade e de afeto, e mesmo de vida, contrários às normas usuais. Eu estou consciente dos porquês disso, das responsabilidades disso, de tudo. Eu estou SOBRE a sociedade: o Dante, dizendo aquilo, revelou-se DENTRO dessa coisa nojenta, dominado por preconceitos, por tabus. Mas compreendo: ele não tem condições de libertar-se, ele não sabe o que significa isso. Ele é simples, sem angústias, sem neuroses. Deve ser bom ser como ele. Mas no momento em que ele me chamava de veado e de doente, quem estava tentando me agredir não era ele, mas uma sociedade burguesa e nauseante que não tem o direito de me fazer críticas porque sou superior a ela, porque ela não tem condições de me julgar, nem condições nem direito, nem nada. Foi uma violência absurda, grossa e grotesca, deplorável, ridícula, nojenta. Eu estou contra isso. E não estou sozinho. Eu aceito e gosto imensamente do Dante como ser humano; mas detesto como ser social — compreendes? Escrever para ele seria curvar-me para essa coisa que eu e um punhado de gente estamos tentando derrubar. Não esqueças que J. é homossexual, que A.K. [...] — que todas essas pessoas que estão tentando fazer alguma coisa na merda desse país são homossexuais. Não é apologia é a verdade.

A única pessoa a quem devo dar satisfações é a mim próprio e, dentro de certas limitações, eu me sinto relativamente cumprido com o que fiz de mim mesmo. Entenda isso. E me escreva, se achar que vale a pena. Entenda principalmente o que o Dante não entenderia. Um abraço a ele.
Teu,

Caio

PS — feliz 1970.

Porto Alegre, 4 de março [de 1970].

Hildinha, acabo de receber a tua carta. A demora não me surpreendeu: eu sabia que devias estar muito abatida com a morte de Lupe. ¹⁶⁴ Eu próprio fiquei muito chocado, não sabia que ela estava doente. Aliás, aconteceu uma coisa mais ou menos estranha antes de eu saber que ela havia morrido: uma noite, conversando com um amigo meu, sem motivo aparente, comecei a falar sobre ela, que era muito amiga tua e de Lygia, boa poeta, muito bonita, etc. Fiquei horas falando, quando voltava para casa comprei o jornal e lá estava a notícia. Senti como nunca a precariedade da existência humana. Ela estava aí, escrevendo, ganhando prêmios — e de repente já não está mais. Não consigo aceitar nem compreender isso; não consigo sobretudo deixar de pensar que a mesma coisa pode acontecer daqui a pouco comigo ou contigo.

As coisas realmente não andam boas. Parece que quando tudo começa a degradingolar não há o que segure. Primeiro no plano político: a portaria do Ministério sobre censura de livros me deixou besta. ¹⁶⁵ Não pensei que chegássemos a tanto, é a degradação completa, o medievalismo e a inquisição reinstaurados. A seguir a perseguição dos hippies, como se fossem criminosos ou cães hidrófobos. Cada dia, quando abro o jornal, tenho um novo choque e uma revolta que se acumula e, logo após, uma terrível sensação de inutilidade. A.K. está preso em São Paulo: invadiram o Gigetto e o levaram, por tráfico e consumo de LSD. O grotesco da história é que nas chamadas “leis” não existe *nada* sobre LSD. Porto Alegre sempre foi uma cidade nazista, cheia de grupos de defesa familiar e coisas no gênero: tudo isso repercute aqui da maneira mais alvissareira (do ponto de vista *deles*) possível. Os lugares onde eu costumo ir, bares onde se reúne gente de teatro e outros desgraçados, estão cheios de espões — não se tem a menor segurança para falar sobre qualquer assunto menos “familiar”.

Outras notícias igualmente más: logo depois que meu primo foi embora, o pai adoeceu gravemente. Veio o médico e deu aquele susto em todo mundo: tuberculose ou câncer no pulmão. A mãe ficou baratinadíssima, chorando pelos cantos. Ele está em observação, parece que a hipótese do câncer está afastada — resta a outra.

Eu também estou doente, desde sábado. Passei um dia inteiro com febre de quase quarenta graus, delírios e coisas assim. O médico achou

que fosse pneumonias mas como os remédios que tomei fizeram efeito, acho que não passa de uma gripe muito forte. A dor nas costas foi insuportável. Agora passou um pouco, estou meio sobre o deprimidos sem vontade de nada, perdi dois quilos nesses dias.

Quanto ao livro, não soube nada ¹⁶⁶. Creio que vou ter mesmo que pagar a edição — mas me revolta a ideia de ter que submeter os originais à censura, obviamente grossa e sem condições para julgar sequer J.G. de Araujo Jorge. Para aproveitar os dias de cama, tenho lido bastante. Comprei o livro de contos daquela moça da *Folha*, Alcione T. Silva, *Flashback dimensão de memória* — um lixo total; o que ela chama, muito máriodeandrademente, de contos não passa de um amontoado de frases pseudo-intelectuais, tudo sem a menor unidade, sem sequer dimensão ficcional. Li também *Ninguém escreve ao coronel*, do García Cem Anos de Solidão Márquez, pareceu-me não ir além de um negócio de consumo, raso, gostoso de ler. Mas só. Falta *linguagem*. Agora estou relendo Contos da Mansfield, *Felicidade (Bliss)* — e descobrindo mais coisas. A mulher foi sem dúvida uma grande contista, seu único defeito é um certo feminismo. Mas adoro. E me identifico tanto com ela.

Sofri a morte da Preta. Mas tu podes estar certa que, no que depender da minha lembrança, ela ficará para sempre naquele limbo gostoso para onde os animais vão. Deve ser bom para ela, lá. Mais do que aqui. Agora já não tenho filha, estou de novo sozinho.

Recebi uma cartinha da Myriam Campello, escrita em Teresópolis, da casa da Nélida. Estão ambas revoltadas com a censura, embora eu ache que a Nélida não tem nada a temer. Pergunta por ti na carta, gosta muito de ti.

Acho que o casamento da Maria com o Apolinário foi um negócio acertado. Tenho certeza que ela vai ficar menos neurótica, menos insegura. É muito provável que já tenha descoberto que existem coisas mais sérias e mais problemáticas do que lecionar História. O que me contas da Ana também é ótimo, esse negócio de viajar vai-lhe proporcionar coisas maravilhosas. Fico feliz por ela, só espero que não pretenda largar o teatro.

Obrigado por teres feito a minha propaganda para o Thomaz Souto Corrêa, é ele quem manda e desmanda na *Cláudia*. Eu o conheci por intermédio da Carmem da Silva, já tinha certos preconceitos contra o

cujo por causa de certos contos monstruosos que ele andou publicando, e pareceu-me um pouco sobre o mau- caráter, como todos os “por cima” da Abril.

Ainda não li o *Fundador* da Nélida, só olhei por cima na casa do Carlos Jorge Appell, que estava irritadíssimo com o que chama de “falta de espaço” das coisas de la Piñon. Segundo ele, as personagens dela parecem fantasmas se movimentando num lugar todo branco e sem forma. Aliás, no prefácio do *Tempo das frutas* a Maria Alice Barroso aponta isso como uma qualidade — mas todos nós sabemos que a Maria Alice é uma boa besta, talvez por isso mesmo esteja na presidência do Instituto Nacional do Livro. Gozado é que olhando o livro lembrei que a Nélida havia se referido com desprezo às capas sem desenho, somente com letras, falando também que prefácio não dava mais pé. Pois bem, o *Fundador* tem uma capa só de letras e um prefácio enorme da Eliane Zagury, tradutora dos *Cem anos*.

Sabe, não quero te desanimar nem nada, mas acho que as tuas novelas não passarão na censura — pelo menos o *Osmo*. Nas outras novelas, as coisas todas são menos evidentes e a censura-teresinha não é inteligente ao ponto de descobrir essa dimensão. No *Osmo* as intenções agressivas e desmistificadoras se expressam a partir da própria linguagem, isto é, qualquer um percebe. Até a censura. Se isso que estou prevendo acontecer, por favor, Hildinha, não te abaixa, não faz correções no texto, não corta os palavrões. Espera que tudo mude, ainda que isso não aconteça antes de 20 anos. Eu estou confuso, achando que submeter originais à censura é compactuar com ela, Fico pensando se não seria melhor todo mundo desistir de publicar coisas, guardar os seus calhamaçoelhos nas gavetas. Acho que qualquer publicação “liberada pela censura” será, *a priori*, considerada como *a favor do regime*. Horrível, não? Não seria esta a hora exata dos escritores se reunirem e tomarem uma posição rígida e irreversível? O problema é que não existe classe mais calhorda, mais desunida — desse ponto de vista, o pessoal do teatro é bem melhor, talvez porque o próprio teatro seja coisa de equipe, não sei. A nossa antologia, que sairia em março, não sei como está: será doloroso se for trancada, pois a gráfica está quase concluindo o serviço; por outro lado, será igualmente horrendo se for liberada — o que pressupõe que será inócua e não-pervertedora dos costumes e da moral da tradicional família. Por aí tu vês como estou confuso, o meu

consolo (nem tanto) é que suponho que todo mundo deve estar na mesma.

Felizes são os que estão fora daqui: recebi do Maciel uma carta enorme contando maravilhas da Europa. Ele está muito bem, com dois convites para exposições, uma em Londres, outra em Paris, preparando trabalhos para a Bienal de Veneza. Mas não quer mais nada com a Espanha, pensa em se mandar muito brevemente para Londres, Paris ou Roma. Outra coisa interessante que ele conta é a respeito dos convites de homossexuais ricos e velhos a turistas americanas igualmente velhas e ricas para viver com os cujos. São vidrados nos *latin-lovers*. Os nomes europeus que ele cita na carta, os lugares, as perspectivas — tudo isso mexe com a minha imaginação, com o meu “ser nômade”. Morro de vontade de escapar mas, pelo visto, isso jamais será possível. Não tenho e nunca terei dinheiro, bolsas de estudo são coisas que acontecem somente aos outros, nunca a mim. Turistas americanas não existem em Porto Alegre, no máximo umas uruguaias e argentinas muito rastaqueras. Mesmo a São Paulo ou ao Rio creio que não terei oportunidade de ir durante muito tempo. Isso aqui é uma espécie de exílio.

Com essa maré toda contra, não tenho escrito absolutamente nada. É terrível. Tu sabes como é, a gente fica pensando aquela porção de coisas destrutivas, que nunca mais vai conseguir, que secou completamente, etc. Tenho algumas ideias, várias anotações, tudo meio caótico e superdesorganizado — mas acho tudo pálido, tudo insuficiente e inútil nesse momento que a gente está vivendo. Ando me sentindo ex-escritor, ex-amigo de qualquer pessoa, ex-gente — me lembro sempre de teus versos (teu livro está sempre na minha cabeceira, sempre leio coisas antes de dormir, às vezes gravo, outro dia eu e um amigo fizemos um recital inteiro dos teus poemas, a boneca terminou em prantos): “Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito. Tenho me fatigado tanto todos os dias vestindo, despindo e arrastando amor, infância, sóis e sombras”. A verdade é que não me sinto capaz de nada. Não é fossa. Fossa dá ideia de uma coisa subjetiva e narcisista. São motivos bem concretos, que inclusive transcendem o plano pessoal. É tudo tão insolúvel que a gente só pode fugir, porque ficar não adianta nada. A minha maneira de fugir, tu sabes, é dormindo. Andei dormindo até quinze horas por dia, durante quase duas semanas. Nos contatos que tenho com gente da minha

geração, ou de outras, mas unidos pela mesma lucidez, percebo de maneira intensa a mesma sensação de abandono e de inutilidade. Sobretudo de impotência. O consumo de drogas como meio (ótimo) de alienação e como meio (falso) de libertação é uma coisa incrível, assustadora mesmo. A maconha rola em Porto Alegre, as “picadas” também, agora descobriram mescalina em Sta. Catarina e uns conhecidos meus, pintores, estão fazendo tráfico e vendendo para toda a “classe artística” de PA. E o mais assustador nessa estória de drogas é que são consumidas justamente pela parte mais esclarecida da população, pelos que poderiam fazer alguma coisa. Os outros, as camadas mais baixas, têm a televisão, as novelas, as revistinhas de amor. Eu tenho o sono, talvez a fuga mais saudável, se bem que igualmente desesperadora.

Sei que vais te preocupar com esta carta, mas eu não poderia escrevê-la de outra maneira. Se essas coisas não são boas de serem lidas, não são também boas de serem escritas. A verdade é que tudo está muito duro para todos nós. E a verdade ainda mais insuportável é que somos justamente nós os culpados: a situação não teria ficado assim se esse rebotalho humano oficialmente conhecido como “povo brasileiro” não tivesse permitido desde o início. Sabes qual é a imagem que me vem à mente quando penso nisso tudo? É assim: o Fascismo, um sujeito enorme, peludão, gênero estivador, botando na bunda do Povo Brasileiro, um sujeitão magro, pálido, subdesenvolvido e preguiçoso como Macunaíma. No começo o Povo Brasileiro deixa, por preguiça, só um pouquinho não faz mal, por medo de levar porrada e, mesmo, no começo não dói muito. Mas acontece que o Fascismo tem um SENHOR pau, e não se contenta em botar um pouquinho, quer empurrar tudo. E vai empurrando cada vez mais. O Povo Brasileiro começa a se sentir incomodado, pensa vagamente em reclamar, mas conclui que, afinal, homossexualismo é uma coisa válida e se tantos suportam (pensa rapidamente no seu amigo Povo Espanhol, que virou bicha louca) ele pode também suportar. Aí, de repente, o Fascismo empurrou tanto que não é mais possível tirar. Ficou entalado. E goza trezentas e quarenta e cinco vezes seguidas enquanto o Povo Brasileiro morre de hemorragia anal. The end.

É só, Hildinha, não sei quando mandarei a carta porque não posso sair de casa. Carinhos mil para o Dante, para Edina e *A casa*, para todos os

cachorrelhos, Papéti, Maria Preta e demais dependentes. Todo o carinho do sempre teu

Caio.

PS – Escreve para o endereço da minha avó, ainda não nos mudamos: Bto. Gonçalves, 315 casa 4. Vibrei com a estória do tradutor alemão. Li uma matéria no *JB* sobre o cara, parece que é bom paca. Tomara que dê certo. Logo que Zama devolver a cópia, manda. Quero demais ler. Vou providenciar có— pia das minhas últimas coiselas.

P5 – Quando vires a Lygia, diz que mando um grande abraço. Gosto demais dela.

[164](#) Refere-se à poeta Lupe Cotrim Garaude.

[165](#) Caio refere-se ao decreto de 26/01/70 através do qual o governo militar instituiu a censura prévia sobre todas as formas de expressão. O decreto ficou conhecido como “Leila Diniz” em homenagem a esta atriz carioca que simbolizava a liberação sexual feminina naquele momento. Leila causara escândalo com uma entrevista ao *Pasquim* recheada de palavrões e supostas impropriedades. A entrevista foi considerada um estopim para o endurecimento do regime autoritário.

[166](#) *Inventário do irremediável.*

A Myriam Campello

Porto Alegre, 7 de abril de 1970

Myriam querida, deveria ter respondido à tua “gentil epístola” há mais tempo — mas houve uma série de problemas, inclusive mudança de apartamento, e só agora posso dispor de uns minutos. Gostei de saber que estás bem e trabalhando, apesar da portaria Leila Diniz. Sabe, no começo eu fiquei muito baratinado com a coisa, não pensava que a repressão chegasse a tais extremos. Assumi então uma posição bem radical, achando que submeter originais à censura seria compactuar com o regime — depois, sei lá, comecei a achar que, já que a gente está aqui, o mais acertado seria procurar fazer coisas, mesmo dentro de toda essa limitação. Afinal, o evidente propósito do governo é obrigar todo mundo a meter a viola no saco. E como ninguém está a fim de dar uma de herói, creio que a gente ainda pode tocar alguma coisa com apenas a metade da viola dentro do saco. Ou pelo menos tentar.

Realmente, vou sair do “limbo dos inéditos” muito em breve. Meu livro (o *Inventário do irremediável*) já está na gráfica, para sair em fim de maio ou começo de junho. Antes disso, saio também numa antologia do novíssimo conto gaúcho, a ser lançada até o fim deste mês. Você vê: tudo está engrenando aos poucos. Mas o estranho é o que está acontecendo: sabe, eu pensava que ganhando um prêmio, com livros a saírem ou já saídos, ia me dar uma fúria criativa (ou criadora) e eu ia começar a escrever sem parar. Pois o que acontece é justamente o contrário: há coisa de um mês, mais ou menos, não consigo escrever picas. Sei lá, parece que toda essa responsabilidade pesa, bloqueia, reprime. Estou em plena crise, com um outro livro de contos estacionado na metade, Ideias vagas para um romance e aqueles tradicionais medos: ai, não vou guir escrever nunca mais; ai, tenho medo do papel em branco; ai, não tenho mais nada a dizer; ai, ai, ai. Vamos ver até quando vai isso.

Enquanto a crise não passa, ou “enquanto seu lobo não vem” — como diria o Caetano — vou frequentando a faculdade e levando como posso o meu claudicante curso de Letras. Dia 15 devo prestar exames no Centro de Arte Dramática, para o curso de Diretor de Teatro. Vou ficar com Letras pela manhã e o outro curso à noite. Sempre tive vontade de

fazer teatro, agora me decidi. Afora isso, estou trabalhando com um amigo no texto de um show musical para uma excelente cantora local; e com outro amigo no roteiro de um curta-metragem, onde farei também um dos papéis. Como vês, estou bastante ocupado: o resto é ler, ir ao cinema de vez em quando, bater muitos papos (a maioria furados, graças a Deus) e dar uma que outra trepadinha.

Eu tinha vontade de dar um chego no Rio, em julho, mas não sei se vai dar pé. A razão é óbvia: \$\$\$ ou falta de. Precisava te ver de novo, e Nélida, e Ninita, e Jacqueline — aqueles dias que passei aí foram tão bons.

Ah, outra coisa que eu queria te falar: semana passada estiveram aqui dois caras do Rio, Luiz Antônio Barreto, da Simões Editora, e Flávio Moreira da Costa (talvez conheças, diretor do suplemento jovem de *O Jornal*), ambos a fim de encontrar gente nova para publicar. Fizeram vários contatos por aqui, inclusive comigo, e achei o negócio muito bacana: eles querem publicar única e exclusivamente autores brasileiros jovens — coisa raríssima e até meio desconfiável, como vês. De qualquer maneira, me lembrei logo de ti. Por que não tentas? Pelo que conversei com eles, a tua literatura é exatamente o tipo de coisa que eles estão buscando. Eu estou pensando em dar o meu romance a eles, já que a Carmem da Silva parece não ter conseguido mesmo editor. Fica a sugestão e o endereço: é Luiz Antônio Barreto, rua Evaristo da Veiga, 41, sobreloja 203, Rio. O telefone: 232-6629. Por favor, te compenetra e vai procurá-los. Eu fico uma fera quando penso nas centenas de medíocres publicados e me lembro de ti, excelente e inédita.

Estou mandando esta ainda para o endereço de Nélida porque não consegui decifrar o endereço de Ninita, que hieroglifaste no envelope.

Morro de saudade de ti, do Rio, de tudo. Imaginando que estejas com saudade de mim, mando esta *photo: donti forgeti mai feice*. Um beijo. Teu,

Caio

PS — Abraços e beijos para Ninita, Jacqueline e Nélida. Diz a ela que continuo sem ler *Fundador* por falta de \$ — e já estou cansado de insinuar que ela me mande um exemplar autografado.

A Hilda Hilst

P. Alegre, 14 de junho de 70.

Hildinha querida, recebi seu bilhete magoado com as fotografias (lindas: meu eu-Narciso teve orgasmo). Escrevi há pouco tempo uma longa carta, comentando o *Fluxo-Floema*, creio que não recebeste — caso isso tenha acontecido, repito que gostei muito. A estória do desastre com o Dante me preocupou bastante — não entendo por que ele não pediu a alguém que passasse um telegrama para cá, avisando, eu teria ido de ônibus até Caxias. Deve ter sido tristíssimo ficar simplesmente sozinho numa cidade estranha e, o que é pior, num hospital. Mas o importante é que ele já se recuperou bem. Diga a ele que os meus pais gostaram muito dele, até mesmo o meu pai, que é a própria ostra de tão fechado, chegou a dizer que era o primeiro amigo meu que ele gostava. Minha tia e minha mãe acharam ele o homem mais bonito que elas já viram; e meu irmãozinho gostou porque “ele parece o Bufalo Bill”. Elogios aos potes.

Ana Lúcia está aqui, com *Medéia*. Conversei rapidamente com ela depois do espetáculo, depois não tive mais tempo de aparecer: ela não está muito bem, meio de fossa, falando em largar o teatro. Não gostei do espetáculo — foi todo feito em função de Cleide Yáconis, que é muito boa, embora não excepcional. O coro é fraquíssimo, os atores homens idem. Soube pela Ana da morte de dona Bedecilda: outro golpe para você.

Não tenho escrito com mais frequência porque não tenho tempo: passo a manhã inteira na faculdade, a noite no curso de arte dramática, à tarde preciso estudar (estamos em exames), escrever, filmar, fazer montes e montes de coisas. Ando muito esgotado, durmo só umas cinco horas por noite (logo eu, que se pudesse dormia umas 20), andei também ruim do coração, meu ritmo cardíaco estava a mais de 200 pulsações por minuto, precisei fazer um tratamento, não posso fazer esforço, nem tomar álcool, estou proibido de fumar mas não ligo. Algumas brigas terríveis em casa: andei fazendo umas experiências com mesalina, meus pais descobriram, foi aquele forró. Ando deprimido, agressivo, cansado — perdi uns cinco quilos: pareço um fantasma, tenho insônia e pesadelos horrendos, ideias negras durante a noite. Hildinha, se você soubesse

como ando escuro, como ando perdido, como me distanciei de mim e das coisas em que acreditava: tenho participado de festas louquíssimas, na base da maconha, da nudez, jogo da verdade, bacanais, surubas. Por favor, queria tanto que me compreendesses. Ando muito sozinho, nessas festas se reúnem artistas plásticos, atores, atrizes, escritores — todos jovens, perdidos, desesperados — é uma coisa terrível. Chega a ser comovente a maneira errada como eles buscam a pureza, como eles tentam se convencer que os bacanais são a forma mais absoluta de comunicação: finjo o tempo todo, rio, sou alegre, dispersivo, com aquele brilho superficial e ridículo. E em cada fim de noite me sinto um lixo. Há tempos estou vivendo uma estória-de-amor-impossível que rebenta a saúde: sei que não dá pé de jeito nenhum e não consigo me libertar, esquecer — estou completamente fixado nessa pessoa, vivo todas as horas do dia em função de encontrá-la, à noite. É insuportável. Sei que estou me autodestruindo, mas isso já não me assusta: penso se não será melhor afundar, afundar até acabar numa clínica. A juventude de Porto Alegre é uma coisa terrível: 90% de viciados em tóxicos, todos fugindo de si, das máquinas, do fazer-alguma-coisa. Acho que quem está de fora não pode condenar, condenar simplesmente é desprezível — é preciso compreender. Existe uma sede de amor impressionante. Estou sendo muito honesto ao te contar essas coisas, poderia facilmente escondê-las: sei que me arrisco a te chocar, te ferir, te agredir. Mas eu nunca quis ser gostado por aquilo que não sou ou aparento ser. Não vejo saída, Hildinha, sinto que cada vez mais tudo se fecha. Também não adianta pedir ajuda a ninguém, ninguém pode dar. Talvez isso passe, não sei quando, talvez seja só uma fase, das mais difíceis que atravessei, mas até passar estarei me desgastando, me consumindo. Tenho chegado a extremos que não me julgava capaz. E como isso dói.

A antologia de contos foi lançada (estou mandando um exemplar) com muita badalação. Está vendendo bem. Vivi a experiência de uma tarde de autógrafos: me senti tolhido, constrangido, inibido. A imprensa anda me badalando muito. Mas descobri finalmente como tudo isso quer dizer pouco: o bom no escrever é o momento da criação, da vibração, da comunicação com o incognoscível que nos dita as coisas a serem escritas — o resto é lixo. A inveja é um fato: certas pessoas têm me agredido muito, na faculdade, na rua, geralmente intelectuais no mau sentido, frustrados e medíocres. Tenho horror desses rebucetes, rodinhas

e frescuras literárias: procuro ficar na minha, sempre. Digo a todos os repórteres que não me sinto um escritor: que sou só um ser humano procurando um jeito de viver. E que talvez esse jeito seja escrever, sei lá. Meu livro está quase pronto, deverá ser lançado em breve. Queria tanto que alguém me amasse por alguma coisa que eu escrevi.

Não sei mais o que te escrever, estou muito confuso, muito distraído. Pressinto muito próximo o fim de alguma coisa que não sei especificar qual seja. Mas não se preocupe muito comigo, não vale a pena. Acho que sou bastante forte para sair de todas as situações em que entrei, embora tenha sido suficientemente fraco para entrar. Não faço planos, não sei o que vai acontecer amanhã. É só, Hildinha. Um beijo enorme do seu,

Caio Fernando Abreu.

PS – Depois de reler – não é tão grave assim. Fui muito dramático. Faça boas vibrações por mim. Por favor, compreenda tudo. E escreva logo. Abraços no Dante.

Porto Alegre, 29 de dezembro de 70 .

Hildinha querida, estou chegando agora mesmo de uma semana na praia — chegando e encontrando o melhor presente de Natal ou Ano Novo que poderia receber. Fiquei demais comovido com o livro, com a dedicatória, com o *Lázaro* para mim, com o meu nome no prefácio. Orgulhosíssimo. Que bom, Hildinha, que recompensador pensar que todas aquelas nossas tardes batendo máquina, aqueles papos infundáveis à noite, as dúvidas, a pesquisa — pensar que tudo isso de repente ganhou forma concreta e comunicável aos outros. Você não imagina como tudo isso é importante para mim. Poucas horas atrás, no ônibus com um amigo, pensava em você, em Dante, na fazenda, pensava em toda aquela força mental que a gente desprende e me perguntava ao mesmo tempo “pra quê?”. A resposta é o *Fluxo-Floema*, é você dizer que não me esqueceu. Eu sei lá, estou demais feliz com esse negócio. Está tudo tão limpo, tão solar.

70 também não foi muito bom para mim, pelo menos no sentido humano ou afetivo. Em termos de trabalho foi altamente recompensador, mas você sabe como eu sou carente e inseguro, talvez mesmo ávido. A semana passada decidi ir para a praia com mais cinco amigos. Ficamos lá 8 dias. Então eu acho que consegui me reencontrar quase que inteiramente. E lembrei muito de você. Não consegui compreender o teu silêncio, que me doía barbaramente. Pensei muito. Sabe, consegui uma visão bastante clara de todas as minhas falhas e precariedades. Isso me abriu em amor. De certa forma fui ingrato e injusto com você e Dante. Falei sobre tudo isso com meu amigo, no ônibus, então foi extraordinário chegar em casa e encontrar o teu livro. Tudo aquilo que eu havia pensado e concluído abstratamente foi arrematado e definido pela chegada do *Fluxo-Floema*. É demais mágico, Hildinha. Vou reler todo, palavra por palavra, e sei de antemão que vai ser ainda melhor que das outras vezes. Antes de ser a grande escritora que você é, há o imenso ser humano carregado de amor e bondade que você é, de maneira ainda mais completa — isso é o que vou encontrar outra vez nas suas novelas. E na hora justa em que preciso. Como nunca. Tenho certeza que através desse livro outras pessoas vão aprender contigo tudo o que eu aprendi, e que é imenso. Muito bom, Hildinha, muito bom MESMO. Vais ver como agora as

coisas vão mudar — eu sinto e sei.

Estou por ir ao Rio para lançar o meu *Limite branco*, que já está praticamente pronto. Espero apenas o telegrama da editora me chamando para a tarde de autógrafos. Vou com alguns amigos, todos dispostos a ficar por lá, trabalhando em artesanato, teatro, cinema, vivendo numa comuna. Pensei em passar antes por São Paulo, para ver você e Dante. Isso seria daqui a uma ou duas semanas, não sei se vocês estarão na fazenda, mas acho que isso não é problema, pois com o telefone fica tudo fácil. Telefonarei antes, marcando bem. Você não imagina o quanto eu queria passar uns três dias aí com vocês, a saudade que sinto é uma coisa quase absurda. Talvez também você pudesse me avisar quando será a tarde de autógrafos em SP, eu gostaria demais de estar lá: se você me avisasse com alguma antecedência eu poderia dar um jeito de estar presente.

Vou dar o outro livro que você me mandou ao Carlos Jorge Appel, que é o crítico mais quente daqui. Vou também escrever um artigo sobre, não sei se sairá porque o meu nome está demais queimado nas “esferas políticas da imprensa gaúcha”. Depois de algumas entrevistas e uma crítica sobre o filme *If...* os diretores do jornal foram pressionados a cortarem as colaborações e a coluna de crítica cinematográfica. Milhares de coisas aconteceram, e o que ficou de imagem minha foi a de um escritor “underground”, profunda e naturalmente *maldito*, o que é verdadeiro até certo ponto e não completamente agradável. Agora com a saída do romance talvez as coisas mudem.

Outra coisa: seria muito bom que mandasses o livro aos críticos do suplemento da imprensa oficial de Minas Gerais. É o único suplemento decente do Brasil, com um nível muito alto e uma linha bem definida. Podes crer que não é desperdício mandar a eles. Os nomes são: Murilo Rubião, Carlos Roberto Pellegrino, Humberto Verneck e Luiz Gonzaga Vieira; o endereço: Suplemento Literário de Minas Gerais, Av. Augusto de Lima, 270, B. Horizonte, Minas Gerais. Aproveita e pede também para te enviarem o suplemento, é demais interessante, o único movimento literário “por dentro”, no Brasil, é esse de Minas.

Minha mãe te manda muitos abraços e deseja felicidades mis ao livro. Ela está muito bem, terminou seu curso de pós-graduação em Orientação Educacional, está de orientadora no melhor colégio do estado e com uma proposta para montar um gabinete particular de

Orientação. Já disse a ela que nesse passo acaba candidata a deputada e capa da *Manchete*. Meu pai também está ótimo, de carro novo e tal. Os irmãozinhos idem, Márcia entrou para o ginásio com notas altíssimas em Português — vê só, parece que está pintando mais um escritor(a) na família.

Comigo, as coisas clareando aos poucos. Inúmeras experiências novas. As mais insólitas. Uma reviravolta completa no terreno sexual. Te contarei pessoalmente, sentado na sala branca, à luz de lampiões.

Antes que eu esqueça: Maciel andou por aqui durante dois meses (voltou para a Europa a semana passada), maravilhoso, ganhando prêmios na Bienal de Veneza. Falamos muito em vocês. Ele gosta demais de ti e sempre diz que aqueles dias passados na fazenda foram das melhores coisas da vida dele. Voltou agora para morar na Europa indefinidamente: é uma boa ponte para mim. Pretendo ir logo que tenha condições.

Queria que desses um grande abraço em Dante. Desejo a vocês um 71 divino, cheio de criatividade e amor. Um grande-grande-grande beijo do teu

Caio

PS – Na noite de Natal na praia, fizemos uma vibração em azul, em conjunto, pensando nas pessoas que amávamos. Você recebeu?

Hildinha, a carta para você já estava escrita, mas aconteceu agora de noite um negócio tão genial que vou escrever mais um pouco. Depois que escrevi para você fui ler o jornal de hoje: havia uma notícia dizendo que Clarice Lispector estaria autografando seus livros numa televisão, à noite. Jantei e saí ventando. Cheguei lá timidíssimo, lógico. Vi uma mulher linda e estranhíssima num canto, toda de preto, com um clima de tristeza e santidade ao mesmo tempo, absolutamente incrível. Era ela. Me aproximei, dei os livros para ela autografar e entreguei o meu *Inventário*. Ia saindo quando um dos escritores vagamente bichona que paparicava em torno dela inventou de me conhecer e apresentar. Ela sorriu novamente e eu fiquei por ali olhando. De repente fiquei supernervoso e saí para o corredor. Ia indo embora quando (veja que GLÓRIA) ela saiu na porta e me chamou: — “Fica comigo.” Fiquei. Conversamos um pouco. De repente ela me olhou e disse que me achava muito bonito, parecido com Cristo. Tive 33 orgasmos consecutivos. Depois falamos sobre Nélida (que está nos states) e você. Falei que havia recebido teu livro hoje, e ela disse que tinha muita vontade de ler, porque a Nélida havia falado entusiasticamente sobre o *Lázaro*. Aí, como eu tinha aquele outro exemplar que você me mandou na bolsa, resolvi dar a ela. Disse que vai ler com carinho. Por fim me deu o endereço e telefone dela no Rio, pedindo que eu a procurasse agora quando for. Saí de lá meio bobo com tudo, ainda estou numa espécie de transe, acho que nem vou conseguir dormir. Ela é demais estranha. Sua mão direita está toda queimada, ficaram apenas dois pedaços do médio e do indicador, os outros não têm unhas. Uma coisa dolorosa. Tem manchas de queimadura por todo o corpo, menos no rosto, onde fez plástica. Perdeu todo o cabelo no incêndio: usa uma peruca de um loiro escuro. Ela é exatamente como os seus livros: transmite uma sensação estranha, de uma sabedoria e uma amargura impressionantes. É lenta e quase não fala. Tem olhos hipnóticos quase diabólicos. E a gente sente que ela não espera mais nada de nada nem de ninguém que está absolutamente sozinha e numa altura tal que ninguém jamais conseguiria alcançá-la. Muita gente deve achá-la antipaticíssima mas eu achei linda, profunda, estranha, perigosa. É impossível sentir-se à vontade perto dela, não porque sua presença seja desagradável mas

porque a gente pressente que ela está sempre sabendo exatamente o que se passa ao seu redor. Talvez eu esteja fantasiando, sei lá. Mas a impressão foi fortíssima, nunca ninguém tinha me perturbado tanto. Acho que mesmo que ela não fosse Clarice Lispector eu sentiria a mesma coisa. Por incrível que pareça, voltei de lá com febre e taquicardia. Vê que estranho. Sinto que as coisas vão mudar radicalmente para mim — teu livro e Clarice Lispector num mesmo dia são, fora de dúvida, um presságio.

Fico por aqui, já é muito tarde. Um grande beijo do teu

Caio.

Rio, 8 de março de 1971.

Hildinha querida, há umas duas semanas te mandei uma carta, não sei se recebeste ou se ainda não voltaste da praia. Estou escrevendo novamente para te pedir um favor. É o seguinte: eu, com mais alguns amigos, estamos formando um grupo de teatro amador para concorrer ao Festival de Ouro Preto, em julho. Fizemos ontem uma reunião lá em casa para decidir negócio de texto e tal, e não chegamos a uma conclusão. Eles queriam fazer um negócio sobre a criação coletiva, expressão corporal, nudez, agressão, estímulo musical. Achei que tudo isso está meio desgastado, e falei sobre o teu trabalho. Ficaram demais interessados. Então pensei em pedir a você que enviasse, o quanto antes, uma cópia de *A morte do patriarca* e outra *d'O verdugo*. Acho que são as duas mais sensacionais — principalmente *O verdugo* (eu faria o papel do revolucionário, sem capuz, estou com os cabelos nas costas e uma puta cara de Cristo) ¹⁶⁷. Sei que é chato para ti esse negócio de grupo amador, mas a turma é a melhor que você possa imaginar, seriíssimos, muito interessados, inteligentes — creio que sairá, no mínimo, um negócio muito sério. Também vou ver se consigo o Stepan Nercessian (aquele menino que fez *Marcelo Zona Sul*) para fazer o filho, ele é um grande ator e muito nosso amigo — o problema é que tem inúmeros compromissos para filmar. Com aqueles homens do povo, no segundo ato, faríamos uma espécie de coro de tragédia grega, creio que fica bacana. Talvez eu mesmo dirija, aproveitando o que aprendi no curso de Arte Dramática, ou então faremos direção seletiva. Estamos muito animados, depende de você dar o *sim*.

Estou muito bem, embora tenha trabalhado demais aqui para a Bloch. Foram-se meus áureos tempos de odalisca-teresinha. A boneca anda exausta, dormindo de 4 a 5 horas por dia. Perdi uns 8 quilos em menos de dois meses, isso me preocupa um pouco mas acho que não é nada, só a mudança de ritmo de vida. Há tanta a ser feita e ser escrita e vivida que acho besta perder tempo. A casa onde moro é sensacional, tranquilíssima numa ruazinha em Botafogo, com mais três moças e um rapaz gaúchos boníssimos. A gente se dá muito bem, somos confidentes um do outro, dividimos dinheiro, comida e vivências. Acho que definitivamente esse modo de viver em comuna é o melhor possível. De vez em quando me sinto um pouco sozinho, porque as minhas estorelhas

amorosas continuam não dando certo nunca, mas logo passa. Tenho paciência e confio que Jesuzinho um dia e de repente me mande uma pessoa divina-maravilhosa. Ou não: mas de qualquer forma tenho a minha tarefa.

Falar em tarefa, estou demais satisfeito com o que ando escrevendo. Acho que finalmente achei a minha forma. Estou escrevendo coisas estranhíssimas: consegui fundir toda aquela subjetividade com elementos mágicos políticos e até ficção-científica. A linguagem é a mais simples depurei muito e consegui uma coisa demais singela, isto é, um contraste: a forma simples e o fundo muito louco, cheio de conotações e metáforas. Não sei se isso é auto-elogio, mas acho que sou o único cara no Brasil que está fazendo literatura pop MESMO. Estou mandando três desses contos para o Paraná, certamente não vai acontecer nada, ninguém vai entender, mas não tem importância. Sei que no mínimo vou fundir a cuca dos caretas todos.

Another thing: Estou pensando em dar uma chegada até aí na Semana Santa. Acho que seria bom levar o pessoal do grupo teatral para baterem um papo com você, compreenderem melhor as tuas intenções (quero ser o máximo possível fiel ao texto e às tuas proposições). Pode ser? Se houver qualquer galho você diga. Ficaríamos três dias no máximo. Mas de qualquer maneira eu irei: estou precisando demais de um descanso. Sem contar essa saudade louca de quase dois anos.

Tenho divulgado o *Fluxo-Floema* por aqui, alguns compraram e vibraram. Ainda não fiz aquela crítica que prometi porque deixei o meu em Porto Alegre e estou sem \$ para comprar outro. Mas já mandei pedir e logo escreverei. Espero que tudo esteja ótimo para você, para Dante também. Transmita um grande abraço meu a ele. Milhões de beijos do teu irremediável,

Caio Fernando Abreu

¹⁶⁷ *A morte do patriarca* nunca foi encenada. O *verdugo* foi publicada pelo Conselho Estadual de Cultura de São Paulo (1970) e montada em 1973 no Teatro Oficina, com direção de Rofran Fernandes.

A Vera e Henrique Antoun

Porto Alegre, 23 de dezembro [de 1971].

Vera e Henrique,

meus queridos: imaginem um mundo de coisas limpas e bonitas, onde a gente não seja obrigado a fugir, fingir ou mentir, onde a gente não tenha medo nem se sinta confuso (não haverá a palavra nem a coisa confusão, porque tudo será nítido e claro), onde as pessoas não se machuquem umas às outras, onde o que a gente é apareça nos olhos, na expressão do rosto, em todos os movimentos — acrescentem a esse mundo os detalhes que vocês quiserem (eu me satisfaço com um rio, macieiras carregadas, alguns plátanos e uma colina — ou coxilha, como se diz aqui no Sul — no horizonte), depois convidem pessoas azuis para se darem as mãos e fazerem uma grande concentração para concretizar esse mundo — e, então, quando ele estiver pronto, novo e reluzente como se tivesse sido envernizado, então nós nos encontraremos lá e eu não precisarei explicar nada, nem contar nenhuma estória escura, porque estórias claras estarão acontecendo à nossa volta e nós estaremos sendo aquilo que somos, sem nenhuma dureza, e o que fomos ficou dependurado em algum armário embutido, junto com sapatos (quem precisará deles para pisar na grama limpa dessa terra?), roupas e enfeites (quem precisará de panos, contas ou cores na terra onde o ar será colorido e enfeitará nossos corpos?) — lá, eu digo, nós nos encontraremos entre centauros, sereias, unicórnios e duendes, e sem dizer nada, com um olhar verde (uma das minhas grandes frustrações sempre foi não ter olho verde — mas lá eu terei) eu direi o quanto gosto de vocês, e voaremos de tanta boniteza — combinado?

Corte rápido e traumatizante. Um cigarro queimando num pilão de jacarandá. Ruídos de televisão na sala. “Mas-agora-nós-seremos-felizes-para-sempre-eu-comprei-o-refrigerador-não-sei-o-quê”; “Compre no Natal e pague no carnaval”. Uma voz (a doce e repressiva voz materna): “Venham jantar, venham jantar”. Vou. O resto da carta talvez saia com gosto de feijão. Desculpas antecipadas. Stop.

Bem, agora vamos aos fatos (meu-Deus, eles existem!). Há cerca de dois meses precisei “fugir precipitadamente” (chique, não?) do Rio: a polícia havia batido no apartamento onde eu morava, em Sta. Teresa,

FORJARAM um flagrante de fumo, fui preso, me bateram, no fim a Bloch Editores em peso foi envolvida, acabei sendo demitido, e estava tão apavorado que precisei voltar. É difícil contar a vocês tudo isso, e tudo que aconteceu depois — além de ser complicado, é desagradável e triste. Mas, enfim, estou aqui em Porto Alegre, na minha casa, sem fazer coisa nenhuma, a não ser ler, comer, dormir e ver filmes antigos e cafonas na televisão. A travessia está sendo difícil. Estou perturbado, confuso e sozinho. Depois de um ano de ausência (o tempo que fiquei fora), tudo muda muito, as pessoas e a gente mesmo, principalmente, e é difícil conversar quando a maioria das conversas é na base do “tente passar o que eu estou passando”. Sei lá. De muitos pontos de vista (talvez todos), eu já era. Eliminei a palavra oral, e quase não falo, um pouco porque estou cercado de habitantes de outro planeta ou, no mínimo, outra concepção de vida, outra escala de valores, outros processos. Porto Alegre é muito bonita, mas essas coisas não têm importância quando a gente está todo esfarrapado por dentro. De repente eu me vi adulto e de mãos vazias, sem sequer um eletrodoméstico para satisfazer essas pessoas que nos exigem realizações o tempo todo.

Não sei como vai ser. Do tempo passado no Rio sobraram certezas duras e vários assassinatos; das pessoas, sobraram só vocês dois. Crianças, eu amo muito vocês. Esta pseudocarta é só pra dizer isso. Vou passar janeiro na praia, com the family — mas me escrevam, eu escreverei quando voltar. E estou precisando muito que vocês me contem coisas. Lembranças para a mãe de vocês, que é muito bonita. Beijões do seu

Caio

A Vera Antoun

Porto Alegre, 21 de março de 1972.

Verinha querida; escrevi para você e Henrique há muito tempo, em dezembro. Não recebi nenhuma resposta, fiquei grilado com o silêncio, achando que vocês não me queriam mais ou, na melhor das hipóteses que o correio havia extraviado a minha carta. De qualquer jeito, era uma carta muito besta, falsa e descolorida — eu estava atravessando uma fase muito ruim, me sentia eLivros aqui em Porto Alegre, vazio, sem nada pra dizer, a não ser que gostava imensamente de vocês dois e não queria perdê-los. Talvez fosse um pedido de socorro envergonhado. O socorro não veio, nem de vocês nem de ninguém, e fui obrigado a me investigar e afundar em mim mesmo durante todo esse tempo, no começo assim como quem cava um poço no deserto, depois, aos poucos, sentindo a areia mais úmida, uns filetes d'água brotando lentamente, até agora, quando me sinto na iminência de mergulhar o corpo nesse lago (talvez mar)-eu-os outros-cosmos, não sei.

Eu ia te escrever qualquer dia, eu tinha — e tenho — um monte de coisas pra te dizer, aquelas coisas que a gente cala quando está perto porque acha que as vibrações do corpo bastam, ou por medo, não sei. Mas as coisas todas, externo-interno, eram muito difíceis e escuras, eu não tinha condições de mostrar ou dar nada a ninguém que não fosse também escuro, compreende? Eu não queria, eu não quero dar trevas, dor, medo, solidão — eu quero dar e ser luz, calor, amparo (naquela cerimônia do chá em Sta. Teresa ¹⁶⁸ eu disse que queria ser ombro, você disse que queria ser um ovo — será que um ovo pode se apoiar num ombro sem quebrar?). A noite passada sonhei com você, e acordei hoje todo cheio de Verinha, você sentada comigo na frente do Conservatório, você na praia, você de branco, você sorrindo e apertando os olhos, você de tantos jeitos que eu não tinha outra solução senão sentar e escrever, embora com medo de não poder, de não saber, quando a gente segura um vidro a gente tem medo de quebrá-lo. Sobre o sonho não falo, talvez você achasse ridículo, mas era bonito.

Passei coisas difíceis. Fui demitido da Bloch e estive preso por porte de drogas. Depois disso, voltei para cá e, durante algum tempo, mergulhei numa série de viagens lisérgicas, de onde saí mais confuso do

que nunca. Perdi minha identidade, me desconheci. Passei um mês inteiro trancado no quarto, sentindo dor. Não exatamente sentindo, mas sendo dor, sem falar com ninguém, sem pensar nada, sem fazer nada. Passei janeiro na praia, com meus pais e meus irmãos, e em fevereiro fomos pra Itaqui, uma cidadezinha na fronteira com a Argentina onde moram meus avós e tios. Acho que foi um pouco o ter voltado a encontrar a paisagem da minha infância que me fez reencontrar também comigo mesmo, voltar a abrir os olhos e não fugir mais. Toda aquela terra, as cadeiras na calçada e as pessoas olhando o céu, sabendo da natureza, as ruazinhas estreitas, as casas velhas, a ausência de televisão, de automóveis, de civilização — tudo isso faz parte do mais fundo de mim, onde comecei, onde estou plantado. A vontade compulsiva de me atordoar cedeu lugar à vontade de ser simples, ser terra (como Jorge de Lima: “Nunca fui senão uma coisa híbrida/ metade céu, metade terra com a luz de Mira-Celi dentro dos olhos”) e quando voltamos para Porto Alegre, eu já estava em pleno processo de regeneração.

Estou fazendo análise, ontem tive a primeira sessão. Não é análise tradicional: o paciente esticado no divã e o analista remexendo a cuca com seu bisturi-freudiano-kleiniano-enferrujado. O método de um alemão Schultz (o papa germânico da psicanálise), fundamentado na auto-hipnose, concentração, relaxamento, meditação, auto-análise — baseado nas filosofias orientais, ioga, zen-budismo, tao. O paciente aprende a dominar seu corpo e sua mente e, no último estágio, alcança uma grande paz ou conhecimento (espécie de nirvana ou satori), encontra dentro de si reservas de criatividade e pode orientar-se para qualquer objetivo, auto-estimulando-se. Os exercícios de concentração, como a ioga, podem levar a ter visões de cores, paisagens paradisíacas, essas coisas. E tudo isso acaba com a ansiedade, a angústia, a insegurança. Vai ser bom e vou conseguir.

Depois das viagens, estive quase paranoico. Vi monstros horrendos nas pessoas, me senti perseguido e encurralado, aí me tranquei em casa e, cada vez que saía, era um suplício — voltavam as ondas do sunshine e eu achava que as pessoas iam me morder, rir de mim, um inferno. Quando melhorei um pouco, tentei sair e procurar alguns amigos, mas não consegui nenhuma integração com eles. Fiquei surpreendido com o grau de vampirização das pessoas: todas elas preocupadíssimas em falar, falar, falar, extrair opiniões, orientações, dicas, dizer coisas

intelligentinhas, mostrarem que não são caretas, que não têm medo, que não sentem dor. Cada contato meu com alguma pessoa representava uma perda enorme de energia vital: eu saía esgotado, confuso, com dor de cabeça e, principalmente, com dor por não poder fazer nada pelo desespero alheio. A minha própria miséria aumentava. Foi aí que a solidão deixou de ser involuntária para se transformar em escolha. E foi bom, está sendo bom. Passo o dia lendo, ouvindo música, vendo velhos filmes na televisão, de vez em quando vou ao cinema ou saio para passear na beira do rio que passa atrás do edifício. Fico lá sentado numa pedra, fumando e pensando nas pessoas que perdi, senão em afeto, pelo menos em proximidade física. De vez em quando choro, é bom chorar, eu não tenho vergonha, mas em todos os momentos existe a certeza de ter feito uma escolha acertada, de estar caminhando em direção à luz. Não nego nada do que fiz, também não tenho arrependimentos ou mágoas: eu não poderia ter agido de outra maneira — mesmo em relação a você — levando em conta o quanto eu estava confuso naquela época. Também já não tenho aquelas queixas infantis, na base do “tudo dá errado pra mim”, ou autopunições como “eu sou uma besta, faço tudo errado”. Nada é errado, quando o erro faz parte de uma procura ou de um processo de conhecimento. Gosto de olhar as pedras e os desenhos do vento na superfície da água, gosto de sentir as modificações da luz quando o sol está desaparecendo do outro lado do rio, gosto de sentir o dia se transformando em noite e em dia outra vez, gosto de olhar as crianças brincando no corredor de entrada e das palmeiras que existem no meio da minha rua — gosto de pensar que vou sempre ter olhos para gostar dessas coisas, e por mais sozinho ou triste que eu esteja vou ter sempre esse olhar sobre as coisas. Não sei muito, também não tenho muito, também não quero muito, mas estou aprendendo a respirar o ar das montanhas.

Verinha, eu te amei muito. Nunca disse, como você também não disse, mas acho que você soube. Pena que as grandes e as cucas confusas não saibam amar. Pena também que a gente se envergonhe de dizer, a gente não devia ter vergonha do que é bonito. Penso sempre que um dia a gente vai se encontrar de novo, e que então tudo vai ser mais claro, que não vai mais haver medo nem coisas falsas. Há uma porção de coisas minhas que você não sabe, e que precisaria saber para compreender todas as vezes que fugi de você e voltei e tornei a fugir. São coisas

difíceis de serem contadas, mais difíceis talvez de serem compreendidas — se um dia a gente se encontrar de novo, em amor, eu direi delas, caso contrário não será preciso. Essas coisas não pedem resposta nem ressonância alguma em você: eu só queria que você soubesse do muito amor e ternura que eu tinha — e tenho — pra você. Acho que é bom a gente saber que existe desse jeito em alguém, como você existe em mim.

Queria saber de você e de Henrique, daqueles meninos que sem me conhecerem me levaram para a sua casa e se mostraram para mim. Vocês foram as melhores pessoas que encontrei no Rio, sabem disso? Por favor, me escrevam, é importante, um bilhete, um postal, qualquer coisa, de preferência uma carta gorda como uma cantora lírica, contando de tudo que vocês estão sendo e fazendo nessa cidade louca, linda e longe. Eu tô aqui, lendo Charles Reich e zen-budismo, sentindo saudade de vocês. Os taurinos e virginianos não devem se perder, Verinha. Um grande beijo e saudade do

Caio

[168](#) Provavelmente chá de cogumelos alucinógenos. O período de 71, 72, 73, é o apogeu tanto dos “anos de chumbo” (o momento mais duro da ditadura militar, governo Médici) como de sua contraface jovem e contracultural, a época do “desbunde”, das viagens lisérgicas de LSD, da loucura, dos cogumelos, da marihuana. Entre a depressão e a euforia.

Porto Alegríssimo, 4 de janeiro de 1973

Verinha-maravilha, por onde anda você, tão distanciada, tão silenciosa? Em que nova galáxia posso te encontrar outra vez, morena como uma princesa raptada por beduínos no deserto? Vezenquando baixa uma saudade, quase sempre clara como tem sido o ar verde-azulado deste verão, e fico sentindo falta do teu jeito lento de chegar pisando em nuvens, sempre azul. As coisas andaram meio escuras para mim, durante muito tempo, depois, o fim do inverno levou as amarguras e tudo se renovou; estou pronto, outra vez, para te encontrar na areia do Leme ou nas salas estragadas do conservatório, expressões corporais, alquimias. Hoje vesti verde, em homenagem ao eclipse em Capricórnio, e de repente, não mais que, a redação ¹⁶⁹ quase vazia, uma tarde quase quebrando de tão clara, você chegou na minha saudade. Escrevo. Há muito para dizer, mas é uma pena que não se possa mandar uma carta cheia de silêncio, que é música.

Siboney me trouxe, há alguns meses, o livro do Waly ¹⁷⁰ (muito ruim) e uma carta tua, que não cheguei a ler porque ele não me entregou. Estou trabalhando neste jornal há quase uma semana, ganhando relativamente bem e juntando \$\$\$ para viajar, em junho, para a Europa. Há uns quinze dias ganhei um prêmio literário do Instituto Estadual do Livro, com um conto chamado *Visita*, que me deu dinheiro, alegria, segurança e mil lancezinhos. Estou TRI. Tenho disciplinado a minha vidoca, semana que vem começo a fazer ioga, pela manhã, e logo depois uma dieta macrobiótica. Logo após, um curso de conversação de francês e outro de inglês — quero atravessar o Atlântico muito bem preparado, as asas dispostas a qualquer voo. Saio muito pouco, prefiro ficar em casa transando minhas coisas, meu cachorro Tirésias, descendente de nobres chineses, uma enorme família de periquitos azuis, verdes e brancos, estudando magia e astrologia (ando afiadíssimo — você continua a estudar?). Porto Alegre é considerado um dos grandes centros magnéticos do mundo e, em consequência disso, há aqui diversas sociedades esotéricas, como a FEEU (que tem uns livros sensacionais) e a GFU (onde faço ioga, fundada por um peruano, com cursos de cosmobiologia e astrologia). Dizem que será aqui o novo centro de irradiações para todo o Brasil, depois de passada a epidemia baiana, e eu acredito... As pessoas andam lindas, com as cucas ótimas,

profundíssimas.

Andei viajando muito (fiz 4 viagens em dois meses), nas últimas consegui a INTEGRAÇÃO, sem nenhum mau momento, sou muito sujeito a bads. ¹⁷¹ De outra vez vi Deus, era um menino que me dizia para não perder a infância, que a infância era Deus. De outra foi a Capela Sistina inteira nas nuvens. Morreram vários amigos meus nesse fim de ano, doenças, loucuras, desastres, foi duro ter a morte tão perto, mas eu soube desdobrar a desantenação inicial para curtir o que eles deixaram de bom. Estou muito velho, e cada vez mais criança. Aprontei um novo livro de contos, chamado *O ovo apunhalado*, que está participando de um concurso literário em Brasília. Mesmo que o prêmio não saia, já arranjei um editor por aqui, e é provável que até o fim deste ano você me receba em livro pela vez terceira. Aprendi a gostar de viver e ser feliz. Depois dessa viagem sei que há um tempo claro e calmo à minha espera, a casa no campo, os livros e discos, os amigos do peito e nada mais. Só que as coisas têm a hora certa de chegar, eu sei que você sabe, e por estranho que pareça preciso ainda ser um pouco machucado pela sifilização, para que o voo seja mais seguro, depois, e sem volta. Você sabe também que quem sobe neste avião não consegue mais voltar à terra, mas só chegarão ao destino os que não tiverem medo. Onde anda você, menina que me ensinou tanta coisa nova?

Antes de viajar pretendo dar uma volta pelo Brasil, rever as não muitas mas muito intensas pessoas que fui deixando nos lugares por onde andou minha magreza: S. Paulo, Campinas, Florianópolis, Rio, Cabo Frio, Belo Horizonte. Então verei você e Henrique. Mas até lá, por favor, escreve contando de você, de tudo, de todos. Não quero nunca me perder de você, nem preciso dizer isso porque você sabe que um Virgem e um Touro não se perdem mesmo — é astralmente impossível. Portanto, mesmo que você cometa a vileza de me deixar sem resposta, num outro de repente a gente se encontra numa esquina, numa praia, num outro planeta, no meio duma festa ou duma fossa, no meio dum encontro a gente se encontra, tenho certeza.

Vou ver se acho no jardim lá de casa um amor-perfeito para mandar junto com a carta. Dê um grande abraço em Henrique, em todos os seus irmãos e naquela mãe maravilhosa que vocês têm.

Sempre seu

Caio

[169](#) A redação onde Caio trabalha neste momento é a do jornal *Zero Hora*.

[170](#) Waly Salomão, o livro era *Me segura que eu vou dar um troço*.

[171](#) “Viajar” na gíria desbundada dos anos 68/70 tomar ácido lisérgico (LSD), de vários tipos, como o “Sunshine”, mencionado mais à frente; “bads” = são “bad trips”, viagens ruins, em que o efeito psicotrópico provocado pelo ácido pode levar a estados alucinatórios paranóides ou profundamente melancólicos.

A Hilda Hilst

Porto Alegre, 11 de janeiro de 1973.

Hilda querida, foi uma grande felicidade receber o seu cartão. Um dia antes, eu havia falado muito mal de você para minha mãe, que você era ingrata, desamorosa, que não escrevia há mais de um ano. Andei mesmo muito magoado por causa disso. Escrevi dezenas de cartas para os mais diversos endereços, inclusive para Lygia Fagundes Telles e para Hermengarda, na praia. Sabia de você, ocasionalmente, pelos meninos Paulo e Moacyr, e por Maria Zali, e as notícias eram sempre preocupantes: que você estava com problemas financeiros muito sérios e, ainda por cima, que aquele baixo-astral (na minha opinião) do Geraldo estava morando aí. Eu ficava baratinado, imaginando estorinhas negras, e não havia jeito de saber nada de concreto. Fico feliz que você tenha escrito, muito embora seja apenas um cartãozinho: tenho uma grande dívida de afeto e força para com você, além de enorme gostar, você sabe disso.

Estou muito bem, graças a Deus. O ano de 72 foi bastante terrível, até outubro, novembro. Precisei fazer análise para me situar um pouco, estava completamente desorientado, com ideias fixas em suicídio, achando que nunca mais conseguiria escrever, com medo das pessoas, sem falar o dia inteiro, completamente sozinho. Aos poucos as coisas começaram a engrenar novamente e, agora, tenho certeza de estar numa das melhores fases da minha vida, no começo da vida adulta, seguro, nítido. Ganhei o 1º prêmio de um concurso de contos do Instituto Estadual do Livro, no valor de Cr\$5.000, com um conto chamado *Visita*. Foi sensacional: toda a intelectualidade local estava concorrendo, e a comissão atribuiu o prêmio apenas a mim, por achar que nenhum dos outros tinha nível. Foi o grande escândalo literário do ano, por aqui. Para mim, afora a satisfaçãozinha vaidosa (natural e perdoável, não?), foi um grande estímulo. Eu andava Extremamente inseguro das minhas coisas, me achando um lixo, depois do prêmio tive uma nova visão do que não sei se posso chamar de “minha obra”, mas é isso aí.

Estou empenhado numa grande aventura, um grande sonho: planejei ir para a Europa, em julho ou agosto, e vou. Guardei o dinheiro do prêmio e aceitei um trabalho de copydesk num jornal daqui, a *Zero Hora*. São

apenas 5 horas de trabalho, com um salário de mil cruzeiros. Até julho, portanto, devo ter mais de mil dólares em “caixa”. Quero matar essa vontade de ver o outro lado do Atlântico. Talvez estude por lá (ando fascinado por Cibernética), talvez apenas olhe, não sei, não se pode prever: sei apenas que enquanto eu não pisar na Europa não vou conseguir descansar.

Tenho um outro livro de contos pronto, chama-se *O ovo apunhalado*. Está em Brasília, concorrendo ao Prêmio Nacional de Ficção. Mas, mesmo que não ganhe, já tenho um editor: o Instituto Estadual do Livro está disposto a financiá-lo. Meu trabalho está bem diferente do que você conhecia, para melhor, já liberto de todas aquelas influências de Clarice Lispector. E bem mais objetivo, bem mais maduro que o *Inventário*, aproveitei bem minhas incursões pela loucura, é um livro místico, violento, louco e lírico. Alguns dos contos que você conhece foram escritos aí na fazenda, como aquele do anjo que mora num guarda-roupa. Continuo produzindo, estranhamente, cada vez com mais dificuldade (no sentido de mais respeito para com a “coisa literária”) e também com mais prazer. Há uma peça infantil quase pronta, um romance interrompido por falta de vivência e uma novela ainda na cuca.

Uma outra noticilha literária, que muito me alegrou: aquele maravilhoso *Suplemento de Minas Gerais* selecionou os que eles consideram os 32 melhores contistas brasileiros (entre outros, Lygia, Clarice, Trevisan, Rubem Fonseca, Nélida, Rawet, Roberto Drummond, J. Veiga) para publicar uma antologia. Serão editados 35.000 exemplares, para serem distribuídos a universidades do Brasil e do exterior. Fui convidado (com Moacyr Scliar e Tania Faillace, aqui do Sul) e mandei o que considero meu melhor trabalho, *Ascensão e queda de Robhéa, manequim e robô*, a piradíssima estória de uma epidemia tecnológica, em que as pessoas se transformam em robôs, com toda uma crítica ao consumo e ao poder.

Quanto a mim, pessoa-espírito, mil maravilhas. Tudo que passei (e que talvez um dia te conte pessoalmente), as escuridões do outro lado da mente, me conduziu para muito perto de Deus e da magia. Associei-me aos Rosacruz, já fiz uma das iniciações, estou no Iº grau, e por fora tenho estudado astrologia, numerologia, taromancia. Estou com um poder mental muito grande, e que se desenvolve a cada dia. Descobri que posso me tornar um grande mago branco, e estou me encaminhando

para lá. As experiências mágicas que tenho feito infelizmente não podem ser contadas por carta, mas são desbundantes. Posso te dizer que estou perto de Deus, e que estou feliz, *gostando de viver* (é maravilhoso poder dizer isso) e conseguindo transmitir um monte de coisas boas às pessoas que me cercam. Devo também começar a fazer ioga, e estou arrumando os dentes para começar também uma dieta macrobiótica. Estou estudando inglês e francês, para a viagem, e talvez aprenda também violão. Meu relacionamento com a família e com as pessoas em geral nunca esteve tão bom: há uns três meses desaprendi o que é incomunicabilidade, solidão, angústia. E sei que estou apenas no início de um largo caminho de amor, Maciel (lembra dele?) está aqui desde novembro, veio fazer uma exposição. Pergunta sempre por você, e manda um grande abraço.

[...]

A Vera Antoun

Portinho, 18 de um janeiro insuportavelmente quente do ano da graça de 73

Verinha:

minha doce e triste namorada/minha amada idolatrada salve, salve o nosso amor; lembra? Li reli tresli milli tua carta. Sabe a vontade que eu tive? De tomar um avião (ou mesmo as minhas asas) mandar tudo pros quintos e chegar de novo aí no Leme subir os degraus da porta de entrada entrar no elevador apertar a campainha te ver de novo e depois não sei. Mas não dá. Não dá mesmo. Eu também preciso te ver senão vou morrer de amor insatisfeito de desencontro de saudade com sede insaciada. Pra você ter uma ideia de como está minha vidoca: além de trabalhar à tarde copidescando as reportagens infectas dos repórteres meio débeis mentais daqui, estou como uma espécie de correspondente do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, entrevistando literatos daqui pra eles, mais uns free-lancers para a revista de domingo da *Zero Hora*, mais escrevendo contos & contos e uma novelinha escatológica ainda sem título e um romance parado *Os girassóis do reino* mais uma pecinha infantil *A comunidade do arco-íris* onde tem uma boneca de pano que é você. Além disso uma transa sensacional, não sei se você já ouviu falar em Ernesto Bono, é um antipsiquiatra daqui, diretor-presidente da Macrobiótica e editor de uma revista de contracultura chamada *Orion*, bom, ele está numa muito ruim, quase falido, editando a revista com grana do próprio bolso e tá a fim de reunir um grupo pra transar uma reformulação da revista, inclusive vai pro Rio amanhã ver se traz o Maciel pra formar aqui uma espécie de centro de irradiação da contracultura pra todo o Brasil (Bahia já era): e eu tô dando a maior força e vou descolar um tempo pra entrar nessa, seja o que Deus quiser, mesmo que tenha que abdicar da minha viagem pro outro lado do Atlântico. Mas a vontade é te convidar pra sair por aí sem compromisso brincar de tobogã no arco-íris qualquer coisa assim: você topa?

Como é que tá a outra Vera Libra que te mandei? O Augusto irmão dela está esperando que ela volte piradíssima (o apelido dela é Shell): ela é legal mas meio careta, você deve ter sacado isso. Eu pediria que você fosse o mais legal possível com ela, vê se dá um rolê na cuca dela, que tem condições pra agüentar qualquer barra. O irmão dela é uma

glória absoluta, a outra irmã, Marta, também. Uma coisa meio louca que me ocorreu agora: como é totalmente impossível eu ir, quem sabe você vinha com a Vera? Pensa nisso. Seria maravilhoso.

Amo, amo você todo esse tempo que a gente ficou perdido eu aqui no Sul você aí no Centro eu não esqueci nunca: cansei de falar de você pra todo mundo mas só a magra Jane te conheceu — lembra dela? Os outros que não te conhecem não podem entender bem o porquê da minha ligação toda.

Fico contente com o piano, é uma das minhas frustrações não saber, vê se entra logo nos barrocos ou pelo menos alguns noturnos de Chopin, eu só dou força. Não funda a sua cuca, não pense demais (essa é a essência do pensamento do Bono: não pensar, matar o ego, deixar vir à tona o ser). Entendo a tua análise, é legal até certo ponto: a psicanálise tradicional apenas reforça o ego, que é a fonte de todas as nossas angústias e temores, você com o tempo se torna terrivelmente ególatra e não é nada disso: quero fluir: as coisas passando eu quero é passar com elas: é mais do que isso aí. Por enquanto estou nessa batalha de abrir as cucas alheias porque é impossível a minha fluir sozinha cercada de caretice. Conseguí coisas incríveis na minha própria casa. Minha mãe está maravilhosa, sacando mil coisas, precisas ver os papos dela sobre poluição.

Seguinte: impossível mandar outro *Inventário* no momento: ele está esgotado: existem apenas uns três volumes na livraria do Globo e eu não tenho \$\$\$ para comprar: mas devo receber no dia 10 então mando: ele talvez seja reeditado, pois foi considerado leitura obrigatória para alunos de II ciclo. Vi Siboney ontem no carnaval do Chacrinha. Ah: um livro ótimo sobre astrologia: *A astrologia espacial e os mistérios do futuro*, de Joseph Goodavage, editora Pensamento.

Outra coisa: li nos jornais que Cortázar chega por esses dias no Rio. Daí quem sabe você entrega a carta pessoalmente. Eu ando louco pra ler as *Histórias de cronópios e famas*, o último dele, mas a dureza é total. Não dá nem pro fumo.

Acho que é só. Saudade saudade saudade saudade saudade saudade saudade saudade. Amor amor amor amor amor amor amor amor amor. Todos os beijos já existentes e não existentes todos os beijos os beijos dados mais os que estão por dar. Não se perca. Não se esqueça. Viver bem é a melhor vingança.

Abrações pro Henrique. Lembranças pra tua mãe. Até.

Caio

Se você tiver interesse: a Civilização publicou um livro do Bono chamado *É a ciência uma nova religião?*. É ótimo, muito aprofundado. Problema é que custa uma nota. Vê se você consegue. Talvez algum conhecido tenha. Foi a partir dele que eu comecei a ver sentir as coisas dum outro jeito.

Não sei desenhar, mas mando uma tentativa para a sua parede.

A Hilda Hilst

Porto Alegre, 27 de março de 1973.

Hilda querida, talvez esta seja uma carta de despedida. Mas não se assuste, é que aconteceram alguns imprevistos e resolvi embarcar para a Europa em seguida, fim de abril ou começo de maio. Vou com Augusto, um amigo antigo — o mais antigo que tenho —, ainda dos tempos de adolescência, em Santiago, uma pessoa ótima. Creio que vamos por um avião de Aerolineas Argentinas, o mais barato da temporada, também porque não temos muito dinheiro e temos que ir logo para a Suécia, pegar a temporada de trabalho, que começa em maio — provavelmente dia 28 de abril. Ainda tem toda a encheção de saco com papéis e mil transinhas, portanto não marcamos nada. Mas vamos de qualquer maneira. Meus planos são fazer uns 1.000 dólares na Suécia para depois viajar um pouco e, em setembro, fazer algum curso, talvez em Paris, onde tenho dois amigos lecionando na Sorbonne. Eu estou tranquilo e sinto que tudo vai sair bem, porque é exatamente a minha hora — mas de vez em quando tenho umas dorzinhas de barriga, você sabe.

Estou um pouco chateado com você. Há muito tempo, uns dois meses, mandei para você um recorte de jornal, com uma matéria minha sobre o Lúcio Cardoso, onde eu falava em você. Sei lá se chegou ou não, mas de qualquer maneira acho que você poderia ter escrito. É uma coisa que me dói muito, esses seus silêncios. Sei — claro — que você deve ter problemas bastante sérios, mas uma carta de vez em quando não custa nada e, às vezes — quem sabe? — talvez até a gente pudesse ajudar. Penso, com mágoa, que o relacionamento da gente sempre foi um tanto unilateral, sei lá, não quero ser injusto nem nada — apenas me ferem muito esses teus silêncios. A sensação que tenho é que você simplesmente não está a fim de transar muito — e cada vez que tomo a iniciativa de escrever, é sempre meio tolhido, sem naturalidade, com medo de incomodar, de ser indesejável. Não é uma coisa agradável. Seja como for, continuo gostando muito de você — da mesma forma —, você está quase sempre perto de mim, quase sempre presente em memórias, lembranças, estórias que conto às vezes, saudade. E se é verdade que o tempo não volta, também deveria ser verdade que os amigos não se perdem. Eu não gostaria de acreditar nisso.

Aconteceram coisas bastante duras nos últimos tempos (muitas coisas boas, também). Não vale a pena contá-las, mas a conclusão, amarga, é que não há lugar para gente como nós aqui neste país, pelo menos enquanto se vive dentro de uma grande cidade. As agressões e repressões nas ruas são cada vez mais violentas, coisas que a gente lê um dia no jornal e no dia seguinte sente na própria pele. A gente vai ficando acuado, medroso, paranoico: eu não quero ficar assim, eu não *vou* ficar assim. Por isso mesmo estou indo embora. Não tenho grandes ilusões, também não acredito muito que por lá seja o paraíso — mas sei que a barra é bem mais tranquila e, enfim, vamos ver. Acho que o mundo está aí pra ser visto e curtido, antes que acabe. Vou de consciência tranquila, sabendo que dentro de todo o bode fiz o que era possível fazer por aqui. E não sei quando volto. Nem se volto.

Por uma carta tua, suponho que teu livro deva ter saído. Se fosse possível, eu gostaria que me mandasses uns três ou quatro: pretendo transar algumas editoras por lá, e podia encaminhar o teu livro a alguma, você é que sabe. Tenho alguns amigos escritores por lá, que devem estar mais ou menos por dentro das transas editoriais.

Quanto ao meu, ainda não soube o resultado do concurso de Brasília, que deve sair por esses dias. Em todo caso, mesmo que não ganhe nada, será publicado pelo Instituto Estadual do Livro, quero deixar tudo bem encaminhado. Achei uma epígrafe ótima, duma letra do Gilberto Gil para uma música chamada *Zoológico*, assim: “Eu sou o menino que abriu a porta das feras/no dia em que todas as famílias visitavam o zoo”. Não é uma glória? E o livro é exatamente isso: a violência e a loucura soltas para grilar os bempensantes. No momento, acredito muito no grilo como arte, não sei se você entende.

Outra coisa, sobre teu livro: desta vez podias fazer uma boa divulgação. Além dos críticos de SP e Rio, acho que devias mandar para o pessoal do *Suplemento de Minas*, que é muito bom: Sérgio Sant’Anna, Jaime Prado Gouvêa, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Duílio Gomes e, principalmente, Luiz Gonzaga Vieira, que é um ótimo crítico. Aqui em Porto Alegre também há alguns críticos interessantes, se você tiver interesse, eu posso mandar nomes e endereços.

Falar em endereços, lembrei de duas pessoas conhecidas tuas que moram na Europa: uma é aquela moça, filha duma mulher fantástica, não me lembro o nome (Cléo?), que mora na frente do edifício Itália —

acho que o nome da moça é Sapinho (apelido); o outro é aquele rapaz compositor, parece que José Antonio de Almeida Prado. Caso você lembrar de mais alguém, eu gostaria de procurá-los por lá.

Hildinha, acho que é só. Ainda tenho que ir ao centro fazer potes de coisas. Por favor, me escreve antes que eu me vá. Nem que seja um bilhetinho. Gostaria muitíssimo de levar, sei lá, a tua bênção, ou uma força qualquer — boas vibrações. Dá, por mim, um grande abraço em Dante, quando o vires, em la Soininem (diz a ela que vou a Finlândia, em sua homenagem) e em Zé Luis (o avião que vou fica em Madri). Um beijo do sempre seu

Caio

A Vera e Henrique Antoun

Porto Alegre, 6 de abril de 1973

Vera/Henrique, meus queridos:

vamos nos ver muito breve, se vocês quiserem. É o seguinte: depois de uma série de desantenações, resolvi mesmo viajar para a Europa, o quanto antes. Saí do jornal e comprei uma passagem para o dia 28 de abril, num avião das Aerolíneas Argentinas, que sai de Buenos Aires, passa por aqui, pára no Rio e vai até Madri. Ainda não me informei bem sobre isso, mas sei que ficaremos quase uma tarde inteira no Rio (digo ficaremos porque vou com Augusto, um amigo, irmão daquela outra Vera que esteve aí procurando a mesma). Então eu queria, se possível, que vocês me (nos) esperassem no aeroporto, dia 28, sábado, Seria ótimo passar uma tarde com vocês, antes de me ir.

Estou com planos bem definidos sobre a viagem, e um roteiro já elaborado na cuca. Ficarei em Madri umas duas semanas, tempo suficiente para tirar uma carteira internacional de estudante e curtir Bosch no Museu do Prado (talvez vá também a Paris e a Genève, Suíça, onde mora um grande amigo). Depois vou para Estocolmo, trabalhar uns três meses para ganhar um bom dinheiro — e aí não sei mais. Acho que viajarei um pouco e catarei informações sobre cursos, já que meu objetivo principal é estudar literatura e esoterismo (talvez até culinária, se pintar). E a volta pode ser dentro de um mês, um ano, dez anos ou nunca — simplesmente não sei. Quem sabe se não encontrarei uma princesa ou mesmo um príncipe encantado por lá?

Não está sendo fácil lidar com papéis e filas hediondas para passaporte e coisas assim. Ando cansado dessas transações e, à noite, só tenho vontade de dormir. Estou pra ver aquele filme do Bodganovich com a Barbra Streisand há umas duas semanas, e não consigo encontrar um descanso físico pra fazer isso. Mas a cuca tá legal, os parafusinhos no lugar, trabalhando muito bem e sem nenhum curto-circuito. Sabe o que é? Tenho certeza que chegou a minha hora — exatamente esta. Acho que dentro disso as coisas todas só podem sair bem. Porque estou aberto, antenado, ligado e sabendo muito bem quem sou e o que pretendo — sem ilusões enlouquecidas, a não ser as necessárias pra se curtir uma boa. Mas estou acho que muito consciente, os pés bem

plantados no meu elemento terra e a mente fluindo como a água que habita a minha emoção escorpiana. Coragem tenho de sobra.

E é isso aí. Consegui roubar uns minutinhos desse outono sem muita cara de outono pra escrever a vocês, meio grilado com o que li no jornal há pouco, sobre a prisão da Pink Wainer em São Paulo, num apartamento com potes de fumo e coca. Por favor, é muito importante pra mim rever vocês dois antes de ir embora. Vera, por favor não vá para Petrópolis ou Teresópolis nem mande desculpinhas esfarrapadas que eu não aceitarei, a não ser que você esteja de cama, com uma febre de no mínimo 50 graus. Henrique, em você confio. Sábado, dia 28 de abril, não sei a hora, mas vocês podem telefonar pro aeroporto se informando. Caso pintar desencontros, fiquem em casa que eu pinto aí, se der.

Um beijo em cada uma das quatro faces de vocês dois — quatro beijos do seu argonauta Caio.

Verinha/Henrique muito amados:

estou escrevendo no avião, depois do jantar. Foi demais lindo vocês irem até o Galeão, eu confesso que não esperava. Quando me chamaram e disseram que havia um rapaz com uns discos para mim, podia imaginar todo mundo menos vocês. Foi tri. Até mesmo aquela situação absurda com aquele vidro HEDIONDO nos separando. Mais os presentes. Aninha já devorou a *Mônica* — e estamos guardando a cuca para o almoço em Madri.

Verinha, você está LINDA, com seus olhinhos de vaca jérsei. Vamos nos casar na Finlândia (ou mesmo no Líbano, na Costa Rica, ou aqui mesmo)? Teremos sete filhinhos com olhos de vaca jérsei e cabelos pretos-escorridos-de-índio. Ocê topa? (A coisa + linda da partida foi ver vocês no Rio).

Henrique, quando olhaste bem-nos-olhos-meus tive o pressentimento que você tem o QI de gênio. Foi tão forte a impressão que eu virei pra Ana e falei: “Tá vendo o Henrique? Pois ele tem um QI de gênio”. Aí me lembrei que nunca tinha visto o teu QI, mas tenho certeza.

O avião é um BARATO. Mil transinhas, no teto, por exemplo, teve uma espécie de miniplanetário com as Três Marias e a Ursa Maior. Estou do lado da janela, Augusto e Ana dormem do meu lado, envoltos em mantas argentinas. A despedida em P.A. é que foi uma baita mão-de-obra. Nunca beijei tanto na minha vida — cheguei a ficar com a boca seca. Tinha acho que umas 50 wonderful-people. Pais e mães bodiados, é claro, conselhos e tal, aquelas coisas.

Parei um pouco pra olhar pela janela. São 11 horas. Dá pra ver a costa atlântica lá embaixo, cheia de luzinhas, o mar — É LINDO — deve ser Recife ou Salvador.

As pessoas que viajam — 160, conosco — são bem impessoais. Só tem um homem má-ravilhoso, com pinta de mocinho de banguêbanguê italiano, mais um moço com nariz arrebitado paquerando a Ana. Tudo falando espanhol. Adoro essa língua.

Tentei ler um pouco *Matadouro Cinco*, Kurt Vonnegut Jr. (não percam o filme) — mas não consegui. A minha cuca tá cheia da presença de vocês lá no Rio. O vidro nem teve importância. O que eu queria mesmo era ver vocês ao vivo — e isso eu vi. Crianças, vocês não podem

imaginar quanto eu adoro vocês. É uma coisa viva, forte, tranquila. Um dia eu volto, ou vocês vão, então ninguém-pode-saber-o-que-vai-ser-até-o-sol-raiar. De todo mundo que conheci no Rio, só vocês dois ficaram, e com muita força, muita. Sabe, sinto que começo a ser um cidadão do mundo e que muito vou andar (tenho um Oxóssi viajador na cabeça) — mas em qualquer lugar vocês estarão comigo, plantados em mim. GRRRR: vontade de comer vocês dois com molho de chocolate.

Em homenagem a vocês acendi um incenso de sândalo — presente de Zali, minha amiga gurú.

Bom, de Madri acho que escrevo mais. Beijos do seu

Caio

Em Madri: é uma cidade LINDÍSSIMA. Foi amor à primeira vista.

A Zaél e Nair Abreu

Paris, 12 de maio de 1973.

Queridos pai e mãe:

Há dias eu queria escrever contando tudo — mas não havia condições: sempre as transas apressadas de hotéis e coisas. Hoje estou mais descansado e melhor acomodado, num hotelzinho na Rua du Cardinal-Lémoine, no Quartier Latin. Chegamos hoje de Barcelona, pelo ônibus, de manhã. Agora são 20:30 da noite e o sol acabou de se pôr.

Bem, PARIS É UMA GLÓRIA! Naturalmente ainda não deu para olhar tudo, nem a metade, apenas umas voltinhas. Mas estou impressionado com a liberdade: pelas ruas se vê todo tipo de pessoas jovens e velhos, uns de cabelo curto, terno e gravata outros com as roupas mais loucas que se possa imaginar — e todos convivendo na maior harmonia. Mulheres de cabelos pintados de verde ou roxo, homens maquiados africanos com trajes típicos penteados os mais extravagantes — uma babilônia. E nada de agressões ou risinhos pelas ruas.

O hotel onde estamos fica perto da margem direita do Sena (RIVE DROÍTE) e da Catedral de Notre-Dame, que fica numa ilha. Há jardins fontes e escadinhas para se descer até o rio. As pessoas ficam sentadas por lá, comendo suas baguetes (um pão de mais de um metro de comprimento) e tomando vinho. As águas do Sena são dum verde escuro, profundo.

A coisa mais louca que vi na rua foi um grupo de HARE KRISHNA. São jovens ocidentais vestidos com aqueles mantos amarelos e azuis de monges budistas, as cabeças raspadas. Andam em grupos de uns dez, tocando pandeirinhos e guizos pulando e cantando músicas orientais. São incríveis — e ninguém dá a mínima. Algumas pessoas param e sorriem, no máximo.

Isto é Paris — por enquanto — e eu tinha vontade de morar aqui. Estive também no Falleico, perto daqui, em frente à Sorbonne — estava curioso para saber a respeito do prêmio. Mas ele foi passar o fim de semana na Alemanha, só volta segunda — hoje é sábado. A Espanha — confesso — foi um pouco decepcionante. As cidades são lindíssimas — não tanto quanto Paris —, mas as pessoas são chatas, formais, fechadas.

Usam ainda aquelas calças de pegar pinto, com a boca colada nos tornozelos. Barcelona é suja, escura, poluída. Há em todas as ruas um cheiro insuportável das frituras das comidas — que são um lixo. Eu passava a TORTILLA, que é uma espécie de omelete, iogurte e chocolate. A ditadura parece ser terrível por lá. O velhinho do hotel em Barcelona (na esquina tinha uma casa onde morou Picasso, em 1925) contou coisas terríveis, fuzilamentos, prisões e coisas assim. O que havia de bonito era o BAIRRO GÓTICO, com casas de 1200, por aí, e a Catedral, de 1058. É um país religioso até a loucura, extremamente moralista, sério, carrancudo, cinzento. As pessoas são meio bagaceiras, embora gentis.

Na França, a gente nota um peso de cultura muito maior. É mais refinado, mais *européu* — na Espanha, as vezes, eu tinha a sensação de estar em Buenos Aires ou Montevidéu. As espanholas são medonhas, baixinhas e cafonas. As francesas são maravilhosas, elegantíssimas.

Quanto a mim, pessoalmente, estava até agora um pouco desanimado. Nada tinha me surpreendido verdadeiramente. Paris me desbundou! É uma espécie de paraíso dos jovens, das cores, da alegria de viver — e dizem que Londres e Amsterdam são ainda mais maravilhosas. Mas tudo isso vai ficar para depois da temporada sueca — embarcamos para lá na 4ª feira próxima, dia 16. Depois, sim, quero ver tudo isso — e voltar a Paris. Vou me informar das possibilidades de estudar aqui — e, dependendo de como for, talvez fique.

De saúde, estou bem. Faz frio aqui — a temperatura é mais ou menos como a do inverno daí, por volta de 10 graus — mas não me resfriei nem nada. Comprei em Madri, numa feira, um casaco marroquino maravilhoso, por uns 80 mil, em cruzeiros, e uma blusa de lã que saiu por menos de 30 cruzeiros. A língua também não deu problema: meu espanhol era muito bom e, de francês, sei o essencial para não ficar baratinado.

Augusto, Ana e eu temos nos dado bastante bem. Augusto é um pouco agitado demais e às vezes chega a encher o saco, Mas nada de grilos sérios.

Estou na maior aflição para saber do tal prêmio. Fico enlouquecido com as roupas e os sapatos daqui (coloridos e de saltos altíssimos), e morrendo de vontade de comprar. Deus ajude que tenha saído.

Concluindo: não há mistério nenhum na tal de Europa. As coisas só parecem difíceis e complicadas à distância — chegando aqui tudo é muito cotidiano, por assim dizer, e até mesmo fácil. Não me arrependo em nenhum momento de ter vindo — só ter caminhado por Paris foi uma das maiores sensações da vida. Pisar nas ruas francesas é como pisar no coração do mundo. Realmente não me importa ter que, um dia, começar tudo de novo. Estou me complementando aqui, eu acho, e depois não sei. Acho que a gente deve procurar viver o presente.

Espero que vocês dois, Gringo, Felipe, Márcia e Cláudia — estejam todos bem. Um abraço muito grande para cada um. Beijos do seu filho

Caio.

PS – Logo que tiver endereço certo, mando.

PS – Um dos maiores sucessos musicais por aqui — INCRÍVEL — *é Fio Maravilha*, cantado por uma italiana chamada Nicolerta.

PS – O cartão é para Felipe.

Estocolmo, 30 de maio de 1973.

Queridos pais:

Há dois dias fez exatamente um mês que saí do Brasil — e já parece muito tempo. Recém agora começo a tomar consciência da distância e do estar no estrangeiro: é uma sensação gozada; nem boa nem má, apenas com um gosto de aventura, do desconhecido. Mas estou bem. Andei meio assustado a semana passada. Augusto e eu caminhávamos quilômetros pedindo emprego, sem conseguir nada. A minha cuca não parava de imaginar coisas horríveis. Até que ontem pintou. Augusto está numa fábrica, longe da cidade — e eu consegui um lugar de lavador de pratos num bar, no centro de Estocolmo. Comecei ontem, hoje foi meu segundo dia de trabalho. É uma experiência *maravilhosa*. Fico umas 8 horas em pé, com umas luvas de borracha até o cotovelo, lavando TONELADAS de pratos, bandeja, copos, panelas. O pagamento é de nove coroas e meia por hora — mais de 15 cruzeiros. Falam sueco o tempo todo, e não entendo praticamente nada — quem me quebra o galho é um boliviano chamado David. Junto comigo há dois japoneses, mais um africano engraçadíssimo. Eu sei lá, mas acho que estou vivendo uma baita experiência: o orgulho e a vaidade que eu pudesse ter têm escorrido pelo ralo da pia, junto com a água e o detergente das panelas. No mínimo, é um tremendo exercício de humildade — e eu me sinto mais forte, mais humano.

Graça mandou-me um recorte com o resultado do prêmio, a semana passada. Claro, fiquei meio decepcionado — mais pelo dinheiro, já que em termos profissionais a Menção Honrosa é ótima ¹⁷². Segundo li no recorte, o INL vai publicar o livro, em convênio com uma editora do Rio. Acho isso muito bom. Escrevi à diretora do Instituto, no Rio, Maria Alice Barroso, para saber detalhes sobre isso — estou esperando resposta. Dei o endereço aí de casa pra ela e falei na procuração — portanto, qualquer negócio de assinar contrato e tal será feito através da sra. Por favor, mandem me contar coisas sobre o prêmio — se saiu algo nos jornais daí, se veio correspondência oficial comunicando.

Como li no recorte que o livro seria publicado até o fim do ano, estou pensando em voltar mais ou menos em setembro, para o lançamento. Antes, dependendo de quanto levantar em dinheiro por aqui, tinha vontade de ir até a Grécia ou Ibiza, uma ilha espanhola muito badalada.

Queria lançar bem esse livro — acho que é a minha oportunidade de ganhar dinheiro com literatura.

O tempo aqui é uma loucura: o sol se põe quase às 10 da noite e não chega a escurecer completamente — o ar fica da cor da madrugada até as 2, quando o sol sai outra vez, já esquentou bastante e é possível até sair de manga curta. Domingo passado fizemos um piquenique, num bosque perto dum fiorde, onde está o castelo de verão do rei Gustavo Adolfo. É uma maravilha, parece coisa de história de fada, cheia de jardins com amores-perfeitos imensos e tulipas, que não existem no Brasil. Vi um esquilo bem de pertinho, eles andam soltos, junto com ovelhas e cervos. Uma glória.

Por favor, mandem notícias LOGO. Amanhã nos mandamos para [ilegível], estou mandando o endereço novo e difícilíssimo — até + ou - 15 de agosto, no verso do envelope.

Beijos para todos. Seu

Caio

[172](#) Caio recebeu Menção Honrosa pelo livro *O ovo apunhalado*.

Londres, 4 de setembro de 1973.

Queridos pai e mãe: enfim, estou aqui, depois de um pequeno passeio pela Holanda e Bélgica. Tá tudo bem, estou com Augusto e Marisa, parando na casa de um rapaz aí de PA, que está aqui faz uns três anos, Ronaldo. Eu estou muito melhor: a Suécia foi uma experiência bastante dura, é um país completamente diferente de tudo que eu tinha visto, tudo muito arrumado, as pessoas fechadíssimas. Eu cheguei a pensar que *toda* a Europa era assim. Mais bastaram alguns dias fora de lá para ver que não era nada disso. Não penso mais em voltar, pelo menos tão logo. Amanhã mesmo vamos nos matricular num curso de Inglês, e estamos procurando um pequeno apartamento para morar os três.

Londres é fascinante. Uma cidade imensa, mas incrivelmente tranqüila — a gente anda nas ruas como se estivesse em um bairro de Porto Alegre. Já vimos alguns lugares famosos, como Carnaby Street, a rua das butiques, o Hyde Park, que tem gramados lindos, e a feira de Portobello Road, onde tem tudo que se possa imaginar, por preços incrivelmente baixos. Os ingleses são gentis — ao contrário dos suecos — e por toda parte se vê uma descontração muito grande. Amsterdam é outra cidade legal, com as casinhas todas tortas e cheia de gente maluca pela rua. Se vê de tudo: cabelos e unhas verdes e roxos, roupas louquíssimas. Em Londres, a última moda são roupas dos anos 30 — casacos com ombreiras, calças largas, boquinhas de coração. A gente encontra de tudo pelas ruas, e ninguém olha, ninguém faz comentários — tudo é encarado com a maior naturalidade.

Eu acho que aqui vou poder fazer as coisas que quero — estudar, ler muito, escrever. Sinto um grande alívio por ter saído de Estocolmo. Trouxe algum dinheiro para sobreviver durante os primeiros tempos, mas dentro de algumas semanas terei que voltar a trabalhar — o que não me assusta, a gente aprende a se defender e a lutar pelas coisas que quer. Mandei de Estocolmo mais algum dinheiro para o pagamento da passagem — calculei uns seis meses — em abril do outro ano mandarei o restante. Uma coisa: a *Planeta* tinha ficado de publicar o meu conto em julho, não sei se publicou ou não. Talvez o pagamento, no caso de ter sido mesmo publicado, seja suficiente para a passagem. Mande me dizer alguma coisa sobre isso.

É isso aí. Esta carta é mais para tranquilizá-los a meu respeito. Tanta coisa para contar, mas impossível de ser contada numa carta só. Espero que esteja tudo bem, com todos. A droga é não ter endereço ainda. Podia mandar o do Ronaldo. Mais ele vai mudar daqui em seguida, a carta podia se perder. Sinto muita saudade — mas tem uma coisa dentro de mim me dizendo que o meu caminho é exatamente este, e que não posso nem devo tentar modificá-lo. Tem sido duro para encontrar um apartamento, logo que a gente achar vai o endereço — certo? Beijinhos para todos. Um grande abraço do seu filho

Caio

A Vera Antoun

London, 19/10/73

“Fui o único culpado da nossa separação
Por isso tenho amargado, amargando na solidão
Mas tenho os olhos tranquilos, de quem sabe seu preço,
Vou navegando, vou temperando,
Pra cima a coisa toda muda.”
Pra baixo todo santo ajuda.

Outro dia senti frio na alma. Foi no Holland Park, pisando num enorme tapete de folhas douradas. Aí senti o outono, o cinzento se acentuando nas coisas, as pessoas se virando para dentro — o inverno chegando depressa, um frio de rachar. Na alma mesmo. As tuas 1.001 cartas cheias de sunshine clareavam um pouco os dias, as transas. Que te dizer? Que te amo, que te esperarei um dia numa rodoviária, num aeroporto, que te acredito, que consegues mexer dentro-dentro de mim? É tão pouco. Não te preocupa. O que acontece é sempre natural — se a gente tiver que se encontrar, aqui ou na China, a gente se encontra. Penso em você principalmente como a minha possibilidade de paz — a única que pintou até agora, “nesta minha vida de retinas fatigadas”. E te espero. E te curto todos os dias. E te gosto. Muito.

Tô morando, trabalhando, estudando e amando. Esses são os quatro foles da minha vida, no momento, e sobre cada um deles eu teria milhares de páginas a preencher. Sei lá, menina, tá tudo tão legal — e um legal tão batalhado, um legal merecido, de costas e pernas doendo, mas coração tranquilo. Augusto, Marisa e eu conseguimos um apartamentinho lindo, num lugar ótimo, no aluguel se foi todo nosso dinheiro, Augusto começou a trabalhar logo, eu e Marisa ficamos duríssimos. Foi chato, apanhei uma gripe e alguns grilos — até que esta semana comecei a fazer limpeza numas casas. O primeiro dia foi terrível: eu tinha medo de não saber fazer nada, de não entender nada. Não dormi à noite, tive dor de barriga. Aí me desdobrei, fiz tudo direitinho — o meu inglês aos poucos está começando a fluir e, se ainda não consigo ter uma conversa, pelo menos já me comunico. Isso me deixa feliz à beça, eu tava me sentindo meio retardado, meio analfabeto. Fluência agora é uma questão de tempo.

No meio de tudo isso, pintou uma pessoa. É um menino cubano chamado Nelson — ele saiu de Cuba aos 11 anos, morou nos Estados Unidos uma porção de tempo e agora está aqui, estudando dança moderna. É Libra, ascendente Virgem — eu sou Virgem ascendente Libra. Foi, está sendo, lindo. Sei lá, eu tava me sentindo muito cansado, muito carente — e me recusava a procurar qualquer transa. Estava completamente só, há quase seis meses. Eu sabia que ia pintar — eu vim para Londres porque sabia que aqui ia pintar. E pintou. Foi a maior força possível — me recuperei completamente do complexo de inferioridade e de abandono, senti outra vez aquelas coisas, lembrei de todas as letras do Roberto Carlos — fiquei, enfim, meio cafona como sempre fico nessas situações, mas agora já voltei a pisar na terra — tudo fica mais concreto, e eu compreendo melhor.

Dei pulos com o endereço da Sílvia — eu não sabia que ela estava aqui. Como não tem telefone, escrevi uma carta ontem. Acho que ela vai pintar aqui neste fim de semana. Vai ser um pouco como rever você, sabe?

Acho que você vai gostar de saber: estou há quase dois meses firme na macrobiótica. Não é uma dieta rígida porque, trabalhando, não há mesmo condições. Mas cortei completamente a carne, como arroz integral e muitos vegetais, chá de Mu — não tomo refrigerantes nem café. Só não consigo cortar o cigarro. Mas parei também com o haxixe, porque a minha cuca anda ficando meio pirada ao natural — e eu acho que realmente já passei por tudo isso.

Outra coisa: a vontade de escrever VOLTOU. Não sei se foi o impulso que o Nelson me deu, ou mesmo Londres — a verdade é que voltou. Só que eu não consigo escrever à mão — não dá mesmo, uma carta ainda sai, mas um conto não tem jeito — é primitivo e lento demais. Estou tentando economizar para comprar uma máquina de escrever — é o meu sonho atual, bem humildezinho como você vê. Voltei a ver o tarot, depois de deixá-lo descansar por uns dois meses. Parece que Medéia recuperou os seus poderes. Olha, estou com a sensação de estar escrevendo uma carta muito besta. Vou parar. Abro à toa o Fernando Pessoa e peço uma mensagem para ti. Ele manda dizer isto:

“Tuas mãos esguias, um pouco pálidas, um pouco minhas,
Estavam naquele dia quietas pelo teu regaço de sentada,
Como e onde a tesoura e o ideal de uma outra.

Cismavas, olhando-me como se eu fosse o espaço.

Recordo para ter o que pensar, sem pensar.

De repente, num meio suspiro, interrompeste o que estavas sendo

Olhaste conscientemente para mim e disseste:

“Tenho pena que todos os dias não sejam assim.”

Podem voltar a ser, quem sabe? Acendo vela, queimo incenso — falo de você para Augusto e Marisa, lembro Leme, Botafogo, coloco o disco da Gal e fico ouvindo *The archaic lonely blues* — eu sei não me diga.

Verinha, tudo passa, tudo vai embora — a gente tem que se encontrar. Meu livro deve sair no Brasil talvez até o fim do ano — eu ganharia + ou - 2.000 com a publicação — a gente podia usar esse dinheiro para a tua passagem, não é? Mas, sei lá, não queria que você viesse apenas por mim, entende? Em qualquer circunstância, eu acho, a experiência Europa é fundamental — desde que não se corte nenhum processo importante por aí. E pelas minhas cartas suecas você deve ter percebido que não é absolutamente uma coisa leve. A gente sangra e geme — mas sai mais vivo, “com a vida dividida pra lá e pra cá”. O que não queria é que você futuramente talvez me culpasse, entende? Mas acho que é besteira ficar tentando desvendar o futuro — apesar do tarot e do I Ching. Ao mesmo tempo gostaria que tomássemos alguma providência REAL sobre a sua vinda. Mande me dizer o que você pensa de tudo isso — mas pense bem, é uma coisa séria — muito mais do que a gente pensa quando está aí.

Vou dormir. Amanhã é sábado, tem Portobello. Estou morto de cansaço, e minha cuca dói de tanto esforço, o dia inteiro, para pensar, falar e entender inglês.

Às vezes, falando ou escrevendo em português, tenho uns brancos — só vem inglês. Ou acabo apanhando uma antipatia mortal por essa língua ou viro o maior admirador da face da Terra. Quero sonhar com você, com o sol e o cometa que vem no fim do ano — eu tô sabendo.

21.10.73 — Domingo. Noite. Televisão ligada: Clark Gable. Homero e Augusto. Sempre entre pólos que não me agradam: o desbunde dum lado, a frescura do outro. Fico no meio. Sinto falta de solidão, de silêncio. Estou um pouco angustiado por causa disso. Consigo manter apenas o quarto razoavelmente calmo e limpo, com vela acesa e incenso. Mas não tenho tempo para mim. É tudo demais pela metade, compartilhado. Não sei se aguento muito tempo mais. Tento conviver —

convivo — mas é, quase sempre, uma violação incrível. Tenho vontade de ter segredos outra vez. Guardo segredos pequenos — as coisas que penso ou sinto, pequenos acontecimentos que não descrevo à “comunidade”.

Ontem dormi demais, não fui a Portobello encontrar Nelson. Ele me mandou um pequeno cactus dentro dum vasinho de cerâmica. Fiquei espantado: nunca tinha recebido um vegetal vivo de presente — e senti pena de não ter ido. Depois, os telefones ocupados, os desencontros de ontem e hoje. *Sunday, bloody Sunday*. É tão difícil me comunicar com ele. Às vezes eu penso em desistir, eu acho que não aguento essa aprendizagem toda outra vez — fico tentado a desistir. Não sei bem por que insisto, posso dizer apenas frases feitas sobre isso, mas na verdade não sei. Na cozinha, lavando pratos, lembro muito de minha mãe — compreendo tanto mais ela, agora. Compreendo tudo muito mais. Dói e é incômodo. Vontade de não saber perdoar, de não ser compreensivo tolerante — de não me contentar com o pouco — “amor malfeito, depressa, fazer a barba e partir”.

O domingo tá acabando — já é tarde — amanhã a gente começa de novo. Eu me sinto às vezes tão frágil, queria me debruçar em alguém, em alguma coisa. Alguma segurança. Invento estorinhas para mim mesmo, o tempo todo, me conformo, me dou força. Mas a sensação de estar sozinho não me larga. Algumas paranoias, mas nada de grave. O que incomoda é esta fragilidade, essa aceitação, esse contentar-se com quase nada. Estou todo sensível, as coisas me comovem. Tenho regressões a estados antigos, às vezes, mas reajo, procuro me manter ligado às coisas novas que descobri. Mas tudo fica e se sucede — quase nunca dá tempo de você se orientar, escolher — não gosto de me sentir levado — e aqui não dá tempo. Muitos grilos agindo, muita dúvida, umas voltas de insegurança. Faz tempo ando transferindo uma porção de providências — como é que a gente faz pra se manter sempre alerta? Eu não aguento tanta atividade física e mental.

Quando escrevo pra você é como se escrevesse pra mim mesmo — às vezes o jeito me escapa, e é então que as cartas ficam parecendo bestas. Tento ler, não consigo. Uma carta é difícil — imagine um conto. Às vezes odeio ouvir e/ou falar inglês — coloco uma barreira na cuca e fico surdo-mudo o máximo possível. Não consigo ser verdadeiro o tempo todo. Mas você me saca, eu sei.

Agora Marisa saiu com Peter — Augusto foi deitar, Homero resolveu dormir e foi deitar também. Eu fiquei sozinho na sala, com o barulho do relógio e um pote de flores amarelas.

Vera, esse negócio com o Nelson tá me machucando muito. Eu fiquei uma porção de tempo tentando ser “legal e maduro”, “uma presença leve e agradável” — porque eu tô ainda muito inseguro de mim mesmo, e não acreditando absolutamente que alguém possa me curtir bem assim como eu sou. Eu não tenho quase experiência dessas transações, me enrolo todo, faço tudo errado — acabo me sentindo confuso. Tudo isso é tão íntimo, e eu já estou tão desacostumado de me contar inteiramente a alguém, tão desacreditando na capacidade de compreensão do outro, sei lá, não é nada disso, sabe? Conviver é difícil — as pessoas são difíceis — viver é difícil paca. Estar transando com alguém sempre me funde um pouco — eu fico muito pobre, acho, muito carente, e muito rico de outras coisas. Queria botar um tarot pra mim, mas os guris estão no quarto, dormindo.

Ontem à noite fui a um meeting do gay liberation. Grotesco.

Sabe o que eu sinto? Tem duas coisas me puxando, dois tipos de vida — e eu não quero nenhum deles. Quero um terceiro, o meu. Que ninguém tá curtindo. A gente tem uma porção de amigos brasileiros, todos legais, mas nenhum realmente próximo, é estranho. E eu não tô querendo viver como eles vivem — não tô conseguindo viver como eu gostaria — e não tenho coragem de ficar sozinho e tentar, você me entende? Acho que não. Eu vou levando, tenho horas de soluções drásticas, vou levando. Mas não sei até quando. Mesmo Nelson, que podia ter uma certa importância nesse sentido, de impulsionar uma escolha — ou pelo menos dar força — mesmo ele, consegue não ter peso nenhum, não interferir, não modificar nada. E eu fico muito comigo mesmo nisso tudo — cada vez mais sufocado, mais necessitado que pinte um VERDADEIRO ENCONTRO com outra pessoa, seja em que termos for. Parece que ou eu ou os outros não somos mais tão disponíveis. Será que estou fechando, perdendo a curiosidade? Eu não sei. Vou dormir. Amanhã te escrevo mais um pouco. Sílvia não apareceu. Eu tava esperando me entender um pouco com ela.

Cansado. Trabalhando o dia inteiro na casa de uma grega. Marisa chegou da rua com dois Ministers, milagrosamente descolados com uma brasileira encontrada ao acaso. Caminhei horas na chuva procurando Nelson. Não encontrei. Ele não telefonou. Resultado: acho que vou mesmo alugar uma máquina de escrever, não dá mesmo pra aguentar. Não fui à escola, não fui à agência pedir emprego para amanhã. Tem um verso de Camões assim: “Este amor ledado e cego que a tristeza não deixa durar muito”. Pois é. Me perco nos metrô, sinto dor nas pernas. A força é chegar em casa, tomar um banho e um chá, encontrar Augusto. Mas tudo bem, tudo bem, tudo bem. Amanhã ninguém. “Tô cansado e você também”. Quero ir para Barreira, mas quero ver o mundo antes. Preciso machucar um pouco mais meu coração, doer um pouco mais meu corpo, fatigar meus olhos, leio Rimbaud e Cesar Vallejo, um peruano que morreu em Paris, com aguaceiro.

Odeio amar, não é engraçado? Amanhã tento de novo. Amar só é bom se doer. Parou de chover. Não sei qual é o Deus padroeiro das cartas — mas de qualquer maneira a noite de hoje foi dedicada a ele. Hoje eu queria alguém que me dissesse que eu não precisava me preocupar — como no *Last Picture Show* — um ombro, uma mão. Desculpe tanta sede, tanta insatisfação. Amanhã, amanhã recomeço.

Te espero, te gosto, te beijo

Caio

A Nair Abreu

Londres, 1.4.74.

Querida mãe:

Estou muito feliz. A passagem chegou a semana passada, e hoje fui marcar a data do embarque. Marquei para o dia 29 de maio, uma quarta-feira. Devo chegar quinta-feira, dia 30, no Rio, onde vou ficar uma semana, mais ou menos, para ver Vera. E aqui preciso lhe contar uma coisa, sobre essa menina, Vera.

Eu a conheci em 71, no Rio. Ela tinha 15 anos. A gente transou muito bem, depois voltei para PA e ela me escrevia cartas lindas. Depois, quando vim para cá, ela estava no aeroporto do Galeão, me esperando. A gente ficou se escrevendo esse tempo todo — ela chegou até a mandar um suéter, meias e tal. Cresceu muita coisa entre a gente, nesse tempo. A gente inclusive fez planos de morar juntos e tal, essas coisas. Claro que tudo isso são apenas planos e a gente precisa mesmo é se encontrar novamente. Por isso quero ficar no Rio algum tempo. Vou parar na casa dela — a mãe dela é uma pessoa maravilhosa.

Ah, esqueço de contar. Aconteceu um coisa muito boa. Tenho um amigo que arranjou emprego numa fábrica que paga muito bem, £ 8 por dia (cerca de 130 cruzeiros). O trabalho é à noite, das 8 até as 8 da manhã. Esse amigo vai para Paris dia 10 e me deixaria no seu lugar. Vou trabalhar lá uns 10 dias. Em cruzeiros, dá pra fazer o equivalente a mais de 1 milhão. Então, parece que problema de dinheiro não terei logo ao chegar — e em seguida começo a transar outras.

Meu plano é ficar 1 ou 2 meses em Porto Alegre — como lhe falei, terminar a peça, dar jeito no livro, curtir vocês. Depois, sair pra batalha outra vez.

Estou muito bem. Tenho trabalhado muito, posando. Mas estou realmente ótimo. Voltei a fazer ioga, macrobiótica. À noite fico sempre em casa lendo, escrevendo ou mesmo costurando, coisa que comecei a curtir agora. Sinto que toda aquela carga de angústia e inquietação que eu tinha está-se indo. Quero muita calma daqui pra frente.

Como vou ter dinheiro, talvez possa levar alguma coisa daqui. Pensei em levar louça (ou despachar) — a porcelana inglesa é linda. Tenho também um abajur do século passado, que encontrei num antiquário —

e que vou levar para o corredorzinho da entrada. Mande me dizer o que mais a senhora, o pai, as gurias, Felipe e Gringo gostariam que eu levasse. Tem muita roupa linda, bonita. Diga ao Felipe que vou levar um brinco para ele — a última moda aqui é uma argola na orelha esquerda, para homens. Para o Gringo é que não sei o que levar — o que a senhora acha que ele gostaria?

Domingo completou um ano que saí daí. Aninha veio aqui e foi muito legal, conversamos bastante sobre tudo que aconteceu durante esse ano — e o saldo foi bom. A gente viveu, cresceu, aprendeu. Sofreu e riu. Mas saiu mais vivo.

Hoje, meu dia de folga, depois de ver a passagem, fui a um parque passear. A senhora não pode imaginar como estava bonito. Tinha sol, e tava tudo florido, verde, dum verde bem suave. As pessoas caminhando devagar e sorrindo. Parece todo mundo aliviado com o fim do inverno. Depois comprei um potinho verde pra comer meu arroz macrô, lindo — só falta comprar agora aqueles pauzinhos chineses, que são uma delícia para comer. Também descobri um chá macrobiótico incrível, é para dar energia mental — chama-se chá de Mu. Depois que comecei a tomar, comecei a dormir menos, umas 6 horas, e a acordar muito bem disposto. Hoje limpei todo o apartamento, lavei até o fogão — agora são quase meia-noite e estou ótimo.

Mãe, eu estou realmente muito grato à senhora e ao pai por terem mandado a passagem. Por terem sabido compreender e ajudar. Vocês são maravilhosos. Muitas coisas não foram fáceis de serem vividas — mas o saldo é positivos e eu vou voltar muito tranquilo.

Chegarei aí ainda em tempo para o aniversário do pai. Se tudo realmente der certo com a Vera — e eu espero que sim — talvez dentro de algum tempo vocês tenham um neto. Que é que a senhora acha? Vamos ver, vamos ver. Eu quero ir nessa muito devagar pra não me machucar.

Conversaremos muito na minha volta. Vou escrever mais antes de ir, mas posso fazer um pedido desde agora: me espere com aquela espécie de bolo com ervilha e ovo que a senhora faz, e que eu adoro, doce de batata doce e muito guaraná.

Creio que a carta que lhe mandei a semana passada cruzou com esta sua. Ia também uma para Márcia, espero que tenham recebido.

Por favor, não se preocupe mãe. Eu realmente estou bem e tudo vai dar certo, tenho certeza.

Até junho, um beijo do seu

Caio

A Vera Antoun

London, London — insone quase manhã de abril [de 1974]

Desisti enfim de tentar dormir, abri as cortinas para mais um dia cinzento de primavera (primavera inglesa, é claro), sentei na mesa e fico olhando a paisagem de casas semidemolidas e chaminés até onde o olho alcança. Fumei o último cigarro (Number Six), sinto fome — não tem nada aberto a essa hora e, mesmo, só tenho 80 pences que precisam durar até amanhã. Homero saiu para trabalhar, me deixou o relógio. Vezenquando um ventinho entra pelas frestas da janela e faz musiquinha nos sinos chineses que dependurei no teto. As tulipas que roubei do parque de Swiss Cottage desbundaram definitivamente — só ficaram duas amarelas, levemente bodiadas.

Tua carta chegou ontem. Minuano é um vento que só existe no Rio Grande do Sul e que, dizem, sopra nos Andes. Em Porto Alegre só tem raramente, mas em Santiago do Boqueirão, onde nasci, tinha sempre. Zune fininho nas portas e janelas, corta os lábios e atravessa qualquer roupa. Minuano é cortante, impiedoso, gelado.

Tenho medo de te ferir. Mas acho que precisamos “falar seriamente”. Desculpe, mas acho que sim, sem fantasia, sem comicidade. Me pergunto sempre se você não teceu em volta de mim uma porção de coisas irreais — se você não estará projetando em mim qualquer coisa como um príncipe encantado — esperando a minha volta como quem espera a salvação. Você diz que me ama. Eu digo que você não pode amar a uma pessoa com quem transou há três anos atrás, e que viu rapidamente num aeroporto, e que escreveu e recebeu cartas durante um ano. Verinha, sei lá, amor a gente transa cara a cara, corpo a corpo. Não sei se te amo. Saberei isso quando a gente se encontrar outra vez e começar a transar, e der certo ou não.

Você fala em casar. Algum tempo atrás falei nisso talvez por romantismo, por solidão ou brincadeira, ou mesmo seriamente. Não quero casar. Casamento é uma coisa completamente estúpida — e sua explicação de comprar a aprovação das famílias não tem o menor sentido. Se você me amar e eu te amar, não precisamos da aprovação de ninguém para ficar juntos, como também não precisamos assinar nenhum papel ou aceitar qualquer espécie de jogo. Não acredito que

maus fluidos, por mais fortes que sejam, consigam destruir um amor bonito, limpo. E um filho só teria problemas com o fato dos pais não serem casados apenas no caso de ter sido educado muito caretamente — o que não acontecerá se um dia eu tiver um filho.

Há também uma outra coisa muito séria que você não pesou bem até agora. E sou muito franco com você: tenho um componente homossexual muito forte. Até hoje, minhas relações heterossexuais sempre foram, sei lá, meio idiotas — porque, realmente, afora você e uma outra garota gaúcha, M., o corpo feminino é uma coisa que não consegue me entusiasmar. Nunca fui exclusivamente homossexual ou exclusivamente heterossexual — creio que nunca serei. Mas também me pergunto até que ponto você REALMENTE poderia aceitar isso em mim. Pense com você mesma e procure ser muito honesta na resposta.

Verinha, estou mesmo voltando e tudo começa a ficar muito real. Não posso mentir a você, não quero, sei lá, que você entre numa errada comigo. Que você se machuque ou, como diziam minhas tias quando eu era guri, “tenha uma desilusão”. Mas a verdade é que ainda não quero me prender a nada, a nenhum lugar, a ninguém — a não ser que isso pinte com muita força, o que é impossível de acontecer por carta. Além disso, sou terrivelmente instável e entender as minhas reações é coisa que às vezes nem eu mesmo consigo.

Não posso mentir a você, não quero. Mas por favor não fantasie, menina, não seja demasiado adolescente. Como eu te escrevi várias vezes, é no nosso encontro, cara a cara, olho a olho, que as coisas vão se definir. Veja se você consegue separar o sonho da realidade. Anel, por exemplo, é um sonho. É um sonho que trago comigo há muito tempo e que comuniquei a você — e que não é hora ainda de ser realidade, porque não tenho absolutamente nada além da minha cuca — você me entende? Minha profissão é essa coisa absurda de escritor, que não dá dinheiro nenhum, estou sempre recomeçando e recomeçando e recomeçando. É muito duro. Ontem por exemplo só tomei um café — hoje vai ser o mesmo. Eu agüento — mas um bebê, Vera?

Menina, menina, tenho uma ternura enorme por você — e para mim é muito difícil isolar essa ternura da razão, quando te escrevo. Como fiz agora. Talvez tenha te parecido duro ou demasiado frio. Mas acho, honestamente, que você não deve se arriscar a ter uma tremenda decepção, depois de um ano inteiro de sonhos. Nós vamos nos ver, nós

vamos conversar, sair juntos, provavelmente nos tocar — e de repente tudo pode realmente ser. Ou não. Mas de jeito nenhum quero, sei lá, ser irresponsável ou não medir as conseqüências dum negócio que pode ser muito sério.

(Não aguento de fome e de vontade de fumar. Volto já).

Voltei. São 8.30, comi um sanduíche no grego, comprei cigarros no hindu e voltei cantando em espanhol (*Perfidia*). Londres é assim.

Sabe que eu tô muito velho? Outro dia me deram 30 anos. A minha cara tá cheia de marca, ruguinhas. O meu olho caiu ainda mais e tem uma expressão de cansaço absoluto. O cabelo, que era minha maior “arma”, caiu muito, tem entradas incríveis e nenhum brilho. Rio pouco e quase não falo. Pense também nisso, tire a sua cabecinha da lua: você não vai encontrar nenhum modelo de beleza na sua frente. Europa marcou fundo, e aquele menino cheio de vida e acreditando em tudo que você conheceu em 71 ficou perdido entre pilhas de pratos e panelas sujas num restaurante sueco, no verão passado. Já não sou o mesmo, como você também não é. Endureci um pouco, desacreditei muito das coisas, sobretudo das pessoas e suas boas intenções. Dar um rolé em cima disso não vai ser nada fácil. E as marcas ficarão — tatuagens.

Quero muito te amar e me encontrar contigo. Mas não sei se conseguiremos — e tenho medo.

Atravessando duas semanas muito duras. A escola onde trabalho como modelo entrou em férias — e só reabre segunda, dia 22. Resultado: fiquei sem emprego. Descolei umas limpezas na casa dum ator, mas dá pouquíssimo e no fim de semana gastei tudo num passeio péssimo à ilha de Wight. Provavelmente irei lá pelo dia 15 de maio. Quero ir com o Sol ainda em Touro, tenho bode de Gêmeos. Provavelmente também não poderei ficar no Rio. Não consigo economizar nada. Além disso, vou chegar muito horroroso, branco deste inverno que não acaba (oito meses) e exausto. Meu plano é passar um mês no Sul, tratar do meu livro e mil coisas, também descolar dinheiro para poder ir ao Rio + tarde. Hilda — aquela minha amiga escritora de Campinas — mandou dizer que talvez possa me dar uma for\$a no fim de maio. Então talvez a gente possa se ver em junho (julho, nas tuas férias — queria muito ir a Bahia contigo).

Tenho escrito. Voltou o demônio (ou o anjo, não sei). Da peça, já tenho uma meia-hora escrita e o resto na cuca. Estou gostando, os diálogos

estão ficando bons. Por enquanto o título é *Vamos fazer uma festa enquanto o dia não chega?*. É muito amarga, eu acho, talvez demais. Sinto uma falta medonha da minha máquina de escrever — acho que é o que mais amo no mundo.

Intento uma macrobiótica meio fajuta — cortei carne, açúcar, gorduras. Tenho comido quase só arroz integral, vegetais e frutas. Queijo e pão. Não encontro ban-chá em Londres. Só chá de Mu, que é meio enjoativo. Mas tenho um vício realmente péssimo: latinhas de coca-cola. Não consigo resistir.

Não sei se te falei de Serginho. Creio que sim. Ele foi preso de novo, está incomunicável, vai ficar 2 meses, depois será deportado para o Brasil. Um dia te falarei muito sobre ele. Procure ouvir *Angie* com Mick Jagger. As pessoas estão indo embora. Amsterdam, Paris, Suécia, Escócia. Augusto, Orlando, Lize, Zé, Rogério, Paulo Afonso, Débora. É triste, porque chega ao fim mais um ciclo que não se repetirá — mas é bom porque todos estão tão machucados, tão...

(9h. Esquento panelões de água — a água quente pifou — pra tomar banho e ir ao dentista às 11h).

Do outro lado da rua passa um garoto gordo com casaco verde. Acho que os garotos gordos devem sofrer muito.

Leio *Alice's adventures in Wonderland* — também conhecido como *Alice no País das Maravilhas* — em inglês — uma batalha vencida pouco a pouco. Homero rouba porradas de livros sobre Gertrude Stein e Alice B. Toklas — quer escrever um ensaio sobre o caso das duas. Na outra página te mando um poema que escrevi há alguns meses. O título é uma tampinha de caixa de sal — reproduzo o desenho porque, no momento, não tenho nenhuma das referidas caixas à mão.

Te beijo

Te espero em carta.

Caio
(*here comes the sun little darling it's ali right now*)

Estavam ali as portas
Janelas e varandas.
Estavam ali
Na fronteira do olhar
Onde o de dentro encontra
Justamente

Com o de fora.
Nesse ponto exato
Elas estavam:
Bastava um gesto.
Mas o meu estar parado
Era maior que eu.
Estar parado
Estar vivo:
A mesma incompreensão
E medo
Entre mim
E aquele estar das coisas.
Estar ali
Como nunca ter chegado.
Estar ali
Por estar ali
E além de mim
O que eu não ousava.
Ah
Relembro a amplidão dessas varandas intocadas
Os pequenos raios de luz
Nos vidros coloridos das janelas.
Revejo a dura consistência da porta
Cerrando seu segredo.
E me retomo
Ali
No imóvel do gesto que não fiz.
Como se pudesse
Agora
Escancarar portas e janelas
Para sair nu pelas varandas
Desvairado e nu
Profeta, louco, infante,
Sair para o vento
O sol, as tempestades, as neves,
As quedas de estrelas e Bastilhas,
O cheiro de jasmims

Entontecendo os quintais.
(pudesse retomar manhãs, amigo,
manhãs perdidas como tudo
que não fui)

Mas continuo

Ali.

Aqueles espaços

Permanecem mortos dentro de mim.

Como um corpo que se ama

E não se toca.

Londres 4.2.74

(Fiz depois duma bad lisérgica e dum papo muito duro com
Serginho. Você gosta?)

Dia seguinte:

Saindo da prisão

Fui ao dentista, depois encontrei com Homero e Fê para roubar umas
coisinhas. ¹⁷³ Tudo bem. Os lugares de sempre. Biba, Pin Import,
Kensington Market. Eu tava cansado, queria vir embora, Homero quis ir
ainda a uma livraria. Fomos. Aí fiquei alucinado por uma biografia de
Virginia Woolf, com fotos belíssimas, dois volumes. Apanhei um,
Homero outro. Saímos. Dois caras nos vinos seguiram. Nos apanharam
na esquina. Dormimos na prisão. Fomos julgados hoje de manhã.
Resultado: 30 libras de multa que equivale a mais ou menos 500 contos.
Temos três semanas para pagar.

Na escola, ganho 20 libras por semana. Creio que poderei pagar. Mas é
duro. Ainda tenho outra conta do dentista de 10 libras.

Vou chegar no Brasil sem dinheiro nem pro táxi. Também não posso
recorrer a meus pais — ia ser um bode se eles soubessem.

Estou muito deprimido, muito cansado.

Ah, por favor — não fale disso a ninguém. É muito feio. Também não
entra numa de me mandar um dinheiro que você não tem. Pediria uma
coisa só. Arranje umas flores brancas e jogue no mar pra Iemanjá, que é
minha mãe. Peça por mim, que ilumine meu caminho — que me tire
desta maldita Londres que está acabando comigo. Pode ser que ela
atenda.

Te beijo outra vez.

Não se preocupe.

[173](#) No circuito internacional do desbunde nos anos 70, “*shop lifting*” (pequenos furtos em lojas burguesas) podia ter o sentido de uma ação política, algo como um gesto anarquista de desapropriação do capital em escala micro. Era algo que se fazia em grupo, como no caso relatado nesta carta.

Vera:

recebi hoje sua carta. Continuo ruim, talvez um pouco melhor, pelo menos tenho procurado sair, transar com as pessoas. Embora nada ou ninguém me interesse. Estou também batendo uns papos com um psiquiatra, que é mais meu amigo do que qualquer outra coisa, Ernesto Bono. E isso tá ajudando, eu acho.

Aos poucos saio do poço.

Mas, bem, não venha em julho. Imagino que você deva estar decepcionada. Mas eu acho melhor que você não venha. O livro atrasou, depende de financiamento do INL, isso significa burocracia, isso significa perda de tempo e — resultado — o livro, na melhor hipótese, só ficará pronto em outubro. Ou no ano que vem. Fora isso, eu não estou bem. Eu não ia poder transar bem com você porque estou todo perdido, todo enrolado nos meus “adentros”. E não acredito que você pudesse melhorar a situação. São coisas muito minhas, incomunicáveis. Eu estou vazio, deprimido e amargo. Talvez eu vá pra Itaqui, passar uns dias na casa de minha avó.

Estude, faça suas coisas, vá para Petrópolis, olhe as pessoas. Não fique pensando em mim, não fique esperando nada de mim, não invente estórias. Eu preciso ficar sozinho algum tempo e deixar que naturalmente tudo se tranquilize dentro de mim. Para então ver o que eu posso realmente dar a você ou a qualquer outra pessoa. No momento não tenho mesmo nada. Só coisas escuras. Prefiro guardar comigo.

Noite passada amarrei um bode pensando nos 26 anos que faço em setembro. Você tem 18. Sabe que isso é terrivelmente importante? Sabe que o tempo passa muito mais depressa do que a gente imagina? Sabe que se você não fizer certas coisas agora depois vai ser muito tarde (pareço um personagem de Katherine Mansfield num conto chamado *O seu primeiro baile*)? Pergunte isso a Maria Augusta, veja como ela vai concordar, não é verdade, Maria Augusta? Portanto, não se prenda a mim, não se limite, não pare de olhar para fora, para os outros. Daqui a pouco vai ser muito tarde, eu sei que é assim porque eu sinto isso. Transe bastante, o máximo que você puder. Fechar-se não está com nada, e as pessoas são sempre o que de melhor existe.

Mando pro Henrique uma cópia de *Harriet* [174](#), que ele tinha pedido.
Um beijo do seu

Caio

[174](#) Conto que integra o livro *O ovo apunhalado*.

Vera, recebi hoje tua carta e a de Maria Augusta. Li, reli, várias vezes e fiquei indeciso entre responder hoje mesmo ou deixar passar uns dias. Hoje já é muito tarde, a minha irmã está de aniversário, pintaram uns parentes e uns amigos meus de tarde, também trabalhei muito corrigindo e tirando cópias dos originais que preciso entregar ainda esta semana. Então estou um pouco cansado. Mas eu quero tentar explicar umas coisas para você. É difícil, porque eu ando confuso e sem entender muito bem as coisas. Mas quero tentar.

Sua mãe acertou em cheio num ponto, eu acho. É verdade que estou morrendo de medo do amor que você sente por mim. Mas não é só isso. Também ando com muito medo das pessoas todas. Eu sei disso. Londres deixou marcas fundas. Também tenho um outro problema, sério. Objetivo. Externo. Eu estou precisando “ganhar a vida” de alguma maneira. Eu parei de estudar. Eu não tenho especialização nenhuma em nada (nem quero). Eu não voltaria à faculdade. Eu não me submeteria a qualquer trabalho. E preciso. Minha mãe tem aguentado a barra, mas eles estão com mil problemas financeiros, e não é justo, no mínimo não é justo. E eu não aguento mais cidade, você me entende? Além disso há a barra de voltar. Eu mudei. Tenho saído e olhado e às vezes encontro algumas pessoas. Tudo me parece muito ruim. As pessoas estão quase todas saindo ou entrando em clínicas (é um fato, poderia enumerar nomes e casos, se você os conhecesse). Me sinto perdido no mundo. Ou dentro de mim, seja. A perspectiva de fazer 26 anos em setembro me assusta: de repente já estou no fim dos 20 e não tenho nada do que as pessoas costumam ter nessa idade. Tenho planos, claro (todo mundo tem). Mas objetivamente estou aqui sem nada à minha frente. O momento futuro é uma incógnita absoluta. Eu não posso pensar “não, daqui a um ano eu vou pro campo ou eu caso ou me formo ou vou à Europa”. Eu não sei. Fico esperando que pinte uma coisa, naturalmente. E essa falta de ação me esmaga um pouco.

Claro que eu precisava de ajuda externa. Eu mandei dizer a você que estava transando com o Bono. Não é verdade. Eu apenas pensei em transar com ele. E talvez vá, amanhã, depois. No momento não há condições. Minha mãe está sem empregada porque não tem dinheiro para pagar uma. Então tenho mesmo é que me virar sozinho comigo

mesmo. E me viro. Houve época, dois anos atrás, que eu não conseguia sequer sair de casa. Agora pelo menos saio, sei lá, olho pra fora. Converso com as pessoas. Procuo transar, procuro chegar perto, descurtir essa de medo. Mas houve um espalha na cidade. As pessoas não se encontram mais, eu não sei o que é. [...]

Não estou me drogando. Queimei fumo umas vezes, mas fiquei demais paranoico, e parei. Não quero mais saber. Pelo menos agora. Até que eu volte a sentir terra firme embaixo dos meus pés.

Hoje veio carta do *Suplemento de Minas Gerais*, para onde eu tinha mandado um conto, dizendo que o conto não pode ser publicado a não ser que cortem ou substituam as palavras merda e tesão. Tudo isso me desorienta. E muito lentamente vou-me dando conta que estou realmente aqui — e que existe um externo diferente do europeu. Mas são pequenas porradas que estonteiam, não é?

Em geral tenho conseguido me manter num estado de espírito mais ou menos equilibrado. Acho que as maiores depressões já passaram. Andei chorando, ou então apático, dormindo potes. Agora consegui pegar um certo fio, eu acho, e pelo menos admitir que as coisas pareçam um pouco estagnadas até que eu volte a me situar.

Há uma distância enorme entre eu e as pessoas. Eu estou chegando de experiências que elas não tiveram — e não estou sabendo do que elas viveram nesse tempo que fiquei fora. É difícil, difícil. Como começar tudo de novo. Até reencontrar os pontos de contato, leva tempo. Entre eu e as pessoas. Entre eu e a terra. Entre mim e eu.

Levo com calma. Como muito arroz, vegetais e tomo ban-chá. As vezes faço algumas respirações e posturas iogues. Ajuda. Vou ao cinema. Fui ver *Irmão Sol irmã Lua* ontem, é um filme muito lindo, me deixou muito bem.

Dia 28 chega um amigo meu de Londres, Homero. A gente se dava muito bem lá. Forças recíprocas. Acho que vai ser legal encontrar alguém que esteja no mesmo processo de reintegração (que pode degenerar em desintegração, e é isso que mais me assusta). Vai me situar mais. Minha família é legal. Mas o diálogo com eles vai somente até certo ponto. [...] Tudo isso dói. Mas eu sei que passa, que se está sendo assim é porque deve ser assim, e virá outro ciclo, depois.

Para me dar força, escrevi no espelho do meu quarto: “Tá certo que o sonho acabou, mas também não precisa virar pesadelo, não é?” É o que

estou tentando vivenciar. Certo, muitas ilusões dançaram — mas eu me recuso a descrever absolutamente de tudo, eu faço força para manter algumas esperanças acesas, como velas. Também não quero dramatizar e fazer dos problemas reais monstros insolúveis, becos-sem-saída. Nada é muito terrível. Só viver, não é? A barra mesmo é ter que estar vivo e ter que desdobrar, batalhar um jeito qualquer de ficar numa boa. O meu tem sido olhar pra dentro, devagar, ter muito cuidado com cada palavra, com cada movimento, com cada coisa que me ligue ao de fora. Até que os dois ritmos naturalmente se encaixem outra vez e passem a fluir. Porque não estou fluindo. Cada coisa é nova, é um choque que me balança.

Não sei se você entende. É isso e é muito mais ainda. Ou não é nada disso. Falei com algumas pessoas que foram/voltaram, todas disseram a mesma coisa: que reintegrar-se aqui é difícil, dói, a gente se sente confuso, sozinho, perdido. Eu sabia, antes de vir. Eu, de certa forma, não estou nada surpreso. Era mais ou menos o que eu esperava.

Não ia ser legal você vir agora porque eu não sei exatamente o que sinto por você. Eu gosto de ficar ao seu lado, gosto quando você me escreve. Quer dizer, a sensação geral é boa, é clara. Mas eu não sei se posso dizer que te amo, que gostaria de ficar para sempre com você. Eu realmente não sei. E no momento — como dizer? — de certa forma eu estou gostando de estar me sentindo assim, desamparado. Porque é como um teste. Agora eu quero ver como eu me viro, entende? E sozinho. Se você viesse você ia ficar servindo de ponte entre mim e a realidade objetiva (como no Rio — as impressões vinham muito coadas através de você). E não seria bom, porque eu podia sei lá, até mesmo ficar com raiva de você e matar uma coisa que ainda nem cresceu direito. Não tenho pressa nenhuma. Nem em relação a você nem em relação a nenhuma coisa. Eu gostaria que tudo crescesse naturalmente.

Acho que consigo formular: assumir você está sendo tão difícil como assumir essa vida a ser vivida que tá aí na minha frente.

E eu tenho mil bodes de sexo, não é? Eu preciso transar esses bodes todos. Algumas vezes eu fiz muito mal para pessoas que me amaram. Não é paranoia não. É verdade. Sou tão talvez neuroticamente individualista que, quando acontece de alguém parecer aos meus olhos uma ameaça a essa individualidade, fico imediatamente cheio de espinhos — e corto relacionamentos com a maior frieza, às vezes firo,

sou agressivo e tal. É preciso acabar com esse medo de ser tocado lá no fundo. Ou é preciso que alguém me toque profundamente para acabar com isso. Tenho medo de já ter perdido muito tempo. Tenho medo que seja cada vez mais difícil. Tenho medo de endurecer, de me fechar, de me encarapaçar dentro duma solidão-escudo.

Mas os dias andam bonitos e eu fico no jardim olhando a grama. Não vamos entrar em pânico. Vamos nos escrevendo, vamos continuar nos aproximando por esses caminhos difíceis, escuros ou complicados. Vamos?

Dê um grande beijo em Maria Augusta e agradeça por mim tudo que ela escreveu. Foi uma força. Um beijo

Caio

A Luiz Fernando Emediato

Porto, 9.5.76

Luiz Fernando Emediato:

obrigado pelo interesse. Também estou sacando você há muito tempo, contos e poemas publicados em jornais e suplementos. *Boom* ou *bim* ¹⁷⁵, também não sei, falso populismo, undergrounds que tomam Chivas Regal (como diz Roberto Drummond). Como você; detesto discutir. Mas do seu trabalho fica sempre um gosto de coisa quente, viva, jovem. E eu gosto.

Aí vai esse conto para a *Inéditos*. É das minhas últimas coisas. Ainda não vi a revista por aqui, mas Lucienne Samôr — grande amiga, excelente escritora — mandou um número. Capa de primeiríssima, James Scliar — um quixote no meio do lixo tecnológico? Andei lendo alguma coisa, gostei do seu conto — seco, com um final grilante; gostei de *Cicatrizes*, do Ratton, me deu vontade de dirigi-la; gostei de Wander Piroli. O resto ainda não li.

Falar em Piroli, ele tinha mandado me pedir um conto pra *Inéditos*. Eu ia mandar, tava só esperando uma folguinha, que me pintou hoje. Mando diretamente pra você.

Andei mostrando a revista pra algumas pessoas daqui. Todo mundo gostou. Vou tentar agitar o povo pra mandar colaborações. Já dei toques pra Jane Araújo, Sérgio Caparelli, mais Valdir Zwetsch e Nei Duclós, que estão em São Paulo.

Gostaria de mandar um exemplar do *Ovo* pra você, mas esgotei há muito minha quota de 50 exemplares e, na editora, me dizem que tá esgotado (não sei bem como, já que a distribuição foi uma merda). Segunda edição? Você sabe como são essas coisas... Forças! Mas vou ver se encontro algum, me dê algum tempo, ando meio ocupado demais. Não tenho — com a graça de Deus, nem terei — mulher & filhos pra sustentar, mas um psicanalista que me sai tão caro quanto. Uma estreia teatral marcada pro dia 13, potes de free-lancers, aulas & transações. Ah: não conheço a *Silêncio* — será bem-vinda.

Até outra, um grande abraço do seu

Caio Fernando Abreu

[175](#) *Boom* literário dos anos 70. Caio Fernando Abreu e Luiz Fernando Emediato estiveram entre os participantes do chamado *boom* literário dos anos 70, marcado pelo surgimento de toda uma nova geração de ficcionistas, que naquele momento se dedicavam sobretudo ao conto e travavam conhecimento e se reconheciam através de intensa correspondência e da leitura mútua em publicações literárias como *inéditos* (MG), *Ficção* (RJ), *SLMG — Suplemento Literário de Minas Gerais*, *Suplemento da Tribuna da imprensa* (RJ), *Escrita* (SP) e outras mais pelo Brasil todo. É quando começam os circuitos de leitura no país, com os autores indo ao encontro do público leitor, no contato direto principalmente com estudantes de 2º grau e das universidades.

Emediato, amigo:

cheguei em casa do jornal e tinha uma coincidência curiosa e agradável — uma carta do Julio Cesar, outra do Pellegrini, outra sua. ¹⁷⁶ Julio Cesar tinha mandado um telegrama sobre a transação com o *Pasquim* ¹⁷⁷: eu não acreditei e continuo não acreditando muito. Sou meio cético com essas coisas, talvez os deuses pasquinianos tenham dito que sim, com a intenção de enrolar-enrolar *ad infinitum*, como de costume. Mas como sou também paranoico e inseguro até as raias da demência (gosto muito desta palavra), espero que seja verdade. Principalmente porque merecemos, não é mesmo? Falando sério: seria muito bom (eu acho é que não estou querendo me entusiasmar muito, como tenho vontade, com medo de um desmentido). Deixa andar. Forças!

Sobre minha peça — tudo bem. Ela recebeu um dos prêmios de leitura do SNT de 1976; tem sete títulos: *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora; Vamos fazer uma festa enquanto o dia não chega?; Você tem certeza que são mesmo 10 para as sete? Uma visita ao fim do mundo; The Squatters; Luxúria seminua* ou *Yo no creo, pero...* Ainda não foi lida, deve ser agora no fim do ano. Um grilo: eu pretendia encená-la o ano passado, já tinha teatro, data de estreia, equipe etc.: foi proibida, no todo ou em partes, pela Censura Federal. Para ser publicadas acho que tudo bem, não sei — mas para as leituras creio que haverá problemas. Só não mando imediatamente porque não tenho nenhuma cópia, questão de apanhar uma com um amigo, em seguida. Mando logo, *con mucho gusto*.

Inéditos chegou aqui, sim, e está vendendo bem. Não sei os números ao certo, mas outro dia fui na Coletânea para um lançamento e, entre duas cachaças, perguntei como ia saindo: numa boa. A *Paralelo* deve ser lançada na próxima semana, mando pra você. Outra coisa: mande material, dê o toque pras pessoas, a gente tá a fim de gente de outros estados para não provincianizar muito.

Trabalho: hoje fiz — SOZINHO — DUAS páginas do jornal. Repórter, redator, copydesk, editor — só faltou mesmo a diagramação e a fotografia. Fui pra lá às 9 da matina, cheguei em casa quase 10 da noite. Ufa. Mas sabe que eu gosto? Acho ambiente de redação deliciosamente neurótico. E, sei lá, o contato obrigatório com a palavra,

todo santo dia, tá me fazendo escrever muito: saio de lá e venho pra casa escrever minhas próprias coisas. E tenho gostado dos resultados — estava bloqueado há uns seis meses. Também pintam coisas ótimas, como hoje, José Luiz Gomez, diretor de *Mockinpott* e *Woyzeck*, premiado no último festival de Cannes, como melhor ator. Contou que Georg Büchner, o autor de *Woyzeck*, escreveu um manifesto político, em linguagem bíblica, onde Deus criou os camponeses no quinto dia e os nobres e aristocratas no sexto. Daí foi e disse a estes: “Usai de todos os animais que cobrem a terra, inclusive os camponeses...”

Também fico cansado, vampirizado. Mas, talvez pela educação que recebi e toda aquela estória de “o-trabalho-dignifica-o-homem” ter ficado cravada muito fundo no meu subconsciente, no fundo da maior exaustão sempre descubro um prazerzinho. Que pode ser também masoquismo puro e simples, ou o fato de ter ficado sem trabalhar quase dois anos, e portanto estar desintoxicado e aproveitando as batalhas de agora para baixar do voo louco que dei. Sei lá. Mas pinta seguido, uma fadiga um vermezinho roendo e fazendo perguntas como “pra-quê? pra-quê?”. Meu irmão, a gente tem que descobrir maneiras — *sejam quais forem* — de ficarmos fortes. Paranoias de lado, é como um complô para que a gente mergulhe num fazer neurótico de coisas, ansiosamente, sem tempo para nós mesmos e as nossas ficções. Para que a gente desista, todos os dias. Você sabe que não devemos, que não podemos e, principalmente, que não queremos. Eu não sei se um dia as coisas realmente mudarão, mas procuro em tudo que escrevo (que é o meu jeito de agir sobre o mundo), colaborar de alguma maneira para que essa mudança venha. E logo. Você sabe, estou saindo de um momento muito escuro, então tenho procurado não deixar que as minhas dores pessoais — do meu ponto de vista: enormes — interfiram no meu viver objetivo. Às vezes afundo no trabalho e esqueço que gostaria/ poderia estar agora mesmo em Marrakesh, por exemplo. Mas prefiro pensar que vale a pena. Eu *tenho* que pensar que vale a pena.

Fiquei curioso com a sua *autobiografia-reveladora-e-bandeirosa*, amanhã mesmo vou comprar. O título do conto é lindo. Tenho um pôster velhíssimo de Marilyn Monroe aqui na porta do meu quarto, e agora mesmo olhei para a esquerda e vi os lábios úmidos abertos num sorriso infantil, drogado e sensual. Uma coisa: dos últimos contos que escrevi tem um que acho publicável — você sabe como ou quem eu poderia

transar na *Status*? Gilberto Mansur? Mandar na carinha, me apresentando ou precisa *pistolão*, esses troços?

Minha intenção, também, era escrever um bilhete — foi saindo, saindo e veja quanto blá-blá-blá. Tudo bem, melhor assim. Teve um tempo que escrever UMA linha era uma barra.

Se nossa antologia sair mesmo provavelmente vai ter rebus no Rio, aí certamente nos conheceremos. Vai ser bom. Dê notícias também, mando a peça logo que apanhá-la e tirar uma boa cópia, revisada. Não se preocupe demais. Relaxe. Navegue. Qualquer coisa, prende o grito, chê. Estamos por aqui.

Um abraço do seu

Caio.

[176](#) Os escritores Julio Cesar Monteiro Martins e Domingos Pellegrini Jr., também muito presentes no momento do *boom*.

[177](#) A entrevista acabou sendo realizada e publicada pelo *Pasquim* na edição de 29/7/77 com os participantes da antologia *Histórias de um novo tempo* (Codecri, 1977). Foram entrevistados Caio, Emediato, Antônio Barreto, Julio Cesar Monteiro Martins e Jeferson Ribeiro. Os entrevistadores eram Felix de Athayde, Eglé Malheiros e Cícero Sandroni. Caio se achou discriminado na entrevista e reclamou em carta que foi publicada na edição de 9/9/77. A verdade é que Caio participava da antologia, mencionada novamente a seguir, nas cartas de 8/3 e de 22/8 de 1977, mas com o tempo suas diferenças com o grupo se tornaram evidentes. Eram diferenças estéticas, pois Caio discordava do “Manifesto Neo-Realista” do grupo (ver a carta de 8/3/77), e eram diferenças comportamentais, pois ele se sentia vítima de preconceitos homofóbicos.

Emediato, companheiro:

Outro dia Julio Cesar ligou pro jornal e batemos um bom papo, fiquei sabendo de todas as novas — desde o lançamento da antologia, programado para o fim de abril, até a remessa das *Edições Marginais*, pelo Jeferson ¹⁷⁸ (que não chegou mesmo, não entendo). Tudo bem, então, tudo andando.

Você me dá belas notícias — livros, editoras (Atica e Alfa-Omega são ótimas) — com exceção do filme, não é? Creio que você já havia me escrito qualquer coisa a respeito — Eduardo Escorel creio que foi o diretor de *Lição de amor* — e semana passada li no *Jornal da Tarde* algo a respeito do filme e seu nome não estava lá. Estranhei. Sacanagem ou irresponsabilidade, seja como for, uma pena.

O livro que aprontei, em princípio, tem editora. Deve ser mesmo a Globo, ¹⁷⁹ que tem uma distribuição péssima — mas eu tenho uma preguiça enorme de batalhar outra. Durante o carnaval trabalhei bastante, houve um bom período de folga — mas agora ficou duro de novo. Trabalho, trabalho, trabalho. Recomeçaram as estreias, o movimento teatral todo e, ainda mais, como agora, depois de quase sete meses de trabalho, resolvi “endurecer” um pouco minhas críticas (que usavam muitos “panos quentes”, em função da minha insegurança, principalmente) tenho tido problemas e mais problemas. Desde crises de consciência (sempre me culpo por possíveis injustiças) até situações desagradáveis com pessoas da “classe”. Enfim, tudo isso me esgota muito e me dá uma vontade danada de ir embora. Para qualquer lugar, desde que seja para longe do Estado. Completei um ano de terapia e, com a loucura já mais ou menos sob controle, talvez até o fim deste ano me sinta em condições de partir. Coisa que, objetivamente, fica cada vez mais difícil...

Forças!

Tô mandando procê o número 3 da *Paralelo*, que saiu hoje — o primeiro pós-Censura Prévia. Não houve grandes problemas para este número, cortaram pouca coisa. Mas a barra de grana da revista é que tá pesada. E pessoas desanimando, caindo fora do barco. Sei lá, não acredito que vá além do número 5. Uma pena. Parece que os nanicos entraram quase todos em crise. ¹⁸⁰ E agora olhei pro meu lado direito e

vi o recorte duma entrevista de Ernesto Sábato, com este trecho (sobre a situação da Argentina) se aplicando tão bem ao Brasil: “Cuando un país está en decadencia, como este; cuando un país está angustiado, como este (y le ruego que coloque exactamente lo que digo); cuando un país está destruyéndose en todos los sentidos, física y espiritualmente, como este; cuando un país há llegado al grado de destructividad y auto destructividad, como este... Pois é.

Olhe, na cópia que você enviou do *Manifesto Neo-Realista* aconteceu um engano: as duas folhas enviadas são cópias da mesma folha, entende? Isto é: as duas são a segunda página do manifesto, pegando creio que o final do item cinco até o oito. Portanto, não deu pra fazer uma ideia. Mas vou ser bem franco: eu realmente não sei. Sou cético, pessimista — acho que somos todos bons escritores, mas acho também meio megalômano nos supomos a nata das natas, saca? Acho inclusive uma atitude elitista. Somos bons, mas somos jovens e só o tempo é que pode dizer se a gente vai conseguir, pelo menos, continuar escrevendo. E às vezes, confesso, até mesmo isso me parece muito difícil. Então não sei, companheiro. Também tenho uma dificuldade incrível para me definir. A primeira frase, “contra o individualismo”, de cara já me grua. Eu não sei MESMO se eu sou contra o individualismo. Em processo terapêutico, e com uma formação literária onde as influências maiores creio que foram Lispector, Virginia Woolf, Proust, Drummond, Pessoa, por aí — não sei se posso afirmar isso, me entende? Pelo menos agora, eu não me sinto seguro. Por outro lado, há itens inteligentíssimos: “... literatura nacional, mas não xenófoba, populista ou demagógica. Assimilar e deglutir de forma crítica o que, não sendo nacional, for universalmente necessário” — por exemplo, acho perfeito. Quem sabe uma reformulação, não sei — também precisava ler a primeira parte, não é? Mande, por favor. Se vocês acharem que não é possível reformular, vamos supor, e eu discorde de *muitas* outras coisas, vai sem o meu nome, por mim tudo bem.

Em abril, irei até o Rio, seja como for. Eu tinha inclusive direito a uma semana de férias que aproveitaria agora em fevereiro. Pintaram mil caronas para o Rio e eu segurei, pensando justamente no lançamento, “economizando” as feriazinhas. Julio Cesar já falou que posso ficar lá. Uma vontade INCRÍVEL de conhecer vocês. Curioso o que você diz do Pellegrini, é de se conferir pessoalmente. “Seguro e saudável” — acho

que sobre mim você poderia dizer “inseguro e doentio”... Mas tenho, também, meus bons momentos. Só não suporto cara machão (também não suporto mulher fêmea demais), gente barulhenta, agitada e neurótica. Um mínimo de silêncio, um pouco de ambiguidade (ai, a formação europeia...).

Tenho lido muito. Saí duma fase de ficção-científica para os contos completos de Andersen (uma higiene mental de primeira ordem) e, pra reagir, caí fundo nas *Memórias do cárcere*, de Graciliano. Tenho também escrito coisas novas, depois de um longo tempo, retomando. Alguns contos, uma novela ainda em planos e notas (se pudesse me dedicar por uns três meses só a ela...), uma peça teatral. Farrapos, molambos. Tão difícil.

Olha, até o fim do mês talvez mude daqui. O meu companheiro vai morar com outros amigos, numa casa, e eu estou em dúvida entre ficar com este ap. ou batalhar, também, uma casa. O ap. é legal, mas pelas janelas você só vê paredes de concreto (o prédio do INPS do lado faz com que eu vezenquando me sinta a própria “rainha dos cárceres da Grécia” ¹⁸¹), cultivo plantinhas e tal — mas sinto uma SEDE de pisar descalço na grama, barulhinho de grilo, sol, terra. Além disso o ap. fica em pleno centro, vantajoso dentro dumas, pelos contatos, locomoção e tal, mas ALTAMENTE neurotizante — decibéis altíssimos, sujeira, roubo, miséria. Dói pra caralho. Mas o que eu ia dizer, e comecei a me queixar, é que seria mais seguro, então, você mandar pro endereço dos meus pais. Certo? Vou lá no mínimo uma vez por semana.

Acho que é isso aí. Diga pro Jeferson que estou escrevendo pra ele. Vai logo.

Um abraço do seu companheiro

Caio

PS – Recebi uma *Edições Marginais* (um exemplar). Não cheguei a ler todo e uma amiga minha carregou, Mary, fascinada pelo seu conto — que eu nem tinha lido ainda. Achei excelente o *Raízes*, do Domingos. Poesia, simplicidade síntese, limpeza: lindo.

¹⁷⁸ Jeferson Ribeiro de Andrade.

¹⁷⁹ *Pedras de Calcutá*, que acabaria sendo publicado não pela Globo, mas pela Alfa Ômega, de Fernando Mangariello

[180](#) Imprensa “nanica” dos anos 70 (culturalmente falando, os anos 70 no Brasil começam em 1968), expressão criada pelo Pasquim, era a imprensa alternativa à grande imprensa. Abarcava desde jornais e revistas independentes ou cooperativados até periódicos culturais ligados a organizações políticas clandestinas ou semiclandestinas de esquerda. Também “nanico” era o Opinião, em cujas páginas se podia ler a produção de intelectuais ligados a uma frente mais ampla de oposição e resistência à ditadura. A imprensa “nanica” ou “alternativa” era, sobretudo, imprensa de resistência à situação política do país.

[181](#) Caio aqui alude ao título do livro de Osman Lins, *A rainha dos cárceres da Grécia* (ed. Atica, 1976).

A João Silvério Trevisan

Porto Alegre, 25.4.77

João Silvério:

oi. Você provavelmente não me conhece. Bem, eu tinha lido *Interlúdio em San Vicente* ¹⁸² na *Ficção* e fiquei muito (bem) impressionado. Quis saber mais de você. Um tempo depois, um amigo falou sobre seu livro, que ele tinha lido em São Paulo. Saí à procura aqui em Porto (que de Alegre, tem muito pouco). Foi uma batalha. Finalmente, consegui um, que li/reli com cuidado, vagar, carinho. Como tenho essa possibilidade de, eventualmente, indicar alguma coisa boa nesse jornal (*Folha da Manhã*), fiz esse pequeno comentário, saído no sábado. Não sou nem vou ser nunca crítico ou teórico de literatura, foi só a vontade de dar a dica pras pessoas (algumas) de que seu livro tava na roda. Você sabe, aquelas coisas escritas no meio de toda a zona de uma redação de jornal. Mas achei que você gostaria de ler. Aí vai. Olha, dá uma prensa no pessoal da editora porque a distribuição tá péssima. É só. Quando você pintar por aqui, apareça pra tomar uns mates. Gosto muito de você. Um abraço amigo do

Caio Fernando Abreu

¹⁸² O conto faz parte do livro de João Silvério Trevisan *Testamento de Jônatas deixado a Davi* (Brasiliense, 1976).

A Luiz Fernando Emediato

Porto 1.7.77

Emediato, irmão:

estava com uma carta pronta pra te mandar quando veio o Rafael Baião me dizer que ia a Minas hoje — daí resolvi mandar isso por ele. Rafael é um cara muito bom — irmão daquele Guerra Baião de quem a *Inéditos* publicou alguns poemas.

Nego, foi muito bom receber a tua carta. MUITO BOM MESMO. Eu andava cheio de suspeitas, pintaram muitas estórias paranoicas na minha cabeça — com base no real, infelizmente (se fosse demência pura seria mais fácil). As estorinhas *around* as *Histórias de um novo tempo* foram tantas & tantas & tantas, e tão exaustivas, e tão idiotas que — enfim, deixa pra lá. Bastidores literários: aaaarrrrrrgh! *Mon coeur vomite*.

Tô escrevendo na redação — quase 10 da manhã. Não dormi direito de noite (insônias) e vou hoje à tarde pra Caxias do Sul, lançamento do *Ovo* (tão antigo) & papos (que cansaço) com estudantes. Eu todo doído. Minha vida tá toda errada. Bodes em vários níveis, às vezes me sinto bombardeado de — sei lá o quê: em casa, no trabalho, afetivamente, financeiramente. Poucas vezes a barra esteve tão pesada. No país, é isso que você vê. Cada vez pior. Ai, Emediato, pra onde a gente tá indo? Prenderam gente, a paranóia tá à solta por aqui. *Y otras — muchas — cositas más*. Em compensação, tenho trabalho — escrito — muito. Talvez por fuga? Não sei, acho que não — porque a realidade dos meus textos é tão ou mais (?) terrível do que o real dia-a-dia.

Sobre você vir em julho: MARAVILHOSO. Dificilmente poderei ir a Buenos Aires — só tenho direito a férias em setembro. Mas mesmo que você fique cinco minutos aqui, seria ótimo. Se você quiser, pode ficar lá em casa (mudei praquela casinha, anote lá: Rua Chile, 661 — mas me avise com tempo ou ligue pra cá: 24-45-55, redação da *Folha da Manhã*, sempre entre 13h e 17h, que é minha hora certa de estar aqui) — com ou sem Sylvia. Eu espero que o relacionamento de vocês se resolva da maneira que te doer menos. Não quero me atrever a dizer coisas sobre — mas, olha, evite arrastar um relacionamento moribundo. Sempre é melhor reagir, partir pra outra do que arrastar, arrastar.

Mangarielo teve aqui — também gosto muito dele, descontado um certo *speed* (típico de SP). Lá (e aqui de novo) ele já tinha feito altos elogios a você: sobre a sua elegância, a sua finura, a sua correção — mais ou menos o que disse a você de mim. O que me faz supor — quem sabe? — que essas sejam características do signo de Virgem... Meu livro — *Pedras de Calcutá*— deve sair em outubro, e ele me deu o *Assim escrevem os gaúchos* (inéditos) ¹⁸³ para reorganizar, em questão de um mês. Cê não imagina o que tem pintado de gente chata, contistas & contistas. Tô com o quarto atulhado de contos. Ufa! Mas acho que vai dar pra fazer um bom trabalho.

O negócio do Cançado ¹⁸⁴ me emputeceu. Mais um. O, nêgo, cuide de você, não se exponha demais, a gente é muito frágil e eles são muito fortes.

Li a crítica do Pólvora ¹⁸⁵ sobre o *Jordão* ¹⁸⁶. Fiquei contente, como divulgação é ótimo (como crítica, bem...). O prêmio da *Status* eu já sabia, pelo Julio — PARABÉNS. Tudo isso é muito bom, além de você merecer, é um puta impulso pra te lançar.

Nêgo, eu não tô nada bem. Queria te escrever com mais carinho, com mais entusiasmo, com mais vida. Mas olha, não tá saindo.

Queria muito que a gente se visse em julho.

Ah: se você quiser mandar um conto pro *Caderno de Sábado*, eu trabalho uma boa ilustração e publico — a gente tá invadindo aquilo lá.

Acordei com uma frase do *Poema sujo* me massacrando a cabeça:

como uma coisa suja

(uma culpa)

dentro de uma pessoa” — mas não consigo relacioná-la com nada objetivo. Talvez seja uma coisa que eu deva evitar: culpas, culpas, culpas, culpas.

Emediato, gosto muito de você. Um abraço do seu irmão

Caio.

PS – Tô mandando esses livros procê distribuir por aí.

¹⁸³ Não há registro de que esse trabalho tenha sido levado a cabo. O que existe é a excelente antologia *Assim escrevem os gaúchos* — *Autores editados*, organizada por Janer Cristaldo,

publicada pela Alfa-Ômega em 1976, onde encontramos o conto de Caio “O inimigo secreto”, originalmente em *Pedras de Calcutá*.

[184](#) Provavelmente José Maria Cançado, autor de uma biografia de Drummond.

[185](#) Hélio Pólvora, o ficcionista e crítico literário.

[186](#) O livro *Não passarás o Jordão* (ed. Alfa Ômega), de Luiz Fernando Emediato.

Porto Molhado, 22 de agosto-mês-do-desgosto, 1977.

Emediato, amigo:

estou um tanto perturbado — recém-cheguei do cinema, fui ver *O Inquilino*, do Polanski. Acho que poucas vezes, ou nunca, vi nada tão *patológico*: é assustador, sobretudo porque convincente — um processo de enlouquecimento visto de dentro, num crescendo que chega até o *gran-guignol* do final — brrrrr! Já estou elaborando em cima da minha perturbação e tentando entender — saí do cinema absolutamente tonto, trêmulo, me enfiei no boteco da frente e tomei um balde de café. Agora passou um pouco. É que o filme, do meu enfoque, é justamente sobre a paranoia no relacionamento entre as pessoas (no caso específico do filme, agravada por uma série de outros fatores — a solidão e o homossexualismo contido da personagem). E essa paranoia, essa desconfiança, esse medo do outro tem sido meu *leitmotif* nos últimos tempos. Vem de fora pra dentro — porque a cidade grande, o trabalho no jornal, o ninho de cobras da, aarrgh!, vida-literária só fazem aumentar isso; mas vem também — e isso é que me assusta — de dentro pra fora, de núcleos doentes, escuros e tristes existentes dentro de mim, e já vividos numa dimensão de terror semelhante à do *Inquilino* principalmente sob efeito de ácido. E (até quando?) sob vigilância constante, sob controle, em tratamento (eficaz?).

Mas tudo isso é pra prefaciara atitude que tomei na semana passada, e que me sinto — ia escrever *obrigado* ou *no dever*, mas não é nada disso: bem, *quero* te contar. Um amigo meu, gaúcho residente na Bahia, Rogério Monteiro, mandou-me o recorte de uma carta dele enviada e publicada em *O Pasquim* da semana passada, em que ele criticava a entrevista conosco. A resposta era duma grossura incrível, inclusive ofendendo a nós todos, na base do “pode ser que a pau eles aprendam a não ler só revistinhas ou livrinhos estrangeiros” — algo assim.

Você sabe como eu sou calmo. Mas acontece que tenho um escorpião latejando sob a tranquilidade. O sangue me ferveu: fiquei PUTO. Somei isso a um telefonema *ambíguo* (?) do Jeferson recebido um dia antes, pedindo a tal Cessão de Direitos Autorais referentes ao pagamento dos quatro mil. Bom, nessa “Cessão” eles se arvoram ao direito de reproduzir como e onde quiserem o teu texto, inclusive modificando ou

cortando. Fiquei mais putado. E resolvi agir, por minha conta, sem consultar absolutamente ninguém — cedendo ao impulso e à intuição.

Escrevi duas cartas: uma à seção de cartas daquele jornaleco careta e reacionário, de três páginas, muito agressiva, dizendo absolutamente tudo que penso sobre eles e sobre os cortes feitos na entrevista (estranho que praticamente não cortaram nada das palavras de vocês, só das minhas). Outra ao Jeferson, dizendo que absolutamente não permito que a Codecri ou seja quem for se dê tais direitos sobre um texto meu. Que não assino nem devolvo aquele papel (eu sou tão desligado que ainda não tinha lido). E também: quero saber da possibilidade de retirar meus contos de uma possível terceira edição.

Não sei que providências eles tomarão, talvez eu tenha comprado uma briga muito feia e precise até de advogado. Não importa. Assumo plenamente o que fiz. Estou de saco absolutamente cheio da Codecri, do *Pasquim*, das intrigas do Jeferson e das atitudes doentias do nosso amigo Julio Cesar. Eu tenho uma psicologia muito *frágil* — simplesmente não quero me envolver em estorinhas sujas como essa. Prefiro cair fora. É doloroso ver o carreirismo, a falta de escrúpulos e o mau-caratismo de gente que eu, ingenuamente, supunha “amigos”.

Estou ferido e cansado. Mas não ao ponto de parar de lutar pelo que, penso, seja a maneira mais correta ou mais digna de agir em relação a tudo isso. Ou seja: exatamente esta — escrever a eles e escrever a você explicando diretamente o que se passa, para que não venha um desses jefersons ou julios da vida armarem tramas escuras entre a gente. Eu te quero bem e gostaria de preservar o relacionamento da gente — que me parece sadio. E é só nisso que estou interessado: um pouco de saúde, um pouco de honestidade, um pouco de decência.

Acho que esta carta está ficando pomposa & discursiva. Sorry. Mas é isso aí.

No mais, arrasto minha solidão por dentro do cinza deste agosto interminável em direção não sei bem a quê. Setembro, quem sabe? Ou outubro, ou novembro. Ou um Godot qualquer que não vem nunca. Sei lá.

Estou enviando os recortes das entrevistas. Mais esta conta para a *Inéditos*. É uma barra, mas é o que sou. Ou pelo menos um dos meus lados. Talvez o mais limpo. Do meu ponto de vista. Na verdade não é um conto, são anotações — como diz o título. Se puder ser aproveitado,

ótimo. Se não, tudo bem. Volta para a gaveta.

Dê notícias, quando puder. Um abraço para Sylvia. Outro procê.

Caio

A João Silvério Trevisan

Porto, 20.11.77 — domingo de sol

João Silvério, meu querido amigo:

recebi tua carta na semana passada. Eu fiquei contente/triste: contente porque a sua insegurança a respeito do meu querer-bem por você prova que o seu querer-bem por mim é verdadeiro; triste porque, nas entrelinhas, parece que você me supõe uma pessoa metida até os cabelos em badalações sociais e literárias. Respondi imediatamente. Só que não enviei a carta, como de outras vezes. Aliás, já te escrevi inúmeras vezes — mas nunca enviei. Faço isso muitas vezes (ninguém tem tantas cartas não-enviadas na gaveta como eu) —, às vezes por autocritica exagerada, insegurança, falta de tempo, sei lá. O problema é que você nem chega a saber disso, então fica imaginando coisas.

Eu andei muito complicado nos últimos tempos, desde que voltei do meu bem-aventurado tempo de férias. Ao chegar, tinha MONTANHAS de trabalho no jornal; logo em seguida, me mandaram pro interior, fazer a cobertura de um festival de teatro (e bota 10 dias nisso); logo depois, o Projeto-Cultur, aqui em PA, com palestras duas vezes por dia — em seguida, o lançamento de meu livro. Some a isso um estado emocional dos mais péssimos, e vai entender o meu silêncio.

Agora tô me reorganizando. Pintou uma coisa boa: no jornal, passei a escrever duas páginas por semana (vai aí o recorte da primeira, falando rapidamente sobre o seu trabalho), que posso fazer em casa, sem necessidade de ir àquela redação odiosa. (Esta máquina está péssima, dispara — quando voltei de férias — outro grilo — a minha máquina velha tinha sido ROUBADA — e eu sou um lixo pra escrever à mão.) Bem, então atualmente tem me sobrado mais tempo, e passo praticamente o dia inteiro lendo e escrevendo. Ô João, ando meio fatigado de procuras inúteis e sedes afetivas insaciáveis, e a minha saída (uma saída gostosa) tem sido essa: a literatura. Claro que me dá um puta medo de estar me transformando numa criatura intoxicada de palavras escritas — tenho visões futuras onde me vejo fechado num lugar com as parede cobertas de livros, quem sabe gatos, um som e mais nada. Meu coração tá ferido de amar errado, você me entende?

Eu te quero muito bem. Você diz que eu te chamei de “ressentido”, talvez eu tenha usado a palavra errada. O que eu queria dizer é que, muitas vezes, você me disse que várias pessoas, por mil razões, não gostavam de você. Daí senti uma falta de autoconfiança. Ô João, você é um GRANDE ESCRITOR, fique sabendo disso. Até hoje, você foi o único cara neste país mísero a dar uma perspectiva séria, política, conseqüente à questão homossexual. E isso eu respeito muito. O meu *Testamento de Jônatas* já rodou por meia Porto Alegre, está um trapo, a capa meio rasgada, surrado das muitas mãos que o leram (continua sem ter nas livrarias daqui).

Além disso: a sua pessoa nunca me desagradou. Me comove e encanta a sua fragilidade e a verdade com que você fala com a gente. Só que o nosso grande papo, por circunstâncias externas, nunca pôde pintar. Primeiro, naquela entrevista neurótica no Rio; segundo, naquela vernissage badaladérrima, onde não havia clima; terceiro, naquele desprezível encontro de escritores, onde eu procurava disfarçar a minha inadequação atrás de sorrisos forçados e frases falsas. Eu comigo mesmo e num lugar legal não sou nunca assim como você me viu nessas três ocasiões. Mas a sua sensibilidade captou o mais do mundo de mim. E o nosso grande papo fica na roda, à espera desse momento imponderável onde a gente vai — tenho certeza — se encontrar de novo.

Eu tô com vontade de sair de Porto Alegre, uma vontade desesperada. Preciso correr risco, correr perigo, ser desafiado. Aqui, as coisas amornam a cada dia. Não estou vendo possibilidade real. Como você, também já levei porradas demais. Fomes, problemas materiais, não ter onde dormir, pobreza mesmo. Com 29 anos, já não tenho a energia que tinha aos 20 pra enfrentar essas barras. Então, não sei. Deixo o tempo rolar, arrasto uma psicoterapia, cuido da horta, do jardim, evito ir ao centro da cidade — na espera meio boba de que pingue a última gota que me faça arrumar as malas e ir embora pra qualquer lugar mais pro norte. Não sei quando. Tento arrumar um esquema-de-segurança. Mas a minha desesperança, e o meu cansaço, boicotam a cada dia esses planos. Sei lá.

Mas, por favor, não ponha em dúvida a nossa amizade, a nossa identificação que — para mim, pelo menos — é muito forte.

Queria muito te mandar um exemplar do meu *Pedras de Calcutá*, embora eu não esteja contente com ele. Mas o editor me deu só dez exemplares, que já se foram (era o contrato... ai, os contratos!).

Obrigado pelo recorte da *Folha*. Vamos trocar coisas, conversar, transar — se você quiser. Mas queria que você entendesse os meus poços escuros, os meus becos — que me fazem mergulhar em silêncios às vezes longos. Me conta de ti. Não devemos-nos perder, somos tão poucos, meu amigo. Cuide de você, não sofra sem necessidade, Me queira bem. Te quero bem.

Um beijo grande do seu

Caio

PS – Estou fascinado com um poeta mexicano — Efraín Huerta, você conhece? É incrível!

A Nair Abreu

Sampa, 11.8.78

Querida mãe, tô sem tempo pruma carta. Mas tá tudo bem. Comecei hoje a fazer psicodrama, tô contente. Olhe, por favor, não se preocupe com o \$\$\$\$. Mesmo. Tá tudo bem. Tô feliz com os 30: acho que fiz tudo do jeito melhor, meio torto, talvez, mas tenho tentado da maneira mais bonita que sei. Até uma carta, vai outro poema daquela mineira, a Adélia Prado, que eu já tinha mandado um pra senhora. Pense nele quando a senhora tiver muitos problemas. E se poupe.

ENSINAMENTO

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:

“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.

Terminei a peça teatral que eu vinha escrevendo há dois anos. Chama-se *Zona contaminada*. Voltei a escrever! Não vou parar nunca, por mais inútil que seja (e talvez não seja). Beijos pra todos. Seu filho e amigo

Caio

PS – Mudou o número do telefone daqui: 64-76-54

Querida mãe,

Já faz tempo que não dou notícias, por absoluta falta de tempo. Hoje resolvi ficar em casa, também porque terça é dia do psicodrama, e eu sempre tenho vontade de voltar pra casa depois. Cheguei e encontrei tudo muito sujo. A senhora sabe, tenho horror de sujeira. Mas resolvi não limpar nada, como tenho feito. Tô muito cansado de fazer sempre o bonzinho e o simpático. Isso — a bagunça — somado a uma porção de outras coisas, tem me feito pensar muito em mudar daqui. Acho que vou pra um hotel. Não queria, tenho medo de ficar muito só. Mas tá sendo difícil demais conviver. Tenho aprendido coisas nesse tempo. Às vezes tenho até medo de estar ficando meio duro demais. Sei lá. Mas tudo bem, nada de grave. Dentro de um mês, no máximo, resolvo esta situação. Andei saindo bastante, à noite. Tenho trabalhado demais o dia inteiro, daí é preciso refrescar a cabeça. Ontem encontrei um diretor de televisão que está adaptando um conto meu para um *Caso especial* na TV Cultura daqui, que é muito boa. Muita cascata, mas talvez saia. Mãe, tô muito triste com este país que vai permitir que o Figueiredo vire presidente. Hoje fiquei chocado com uns outdoors, esses cartazes enormes de rua, com a foto do canalha e uma frase mais ou menos assim: “São Paulo apóia o novo presidente. Nós também temos pressa”. Eu tenho muita vontade de ir embora do país outra vez. Não sei, às vezes fico muito desorientado. Não estou tendo tempo nenhum de escrever, nem condições, e é só isso que me interessa. Aí fico me perguntando se vale a pena. Eu realmente não sei. Deixe pra lá, são problemas pequenos. Espero que a senhora tenha resolvido aquele problema financeiro. E que todos estejam bem aí. Andei pensando em passar esses feriados do começo de novembro aí, mas bastou pagar o aluguel para ver que não dava mesmo. Se Deus quiser, fica pro Natal e Ano Novo, vamos ver. Cuide bem da senhora. Por favor, sai mais, divirta-se. Daqui a pouco o Figueiredo sobe e vai ficar tudo um horror. Pior ainda do que está. Sinto muita saudade de todos, Receba um beijo do seu filho

Caio

São Paulo, 12.11.78

Querida mãe,

escrevi essa outra carta na sexta e, parece mentira, não tive tempo de ir ao correio colocá-la. Hoje é domingo, e aproveito para escrever mais um pouquinho. Estou me sentindo muito bem. Ontem fiz compras para o meu quarto: uma cama maior, lençóis novos, cortina, almofadas — essas coisas. Aí não resisti e fiz o segundo crediário da minha vida. Sou contra, mas que se há de fazer? Está bonito aqui. O toca-discos funcionando, ontem comprei também uma mudinha de pau d'água, que é uma planta linda — um tronquinho de árvore que dá uma folha muito verde. Encontrei uma loja que vende cacarecos e comprei um negócio que queria há muito tempo: um globo terrestre. Só não é enorme como eu queria, é pequenininho — ficou engraçado porque os caras colaram um papelzinho com o preço, e eu fui tirar e rasgou exatamente a parte da Sibéria. Então é um globo sem Sibéria, que não faz muita falta, não é?

Mãe, vou mesmo no fim do ano — antes do Natal vou estar aí para ficar uns 10 dias e matar a saudade.

Outra coisa, vou lhe pedir um favor: soube pelo Moacyr Scliar que a Globo estava à minha procura para pagar direitos autorais. Bem, escrevi a eles, mas não sabia o número aí da Getúlio. Talvez por isso não responderam, acho que a carta não chegou. Então eu pediria à senhora que desse uma telefonada para eles (fale com Maria da Glória Bordini) para pedir essa grana. Dê meu endereço aqui e tal. Mas por favor, não vá se incomodar, não precisa ir lá — só telefone e dê o endereço. A Glória é minha amiga, é também uma pessoa maravilhosa. Aproveite e peça a ela que me escreva, quando puder.

Vou aproveitar e cobrar também a editora aqui de São Paulo. Como sempre, os gastos foram maiores do que eu esperava.

Fiquei muito magoado com o Celso — aquele amigo com quem eu morava. Ele não agiu bem, acabou me devendo uns nove mil cruzeiros. Fiquei triste, mas ao mesmo tempo acho que essas coisas servem pra gente aprender a conhecer as pessoas. E tudo bem. Ele precisa mais que eu. Não quero guardar rancores.

Dê uma dica para as gurias: ouçam o LP novo das Frenéticas, *Caia na andaia*. Ganhei ele de presente e não consigo parar de ouvir. É ótimo, divertidíssimo. Mas quem andou caindo na gandaia fui eu: dancei a

noite inteira de sexta e sábado. Tem discotecas incríveis aqui. A do Dancin Day's tinha até umas fumaças (gelo seco) que pintavam no meio das músicas, ficava um negócio estranhíssimo. Um dos maiores sucessos — veja que incrível — é *Babalu*, com a Angela Maria (de quando eu tinha uns três anos de idade!).

Sexta-feira leram a minha mão (Maria Adelaide, uma amiga portuguesa, entendida nessas coisas) e diz que vou ser rico e famoso, com uma vida muito movimentada, viagens e mil coisas. Será? Hoje li no jornal que o depósito cai mesmo em janeiro, para seis mil — aí vou começar a pôr em prática o meu plano de passar o réveillon de 1979 em Nova York.

Apesar de tudo, tenho achado ultimamente a vida muito boa de ser vivida.

Ah: pensei o seguinte. Rofran vai tirar férias em janeiro, vou ficar sozinho no apartamento, que é muito grande. Aí pensei: será que as gurias, o Felipe, ou mesmo a senhora e o pai não queriam passar uns dias em São Paulo? Seria ótimo. Vão pensando nisso. Se desse certo eu ficaria muito contente. Estou aprendendo a amar muito esta cidade louca.

Fico por aqui. Beijos para todos. Seu filho

Caio

São Paulo, 30.11.78

Querida mãe,

Recebi ontem sua carta com o livro. Obrigado. Semana passada, tinha recebido uma carta da Maria da Glória (que gostou muitíssimo da senhora, faz altos elogios à sua elegância e simpatia — a Josefina é sua fã de velhos carnavais, que eu sei). Incrível, mas ainda não tive tempo de ir ao banco retirar o dinheiro. Acho que amanhã não venho trabalhar de manhã, para ver isso.

Estou escrevendo de manhã, na redação. Ainda estou muito impressionado com um sonho que tive esta noite. Era um sonho ruim com as gurias: elas eram crianças, ainda, que nem naquele *slide* muito bonito onde tem a Márcia com um coelhinho e a Cláudia com um vestido acho que rosa. No sonho, elas estavam doentes, hospitalizadas. Era uma coisa confusa, não lembro bem. Acho que depois de ler a sua carta fiquei pensando nas duas estudando para o Vestiba, e daí me deu uma certa pena. Não sei bem o que foi. Enfim, sonhos.

Mãe, tenho trabalhado muito. Não só na *POP*, que tem horrores de trabalho, mas também peguei um free-lancer da *Nova* e outro, para uma edição especial sobre a vida do John Travolta (já posso até responder naqueles programas de televisão que dão bilhões em prêmios). Somado tudo, dá uns 10.000 além do meu salário. Outra boa notícia: como não sou contratado, não teria direito a décimo-terceiro, mas incomodei tanto (e eles não querem me perder, claro, estão me explorando bem) que acabou pintando. Deve dar mais uns 10.000. Enfim: acho que pintará uma boa grana para comprar uma moto. Tenho sonhado com isso. Ou quem sabe um carro, vamos ver.

Tenho que lhe contar umas histórias ótimas: semana passada fui à maior festa da minha vida. Tenho uma colega de redação, Mônica, e grande amiga, que é muito rica e filha de um casal muito famoso na sociedade paulista, Abelardo e Laurinha Figueiredo. Bem, eles deram uma festa de aniversário de três dias para a Mônica, na casa de campo em Águas de Lindóia. Piscinas e mil mordomias. Entre os convidados estavam Stela Splendore (viúva do Denner), Rosemary (a cantora), Marina Montini (aquela mulata lindíssima), Wilson Simonal (um bagaceira) e — adivinhe quem chegou no domingo? — PELÉ. O próprio. Parecia Hollywood. Tiraram uma foto minha com ele, mas a

irmã da Mônica me roubou. Foi incrível, mas às vezes um pouco deprimente. Gente rica é muito entediada e ruim da cabeça.

Amanhã vou para o Rio, um amigo do Rofran foi viajar e deixou a chave do ap. com ele, é em Ipanema, de frente para o mar. Acho que vou matar a segunda-feira. Mereço, ando trabalhando demais, e não sei se posso dizer o mesmo dos meus caros colegas. Então, quero mais é me divertir um pouco também.

Ah, já falei com o *patrão* sobre a minha licencinha no fim do ano. Tudo certo. Pedi do dia 20 ao dia 2, mas estou pensando mesmo é em sair daqui lá pelo dia 15. Vamos ver. Passo o Natal aí. O Ano Novo, não sei, porque tenho um amigo, José Márcio Penido, que quer me dar outra festa de três dias no hotel de uns parentes dele em Cambuquira, uma estação de águas em Minas. Se pintar, eu volto pra festa. Meu Deus, quanta festa! Acho ótimo, deixa pintar. Acho tão bom ter acordado a tempo... Como deixei a vida passar, trancado no quarto, mastigando loucuras. Acho que o psicodrama tá me fazendo muito bem. Outro dia fiz uma sessão incrível, fiquei umas duas horas falando — imagine — da Ivone Dri e daquele Aero-Willys branco, forrado de vermelho, que o pai me deixava dirigir.

Fiquei muito preocupado com o resultado das eleições. Foi um banho. Acho que tá acontecendo uma coisa boa, a oposição tá tão forte que o Figueiredo não vai conseguir apertar muito, não.

Outra coisa que me deixou contente foi a vinda do Augusto no fim do ano. Acho que encontrarei com ele em Porto Alegre. Soube por um amigo da gente que ele separou-se da Lorraine, parece que ela foi para a Índia. Segundo outros amigos da gente, ela era um demônio, possessiva e mal-humorada. Sei lá, vai ser ótimo revê-lo.

Quando eu for, vou levar trabalho, preciso traduzir duas peças do espanhol. Não sei se vou conseguir, mas vou tentar. Uma será montada pelo Rofran Fernandes, outra pelo Paulo Albuquerque aí de Porto Alegre (ele dirigiu *Jogos na hora da sesta*). O Paulo tava voltando de Manaus e ficou uns dias em casa, ele leu a minha peça e ficou muito impressionado e disse que é uma das coisas mais fortes que leu nos últimos anos. Parece que tá a fim de montá-la, no próximo ano. Mas eu não acredito muito, e deixo andar.

Vou ficando por aqui, ainda quero escrever pelo menos um bilhete para a Dona Tuba, e tenho que aproveitar antes que me deem trabalho.

Um grande abraço especial para o pai. Beijos para todos. Seu filho e amigo.

Caio

Querida mãe,
estou aproveitando a ida do Augusto para mandar esta carta, escrita na redação mesmo, a senhora sabe, aquelas corridas de sempre. Ando sentindo falta de notícias daí. Como tenho viajado muito, pensei até que a senhora poderia ter telefonado sem eu estar em casa. Então, por favor, escreva ou telefone (a melhor hora pra me encontrar é mesmo por volta das 9 da manhã).

Aqui tá tudo bem — hoje tá um dia de sol lindo, nem parece São Paulo. Acordei às 7 e meia da manhã com a Dona Francisca chegando: é uma “peoa” ótima que arrumei. Era empregada de um amigo meu, ele resolveu dispensá-la enquanto procura uma que durma em casa, e passou-a pra mim. Tem ido duas vezes por semana, pago 150 de cada vez e ela faz horrores — lava roupa, passa, conseguiu desencruar a sujeira da cozinha, que tava um horror.

Estou sozinho em casa (hoje chega o Luiz Arthur, que vai ficar uns dias aqui) — Rofran foi fazer um filme em Pirapora, no interior de Minas Gerais, e eu estou até um pouco preocupado, porque Minas inteira está embaixo d’água, e Pirapora é uma das cidades mais atingidas. Ele ficou de telefonar e não telefonou, acho que a equipe de filmagem deve estar ilhada lá.

Fiquei muito contente com a aprovação das gurias no vestibular. Vai ser ótimo para elas, só espero que a Cláudia aguente aqueles demônios do curso de Letras, como a Rebeca ou o Bunse, professor de Linguística.

Interrompi, tivemos uma reunião, agora já é de tarde. Tá uma bagunça isso aqui. Saíram algumas pessoas da revista, acumulou trabalho, ficou meio baixo astral. Durante a reunião tive uma discussão meio forte com a patroa. Ando meio ofendido com certas coisas — como o diretor marcar uma reunião pras 9 da manhã, eu e os outros chegamos antes das 9, e ele só pinta às 10 e meia, muito apressado, falando que a revista tá péssima, coisas assim. Falou que tínhamos que reduzir os textos, aumentar as fotos e o visual, que “o leitor não gosta de ler”. Eu disse que tinha irmãs adolescentes que adoravam ler, e que achava que a gente não devia colaborar com a alienação. Ele me chamou de *obsoleto*, eu fiquei puto e repliquei que minha formação foi feita antes de 64, e

que se ele achava que cultura e leitura eram coisas obsoletas então íamos muito mal — e que se ele tava a fim de colaborar com o processo de castração mental da juventude brasileira pós-64, eu não estava. Por aí foi. Numa certa altura, até a senhora acabou entrando na briga. Ele disse que meus títulos pareciam livro antigo de História. Eu falei “minha mãe é professora de História, eu estudei muita História e se a juventude de hoje não sabe nem quem foi Getúlio Vargas é porque não se estuda mais História”. Voou pena. Suei, gritei. Todo mundo quieto em volta. Aí resolvi calar a boca. Afinal, como na fábula do lobo e do cordeiro: contra a força não há argumentos.

Mas ando de saco muito cheio com essas coisas. De repente tô trabalhando num lugar que me obriga a ir contra tudo que penso e sinto. Não sei como resolver tudo isso. Mas tudo bem, tô calmo e ponderado, embora a vontade seja de agredir todo mundo, dizer meia dúzia de verdades e sair pisando duro. Não vou fazer nenhuma loucura.

Queria lhe pedir uma coisa: por favor, mande pelo Augusto os exemplares de *Pedras de Calcutá* que ainda existirem por aí — acho que tem um ou dois pacotes no meu quarto. Também: procure um livro de capa azul, chamado *A negação da morte*, o autor chama-se Ernest Becker ou Fischer, eu não tenho certeza. Se a senhora não achar, não tem importância.

É só. Tô escrevendo meio na corrida. Hoje à noite é a estreia da peça da Suzana Saldanha, tô muito curioso pra ver.

Beijos para todos. Por favor, dê notícias logo.

Do seu filho

Caio

A Suzana Saldanha

Sampa, 9.4.79

Suzy, baby,

andei com vergonha docê... Veio aquela carta tão bonita, e eu sem nenhum tempo de responder, passei um fonograma, coisa tão fria, e fui curtindo essa vergonha de não ter tempo até pintar a carta do Isaías. Bom, deixa eu ser objetivo primeiro (depois vêm as continuações): aí vai a declaração, devidamente assinada (fiquei com uma cópia para mim). Adorei a equipe — não conheço todo mundo, mas Elton, Carmem Leonora, Isaías, Samuel e Tânia, mais Léo: maravilha.

Fiquei pensando se o Juarez Farinon será um quase-loiro-de-olho-verde, que viveu um tempo no Peru? Seja como for, com cabeças como essas, o astral só pode ser o mais alto. Em princípio, estarei aí para assistir a estréia, mas me avisem de alguma modificação nas datas.

Suzy, fico chateado de não ter reescrito a canção final, como você pediu. Não deu mesmo. Ritmo de Sampa é o seguinte. Andei trabalhando feito um cão, vezenquando acontecia de olhar pra minha mão e pensar “nossa, que unha grande & suja” — sabe o que era? Falta de tempo pra cortar. Uma corrida, dum lado pro outro, e eu me perguntando se tudo isso vale a pena. Sem tempo pra ler, pra escrever, pra visitar ninguém, pra olhar pro céu, um olho nos jornais, outro no coração das pessoas — e tudo tão rebentado (ou arrebentando)... Enquanto a bolha radioativa ameaça escapar do reator, o velhinho simpático do apartamento em frente abre o gás. Na real, de verdade. Enquanto o ayatollah fuzila homossexuais e obriga as mulheres a usarem véu, o Capitão Foguete morre de tuberculose e excesso de drogas, aos 29 anos. Dói de todos os lados, os de fora, os de dentro, de baixo e de cima, nenhuma saída, e você meio cego, meio tonto, só sabe que tem que continuar, meio sem esperança, as ilusões despedaçadas, o coração taquicárdico, língua seca, e continuando. Continuando. Resistimos, aos trancos, já nem sei se foi escolha ou solavanco. Difícil arrancar uma certa lucidez disso tudo. Mas sinto que o coração se depura (é tão antigo falar em coração...) um pouco mais, em cada porrada. Meu olho compreende cada vez mais. Pode ser útil, mas gosto assim, aqui, no meio de todos os sacos de lixo que a greve dos lixeiros

deixou amontoados pela cidade (as escadarias do Teatro Municipal estão cheias, o que acho muito expressivo). E resisto. Gosto de mim assim, e mesmo que não houvesse mais, só por isso. Por resistir. Quando o mais coerente seria estar talvez numa clínica psiquiátrica.

Ai, que fel! Porra, corta.

Consegui férias, de 15 de maio a 15 de junho. Acho que vou para Olinda, escrever. Estou precisando *desesperadamente* escrever. Comecei um negócio muito ambicioso, e decidi que vou em frente, de qualquer jeito. É quase trágico, às vezes, sentir que sacrifico a literatura em função do trabalho jornalístico, para sobreviver. Mas concluí que talvez justamente esse seja o grande desafio da minha vida. E vamos lá. Adoro desafios.

De Portinho, não sinto saudade alguma. Só do ar, de alguns pores-do-sol, dos verdes. E das pessoas.

Quando posso, vou ao cinema. E todo filme que vejo lembro do cinemaníaco Roberto. Vi, entre outras coisas boas, *Uma mulher descasada* (você vai amar), *Amargo regresso*, *A fúria* (um daqueles Brian de Palma medonhos), *O céu pode esperar* e, numa sessão especial, *25* (aquele filme do Zé Celso Martinez, sobre Moçambique), durante um happening louco de reabertura do Oficina. Teatro aqui, coisa cansada e pouca. Gostei de *Nó cego*, do Vereza, e este fim de semana vou ao Rio assistir *Lola Moreno*.

Faz frio. Parece agosto no Sul. Liguei pra casa hoje, e fiquei tão comovido com a voz de minha irmã que de repente não tive o que dizer e desliguei.

Qualquer coisa que ocê precisar, prenda o grito, chê. Dentro das minhas limitações, tô aqui mesmo. De cabeça, envio o que tenho de bom pra equipe. E beijos, muitos beijos.

Seu amigo

Caio

PS — Beijos pra Luiziar, Guto e, quando cruzar, Tuio Becker, de quem gosto muito.

A José Márcio Penido

Gay Port (!), 21.6.79

Meu caro Garcia de Oliveira,
sim, porque pra um nome como esse só mesmo usando expressões tipo essa, ou “prezado”, ou “mui estimado”. Posto isso, imagino que você esteja surpreso. Esperava receber um cartão cheio de palmeiras e casarios coloniais? Ledo engano: vai esta folha branca, um pouco amolecida pelo frio e pela umidade reinantes aqui por estes pampas, chê. O que aconteceu? Bem, eu FUI até Olinda. Aí rodei por lá um dia inteiro, sem encontrar lugar pra ficar. Acabei indo pra Recife, onde me instalei num hotel de oitava: o Suíça Hotel, na Rua do Hospício — juro! Solucionados os problemas de acomodação, percebi que não conhecia viv’alma (ai este português castiço!) na cidade. E toca subir rua, descer rua, atravessar Capibaribe, tropeçar em cantador, em retirante, comer tapioca, olhar, olhar, assistir filmes como *Iracema* ou *O Super-Macho* ou *A ilha das cangaceiras virgens* (descobri que Helena Ramos dá de dez em qualquer Sonia Braga, Ana Matos que me perdoe), voltar para o hotel, passar o dedo com desgosto em cima do quilo de poeira dos móveis, olhar, olhar — olhar o quê, meu deus? Meu caro Garcia de Oliveira, me deu uma solidão tão grande que, menos de uma semana depois, arrumei tudo e voltei pra Sampa. Passei uma noite lá. Peguei as lãs e as peles e vim pra cá. Em chegando aqui, apanhei gripe fatal (claro, sair duma temperatura de 30 graus pra outra de -2) que me derrubou até hoje. Quando, mais animadinho, tomo da pena para endereçar-te estas mal traçadas.

E não sei o que dizer, Zézinho, não tô bem. Isso é uma coisa que eu posso dizer, tendo certeza dela. Mas é também uma coisa pela qual você não pode fazer nada, e de pouco adianta eu dizer. Ô, Zé, ando tão desorientado, já faz tempo. E me escondo, e não procuro ninguém, e fico mastigando a minha desorientação. Esse sobe-desce todo da semana passada me deu a medida de como ando. De repente, lá em cima, no Recife, parecia que ninguém no mundo se importava comigo. Eu queria ir pra um lugar onde eu tivesse uma sensaçãozinha, ilusória que fosse, de que tinha alguém prestando atenção em mim. Achei que era aqui. É? Não sei. Me enfiar em casa e não saí. Um desgosto. Leio o tempo todo.

Sento no jardim. Ouço música. Tento escrever, mas não sei se quero ou se preciso, e não consigo. Umas carências. Descobri John dos Passos, mas não é suficiente pra encher esse oco que não sei do que é. Mas tomo copos de leite, durmo bastante, e repito sempre que, seja o que for, vou sair desta pelo menos mais sadiozinho. Deve ter algum processo em andamento dentro de mim, querendo explodir de alguma forma. Ou esse desgosto é já um jeito de ser? Se for assim, não quero acostumar. Se quatro anos de análise não deram jeito nele, quem dá? Vezenquando penso no Maurinho ¹⁸⁷, com a sua cientologia. Depois, penso também naquele quase velho poema do John Lennon: “I don’t believe in yoga/ I don’t believe in mantra/ I don’t believe in God/ I don’t believe in Freud/ I don’t believe in drugs/ I don’t believe in sex/ I don’t believe in Beatles” e termina com um acorde profundo de guitarra e um “I just believe in me”. Mas nem isso.

Tantos trancos. E o meu olho nem conseguindo ver mais nada bonito.

Queixas, queixas. Sorry. Nada de grave. Sábado estreia minha peça infantil aqui. Acho que tô contente. Não vi ninguém, fiquei com medo, da outra vez me abalou tanto um garoto que agora eu não quero nem ver, você me entende? Tô exausto de construir e demolir fantasias. Não quero me encantar com ninguém. Meu olho vai ficando duro, vai ficando frio. As frases dão uma volta, e caem na queixa outra vez.

Reli teu *Viegas neon*: sabe que ele me explica um pouco o meu fascínio por Sampa? E toda vez que releio, me dá um medo de acabar crucificado dentro de uma garrafa. Será que é isso que a cidade faz com a gente? Uma coisa que eu acho que conta quando a gente se compreende é o fato de você ter nascido em Cambuquira e eu em Santiago do Boqueirão. Zézim, vezenquando me dá um ódio de São Paulo e da grande cidade, e depois uma cidade pequenininha me dá uma coisa n’alma, sabe como? uma sensação de estar longe demais de tudo. Vezenquando eu penso que da cidade pequena pra cidade grande alguma coisa se perdeu dentro da gente — me sinto como uma coluna vertebral sem uma vértebra, portanto insustentável. Daí vou pensando um pouco mais nisso e então me dói mais fundo, porque me parece irremediável, inconsertável, insubstituível esse elo, essa vértebra perdida.

Em Recife eu caminhava pensando: que que eu tô procurando aqui, meu deus? Aqui, caminho pensando: que que eu vim fazer aqui, meu deus? Não é uma questão de paisagem exterior, portanto? Mas mal

suporto meus próprios pensamentos & sentimentos. É uma grande crise burguesa? Olhando desse jeito, sou só um pequeno burguês, filho da classe média, colonizado culturalmente, devorado por essas angústias abstratas de quem tem barriga cheia e cabeça cheia de inutilidades consumistas? Mas não sei se consigo me reduzir assim, a um simples esquema ideológico. E mesmo que conseguisse: o que vem depois?

Gosto tanto de você. Muitas vezes, é uma referência viva pra mim de São Paulo, você me entende? Assim como se você estando aí, e eu podendo estar junto de você, às vezes, e te ouvindo, e sabendo da tua vida, e você da minha — só isso justificasse algumas coisas, me impedindo de perguntar coisas como “meu deus, o que que eu tô fazendo aqui”. É feito uma resposta.

Ontem achei isso aqui relendo Rilke (as coisas que a gente faz no inverno gaúcho), é da *Canção de amor e morte do porta-estandarte*. Mando pra você:

“É demais, ter dois olhos. Só à noite, às vezes,
pensa-se conhecer o caminho. Talvez à noite
tornemos sempre a refazer a jornada que
penosamente cumprimos sob o sol estrangeiro?
Pode ser”.

Não é bonito?

Lá pelo dia 1 de julho, tô de volta.

Um carinho na Pobre Menina, *la* Berenson de Vila Madalena.

Um abraço em Ana Matos, Niño and Samuca.

Jocastamente: não fique trancado demais em casa, atenda o telefone e vá sempre que puder ver o pôr-do-sol na pracinha do Alto de Pinheiros. Se alguma vez, por descuido ou coisa assim, ouvir *It's impossible*, pense em mim. Ou não. E se a saudade bater, escreva uma carta que pode ser cheia de queixas, ou cheia de sol. Será bem-vinda.

Te gosto sempre. Um beijo

Caio

PS — (Adoro PSs: às vezes o PS é tudo numa carta). Como dizia Clarice Lispector arrematando *A hora da estrela* e a sua própria vida: “Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos. Sim.”

PS 2 — Seja como for, torno a descobrir que a literatura, essa deusa-cadela, é a coisa que mais tenho amado na vida.

PS 3 — Se Deus quiser, tudo, tudo, tudo vai dar pé. Outro beijo.

[...]

[187](#) Referência ao dramaturgo Mauro Rasi, que aderira à Cientologia.

Porto, 22.12.79

Zézim,

cheguei hoje de tardezinha da praia, fiquei lá uns cinco dias, completamente só (ótimo!), e encontrei tua carta. Esses dias que tô aqui, dez, e já parece um mês, não paro de pensar em você. Tou preocupado, Zézim, e quero te falar disso. Fica quieto e ouve, ou lê, você deve estar cheio de vibrações adéliopradianas e, portanto, todo atento aos pequenos mistérios. É carta longa, vai te preparando, porque eu já me preparei por aqui com uma xícara de chá Mu, almofada sob a bunda e um maço de Galaxy, a decisão pseudo-inteligente.

Seguinte, das poucas linhas da tua carta, DOZE frases terminam com ponto de interrogação. São, portanto, perguntas. Respondo a algumas. A solução, concordo, não está na temperança. Nunca esteve nem-vai estar. Sempre achei que os dois tipos mais fascinantes de pessoas são as putas e os santos, e ambos são inteiramente destemperados, certo? Não há que abster-se: há que comer desse banquete. Zézim, ninguém te ensinará os caminhos. Ninguém me ensinará os caminhos. Ninguém nunca me ensinou caminho nenhum, nem a você, suspeito. Avanço às cegas. Não há caminhos a serem ensinados, nem aprendidos. Na verdade, não há caminhos. E lembrei duns versos dum poeta peruano (será Vallejo? não estou certo): “Caminante, no hay caminos. Pero el camino se hace al andar”.

Mais: já pensei, sim, se Deus pifar. E pifará, pifará porque você diz “Deus é minha última esperança”. Zézim, eu te quero tanto, não me ache insuportavelmente pretensioso dizendo essas coisas, mas ocê parece cabeça dura demais. Zézim, não há última esperança a não ser a morte. Quem procura não acha. É preciso estar distraído e não esperando absolutamente nada. Não há nada a ser esperado. Nem desesperado. Tudo é maya/ilusão. Ou samsara/ círculo-vicioso.

Certo, eu li demais zen-budismo, eu fiz yoga demais, eu tenho essa coisa de ficar mexendo com a magia, eu li demais Krishnamurti, sabia? E também Allan Watts, e D.T. Suzuki, e isso frequentemente parece um pouco ridículo às pessoas. Mas dessas coisas, acho que tirei pra meu gasto pessoal pelo menos uma certa tranquilidade.

Você me pergunta: que que eu faço? Não faça, eu digo. Não faça nada, fazendo tudo, acordando todo dia, passando café, arrumando a cama,

dando uma volta na quadra, ouvindo um som, alimentando a Pobre. Você tá ansioso e isso é muito pouco religioso Pasmé: acho que você é muito pouco religioso. Mesmo. Você deixou de queimar fumo e foi procurar Deus. Que é isso? Tá substituindo a maconha por Jesuzinho? Zézim, vou te falar um lugar-comum desprezível, agora, lá vai: você não vai encontrar caminho nenhum fora de você. E você sabe disso. O caminho é *in*, não *off*. Você não vai encontrá-lo em Deus nem na maconha, nem mudando pra Nova York, nem.

Você quer escrever. Certo, mas você *quer* escrever? Ou todo mundo te cobra e você acha que *tem* que escrever? Sei que não é simplório assim, e tem mil coisas outras envolvidas nisso. Mas de repente você pode estar confuso porque fica todo mundo te cobrando, como é que é, e a sua obra? cadê o romance, quedê a novela, quedê a peça teatral? DANEM-SE, demônios. Zézim, você só tem que escrever se isso vier de dentro pra fora, caso contrário não vai prestar, eu tenho certeza, você poderá enganar a alguns, mas não enganaria a si e, portanto, não preencheria esse oco. Não tem demônio nenhum se interpondo entre você e a máquina. O que tem é uma questão de honestidade básica. Essa perguntinha: você quer mes escrever? Isolando as cobranças, você continua querendo? Então vai, remexe fundo, como diz um poeta gaúcho, Gabriel de Britto Velho, “apaga o cigarro no peito! diz pra ti o que não gostas de ouvir/ diz tudo”. Isso é escrever. Tira sangue com as unhas. E não importa a forma, não importa a “função social”, nem nada, não importa que, a princípio, seja apenas uma espécie de auto-exorcismo. Mas tem que sangrar a-bun-dan-te-men-te. Você não está com medo dessa entrega? Porque dói, dói, dói. É de uma solidão assustadora. A única recompensa é aquilo que Laing diz que é a única coisa que pode nos salvar da loucura, do suicídio, da auto-anulação: *um sentimento de glória interior*. Essa expressão é fundamental na minha vida.

Eu conheci razoavelmente bem Clarice Lispector. Ela era infelicíssima, Zézim. A primeira vez que conversamos eu chorei depois a noite inteira, porque ela inteirinha me doía, porque parecia se doer também, de tanta compreensão sangrada de tudo. Te falo nela porque Clarice, pra mim, é o que mais conheço de GRANDIOSO, literariamente falando. E morreu sozinha, sacaneada, desamada, incompreendida, com fama de “meio doida”. Porque se entregou

completamente ao seu trabalho de criar. Mergulhou na sua própria trip e foi inventando caminhos, na maior solidão. Como Joyce. Como Kafka, louco e só lá em Praga. Como Van Gogh. Como Artraud. Ou Rimbaud.

É esse tipo de criador que você quer ser? Então entregue-se e pague o preço do pato. Que, frequentemente, é muito caro. Ou você quer fazer uma coisa bem-feitinha pra ser lançada com salgadinhos e uísque suspeito numa tarde amena na Cultura, com todo mundo conhecido fazendo a maior festa? Eu acho que não. Eu conheci/conheço muita gente assim. E não dou um tostão por eles todos. A você, eu amo. Raramente me engano.

Zézim, remexa na memória, na infância, nos sonhos, nas tesões, nos fracassos, nas mágoas, nos delírios mais alucinados, nas esperanças mais descabidas, na fantasia mais desgelopada, nas vontades mais homicidas, no mais aparentemente inconfessável, nas culpas mais terríveis, nos lirismos mais idiotas, na confusão mais generalizada, no fundo do poço sem fundo do inconsciente: é lá que está o seu texto. Sobretudo, não se angustie procurando-o: ele vem até você, quando você e ele estiverem prontos. Cada um tem seus processos, você precisa entender os seus. De repente, isso que parece ser uma dificuldade enorme pode estar sendo simplesmente o processo de gestação do sub ou do in-consciente.

E ler, ler é alimento de quem escreve. Várias vezes você me disse que não conseguia mais ler. Que não gostava mais de ler. Se não gostar de ler, como vai gostar de escrever? Ou escreva então para destruir o texto, mas alimente-se. Fartamente. Depois vomite. Pra mim, e isso pode ser muito pessoal, escrever é enfiar um dedo na garganta. Depois, claro, você peneira essa gosma, amolda-a, transforma. Pode sair até uma flor. Mas o momento decisivo é o dedo na garganta. E eu acho — e posso estar enganado — que é isso que você não tá conseguindo fazer. Como é que é? Vai ficar com essa náusea seca a vida toda? E não fique esperando que alguém faça isso por você. Ocê sabe, na hora do porre brabo, não há nenhum dedo alheio disposto a entrar na garganta da gente.

Ou então vá fazer análise. Falo sério. Ou natação. Ou dança moderna. Ou macrobiótica radical. Qualquer coisa que te cuide da cabeça ou/e do corpo e, ao mesmo tempo, te distraia dessa obsessão. Até que ela se resolva, no braço ou por si mesma, não importa. Só não quero te ver

assim engasgado, meu amigo querido.

Pausa.

Quanto a mim, te falava desses dias na praia. Pois olha, acordava às 6, 7 da manhã, ia pra praia, corria uns quatro quilômetros, fazia exercícios, lá pelas 10 voltava, ia cozinhar meu arroz. Comia, descansava um pouco, depois sentava e escrevia. Ficava exausto. Fiquei exausto. Passei os dias falando sozinho, mergulhado num texto, consegui arrancá-lo. Era um farrapo que tinha me nascido em setembro, em Sampa. Aí nasceu, sem que eu planejasse. Estava pronto na minha cabeça. Chama-se *Morangos mofados*, vai levar uma epígrafe de Lennon & McCartney, tô aqui com a letra de *Strawberry fields forever* pra traduzir. Zézim, eu acho que tá tão bom. Fiquei completamente cego enquanto escrevia, a personagem (um publicitário, ex-hippie, que cisma que tem câncer na alma, ou uma lesão no cérebro provocada por excessos de drogas, em velhos carnavais, e o sintoma — real — é um persistente gosto de morangos mofados na boca) tomou o freio nos dentes e se recusou a morrer ou a enlouquecer no fim. Tem um fim lindo, positivo, alegre. Eu fiquei besta. O fim se meteu no texto e não admitiu que eu interferisse. Tão estranho. Às vezes penso que, quando escrevo, sou apenas um canal-transmissor, digamos assim, entre duas coisas totalmente alheias a mim, não sei se você entende. Um canal-transmissor com um certo poder, ou capacidade, seletivo, sei lá. Hoje pela manhã não fui à praia e dei o conto por concluído, já acho que na quarta versão. Mas vou deixá-lo dormir pelo menos um mês, aí releio — porque sempre posso estar enganado, e os meus olhos de agora serem incapazes de verem certas coisas.

Aí tomei notas, muitas notas, pra outras coisas. A cabeça ferve. Que bom, Zézim, que bom, a coisa não morreu, e é só isso que eu quero, vou pedir demissão de todos os empregos pela vida afora quando sentir que isso, a literatura, que é só o que tenho, estiver sendo ameaçada — como estava, na *Nova*.

E li. Descobri que ADORO DALTON TREVISAN. Menino, fiquei dando gritos enquanto lia *A faca no coração*, tem uns contos incríveis, e tão absolutamente lapidados, reduzidos ao essencial cintilante, sobretudo um, chamado *Mulher em chamuscas*. Li quase todo o Ivan Angelo, também gosto muito, principalmente de *O verdadeiro filho da puta*, mas aí o conto-título começou a me dar sono e parei. Mas ele tem

um *texto*, ah se tem. E como. Mas o melhor que li nesses dias não foi ficção. Foi um pequeno artigo de Nirlando Beirão na última *IstoÉ* (do dia 19 de dezembro, please, leia), chamado *O recomeço do sonho*. Li várias vezes. Na primeira, chorei de pura emoção — porque ele reabilita todas as vivências que *eu* tive nesta década. Claro que ele fala de uma geração inteira, mas daí saquei, meu Deus, como sou típico, como sou estereótipo da minha geração. Termina com uma alegria total: reinstaurando o sonho. É lindo demais. E atrevido demais. É novo, sadio. Deu uma luz na minha cabeça, sabe quando a coisa te ilumina? Assim como se ele formulasse o que eu, confusamente, estava apenas Tateando. Leia, me diga o que acha. Eu não me segurei e escrevi uma carta a ele dizendo isso. Não sou amigo dele, só conhecido, mas acho que a gente deve dizer.

Escrevendo, eu falo pra caralho, não é?

Aqui em casa tá bom. É sempre um grande astral, não adianta eu criticar. O astral ótimo deles independe da opinião que eu possa ter a respeito, não é fantástico? A casa tá meio em obras, Nair mandou construir uma espécie de jardim de inverno nos fundos, vai ligar com a sala. Hoje estava puta porque o Felipe não vai mais fazer vestibular: foi reprovado novamente no 3º colegial. Minha irmã Cláudia ganhou uma Caloi 10 de Natal do noivo (Jorge, lembra?), e eu me apossei dela e hoje mesmo dei voltas incríveis pelo Menino Deus. Márcia tá bonita, mais adultinha, assim com um ar meio da Mila. Zaél cozinhando, hoje faz arroz com passas para o jantar.

Povos outros, nem vi. Soube que *A comunidade* está em cartaz ainda e tenho granas pra receber. Amanhã acho que vou lá.

Tô tão só, Zézim. Tão eu-eu-comigo, porque o meu eu com a família é meio de raspão. Tá bom assim, não tenho mais medo nenhum de nenhuma emoção ou fantasia minha, sabe como? Os dias de solidão total na praia foram principalmente sadios.

Ocê viu a *Nova*? Tá lá o seu Chico, tartamudeante, e uma foto muito engraçada de toda a redação — eu com cara de “não me comprometam, não tenho nada a ver com isso”. Dê uma olhada. Falar nisso, Juan passou por aqui, eu tava na praia, falou com Nair por telefone, estava descendo de um ônibus e subindo noutro. Deixou dito que volta dia 3 de janeiro ou fevereiro, Nair não lembra, pra ficar uns dias. Ficará? E nada acontecerá, Uma vez me disseram que eu jamais amaria dum jeito que

“desse certo”, caso contrário deixaria de escrever. Pode ser. Pequenas magias. Quando terminei *Morangos mofados*, escrevi embaixo, sem querer, “criação é coisa sagrada”. É mais ou menos o que diz o Chico no fim daquela matéria. É misterioso, sagrado, maravilhoso.

Zézim, me dê notícias, muitas, e rápido. Eu não pensei que ia sentir tanta falta docê. Não sei quanto tempo ainda fico, mas vou ficando. Quero escrever mais, voltar à praia, fazer os documentos todos. Até pensei: mais adiante, quando já estivesse chegando a hora de eu voltar, você não queria vir? A gente faria o mesmo esquema de novo, voltaríamos juntos. A família te ama perdidamente, hoje pintaram até uns salseirinhos rápidos porque todo mundo queria ler a matéria do Chico ao mesmo tempo.

“Let me take you down cause I’m going to strawberry fields
nothing is real, and nothing to get hung about
strawberry fields forever
strawberry fields forever
strawberry fields forever”.

Isso é o que te desejo na nova década. Zézim, vamos lá. Sem últimas esperanças. Temos esperanças novinhas em folha, todos os dias. É nenhuma, fora de viver cada vez mais plenamente, mais confortáveis dentro do que a gente, sem culpa, é. Let me take you: I’m going to strawberry fields.

Me conta da Adélia.

E te cuida, por favor, te cuida bem. Qualquer poço mais escuro, disque 0512-33-41-97. Eu posso pelo menos ouvir. Não leve a mal alguma dureza dita. É porque te quero claro. Citando Guilherme Arantes, pra terminar: “Eu quero te ver com saúde/ sempre de bom-humor/ e de boa-vontade.”

Um beijo do

Caio

PS — Abraço pro Nello, Pra Ana Matos, e Niño também.

Sobre os destinatários

ADRIANA CALCANHOTTO

A cantora e compositora já conhecia a obra de Caio desde os tempos de Porto Alegre. Esteve com ele algumas vezes em Porto Alegre e em São Paulo. A última vez que se viram foi na capital gaúcha, com Caio já muito doente, “fumando feito uma chaminé”, lembra Adriana.

ALBERT VON BRUNN

Crítico literário suíço, estudioso da literatura brasileira, entrevistou Caio em Berlim, em julho de 1993, por intermédio do editor alemão Frank Heibert. O segundo encontro foi em Frankfurt, em 1994, na Literaturhaus, onde Caio realizou uma conferência.

BRUNA LOMBARDI

A atriz e escritora conheceu Caio quando lançava o seu livro *No ritmo dessa festa*, no fim da década de 70, na Feira do Livro de Porto Alegre. Nos anos 80, houve tentativas de trabalho conjunto entre Caio e Bruna, na área de roteiros. Não chegaram a vingar.

CHARLES KIEFER

O escritor teve contatos com Caio no Sul, no início da década de 80. Estiveram juntos num encontro em Goiânia, em 1989. Na década de 90, quando Caio voltou a morar em Porto Alegre, já enfermo, Charles o visitou algumas vezes.

CIDA MOREIRA

A cantora conheceu Caio em Porto Alegre, no ano de 1970, em sua primeira viagem ao Sul. Um amigo que fazia escola de teatro apresentou-lhe o escritor. Em São Paulo, na década de 80, foram vizinhos, nos Jardins. Cida, de seu apê, enxergava a casa de Caio, situada numa vila na Rua Melo Alves.

CLÁUDIA, NAIR E ZAÉL DE ABREU

Cláudia de Abreu Cabral é a irmã caçula de Caio, hoje casada e dentista em Porto Alegre. Nair Loureiro de Abreu e Zaél Menezes de Abreu são os pais de Caio. Ela, professora e orientadora educacional, com mestrado em Filosofia. Ele, militar reformado. Ambos faleceram pouco depois da morte de Caio. Além de Cláudia, Caio tem mais três irmãos: José Cláudio (o Gringo), Luiz Felipe e Márcia.

DÉA MARTINS

A produtora gaúcha, radicada no Rio, pertence à mais recente e mais jovem geração de amigos de Caio. Estiveram juntos por diversas vezes, em diferentes lugares, entre 1987 e 1996, de Londres a Caxias do Sul, de São Paulo à Praia do Rosa, do Bar Ocidente em Porto Alegre ao flat da Frei Caneca, quase esquina com a Avenida Paulista.

FLORA SÜSSEKIND

Crítica literária, pesquisadora da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, a ela Caio confiou, pouco antes de morrer, a doação de alguns de seus papéis, basicamente cartas por ele recebidas de escritores.

GERD HILGER

Amigo de Caio desde 1988, é o tradutor alemão de *Dulce Veiga* e de outros trabalhos. Vindo frequentemente ao Brasil, ia sempre com Caio ao Bar Ritz, na Alameda Franca. Ciceroneou e funcionou como intérprete de Caio em sua viagem pela Alemanha para a realização de palestras e leituras públicas.

GILBERTO GAWRONSKI

Diretor e ator de teatro, conheceu Caio em 1983, quando atuou na peça até então censurada *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*. O ranho que escorria de seu nariz, ao interpretar o personagem, fascinou Caio, que o chamou de “Jean-Paul Gaultier meio Macunaíma”. Caio também criou o epíteto “Demi Sófocles, demi Prince” para defini-lo. Dirigiu adaptações teatrais de contos de Caio, como *Do outro lado da tarde* e *À beira do mar aberto*. Foi também dirigida por ele a primeira montagem de *Zona Contaminada*. De grande sucesso e impacto é sua criação e atuação como ator em *Dama da noite*.

GUILHERME DE ALMEIDA PRADO

O cineasta foi apresentado a Caio aproximadamente em 1983/84, pela atriz Imara Reis, no apartamento do próprio escritor, na Haddock Lobo (jardins), em São Paulo. Caio fez uma pequena ponta em seu filme *Perfume de gardênia*. Viajaram juntos, colaboraram em projetos profissionais, desenvolveram uma sólida amizade. Guilherme lançou em 2008 sua adaptação cinematográfica de *Onde Andará Dulce Veiga?*, com Maitê Proença, Eriberto Leão, Julia Lemmertz, Imara Reis, entre outros, no elenco.

HILDA HILST

A escritora conheceu Caio na década de 60. Sempre mantiveram correspondência. Caio refugiou-se em sua Casa do Sol, em Campinas, no período em que abandonou a faculdade de Letras no Sul e fugiu do Dops. Foi uma relação decisiva na formação literária de Caio, além de compartilharem interesse por assuntos como esoterismos vários, conversas com mortos e entidades místicas, contatos com extraterrestres.

JACQUELINE CANTORE

Jacqueline é executiva de televisão, mora nos EUA desde 1998 e manteve uma amizade de vida inteira com Caio, desde que o conheceu por cartas. Moraram juntos no início dos anos 80, na casa de vila na Melo Alves em São Paulo, e pelos dez anos seguintes se falavam, se viam ou se escreviam semanalmente, melhores amigos que eram.

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

O prestigiado escritor, companheiro de geração de Caio Fernando, autor de vasta obra, decano da literatura gay no Brasil, conheceu Caio em fins dos anos 70, quando participava de grupos pioneiros de militância, como o Somos, e ajudava a fundar o histórico jornal *Lampião da Esquina*.

JOSÉ MÁRCIO PENIDO

Jornalista, um dos mais antigos e fiéis amigos de Caio. Conheceram-se em São Paulo, nos anos 70. Na época em que a Editora Abril explorou o filão dos fascículos, fizeram algumas coleções. E quando o *Estado de São Paulo* reformulou sua seção de *Artes & Espetáculos*, criando o *Caderno Dois* trabalharam juntos por cerca de um ano. Em 1994, dirigiu um programa sobre Aids para o *Globo Repórter*, na Rede Globo, e entrevistou Caio, já vivendo com seus pais em Porto Alegre.

LUCIANO ALABARSE

Prestigiado diretor de teatro, com grande presença na vida cultural de Porto Alegre, amigo de Caio desde sempre, realizou trabalhos em colaboração com o escritor, como as montagens de *Pode ser que seja só o leitero lá fora* e a adaptação do romance de Lya Luft *Reunião de família*. Na fase final em Porto Alegre, Luciano foi das pessoas que mais conviveram com Caio. Como diretor da Usina do Gasômetro, criou o Espaço Caio F. Atualmente (2016), Luciano é o Secretário Municipal da Cultura de Canoas (RS).

LUCIENNE SAMÔR

Escritora mineira, da geração 70, ligada naquela época ao grupo do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Vive reclusa na cidade de Conselheiro Lafaiete, sem *fax*, telefone ou computador, cercada de uma aura de mistério e admiração. Caio manteve com ela uma relação permanente, marcada pela distância e por alguns encontros. Reaproximaram-se no fim da vida de Caio. Lamentavelmente, um incêndio destruiu a maior parte do que pode ter sido um dos maiores corpos de correspondência do escritor.

LUÍS ARTUR NUNES

Diretor teatral de extrema produtividade e sucesso, professor de teatro, radicado no Rio de Janeiro, co-autor de peças teatrais com Caio, conheceu-o desde os tempos de estudante no CAD, Curso de Arte Dramática da Faculdade de Filosofia da UFRGS. Foram parceiros na autoria dos textos teatrais *Sarau das 9 às 11* (que Luís Artur também dirigiu, tendo Caio no elenco) e *A Maldição do Vale Negro*, que valeu a ambos o Prêmio Molière de melhor autor de 1988. Luís Artur também dirigiu *O Homem e a A Mancha*, a última peça escrita por Caio e, em colaboração com Marcos Breda, organizou o *Teatro Completo de Caio Fernando Abreu*, publicado pela Editora Agir.

LUIZ FERNANDO EMEDIATO

Escritor mineiro da geração 70, também ligado ao grupo do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, trabalhou com Caio na redação do jornal *O Estado de São Paulo*. Atualmente é diretor e publisher da Geração Editorial, sediada em São Paulo, além de continuar dedicando-se à escrita, tendo tido textos seus adaptados para o cinema. Foi secretário executivo da importante revista literária mineira *Inéditos*.

MARCELO SEBÁ

O produtor e publicitário teve o primeiro contato com Caio em 1988, através do amigo em comum Marcos Breda, que havia dividido apartamento com Caio. Estiveram novamente juntos em 1993, e em 1997 ele mudou-se definitivamente para a capital paulista. Marcelo diz ter descoberto a cidade e sua noite através de Caio, frequentando lugares como o clube Senhora Krawitz, onde trabalhava Gil Veloso, o secretário de Caio.

MARCOS BREDA

O ator conheceu Caio em São Paulo, numa festa na casa da atriz e amiga Imara Reis, em 1984. Caio trabalhava no jornal *O Estado de S. Paulo* e era colaborador da revista *A-Z* entre muitas outras atividades. Breda tem uma atuação memorável no curta *Sargento Garcia*, de Tutti Gregianin, baseado no conto homônimo de Caio. Organizou, em parceria com Luiz Arthur Nunes, o *Teatro completo* e atuou no monólogo *O homem e a mancha*, última peça escrita por Caio.

MARIA ADELAIDE AMARAL

A consagrada escritora, dramaturga e autora de telenovelas conheceu Caio em agosto de 1979, na Editora Abril, situada na Rua do Curtume, em São Paulo. Caio trabalhava então na revista *Pop*, no segundo andar, e Maria Adelaide na Abril Cultural, no terceiro. Ele foi-lhe apresentado pelo grande amigo Celso Cury. Caio saiu da Abril, trabalhou em outras empresas, morou em outros países, mas mantiveram sempre um contato estreito.

MARIA LÍDIA MAGLIANI

Pintora, tornou-se amiga de Caio no início dos anos 70, em Porto Alegre, na Faculdade de Filosofia, onde ela cursava formação pedagógica e Caio, Letras. Acompanhou de perto os primeiros passos da carreira de Caio. Nos anos 70, trabalharam juntos no Jornal *Zero Hora*, Magliani como ilustradora e Caio como redator. A amizade manteve-se por suas vidas inteiras. Magliani faleceu em 2012, em Santa Teresa, no Rio, onde vivia desde a década de 90..

MÁRIO PRATA

O escritor conheceu Caio em 1982, na casa do também escritor Reinaldo Moraes, em São Paulo, durante um jantar feito para Ana Cristina Cesar, que estava de passagem. Realizaram juntos trabalhos de pesquisa para telenovelas da Rede Manchete, assim como compartilharam o espaço da crônica do *Estado de S. Paulo*.

MYRIAM CAMPELLO

A escritora conheceu Caio e sua obra nos anos 70, período em que ele vivia em Santa Teresa, no Rio. Caio tinha ido apresentar alguns textos seus para Nélida Piñon, na casa dela, e Myriam lá estava. Ambos iniciavam suas trajetórias de escritores. Encontraram-se outras vezes no Rio e depois em São Paulo, na década de 80, também na companhia do amigo comum e professor de Filosofia José Américo Pessanha.

REGINA DUARTE

A atriz conheceu Caio na década de 80, logo após o sucesso de *Malu mulher*, da Rede Globo. Regina tinha uma produtora independente e produzia o programa Joana *repórter* que foi ao ar entre 1983 e 1984, inicialmente na extinta Rede Manchete e depois no SBT. Depois de ler o primeiro livro de Caio, o convidou a escrever um roteiro, por achar suas ideias, seu estilo e sua visão de mundo perfeitamente compatíveis com o programa. Caio escreveu o roteiro de *S.O.S. solidão*.

SÉRGIO KEUCHGERIAN

Fotógrafo internacional de moda, especializado em documentar espetáculos teatrais, conheceu Caio quando ainda cursava a faculdade, em São Paulo, nos anos 80. Começava a escrever e Caio o incentivava. Desde então, tornou-se advogado e é autor de livros de contos e romances, dentre os quais *Dissonantes*, de 2011.

SONIA COUTINHO

A escritora conheceu Caio nos anos 70, quando trabalhava no *Segundo Caderno* do jornal *O Globo*, no Rio. Caio admirava seu trabalho e procurava estimular a atividade literária da amiga. Entre ela e Caio, como diz Sonia, “havia algo cúmplice na marginalidade comum”. Viajaram juntos para Belo Horizonte, onde participaram de um encontro sobre literatura e magia organizado entre outros, pelo professor Wander Melo Miranda. De lá, escapuliram para o interior do estado, hospedaram-se em São João Del Rei e foram a Tiradentes visitar outra amiga de Caio, a pintora Maria Lídia Magliani. Sonia faleceu em 2013, com 74 anos, no Rio de Janeiro.

STELLA MIRANDA

Antes de se conhecerem, já se admiravam mutuamente. Stella já conhecia a obra de Caio, e este a admirava por seus trabalhos com Tim Rescala em meados dos anos 80. Quando a amiga Déa Martins o presenteou com um livro de Stella, *O Metralha*, biografia de Nelson Gonçalves, Caio devorou a obra e pediu a Déa que o apresentasse. Desde então se tornaram amigos.

SUZANA SALDANHA

Diretora, atriz e professora da CAL, teve seu primeiro contato com Caio na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde ele fazia Letras e ela cursava Direção Teatral. Suzana, José de Abreu, Luiz Arthur Nunes

e outros formavam o Grupo Província e trabalharam em *Sarau das 9 às 11* — peça que Caio escreveu e em que atuou, em 1974. Logo depois, ela participou do espetáculo *Serafim-fim-fim*, de Carlos Meceni, com direção de Nara Keiserman, ao lado de José de Abreu, Luiz Arthur e de Caio. Depois de uma temporada na Europa, Suzana dirigiu, em Porto Alegre, a peça de Caio *A comunidade do Arco-Iris*

THEREZA FALCÃO

Hoje roteirista da Rede Globo, Thereza se encontrou com Caio rapidamente, uma única vez, na época em que ela pretendia adaptar e produzir o livro infantil *As frangas*, de Caio. A ideia e a encomenda da adaptação foram do amigo Marcelo Sebá.

VERA, HENRIQUE E MARIA AUGUSTA ANTOUN

Com formação em psiquiatria, Vera Antoun é hoje médica na área de terapias alternativas. Sempre morou no Rio de Janeiro. Tinha 14 anos quando conheceu Caio, em 1970. Na ocasião ele lançava no Rio o livro *Limite branco* e morava numa comunidade hippie em Santa Teresa. Ao ficar sem casa por desentender-se com os amigos hippies, Caio morou uns tempos na casa da família de Vera. Henrique é seu irmão, intelectual atuante e professor universitário no Rio, tendo sido um dos participantes do grupo do jornal *Beijo*. Maria Augusta é mãe de Vera e Henrique.

Agradecimentos

Cláudia e Márcia Abreu, irmãs de Caio, pelo apoio na primeira e nesta edição.

Heloisa Buarque de Hollanda, idealizadora do projeto, junto com Luciano Alabarse.

Armando Freitas Filho, por ter iniciado a pesquisa.

Lucia Riff, pelo profissionalismo e carinho.

Fábio Fabricio Fabretti, porque sem seu trabalho na busca de cartas, na pesquisa e em todo o processo de produção, a primeira edição deste livro teria sido impossível.

Um agradecimento especial e carinhoso a todos os escritores, criadores, amigos de Caio, que nos cederam cartas.

E agora, na segunda edição:

Sandra Espilotro, a editora (publisher), por acreditar.

Luis Francisco Wasilewski, que por amor à vida e obra do Caio, de que é grande conhecedor, tornou-se figura chave na viabilização da presente edição, graças a seu trabalho: da pesquisa ao cotejo e à atualização das notas e das minibios sobre os autores.

Marcos Breda e Stella Miranda, por terem cedido material até então inédito.

Fábio Fabrício Fabretti, novamente, pelos galhos que quebrou, graciosamente, depois de tantos anos.

E novamente, também *a todos os escritores, criadores, amigos de Caio, que nos cederam cartas*.

Copyright © 2016 by Herdeiros de Caio Fernando Abreu

Pesquisadores: Fábio Fabrício Fabretti (1ª. edição)

Luis Francisco Wasilewski (2ª. edição)

Distribuição exclusiva desta obra em formato digital: e-galáxia

SELO HB

Curadoria: Heloisa Buarque de Hollanda

Organização: Italo Moriconi

Edição: Heloisa Buarque de Hollanda e Sandra Espiloto

Revisão: Wendel Carlos Sousa

Capa: A2 / Mika Matsuzake

Imagem da capa: Juvenal Eustaquio Pereira

Produção e-book: e-galáxia

2ª edição – 2016

Este livro foi editado através da e-galáxia

www.e-galaxia.com.br